MADEYRA ILLUSTRADO.

METHODO DE CONHECER, E CURAR o Morbo Gallico,

COMPOSTO PELO DOUTOR

DUARTE MADEYRA ARRAEZ,

PHYSICO MOR DELREY DOM JOAM IV.

REFORMADO AO SENTIR DOS MODERNOS, ILLUStrado com muytos casos praticos, & enriquecido com varios, & efficazes remedios, para extinguir com facilidade este contagio, & para acodir promptamente aos seus productos,

PELO DOUTOR

FRANCISCO DA FONSECA HENRIQUES, natural de Mirandella,

MEDICO DO SERENISSIMO REY DE PORTUGAL

DOM JOAÕ V.

COM HUMA DISSERTAÇAM DOS HUMORES naturaes do corpo humano, obra muyto necessaria para boa intelligencia destas Illustraçoens.

LISBOA,

Na Officina de ANTONIO PEDROSO GALRAM.

Com todas as licenças necessarias, & Privilegio Real.

Anno de 1715.

AO MUYTO ALTO, E PODEROSO SENHOR

DOM JOAÕ V.

REY DE PORTUGAL,

Dos Algarves, & da India, Principe do Brasil, Duque de Bragança, &c.

SENHOR:

A PRIMEYRA vez que se estampou este livro, foy com o patrocinio do Senhor Rey Dom Joaõ IV. agora que sahe a luz illustrado, busca a Real protecçaõ de V. Magestade. Aquella fortuna lhe grangeou o seu Author: esta lhe solicitaõ as minhas diligencias; parecendome justo que procurasse authorizarlhe o prelo, quem se occupou em lhe illustrar a doutrina. Naõ duvidey recorrer à alta grandeza de V. Magestade para este fim: considerando que sem violencia imitaria ao primeyro Mecenas desta obra; & conhecendo quanto valem no conceyto de V. Magestade aquellas que conduzem para publica utilidade de seus Vassallos. He certo, Senhor, que se deve muyto a quem por espontanea deliberaçaõ, sem os estimulos de particular interesse, se occupa em semelhantes emprezas; expondo-se, tanto à custa de seu trabalho, às criticas censuras da emulaçaõ, às lividas detracções da malevolencia, & aos errados juizos da ignorancia, que sempre se logràõ mays certos, que os applausos da sciencia. Isto fizèraõ felizmente alguns Authores com os seus Soberanos; o que deyxo de referir, porque naõ pareça memorial o que he Dedicatoria; & isto tenho eu feyto varias vezes, porque esta he a quinta obra que ponho em publico, todas de Medicina, & uteys para o bem commum. Naõ me seria muy difficil escrever obras, que servissem mais de recreaçaõ, que de utilidade: mas estas naõ se fariaõ taõ acredoras da Real tutela de V. Magestade, a quem offereço a presente, entendendo haver feyto hum grande serviço à Patria, & às mais nações, em que estas obras de Duarte Madeyra foraõ recebidas com universal aceytaçaõ; pelo menos seguro a V. Magestade que este foy o unico objecto do meu trabalho, & por isto me animey a pedirlhe que quizesse honrallo com o seu Augusto nome.

Da veniam scriptis, quoniam non gloria nobis.
Causa, sed utilitas, officiumque fuit.

Ovid. 3. de Pont.

Nem esta obra podia buscar outro Patrono, que a V. Magestade; porque quando se lhe naõ devesse por feudo, como a Senhor natural, sempre se lhe devia como tributo à

hum Principe ciente. Principe em cujo talento, & em cujo nome se promettem à sua Monarquia grandes fortunas: que sempre foy feliz para Portugal o nome de João; poys se olharmos para os passados: acharemos que o Primeyro defendeo o Reyno com valor, o Segundo regeo-o com justiça; o Terceyro illustrou-o com letras; o Quarto libertou-o com fortuna; & V. Magestade esperamos, que com fortuna, com letras com justiça, & com valor o governe, como Principe em quem reluzem aquellas heroicas virtudes dos seus Mayores:

Virg. Æn. 12.

Cui genus à proavis, ingens, clarumque paternæ
Nomen erat virtutis, & ipse acerrimus armis.

Reluzem na soberana pessoa de V. Magestade as heroicas virtudes dos seus Reaes Ascendentes; mas ao mesmo passo se vem excedidas das virtudes proprias; porque V. Magestade primeiro os soube exceder em todas, do que os chegasse a imitar em algumas; principalmente na devoção ao Culto Divino, que foy sempre o primeyro emprego dos Reys Portuguezes, & o principal objecto da sua piedade Catholica. E aindaque transcenda a esfera de huma Dedicatoria, mostrarey como tem Portugal ha mais de seyscentos annos a felicidade de ser dominado de Principes propagadores da Fé Catholica tementes a Deos, & veneradores de seu Divino Culto: mas que em nenhum seculo logrou estas prerogativas em tão alta excellencia, como no tempo presente na soberana pessoa de V. Magestade, cujo Christão, & generoso zelo, imitando, & excedendo ao de seus illustres Predecessores, tem chegado ao mais elevado fastigio da devoção Catholica.

E discorrendo pelos Principes desta Monarquia desde o seu principio atè o dia de hoje: acharèmos que o Conde D. Henrique, primeyro Senhor della, nos lugares em q̃ desolava as Mesquitas dos Mouros, que tantas vezes venceo, com Catholico, & religioso zelo erigia por trofeo divino sumptuosos Templos, a que dava com alma devota Prelados virtuosos, & com mão liberal abundantes rendas; & assim reedificou as Igrejas Cathedraes de Braga, Coimbra, Porto, Vizeu, & de Lamego, restituindo-as aos antigos Bispados que antes dos Godos tivèrão: & junto a Lamego fundou hum Mosteyro dedicado à Virgem Nossa Senhora, pelo beneficio de lhe livrar seu filho primogenito dos immedicaveys achaques com que nacèra. Dotou o Mosteyro de Santa Maria da Charidade em França, na Igreja de São Pedro de Rates, fundação sua. Visitou os Lugares Sagrados de Jerusalem, donde trouxe para a Sè de Braga hum braço do Evangelista São Lucas; o ferro da lança que abrio o lado de Christo; parte da Coroa de espinhos, que lhe puzèrão na cabeça; hum pedaço da Cruz, que trouxe em seus hombros; hum çapato da Virgem Maria Senhora nossa; & huma touca da Magdalena Santa.

O Principe Dom Affonso Henriques, grande conquistador, & primeiro Rey de Portugal, logrando a felicidade de ver a Christo crucificado, de quem recebeo o Reyno, & tomou as armas: deo a São Theotonio a primeyra terra de suas Conquistas, que foy a Cidade de Leyria; refez as Cathedraes de Evora, & Lisboa, dandolhe os primeyros Bispos; illustrou as Igrejas de Guimarães, & Santarem, fazendo as Collegiadas com Priores, & Conegos: E em outras terras donde expulsou os Mouros, erigio tantas Igrejas, & casas de Religião, que fazem o numro de cento & cincoenta; sendo entre ellas as de mayor sumptuosidade, o grande Convento de Alcobaça; o magnifico Tempo de São Vicente de fóra em Lisboa; & o Real Mosteyro de Santa Cruz em Coimbra; no qual este Santo Rey, depondo as armas à entrada do Coro, rezava com os Religiosos as mesmas horas. Era tão activo nelle o fogo do amor de Deos, & de seus Santos, que na idade de oytenta & nove annos, foy duas vezes ao Reyno dos Algarves, para ver, & fazer trasladar para a Sè de Lisboa o Santo corpo do glorioso Martyr São Vicente, seu Divino Padroeyro. Fez espontaneamente tributario o seu Reyno com sincoenta escudos de ouro annuaes ao Mosteyro de Santa

Maria

Maria de Claraval, do Bispado de Langres, aonde entaõ residia, & presidia seu parente São Bernardo, em agradecimento de haver concorrido para que o Papa lhe confirmasse o titulo, & investidura de Rey; offerecendolhe tambem a elle, como a Vigario de Christo, que lhe tinha dado a Coroa, tributo de dous marcos de ouro cada anno; tributos que se pagàraõ atè o tempo d'elRey Dom Affonso III.

D. Sancho I. Successor de seu pay naõ só nos Estados, mas tambem nas suas heroicas virtudes, naõ teve menos zelo com as cousas de Deos, em que dispendeo generosamente muyta fazenda, mandando grande soccorro de dinheyro para a restauraçaõ de Jerusalem, quando foy conquistada pelo barbaro Saladino, Calypha do Egypto. Deo às Ordens Militares do Templo, & Hospital de São Joaõ muytos Castellos, & Villas, & a Cidade da Idanha, patria do famoso Vvamba, ou Bamba, que ha perto de mil annos foy Rey dos Godos em toda Hespanha. Refez, & nobilitou a Sè da Cidade de Vizeu; edificou muytas Igrejas nas varias terras que povoou; & quando faleceo, deyxou importantissimos legados para o Santo Templo de Jerusalem, & para o Hospital de Saõ Joaõ da mesma Cidade; para se instituir o Hospital de S. Lazaro em Coimbra; para se edificar hum Mosteyro da Ordem de Cister; para a fabrica do Convento de Alcobaça; & ao Mosteyro de Santa Cruz de Coimbra deyxou hum grande computo de dinheyro, para se fazerem varias obras da Igreja; & pelos Conventos pobres do Reyno, & pelas Igrejas, & cazas de Oraçaõ repartio mais de cem mil cruzados.

ElRey Dom Affonso II. tambem mostrou que naõ faltava nelle aquella devoçaõ piedosa, & o Catholico zelo com que fora criado; poys conquistando suas Armas a fortaleza de Alcaçar do Sal no Alem-Tejo, contra o poder de quatro Reys Mouros, logo com fervorosa devoçaõ fez que fosse casa de cultos, & exercicios Catholicos, o que atè alli era Mesquita de barbaras idolatrias. E chegãdo em seu tempo a Coimbra as Reliquias de cinco Martyres, q̃ de Marrocos trouxèra o Infante D. Pedro seu irmão, elle lhe mandou fazer preciosissimos relicarios, em que com grande veneraçaõ se conservão no Convento de Santa Cruz de Coimbra, & no Mosteyro de Lorvaõ, para onde ElRey mandou as Reliquias de hum dos Martyres à Rainha de Leaõ sua irmã, fundadora do dito Mosteyro.

ElRey Dom Sancho II. a quem, pela fórma, & humildade do traje, chamàraõ Sancho Capello, ainda q̃ naõ teve aquella magnimidade de espirito do pay, & avós, nem a superioridade de talento necessario para o bom governo de huma Monarquia Catholica, foy muyto venerador do culto Divino; edificou o Convento de Saõ Domingos de Santarem, de Saõ Domingos do Porto, de Saõ Domingos de Coimbra, o de S. Francisco do Porto, & deo principio ao de Saõ Domingos de Lisboa; & passando a Castella, quando o Infante seu irmão, Conde de Bolonha entrou na regencia de Portugal, edificou na Sé de Toledo a Capella dos Reys em que està sepultado.

Dom Affonso III. aindaque desprezou muyto tempo as censuras Ecclesiasticas, mostrou no seu governo, que era muyto temente a Deos, & muyto devoto do culto Religioso. Elle amplificou, & dotou o grande Convento de Saõ Domingos de Lisboa, & o de Santa Clara de Santarem; & a Igreja de Villanova junto ao Porto; & a Igreja do Mosteyro de Nossa Senhora dos Martyres em Elvas, da Ordem de Saõ Domingos.

ElRey Dom Diniz, Principe de heroico animo, occupando-se cuydadosamente em fundar, & povoar muytas terras; naõ se esqueceo a sua devoçaõ Catholica de instituir a Ordem Militar dos Cavalleyros de Christo, por se extinguir em seu tẽpo a Ordem dos Templarios; & de fundar, & dotar o grande Mosteyro de Odivellas da Ordem de Saõ Bernardo, o primeyro em que as Freyras desta Ordem tivèraõ Clausura; obra taõ grande, que só o coraçaõ de quem a fez, a excede.

Dom Affonso IV. a quem pela valentia do animo, & pela dureza do coraçaõ, chamàraõ o bravo; governando a sua Monarquia com severa rectidaõ, & justiça, tratou muyto do Culto Divino, & amplificou a Cathedral de Lisboa, dotandolhe muytas

rendas,

rendas, & instituindo nellas as mercearias, & Capellanias, que hoje conserva.

ElRey Dom Pedro I. que tendo ao principio do seu governo o renome de cruel, veyo depoys a merecer o predicado de justiceyro, tambem foy grande zelador das cousas de Deos, & do seu Culto; & deyxou no Convento de Alcobaça, aonde està sepultado, bastante renda perpetua para seys Capellães lhe dizerem cada dia huma Missa cantada.

ElRey Dom Fernando, o mais liberal em fazer merces a seus Vassallos, que todos quantos Reys antes delle teve Portugal: fundou, & edificou o Convento de São Francisco de Santarem, aonde està sepultado.

ElRey D. João I defensor do Reyno, q̃ valerosamẽte libertou do jugo Castelhano, cujas forças venceo cõ muyto menor poder, edificou, & ornou preciosissimamente o grande Convento da Batalha da Ordem dos Prégadores, junto de Algibarrota; dedicando o a N. Senhora da Vitoria, a cujo favor attribuhio a q̃ naquelle sitio alcançàra d'el Rey D. João de Castella; & no lugar da Batalha edificou huma Ermida de São Jorge. Admittio no Reyno a Ordem de São João Evangelista. Fundou o Convento de S. Francisco de Alenquer, & o de Santa Clara do Porto; o de São Francisco de Leyria; & o de Nossa Senhora da Oliveyra de Guimarães, de que era tão devoto, que tres vezes foy em romaria a pè ver esta Senhora de differentes partes, sendo a menos distante de sincoenta legoas. Fundou tambem a sumptuosa Ermida de N. Senhora da Escada, junto ao Convento de S. Domingos de Lisboa; & edificou o Convento de S. Domingos de Bemfica. Era tão devoto do Culto Divino, que alguns dias antes da sua morte, se mandou levar à Sé de Lisboa, & na Capella de São Vicente, de que era devotissimo, assistio com humildade aos Officios Divinos, & offereceo em ouro o que julgou necessario para chegar à ultima perfeyção aquelle Templo, cuja Cathedral, suffraganea a Braga, se fez Metropolitana por diligencias deste Rey, & concessão do Papa Bonifacio IX. no anno de 1390.

ElRey Dom Duarte viveo tão pouco tempo depoys de succeder na Coroa, que não pode fazer semelhantes obras; mas sabe-se que foy devotissimo da sagrada Cruz, & vigilantissimo zelador das cousas da Religião Christãa.

Dom Affonso V. pelas guerras, & Conquistas com os Mouros chamado o Africano, teve grande zelo da Igreja de Deos, cujos Officios costumava ouvir devotissimamente. Fez a Igreja do Convento da Conceyção da Ordem de São Francisco do Porto. E resolvendo se a deyxar o governo do Reyno, para entrar em huma Religião, fundou o Convento de São Francisco de Varatojo, para onde iria, se a morte lhe não frustràra os designios.

ElRey Dom João II. pela excellencia de suas heroicas virtudes, & pela boa fórma de seu admiravel governo, chamado o Melhor Principe, *tratando de descubrir novos mares, & conquistar novas terras, sempre teve grande cuydado do Culto Divino; todos os dias ouvia Missa com exemplarissima devoção, & em qualquer parte que estivesse, tinha Oratorio fechado, em que de noyte se recolhia a rezar com os joelhos nùs postos por terra. Todos os dias rezava o Officio Divino; & foy o primeyro Rey que ordenou rezarem-se as Horas Canonicas na sua Capella, como em Igreja Cathedral, sendo isto como preludio do que hoje vemos no religiosissimo zelo de outro João. Elle fundou a magnifica, & piedosa obra do Hospital Real de Lisboa, & o Convento de Santos da Ordem de Santiago.*

O grande Rey Dom Manoel, felicissimo em todo o tempo de seu governo, empenhando-se no descobrimento da India, & nas Conquistas do Oriente, o principal objecto de suas diligencias, era a propagação da Fé Catholica, naquelles climas aonde não tinha chegado, & por isto fazia logo edificar Igrejas nas terras que conquistava, convertendo os Pagodes da Gentilidade, em Altares sagrados, & casas de Oração dedicadas a Deos. Foy o primeyro Rey, que das suas rendas mandou separar hum por cento para obras pias. Elle ordenou a solene Procissão no dia da Visitação de Nossa Senhora, &

de

de Santa Isabel; & houve Breve Apostolico para em seu Reyno se celebrar a festa do Anjo Custodio no terceyro Domingo de Julho, com Procissaõ semelhante à do Corpo de Deos. Fundou no Porto o Convento das Freyras de Saõ Bento, em Tavira o Mosteyro de Freyras da Ordem de Santa Clara; na Villa de Serpa, o Convento de Frades de Saõ Francisco, em Montemòr o novo, o Convento de Freyras da Ordem de Saõ Domingos; & em Setuval o sumptuoso Convento de JESUS da mesma Ordem; em Sintra o Convento de Nossa Senhora da Penna, da Ordem de Saõ Jeronymo. Em Lisboa trasladou o Mosteyro da Annunciada da Ordem de Saõ Domingos do Collegio de Santo Antaõ das Olarias, para o lugar em que está. Fundou de novo, & dotou os Hospitaes de Coimbra, de Montemòr o velho, & de Beja. Edificou o Mosteyro da Serra, da Ordem de Saõ Domingos; & o de Santo Antonio do Pinheyro, da Ordem de Saõ Francisco; & o do Matto, & das Berlengas, da Ordem de Saõ Jeronymo. Reformou, & accrescentou os Conventos de Saõ Francisco de Lisboa, Evora, & Santarem, & o corpo da Igreja, Coro, & alguns Claustros do sumptuoso Convento de Tomar, da Ordem de Christo. Fez de novo as Igrejas de Alcaçar do Sal, de Oliveyra, de Soure, de Niza, & de Saõ Joaõ Bautista de Thomar; & em Lisboa as Igrejas de Santo Antonio, de Saõ Juliaõ, & de Nossa Senhora da Conceyçaõ. Reedificou o Coro, & Capella mòr do Convento de Alcobaça; & mandou acabar as Capellas dos Reys do Convento da Batalha. Fundou a Igreja da Santa Casa da Misericordia, a primeyra que houve na Europa, & deolhe rendas annuaes para obras pias. Mandou edificar as Cathedraes da Cidade do Funchal, & das outras Ilhas; & na India muytos Conventos de Frades, Igrejas, & Casas de Oraçaõ; edificando finalmente para sua sepultura o sumptuosissimo Convento de Belem.

Seu filho ElRey Dom Joaõ III. inclinou-se a introduzir no Reyno letras, & ciencias, chamando Varoens doutissimos de varias partes; sendo juntamente taõ zelozo da Religiaõ, & cultos das Igrejas, que amplificou de novo os Bispados de Miranda, Portalegre, & Leyria; & à sua instancia foy erigida em Arcebispado a Igreja Episcopal de Evora. Edificou no Reyno as primeiras Casas da Sagrada Companhia de JESUS; & outros muytos Conventos, & Casas de Oraçaõ, que fazem o numero de vinte & duas. Acabou o Convento de Belem; & impetrou Bullas do Summo Pontifice para haver em Portugal o piedoso Tribunal do Santo Officio.

ElRey Dom Sebastiaõ, a quem seu temerario valor tirou precipitadamente a vida na flor da idade, foy devotissimo do Culto Divino, a cujos Officios assistia com grande zelo. Fundou o Convento de Saõ Domingos de Setuval; & estabeleceo na India o Tribunal da Santa Inquisiçaõ.

O Cardeal Rey Dom Henrique foy extremosamente devoto do Culto de Deos, & teve vigilantissimo cuydado de todas as Religioens. Elle mandou reformar a Ordem de Saõ Bento; & no espiritual, & temporal, reformou o Mosteyro de Alcobaça, o de Aguiar, & outros mais. Fundou o Collegio de Saõ Bernardo em Coimbra, & fez quasi de novo o Mosteyro de Coz, da mesma Ordem. Mandou reparar o Mosteyro de Saõ Fructuoso de Braga; fundou o de Saõ Francisco em Valverde; fez a Universidade de Evora, edificando para isto o Collegio, que deu à Companhia de JESUS. Fundou mais duas Capellas para Clerigos pobres; ordenou o Collegio dos Meninos Orfãos, & estabeleceo à sua custa a Santa Inquisiçaõ de Evora.

ElRey Dom Joaõ IV. feliz Restaurador da liberdade Portugueza, foy extremoso na veneraçaõ do Culto Divino, em que despendeo grandes thesouros; & sendo Duque de Bragança conseguio do Papa, por diligencias do Infante Dom Duarte seu irmaõ, a graça de ter o Senhor na sua Capella de Villaviçosa, cousa q̃ sem effeyto tinhaõ solicitado muytas vezes seus Clarissimos Ascendentes; & mandou fazer hum Sacrario de prata, aonde foy posto o Senhor com grande veneraçaõ, & com huma solemne festa. Fundou em Lisboa o Convento dos Carmelitas Descalços, junto a Saõ Nicolao; & em

Coimbra

Coimbra o grande Mosteyro novo de Santa Clara; para onde se trasladou o corpo da Rainha Santa Isabel, deixando por legado o preciso de se acabar aquelle magnifico edificio.

O Senhor Rey Dom Pedro II. seu filho, que teve a regencia dos Reynos antes que a Coroa; porque ainda que a sorte lhe não deu o primeiro lugar na ordem do nascimento, a natureza o preferio nas virtudes, para o acclamar nas vontades: foy devotissimo do Culto de Deos, & zelosissimo da Religião Catholica. Elle fundou, & dotou de novo cinco Bispados: o de Pernambuco, do Rio de Janeyro, do Maranhão; & o de Pequim, & Nanquim, na China; & erigio o Arcebispado da Bahia. Edificou em Lisboa o Convento do Crucifixo de Freyras Capuchas; & em Setuval o Convento no sitio de Brancanes, para os Missionarios da Ordem de São Francisco. Foy muyto devoto da Virgem Nossa Senhora; a quem visitava todos os Sabbados nas Necessidades; & do Santissimo Sacramento, a cujos desaggravos assistia sempre em Santa Engracia, & Odivellas. Dispendia liberalmente com o Culto Divino em varias Freguesias, & Conventos, & na sua Capella, aonde assistia sempre com grande devoção aos Officios Divinos.

Sendo pois V. Magestade legitimo descendente de tão illustres Principes, em quem a exaltação da Fé Catholica, & a veneração do Culto Divino forão sempre os prezados timbres de sua devoção, & os principaes objectos de seu poder: fora degenerar de tão Catholicos Progenitores, se faltasse em V. Magestade aquella inclinação piedosa, com que desde seus primeiros annos se emprega nas cousas de Deos, de tal maneira, que não só imita, mas excede os seus Reaes Ascendentes; pois he certo, que sem os imitar por estudo, os soube exceder por natureza; porque antes que pela idade podesse receber os primeyros rudimentos da doutrina, já nos edificava com os melhores dogmas da devoção; sendo em V. Magestade tão innata a propensão para o Culto Divino, que apenas sahio do berço, quando logo se encaminhou para o Templo; ainda não podia dar passos, & logo soube correr para as casas de Deos; levava-o seu proprio espirito para onde ainda o não saberia inclinar a industria; & antes de ter idade para ser discipulo, já parecia mestre da devoção Catholica. Destas ninhezes tão altas, destas premissas tão devotas, q̃ se podia esperar, senão que crecendo a devoção com os annos, fizesse os mayores progressos na veneração do Culto? Assim o estamos nós vendo; & o está admirando o mundo na soberana pessoa de V. Magestade. Grande felicidade da Monarchia Lusitana, ter hum Rey, que tratando muyto do seu governo, se empregue tanto no Culto de Deos! Sendo certo, que para governar com acerto, havia de venerar a Deos devoto. Não se póde reger faustamente huma Monarchia, se religiosamente se não trata das cousas de Deos. Só governa bem quem bem sabe; só sabe bem quem a Deos teme; o temor de Deos he principio da sabedoria; os exercicios do Culto Divino, são demonstrativos daquelle temor, & hum Rey que venera a Deos tão devoto, quem duvida que governará como sabio? Pareceo a alguns politicos, que os Reys se não devião instruir nas sciencias, porque a curiosidade de saber os não divertisse do cuydado de governar. Mas V. Magestade sem o estudo das letras teve a sciencia mais necessaria para reynar; soube temer a Deos; & logo que empunhou o Ceptro lhe dedicou Templos. David, a quem Deos elegeo para Rey, deu principio ao seu governo pela reformação do Culto Divino. O Rey mais sabio do Mundo consagrou a Deos o mais sumptuoso Templo. O Religioso zelo dos Reys Portuguezes tinha edificado o grande Templo da sua Capella, nos Paços do seu domicilio; & nelle consagravão a Deos ardentes Cultos; rezando-se as horas Canonicas, como em huma Cathedral; devoção do grande Rey Dom João II. que tendo o renome de Principe perfeito, não lhe podia faltar o attributo de devoto; & para isto havia Capellães, Deão, Chantre, & Capellão mór, que sempre he Cavalhero da primeira nobreza, dignidade, que hoje se acha na pessoa do Eminentissimo Cardeal Nuno da Cunha de Ataide, Inquisidor Geral, Conselheiro de Estado, & do despacho universal;

versal; Cavalheyro em que com o esplendor do sangue igualmente concorrem a integridade do talento, & a excellencia das virtudes, para o fazerem benemerito de taõ altos lugares. Nesta Capella se ouviaõ os melhores Prégadores; & alli se recreavaõ os ouvidos com a Missa mais suave; alli se divertiaõ os olhos na elegante compostura do Templo; & alli finalmente esmoreciaõ os Portuguezes nas vistas de seus Principes, & se edificavão as almas na devoção das Magestades. Estava este Templo enriquecido com preciosissimos ornamentos; & era fama constante, que nenhum Principe da Christandade tinha dentro de seu Palàcio Templo de igual magnificencia, em que se tratasse do Culto Divino com semelhante perfeyção, & grandeza. Mas ao Catholico animo de V. Magestade, ou toda esta grandeza lhe pareceo indecencia, ou pelo menos entendeo que o seu devoto zelo devia exceder àquella grandeza; & pondo em effeyto o heroico impulso de sua devoçaõ generosa, amplificou sumptuosamente o Templo da Capella, construhio Torres, erigio Altares; & com superabundancia ornou esta Igreja das cousas mais preciosas, que para semelhante ministerio podia fabricar a industria dos homens. Oh Principe verdadeyramente Catholico! Oh Rey generosamente grande!

O' decus, ó patriæ per Te florentis imago;
O' Rex non ipso, quem regis orbe minor!

Ovid. 5. Trist. 2.

Estas despezas tão importantes, não saõ daquellas, que Suetonio reprovava na viciosa profusaõ de Caligula, & no demasiado luxo de Nerão, que esgotàraõ os thesouros em pompa da Magestade, atè irritarem o sofrimento de seus vassallos. Dizia Socrates a hum Rey, que para reger a Monarquia sem queyxa de seus Vassallos, gastasse com magnificencia em cousas, que servissem mais ao decoro, que ao fausto; mais à veneração, do que à jactancia. E que cousas mais decorosas, que cousas dignas de mayor veneraçaõ, que estas, que a devoçaõ piedosa de V. Magestade taõ generosamente obra nos Cultos que a Deos consagra? principalmente quando não se contentando só com a magnificencia do Templo, com zelo ardentissimo do Culto de Deos, pertendeo, & alcançou da Santidade do Papa Clemente XI. a graça de que o Templo da sua Capella fosse huma Cathedral absoluta, huma insigne Collegiada com invocação de Saõ Thomè, ficando Freguesia Parochial para as pessoas Reaes, & suas familias, & Officiaes de sua Casa, aindaque o seu domicilio seja em outra Freguesia muy distante. Foy grande impulso da devoçaõ, mas parece que movido jà nos corações dos antigos Reys de Portugal, de quem achamos escrito, que não pagavaõ as moradias aos Cavalleyros de sua Casa, sem mostrarem que estavão confessados. Todos estes Cultos esperamos que cedão em utilidade da Monarquia, obrigando-se Deos delles para mayor felicidade de seus Reynos. Entendeo Aristoteles, que os Deoses se mostravaõ mais propicios a aquelles de quem eraõ mais venerados; & affirmou atrevidamente Cicero, que os Romanos superàraõ todas as nações do mundo, mais com os piedosos Cultos, que consagravão aos Deoses, que com a astucia do seu engenho, & com a valentia do seu braço; & sentir foy de Dionysio Halycarnaseo, que a primeyra empreza dos Reys, devia ser o cuydado das cousas sagradas, com que Carlos Magno, & Constantino Magno estabelecèrão os seus Imperios: & dos Reys da Lusitania notou hum Historiador Portuguez, que foraõ mais vitoriosos os mais devotos. Antes de vir ao mundo o Redemptor delle, atè o tempo de Numa, segundo Rey dos Romanos depois de Romulo, os Principes eraõ os Sacerdotes, que tratavão dos Cultos dos Deoses; erão Reys, & Pontifices, Reys para regencia da Monarquia, Pontifices para veneração do Culto; & por isto os Reys de Roma se chamàraõ Pontifices Romanos; que pareceo às gentes daquelles seculos, que os exercicios do Culto de Deos deviaõ correr por conta de quem tivesse o governo dos homens. Romulo tanto que o juràraõ Rey, antes dos Magistrados politicos tratou das cousas Sagradas; & bem conhece V. Magestade, que devendo fazer o mesmo todos os Principes Catholicos, os de Portugal tem particular razão para tributarem Cultos a Deos, & para serem zelosissimos das cousas Sagradas; por ser Portugal hum Reyno

Sueton. cap. 30.
Soc. ad Nicol.
Manuel de Faria tom. 2. da Europ. Portuguef. fol. 4.
Rethor. ad Alex.
Orat. de arusp. respons.
Iu 2.
Manuel de Faria tom. 2. Europ.
Gratian. in cap. Cleros 12.

dado

dado por Christo ao primeyro Affonso, defendido com as suas armas, & conservado com a sua protecçaõ ha tantos seculos em Monarquia separada; pois havendo muytas occasioẽs de se unir à Monarquia de Castella, como foy, no tempo dos Reys Dom Fernando, D. Affonso V. D. Joaõ II. & Dom Manoel; sempre houve incidentes para se não unirem estas Coroas, & para ficar Portugal subsistindo em Imperio separado. E se por altos segredos da Sabedoria incomprehensivel, chegou a estar sessenta annos no dominio de Castella, o mesmo Senhor que assim o ordenou, lhe acodio, libertando-o com a feliz, & milagrosa acclamação do Senhor Rey Dom Joaõ IV. em cuja legitima descendencia esperamos que floreça o Reyno em quanto durar o mundo; & que V. Magestade empunhe por muytos seculos o Cetro, para felicidade da sua Monarquia.

Ovid. 1. de Pont. 8.

At Tibi, Rex, ævo detur, fortissime, nostro
Semper honorata sceptra tenere manu.

Doutor Francisco da Fonseca Henriques.

PROLOGO

PROLOGO.

ESTE livro que o Doutor Duarte Madeyra Arraez efcreveo na lingua Portugueza para utilidade da patria, fahe hoje a luz para o mefmo fim illuftrado à diligencia do noffo zelo. Leva toda a efcritura de feu Author, & leva as noffas Annotações no fim dos Numeros, & Capitulos feparadamente efcritas; naõ fó para que fem confufaõ fe leaõ, mas tambem para que fem duvida fediftingaõ. Foy Madeyra entre os muytos Efcritores do Morbo Gallico, hu m dos que com mais clareza, & com melhor methodo tratàraõ delle; & he efte com razaõ o livro por onde entre os Portuguezes fe cura geralmente efte co ntagio; mas porque na fua doutrina fe achaõ muytas coufas, que o tempo convenceo de falfas com experiencias verdadeyras: para mayor excellencia defta obra, & para mais geral utilidade da gente, nos pareceo tomar por empreza a correcçaõ deftes erros, fem offenfa de feu Author; que a reforma com experiencias naõ he injuria; antes de algum modo illuftra a grandeza das òbras, em que ficaõ brilhando como luzes as emendas, & ficaõ luzindo como efmaltes as correcções. Nada perdeo Pafchalio em fer annotado por Pereda, Barbete por Dekers, Piens por Mangeto, Diofcorides por Laguna, Efchrodero por Ettmullero, & Jonftono por Boneto. Neftas Annotações fe acharà reformado pelas experiencias dos Modernos, o que o Author erradamente efcreveo pelo fentir dos Antigos. Verfeha illuftrada efta doutrina com muytos cafos praticos; encontrar-feha hum novo methodo para extinguir com facilidade o contagio gallico; & achar-fehaõ novos, & efficazes remedios para acodir prontamente aos feus productos.

Muyto tempo trouxemos na idea efta empreza, & trabalhàmos nella com cuydado, julgando que feria de muyta utilidade; porque nos perfuadimos a que a mayor parte dos males que padecem os homens, ou faõ gallico, ou fe complicaõ com elle; & temos pofto em ufo os feus remedios com taõ feliz exercicio, que fe entende, que ha em nòs particular cadencia para curar efte genero de enfermidade. Por ifto, amando mais a utilidade alhea, que o defcanfo proprio, puzemos todo o esforço por concluir, & dar à luz efta obra, que na mente fe nos reprefentava fempre grande, & difficultofa; deforte, que podiamos dizer o que Virgilio:

Virg. 9. Æneid.

Aliquid jam dudum invadere magnum
Mens agitat mihi, nec placida contenta quiete eft.

Juntàmos no fim defte livro huma Differtaçaõ dos humores naturaes do corpo humano, obra muy neceffaria para boa intelligencia deftas Illuftrações; & advertimos aos Leytores, que antes de entrar à liçaõ do livro, leaõ attentamente a dita Differtaçaõ; na qual fe verà, fegundo a doutrina dos Modernos, quantos, & quaes fejaõ os humores naturaes do noffo corpo, como fe façaõ, & para que ufos firvaõ. Alli fe acharà a principal doutrina da lympha, & dos feus vafos: das glandulas: do fucco pancreatico: do fucco nervofo: do fangue, & da fua circulaçaõ. Alli fe verà como fe fazem os cozimentos no eftomago; & fe acharàõ

varias novidades, que com muyta liçaõ, & grande trabalho pudemos reduzir a poucas folhas.

Bem ſuppomos, que pela variedade dos juizos, naõ agradarà a todos a empreza que tomàmos, & que eſtranharàõ muytos as novidades que proferimos; porèm naõ he noſſo intento ſolicitar os applauſos, ſenaõ inſinuar os remedios. Naõ buſcamos acclamaçoẽs, aindaque neſte particular as pudèramos admittir ſem eſcandalo: buſcamos meyos para debellar as hoſtilidades do gallico, que pela communicaçaõ da gente, & pela fragilidade da natureza ſe tem feyto ſeu inimigo commum. Eſperamos que os homens doutos nos naõ condenem o trabalho; deyxando iſto para os ignorantes, & malevolos, que tudo reprovaõ mais por habito, que pro ciencia, à maneyra daquelles caens, que a todos ladraõ mais por coſtume, que por ferocidade, como jà notou Seneca, quando diſſe: *Malè loquuntur de me homines, ſed mali. Moverer, ſi de me Cato, aut Lelius loquerentur; nam malis diſplicere, laudari eſt. Moverer; ſi judicio hoc facerent, ſed morbo faciant. Non de me loquuntur, ſed de ſe. Benè neſciunt loqui; faciunt non quod mereo, ſed quod ſolent; quibuſdam enim canibus ſic innatum eſt, ut non pro ferocitate, ſed pro conſuetudine latrent.*

Todo o eſcopo do noſſo intento he extinguir totalmente o contagio gallico, & facilitar a cura do azougue, como unico antidoto deſte veneno, com que inteyramente ſe extinguem todos os ſeus ſeminarios. Naõ ignorou Madeyra a poderoſiſſima virtude do mercurio contra eſte contagio; porèm negou-o inexperto em muytos caſos, em que hoje o uſamos ſem temor; valendo-ſe da ſalſa, & dos mais alexipharmacos vegetantes, em que ſó conſideramos virtude para remediar alguns danos, que o gallico cauſa; mas naõ para lhe extinguir os ſeus ſeminarios, & para lhe deſtruir os ſeus fermentos, que iſto ſó o póde fazer o mercurio; de cujas virtudes fallàmos jà no Tratado que eſcrevemos do uſo do azougue nos caſos em que he prohibido; obra que naõ parecendo mal a todos, tem cundido em utilidade de muytos; aſſim como as mais que temos dado ao prelo, cujo applauſo, & aceytaçaõ nos ſerviraõ de incentivo para continuar com mayor goſto na empreza de eſcrever; porque aindaque a ambiçaõ da gloria naõ he o fim a que ſe dirige a noſſa penna: naõ ha duvida, em que eſta ſe move com mayor impulſo, quando entre os perigos de cenſurada, logra as felicidades de applaudida.

Ovid. 4. de Ponto.

Excitat auditor ſtudium, laudataque virtus
Creſcit, & immenſum gloria calcar habet.

Eſta he a quinta obra que temos poſto em publico. Foy a primeyra a noſſa *Pleuricologia*, eſcrita na lingua Latina. A ſegunda o *Tratado do uſo do azougue nos caſos em q̃ he prohibido*, eſcrito na linguagem Portugueza. A terceyra, a *Medicina Luſitana, ou Soccorro Delphico*, eſcrito na meſma lingua. A quarta hum Tomo de Obſervaçoẽs Latinas, com o titulo de *Apiarium Medicum-Chymicum, Chirurgicum, & Pharmaceuticum*. E todas as compuzèmos entre a continua tarefa de viſitar enfermos; occupaçaõ, que neſta Corte leva todo o tempo; & ſe a fortuna favorecer os deſignios, ainda eſperamos concluir outras, em que actualmente nos occupamos.

Ovid. 2. Faſtor.

Hæc mea militia eſt, ferimus quæ poſſumus arma,
Dextraque non omni munere noſtra vacat.

Naõ eſcrevemos com o fim de deyxar memoria para a poſteridade: porque em acabando a vida, de que nos ſervem eſtas memorias? Nem com eſperança de premio: porque naõ eſtamos em ſeculos, em que ſemelhantes obras ſe reputem meritorias de alguma remuneraçaõ; do que jà ſe queyxava Marcial, quando dizia a Flacco a cauſa de naõ haver mais Virgilios, que o Mantuano:

Ingenium

Ingenium sacri miraris abesse Maronis;
Nec quemquam tanta bella sonare tuba.
Sint Mæcenates, non deerunt, Flacce, Marones;
Virgiliumque tibi vel tua rura dabunt.

Martial. lib. 8. epigram. 56.

Escrevemos por inclinaçaõ do genio, & damos à luz os nossos escritos, porque entendemos que pela sua materia, & pela utilidade que póde resultar delles, saõ muyto dignos de se publicarem. *Cur igitur scribam*, dizia Ovidio considerando o pouco que lhe valiaõ as obras, em que curiosamente se occupava:

Cur igitur scribam miraris, miror, & ipse,
Et mecum quæro sæpè; quid inde feram?
Scilicet est cupidus studiorum quisque suorum;
Tempus & assueta ponere in arte juvat.

Ovid. 1. de Pont. eleg. 5.

Entendeo Cicero, que os homens deviaõ trabalhar nervosamente naquellas cousas para que tivessem cadencia: *Ad quas igitur res aptissimi erimus, in ipsis potissimum elaborabimus.* E propendendo o nosso genio para o emprego de escrever, he certo que naõ tem estado ocioso quem atè a idade de quarenta & sete annos, entre o exercicio de curar muyto, roubando o tempo ao descanso, soube compor as feridas obras, que temos dado à estampa. Queyra Deos Senhor nosso, que todas cedaõ em louvor seu, & utilidade do proximo.

Cicer. de Offic.

Carta

Carta que Paſchoal Ribeyro Coutinho eſcreveo ao Doutor Franciſco da Fonſeca Henriques Author deſtas Illuſtrações.

SE quantas eſperanças ſuſtenta o coraçaõ chegaſſem a lograr o fim da minha eſperança, ninguem ſe atreveria a chamar a eſtas Ancoras da vida tormento inſeparavel da alma; ou na balança da razaõ, ou no equilibrio da experiencia, pezadas igualmente as eſperanças com as poſſes, ſempre o immenſo do eſperar excede o goſto do poſſuir. Só a minha eſperança foy privilegiada no ſeu martyrio; porque alêm de ſer breve a demora, o goſto de poſſuir eſta de V. M. cientifica Illuſtraçaõ ſuperabundou ao tormento de eſperar por ella.

Abri (Senhor meu) aquelle theſouro Apollineo, com que o laborioſo, ſe incanſavel eſtudo de V. M. enriqueceo o mundo de ciencia, a Patria de gloria, & a emulaçaõ de enveja. E apenas vi aquelle Ceo aberto na terra, quando abſortos os ſentidos, & embargadas as potencias, a imperios de hum jubilo exceſſivo, ſe julgàraõ, como Elias nas delicias de hum Paraiſo inexplicavel; vendo no Doutor Illuſtrado a Arvore da vida por beneficio da ciencia, & em V. M. ſeu Illuſtrador, a Arvore da ciencia, a quem he taõ devedora a vida.

Devedor pois (naõ ſó ao goſto, com q̃ V. M. me recreou o animo; mas tambem aos documentos, com que me illuſtrou o juizo, unindo o deleytavel da fraze a o util da doutrina) incorrèra eu no delito de ingrato, ſe de algum modo naõ moſtraſſe a V. M. como eſte ſeu novo raſgo ao meſmo tempo me deyxou illuſtrado, & ſatisfeyto. Iſto ſaõ propriedades do Sacramento, ſatisfazer deſejos, (*Adipe frumenti ſatiat te*) & alumiar diſcurſos (*Et illuminabo omnes*) E iſto que faz a Sagrada Euchariſtia por privilegio da graça, achamos neſte Tomo por virtude da ciencia.

Pſ. 147. v. 14.
Eccl. cap. 24. v. 45.

Verdade he, que eſta obrigaçaõ, de que eu me conſtituo devedor, he divida univerſal de todos aquelles, a quem a fortuna conceder o banharem-ſe Ciſnes racionaes na douta afluencia de tanta erudiçaõ, mas eſte he o veterano, ſe iniquo coſtume do mundo, ſerem muytos os que recebem os beneficios, & muyto poucos os agradecidos delles. Lembrame dizer Saõ Lucas, que o Divino Medico curou dez leproſos, & ſó hum moſtrou o agradecimento, rendendo ao Senhor affectuoſo as graças: *Unus autem ex illis regreſſus eſt, cum mana voce magnificans Deum.* Na ſeara da remuneraçaõ ſó ſe colhe o dizimo, quando muyto de dez hũ.

Luc. cap. 17. v. 14.

Obrigado pois no particular como amigo, & no commum como cortezão, me fuy diſpondo para idear em applauſo de V. M. hum Elogio: nunca ſeria cabal Decifrador do grande empenho; era ſómente hum deſafogo da vontade, & huma reſpiraçaõ do deſejo: naõ ſe fizèra a Deos nenhum ſacrificio, ſe ſe houvèra de proporcionar a victima com a deidade.

Afiançado neſte pretexto, & querendo abrir os aliccerſes para fundar o louvor, o entendimento, como amigo particular, me diſſe que os amigos devem dizer àquelles que temerarios ſolicitando os encomios, encontraõ com os precipicios. A que Esfera (diſſe) ſe remonta a tua ouſadia? Naõ te lembra, que para azas de cera guarda o Ceo a moniçaõ de luzes? Naõ ves a Mageſtade do aſſumpto? o elevado do empenho? Ignoras ſer eſta Illuſtraçaõ hum pégo inſondavel? Pois como queres, que todo hum Oceano de ciencia ſe accommode na eſtreyta concha do teu Elogio? Conſidera, que es hum ruſtico penedo, & que aquelle ſingular Parto, he hum ſagrado Olympo. Adverte que es huma ſimplez Borboleta, & aquella Illuſtraçaõ huma generoſa Aguia. Sabe que es hum pobre regato, & aquelle livro hum profundo Oceano. E naõ cabem as immenſidades do Oceano, os voos da Aguia, nem as emineneias do Olympo em

hum

hum Penedo toſco, em hum Inſecto nocturno, nem em hum Ribeyro mendicante. O louvor curto naõ applaude, offende: & para que queres tu deyxar offendido com hum Elogio raſteyro, aquelle que tu deſejas eternizar com o mayor Elogio?

Ao impulſo deſta advertencia, jà o diſcurſo hia colhendo as velas, ſe a memoria, em favor do meu deſejo, abrindo os theſouros de ſuas noticias, me naõ animàra com exemplares riquezas, dizendo ao meu temor: Se os corações ſaõ generoſos, tambem o louvor dos humildes he ouvido, & aceyto. Humilde era aquella mulher, & taõ humilde, como das Turbas: *Mulier de turba*; & com mais fé, que ciencia, & mais affecto, que eſtudo levantando a voz fez a Chriſto o mayor Elogio: *Extollens vocem, dixit illi: Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ ſuxiſti.* Da boca dos pequenos (diz o mayor Oraculo do Ceo, & da terra) ſahè o louvor perfeyto: *Quia ex ore Infantium perfeciſti laudem.* E o meſmo Illuſtrador, que pertendes encomiar, te anima com a ſentença que profeſrio em a Dedicatoria do ſeu SOCCORRO DELPHICO, dizendo ao ſeu Mecenas: *Sempre os pequenos ſerviraõ de credito à grandeza, que nelles reluzem melhor as forças do ſeu poder.*

Luc. cap. 11. v. 27.

Matth. 21. v. 16.

Medicina Luſitana & Soccor. Delphico in Dedic.

Se a Natureza, & o Ceo te faltàraõ com o talento, ſe a ciencia te engeytou como incapaz della, o Author do Ceo, da Natureza, & da ciencia te deo animo, & te fecundou o coraçaõ para formares eſſe Elogio. E da abundancia do coraçaõ naſce a eloquencia da boca (diz o Evangeliſta Medico:) *Ex abundantia cordis, os loquitur.*

Luc. cap. 6. v. 45.

O certo he, que aquillo que ſe deſeja, facilmente ſe perſuade. Animado com eſte diſcurſo da memoria, me reſolvi a fazer o meu intentado Elogio; quando me lembrou, que os Romanos querendo eternizar entre os Heroes ao grande Eſculapio, lhe levantàraõ huma Eſtatua. Imitando eu tambem aquelle louvor mudo, mas perduravel, ſerà tambem o meu louvor erigir a V. M. outra. Lanço os perfis da ſemetria ſobre a verdade da hiſtoria; & depois a allegoria moſtrarà a propriedade da Eſtatua.

Theat. de les Dioſes 1. p. fol. 542.

Cercada Troya, & ameaçada ſua fatal ruina pela invaſaõ da bellicoſa Grecia, em favor de Priamo, veyo de Thebas ſeu ſobrinho Memnon. E como os animos valeroſos naõ cabem dentro dos muros, onde ſe admiraõ cercados; corpo a corpo deſafiou o Thebano Memnon ao Grego Aquilles, o qual em campanha raza ſe coroou de vitorias, deyxando ao valeroſo Memnon ſem vida.

Noticioſos os Thebanos do infelice ſucceſſo do ſeu amado Principe, buſcando logo ao mayor Eſtatuario daquelle ſeculo, para que levantandolhe em bronze a vera effigie do ſeu Heroe, aliviaſſe o metal impenetravel, a ſaudade em tantos corações penetrante.

Fez o Artifice o ſimulacro com a mageſtade, & perfeyçaõ que requeria o empenho; & ſendo conduzido ao alto cume de hum vizinho monte, & ficando com a face ao Oriente, em naſcendo o Sol banhava a Eſtatua de luz; entrandolhe pela boca hum rayo Delphico, o qual tanto que a illuſtrava, penetrandolhe o interior, ſe ouvia huma ſuave armonia no peyto do deſanimado bronze, que recreando os ouvidos, alcançou daquelles Idolatras Povos os mais celebrados cultos. Eſta a hiſtoria antiquiſſima, a allegoria porèm he taõ nova, como a primeyra vez, que ſahe a publico; mas com tanta felicidade, como ſahir para louvar.

Com. Tac. in Anal.

Ora (Senhor meu) o inſigne Eſtatuario he eſta alegoria figura expreſſa do Doutor Madeyra; porque o Imaginario tem viva correſpondencia com o Medico. Do Imaginario diſſe o Divino Plataõ (na ſua Republica) que havia de comprehender todas as Artes, ter noticia de muytas ciencias, naõ havia de ignorar

Plat. de Rep. 10.

norar as historias, & devia saber as fabulas. E do Medico diz tambem o Plataõ Divino da Predica (o Padre Antonio Vieyra) que deve saber todas as ciencias. Cada huma das nossas faculdades he huma ciencia. A faculdade, & ciencia do Medico he hum ajuntamento de todas: & por isso he entre os homens, como o Cherubim entre os Anjos: *Cherubim, idest Plenitudo scientiæ.*

Vieyra, part. 11. fol. 218.

Sylv. alleg. verb. Cherub.

E decendo ao pratico, ainda he mais unica a semelhança; porque o Imaginario depois de deytar hum tronco sobre o seu banco rasgalhe os olhos, curvalhe as sobrancelhas, afilalhe o nariz, abrelhe a boca, & acaba com os pès; & de hum cepo informe, tira a fórma de hum homem perfeyto.

Da mesma sorte o Medico; mas com mais valentia, porque com mayor ciencia. Ou a disgraça, ou a ruim disposiçaõ da natureza (ou tudo) combate, & prostra ao homem com hum accidente; & à violencia do veneno, o que era homem agil, fica sobre o leyto quasi tronco desanimado. Os olhos sem exercicio; porque ficàraõ, ou trocados, ou cegos. A boca, ou se torce para os lados, ou se obstina para os movimentos. Os braços languidos, & frios como desatados do corpo, ficaõ prostrados, & cahidos. O ventre, & o peyto sem calor, com dureza, & frialdade de pedra, parecem à da sepultura. Ultimamente as pernas, & os pès como membros separados do corpo, nem o movem rebeldes, nem o conduzem obedientes.

Assim prostrado o homem, sem ter de vivente mais que huma palpitaçaõ mal distinta, entra o Medico como Imaginario a dar fórma àquelle tronco. E formando ideas, deyta pensamento às linhas; mede com o compasso da razaõ os symptomas do accidente; revolve os livros; consulta aos Authores; observa o tempo; duplica as visitas; applica os remedios; & pouco a pouco vay dando viva fórma à seminoria Imagem. Em summa, entre Estatuario, & Medico parece naõ haver dissonancia, porque ambos levantaõ homens cahidos. E Deos soberano Prototypo de todas as ciencias: (*Omnis Sapientia à Domino Deo est*) se como Divino Imaginario levantou de barro a Estatua do homem, (*Faciamus hominem, &c.*) como Medico soberano a reformou do acidente, & fealdade do peccado: *Vulnerum nostrorum sanationem: pacis nostræ reformationem.*

Eccl. cap. 1. v. 1.
Gen. cap. 1. v. 26.
Polianth. verb. Christus.

E se tanta proporçaõ se acha entre o Medico, & o Imaginaaio, naõ he menor a que corre entre a Estatua, & o livro. O livro intitulado MADEYRA DE MORBO GALLICO, assim na primeyra, como na segunda Parte; assim na ciencia do especulativo, como na experiencia do pratico encheo a Portugal de gloria, & aò mundo de admiraçaõ. E por este glorioso caminho levou a seu Author ao Templo da eternidade. A Estatua de Memnon, ou erigida em bronze, ou elevada na admiraçaõ, que outra cousa foy senaõ hum glorioso Padraõ, que eternizou na perpetuidade ao Artifice que o levantou? Naõ he outra cousa o simulacro erigido, se naõ hum livro mudo, onde os olhos, sem a travaçaõ dos caracteres estaõ lendo a ciencia do Artifice que o organizou. Nem o livro he outra cousa mais que huma Estatua eloquente, onde o discurso tomando o officio aos olhos, està vendo as operações do animo. Em summa, a Estatua pelo material he corpo; & o livro pelo intellectual, & cientifico he alma. E assim como esta he inseparavel daquelle, antes que a morte os divida; assim o livro he o mesmo com a Estatua, depois que a Arte os coloca.

Finalmente, quem póde agora ignorar, que assim como o Thebano Estatuarto foy Allegoria do Doutor Madeyra; assim como o simulacro que aquelle erigio he Typo do livro que este escreveo. Assim tambem o Sol illustrando com os seus rayos a Estatua he o Hieroglifico mais proprio, & verdadeyro de V.M. illustrando com os rayos de sua pena os discursos daquella famosa obra.

No

No ſentido Literal, & Hiſtorico diz o Profeta Malaquias, que naſceria o Sol, & que nas ſuas pennas traria a ſaude: *Orietur vobis Sol, & ſanitas in pennis ejus*; commutando em pennas voadoras o que haviaõ de ſer rayos de luzes ſoberanas. Malach. c.4. v. 2.

Todas as pennas com que V. M. eſcreve, alèm de ſerem rayos luminoſos, ſaõ eſplendores beneficos; porque em ſeus eſcritos acha o genero humano preſervativos para os males futuros, & remedios para as enfermidades preſentes; porque de toda a ſorte viſſemos o *Sanitas* inſeparavel do *Pennis ejus*.

Rayo benefico foy o ſeu primeyro Tomo intitulado PLEURICOLOGIA, eſpada com que a Medicina degola os Pleurizes; pois aos golpes de ſeus agudos dictames naõ prevalecem do veneno os obſtinados combates. Rayo benefico foy o ſeu SOCCORRO DELPHICO; ſegundo Parto de ſeu talento, com ordem ao numero, naõ ao merecimento; porque bem póde ſer o Primogenito da Medicina, conforme o commum ſentir dos Profeſſores da ciencia. Rayo benefico foy o ſeu APIARIO MEDICO, terceyro filho do continuado eſtudo com que V. M. uſurpa o nocturno deſcanſo à ſua (para todos neceſſaria) vida. Dizia Jacob nos annos de namorado: que o ſono fugia dos ſeus olhos: *Fugiebat ſomnus ab oculis meis.* V. M. como taõ grande amante do eſtudo, foge do ſono. Diz Ariſtotelles que a experienca he fonte da ſabedoria: *Uſu, atque exercitatione Ars, & ſcientia comparatur.* Neſte terceyro volume abrio V. M. huma fonte de ciencia, porque todo elle ſe fórma de Obſervações, que a experiencia de V. M. colheo nas diverſas, difficultoſas, & invenciveis enfermidades a que aſſiſtio. Ultimamente Rayo benefico he eſta ILLUSTRAÇAM MAGISTRAL, Quarto Tomo, com qme à luz ſahe a fecundidade do ſeu raro talento. E ſe com quatro coroas (diz A Lapide) coroava a Antiguidade a hum Monarcha: *Reges, Corona, vel Florea, vel Frondea, vel Aurea, vel Gemmea redimere ſolebant*; bem póde o preſente ſeculo, ou cingir com ellas os ſeus quatro Tomos, ou coroállo a V. M. com todas quatro. Gen. cap. 31. v. 40. ALap. in Cant. c. 3. v. 11.

Diſſémos em outra occaſiaõ: Os Eſcritores eternizaõ-ſe, eternizando, porque nas penas das ſuas azas levaõ para a eternidade aos Heroes da fama; & de caminho com os Factores das acções heroicas, vaõ os Eſcritores dellas.

Iſto ſe verifica em V. M. porque quando fez huma Illuſtraçaõ ao grande Madeyra, com quatro titulos ſe illuſtrou a ſi. O primeyro titulo he o de Author: o ſegundo de Illuſtrador o terceyro de Amplificador: & o quarto de Corrector.

O primeyro titulo nos inculca a V. M. Author; mas Author, que authoriza: as ciencias authorizaõ aos homens; mas os homens (como V. M.) authorizaõ a ciencia. Nabal, como eſtulto, neſcio, & groſſeyro, era o diſcredito de Abigail, ſua mulher; ella porèm cõ ſuas virtudes o authorizou a elle. Ruth, entre as mendiguezes de ſua infauſta fortuna, com as penurias de ſua pobreza menos cabava a Booz ſeu marido, elle porèm com as riquezas de ſuas ſearas, & os frutos das ſuas eſpigas a authorizava a ella. No legitimo, & plauſivel conſorcio que V. M. contrahio com a ciencia Medica, ſe ella como Abigail o authoriza a V. M. V. M. como Booz a authoriza a ella. 1. Reg. c. 25 v. 3. Ruth. c. 4. v. 13.

O ſegundo titulo nos moſtra a V. M. Illuſtrador; mas ſe V. M. authoriza a ciencia, como naõ havia de illuſtrar a Medicina? Do ſabio diz o Eſpirito Santo, que ſe produz a ſi meſmo nas palavras com que ſe explica: *Sapiens in verbis producit ſe ipſum.* Quem por tantos principios he rayo luminoſo, como naõ havia de produzir Illuſtrações? De Chriſto Senhor noſſo diz o Evangeliſta amado, que era luz verdadeyra, porque illuſtrava a todos os homens: *Erat lux vera, quæ illuminat omnem hominem.* Os homens, que ſaõ mais que homens, entaõ ſaõ verdadeyras luzes, quando illuſtraõ aos outros. Eccl. cap. 20. v. 13. Ioan. cap. 1. v. 9.

*** O ter-

O terceyro titulo nos denota a V.M. Amplificador. Naõ depofitou Deos em hum fó homem todos os thefouros de fua fabedoria : a huns dotou com mais talentos, a outros com menos. Em todas as Artes,& Ciencias fe os primeyros logràraõ a fortuna de Inventores; os fegundos fe contentàraõ com a gloria de os amplificar. Muyto diffe Madeyra no feu Tomo de Morbo Gallico; mas naõ diffe tudo, porque o que mais havia para dizer, ficou para V. M. que depois de o illuftrar com tanta fecundidade, o amplificou com mais experimentada ciencia. Muyto, & muyto excellentemente bem efcreveo entre os Gregos o famofo Hippocrates; mas fobre feus efcritos, naõ diffe pouco Galeno entre os Romanos. Verdade he que os que edificaõ fobre alicerfes alheyos (dizem os Criticos) naõ levantaõ grandes Palacios: ao menos fempre a fua magnificencia eftriba nos fundamentos alheyos. Ifto figurou hum Anonymo pintando hum menino nos hombros de hũ Gigante.Donde, fe fe attender a realidade, mayor que o Gigante pareceo o menino. Taes faõ as forças dos fundamentos, pois fobre elles,quando faõ folidos, os pequenos parecem grandes. Mas como naõ haja regra,que naõ tenha fua excepçaõ, aindaque Madeyra fobre o Gallico foy hum grande homem, V.M. amplificando-o,ferà menino; mas de cem annos: *Puer centum annorum.*

Ifai.cap. 65.v. 20.

O quarto, & ultimo titulo moftra a V. M Correctør : com a mudança dos tempos fe mudaõ tambem as regras das faculdades : & o que ha trezentos annos era util, hoje póde naõ fer proveytofo. Com elegantes razões, em muytas partes do feu SOCCORRO DELPHICO prova V. M. efta verdade, & feguindo a doutrina dos Modernos, reprova a difciplina, & opiniaõ dos Antigos. Nem fe Madeyra fora vivo, fe efcandalizàra da modefta, & recta reprovaçaõ, com que a attençaõ de V. M. fem lhe criminar a ciencia, o expõem correcto para utilidade publica. Só tendo Madeyra a condiçaõ de Pilatos, & a prefumpçaõ de muytos (que calla o filencio) poderia dizer: *Quod fcripfi, fcripfi.*

Joan.cap. 19.v.22.

Finalmente a ultima circunftancia da Eftatua de Memnon, he a harmonia que nella fe ouvia, depois que o rayo do Sol a penetrava. E efta harmonia tambem fe eftà vendo nefte novo, & allegorico fimulacro. Digo, vendo porque naõ he novidade ferem as vozes objecto dos olhos, quando para a percepçaõ das acclamações naõ baftaõ os ouvidos: *Populus videbat voces.*

Exod.c. 20.v. 18.

A melhor harmonia naõ he aquella, que fó fe fufpende nos ouvidos, he fim aquella, que paffando das portas defte fentido, recrea a alma no feu mageftofo Palacio do entendimento. E efta he a confonancia doce, & fuave, que como as Mufas no Parnafo fazem as ciencias no homem. Efta harmonia fe acha nefta douta Illuftraçaõ.

Diz o Real Profeta, que a Mifericordia, & a verdade fe encontràraõ, a Paz, & a Juftiça fe abraçàraõ; & reciprocando-fe os affectos, formàraõ hum admiravel Coro: *Mifericordia, & Veritas obviaverunt fibi : Juftitia, & Pax ofculatæ funt.* E o que no conceyto de David foy huma fermofa congregaçaõ de virtudes, nefta Illuftraçaõ he huma Real Univerfidade de ciencias. Aqui fe encontra a Philofophia compofta de fubtilezas; a Medicina ornada, & coroada de Pedras,de folhas,de flores,& de frutos. Aqui a Jurifprudencia,pezando na fua balança as quantidades, dà a cada hum o que lhe pertence. Aqui a Mathematica com melhor Eftrella, que com os feus Profeffores, obferva os Aftros, para a conjunção dos remedios. Aqui fe acha a Rhetorica perfeyta, porque perfuade com os exemplos, deleyta com as frazes, & infinua com a ciencia. Em fumma, nefta Illuftraçaõ eftà tudo com taõ acorde harmonia, com taõ cientifica fuavidade, que nem o defejo póde afpirar a mais, nem de V. M. fe efperava menos.

Pf.84.v. 11.

Finalmente (Senhor meu) nos Annaes de Tacito, onde vi o Coloffo de Memnon,

Memnon, naõ achey inscripçaõ alguma gravada no peyto do simulacro. E porque não tivesse esta nota a Estatua, que a V. M. consagro, nella gravarey o Penacho, que Aristoteles escreveo na que ao Divino Plataõ erigio: *Hic est ille quem probi omnes debent imitari, & commendare.* Esta he a Imagem do famoso Medico Francisco da Fonseca Henriques; cuja doutrina todos devem imitar, para ficarem como elle immortaes nos bronzes da eternidade, & eternos nos archivos da memoria.

Text. tit. de stat.

Este he o meu Elogio; mais havia de dizer; porque por muytos principios sou obrigado a dizer mais; mas valendome do Emblema de Alciato (de que V. M. jà usou) se a vontade com as azas quer subir, a ignoroncia com a pedra me naõ deyxa voar: *Dextera tenet lapidem, manus altera sustinet Alas.* Supra-o os affectos porèm a cobardia dos voos. E com elle levantarey a V. M. às Estatuas mais seguras, porque as mais affectivas. Deos guarde a V. M. como desejo, casa 11. de Junho de 1715.

Alc. emb. 120.

Servidor, & amante de V. M.

Paschoal Ribeyro Coutinho.

AUTHORES ALLEGADOS NESTA OBRA.

A

Abraham Eccheléſe.
Adriaõ Amynſich.
Actio.
Agatino.
Santo Agoſtinho.
Alberto Magno.
O Doutor Alderete.
Alexandre Benedicto.
Alexandre Trajano Petronio.
Alexandre Quintillo.
Alexandre Maſſaria.
Alexandre Traliano.
Alexandre Grego.
Alfonſo Ferreo.
Aloiſo Mundella.
Aloiſio.
S. Agoſtinho.
Ambroſio Pareu.
Ambroſio Calepino.
Amato Luſitano.
Andrè Alcaçar.
Angelo Sala.
Andrè Laguna.
Andrè Ceſalpino.
Andrè Lourenço.
Andrè Antonio de Caſtro.
Andrè Veſſalio.
Andrè de Leon.
Andrè Bellunenſe.
Andrè Baccio.
Angelo Bolognino.
Antilo.
AntonioMuſa Braſavalo
Antonio Muſa antigo.
Antonio Fracanciano.
Antonio Chalmeteu Vegeſſaco.
Antonio Gallo.
Antonio Benivenio Florentino.
Antonio Ponce de Santa Cruz.
Antonio Scanarolo.
Antonio da Cruz.
Archigenes.
Ariſtoteles.
Arnaldo de Villanova.
Averroes.
Avenzoar.
Augerio ferrerio.
Avicena.
Aurelio Minadoo.
Auſonio.
Author do lib. de propriet. rerum.

B

Bartholino.
Barbeyrac.
Benedicto Vitorio Faventino.
Bernardo Gordonio.
Benedicto Rinio Veneto
Benedicto Matamoros.
Bernardino Tomitano.
Bartholomeu Hidalgo.
Bartholomeu Montagnanã Junior.
Bartholomeu Magio.
Bartholomeu Perdulce.
Bruno Lomburgenſe.
Borello.

C

Charleton.
Carteſio.
Caetano.
D. Caetano de S. Antonio.
Caio Juriſconſulto.
Camerario.
Carlos Muſitano.
Carolo Cluſio.
Cornelio Botekoe.
Celio Calcagnino.
Claudio Quinto Adolpho.
Claudiano.
Cleyero.
Conrado Geſnerio.
Conſtantino.
Cornelio Celſo.
Coradino Gelino
Cornaro.
Coſta.
Cypriano de Maroja.

D

David.
Daniel Senerto.
Diocles.
Dionyſio Daça.
Dionyſio Medico d'elRey Dom Joaõ o II.
Dionyſio Fontanono.
Dioſcorides.
Dominico Leono Lunenſe.
Donato Antonio Abaltomati.

E

Euſtachio Rudio.
Epiphanio Ferdinando.
Eſchneydero.
Eſpigelus.

F

Felipe Ingraſſias.
Feliz Platero.
Fernando de Oviedo.
Fernelio.
Filonio.
O Padre Franciſco Soares Granatenſe.
Franciſco Valhes.
Franciſco Valeriola.
Franciſco Frizimelica.
Franciſco Dias.
Franciſco Arze del Frexnal.
Franciſco Henriques de Villa Corta.
Fráciſco Deleboe Sylvio.
Franciſco Gliſſonio.
Fracaſſato.
Florentino Schyl.
Madama Focquet.

Gaſpar

Ma-

INDICE

DOS

CAPITULOS, E NUMEROS DESTE LIVRO.

CAPITULO I.

CO-

COMEÇA-SE A TRATAR DA cura do morbo gallico confirmado.

CAPITULO XIV.

CO-

COMEÇA-SE A TRATAR DOS particulares affectos do morbo gallico confirmado, & das enfermidades, que com elle se complicaõ.

CAPITULO XXXII.

OBSERVAÇOENS QUE SE CONTEM nas illustraçoens deste Livro.

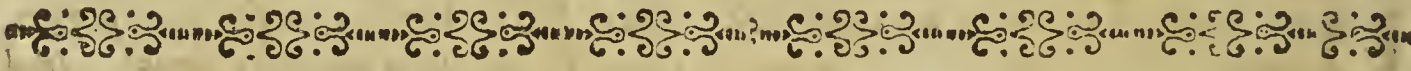
33. *Obser-*

ERRATAS QUE SE DEVEM EMENDAR ANTES DE LER.

Erro	Emenda
Pag. 4. lin. 3. affectaçaõ.	lea-se effetaçaõ.
Pag. 20. ad fin. das phantasmas.	dos phantasmas.
Pag. 45. lin. 5. no que advertiraõ.	no que naõ advertiraõ.
Pag. 45. lin. 16. partes internas.	partes externas.
Pag. 45. lin. 18. veas.	vias.
Pag. 47. lin. 1. uteys os que.	uteys saõ os que.
Pag. 55. lin. 41. ou seys.	outros seys.
Pag. 59. lin. 22. no circulo.	no seu circulo.
Pag. 59. lin. 23. no seu tempo.	no tempo.
Pag. 74. lin. 12. indicaçaõ das gonorrheas.	medicaçaõ das gonorrheas.
Pag. 78. num. 3. lin. 5. dependit.	deperdit.
Pag. 87. ln. 12. circulado.	circulando.
Pag. 103. lin. 31. Magneto.	Mangeto.
Pag. 153. lin. 22. salva.	salsa.
Pag. 180. lin. 15. lave.	lance.
Pag. 208. lin. 11. querit.	guerit.
Pag. 233. lin. 24. nossos emeticos.	nossos pòs emeticos.

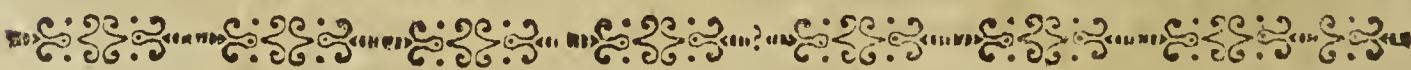
LICEN.

LICENÇAS

Do Santo Officio.

EMINENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

VI estas Annotações, que o Doutor Francisco da Fonseca Henriques fez sobre o livro de Duarte Madeyra Arraez, & nelle não achey cousa alguma, que repugne à nossa Santa Fé, ou bons costumes, antes me parece obra de grandissima utilidade pelos muytos casos praticos, & varios remedios de que se pòde usar para com facilidade se extinguir o contagio, de que trata este insigne Author, pelo que me parece se lhe deve dar a licença que pede para se imprimir. Lisboa em o Convento de Nossa Senhora do Livramento dos Religiosos da Santissima Trindade Redempçaõ de Cativos aos 24. de Janeyro de 1713.

Fr. Antonio das Chagas.

VIstas as informaçoens, pòde se imprimir o livro intitulado, Madeyra de Morbo Gallico, com as Annotações de que trata esta petiçaõ, & impresso tornarà para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella naõ correrà. Lisboa 24. de Janeyro de 1713.

Monteyro. Ribeyro. Rocha. Barreto.

Do Ordinario.

PO'de-se imprimir o livro intitulado, Madeyra de Morbo Gallico, com as Annotaçoens de que trata esta petiçaõ, & depois tornarà para se dar licença que corra, & sem ella naõ correrà. Lisboa 21. de Janeyro de 1715.

M. Bispo de Tagaste.

Do Paço.

SENHOR.

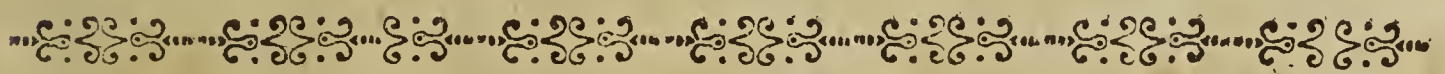
OBedecendo ao mandado de V. Magestade li o livro intitulado, Madeyra Illustrado, ou Methodo de conhecer, & curar o Morbo Gallico, que o Doutor Francisco da Fonseca Henriques Medico de V. Magestade compoz, illustrou, & encheo de ciencia, & experiencias taõ proveytosas, & novas, que

jà

jà se naõ poderà verificar, o que atè agora diziaõ todos, que debayxo do Sol naõ havia cousa que fosse nova, hoje se desvanece esta maxima com ocular, & irrefragavel experiencia, porque nestas illustrações, & additamentos do Doutor Francisco da Fonseca se achaõ mil novidades utilissimas para a saude, de q̃ nem os Authores Antigos, nem Modernos escreveraõ, porq̃ parece estava destinado, como em profecia, que este grande Medico havia de ser o que descubrisse este thesouro de riquezas, & agudezas com tanto credito, & gloria do seu nome que ficarà immortal para a posteridade, & confessarà o mundo, q̃ desta fonte seca por antiphrasi brotàraõ tantas inundações de doutrina, & proveyto para a vida dos homens, quantos saõ os livros, que o Author tem composto: nem pareça isto lisonja, porque sò he applauso devido ao merecimento, pois vejo que sendo Duarte Madeyra hum varaõ doutissimo na Medicina, & que atè este tempo foy texto, & Director da cura do gallico, naõ alcançou, nem escreveo advertencias taõ essenciaes, & necessarias para a perfeyta extirpaçaõ da tal doença, como saõ as que o Doutor Francisco da Fonseca insinua nestas suas Illustrações.

E se como bem contemplou hum venerado engenho Portuguez, hum menino sobre os hombros de hum Gigante via mais que o mesmo Gigante; que verà hum Gigante sobre os hombros de outro Gigante? Ao Doutor Duarte Madeyra reconheceo sempre a Medicina com agigantada ciencia, & com especialidade na presente materia: que ler as muytas, & doutissimas obras do Doutor Francisco da Fonseca Henriques, naõ poderà negar, que taõ merecidos applausos o elevaõ a esfera de huma admiravel superioridade, & vem a propornos este livro hum Gigante sobre hombros de outro Gigante. O Doutor Francisco da Fonseca sobre os hombros, & discursos do Doutor Duarte Madeyra.

Seguia-se agora inferir atè onde chegaõ as vistas, & penetrações de taõ elevado, & agigantado Escritor. Isso sò poderà conhecer, quem com devido respeyto ler os novos, genuinos, & fundamentaes dictames desta obra. Eu Senhor sò sey dizer, que se a enfermidade, sendo taõ universal, se exprime com o nome de huma particular naçaõ, a cura della de hoje por diante terà a Antonomasia da naçaõ Portugueza: confessando todos os Authores Medicos que o Doutor Francisco da Fonseca aumentando o texto, esgotou nesta materia a Arte. Por esta, & por outras muytas razões me parece o Author dignissimo da licença que pede. V. Magestade mandarà o que for servido. Lisboa 1. de Março de 1713.

Joaõ Curvo Semmedo.

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornarà à Mesa para se conferir, & taxar, & sem isto naõ correrà. Lisboa 20. de Mayo de 1714.

Pereyra. Costa. Andrade. Botelho.

LICENÇAS.

E Stà conforme com o ſeu Original. Trindade em o Convento de N. Senhora do Livramento dos Religioſos da Santiſſima Trindade Redempçaõ de Captivos, em 28. de Outubro de 1715.

Fr. Antonio das Chagas.

V Iſto eſtar conforme com o ſeu Original póde correr. Lisboa 29. de Outubro de 1715.

Haſſe. Monteyro. Ribeyro. Barreto. Fr. Rodrigo Lancaſtre.

P Ode correr Lisboa 9. de Novembro 1715.

M. Biſpo de Tagaſte.

T Axaõ eſte livro em doze toſtões em papel 15. de Novembro de 1715.

Duque P. Botelho. Pereyra. Oliveyra. Noronha. D. Guedes.

METHODO
DE CONHECER, E CURAR o Morbo Gallico.

PROPOEMSE DIFFINITIVAMENTE A ESSENCIA, Especies, Causas, Sinaes, Pronosticos, & Cura de todos os affectos Gallicos; & largamente se trata do Azougue, Salsa parrilha, Guayacaõ, Páo santo, Raiz da China, & de todos os mais remedios desta enfermidade.

PELO DOUTOR
DUARTE MADEYRA ARRAYS,
Illustrado pelo Doutor
FRANCISCO DA FONSECA HENRIQUES.

CAPITULO I.

Dos vàrios nomes, que o Morbo Gallico teve.

NOS dous famosos exercitos dos Reys Catholicos de Espanha, & Carlos VIII. de França, que em Napoles estavaõ pelos annos de Nosso Senhor JESU Christo de 1493. appareceo o Morbo Gallico atè aquelle tempo incognito à Europa, causando ao genero humano grande admiraçaõ, & mayor trabalho. E por esta occasiaõ (diz Monardes com a torrente dos mais Authores) lhe chamàraõ os Francezes Morbo Hispano, imaginando que os Espanhoes lho pegàraõ: & os Espanhoes Gallico, cuydando que procedèra dos Francezes; outros Neapolitano, porque em Napoles apparecèra. Os Alemães sarna Espanhola, por se parecer com sarna, & proceder de Espanha. Muytos lhe chamàraõ Sarampão da India, porque das Indias veyo, como adiante mostraremos. Outras Bruna Lues, & Lues Morautæ pelo verem a primeyra vez naquellas terras, como nota Jordano; os Malavares chamàraõlhe Pua, palavra que parece Grega, ou Latina, co-

1. c. del guala fol. 13.

Lib. prop.

Exercit. 181. n. 19. Lib. prop Trat. de Morb. Gal. c. 2.

mo nota Scaligero. Os das Ilhas Malucas, conforme o mesmo Author, Tidor. Rondelecio, Bexiga grande, ou Indica. Fracastorio, Syphilide, que como nota Fallopio, significa amizade, & conversaçaõ, porque della de ordinario nasce. Chamou-se tambem em algum tempo em Espanha Partusia, nome ao parecer Indico, que alguns interpretaõ doença grande, fea, & violenta, conforme o mesmo Fallopio. Em Alemanha se diz Pudendagra das partes por onde ordinariamente começa. Lichenes, & mentagra lhe chamàraõ outros pela analogia, que tem com estas enfermidades de novo apparecidas no tempo de Plinio Rui Dias de la Isla, o primeyro que este mal curou no insigne Hospital de Lisboa, por mandado del-Rey D. Joaõ o III. & Cirurgiaõ famoso, como se vè de suas obras, lhe deo por titulo mal Serpentino, pela semelhança ao veneno, & contagio das Serpentes: outros lhe dèraõ por nome Mal-morto; outros erradamente lhe chamàraõ Lepra, outros Bobas, por começar de ordinario por tumor de virilha chamado Bubo. Fernellio cõ muytos lhe chamou Lues Venerea, por ter certo parecer com peste, que tambem lhe chamàraõ alguns. Nas partes da India lhe chamàraõ Frangue, Frangui, como diz Garcia de Horta, & foy a causa disto, porque nas partes da Asia chamaõ a toda a Christandade de Europa Franquia, nome derivado de Francos, por lhes parecer, que os Francezes foraõ os primeyros Christãos da Europa, que àquellas partes passáraõ: outros finalmente lhe deraõ outros varios nomes, que deyxo, pois vou sendo prolixo em repetillos. E conclùo sómente com dizer, que por Morbo Gallico he hoje conhecido no mundo todo, como que só os Francezes fossem os chefes, a que este morgado pertencesse, ao que alludio Fracastorio, quando disse:

Lib. 1. c. 16.

Lib. prop

Qui casus rerum varij, quæ semina morbum
Insuetum, nec longa ulli per secula visum
Attulerint: nostra qui tempestate, per omnem
Europam, partimque, Asiæ, Lybiæque per urbes
Sævijt: in Latium verò per tristia bella.
Gallorum irrapit, nomenque à gente recepit?

QUE TRADUZIDO SIGNIFICA.

Que variaveis casos, que semente
Trariaõ desusada enfermidade,
Nunca vista nos seculos da gente,
Que agora se embravece em nossa idade,
Por toda Europa, & Asia, & Lybia ardente,
Naõ perdoando o achaque a huma Cidade,
E a Italia por guerras, que ha de França,
Investio: & da gente o nome alcança?

ANNOTAÇOENS.

NOs dous famosos exercitos. *No lugar, & no tempo em que teve origem o Morbo Gallico, houve grande discordia entre os primeyros Escritores delle; porque huns entenderaõ, 1. que tivera principio no monte Vesuvio, em huma Villa chamada* Summa, *cujos moradores, desertando a povoação assediada pelos Francezes, deyxàraõ infectos com o sangue de gente leprosa os generosos vinhos que havia*

1. Andr. Cæsalp.

na

na terra; de que resultou, que usando delles os inimigos, padecessem males cutaneos, semelhantes aos que costuma excitar este contagio. Outros 2. cuydàraõ que nascera por corrupçaõ dos ares viciados com os putredinaes effluvios de muytos lugares paludosos, & immundos, que ficaraõ daquella grande innundaçaõ, que pontificando Alexandre VI. padeceo Roma, & muyta parte de Italia, sendo tal a enchente do Tibre, & de outros rios, que parecia tinhaõ usurpado as aguas ao Oceano; desorte que em muytos mezes se navegou aquelle paiz, em memoria do que, se esculpiraõ em padraõ publico os seguintes versos:

2. Nicol. Leonic. Lib. de mo. b. gal.

Tempore Alexandri Sexti, nonisque Decembris,
Intumuit Tibris bis senas circiter ulnas.
Insula quæque domus facta est, medijsque repente
Circumducta vijs, æquabat cimba fenestras.

Outros 3. tiveraõ para si, que no anno de 1456. apparecera este contagio nos exercitos de Joaõ filho de Renato, Duque de Andegavia, & de Affonso Rey de Napoles; porque faltando os alimentos, se sustentaraõ de carne humana, que dos cadaveres occultamente tiravaõ os Provedores dos exercitos; de que se seguio, que toda aquella gente padecesse buboens, pustulas, defluvio de cabellos, & outros males, que o gallico causa. Outros finalmente assinaraõ varios principios ao morbo gallico, entre os quaes o que parece mais verisimil he, que sendo este mal antigo nas Indias Occidentaes, appareceo no anno de 1493. em Napoles entre os exercitos, que alli se achavaõ, communicando-selhe da gente, que de hum, & outro sexo trouxera da India o famoso Christovaõ Colon, em testemunho das terras que tinha descuberto; & como nos exercitos havia gente de varios Reynos, recolhendo-se cada qual à sua terra, & levando o contagio comsigo, assim se veyo a fazer commum por toda a Europa, no que assenta o mayor numero dos Escritores.

3. Lenan. Fiorav. Andr. Alcaçar. Lib. de gal.

Até aquelle tempo incognito. *Em averiguar se o morbo gallico fora incognito até o tempo da sua appariçaõ em Napoles, ou se fora já conhecido dos antigos, se empenharaõ com prolixa penna muytos Authores, hum dos quaes he o nosso Madeyra; 4. inutil trabalho na verdade! Pois que importa, que o gallico fosse, ou naõ fosse conhecido dos Antigos? E que importa, que nas obras de Hippocrates, de Plinio, de Suetonio Tranquillo, de Fracastorio, de Hugo Senense, de Guilherme Salaceto, de Bernardo Gordonio, de Valesco de Taranta, & de outros que escreveraõ do gallico antes de se propagar taõ diffusamente pelas partes do mundo, se ache mençaõ de alguns achaques, que tem semelhança com os que padecem os gallicados, para affirmar, que já naquelles seculos havia noticia deste contagio, quando he certo, que sem elle póde haver os mesmos damnos, que o contagio causa; que nos gallicados o que ha de mais, he sómente o contagio communicado por meyo do congresso com pessoa infecta, cousa em que os Antigos naõ fallaraõ. Ninguem duvida, que póde haver pustulas nas partes obscenas, que tenhaõ semelhança com as dos gallicados; ninguem duvida, que póde haver tal intemperança no interior das partes pudendas, que lhe deprave o seu nutrimento, & haja hum fluxo de materias quentes, acres, & mordazes, como saõ as da gonorrhea virulenta; mas nem este froxo, nem aquellas pustulas se communicaràõ de corpo a corpo por meyo de congresso, como succede nos gallicados. O certo he, que muytos males, sendo antigos, naõ foraõ conhecidos em todos os seculos; assim o vemos no rheumatismo, que muyto tempo se confundio com a gotta arthetica; assim o vemos na asma convulsiva, & nas dores ictericas, que só dos Modernos foraõ conhecidas, & curadas; porém o gallico em qualquer tempo que o houvesse, pela circunstancia de se communicar*

4. Quæst. 4. Part. 2.

 por

por meyo de congresso, sempre se faria conhecido. Tambem he certo, que naõ vieraõ logo juntos todos quantos males affligem a natureza humana, senaõ que de tempo a tempo, pela affectaçaõ, & debilidade da mesma natureza, & pelo depravado modo de vida, se foraõ produzindo; sendo tal a providencia do Creador do mundo, q̃ ao mesmo passo, que foraõ crescendo os males, se foraõ tambem descobrindo para elles novos remedios. Antigamente eraõ menos as enfermidades, & havia na Medicina poucos auxilios; aumentou-se o numero dos males, & cresceo na Medicina a copia dos remedios, de tal maneyra; que a multidaõ serve muytas vezes de embaraço para a escolha. Permittio Deos talvez que houvesse o morbo gallico para castigo das dissoluçoens dos homens, como notou Maroja, 5. dizendo: Existimo ob hominimum pravos mores, & luxuriam Deum hunc morbum produxisse, ut multis laboribus, fœditatibus, & doloribus ipsos cruciet, & torqueat, in ipsisque dolores sentiant, in quibus voluptatem perceperunt; *mas logo lhe descobrio o remedio nos efficacissimos antidotos com que se vence. E bem podia succeder, que não havendo este contagio nos seculos primeyros, tivesse nestes ultimos a sua origem, negando-se totalmente à noticia dos Escritores antigos. Mas não ha para que occupar o tempo com cousas de que se não tira utilidade pratica.*

5. Cyprian. de Mar. tract. de morb. gal. in princip.

Syphilide. *Fracastoreo, elegante Poeta antigo, chamou ao morbo gallico* Syphilide, *não porque este vocabulo significasse conversação, & amizade, de que ordinariamente nasce este contagio, como por lição de Fallopio affirma Madeyra; mas porque entendeo Fracastorio, que se chamou Syphilo o primeyro homem que padeceo este mal; ve-se do seguinte verso:*

Syphilus, ut fama est, ipsa hæc ad flumina pastor.

Veja-se Zacuto Lusitano, 6. que fez deste ponto questaõ particular.

6. Zac. tom. 1. lib. 6. histor. 5. quæst. 6. f. mihi 920.

CAPITULO II.

Da essencia do morbo gallico, & sua definição.

Morbo gallico he huma qualidade occulta, venenosa, & maligna, contrahida necessariamente por contagio, principalmente offende o figado, & constitue per si enfermidade, & he causa de todos os tres generos dellas. Para se entender a primeyra parte desta definiçaõ se ha de notar que as qualidades humas saõ elementaes, outras de outra ordem mais nobre; as elementaes saõ aquellas quatro primeyras, a saber, calor, frialdade, secura, humidade; & as que destas nascem chamadas por esta razaõ segundas, como os sabores acre, amargoso, salgado, adstringente, azedo, raridade, densidade, dureza, molura, & outras. As de ordem mais nobre que as elementaes, humas saõ manifestas aos sentidos exteriores, como a luz, o som, o impulso: outras naõ se pódem perceber pelos mesmos sentidos, & por isso lhes chamaõ occultas, naõ porque o entendimento deyxe de as alcançar, (como muytos imaginaõ, & por isso zombaõ dos que recorrem às qualidades occultas, cuydando que pelas chamarem assim, naõ póde haver noticia dellas) mas deraõlhe este nome, por naõ serem aos mesmos sentidos manifestas, exemplo das quaes saõ a qualidade, com que a pedra de cevar attrahe o ferro, o alambre as palhas, os medicamentos purgativos aos humores, & aquellas que os corpos celestes nos inferiores influem, & as faculdades do corpo vivente, v. g. vital, animal, & natural: as qualidades com que os venenos offendem, & aquellas com q̃ os alexipharmacos lhe resistem; & finalmente todas as espirituaes,

como o entendimento, vontade, seus habitos, & actos de sciencia, amor & seus contrarios; & do mesmo modo a graça, & os habitos das virtudes moraes, & outros muytos de que trataõ os Theologos. Isto posto, dizemos que o morbo gallico he huma qualidade, que naõ he primeyra, nem segunda elemental, mas outra de ordem superior; naõ das que os sentidos percebem, senaõ outra diversa, que pelos effeytos o entendimento alcança, da ordem das que chamaõ occultas, pelo serem os sentidos, das quaes mais largamente trataremos na segunda parte, & na disputa das qualidades venenosas.

E para se entender que a qualidade Gallica he venefica, se note que dos venenos huns o saõ só pelas qualidades manifestas elementaes, & impropriamente se dizem venenos, como consta de Galeno; outros por qualidades occultas, que offendem o vivente. E porque humas fazem sómente damno à faculdade vital, outras à natural, esta do morbo gallico só offende a faculdade natural, em especial a que pertence à sanguificaçaõ, & por isto dissemos que he venenosa, & que offende principalmente o figado; o que tudo por extenso provaremos na segunda parte, porque nesta trataremos só succinta, & definitivamente as causas do morbo gallico, por naõ embaraçar aos que naõ saõ Letrados, com disputas, & argumentos.

3. Sympt. 19. & seq.

Quæst. 4.

E ser esta qualidade maligna mostraremos tambem na segunda parte, porque de tal maneyra he nociva, que naõ tira totalmente a esperança de se poder remediar, conforme a doutrina de Galeno.

Quæst. 4.

Dissemos, que necessariamente se contrahe o morbo gallico por contagio, para lançar fóra todas as mais enfermidades venenosas, que nascendo no corpo espontaneamente, sem contagio pódem succeder; o que nunca acontece ao morbo gallico, como a experiencia mostra, & he commua opiniaõ dos Authores mais graves, como Fernelio, Palmario, Massa, Fallopio, Rudio, Mercurial, Massaria, & outros muytos, & nós o provaremos em sua questaõ particular.

1. part. cõ 1. text. 14.

E posto que os mais dos Authores disseraõ, que a qualidade gallica naõ fazia enfermidade por si; com tudo a nós nos parece o contrario, porque em sua particular questaõ da segunda parte, & na disputa que fizermos sobre as qualidades venenosas, mostraremos com evidencia, que a qualidade gallica, & todas as mais veneficas offendem as faculdades *immediatè* por sua presença, & consequentemente constituem por si enfermidade, conforme a doutrina de Galeno, que a define por affecto preternatural, que por si *immediatè*, *& principaliter*, offende as operações.

Lib. Prop. 2. p. q. 11.

Quæst. 5.

E porque tambem na mesma disputa mostraremos ao claro, que as qualidades venenosas, além da lezaõ que fazem em genero de causa formal, offendem tambem em genero de causa efficiente equivoca, produzindo no corpo vivente neste genero de causa as qualidades manifestas elementaes; por isso he certo, que o morbo gallico he causa de todas as enfermidades manifestas; o que tambem confessaõ todos os Authores, & o mostra a experiencia, com tanto damno, que padecem destemperanças, chagas, tumores, & outros varios males do temperamento, composiçaõ, & uniaõ, todos occasionados da dita qualidade; em tanto, que veyo a dizer Joaõ Langio, que era este mal huma enxurrada de todas as enfermidades.

Lib de diff. morb. & 6. met. 61. & sæpe alibi.

Em conclusaõ naõ he o morbo gallico destemperança quente, nem fria, nem humida, nem seca, nem composta destas, nem cousa, que ellas produzaõ em genero de causa efficiente, nem tumor preternatural, nem chaga, nem outro vicio na uniaõ, ou composiçaõ; mas he sómente aquella qualidade de ordem superior

occulta, que tem de natureza offender o figado, & causar todos estes tres generos de enfermidades manifestas, que tambem por anologia se chamaõ Gallicas, quando della procedem, & se naõ pódem curar, sem que ella primeyro se cure.

ANNOTAÇOENS.

QUalidade occulta. *A essencia do morbo gallico poem o Author em huma qualidade occulta venenosa, o que persuade com diffusissima escritura na questaõ quarta da segunda Parte, com a torrente dos Authores que atè o seu tempo escreveraõ deste contagio. E sendo certo que o gallico não he frio, nem he quente, & que não tem outra qualidade manifesta porque haja definirse; pois o mostrar-se entre effeytos de calor, ou de frio, depende dos humores em que o seu fermento se implanta, & os seus seminarios se sigillaõ: todavia os Escritores modernos, negando com estro as qualidades occultas, & empenhando-se nervosamente em reduzir tudo a causas manifestas, entre estas quizeraõ mostrar a natureza do morbo gallico, o que não fizeraõ taõ felizmente, que possa aquietar-se com a sua doutrina o animo indagador da verdade. Carlos Musitano* 1. *escrevendo furiosamente contra os Galenistas, depois de reprovar com soberba penna o asido das qualidades occultas, poem a essencia do gallico em huns effluvios virulentos, que no serviço de Venus de corpo a corpo se communicão. Mas além de não exprimir manifestamente qual seja a natureza destes effluvios, suppoem por cousa certa, que elles se elevaõ de chagas podres; como se fora preciso, que todos os gallicados houvessem de ter estas chagas, para por meyo dellas, ou dos seus halitos se propagar o contagio, quando vemos, que sem terem exulcerados os beyços, communicaõ os meninos gallicados este veneno às amas que os criaõ. Joaõ Doleu* 2. *disse que o contagio gallico consistia em hum acido acre, & em hum fermento viscido, dotado de huma acrimonia volatil. Naõ differe muyto a opiniaõ de Sylvio Deleboe,* 3. *que poz a natureza deste contagio em hum acido acre peculiar, errodente, & corrosivo. Mas nem hum, nem outro explicou bem o que tinha este acido de peculiar, & especifico, para se fazer contagioso, quando o naõ podia ser só pela razaõ de corrosivo. O certo he, que este negocio ainda està entre sombras. Bellamente o clarissimo Ettmullero,* 4. *que pondo a natureza do morbo gallico em hum acido especial, que introduzido no corpo à maneyra de fermento se diffunde por todas as suas partes, cujos humores vicia, & cujas funções offende, confessou cõ ingenuidade, que o q̃ tinha de especifico este contagio, era taõ occulto, que se naõ podia exactamente determinar:* Causa efficiens, (*saõ as suas palavras*) materialis, proxima hujus morbi, consistit in acido sui generis peccante, cujus tamen natura specifica à priori non adeò exactè determinabilis est. *Mais claramente Jackson,* 5. *que confessando que a causa do morbo gallico era taõ occulta, que positivamente naõ podiaõ os homens assinalla, só por conjecturas diz o que lhe parece. Havemos de transcrever as suas palavras.* Credimus sanè (*diz elle*) multos esse effectus naturales, & mala materialia, quorũ causa manifesta nemini innotescit; quo etiam sensu dicimus, causam hujus ipsius morbi adeò in occulto latere, ut positivè eam designare penes nos non sit; conjecturam tamen facimus, causam hujus morbi esse inquinamentum quoddam depravatum, ortum à putrefactione variorum, & forsan discrepantium seminum injectorum in matricem de fœdatam copulatione nimium crebra, & inopportuna, unde fermentum quoddam venenatum semini intrò recepto insinuatur.

Nòs dizemos, que nos seminarios do gallico ha hum fermento acido, volatil, acre, & corrosivo, o qual excita pustulas, & chagas nas partes pudendas, & chegando a depravar o acido natural do sangue, he causa de dores agudissimas em varias partes do

corpo,

1. Musitan. tom. 2. trutin. Chir. lib. 2. de lue ven. cap. 3. & 4.

2. Dol. encyclop. med. l. 3. cap. 15.

3. Deleboe tract. de Lue ven.

4. Ettmull. in Colleg. pract. tom. 2. fol. mihi 521.

5. Josephus Jachson. in appẽd. ad Enchirid. med. fol. 173.

corpo, de se cariarem os ossos, & de outros incommodos, que bem mostraõ estar a massa sanguinaria viciada com acido acrimonial deste contagio. Mas consideramos, que alèm deste acido acre, & erodente, com que o gallico nos seus productos se manifesta, ha nos seus seminarios cousa especifica occulta, que o faz contagioso, & que he causa de todas as suas particularidades, que em nenhum outro achaque se descobrem. Porque primeyramente este contagio naõ se communica, & se propaga só porque he corrosivo, nem porque saõ putredinosos os seus effluvios, ou seminarios: pois aindaque haja chagas podres, & corrosivas nas partes obscenas, naõ se communicaràõ de corpo a corpo pelos accessos, senão forem gallicas; nem ainda no escorbuto, achaque contagioso, & muyto semelhante ao gallico, se acha esta propriedade especifica de se communicar por meyo do congresso. Alèm de que o gallico naõ cede a remedios de qualidade manifesta, pois só com a salsa parrilha, pào santo, raiz da China, saxifrás, & finalmente só com o mercurio se extingue, que saõ os seus especiaes antidotos, & alexipharmacos. Logo parece, que alèm do vicio corrosivo, acido, salino, & acrimonial, que se poderia modificar, & corregir com os alcalicos, & dulcificantes mais generosos, ha no gallico alhuma qualidade occulta, que desprezando todos estes remedios, só com os seus antidotos se doma, & se vence, porque ha tambem nelles, alèm das suas qualidades manifestas, huma especifica virtude anti-venerea, com que este veneno se estingue. Nem se cuyde que elles curão o gallico por moverem suor, como entendeo Musitano; porque em qualquer remedio sendo sudorifico se acharia a mesma virtude.

E se nos differem, que a salsa, o páo santo, & os mais alexipharmacos referidos, não curão o gallico pela qualidade occulta, que nelles consideramos, senão por serem remedios polychrestos, como diz Sinapio em hum dos seus Paradoxos; & por haver nestes remedios muytas partes oleosas, com que o acido acrimonial deste cõtagio se infringe, se hebeta, & inteyramente se corrige: depois de nos admirarmos de q̃ em duas onças de raiz de salsa parrilha se considere tanta, & tão poderosa oleosidade, que dando-se o seu cozimento, baste para dulcificar a massa sanguinaria, viciada com o acido venereo, & para vencer cabalmente o gallico mais radicado: perguntaremos, se no azougue ha tambem esta virtude oleosa; porque elle he entre todos os remedios deste contagio o que mais certamente o cura, & o contrario, que com mayor efficacia o vence, & mortifica. Poderàõ dizer, que o azougue tomado pela boca na preparaçaõ do mercurio doce, ou de varias panaceas, tem huma virtude muy dulcificante, & que assim emenda o acido vicioso, & acrimonial do sangue, & por isto he melhor remedio do gallico. E na verdade, que tendo nòs o mercurio bem dulcificado por hum generosissimo alcalico, & absorvente para corregir, & emendar o acido vicioso do sangue: todavia não nos podemos persuadir a que com quarenta grãos de mercurio, que em sinco, ou seis dias se tomão pela boca, se faça isto taõ poderosamente, que se cure com elles o gallico inveterado, & rebelde, como muytas vezes tem succedido. Quanto mais que esta razão só tem lugar no mercurio tomado pela boca, & não no que se applica em unturas, em que se não póde considerar virtude dulcificante. Dirão, que o azougue applicado em unturas, não cura o gallico dulcificando, & corregindo o acido venereo, senão purificando a massa do sangue pela salivação, & outras evacuações, que move. Mas esta razão não milita quando o mercurio sem mover salivaçaõ, nem outra alguma evacuação, cura o gallico perfeytamente, como varias vezes temos observado, dando unturas de azougue, com que os doentes não salivàrão, nem tiveraõ outra evacuaçaõ sensivel, & ficàraõ saõs dos achaques gallicos, que padecião, porque o azougue com a sua especifica virtude póde destruir aquella qualidade que no gallico se occulta aos sentidos, mostrando-se aos entendimento nos effeytos, & he a que dà vigor ao fermento contagioso, & venereo, & a que aguça a actividade do seu acido.

Sinap. Parad. med. p. 2. fol. mihi 106.

Naõ

Naõ louvamos a facilidade com que muytos Authores, ſem trabalho do engenho, recorrem ao ſagrado das qualidades occultas, em couſas que tem a inveſtigaçaõ difficultoſa; mas tambem não louvamos, que ſe neguem com furor aquellas qualidades, para reduzir os poderes que lhe attribuem a huns ſaes peregrinos, & anomalos, a huns acidos peculiares, & a huns fermentos eſpecificos, cujas naturezas não exprimem, deyxando-as ficar mais occultas, que as meſmas qualidades que negaõ. Folgara eu que os que reprovaõ as qualidades occultas, me diſſeſſem, que qualidade he aquella com que a pedra de cevar attrahe o ferro, o alambre as palhas, & o ouro o azougue? Qual he a qualidade com que o heliotropio buſca o Sol, com que a Aguia teme ao eſcaravelho, o Leaõ ao gallo, & o Elefante à formiga? Qual a qualidade com que a tremelga tocando na cana entorpece o braço do peſcador? Quizera que me diſſeſſem a que qualidades manifeſtas pertence a contrariedade que tem o gato com o rato, o galgo com a lebre, & outras muytas ſympathias, & antipathias occultas que eſtamos vendo nas couſas com demõſtrações manifeſtas? Naõ ſey ſe diraõ tambem, que iſto depende de algum acido peregrino odioſo, ou de algum fermento familiar eſpecifico. O certo he, Senhores, que a natureza tem ainda muytas couſas em ſegredo, como dizia Seneca, 5. *das quaes admiramos os effeytos, ignorando totalmente as cauſas, que naõ devemos negar, ſó porque as naõ chegamos a comprehender, como a outro propoſito dizia S. Agoſtinho:* 6. Non ideò negandum quod apertum eſt, quia comprehendi non poteſt quod occultum eſt. *Profundamente Avincena:* 7. Et iſtæ quidem, *diz elle*, ſunt res, quas homines credere abhorrent, quia difficilis diſpoſitionis non noverunt habitudines; illi verò qui ſapientiam diligunt, non negant. *E diſſe com ingenuidade o eruditiſſimo Franco,* 8. *que havia em nòs meſmos couſas tão abditas, & occultas, que ſem pudor deviamos confeſſar que as ignoravamos:* Fatendum eſt (*ſaõ as ſuas palavras*) plurima in nobis accidere, quorum cauſa adeò eſt occulta, ut non pudeat ignorantiam fateri; quandoquidem humanæ ſapientiæ laus eſt ſe multa neſcire, confiteri, & quædam æquo animo neſcire, velle ſapientiæ pars. *O que decantou com ellegancia Lucrecio, quando diſſe:*

Multa tegit ſacro involucro natura, nec ullis
Fas eſt ſcire quidem mortalibus omnia Multa
Admirare modò, nec non venerare; nec illa
Inquires, quæ ſunt arcanis proxima; namque
In manibus quæ ſunt, hæc nos vix ſcire putandum,
Eſt procul à nobis adeò præſentia veri.

Venenoſa, & maligna. *Chama o Author à qualidade gallica venenoſa, & maligna, porque offendendo como veneno, reſiſte aos remedios como maligna; que eſta differença ha entre venenoſo, & maligno: o venenoſo he taõ nocivo, que quando não mata, offende; & o maligno he taõ arduo, & perigoſo, que difficultoſamente ſe ſupera. Mas porque dos venenos ha varias ſortes, huns que offendem com qualidades manifeſtas, outros com qualidades occultas, entre eſtes havemos de numerar o contagio gallico, pois, como temos dito, naõ tem qualidade manifeſta com que haja de definirſe; & ſe humas vezes chega a moſtrarſe com effeytos de calor, outras vezes de frio, he pela differença dos humores em que ſe ſigilla, aos quaes vicia com o ſeu fermento acido acre, erodente, & corroſivo, o qual nos humores quentes excita danos mais ſenſiveis, & nos frios, & viſcidos produz achaques mais repugnantes.*

Neceſſariamente contrahida por contagio. *O morbo gallico ſó por contagio ſe contrahe; os meyos, & modos de ſe contrahir, ſegundo as obſervações de grandes Praticos,*

5. Sen. l. 5. q. Arcana illa rerũ naturæ ſacræ, non promiſcuè, & omnibus patent; reducta, & interiori ſũt clauſa ſacrario.
6. D. Aug. lib. de bono præſ. cap. 14.
7. Avic. 2. 1. doct. 2. cap. 14.
8. Gaſp. à Reys Franc. q. 50. Cãp. Elyſ.

cos, saõ varios, & differentes. Horstio, 9. & Zacuto o observàrão communicado sem congresso, só por estar na mesma cama com pessoa infecta, Hildano 10. o vio propagado por meyo dos vestidos; & por meyo de hum instrumento com que se sarjou huma pessoa que padecia este mal, o vio communicado o mesmo Horstio; 11. o que por applicação de humas ventosas observou tambem Cornario, 12. por osculos Foresto, 13. & bebendo pelo mesmo pucaro Botallo. 14. Porém o modo mais commum de se propagar este contagio, he por accesso com pessoa infecta, ou por meyo de suores, ou por osculos, ou por herança de pays a filhos, & a netos, ou por lactação. Por suores se communica este contagio, introduzindo-se os seus seminarios pelos póros da contextura cutanea, com o suor laxados, & patentes. Por osculos, & pucaros, mediante a saliva quando não seja por haver pustulas gallicas na boca. Pela latação, communicando-se o contagio ao menino pelo leyte, & à ama pelos buracos dos peytos. Por herança, passando dos pays aos filhos, & netos o character contagioso, que muytas vezes reluz em huns filhos, sem offensa dos outros; & outras vezes vem a offender os netos, ficando illesos os filhos; o que depende da actividade do contagio, & do vigor das naturezas.

E ainda que este contagio se propague com facilidade no breve tempo de hum congresso, não he todavia tão activo, que de distancia se possa communicar, como succede nas epidemias malignas, em opthalmias contagiosas, & em outros contagios, cujos seminarios mediante o ar se communicaõ. Nem basta qualquer approximação, & cõtacto para se cõmunicar este contagio, porq̃ pela debilidade delle, nẽ per toda a parte se pódem cõmunicar os seus seminarios; consta claramente, porque tocando-se varias vezes com as mãos as chagas, & pustulas gallicas, não se communica o contagio por este contacto, levando muyto mais tempo que hum accesso, & sendo repetido; que se por este modo se contrahira, não haveria Cirurgião, que se não gallicasse; o que não succede, porque os effluvios, & seminarios gallicos, não pódem penetrar a contextura da pelle perfeyta, & grossa, & só se communica pelas partes que estão cubertas com huma epiderme, ou pellicula delgada, & de textura rara, como são os beyços a lingua, as gingivas, & mais partes da bocca, o interior da vulva nas mulheres, & a extremidade da parte pudenda nos homens; razão porque mais ordinariamente só na tal extrimidade se formão pustulas, & chagas gallicas depois do congresso impuro, & não na mais pelle da dita parte por ser esta mais grossa que aquella cuticula, que com facilidade se deyxa penetrar dos effluvios do gallico. E porque basta a grossura da pelle para estes se não admittirem, por isto só estando laxas as fibras das glandulas miliares, & subcutaneas, & patentes os seus orificios nos suores copiosos, se communica pela contextura da pelle este contagio, & não por qualquer contacto, & approximação com pessoa gallicada. Do que temos dito se vè, que o gallico se póde communicar facilmente pela boca, ou por meyo dos osculos, ou usando da mesma colher, ou garfo, & bebendo pelo pucaro de pessoa infecta. E tambem pela via excrementicia, tomando ajudas com xeringa que servisse a gallicados; ou provendo-se a natureza no mesmo lugar pouco tempo depois de o haver feyto pessoa contagiada. Veja-se Musitano, 15. de quem tiramos esta doutrina.

Principalmente offende o figado. *Este erro merece correcção. Cuydou o Author, que o figado era a parte principalmente offendida no gallico; porque teve para si com os Antigos, que o figado era officina da sanguificação, que nos gallicados se reconhece viciada; & suppoz, que para se viciar a sanguificação, era preciso que se offendesse primeyro a sua officina; & assim veyo a dizer, que o figado era a parte em que o contagio gallico se imprimia, & donde se communicava a todas as mais partes do corpo; sendo assim, que nem o figado sanguifica, nem o gallico por especial sympathia se sigilla nelle. Deste erro foy pro-Author Galeno; porque sendo desde o tempo de Aristoteles atè o seu tempo reputado o figado por contrapezo do corpo, como parte abjecta, & inutil, elle o*

9. Horst. lib. 7. Obs. 13. Zac. 1. prax. mirand. Obs. 58.
10. Hildan. centur. 1. curat. 100.
11. Horst. lib. 7. Obs. 8.
12. Cornar. lib. Obs. cap. 25.
13. Forest. lib. 32. Obs. 2 in Schol.
14. Botal. de Lue vener. fol. mihi 472.
15. Carol. Musit. lib. 2. de Lue vener. c. 4.

ſobio ao mais alto ſolio da dignidade, fazendo-o officina da ſanguificação, & conſtituindo-o Monarcha do Microcoſmo. Delle diſſe, que animava com o ſeu calor o eſtomago, & inteſtinos; que diſtribuhia ſangue ao coração, & às arterias; que dava materia ao cerebro para os eſpiritos animaes, & para ſeminar aos orgãos da geração, affirmando finalmente que delle dependia toda a alimonia do corpo. Mas toda eſta dignidade, todo eſte nobre imaginado trono do figado ſe deſtrubio, & ſe arruinou com o pequeno phenomeno de Pecqueto, Medico Francez, que no anno de 1651. *deſcobrio felizmente, que o alimento depois de commutado no eſtomago, paſſava pelas veas lacteas, & pelo ducto thoracico, de que foy inventor, a confundirſe com o ſangue nas veas, aonde tomava a ſua fórma, & natureza, ſem que o figado interviſſe neſta ſanguificação, o que eſtà hoje ſem controverſia tão recebido, que Thomàs Bartholino fez publicas exequias ao figado, depondo-o em theatros publicos da dignidade de ſanguificar, deyxandolhe ſómente o uſo de depurar o ſangue quando por elle circula, ſequeſtrando a cholera pelo ducto biliario para a bexiga do fel; por mais que em defenſa do figado ſe empenhaſſe ſeu protector Ludovico Bilſio, cuja opinião refutàrão muytos Anatomicos, como Ruiſch no Tratado das vulvulas dos vaſos lymphaticos, & Jacob Henriques Pauli na Anatomia da Anatomia Bilſiana; o que notamos jà no Capitulo preludial da noſſa Medicina Luſitana, & no Capitulo em que tratamos da intemperança quente do figado. E eſtando neſta doutrina jà ſe vè como he erro capital o dizer que o figado he officina da ſanguificação, & o cuydar, q̃ he a parte principalmente affecta no gallico, cujos ſeminarios recebidos, & conſervados em qualquer parte do corpo, mediante a circulação ſe ſigilão na maſſa ſanguinaria, porque o ſangue no ſeu circulo os vay tomando da parte infecta, de que reſultão os geraes danos, que em varias partes experimentão os gallicados, ſem que para iſto haja dependencia alguma do figado. E aſſim havemos de aſſentar em que a parte principalmente affecta no gallico, he a maſſa do ſangue, na qual o fermento gallico ſe ſigilla, viciandolhe o ſeu acido natural, & begnino, & introduzindolhe hum acido acrimonial, volatil, & corroſivo. Deſta doutrina ſe vè tambẽ como ſe attribuem injuſtamente ao figado muytos achaques de calor, & de frio, que dependem, ou do vicio do ſangue, de que elle não he Author, ou da leſão da propria parte que os padece; o que devião advertir aquelles que chamão figado a qualquer impigem, chaga, & comichão, que haja em alguma parte do corpo, ainda que diſtante do figado. E viſto que eſta parte não he officina da ſanguificação, nem o contagio gallico nella ſe implanta, tudo quanto neſte particular diz o Author, ſe deve entender da maſſa ſanguinaria, em que os ſeminarios deſte contagio ſe ſigillão.*

Conſtitue por ſi enfermidade. *Foy muy contencioſo entre os Eſcritores deſte contagio o averiguar ſe elle por ſi conſtituhia enfermidade, ou ſe era ſómente cauſa dellas. Mas ſe eſte contagio offende, & vicia a maſſa do ſangue, no que não ha duvida, parece que tambem a não póde haver em q̃ he enfermidade, da qual depois reſultão outras, que o ſangue viciado cauſa. Quem quizer gaſtar o tempo neſtas metaphiſicas, veja o Author na queſtão.* 5. *da ſegunda parte.*

CAPITULO III.

Das eſpecies, ou differenças do morbo gallico.

HE certo que a qualidade gallica he de huma ſó eſpecie infima, & ſe não póde dividir eſſencialmente em outras, como provaremos em ſeu lugar. Porém accidentalmẽte, & com utilidade dividem os Authores o morbo gallico em varias eſpicies. E deyxadas outras diviſoens menos importantes, pode-ſe dividir

2.p.q. 4.

Lib.prop

dir com Joannes de Vigo, Antonio Muſa Braſſavalo, & outros Authores graves em Incipiente, & Confirmado. O Incipiente he aquelle em que a qualidade contagioſa gallica faz alguma ſenſivel leſaõ no corpo, ſem que ao figado ſe tenha communicado, como quando ha chagas gallicas de partes bayxas, gonorrheas purulentas, & outros ſemelhantes affectos contrahidos de freſco de alguma occaſiaõ contagioſa. O Confirmado he aquelle, em que a má qualidade ſe tem communicado ao figado, nelle faz jà leſaõ ſenſivel na ſanguificaçaõ.

Eſte ſe divide em quatro eſpecies, conforme a Fernelio, ao qual ſeguem os mais dos Authores, que depois delle eſcreveraõ. A primeyra he aquella, em que a qualidade gallica faz taõ pouca leſaõ no figado, que naõ reſultaõ della outros excrementos mais que huns vapores acres, & mordazes, que a natureza logo expelle ao ambito do corpo, onde naõ faz outro mal ſenaõ roer as raizes dos cabellos, & pelarſe a cabeça, & barba, & he ſemelhante eſta eſpecie à febre diaria, que ſe radica ſómente nos eſpiritos.

A ſegunda eſpecie he jà hum pouco peyor, a ſaber, quando a má qualidade ſe eſtende, ou intende, mais no figado, & o faz produzir outra eſpecie de excrementos mais craſſos, os quaes a natureza lança tambem à ſuperficie do corpo, onde fazem humas maculas pequenas, & razas com o meſmo couro, vermelhas, ou amarellas, do tamanho de lentilhas, ou (fallando mais portuguezmente) ſardas, das quaes he cauſa a mais delgada porçaõ do ſangue infecto da má qualidade, & aſſim naõ póde fazer outro ſymptoma de mayor prejuizo que eſte.

Lib. de Luc v. c. 5

A terceyra eſpecie do morbo gallico he jà peyor que as duas primeyras, porque a má qualidade eſtá jà mais ſenhora do figado, & o faz gerar outros humores excrementicios mais craſſos, porém ainda a natureza os póde expellir à ſuperficie do corpo, onde naõ ſómente fazem cahir os cabellos, & cauſaõ aquellas maculas ſemelhantes a ſardas, como na primeyra, & ſegunda eſpecie; mas tambem fazem humas ampolas vermelhas, & às vezes declinantes a flavas, que primeyramente naſcem no roſto, & depois pela cabeça, & todo o corpo, de ordinario redondas, & ſecas, ſem materia, & depois tambem fazem coſtra, ou boſtela, & ſe as deſprezaõ corroem o couro, & carne, & fazem chagas as mais vezes virulenta, & juntamente ſordida, em eſpecial nas partes fracas, como narizes, garganta, boca, & outras ſemelhantes, cuja cauſa he o meſmo ſangue cholerico, & aduſto infecto da qualidade venenoſa.

A quarta eſpecie he aquella, em que a má qualidade he jà tanta no figado, que géra tantos, & taõ craſſos excrementos, que os naõ póde a natureza apartar do ſangue, & vaõ juntamente com elle até ſe communicar às partes ſolidas, a ſaber, oſſos, ligamentos, membranas, & nervos: nos quaes como o mantimento he taõ impuro, ſe ajunta muyta copia de excrementos, que apartaõ o perioſtio dos oſſos, & fazem tumores ſcirroſos, fiſtulas, chagas profundas, & cavernoſas, todas de má qualidade, & com ſua maligna acrimornia cauſaõ dores intoleraveis, mais de noyte que de dia, vigilias graviſſimas, & outros graves ſymptomas, com que o doente vem a emmagrecer, & acabar os dias de ſua vida, principalmente ſe com grande cuydado ſe lhe naõ acode. E naõ ſómente nas partes de fóra, mas tambem nas de dentro naſcem puſtulas, tumores varios, & chagas, como notou Fernelio, Jouberto, & Geſnerio. E a tanto chega o mal algumas vezes, que a tunica do figado ſe corroe, como obſervou Alexandre Benedicto, ou pelo menos ſe enche de puſtulas, & ſarna, como vio Bernardino Tomitano.

2. lib. de abd. c. 14. Lib. de variol. mag. c. 4. cit. ab. Schec. fol. 897. col. 2. in fin. Lib. 13. de cur. morb. c. 25. Lib. 1. de morb. gal c. 13.

ANNOTAÇOENS.

INcipiente, & confirmado. *Divide o Author o morbo gallico em incipiente, & confirmado; & subdivide este em quatro especies, graduadas pela mayor, ou menor gravidade dos danos que causa; mas isto succede de tal maneyra, que bem póde este contagio passar a ser confirmado, sem ter sido incipiente; & bem póde manifestar-se na quarta especie, sem ter passado pelas primeyras. O ser incipiente consiste em offender as partes obscenas com pustulas, com chagas, com gonorrheas, & outros incommodos, contrahidos logo depois do congresso impuro, sem que o contagio se haja sigillado na massa sanguinaria. O ser confirmado está em chegarem a implantar-se na massa do sangue os seminarios gallicos, destruindolhe o seu temperamento, viciando-a com o seu acido acrimonial, & corrosivo, de que procedem os muytos danos que experimentaõ os gallicados, que saõ mayores, ou menores, segundo he mayor, ou menor o vicio do sangue. E bem póde succeder, que haja tal actividade neste contagio, que chegando ao sangue, o altere, & vicie de maneyra, que logo se manifeste com os males da quarta especie, sem terem reluzido os das primeyras; assim como tambem succede, que o gallico chegue a cõmunicar-se ao sangue, & a confirmar-se nelle, sem ter apparecido nas partes obscenas com as demõstrações de incipiente; o q̃ dizemos, para que ninguẽ cuyde, q̃ por naõ haver tido gonorrheas, pustulas, chagas, & excoriações nas partes pudendas, naõ póde ter gallico, & experimentar os seus danos em varias partes do corpo, como estamos vendo cada dia, reduzindo muytas vezes com grande trabalho os doentes a que se curem de gallico, porque como nunca o tiveraõ incipiente, entendem que o naõ pódem reconhecer confirmado; sendo assim que este contagio se lhe póde introduzir na massa do sangue, aindaque seja por accesso impuro, sem que nas partes bayxas deyxe a certeza da sua introduçaõ; isto temos observado muytas vezes tratando de achaques, cuja pervicacia frustrando sempre a poderosa virtude dos remedios mais genuinos veyo a ceder com facilidade aos poderes dos seus alexipharmacos. Hum só caso referiremos para confirmar nesta doutrina aos Professores menos exercitados.*

No anno de 1702. padecia intoleraveis dores de cabeça huma moça de elegante fórma; & de vida ajustada. Esta antes de cazar teve sempre boa saude; & cazando havia tres annos, nunca sentio outro dano. A cor do rosto era rubra, o gesto alegre, & o temperamento sanguineo. Seu marido quando solteyro tinha padecido gonorrheas, & hernias gallicas, de que se curàra antes de se juntar com ella, ficando sem incommodo em que pudesse reluzir alguma sospeyta deste veneno. Mas a pobre moça nunca se pode ver livre daquellas dores, por mais que se empenhou a Arte em extinguilas; & cançada jà dos remedios, sem experiencias de alguma utilidade, fazia habito de padecer, sem nenhuma esperança de se remediar. Vendo-a rendida à fereza das dores, & estragada com a violencia das curas, que sem emolumento havia celebrado, entendemos, que estava gallicada, & que só a generosa efficacia do mercurio poderia vencer com pouco fausto aquellas dores sem remedio. Defendia-se a doente por arrezoado de hum dos Medicos que lhe assistiaõ dizendo, que nunca tivera purgaçaõ alguma, de que se pudesse entender que era gonorrhea, nem sentira outro algum dano em que o gallico se manifestasse. Ajudava o marido com os protestos de continente; mas como naõ negava as culpas do tempo do celibato, deyxou-nos fundamento para o uzo de huma cura mercurial, com que se vio livre dentro de doze dias daquellas dores, que havia muyto tempo lhe apuravaõ o sofrimento com desprezo dos remedios. Por isto, Senhores, naõ nos persuadamos a que naõ póde estar gallicada altamente, quem nunca experimentou as certezas de haver padecido gonorrheas virulentas, ou outros danos, com que o gallico incipiente se manifesta: porque, como temos dito, he taõ extraordinaria a natureza

deste contagio; que sem offensa das partes bayxas se chega a radicar no sangue, por meyo do qual excita em varias partes incommodos differentes.

Communicado ao figado. *O gallico confirmado, diz o Author, que he o que se tem communicado ao figado, cuydando erradamente, que esta parte era officina da sanguificaçaõ; & como o figado naõ sanguifica, tudo quanto neste particular disser delle, se deve entender da massa sanguinaria, em que o contagio gallico se implanta, & se sigilla, como jà advertimos nas Annotações ao capitulo antecedente.*

CAPITULO IV.

Dos sinaes do morbo gallico.

Numero 1.

COmo a qualidade gallica he causa de todas quantas enfermidades póde molestar ao corpo humano, naõ póde haver enfermidade, ou symptoma, que por si propriamente deva ser final della. Porém por tres principios nos governaremos, para que de certo a conheçamos. O primeiro será pela causa: o segundo pela improporçaõ dos affectos: o terceyro pela cura. Mas he de notar que como esta qualidade principalmente offende o figado, & a faculdade natural, conforme a commua opiniaõ, & provaremos em seu lugar, os affectos, que de necessidade acompanhaõ a morbo gallico, saõ os que pertencem a esta faculdade; & por tanto os havemos de regular pelos tres principios, que dissemos, a saber, de que causas procedaõ, que proporçaõ, ou improporçaõ tem com ellas, ou com os symptomas, & enfermidades, que lhes respondem, & que cura lhe faz proveyto, ou dano.

1. p.q. 6. & 8.

Os mais ordinarios affectos, que seguem a lesaõ da faculdade natural offendida pela qualidade gallica, & que nos servem de sinaes, saõ copia de excrementos adustos, que em varias partes do corpo se mostraõ, em tanto que Massaria, & outros Authores graves tiveraõ para si que este era o final pathognomoco, a saber, chagas virulentas corrosivas, & sordidas das partes inferiores, ou da garganta, & mais partes da boca, & narizes, ampolas vermelhas, ou de outra cor, & bostelas em todo o corpo, principalmente no rosto, & cabeça, vermelhidaõ no nariz, & partes vizinhas, roim cor de rosto, & mais partes, a luz dos olhos menos clara, comichaõ universal, sarna, principalmente nas partes da barba, & cabeça, verrugas nas partes bayxas, tumores de verilhas, & outros apostemas scirrosos, em especial de partes de ossos, como testa, cabeça, canelas de pernas, & braços, & às vezes tambem no pescoço, & sovacos a modo de alporcas: dores no meyo dos ossos entre junta, & junta, & de cabeça, que principalmente se exacerbaõ de noyte: dores de pescoço sem tumor, a modo de encordoamento, gonorrheas purulentas, defluvio de cabellos. E posto que ha outros muytos que naõ se pódem numerar, estes saõ os principaes, & mais ordinarios affectos, que se seguem à qualidade gallica.

Lib. prop

Vindo logo ao primeiro principio por onde se ha de conhecer, tanto que virmos hum, ou muytos destes affectos, consideraremos causa de que procederaõ, a saber, se houve contagio, ou naõ, & se o houve, he infallivel procederem de qualidade gallica. Porém porque algumas vezes se naõ póde conhecer, se precedeo o contagio, ou porque os enfermos constantemente o negaõ por respeyto de suas commodidades, que talvez estimaõ mais que a propria vida: ou

porque ſenaõ adverte na occaſiaõ que para iſſo tiveraõ, v. g. ſenaõ he immediato o contagio, como quando ſe pega da cama, calçado, ou veſtido, ou ſe o herdou de ſeus pays, (ſe eſte tambem naõ merecer nome de immediato) ou quando naõ póde haver ſuſpeyta da peſſoa, de que mediata, ou immediatamente ſe pudeſſe contrahir, he neceſſario recorrer com graõ prudencia aos outros dous principios.

1.p.q.15.

E por tanto vindo ao ſegundo, conſideraremos a improporçaõ dos ſobreditos affectos, porque eſta he ſinal pathognomonico de todas as enfermidades gallicas, como largamente moſtraremos em ſua queſtaõ particular, v. g. a multidaõ de excrementos aduſtos, ſe conhecerá ſer gallica, porque ſerá improporcional ao calor do figado, como quando de repente ſobrevierem a hum homem ſaõ quantidade de ampolas pelo corpo todo, ou chagas corroſivas nas partes bayxas, ou da boca, ſem que precedeſſe uſar de muyto vinho, nem de mantimentos demaſiadamente quentes, nem exceſſivo exercicio, nem andar à calma, nem outra couſa, que pudeſſe eſquentar o figado, ou requeymar os humores, por onde fica ſendo claro naõ haver cauſa manifeſta a que ſeja proporcional, & ſe poſſa attribuir a geraçaõ dos ditos affectos: de que neceſſariamente ſe infere, que hade ſer occulta, & venenoſa, qual he a qualide gallica, como largamente moſtraremos na ſegunda parte deſta obra. E ſe eſte homem no tempo antecedente era deſtemperado do figado, & com tudo naõ coſtumava gerar tanta copia de excrementos, & de novo lhe ſobrevierem, tambem he manifeſta a improporçaõ, & ſer cauſa a dita qualidade. Tem além diſto as chagas da boca, & partes bayxas huma particular improporçaõ, que nota o meſmo Rudio, que he fazeremſe ſem preceder effeyto phlegmonoſo, como acontece às ordinarias. A ſarna, boſtelas, & phlegma falſa da cabeça, & barba, ſaõ improporcionaes a eſtas partes principalmente a peſſoas de vinte & cinco annos por diante, porque por ſer o outro mais duro, reſiſte mais aos vapores acres, & por tanto ſe argue qualidade venenoſa, conforme ao meſmo Rudio, pois quando a naõ ha, naõ coſtuma nas ditas partes naſcer ſarna, poſto que haja muyta em todo o mais corpo.

1.p.q.15. Quæſt 4. Lib. 5. de morb. ven. Loc. cit.

Do meſmo modo o tumor da verilha ſenaõ precedeſſe chaga no pé, ou demaſiado andar, ou couſa ſemelhante, das que o coſtumaõ excitar, naõ ha duvida que ſeja gallico pela improporçaõ às couſas de que havia de proceder, ſe o naõ fora. Aſſim tambem ſe houver tumores ſcirrhoſos, & fizerem dores, como ellas ſejaõ improporcionaes aos ſcirros, (que ſaõ tumores duros ſem dor, conforme Galeno) he claro ſerem de morbo gallico. E poſto que alguns dos ſcirros façaõ graves dores quando procedem de humores aduſtos quaes ſaõ os cancroſos, com tudo quando eſtes naſcem de qualidade gallica ſaõ as dores muyto mais intenſas que as daquelles, que della naõ procedem, como muy bem notou Euſtachio Rudio, o qual tambem nota que ſe fazem eſtes ſcirros tenazmente pegados aos oſſos; o que naõ coſtuma acontecer aos ordinarios, por naõ procederem dos excrementos dos meſmos oſſos, & membranas como eſtes procedem por razaõ da grande, & inſeparavel impuridade, que o alimento levou do figado. E ſemelhantemente as dores de pernas, & braços entre junta, & junta, & as de cabeça, as quaes todas de noyte ſe exacerbaõ, naõ tem couſa, a que proporcionalmente reſpondaõ, nem que de noyte as faça crecer, porque poſto que as enfermidades, que naſcem de humores craſſes, tem neſſas horas ſuas exacerbaçoẽs, com tudo naõ ſaõ taõ evidentes, & infalliveis, como quando procedem de qualidade gallica.

Lib. de timor. præt. nat. & ſæpè alibi. Lib 5. de morb. ven. c. 10.

A mesma improporçaõ se vè nas gonorrheas, porque as gallicas sempre saõ virulentas, & enfraquecem muyto menos que as verdadeyras, & rarissimamente acontecem sem procederem de qualidade gallica: & posto que algumas vezes haja por aquella via expurgaçaõ de humores viciosos do corpo sem occasiaõ de contagio, assim como succede às mulheres pelos mezes, como notou Laguna; com tudo nestes casos ha no corpo causa manifesta, a que proporcionalmente possaõ responder, como he serem homens de compleyçaõ molle, effeminada, & de terras frias, (quaes saõ as do Norte, onde Laguna diz acontecer isto, que nas nossas regiões he rarissimo) & copia de humores crùs: o que senaõ acha nos outros, que padecem gonorrheas gallicas.

In meth. de extirp. carvos. fol. 9.

Tem do mesmo modo sua improporçaõ o defluvio dos cabellos gallico, porque naõ costuma fazer na cabeça aquellas melas, que faz o defluvio ordinario, que naõ costuma pelar toda a cabeça, senaõ sómente algumas partes della, onde deyxa o couro calvo: porém quando a causa he qualidade venefica gallica, acontece o defluvio pela cabeça toda. As febres finalmente gallicas naõ guardaõ a proporçaõ de enfraquecer o corpo, como as outras, porque ordinariamente se passaõ de pé, & com durarẽ muytos mezes, & às vezes annos, & parecerem confirmadas hecticas, naõ fazem aquella fraqueza, que costumaõ as humoraes, ou hecticas da mesma especie, que naõ saõ gallicas. E isto mesmo se considerará em todos os mais affectos, que desta má qualidade procedem, em que sempre ha improporçaõ, ou a respeyto das causas, ou dos symptomas, ou da parte, ou das outras enfermidades da mesma especie, que naõ saõ gallicas, cuja consideraçaõ deyxo ao entendimento de cada hum, porque naõ se póde especificar em todos.

Vindo finalmente ao terceyro principio, que se toma da cura, como seja certo, que pelo successo della se conhece a enfermidade conforme Galeno, & Hippocrates, clara, & infallivelmente se conhece ser affecto gallico, se tentando os remedios, que costumaõ aproveytar nas enfermidades, que desta qualidade naõ procedem, naõ sómente nada aproveytaõ, antes às vezes se exacerba o mal; & pelo contrario applicados os alexipharmacos com que o morbo gallico se cura, se consegue saude, ou pelo menos manifesta melhoria, v. g. se houver gravissimas dores de cabeça, pernas, ou braços, & naõ aproveytarem os remedios revellentes, evacuantes, & mitigatorios, applicados conforme a razaõ, suspeytaremos que procedem de má qualidade venenosa, & maligna, conforme se colhe de Galeno. E logo se applicados os remedios proprios do morbo gallico o mal se foy mitigando, he sinal cientifico que delle procediaõ, conforme Galeno. Assim tambem se houver chagas corrosivas, ou de outra qualidade, que evacuando o corpo, & curadas como convem, naõ saraõ, he sinal efficaz de procederem de qualidade gallica: o que evidentemente se acaba de confirmar seguindo-se melhoria com os remedios della, como fica dito, & assim nos demais affectos. Ajunta-se a isto, que os achaques gallicos difficultosamente acabaõ de sarar, & repetem muytas vezes, & as chagas deyxaõ depois de curadas humas cicatrizes duràs, & callosas, que com difficuldade se desfazem, como notou Falopio, & Ambrosio Pareu; & as bostelas deyxaõ humas nodoas vermelhas, ou de outra cor, que naõ costumaõ ficar das que naõ saõ gallicas. E por isso notou excellentemente Mercurial, que a rebeliaõ dos affectos era sinal efficacissimo da dita qualidade: & assim tambem na cura se acha a improporçaõ sobredita, porque naõ costuma sarar proporcionalmente conforme as enfermidades da mesma especie, que de morbo gallico naõ procedem. De sorte que a impropor-

Lib. de loc. affect. c. 4. aph. 17. & 2 acut. 1. & 4. aph. 3.

3. Epid. sect. 3. ad tex. 1.

Lib. 1. de locis cit.

Tract. de morb. gal cap. 20. & 23. lib. 18. c. 4. & 5. Lib. prop. c. de sign.

çaõ

çaõ, ou seja da causa, ou dos affectos, ou da cura, he sinal certo de morbo gallico, segundo está declarado.

Numero 2.

Sinaes ordinarios do morbo gallico.

POsto que esta declaraçaõ pareça escusada, com tudo porque os principiantes se naõ cõfundaõ com o sobredito discurso, & melhor o entendaõ, torno a propor os sinaes do morbo gallico mais breve, & distinctamente, que saõ os seguintes. Defluvio de cabellos da cabeça, & barba; maculas pelo corpo, ou como de pulgas, ou mayores, vermelhas, amarellas, pardas, ou negras empolas no rosto, cabeça, & barba, & pelas mais partes, vermelhidaõ no nariz, & nas queyxadas, má cor de rosto, chagas nas partes da boca, principalmente na garganta, & em outras partes do corpo muyto rebeldes aos medicamentos applicados, conforme a razaõ; tumores scirrhosos na testa, & mais partes da cabeça, & nas canelas das pernas, & braços dores intoleraveis, principalmente entre junta, & junta, que pela tarde, ou de noyte saõ mayores: & tudo isto succede de ordinario sem febre, mas algumas vezes com ella; porém esta naõ costuma ser aguda, & tambem à tarde, ou de noyte crece.

E antes de haver nenhum sinal destes, teve o doente occasiaõ de contagio ou de conversaçaõ de pessoa infecta, ou da cama, ou dos vestidos, & calçado, ou nasceo de pays, que padeciaõ morbo gallico, ou mamou leyte de mulher gallicada. E nas pessoas a que se cõtrahe por conversaçaõ impura, nacemlhe primeyro nas partes bayxas, & às vezes na boca empolas, ou chagas, & nas verilhas tumores, & padecem purgaçaõ pelo cano da ourina, a que chamaõ gonorrhea purulenta. E das chagas sobreditas, ainda que sarem, fica huma dura cicatriz, ou callo, que com nenhum medicamento se desfaz, o qual diz Falopio, que he sinal infallivel do contagio gallico. Todos estes sinaes, ou alguns delles acontecem aos que tem boubas.

Tract. prop. c. 22.

Isto quanto ao conhecimento do morbo gallico em commum. Mas cada humas das especies se conhece pelos symptomas, que em cada huma dellas notamos no Capitulo antecedente; a saber, a primeyra especie se conhece, porque naõ ha outra cousa mais que pelaremse os cabellos da cabeça, & barba. A segunda, porque naõ ha outro sympotoma, senaõ aquellas maculas razas, vermelhas, ou citrinas. A terceyra, porque naõ ha mais que empolas, ou bostelas da cabeça, rosto, & outras partes, às quaes se seguem pruido grande, sarna, fleyma salsa, chagas corrosivas, & difficultosas, em que jà vay avizinhando com aquarta especie, a qual se conhece pelos outros symptomas mais graves, a saber, febres lentas que repetem, ou se exacerbaõ pelas tardes, & outras ao parecer hecticas, dores gravissimas, que à tarde, ou de noyte se axacerbaõ, tumores scirrosos pegados tenacissimamente aos ossos, fistulas, chagas cavernosas, ossos corruptos estilicidios ao bofe, às vezes com chagas nelle, carnosidades, & ouros symptomas gravissimos. Mas em todos os sinaes das ditas quatro especies, se devem achar os ditos tres principios, de que se colhe a infallibilidade de procederem de qualidade gallica. E quando houver sinaes da primeyra, segunda, terceyra, & quarta especie, entenderseha que todas estaõ complicadas.

Num. 3.

Sinaes que distinguem o morbo gallico da lepra.

HE tanta a ſemelhança, que o morbo gallico tem com a lepra, que Sebaſtiaõ Aquilano, & André de Leon, & outros, o tiveraõ por verdadeyra eſpecie della; & foy a cauſa o ſer tambem a lepra qualidade venenoſa (conforme a opiniaõ mais verdadeyra, ſegundo Euſtachio Rudio) que offende o figado, & conſequentemente a ſanguificaçaõ. E por tanto faz tambem ſymptomas improporcionaes pertencentes à faculdade natural. Porêm diſtinguiremos o morbo gallico della pelos meſmos tres principios, que acima tocamos.

Lib. de morb. gal. — Lib. 5. de morb. venen. c. 5.

Primeyramente pela cauſa, porque a lepra às vezes naſce ſem contagio, & o morbo gallico nunca ſuccede ſem elle immediato, ou mediato de outro gallicado. E por tanto aquelle que por razaõ do contagio gallico tiver algum achaque, poſto que ſe pareça com os da lepra, pela dita occaſiaõ ſe conhecerà ſer gallicado, & naõ leproſo. Segundariamente ſe diſtingue ao claro pela cura, (que era o terceyro principio) porque nem o leproſo melhora com as medicinas proprias do gallicado, nem o gallicado com as do leproſo, antes algumas vezes ſe achaõ peyor, como notou Trajano.

Lib. 6. de morb. gal 18.

Em terceyro lugar (que era o ſegundo principio) ſe conſideraràõ os ſymptomas do leproſo, que coſtumaõ ſer outros muyto diverſos. E poſto que alguns tenhaõ o parecer com os do gallico, tem outro differente modo; porque o defluvio de cabellos acontece ao gallicado ſómente na cabeça, & barba; mas ao leproſo tambem ſe lhe pelaõ os cabellos das ſobrancelhas, & dos ſovacos, & das mais partes do corpo, & antes de ſe lhe pelarem, ſe lhe vaõ fazendo curtos, poucos, & delgados, & mais delgados ſaõ alguns, que lhe tornaõ a naſcer, naõ ſendo iſto aſſim nos gallicados. A vermelhidaõ do roſto do leproſo tira muyto para negra, conforme Avicena, fazendoſelhe os olhos carnicentos, & as veas delles, & de todo o corpo tambem ſe lhe fazem negras, & os olhos redondos, conforme Averroes: cheyralhe muyto mal o bafo, & o corpo todo, em eſpecial o ſuor, conforme Avicena, & tem ſonhos turbulentos, & pezados, de ordinario com pezadelo, & creſcendo mais o mal ſe fazem roucos, & vaõ perdendo a voz pouco, & pouco com difficuldade de reſpiraçaõ: o couro de todo o corpo ſe lhe faz aſpero, de modo que parece pato depenado, & o da teſta ſe lhe faz tenſo, duro, & lucido: os muſculos ſe lhe conſomem, principalmente as polpas das mãos, & fica o couro pendurado como bolſa vazia, & todo o corpo ſe lhe faz pezado, & preguiçoſo: os dedos das mãos, & pês ſe lhe fazem eſtupidos com ſentimento como de formigas, o qual eſtupor, continuando o mal, lhe creſce por todo o corpo de modo, que ſe lhe atraveſſaõ hum alfinete, o naõ ſente: as unhas ſe lhe fendem, & fazem negras, as ourinas ſaõ brancas, & às vezes fuſcas, delgadas, & ſempre fetidas com ſedimento como de rolão, que ſe aparta da farinha, & com areas, & poſto que tenhaõ cauſa de chorar, naõ pódem lançar lagrimas algumas: os narizes ſe lhe enchem de polypos, & carnoſidade, & ſe lhe contrahem de modo que ficaõ fanhoſos: os oſſos das pernas, & braços ſe lhe deſconjuntaõ: as orelhas ſe lhe ſecaõ, & torcem, a figura da boca ſe lhe vicîa, & ſe fazem finalmente de feyo, & terrivel aſpecto: mas todos eſtes ſymptomas poucos, & raras vezes acontecem aos gallicados: ſendo que os leproſos os tem de ordinario todos.

cap. prop. — 4. Collig. citat.

Num. 4.

Propoem-ſe alguns exemplos para conhecer os affectos do morbo gallico, quando ſaõ duvidoſos.

POſto que pelos ditos tres principios ſe alcance inteyro conhecimento deſta enfermidade, ſaõ os ſinaes às vezes taõ eſcuros, que por mais que ſe conſiderem, naõ acaba de ſe alcançar totalmente a certeza, & por tanto he neceſſaria grande conſideraçaõ, & grande experiencia, a qual como falta aos principiantes, me parece acertado para os exercitar proporlhes alguns exemplos deſtes caſos mais duvidoſos.

Primeyro exemplo.

PAdecia certa peſſoa humas dores pequenas de cabeça, & de joelhos: eſtas eraõ quaſi continuas, mas na cama ſe lhe exacerbavaõ; aquellas intermitiaõ de dia, & repetiaõ logo à noyte, mas mitigavaõſelhe na cama. Com iſto padecia ventoſidades hypocondriacas com dores nos hypocondrios, (que ſaõ aquellas partes do ventre, a ſaber, eſtomago, & de longo delle) de noyte mayores, algum faſtio, & mào cozimento do comer, affectos proporcionaes a ſeu temperamento, que era melancolico aduſto, & deſtemperança quente de figado, que coſtumava ter. Algum dia tivèra contagio de morbo gallico, (poſto que havia muytos annos) a que neſſe tempo ſe ſeguiraõ gallicos affectos, de que entaõ ſe curàra, & ficára, conforme lhe parecia, ſaõ, ſem raſto delles, & naõ houve mais novo contagio. Sangrouſe, & purgouſe com medicamento accommodado, & fez outros remedios convenientes à hypocondria ſem aproveytarem.

Neſte caſo podia haver grande duvida de ſer affecto gallico, porque as dores nas meſmas juntas dos joelhos naõ ſaõ ordinarias nelle, ſenaõ he quando juntamente ſe eſtendem pelas canellas, & coxas: as de cabèça tambem podiaõ naõ ſer gallicas, como cada dia vemos, antes podiaõ ſer de ventoſidades, communicadas dos hypocondrios, que poſto que ſe exacerbavaõ de noyte, era iſto proporcional ao humor melancolico. Nem do contagio antigo parece ſe podia colligir mà qualidade, pois ſe curou, & ficou ſaõ muytos annos, que confórme dizia, eraõ ſete, ou oyto. Porèm eu me reſolvi em que era morbo gallico, por ſerem alguns deſtes affectos ordinarios nelle, como as dores de cabeça, & pela improporçaõ da dor dos joelhos, que quando não he gallica, naõ ſe exacerba de noyte, & pela dor de cabeça, que à tarde repetia, & pela mayor intenſaõ nocturna das dores dos hypocondrios, as quaes todas, poſto que às vezes repitaõ de noyte, não ſendo gallicas, a ſaber, quando procedem de humores melancolicos, & fleymaticos, com tudo naõ guardaõ aquella pontualidade, com que as gallicas repetem. E poſto que havia annos que ſe curàra do contagio, com tudo podiaõ ficar reliquias delle, que foſſem cauſa dos achaques, que de novo tinha, pois he certo, conforme Galeno, que os ſeminarios venenoſos pódem eſtar eſcondidos dentro no corpo muytos annos ſem fazerem dano; em eſpecial ſendo de qualidade gallica, conforme Fernelio, que diz, que de trinta annos póde repetir; & Cardano, que o vio tornar, & matar de vinte & dous, & com iſto ſe confirmava mais ſer certo o ſinal da improporçáo. Pelo que me reſolvi a darlhe humas apozemas dirigidas ao morbo gallico, & que reſpeytaſſem achaques hypocondriacos, com que logo melhorou evidentemente, & continuando-as mais dias, naõ ſómente ſarou de todo, mas houve cientifica noticia de que o mal era o gallico,

1. Porr. com. 2. text 27. & ſæpè alibi. Lib. 2 de abd. rer. cauſ. c. 14 ar. l. Hep de alimp. pag. 266. edit Baſileæ in8.

o gallico, que entendiamos pertencente à teceira; & quarta especie.

Numero 5.

Segundo exemplo.

TEve certo mancebo de trinta annos grandissimas dores de cabeça, & canelas das pernas, que de noyte lhe creciaõ sem febre, nem tumor; mas com ellas huma chaguinha sordida na parte bayxa. Perguntando se tivera occasiaõ de contagio, disse que em sua vida a naõ tivera; sendo que era pessoa bem entendida, & de tal estado que sem descredito, nem pejo o podera logo confessar: inquirindo-o se o herdaria de seus pays, disse que foraõ sanissimos. Era casado com mulher muyto casta, fóra de toda a suspeyta, & tinha filhos muyto sãos, porém disseraõ, que sendo a dita mulher menina trazia muytas bostellas na cabeça, & corpo, & que entendiaõ teremselhe pegado de jazer na cama com outra, que padecia morbo gallico. Daqui colligi ficaremlhe alguns seminarios, que nella, por ser de boa natureza, naõ fizeraõ dano, & depois se actuàraõ no marido, & lhe inficionàraõ o figado, & causáraõ os ditos symptomas, que tinhaõ aquella notavel exacerbaçaõ de noyte sem haver enfermidade, ou causa manifesta, a que se pudessem attribuir; o que tambem confirmava a dita chaguinha, que com ser pequena, & se lhe applicarem os remedios necessarios naõ sarava, antes se fazia callosa. Ordeneylhe suores de salsa depois de feytas as evacuaçoens da sangria, & purga, com que logo manifestamente melhorou: mas porque naõ acabava de sarar, lhe mandey applicar as unturas de Mercurio, com que ficou saõ de todo.

E que seja possivel ter huma mulher, ou homem em si seminarios de morbo gallico, que naõ façaõ dano, & com tudo pegar o mal a outra pessoa, he cousa certissima, & que cada dia vemos, mas o como isto possa acontecer declararemos largamente na segunda parte. A este exemplo se póde ajuntar outro de Trincavello, o qual diz, que certa mulher sendo sanissima parira hum menino cheyo de chagas, & de bostellas, as quaes, naõ havendo na mãy causa manifesta, a que proporcionalmente se pudessem attribuir, era consentaneo à razaõ, que procedessem de contagio gallico, que o pay tivera.

Quæst. 11. Lib. 11. c. 17. de rati. cur.

Numero 6.

Terceyro exemplo.

HUm mancebo ruyvo padecia grandes dores de estomago declinantes mais ao hypocondrio esquerdo sem tumor na parte, nem febre, nem securas: mas com fastio, vigilias imodicas procedidas das dores, que de noyte cruelmente se exacerbavaõ; tinhaõlhe feyto muytos remedios, *secundùm rationem*, como alcançey dos Medicos, que o curavaõ, que eraõ doutos. Inferi daqui, que havia malignidade, porque conforme Galeno, o mal que naõ obedece aos remedios applicados conforme a razaõ, & he curado por Medico que sabe, ha-se de entender ser maligno, & como o crecer de noyte era symptoma ordinario de morbo gallico, torney a inferir que naõ poderia ser outro; o que confirmou dizerse, que jà o anno passado se curára delle. Pelo que lhe ordeney tomasse as unturas do Mercurio, com que logo melhorou, & sarou de todo, & se ficou verificando o que diz Mercurial, como jà notà nos, que sendo os achaques rebeldes, & naõ obedecendo às curas ordinarias, he final efficacissimo de serem gallicos.

1. Epid. sect. text. 1.

Tract. prof. c. de sign.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

DE todas quantas enfermidades. *Se o contagio gallico chega a sigillar-se na massa sanguinaria, certo he que causa póde ser de todas quantas enfermidades padeça o corpo, ou sejaõ causadas immediatamente do sangue, offendendo no seu circulo as partes por onde se move: ou sejaõ excitadas por vicio da lympha, que separada do sangue, como he dotada das mesmas qualidades, póde fazer semelhanntes danos nas partes por onde circula. Assim vemos muytas vezes achaques, que parecendo produ-ctos de outras causas, naõ pódem curar-se inteyramente, em quanto se naõ oppugnaõ com os alexipharmacos anti-venereos. Isto observarà mil vezes todo o Medico circunspecto. Quantas febres temos encontrado, que fazendo-se habituaes pela sua pervicacia, se extinguiraõ facilmente com suores de salsa, & com o uso do mercurio? E assim outros muytos males, em que devemos considerar, que se o enfermo chegou a estar gallicado, póde ser este contagio causa delles. Naõ dizemos, que se hum homem infecto com este veneno padecer hum pleuriz, huma esquenencia, huma febre ardente, hum synocho, ou outra enfermidade aguda, entendamos, que o gallico foy causa della, para a curarmos com os seus antidotos. Mas dizemos, que se passada a agudeza dos males, ficarem ainda durando com desprezo dos remedios, lhe appliquem os alexipharmacos do gallico, tendo a certeza de haver sido gallicado o doente; porque, como temos dito, o gallico communicado ao sangue, & à lympha, causa póde ser de todas as enfermidades do corpo. Em confirmaçaõ desta doutrina, se lea o seguinte caso.*

Hum moço de idade juvenil, de natureza forte, temperamento cholerico, & sanguineo, dado à caça, & exercicios laboriosos, com que passava huma vida agitada: quando lograva perfeytissima saude, por hum congresso empuro, contrahio contagio gallico, que passados alguns dias se manifestou em huma gonorrhea virulenta, acompanhada de crueis dores, & ardores, que obrigàraõ a acudirlhe logo com remedios, que moderassem estes symptomas, ficando a gonorrhea depois delles conservando-se pelo desprezo de quem a tinha; porque livre dos ardores, nenhum caso fez da purgaçaõ da gonorrhea, nem do contagio, que havia recebido, segurandolhe erradamente quem o curava, que tanto que se moderavaõ os symptomas das gonorrheas, a melhor cura dellas consistia em deyxalas purgar, atè que de todo se extinguissem; erro crasso, como em seu lugar mostraremos.

Mas passados tres mezes, quando jà naõ havia vistigio da gonorrhea, deo o moço em huma profundissima melancolia, sem haver causa procatbartica a que attribuirse; perdeo toda a viveza do animo; deyxou a caça, & os mais exercicios em que se occupava; & apprehendendo, que morria por instantes, negava-se a todo divertimento. Chamou-se Medico, & depois se consultàraõ outros, que achando o doente com alguma intemperança nos pulsos, com o rosto vermelho; com secura de boca, com fastio, & com faltas de sono, vieraõ a entender, que por phlogosis, ou quentura das entranhas, & da massa do sangue padecia o enfermo aquella hypocondria; & estando nesta hypothesi, depois de o sangrarem algumas vezes, de lhe lãçarem sanguexugas nas veas hemorrhoidaes, de o purgarem suavemente, de lhe darem sores de leyte de cabras, & banhos de rio corrente, ainda se naõ pacificàraõ de todo os desordenados movimentos dos espiritos; ainda naõ pararaõ os motins das phantasmas, que lhe excitavaõ a fantesia; & finalmente, ainda estava melancolico hipocondriaco; porque quando parecia que melhorava, no uso dos mesmos remedios, sem nova causa, se offendia. Quando chegamos a ver este homem, entendemos que o seu mal procedia do fermẽto gallico, que sigillado na massa do sangue, lhe viciava o seu acido natural, & lhe depravava a sua fermentaçaõ intestina,

testina de que provinha a intemperança dos pulsos, a escandescencia das entranhas, as vigilias continuadas, que a elasticidade do sangue, & o orgulho dos seus espiritos produziaõ, & conservavaõ; & neste sentido aconselhavamos, que o doente se curasse de gallico, se queria solicitar com fundamento a saude, que sem outra causa perdera. Foy este conselho mal admittido, por tres razões. Huma, porque naõ tivera de gallico mais que a gonorrhea, de que perfeytamente se curàra. Outra: porque as hipocondrias para serem rebeldes, & repugnantes aos remedios, naõ necessitavaõ de gallico que as fomentasse, porque de sua natureza eraõ cerviçosas, & contumazes. Outra: porque os antidotos do gallico, com o seu calor podiaõ aumentar as intemperanças quentes, & crecer o dano. Mas chegando ao fim do caso, com mercurio tomado pela boca se curou o enfermo maravilhosamente; sendo reprovado o remedio, ainda depois de se reconhecer a sua utilidade; que a emulaçaõ, & a enveja, naõ perdem as forças para a censura, ainda quando a felicidade dos successos acredita os discursos com os acertos.

Neste caso consideramos, que o contagio gallico era causa de tanto dano; porque chegando no tempo da gonorrhea a communicar-se ao sangue no seu circulo: assim como nas partes obscenas produz tal effeyto de calor, & secura, que causa dentro de poucos dias huma gonorrhea, sendo as ditas partes pouco espiritosas: porque naõ causarà na massa do sangue hum calor morboso; & porque naõ excandescerà as entranhas; & finalmente porque naõ inquietarà os espiritos, para causar huma vigilia? E mais quando he certo, que o fermento deste contagio, he hum fermento acido, volatil, acre, & corrosivo, cujas qualidades communicadas ao sangue, & aos espiritos saõ appropriadas para excitar os danos referidos. Engana-se quem cuyda, que nas gonorrheas virulentas naõ he necessario mais remedio, que os que temperem os seus ardores, porque isto he acudir aos symptomas, desprezando a causa, de que resulta, que esta se communique à massa sanguinaria, & que fique o doente gallicado, ainda que a gonorrhea inteyramente se cure. Mas disto fallaremos nas Annotações ao Capitulo XI.

Outro caso nos occorre, que naõ deve ser esquecido. Hum homem quadragenario nos annos, robusto no temperamento, athleta no habito, & polyphago na mensa: depois de haver padecido dentro de dous annos humas quartans, que por desordens suas lhe repetiaõ; chegou finalmente, estando livre dellas, a fazer-se hidropico ascitico. Era grande a intumescencia do vētre; as pernas, & o scroto tambem tinhaõ sua inchaçaõ. A sede era incompescivel. Antes de dar nestes achaques, tinha contraido varias gonorrheas, & outros achaques gallicos, de que nunca se curara bem. Para se ver livre da hidropesia tentou varias curas por conselho de muytos Medicos: todos se empenhavaõ em reserar as obstrucçoens, que se suppunhaõ na regiaõ do baço; & em dirigir as serosidades pelas vias da ourina; mas com tudo isto, o achaque a nada cedia; & em dezaseis mezes de curas, jà no enfermo faltava a paciencia para uso dos remedios, & as forças para tolerancia dos achaques. Vendo este doente, fomos de parecer, que se curasse de gallico, & que a cura fosse com azougue; assim por ser o mais poderoso antidoto deste contagio; como por haver nelle huma insigne virtude dissolvente, & discoagulante, com q̃ podia reserar as obstrucções em que o fermento gallico estaria radicado. Teve oppostas contradições este voto; primeyramente, porque aconselhava cura de gallico, quando era certo que huma hidropesia naõ attestava este contagio; nem era achaque dos que costumava causar o morbo gallico. E naõ menos se reprovou o remedio que propunha: porque hidropesias se naõ curavaõ com azougue. Mas sem embargo destas razões, curàmos o enfermo, dandolhe o mercurio deobstruente nas seguintes pirolas, que saõ de eximia efficacia para os casos em que os affectos gallicos se complicaõ com obstruções inveteradas.

Mercur. deobstr.

Tomem de azevre lavado em agua rosada, de goma amoniaco, de extracto de ruybarbo, de mercurio branco precipitado, de cada cousa desta huma oytava; de crocus Martis

 aperiente

aperiente, dous escropulos, de escamonia sulphurada meya oytava; de sal de tamariz, & de losna, de cada cousa destas, hum escropulo, de olhos de caranguejos dous escropulos. Façaõ-se pirolas com triaga antiga, das quaes se tome meya oytava de cada vez, em dias continuados.

Com estas pirolas se promovia alguma evacuaçaõ pelo ventre. E depois de usar dellas dez dias, lhe damos unturas de azougue; & por haver jà tomado bastante mercurio nas pirolas, succedeo que logo na segunda untura se movesse a salivaçaõ, por meyo da qual se vio o doente livre da hidropesia, & de presente vive com boa saude.

Deste caso se tiraõ muytos documentos praticos. O primeyro: que o gallico póde ser causa de hidropesias, & de todos quantos achaques padecem os homens. O segundo: que ainda que o gallico naõ excite os danos, naõ os deyxa curar em quanto com os alexipharmacos se naõ oppugna. O terceyro: que o mercurio he generoso deobstruente; & que nas obstrucçoens dos gallicados, se deve dar com os deobstruentes ordinarios. O quarto: que nas hidropesias de ventre, ainda que naõ haja gallico (naõ fallamos da tympanitis) se deve usar do mercurio; porque extraindo-se os soros, & humores lymphaticos por meyo da salivaçaõ, que promove, vem a faltar materia para as intumecencias do ventre; o que naõ ignorava o doutissimo Silvio Deleboe quando aconselhou a salivaçaõ mercurial para remedio das hidropesias, como se póde ver no tratado sexto do seu Appendice.

Notou excellentemente Mercurial. *Jeronymo Mercurial, Author gravissimo entre os do seu tempo, disse, que se reputassem por gallicos aquelles achaques, que sendo tratados com arte, naõ cedessem aos remedios convenientes. Este dictame, que tomado em bom sentido, pudera ser doutrinal, tem sido occasiaõ de muytos erros; porque ha Medicos, & Cirurgioes, que naõ podendo vencer brevemente alguns achaques, com os remedios por elles, ou bem, ou mal applicados: com menos profunda consideraçaõ os calificaõ logo por gallicos, lembrando-se da authoridade de Mercurial; & sem mais fundamento, que este, recorrem aos antidotos do contagio, dando suores, & applicando unturas em casos em que ainda se naõ podia acusar a rebeldia dos achaques; nem se deviaõ pôr em uso os taes remedios, como jà notàmos em outro lugar, aonde dissemos, q̃ naõ podendo hum Medico curar hũa terçãa notha no Outono com sangrias, & purgas, queria usar do vinho santo, com o fundamento de que o gallico era causa da contumacia daquellas sezões, que logo se curàraõ com quinaquina. Do mesmo modo vimos outro, que naõ curando hum rheumatismo em quinze dias, sem embargo de protestar o doente, que nunca tivera gallico, jà lhe preparava suores de salsa para vencer a pervicacia daquelle achaque, que brevemente se curou com leyte de burra. Poucos dias ha, que em huma consulta se nos propoz o caso de huma gotta serena, perguntando se se usaria de suores de salsa: ou se se recorreria ao azougue para curar aquelle achaque, que o Medico assistente capitulava por gallico, só pela razaõ de naõ haver cedido aos remedios com que o tinha tratado; como se as gottas serenas costumassem curar-se com tal facilidade, que da repugnancia desta se pudesse arguir superior causa, de que a sua duraçaõ procedesse. E porque se evitem semelhantes erros, dizemos, que nem sempre a contumacia dos achaques se ha de attribuir ao gallico, entendendo, que ou elle os causa, ou os fomenta de sorte, que lhe difficulte a cura; porque ha muytos males, que de sua essencia, & natureza saõ chronicos, & de longa duraçaõ, por mais que a arte se empenhe em destruilos, & vencelos. Tal he a hidropesia, a tisica, a melancholia hipocondriaca, a hectica, taes saõ as intemperanças das entranhas, & da massa do sangue, & outros muytos achaques, que ainda quando se curaõ, he em longo tempo; porque naõ podendo a Arte mudarlhe a natureza, só depois de hum largo combate chega a superallos.*

Nem a authoridade de Mercurial se ha de entender nestes casos, em que a rebeldia

he

he propria dos ditos males: senão que se ha de entender daquelles males, que cedendo ordinariamente aos remedios bem applicados, naquella occasião, ou se enfurecem, & se aggravão com elles, ou com total desprezo dos remedios se conservão na sua obstinação contumazes. Com que para culparmos a rebeldia dos achaques ao uso dos remedios, he necessario primeyro considerar, se os taes achaques são por natureza propria de longa duração, ou se costumão ceder cõ facilidade às applicações da Medicina: se são de longa duração por natureza, como se ha de entender, que de haver gallico procede a sua rebeldia? Se os males são daquelles que tem ordinariamente facil cura: he necessario examinar, se lhe tem acodido com os remedios a que devião ceder; & se estes se applicàrão em opportuno tempo; se são os doentes bem regidos, & observantes dos preceytos Medicos; porque de tudo isto depende a facilidade da cura, & a difficuldade della, como dizia Hippocrates. 1. *E não se faltando a alguma destas cousas, se os males não cedem aos remedios, que podião curalos, mas antes se aggravão com elles: justamente deve entrar a consideração de que alguma causa superior os fomenta; & na suspeyta do gallico, bem se póde recorrer aos seus especiaes antidotos para vencer aquelles danos rebeldes.*

1. Hippoc. 1. aphor. 1.

Numero 3.

HE tanta a semelhança. *Não só com a lepra tem grande semelhança o morbo gallico, porque a tem muyto mayor com o escorbuto, ou mal de Loanda; o que não advertio Madeyra, visto que não propoz os sinaes distinctivos de hum, & outro achaque. Tem grande semelhança o morbo gallico com o mal escorbutico: porque primeyramente são semelhantes em serem contagiosos. São semelhantes na causa; porque ambos procedem de hum fermento acido, que vicia a massa sanguinaria em que se sigilla. São semelhantes nos sinaes, ou nos effeytos: porque em ambos se achão nodoas, & tumores pelo corpo, chagas na boca, dores nos braços, nas pernas, na cabeça, & nas juntas; as quaes dores se exacerbão com mayor fereza de noyte, que de dia. Em ambos se poem muytas vezes atrophicos os doentes, não se podendo nutrir o corpo com hum sangue vicioso, & corrupto. Donde vierão a dizer os Escritores do escorbuto, que não havia achaque tão semelhante ao gallico, como elle; & por isto Sinapio que nega o morbo gallico, chamou a este contagio escorbuto da luxuria, como se pòde ver na segunda parte dos seus Paradoxos. Atè nos remedios com que se curão, tem grande convenencia estes dous males: porque a salsa, o páo santo, a raiz da China, & o saxifrás, que são os alexipharmacos anti-venereos, numerão os Authores entre os anti-scorbuticos, & atè o azougue, que todos louvão no gallico, aconselhão alguns no escorbuto, como se póde ver em Ettmullero,* 2. *& Vvillis. Bem necessario parece logo mostrar os sinaes por onde se distingão estes dous males; os quaes, aindaque sejão semelhantes por contagiosos, tem a differença, em que o escorbuto não se communica por meyo do congresso, nem se propaga com dano das partes bayxas, senão por osculos, pela saliva, & por character hereditario. E ainda que ambos nasção de hum fermento, que vicia a massa do sangue, differem na natureza delles: porque o fermento gallico, he acido, acre, & volatil; & o fermento escorbutico, he acido, viscido, & glutinoso. Distinguiremos pois hum mal do outro, pelos sinaes proprios de cada hum delles. Porque nos que forem gallicados, terà havido gonorrheas virulentas, ou encordios, pustulas, & excoriações nas partes obscenas, ou pelo menos terão vivido com soltura em serviço de Venus; ou serião criados com leyte de mulher gallicada; ou serão filhos, ou netos de pays, & avòs infectos com este contagio. E os que forem escorbuticos, primeyro terão sido hipocondriacos; & necessariamente hão de padecer, ou ter padecido queyxa de estomago, manifestada nas cruezas, indigestões, borborigmos, eructações, flatulencias, adstricções de ventre, colicas, nauseas, & vomitos, que costumão acharse sempre nos hypocondriacos, cujo fermento vicioso*

2. Ettmul. in colleg. pract. fol. mihi 553. §. 14. Vvillis tract. de scorbut. cap. 11. fol. mihi 216. §. Hæc doctrina, &c.

cioso tem principio no estomago, porque a austeridade do seu acido, naõ podendo dissolver, nem volatilizar bem os alimentos, commuta-os em huma pasta acida, & austera da qual resultaõ vomitos de materia viscida, insignemente azeda, colicas cruelissimas, eructaçoẽs, flatos, intumescencias de estomago, & ventre, fervor, & estuaçaõ nos hipocondrios, principalmente no do eyto, cousa que o vulgo erradamente imputa ao calor do figado; o que succede, porque descendo esta pasta viscida do estomago aos intestinos, & encontrando-se com a cholera, ferve viciosamente com ella; da qual effervescencia se elevaõ flatos, que causaõ os referidos danos; sobre o que se veja o que escreveo Ettmullero. 3. Com que nos escorbuticos sempre ha de haver, como temos dito, queyxas de estomago, & ventre, as quaes se naõ achaõ precisamente nos gallicados; & por este principio distinguiremos os males que padecerem os gallicados, & os escorbuticos. Alèm deste sinal proprio dos que padecem mal de Loanda, tambem os seus danos, ou symptomas se distinguem dos do gallico por outros sinaes; porque as dores das juntas, ou de outras partes; ainda que repitaõ de noyte, como as dores gallicas, naõ tem a mesma permanencia nos escorbuticos, que nos gallicados, & ordinariamente saõ humas dores vagas, as quaes se moderaõ muytas vezes com banho, ou fomentaçaõ de agua tepida, como observamos em hum Cavalheyro hipocondriaco, que dahi a sete annos veyo a morrer escorbutico. Padecia elle todas as noytes humas sevissimas dores nas pernas, dos joelhos para bayxo, que com nenhumas diligencias se puderaõ moderar, atè que por conselho nosso as meteo em agua tepida, & foy o remedio com que veyo a vencer taõ crueis dores, que o tinhaõ posto em termos de perder a vida; porque sobre a molestia que lhe faziaõ, tiravaõlhe o sono, & o appetite de comer, com que o corpo se hia pondo em huma emaciaçaõ extremosa. E porque naõ podemos combinar todos quantos symptomas padecem os escorbuticos, & os gallicados: dizemos que na duvida que houver da sua natureza, se examine sempre se ha, ou tem havido queyxa de estomago, indigestões, colicas vomitos, & flatulencias: que nestes termos, bem se póde entender; que saõ productos do escorbuto os ditos males. Nas pessoas hipocondriacas terà mayor duvida o conhecimento das suas queyxas, naõ havendo a certeza de serem gallicados. Mas neste caso; tentando-se primeyro os remedios, que pedirem os males por escorbuticos, se naõ se reconhecer utilidade que prometta vitoria, passarseha com prudencia ao uso do mercurio: porque só a sua generosa virtude póde vencer as morbosas hostilidades de Venus, soccorrendo faustamente aos hipocondriacos escorbuticos; como temos observado mais vezes que huma.

3. Ettmull. Colleg. pract. fol mihi 543.

CAPITULO V.

Das causas do morbo gallico.

A Causa, que introduzio o morbo gallico na Europa, he cousa certa ser o contagio, que em sua companhia trouxe das Indias Christovaõ Colon no anno de 1493. & o levou a Napoles, & communicou aos dous exercitos dos Espanhoes, & Francezes, que ahi nessa occasiaõ estavaõ, como temos dito, & diffusamente diremos em outro lugar, & desse tempo a esta parte, sempre o morbo gallico teve o contagio por causa: de que veyo a ser opiniaõ commua entre os Authores, naõ poder succeder sem elle, como consta de Fernelio Rudio, & outros muytos.

2.p.q.10. art. 2.

Quatro saõ os modos de que o contagio se communica. O primeyro, & peyor he, o que se contrahe dos principios da geraçaõ, a saber, quando algum nasce de pays gallicados: o segundo, o que o menino mama no leyte, quando por desgraça sua teve por ama mulher infecta: o terceyro de contacto immediato,

que

que he o mais ordinario: o quarto de contacto mediato como do beber, & comer, da cama, do vestido, do calçado, posto que este terà menos efficacia. Acrecentaõ alguns, que tambem se pega pelo meyo do ar ao distante, como do bafo, segundo nota Pareu; porèm he cousa, que raras vezes se experimenta, & menos se experimenta pegarse do comer, & beber, como cuydou Sylvio Insulano. Mas de qualquer modo, que seja, he este contagio semelhante em se communicar ao de animaes venenosos, como a puntura do alacraõ, a mordedura da vibora, & do cão danado, segundo notàraõ Fernelio, & outros, & primeyro que todos Jacobo Cataneo, porque de hum pequeno principio vay tomando forças, crecendo, & communicandose à parte principe, & a todo o corpo, contaminando toda a massa sanguinea, & as segundas humidades, & logo tambem as partes solidas.

Lib. 18. c. 2.

Lib. 1. de morb. gal.

E porque os humores, a que se communica, produzem, & fomentaõ esta mà qualidade nas partes viventes, he claro serem elles a causa material, cujo conhecimento he muy necessario para a cura. He pois a causa material em que se sugeyta a qualidade gallica, toda a massa sanguinea, porèm nem em todos se ha do mesmo modo, porque humas vezes se sugeyta no sangue, outras na cholera, outras na fleyma, outras na melancolia, & nos principios o sangue, & a cholera, saõ de ordinario os que mais peccaõ, como se vè das pustulas rubras que pelo corpo nascem, & das chagas corrosivas da boca, & partes bayxas. Mas procedendo o tempo, como diz Antonio Musa Brassavolo, dominaõ mais os humores atrabiliosos gerados por aduståo, porque se vaõ requeymando, & a tanto chega algumas vezes a adustaõ, que vem a perder o calor. E he de notar que aindaque o humor gallico seja melancolia, ou fleyma, là tem huma certa acrimonia acquirida pela mà qualidade, como nota Fernelio, por razaõ da qual tem sua porçaõ de adustas, posto que os sentidos algumas vezes a naõ alcancem, por se encobrir, & disfarçar com a natural frialdade da mesma fleyma, ou melancolia.

Lib. prop.

Lib. de abd. c. 14.

Conhecese facilmente cada hum destes humores, porque estando toda a massa sanguinea infecta, apparecem empolas rubras em todas, ou em algumas partes do corpo, & às vezes se fazem fleymoens, principalmente nas partes bayxas, como hernias, encordios, & outros semelhantes: as ourinas saõ vermelhas, & grossas, & o doente mancebo, & tempo de Primavera, & outras causas, que atestaõ sangue. E quando he cholera, ha chagas corrosivas; & as empolas se ulceraõ, & conformão os outros sinaes, que se tomaõ da idade, do tempo, do ar, & das mais cousas naõ naturaes, que todos declinaõ a calor, & secura que saõ as qualidades cholericas. Assim mesmo se domina melancolia, ou fleyma, ha menos mostra de calor, & fazemse tumores scirrosos, verrugas, & glandulas, & os encordios saõ duros, & resistẽtes à maturaçaõ, & sobrevem dores de cabeça, de pernas, & braços, as quaes se a melancolia he mais, se exacerbaõ à tarde, & se a fleyma domina, exacerbaõse pelo discurso da noyte, & se ambos estes dois humores estaõ complicados, ha estas duas exacerbaçoens, porque pela tarde crecem as dores, & como anoytece, remitemse alguma cousa mais, junto à meya noyte se tornaõ gravemente a intender.

E quando ha sinaes de peccarem dois, ou tres, ou todos os humores, he certo complicaremse todos, os que aos ditos sinaes respondem, v.g. algumas vezes ha pustulas rubras, hernia flemonosa, ourinas turvas, & vermelhas, que saõ mostras de peccar o sangue; & juntamente tambem ha chagas corrosivas na boca, ou em outra parte com inflammaçaõ erysipelatosa, ora na circumferencia da chaga, ora em parte differente, & he a compleyçaõ do doente cholerica, o

figado calido, o tempo do estio, que saõ as mostras de cholera, & com isto ha tambẽ dores no meyo dos ossos entre junta, & junta, & de cabeça, q̃ se exacerbaõ à tarde, & outra vez pela meya noyte, & nas mudanças dos tempos, & tumores nas canelas das pernas. Neste caso dizemos que todos os humores peccaõ, todos abundaõ, & cada hum offende sua diversa parte, naõ taõ puro que naõ tenha comsigo mistura dos outros, & conforme a isto lhe ordenaremos a cura, respeytando a cada hum dos humores mais, ou menos, conforme os sinaes de seu dominio. E posto que pareça exceder esta doutrina o que compete ao Capitulo das causas, por tratar alguma cousa dos sinaes, & cura póde ter desculpa, pois por ella se entende melhor o que às causas pertence.

ANNOTAÇOENS.

Dos principios da geraçaõ. *Naõ ha duvida em que por character hereditario se communica o gallico, assim como se communicaõ quaesquer outros males; passando nos principios da geração as ideas, & disposições morbosas, que estando muytas vezes simuladas sem offensa, là vem a reluzir ao longe, ou nos filhos, ou nos netos, ficando toda a vida sem lesaõ os filhos; porque as imagens, & ideas dos males, das qualidades, & disposições individuaes nunca se perdem de hum, & outro generante, & vão sempre sigilladas, & impressas nos principios da geraçaõ; o que Aristoteles disse, que se estendia atè o quarto progenitor; sobre o que se veja o que escrevemos na primeyra parte da nossa Medicina Lusitana,* disp. 2. cap. 20. *em que tratamos da semelhança dos filhos com os pays, & avós, & outros parentes em graos mais remotos.*

De contacto mediato. *Jà dissemos nas Annotações ao Capitulo segundo os modos porque o gallico se contrahia. Por contacto mediato de vestido, & de calçado, rarissimo serà o caso em que se communique, porque aindaque nestas cousas se conservem os seminarios deste contagio, naõ tem elle tanta actividade, que possa introduzirse no corpo por este modo; que como dissemos no lugar allegado, não póde communicarse o contagio gallico pela contextura da pelle perfeyta, & grossa, naõ sendo com hum grande suor; & só pelas partes cubertas de huma epiderme, ou cuticula delgada, & de textura rara, qual he a da lingua, dos beyços, das partes obsenas, poderaõ penetrar ao intimo do corpo os seus seminarios; ou havendo chagas, por meyo das quaes serà mais facil a sua introducçaõ. E se alguma vez acontecer, que por meyo de vestidos, de luvas, & de çapatos se communique este contagio: não só entenderemos, que isto he porque os seus miasmas, ou seminarios tenhaõ mayor actividade do que ordinariamente costumaõ ter, senaõ porque a textura da pelle serà taõ rara, & taõ branda, que admitta o contagio com facilidade, o que succederà poucas vezes.*

Ao distante. *Se o contagio gallico se communicàra de distancia, ha muyto tempo que o mundo todo estaria gallicado; mas naõ he elle como os outros contagios, que mediante o ar se communicaõ, & se propagaõ; senaõ que precisamente ha de haver contacto de pessoa a pessoa para se poder communicar. Zacuto Lusitano* 4. *intentou persuadir o contrario, reprovando a opiniaõ de Mercurial, com o fundamento de que se tinhaõ visto opthalmias contagiosas gallicas sem contacto communicadas, como observou Vigo,* 5. *& depois delle o mesmo Zacuto;* 6. *o que naõ creo facilmente Ettmullero.* 7. *Mas se os primeyros Escritores deste contagio duvidàraõ neste ponto, hoje a experiencia nos tem mostrado sem duvida, que o gallico se naõ communica mediante o ar, como outros contagios; & nem por isto se haõ de negar opthalmias gallicas por este modo communicadas: porque, como advertio Sennerto,* 8. *as opthalmias, ou inflammações dos olhos, sem presença de gallico, saõ muytas vezes contagiosas; o que não ignorou Ovidio quando disse:*

4. Zacut. l. PP.MM. hist. q. 43.
5. Vigo l. de gal. cap. 1.
6. Zac. l. prax.

Dum

Dum spectant oculi læsos, læduntur, & ipsi.
Multaque corporibus transitione nocent.

E se succeder, que huma pessoa gallicada padeça huma opthalmia, bem poderà communicalla, assim como a communicaria senaõ fora gallicada. Cùm ophtalmia (*saõ as palavras de Senerto*) aliàs sæpiùs sit contagiosa, non mirum est si quis cum ægro opthalmia gallica laborante conversetur, ejusque oculos attentè inspiciat, illum quoque talem opthalmiam posse contrahere. *Veja-se Gaspar dos Reys Franco, 9. que com larga escritura contra Zacuto, nega ao gallico a esfera da distancia para sua communicação, que sem contacto naõ admitte.*

Humas vezes se sugeyta no sangue, outras na cholera. *Falla o Author no sentido dos Antigos, que tiveraõ para si que havia no corpo humano aquella imaginada quimerica quaternaõ de humores, sangue, fleima, cholera, & melancholia, gerados no figado, que tambem o fizeraõ officina da sanguificaçaõ; de tal sorte, que na mesma acçaõ de sanguificar, & de hum mesmo alimento resultavaõ quatro humores taõ differentes na cor, na textura, & nas qualidades: que o sangue era rubro, quente, & humido, & de mediana consistencia; a cholera, flava, quente, seca, & tenue; a fleima, branca, fria humida, & grossa; a melancolia, negra, fria, seca, & terrestre; sendo assim que naõ ha mais humores, que o sangue, humas vezes mais, ou menos cholerico; outras vezes mais, ou menos flematico, outras vezes mais, ou menos melancholico. Delle sahem os espiritos, a lympha, a saliva, o succo pancreatico, o succo nervoso, o licor gastrico, a cholera, & a materia seminal. Gera-se o sangue do alimento, quando depois de commutado no estomago, & depurado no intestino duodeno, passa pelas veas lateas, & pelo ducto thoracico de Pecqueto a confundirse com o sangue nas veas, aonde toma a fórma, & natureza de sangue; nelle ha cholera, que he o seu balsamo, que o preserva da corrupçaõ; ha fleuma, ou soro, que conduz muyto para o seu movimento; ha partes acidas, que os Antigos tiveraõ por melancholia, & saõ necessarias para a sua fermentaçaõ intestina. Se predominaõ no sangue as partes oleosas, & sulphureas, he o sangue cholerico. Se predominaõ as partes mercuriaes, & serosas, he o sangue fleumatico. Se predominaõ as partes acidas, & salinas, he o sangue melancolico, & nunca saõ quatro humores differentes, como cuydou Galeno, & com elle os seus sequazes. Quando pois se sigillar o gallico na massa sanguinaria, segundo o predominio das partes que houver no sangue; assim se manifestarà nos seus productos, que humas vezes attestaràõ causa material cholerica, outras fleumatica, & melancholica outras; & naõ se ha de entender, que he porque haja no corpo os quatro humores distinctos, & diversos, que suppozeraõ os Antigos, & que reprovaõ os modernos; entre os quaes Ettmullero 10. conclue neste ponto com as seguintes palavras:* Falsum ergò est, ex quatuor humoribus omninò inter se differentibus sanguine propriè sic dicto, pituita, bile, & melancholia, quibus alij serum, tanquàm communem vehiculum addiderunt, quatuor elementis, & quatuor qualitatibus primis, & quatuor temperamentis analogis constare sanguinem, ut Galenici dicunt, dum liquorem flavescentem pro bile, obscurum verò pro melancholia habent. *O que primeiro, com igual expressaõ, affirmou Vvillis, 11. dizendo:* Est etenim sanguis reverá humor unicus; nec alius circa viscera, & alius in habitu corporis; nec alio tempore movetur pituita, & alio bilis, aut melancholia, utì vulgò asseritur, sed liquor in vasis effervescens solummodò sanguis est, & ubicumque loci per singulas corporis partes defertur; usque idem est, & sui similis; quoniam verò in aliquibus, ob caloris insiti abundantiam, & propter ejusdem penuriam, alimenti coctio, & in visceribus, & in vasis modò intensiùs, modò remissiùs peragitur; ideò sangui-

mir. Obs. 58. 7. Ettmull. Coll. g. præct. fol. 520. 8. Sennert. Lib. de lue ven. p. 4 c 4. §. Alteromodus; &c. Ovid de remed. amor. 9. Gaspar à Reys Franco Quæst. 60.

10. Ettmull. tom. 1. fol. mihi 106.

11. Vvill. lib. de febr. cap. 1.

nis, licèt unici, & ejusdem semper liquoris, temperies diversa existit; & juxta variam hujus crassin dici potest, quòd homines sint biliosi, melancholici, aut alius temperamenti. *Veja-se o que sobre este negocio dissemos na nossa Medicina Lusitana. 12.*

12. Part. 2. cap. 88.

CAPITULO VI.

Dos prognosticos do morbo gallico.

Numero 1.

PRohostica-se primeiramente que o morbo gallico por si considerado he doença grande, porque, conforme diz Galeno, de tres modos póde acontecer ser grande huma doença, a saber, ou pela grandeza da essencia, ou pela nobreza da parte, ou pela malignidade. E como temos notado, & largamente provaremos em seu lugar, que o morbo gallico offende o figado parte principe, & que he venenoso, & maligno, seguese por estes dous principios ser doença grave. Porém naõ he totalmente incuravel como alguns imaginàraõ, pois a experiencia mostra que pela mayor parte perfeitamente sára, & ha muytas pessoas, que curando-se delle viveraõ 60. 70. ou mais annos sem que lhe repetisse, nem dahi lhe ficasse hum leve achaque como notou Eustachio Rudio. Nem obsta que seja venenoso, porque o veneno gallico, conforme nota Fernelio, he menos mortifero que os outros; cuja causa he, conforme notamos no fim da nossa apologia, porque como os mais dos venenos offendem a faculdade vital, & animal, cujos principios saõ o coraçaõ, & cerebro, & o do morbo gallico a natural, cujo principio he o figado, como conforme Galeno, as enfermidades do coraçaõ saõ mais perigosas, & mataõ mais em breve que as do cerebro, & as deste que as do figado, segue-se tambem que o morbo gallico seja menos perigoso, mais tardo em matar que os venenos dos outros membros principes, sendo de igual efficacia.

4. met. c. 6. 2. p. q. 4. Lib. 5. de morb. venen. c. 11. l. 2. de abd. n. 14. cap. ult. æf. 5. de loc. c. 1. & 7. met. 6. 13

E tratando dos pronosticos particulares para saber julgar o perigo, & duraçaõ de cada enfermidade gallica, tres principios se haõ de considerar; o primeiro será a natureza do corpo; o segundo a intensaõ, ou extensaõ da qualidade gallica; o terceyro as enfermidades, ou accidentes com que se complica, ou delle nascem.

Numero 2.

Pronosticos que se tomaõ da natureza do doente.

PEla natureza, entendemos principalmente a virtude, ou forças, & a compleyçaõ natural, de cuja variedade se pódem tirar varios pronosticos. Primeiro. Quando as forças saõ poucas, he a cura difficultosa, principalmente se o mal he grande, porque naõ pódem aguardar o trabalho delle, & dos remedios, pois como diz Guido por authoridade de Galeno, *Ubi est indigentia, non oportet laborare*, conforme ao aphorismo, *Ubi fames laborandum non est: onde ha fraqueza, & fome naõ se póde trabalhar*, porq as forças saõ mais digno, & vehemente indicante, o qual impedimento senaõ achà quando as forças saõ robustas, conforme Galeno: *Ubi vires valentes sunt, omnia contemnunt, & tolerant ubi vero infirmæ sunt, vel absque vis offenduntur*, quer dizer, *quando as forças saõ robustas, tudo desprezaõ, tudo sofrem; mas quando saõ fracas, com qualquer cousa se offendem.*

Tract. 3. doct. 2. c. 1. tit. de const. cum fract. 9. met. c. 13. 10. met. c. 4.

Segundo

Segundo pronostico. O morbo gallico, que se ajunta com natureza quente, & seca, ou de todo o corpo, ou do figado, ou dos outros membros principaes, he mais difficultoso, em especial se o doente for de compleyçaõ melancolica, adusta, & de idade respondente ao tal temperamento, qual he a do mancebo jà declinante para a primeira velhice. O que se prova efficazmente; porque como esta qualidade pertença aos venenos erodentes, conforme mostraremos em seu lugar, & de sua natureza tenha produzir calor, & secura, claro está que mais ha de obrar naquelles, que jà pela natureza, ou idade estaõ dispostos, quaes saõ os calidos, & secos em idade juvenil. Além do que como a cura se faz de necessidade por alexipharmacos segundo se colhe de Galeno, a saber, páo, salsa, & azougue, & como estes tambem aquentaõ, & desseccaõ, introduzem no sugeyto estas destemperanças proporcionaes, & se para haverem de se moderar se temperaõ com as contrarias, he o successo menos prospero, por obrarem os remedios com menos efficacia; donde se segue curarse o morbo gallico nestas naturezas com mais difficuldade. Ao que se ajunta que ha nestes sugeytos humores excrementicios crassos, & melancolicos, que resistem demasiadamente, & fazem a doença diuturna, & muy rebelde. E por esta causa nos velhos he esta doença mais difficil, como diz Joaõ Benedicto, porque segundo affirma por authoridade de Rhasis, tem muyto de humor salgado, & pouco de calor natural.

2. p q 4. c. 6.

13. met. c. 6. & l. 5. simpl. c. 18.

Terceyro. Os corpos duros, & fortes saõ menos sogeytos a receber o morbo gallico, mas huma vez que lhes entra, difficultosamente saraõ, porque conforme Galeno, em todas as enfermidades succede que aos robustos naõ offende senaõ causa gravissima, & por isso nelles saõ de mais perigo. Ao que se ajnnta outra razaõ, que he serem os excrementos destas naturezas mais secos, & crassos, & discutiremse com mais difficuldade por serem os póros menos dilatados.

Quarto. Os que tem muytos humores viciosos, & excrementicios, contrahem mais facilmente o morbo gallico, & intendese muyto nelles, porém costumaõ sarar com mais facilidade, porque conforme Hippocrates, as doenças proporcionaes saõ mais faceis, que outras. Nem se infira daqui contra o segundo pronostico, que logo tambem será menos perigoso aos calidos, & secos, pois saõ proporcionaes à qualidade gallica: porque em respeyto das qualidades manifestas he verdade que he menor o mal, & o perigo, pois he menor o recesso do temperamento natural; mas em respeyto da occulta, & venenosa, he mayor, porque se insinua, & intende mais naquelles sugeytos, & a respeyto della naõ he menor o dito recesso, pois he *toto genere* preternatural, como saõ todos os venenos conforme Galeno, & todas as cousas, que naõ pódem receber nenhum beneficio da natureza, segundo diz o mesmo Autor.

Lib. 2. de præs. ex pulс. c. 4.

cap. 2. b. 34.

4 simpl. 18. in fin. & 3. simp. 22. 4 de fi. nit. 3.

Numero 3.

Pronosticos, que se tomaõ da intensaõ, ou extensaõ da qualidade gallica.

COmo esta qualidade seja occulta aos sentidos, naõ podemos conhecer a sua extensaõ, ou intensaõ no sugeyto, senaõ pelo tempo, pelos effeytos, & pelas causas. Pelo tempo, porque o morbo gallico fresco he menos intenso, & menos extenso que o antigo, & assim digo, que o morbo gallico incipiente (que se entende em quanto o contagio se naõ communica ao figado) he facilissimo de curar, v.g. chagas de partes bayxas, da boca, & dos peytos da ama, que deo de mamar ao menino gallicado, porque estas se lhe acodem logo, & as trataõ

como convem, ſáraõ com facilidade. Porém o morbo gallico confirmado he difficultoſo, mais, ou menos conforme ſua intenſaõ, & naõ ſara ſem remedios grandes.

Pelos effeytos conhecemos as quatro eſpecies do morbo gallico, de que acima tratàmos, as quaes naõ differem entre ſi, ſenaõ em a má qualidade eſtar mais, ou menos intenſa, mais, ou menos radicada no figado. Pelo que a primeira eſpecie he facillima de curar, & logo, conforme Fernelio, a ſegunda, & logo a terceyra he jà mais difficultoſa, & a quarta difficillima; & porque eſta ultima tem grande largueza, tambem a difficuldade he muy varia, como abayxo ſe verá, quando colligirmos os pronoſticos das enfermidades, & accidentes, que da má qualidade procedem.

Lib. de Luc ven.

Pelas cauſas ſe haõ de entender a efficiente, occaſional, & material. Das quaes a efficiente he ſó a qualidade gallica da peſſoa, que pegou o contagio, porque ſó eſta pòde produzir outra em genero de cauſa efficiente univoca, aliàs naõ fora contagioſa, pois conforme provaremos em ſeu lugar, a enfermidade contagioſa he aquella que pòde produzir outra ſemelhante in ſpecie; & como nota Euſtachio Rudio, he o contagio de algumas peſſoas muyto mais efficaz que o de outras; & poriſſo acontece que de algumas mulheres ſe pega o morbo gallico taõ cruel; que com grande difficuldade ſe vence, poſto que logo, & com toda a diligencia ſe lhe acuda; & por tanto diz o meſmo Author, nas Cidades onde ſe conhecem as mulheres, he facil o ſaber de qual o contagio procede, porque ſendo daquellas de que ſe tem experiencia ſer mais efficaz, entenderemos ſer tambem a enfermidade mais difficultoſa, para que com mais preſteza, & com mayores remedios lhe acudamos.

2. p. q. 11. part. 2.

Lib. 5. de morb. ven. c. 11. cit.

A occaſional tambem ſe pòde reduzir à ſobredita cauſa, poſto que por ſi naõ obre, por quanto diſpoem a materia para que a efficiente obre com mais efficacia. Eſta he principalmente o calor, & a ſecura, como jà moſtramos, & por tanto em tempo demaſiado quente, & compleyçaõ, & idade calida, & cholerica, ſe aguça mais a operaçaõ da qualidade venefica, & he muyto mais intenſo o contagio, & conſequentemente o mal. E do meſmo modo acontece ſe procede de peſſoa mal compleycionada, eſpecialmente que abunde de humores excrementicios calidos, & bilioſos. Pertence à cauſa occaſional o contrahirſe o contagio pelos principios da geraçaõ, ou pelo leyte, ou por outra occaſiaõ. O que ſe herda dos pays he o mais difficultoſo, & logo, o que ſe mama no leyte, porque por eſtes meyos naõ ha parte no corpo a que naõ ſe communique, como tem Rudio, & outros muytos. O que ſe contrahe do veſtido, calçado, ou cama, de ordinario ſe faz logo de terceyra, & quarta eſpecie, ſem precederem as primeiras, & he a cauſa porque obra de vagar, & inſenſivelmente, como o veneno do cão danado, ſegundo Galeno, que quando ſe adverte no contagio, he jà habitual. Noteſe porém que ſe o affecto gallico he cutaneo, como ſarna, & outros ſemelhantes que ſe coſtuma contrahir logo dos veſtidos, & conhecerem-ſe em breve os ſymptomas gallicos.

Lib. 5. de morb. ven. c. 11. 1. part. ſect. 2. cõ 17.

A cauſa material moſtra que ſendo o humor (em que a má qualidade ſe ſugeyta, & de que ſe fomenta a das partes viventes) crù, craſſo, & fixo em alguma parte, que difficultoſiſſimamente ſe curará, pois eſte conforme Galeno eſcaſſamente recebe cozimento, como diz em outra parte, naõ obedece aos medicamentos purgantes, & difficultoſamente ſe gaſta, & por tanto ficaõ delle reliquias, que fazem recaidas: *Quæ relinquuntur in morbis, &c.* conforme ſe colhe de Galeno, que diz que humas das razões de ſe deter o humor venenoſo, ficando eſcon-

7. aph. 14. 1. criſ. c. 9. 3. ſimpl 22

escondido dentro do corpo, he o ser de substancia crassa. Pelo contrario sára facilmente sendo a causa material quente, & delgada, porque estes humores são muy aparelhados para se expellerem conforme Galeno.

Lib. quos & quando.

Numero 4.

Pronosticos, que se tomaõ das enfermidades com que se complica.

COmo o morbo gallico nunca exista por si só, senaõ acompanhado de outras enfermidades, as quaes ou elle faz, ou acha já no corpo, ou lhe succedem depois por outras causas, o q̃ tudo elle fomenta com sua presença, he cousa clara que quanto mais, & peyores forem, tanto mayor serà o perigo, & se a cura dellas pedir indicações contrarias às do morbo gallico, serà bastantemente difficultosa, muyto ou pouco, conforme sua contrariedade. E posto que esta regra pudera bastar para geralmente se fazerem os pronosticos que neste principio se fundaõ, com tudo para mais facil noticia especificarey os mais ordinarios, & principaes.

O morbo gallico complicado com destemperança quente do figado, como se mostra haver naquelles, que tem o nariz, ou maçans do rosto vermelhas, he difficultoso de curar, & às vezes naõ sára como diz Rudio, cuja causa he a contraindicaçaõ do figado quente, que requere remedios frios, & os que tem propriedade de remediar o gallico saõ quentes, & por tanto se se applicaõ os do gallico, o calor do figado se intende, & se se temperaõ com outros remedios frios, obraõ com menos efficacia, do qual successo daremos a razaõ na segunda parte. E pelas mesmas razoens he a cura muy difficil, quando com o gallico ha febre, qualquer que seja; principalmente se for com tal magreyra, que jà pareça hectica, ou se o for legitima, que serà caso desesperado.

Quæst. 1. art. 2.

E se com o morbo gallico se complicar enfermidade de si mortal, ou perigosa, terscha por desesperado, v.g. se houver estillicidos notaveis ao peyto, ou ptisicas, asma, orsthpne, gotta coral, vertigens graves, hydropesia, fluxos de sangue, cancro da madre, abominaçaõ do comer, grande crueza do estomago, melancolia hypocondriaca, difficuldade de ourina, & outras semelhantes. A razaõ he clara; porque se estas enfermidades de si tem perigo, ou saõ mortaes naõ sendo gallicas, que se póde esperar se a mà qualidade juntamente afflige o corpo, & as fomenta?

Numero 5.

Termos do morbo gallico, quando mata.

POsto que de ordinario sáraõ os doentes de morbo gallico acodindolhe com tempo; morrem com tudo muytos dos que chegaõ à quarta especie, principalmente aquelles, que por se naõ curarem como convem, daõ naquellas enfermidades incuraveis, de que fazemos mençaõ. E assim huns destes morrem, se lhes sobrevem febres malignas, pleurizes, ou outras doenças agudas, porque como para sararem he unico remedio o das forças, conforme Galeno, & nos ditos gallicados faltaõ, de necessidade se segue morte; ajuntandose tambem a isto que ha muyta copia de excrementos nas veas, & em todo o corpo, de que a doença aguda se fomenta, & fazendo-se peyor com mais presteza mata; & outros destes gallicados morrem hecticos, & de tal sorte marasmados, que naõ tem mais que a pelle pegada aos ossos; outros lançaõ sangue pela boca, & morrem

10. meth. 5. ant. in 1. fin.

rem ptiſicos: outros eſcarrando materia ſe fazem empiematicos. Alguns abafaõ de catarros repentinos, & ſuffocantes: outros daquelles tuberculos no bofe, & obſtrucçaõ das leves arterias, de que faz mençaõ Galeno: outros daõ em grande faſtio, & abominaçaõ do comer, ou em graves cruezas de eſtomago, & de fraqueza acabaõ: outros fazendoſe cacheticos, & hydropicos confirmados: outros morrem vomitando ſangue, ou padecendo dyſenterias, diarrheas, & outros fluxos: outros ſe fazem verdadeyramẽte leproſos, como vio Jacobo Cataneo, & nòs vimos jà duas vezes neſta Cidade. E finalmente ſuccede a mulheres morrerem de crueis accidentes de madre, ou de immodicos fluxos de ſangue della. O que tudo nota Euſtachio Rudio, & nos moſtra a experiencia, & dano dos miſeraveis, que tal padecem. Por onde convem que os gallicados tratem com tempo de ſeu remedio conforme ao que nos aviſa o Poeta: *Principijs obſta.*

Lib. 4. loc.c. ult. Lib. 1. de morb. gal. c. 4. loc.cit.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

DOença grave. *He doença grave o morbo gallico, naõ porque tenha a natureza dos males agudos, q̃ em poucos dias ou ſe vencem fauſtamente, ou com infelicidade ſe terminaõ; mas porq̃ vicia a maſſa ſanguinaria, introduzindolhe por meyo do ſeu fermento hum acido acre, volatil, corroſivo, & exulcerante, de que reſultaõ muytas vezes varios danos em diverſas partes do corpo, & outras vezes em todo elle; porque o ſangue no ſeu circulo as offende; ſuccedendo, que do alimento com que ſe haviaõ de nutrir, & do ſangue com que ſe deviaõ animar, experimentem incommodos que duraõ toda a vida, ſe eſquecidos de que ſaõ queyxas gallicas, lhe não acodem com os ſeus eſpecificos remedios. E não ſe diz doença grave, porque mate brevemente: pois ſabemos muyto bem por documentos da experiencia, que ainda que o contagio gallico ſeja venenoſo, ſaõ os ſeus danos de mayor duração, que perigo; ſabemos, que eſtà muytos annos no corpo de quem chegou a contrahilo, ſem cauſar dano, que poſſa manifeſtalo. Sabemos, que paſſados pays aos filhos, & que eſtando occulto neſtes ſem queyxa, ſe vem a moſtrar nos netos com offenſa; porque os ſeus ſeminarios, paſſando de huns a outros progenitores, nunca perdem a natureza de que ſaõ dotados, & ſe em huns ſe occultaõ, em outros ſe manifeſtaõ. Foreſto* 12. *obſervou que huma mulher caſada com homem infecto com eſte contagio, ſem ella ſentir effeyto ſeu, parira hum filho, que gallicàra a ama que lhe dava leyte, a qual communicàra o contagio a tres filhos proprios: Eſquenquio* 13. *vio huma mulher, que ſem reconhecer effeyto deſte mal, pario hum filho infecto com puſtulas gallicas, porque o pay era gallicado. E muytos caſos ſemelhantes a eſtes temos nòs obſervado, & obſervou Madeyra no* Cap. IV. *deſta obra*, num. 2. & 3.

12. For. lib. 31. Obſ. 2.

13. Joan. Schenk lib. Obſ.

Incuravel. *Naõ he incuravel o morbo gallico; mas antes de todos os contagioſos, he o que mais certamente ſe remedea; porque tem jà conhecidos os efficazes antidotos com que ſe oppugna. Mas iſto ha de ſer applicando-ſelhe a tempo, antes que a maſſa do ſangue eſteja taõ altamente viciada, & corrupta, que não poſſa emendarſe, & as forças tão debilitadas que naõ ajudem a virtude dos remedios; circunſtancia ſem a qual ſe não pòdem vencer os males, por mis efficazes que ſejaõ as curas, ou os medicamentos com que ſe celebraõ, como elegantemente diſſe Valleſio*: 14. Nulus morbus (*ſaõ as ſuas palavras*) poteſt perfectè ſanari ope ſolius Artis, ſed neceſſe eſt ut natura ſanitatem ægrotantis perficiat, & ideò Medici dicuntur miniſtri naturæ. *Tem, naõ ha duvida, os gallicados em ſeu favor poderoſiſſimos remedios contra a infecçaõ do morbo gallico: mas ſerà bom, que tanto que ſe conhecerem offendidos, recorraõ a elles; porque no principio do dano, ſeràõ com menos fauſto mais ſeguramente remediados; po-*

14. Valleſ. 6. epid.lect. 5.com.1.

rem

rém nisto ordinariamente ha algũa omissaõ, ou por descuydo, ou por erro; porque quando este contagio se manifesta nos danos das partes obscenas, por onde se contrahe, todo o cuydado se costuma pôr no empenho de curar aquelles danos, sem contender com a causa delles: ha huma gonorrhea, ha pustulas, ha encordios, & està o contagio communicado ao interior das partes bayxas de que os ditos males procedem; & todas as deligencias se encaminhaõ a curar estes, sem oppugnar aquelle; isto he tratar dos effeytos desprezando, & conservando as causas. Parece que o que se devia fazer nestes casos, era, applicando os remedios para aquelles productos do contagio, usar dos meyos para destruir a causa delles; mas disto trataremos adiante.

Numero 2.

PRoduzir calor, & secura. *O contagio gallico ordinariamente excita nas partes pudendas danos de calor, & secura: porque como seja hum veneno erodente, acre, & corrosivo, insinuando-se pela epiderme interna, & externa das ditas partes, he causa de se inflãmarem, & de haver dores, ardores, & fluxos de materia saniosa, como succede nas gonorrheas; porq̃ os seminarios deste veneno cõmunicados ao interior das partes obscenas, lhe destroem o seu temperamento, de que resulta o converterse em materia purulenta o alimento de que haviaõ de nutrirse. Mas se isto succede regularmente, tambem acontece naõ poucas vezes, que o gallico introduzido no corpo, se conserve muyto tempo nelle, sem causar effeytos de calor, & secura, & que venha a manifestar-se em danos bem differentes, como he em huma lesaõ de juntas, na debilidade de huma perna, em hum tialismo, em diarrheas, & em outras queyxas, em que se naõ reconhece calor, nem secura. Huma mulher viuva padecia huma dor gravativa no hombro esquerdo, & ao mesmo tempo tinha huma purgaçaõ branca pela regiaõ uterina, sem dor, nem ardor. Ella era moça, de boa cor, & de temperamento sanguineo. Curouse com varios Medicos, que lhe deraõ, sobre sangrias, & purgas, banhos, leytes, & outros mais remedios, dos quaes se seguio ficar com hum tialismo, conservando as mesmas queyxas de que se curava; danos de que se vio livre tomando suores de salsa, & raiz da China, porque seu marido antes de cazar com ella fora gallicado; & ainda que só depois de viuva sentio estes achaques, entendemos, que eraõ productos do gallico, atè aquelle tempo latente, & manifesto entaõ nos ditos males, sem attestar, nem produzir nelles calor, nem secura. E assim em outros mais casos, em que sem demonstrações de calor foraõ remedio presentaneo os antidotos deste contagio, o qual só quando incipiente causa mais certamente nas partes bayxas effeytos de calor, & secura, excitando chagas, inflammando, excoriando, & finalmente produzindo gonorrheas purulentas, com calor, & ardor, que obrigão ao uso de remedios refrigerantes com que se attemperaõ.*

Azougue. *Numera o Author o azougue entre os medicamentos que aquentaõ, & desecaõ; porém das suas qualidades ainda não ha certeza. Huns entenderaõ que era frio; outros julgàraõ que era quente; & alguns attendendo aos seus effeytos, que hũas vezes attestaõ calor, & outras frio, tiveraõ para si que no azougue havia diversas partes, humas frias, & outras quentes, das quaes naciaõ differentes productos; sendo assim que o azougue he de natureza homogenia, & naõ tem a diversidade de partes heterogenias, para haverem de ser humas frias, & outras quentes; & assim ou havemos de dizer que he quente, ou que he frio; sobre o que se vejaõ as Annotações ao* Capitulo XXV. *em que fallamos mais largamente nesta materia.*

Com as contrarias. *Huma das razões porque acha Madeyra mayor difficuldade em curar o gallico nas naturezas quentes, & seccas, he porque havendo de usarse os alexipharmacos deste contagio, que tambem saõ quentes, entende, que ou faraõ dano com o seu calor, ou ficaraõ menos activos misturando-se com medicamentos que tenhaõ*

 virtudes

virtudes contrarias. Porèm se Madeyra affirma que os alexipharmacos do gallico tem qualidade occulta com que se extinguem, naõ pódem ser menos efficazes por se lhe misturarem cousas frias com que o seu calor se modifique, & se attempere; porque as qualidades manifestas em nada se contrariaõ às qualidades occultas. Poderàõ os medicamentos frios temperar, & enfraquecer o calor dos alexipharmacos; mas diminuirlhe a sua virtude occulta, moderarlhe a qualidade de superior ordem, com que este contagio taõ efficazmente se oppugna, isto naõ o poderàõ fazer nenhumas qualidades manifestas, visto que se assenta em que aquella virtude consiste em qualidades occultas. E por isso bem se póde usar da salsa, do páo santo, & da raiz da China em naturezas quentes, misturandolhe cousas frias, porque o calor do sogeyto se naõ excandeça com o calor dos ditos alexipharmacos; ainda que nestes casos he mais seguro, sobre ser mais efficaz o uso do mercurio, que naõ esquenta, quando naõ haja contra-indicante taõ forçoso que o exclua.

Nós velhos. *Certo he que nos velhos saõ ordinariamente mais difficultosos de vencer os males; naõ só porque na senilidade saõ os humores taõ viscidos, & tenazes, que naõ cedem à virtude dos remedios, mas tambem porque; he a natureza menos robusta, & ajuda pouco as applicações da Arte, com que havia de soccorrerse; por isto reputou Terencio a velhice por enfermidade, quando disse:*

Nam senibus ubi absit morbus, ipsa senecta
Per se mala valetudo est.

H*A comtudo velhos de natureza taõ forte, que resistem aos males com valentia, & que sofrem os remedios com firmeza. Destes parece que fallou Celso,* 15. *quando disse que os velhos robustos bem se podiaõ curar com segurança:* Firmus puer, robustos senex, & gravida mulier valens, tutò curantur. *E o certo he, que do vigor da natureza, da constancia das forças, mais que do numero dos annos, depende o ser, ou não ser velho, para tolerar os remedios, & para vencer os males; por isto teve Galeno* 16. *por demencia o contar as idades pelos annos, para o uso dos remedios, vendo que os sexagenarios tem muytas vezes robustez para tolerar as sangrias:* Stultum est (*diz elle*) ætates numero annorum metiri; nam sexagenarius validus rectè venæ sectionem admittit. *Pouco tempo ha que curàmos com mercurio hum homem de setenta annos, porque padecia huma disuria, que lhe tinha ficado de huma gonorrhea virulenta; & nunca por razaõ da idade deyxàmos de soccorrer os doentes, applicandolhe os remedios segundo a sua tolerancia.*

15. Cels. lib 2.c.10.

16. Gal. Lib. de sanguin. misi.

Os corpos duros, & fortes. *Para receber o morbo gallico, tanta disposição tem os corpos fortes, & duros, como os debeis, & molles; porque pelo meyo do congresso em toda a natureza se introduzem os seminarios deste contagio: depois de introductos, & recebidos no corpo, pessoas haverà que se offendaõ, ou não offendaõ com elles; porque a sua natureza poderà resistir mais, ou menos à actividade do veneno, para experimentar os effeytos mais cedo; ou mais tarde; ou para passar toda a vida sem offensa, como tem succedido muytas vezes, communicando-se os seminarios gallicos nos principios da geraçaõ aos filhos, & netos, sem se haver reconhecido lesaõ nos pays; porque os taes seminarios pódem estar occultos muyto tempo depois de recebidos, sem fazerem dano; & virem a offender os filhos, & netos, & outra pessoa com quem houver congresso, pela differença das naturezas, que humas se offendem com os seminarios do contagio, outras lhe resistem; do que depende o haver effeytos delles mais cedo, ou mais tarde, ou nunca; porque se os seminarios do veneno forem pouco, ou de taõ fraca actividade, que senaõ possaõ actuar, ou que naõ possaõ produzir outros seminarios semelhantes, que nisto consiste*

siste a sua actuação: em quanto o não fizerem, não haverà offensa; & se a natureza for tal, que possa resistirlhe, tambem se não offenderà com elles; & por isto algumas pessoas sentem effeytos do gallico pouco tempo depois do congresso impuro; & outras passão mais dias primeiro que com elle se offendão. E daqui tambem se colhe a razão porque curando-se algumas pessoas de gallico, & ficando sem queyxas, passados muytos annos tornàrão à padecer effeytos deste contagio, sem terem occasião para o contrahirem de novo; o que succede, porq enfraquecidos com os alexipharmacos os semminarios gallicos, & domado o seu veneno, não póde excitar novo dano, até que com o tempo veyo a achar a natureza em disposição para se offender facilmente; & assim observàrão Cardano, Amato, Fernelio, Saxonia, repetir o gallico nas suas demonstrações morbosas dez, vinte, & trinta annos depois de se haver tratado com os seus especiaes alexipharmacos. Isto mesmo que dizemos do gallico, succede com os mais venenos, ou sejão de males epidemicos, ou de animaes venenosos; cujos semminarios introduzidos no corpo, ou mediante o ar que se inspira, ou pelo contacto do animal que morde, mostrão mais cedo, ou mais tarde effeytos do seu veneno, por ser este mais, ou menos activo, & a natureza mais, ou menos apta para lhe resistir, ou se offender com elle. Assim vemos que nas epidemias de febres malignas, algumas pessoas, recebendo o contagio, se rendem logo aos seus poderes; outras, ainda que o recebão, lhe resistem algum tempo, & enfermão mais tarde; & outras finalmente passão entre os enfermos sem offensa; porque a qualidade alexipharmaca do seu bom temperamento, & da sua natureza, póde resistir às nocivas qualidades do veneno.

Numero 3.

GAllico fresco menos intenso. *Nem sempre succede que seja menos intenso o gallico fresco; porque bem pódem ser tão activos os seus seminarios, que logo excitem graves danos, não só nas partes obscenas, mas ainda em varias partes do corpo, a que facilmente, mediante a circulação, se communique. Não ha muyto tempo, que curàmos hum doente de mais de quarenta annos de idade, que não tendo nunca gallico, de hum unico congresso sahio com humas pustulas, a que vulgarmente chamão cavallos, que dentro de huma hora lhe appareceraõ, as quaes no dia seguinte estavão muy depascentes, & dentro de dous dias se tolheo de todas as juntas de maneyra, que foy preciso entrar logo a curallo, antes que as pustulas que jà erão chagas corrosivas, chegassem a gangrenarse; antes que amassa sanguinaria se corrompesse desorte, q se não emendasse; danos, que pudemos obviar com o uso de huma panacea mercurial, que logo lhe fizemos tomar, com que salivou bastantemente, & se curou de hum contagio tão insignemente activo, que em tão pouco tempo se diffundio por todo o corpo, com os perniciosos incommodos, que temos referido. Donde ficàmos conhecendo, que nem sempre he menos intenso o gallico de pouco tempo contrahido. Além de que estamos vendo que muytas pessoas tem gallico inveterado, que se offendem com elle muyto menos do que outras se offendem com o novo; o que procede da actividade do contagio, & da resistencia da natureza.*

De algumas mulheres. *Em algumas mulheres he o contagio gallico de tal actividade, que communicando-se a outras pessoas, logo as offende insignemente, como succedeo no caso referido no numero antecedente. De hũa mulher que publicamente se prostituhia, soubemos nós, que todo o homem que se juntava com ella, hia com gallico tão activo, que em menos de oyto dias andava caindo com boubas as mais refinadas; sendo assim, que ella não experimentava tanto dano, porque vivia livremente nas suas desenvolturas, sem buscar remedio ao mal, que sem duvida em si tinha. O basilisco, a serpente, & outros animaes venenosos, dentro em si guardão o veneno com que matão, sem*

que experimentem algum dano deſte veneno. Aſſim devia ſer aquella mulher, pois ſe não offendia do venenoſo gallico, que com tanto dano communicava. Tudo faz a reſiſtencia da natureza contra a actividade do veneno, para ſe não offender com elle.

O que ſe herda dos Pays. *O gallico q̃ ſe traz dos primordios da geraçaõ nũca ſe cura, porq̃ nũca ſe póde extinguir aquelle caracter hereditario, por mais diligencias, q̃ a eſte fim ſe façaõ. Poderà a Arte remediar os males que excitar o ſeu fermento; poderà acudir aos ſeus productos; & poderà finalmente domar a actividade deſte cõtagio, porém extinguillo totalmente, como ſuccede no gallico por contacto cõmunicado, iſto nunca o poderà conſeguir. Tambem o que ſe contrahe no leyte que ſe mama, ſe não ſe trata logo delle, nunca mais ſe cura radicalmente; porque elle ſe ſigilla taõ intimamente no ſangue, & em todas as mais partes do corpo, que não ha meyo para poder extinguillo. E não ſuccede aos que foraõ nutridos com eſte veneno, o que experimentàraõ algumas peſſoas, que ſendo nutridas com outros, nunca ſe offenderaõ com elles; exemplo ſeja aquella velha nutrida com napello, cuja hiſtoria refere Avicena* 17. *& hũa moça, que alimentando-ſe do meſmo veneno ſem queyxa propria, matava os homens que ſe juntavaõ com ella. Mithridates Rey de Ponto nunca ſe offendeo com veneno, por ſer criado com elle. De hum homem conta Arnaldo, que comendo aranhas quando menino, ſe naõ offendia com ellas depois de adulto; cujas hiſtorias, & outras muytas de peſſoas, que ſe nutriaõ de veneno ſem offenſa, compilou Gaſpar dos Reys Franco* 18. *no ſeu* Campo Elyſio.

17. Avicen l. 4. fen. 6. tract. 1. cap. 2.
18. Franc. q. 60.

Como o veneno do cão danado. *Só o gallico que ſe contrahe por occaſiaõ de congreſſo, ſe manifeſta nas partes bayxas; porque nellas ſe recebem os ſeminarios deſte veneno, & nellas excitaõ os danos de puſtulas, & gonorrheas, até que chegaõ a diffundirſe a varias partes, & a viciar ultimamente a eutonia do ſangue, do que procedem mayores, & mais communs incommodos. O gallico que ſe communica pela ſaliva, por oſculos, pelo leyte que ſe mama, pelo veſtido, ou calçado, he certo que ſe não moſtra nos danos de gallico incipiente; & que communicando-ſe inſenſivelmente à maſſa do ſangue, entaõ ſe manifeſta em outros danos; aſſim como o veneno do cão danado, que entrando pela mordedura, inſenſivelmente ſe vay communicando ao ſangue, & por meyo delle ao corpo todo; & ſó ſe conhece que eſtà introduzido no corpo pelas leſoens que cauſa. Nas mordeduras do cão rabioſo, ſempre ha o temor de que ſeraõ venenoſas, mas não ha certeza de que ficou o veneno communicado, até que chegando a actuarſe depois de alguns dias, ſe moſtra nos danos crueis que excita. O meſmo ſuccede muytas vezes com o gallico, que communicando-ſe ao corpo, ſem deyxar logo dano ſenſivel, paſſado algum tempo, neceſſario para ſua actuação, là ſe vem a manifeſtar gravemente, ou fica occulto no corpo toda a vida.*

Naõ obedece aos medicamentos purgantes. *Pelos humores craſſos em que o gallico ſe ſigilla, diz o Author, que tem eſte contagio a cura difficultoſa, por não cederem os humores de textura craſſa à virtude cathartica dos medicamentos purgantes: como que ſe a cura do gallico dependera de ſe evacuar a cauſa material em que ſe implanta. Bem ſabemos, que quando o contagio eſtà diffundido pelos humores do corpo, na evacuação delles ſahem muytas partes do ſeu fermento; mas como na maſſa ſanguinaria, na lympha, & ainda nas partes ſolidas, ſempre ficaõ ſeminarios deſte veneno: que importa que os humores ſe expurguem, ſe nunca ſe acaba de extrair o fermento, & ſeminarios do gallico ſigillados no ſangue, & cõmunicados a todas as partes do corpo? O que cura o gallico, o que lhe extingue os ſeminarios, não ſaõ as evacuações, ſaõ os ſeus alexipharmacos; pouco importa repetir os purgantes, ſe ſe não uſaõ os antidotos; por mais exactas que ſe façaõ as evacuações, nunca ſe vence inteyramente o gallico; o q̃ dizemos, porq̃ ſe não cuyde, que em purgar muyto conſiſte a cura dos gallicados, como muyta gente imagina*

Succede

Succede que os que padecem achaques gallicos melhorem com os purgantes repetidos; porque se evacuaõ os humores, que saõ a causa material delles: mas como ficaõ no corpo os seminarios do gallico, passado algum tempo lhe repetem as queyxas. O que cura o gallico, tornamos a dizer, saõ os seus alexipharmacos, a salsa parrilha, a raiz da China, o páo santo, & melhor que tudo o azougue, preparando destas cousas varios remedios, segundo as naturezas dos enfermos, & a condiçaõ dos seus males. Não dezemos que se não usem remedios purgantes nos gallicados; mas antes aconselhamos, que primeiro que se chegue ao uso dos alexipharmacos se prepare exactamente o corpo com a repetida evacuação dos humores, para se darem com mayor segurança os alexipharmacos, principalmẽte se for o azougue: que como elle move os humores, se achar muytos, moverà muytos, & poderà excitar algũ dano, q̃ perturbe a cura, & ponha o doente em mayor perigo, segundo a parte para onde os mover, que póde ser para a garganta para o peyto, & para outra parte principal, cujo dano conclua com o enfermo mais brevemente do que o havia de fazer o chaque. Por isto he necessario evacuar os humores, quanto for possivel, antes do uso do azougue. E se os humores forem taõ crassos, que não cedaõ à virtude dos purgantes, nem por isto deyxarà de curar-se o gallico; porque a virtude alexipharmaca o extinguirà nos mesmos humores, que tanto ha de chegar aos humores crassos, como aos tenues; & sendo assim, não tem difficuldade para extinguir o contagio. O que servirà de embaraço à virtude alexipharmaca, seràõ as obstrucções, debayxo das quaes ficão latentes os seminarios do gallico, a que a dita virtude não póde chegar. Porem nestes casos he grande remedio o azougue tomado pela boca, porque penetra pelas mesmas obstrucções, & conclue felizmente a cura.

Numero 4.

O Que tudo elle fomenta. *Esta he hũa das mais raras particularidades do gallico, fomentar não só os males que causa, mas tambẽ os que procedem de outro principio, & ainda de causas procatharticas, & externas. Succede q̃ hum homem gallicado dè hũa canellada, ou que por qualquer outra causa externa se lhe abra hũa ferida, ou chaga em hũa perna ou em outra parte do corpo; he certo q̃ o gallico não foy causa deste dano: mas elle o fomẽta, & o conserva de tal maneyra, que a chaga não tem a ultima cicatrização, em quanto se não oppugna inteyramente o gallico, do que ha tantas experiencias, q̃ parece superfluo referir alguns casos para persuadir esta doutrina; mas não deyxaremos de contar o seguinte: Cahio de hum cavallo com grande violencia hũ moço robusto, & forte; achou-se depois da queda com huma pequena contusaõ na perna direyta; sangrou-se quatro vezes, succedeo que fosse no pé direyto. Passados tres dias em que se tratou da contusaõ com agua ardente, & da Rainha de Hungria: rompeo-se a cuticula da parte contusa, & resudando alguma serosidade, veyo finalmente a abrir-se huma chaga do tamanho da contusaõ. Esta chaguinha nunca pode cicatrizar em mais de hum anno, desprezando muytos remedios que se lhe fizeraõ; porque quando parecia que estava sã, ella se abria sem nova causa. O doente tambem desprezava a queyxa, pela pouca molestia que lhe causava; mas dezejando ver se livre della, & entendendo nòs que o gallico a conservava, lhe demos dez dias pirolas de mercurio precipitado, com que a chaga cicatrizou brevemente, & nunca mais abrio, como até alli succedia. Outro caso como este vimos, & curamos do mesmo modo na cisura de huma sangria de pé, que apostemando, dorou a chaga mais de nove, ou dez mezes; & porque isto succedeo em huma mulher, que tinha padecido alguns achaques gallicos, entendendo que algumas reliquias deste contagio naõ deyxavaõ curar aquelle dano, lhe fizemos tomar doze dias pirolas mercuriaes, com que se acabou de vencer a rebeldia da chaga fomentada pelo vicio gallico, que extinguio o mercurio. Nestes casos tinha lugar a sentença de Mercurial*

rial, que diſſe que ſe reputaſſem por gallicos os males que ſe conſervaſſem rebeldes, com deſprezo dos remedios a que ordinariamente coſtumavaõ ceder, do que jà fallàmos nas Annotaçoens ao Capitulo IV.

Complicado com deſtemperança quente. *O gallico complicado com intemperanças cura-ſe muyto mal; mas muyto peyor ſe curaõ as intemperanças quando com o gallico ſe complicaõ: porque naõ ſe emendaõ inteyramente, em quanto o gallico ſe naõ extingue. Do gallico com intemperanças quentes diz Madeyra, que tem a cura mais difficultoſa, porque como ſaõ quentes os antidotos deſte contagio, crece o calor com elles, ou ſe diminue a virtude alexipharmaca miſturandolhe remedios frios com que o calor dos antidotos ſe tempere. Iſto porém he falſo: porque a virtude alexipharmaca que ſe acha nos antidotos deſte veneno, nem ſe hebeita, nem ſe vigora com qualidades manifeſtas, porque he virtude occulta, como nervoſamente inſinùa o meſmo Author; & por iſto nem ſe póde diminuir com o quente, nem com o frio, como jà notàmos nas Annotações ao numero ſegundo deſte Capitulo. E ſe as intemperanças ſaõ gallicas, ainda que ſejaõ quentes, bem ſe pódem tratar naõ ſó com o azougue, de cujas qualidades ainda naõ ha certeza, mas tambem com os alexipharmacos vegetantes, cujo calor naõ offende aos gallicados, ſe ſe uſaõ com prudencia, mas antes curaõ febres habituaes, como muytas vezes temos obſervado, dando ſuores de ſalſa em febres hecticas, que por haver gallico ſe naõ puderaõ vencer com os remedios frios, & humidos com que ordinariamente ſe coſtumaõ temperar.*

Numero 5.

GRande faſtio. *Sendo certo que o gallico póde cauſar quantas enfermedades padecem os homens, he deſgraça dos enfermos, q̃ ſó ſe julguem por queyxas gallicas humas dores, que repetem, ou ſe exacerbaõ de noyte, humas gomas, humas talparias, & outros males dos que mais ordinariamente coſtumaõ padecer os gallicados. Nòs vimos hum eſtudante exceſſivamente diſſoluto, que ſem cauſa manifeſta cahio em hum faſtio inexoravel; naõ chegava a maſtigar o alimento, porque a nauſea lho impedia; & fazendo força para engulir algũa couſa liquida, a vomitos a regeytava, com que elle ſe foy pondo na emaciação mais extremoſa. Naõ tinha ſecura, nem amargor de boca. Foraõ innumeraveis os remedios, que ſe lhe fizeraõ, ſem ſe colher delles algum emolumento. Poucos dias antes de morrer lhe appareceraõ duas gomas, huma na teſta, outra na perna eſquerda, & varios caroços pelo peſcoço, & cabeça, que ſerviraõ de moſtrar aos Medicos, que aquelle doente morria hectico de faſtio, por lhe naõ darem hum pouco de mercurio, ou por naõ haver uſado de quaeſquer outros alexipharmacos do gallico, para cuja exhibiçaõ jà naõ havia tolerancia na natureza.*

Tratem com tempo de ſeu remedio. *Em todos os males ſe deve fazer eſta advertencia: porque no principio delles ſempre ſaõ mais uteis os remedios, eſtando menos invalecidos os danos; & ſe entaõ ſe naõ applicaõ com diligẽcia, depois ordinariamente ſe uſaõ ſem utilidade; donde veyo a dizer Galeno,* 19. *que a grandeza do remedio naõ conſiſtia tanto na ſua virtude, quanto na occaſiaõ em que ſe exercia, & no tempo em que ſe applicava:* Non eſſe adeò magnum, (*ſaõ as ſuas palavras*) quod medicamen præſtare poteſt, niſi nactum ſit, qui eo dextrè utatur. *O que com elegantes vozes cantou o Sulmonenſe, quando diſſe:*

19. Gal. lib. meth.

Temporibus Medicina valet, data tempore prodeſt,
Et data non apto tempore vina nocent.

M*As he laſtima que muytos Profeſſores da Medecina deyxem paſſar por eſtudo a occaſiaõ dos remedios, que deviaõ ſolicitar com cuydado, havendo-ſe timida, ou irreſo-*

irresolutamente para chegar ao uso dos mais efficazes, parecendolhe que he preciso observar sempre aquelle vulgarissimo preceyto de que nas curas dos males senaõ ponhaõ em uso os remedios generosos, sem haver primeiro experimentado os benignos; de que resulta muytas vezes que huns, & outros venhaõ a ficar frustrados: os benignos, porque naõ tem forças para vencer o dano: os generosos, porque se applicàraõ tarde. Para que he, Senhores, retardar aos doentes aquelles remedios de que mais certamente se espera a saude? Para que he gastar o tempo com os que saõ menos efficazes? Para que he deyxar correr o tempo com os achaques, debilitando as forças, & apurando a paciencia dos enfermos, antes de chegar ao uso dos remedios mais genuinos? Naõ dizemos que tome huma purga, quem tiver queyxa, que se possa vencer com huma ajuda. Naõ dizemos que chegue a derramar o sangue quem se puder curar com huma dieta tenue; mas dizemos, que naõ havendo bem fundada probabilidade de que os males se possaõ vencer com os remedios leves, se recorra logo aos que se julgarem mais efficazes. Serà bom, que quem tiver humas sezões, esteja tomando os pós da genciana, da centaurea menor, da losna, & de outros anti-febris menos virtuosos, podendo logo usar da quinaquina, com que as sezões mais certamente se curaõ? Està o gallico communicado ao sangue, & havendo generosos alexipharmacos com que este veneno se doma, & finalmente se extingue, para que he entrar a contender com os remedios mais leves, senaõ chegar logo aos que costumaõ aproveytar com mayor certeza? Oh, quantas vezes perderaõ os doentes a saude, porque no principio dos seus males se lhe negàraõ os remedios mais generosos! Quantas vezes se naõ pode vencer o gallico, porque se naõ chegou logo ao uso do mercurio, que entre todos os seus antidotos he o que mais infallivelmente o oppugna, & extingue? Diràõ que isto he ir logo às do cabo, & naõ parece conselho muy prudencial pôr logo em uso os remedios mais activos, quando os danos se pódem profligar com os suaves. Respondemos, que se o contagio gallico està radicado na massa sanguinaria, se he antigo, ou se causa danos graves: o melhor conselho he o de recorrer logo ao mercurio; porque só elle totalmente extingue o gallico inveterado; só elle lhe acaba de destruir o seu fermento; & só elle ultimamente acode com brevidade a remediar os seus productos. E sendo isto assim, quando naõ houver obstaculo para valer do azougue, parece barbaridade estar mortificando os doentes com os alexipharmacos vegetantes, que sobre naõ serem taõ poderosos como o mercurio, fazem as suas curas em mais longo tempo, & tomaõ-se com mayor horror os xaropes de salsa, as apozimas, & outros remedios desta farinha, do que duas pirolas de azougue, ou humas unturas delle. O que dizemos, porque nos consta, que em achaques gallicos he muytas vezes o azougue o ultimo remedio a que alguns Medicos recorrem, quando os doentes naõ tem jà tolerancia para elle, por haverem perdido as forças na tirania de seus males, & no uso de suores, vinho santo, apozima de Dom Fernando, & outros remedios; a que a rebeldia do contagio se naõ rendeo; & por isto adverte profundamente Madeyra, que os gallicados tratem com tempo de seu remedio; que he o mesmo que dizer, que antes que a natureza esteja rendida aos poderes do contagio, se valhaõ dos remedios mais generosos para destruillo.

CAPITULO III.

Cura do morbo gallico incipiente.

Numero 1.

Advertencias communas à cura do morbo gallico antes de se communicar às partes internas.

QUando o contagio gallico começa de fazer algum dano sensivel no corpo humano antes de chegar ao figado, lhe chamaõ os Authores morbo gallico incipiente, como se colhe de Antonio Musa Brassavolo, & de Joannes de Vigo, & de Fernelio, o qual naõ quer que seja direytamente neste estado morbo gallico, senaõ hum rudimento, ou caracter, do que está para vir, que he quando entra pelo corpo, & vicìa a sanguificaçaõ.

Lib. de morb. gal de cultur. morb. gal incipient. Lib. 5. c. 1 Lib. 6. de part. mor. c. 120. ad num. Lib 6. de part. morb. ad fin.

O dano, que o dito contagio, quando de fresco se contrahe, costuma fazer nas partes, em que se imprime, (que saõ de ordinario as bayxas, a boca, & os peytos da ama, que dá de mamar ao menino gallicado) saõ pustulas, chagas virulentas sordidas, & malignas, gonorrheas purulentas, & tumores de verilhas, como nota Fernelio, & Antonio Musa, dos quaes todos trataremos em particular. E conhecer seha naõ estar ainda communicado ao figado, porque naõ ha defluvio de cabellos, nem malhas, nem pustulas pelo corpo, nem outro algum symptoma das quatro especies gallicas, que dissemos; porém qualquer delles, que haja, he sinal certo de estar communicado ao figado, & massa sanguinea; o que tambem se presume, posto que os ditos symptomas naõ appareçaõ, se as chagas depois de sararem tornaõ a arrebentar, ou outras novas na mesma, ou em diversa parte, ou se depois de sãs deyxaõ humas cicatrizes tumurosas, & callosas, que naõ se desfazem, como nota Fallopio, de que se póde suspeytar que ha contagio interior, porém taõ pouco, que influe sómente nellas. E por tanto ainda se poderáõ tratar como gallico incipiente, mas com alguma providencia mais.

Tract. de morb. gal c. 23.

Advirta-se porém antes de tudo que a indicaçaõ curativa commua a todos estes affectos, como se colhe de Fernelio, he impedir que naõ entre o contagio a inficionar as partes interiores; antes se deve attrahir a fóra pela mesma parte, & se deve totalmente extinguir primeiro que pouco a pouco se insinûe, & reconcentre nas partes de dentro, & contamine os humores, & o figado, que he a parte, que principalmente offende. E por tanto naõ convem neste caso usar de repercussivos, nem proprios, nem brandos, conforme a regra geral de Guido, & de todos os mais Chirurgicos, que totalmente os prohibem nos affectos veneficos, quaes saõ os de que tratamos; comparados segundo Fernelio, às mordeduras do cão danado, do Escorpiaõ, & de outros animaes venenosos; antes em lugar de repercussivos devemos usar de attractivos, abstersivos, & corrosivos, que tenhaõ virtude de attrahir, mundificar, & consumir todo o venefico contagio.

Lib. 1. de abd. c. 14. Tract. de apost. loc. cit

Em comprimento da mesma indicaçaõ se ha de advertir com o mesmo Fernelio que naõ se faça neste tempo evacuaçaõ alguma de sangria, ou purga, porque com ella se poderá retrahir para dentro o contagio venenoso. Do qual parecer he tambem Joannes de Vigo, & Fabio Pacio, & outros: salvo depois que o contagio jà estiver communicado em fórma, & de tal modo que estas chagas, & apostemas se fomentem ou gérem do humor excrementicio gallico, que jà o figado está gerando, (o que ainda entaõ tem sua duvida, como adiante se verá)

c. cit. Lib 5. c. 1. Lib de morb. gal cit. prop.

ou

ou se complicar outra enfermidade, que precisamente obrigue aos taes remedios, como nota o mesmo Vigo; advertindo muyto que havendo-se de celebrar sangria, seja sempre no pé, conforme com evidencia mostràmos na nossa apologia feyta sobre esta materia: & adverte excellentemente Alcaçar, Eustachio Rudio, Fabio Pacio, Nicolao Machello, Hercules de Saxonia, & outros. E cada hum se guarde naõ o tente o Diabo com sangria de braço nestes casos. Veja a nossa apologia, & o que diremos na segunda parte desta obra.

Lib. de morb. gal. cap. 25. Lib. 5. de morb. ven. 19. Loc. cit. Lib. prop. Lib. 9. de Lue ven. 17. Quæst. 19. art. 1.

Numero 3.

Cura das pustulas gallicas, que nacem de contagio novamente contrahido nas partes bayxas.

ESTas empolas nacem de ordinario nas partes vergonhosas logo de fresco depois da communicaçaõ impura, & tambem nacem nos peytos da mulher que deo de mamar a criança infecta, & algumas vezes se resolvem com a força dos medicamentos agudos, outras arrebentaõ, & se convertem em chagas corrosivas, como notou Joannes de Vigo. Costumaõ resolverse, & sarar perfeytamente lavando-as *com agua de pedra lipis, ou de Lanfranco, ou com agua branda de Solimaõ* temperada do modo que as mulheres a usaõ para o rosto; *ou se desate meya oytava de verdete em agua de cevada*, com que se lavem as pustulas. E Joannes de Vigo diz que se appliquem *seus pós*, os quaes convem mais quando os remedios menos efficazes naõ bastaõ, ou misturados em pouca quantidade com qualquer unguento.

Loc. cit.

Loc. cit.

E advirta-se que ainda que haja qualquer inflammaçaõ na parte com as ditas pustulas, nem porisso deyxem de usar dos ditos medicamentos, porque como a causa della he a má qualidade do contagio, & com os ditos medicamentos se consuma, logo tambem cessa toda a inflammaçaõ, como a quotidiana experiencia confirma. E quando alguma vez por muyta se tema, usem primeiro *de cozimento de cevada, malvas, & violas*, & temperada de algum modo a força da inflammaçaõ, torne-se aos ditos medicamentos agudos, que totalmente gastem o contagio. E nas partes onde naõ houver botica, nem commodidade das medicinas sobreditas, as pustulas se lavem com agua de cevada, sal, & açucar, ou mel, ou sómente com agua salgada, ou com agua mel, applicando isto sempre morno; & sendo as medicinas liquidas, & muyto acres appliquem-se duas, ou tres vezes no dia; mas sendo brãdas, appliquemse mais a meude; & sendo algum tanto solidas como unguentos, bastará que se appliquem cada dia hũa, ou duas.

Mas porque algumas vezes saõ estas pustulas taõ rebeldes, que com os sobreditos remedios se naõ resolvem, he necessario usar de outros mais fortes, dos quaes tem o primeiro lugar a agua de Cynabrio que descreve Alcaçar nesta fórma: *R. Vinho velho branco huma libra medicinal, que saõ doze onças, verdete, ouro pimenta, pedra hume crua, de cada hum quatro oytavas, Cynabrio sinco oytavas, solimaõ duas oytavas.* Tudo se faça em pó, & se misture com o vinho, & dê huma fervura, & com isto se toquem as pustulas, ou chagas, ou sinaes que ficàraõ do morbo gallico, & a tinha antiga, porque todos estes affectos sára maravilhosamente, ou estejaõ nas partes bayxas, ou em quaesquer outras; & parecendo que este remedio he muyto forte a respeyto de algũs destes affectos, por serem menos malignos, destempere-se com agua rosada, ou de tanchagem, ou de cevada, ou agua da fonte, de qualquer destas a terça, ou quarta parte, ou ametade, conforme a natureza do enfermo, ou qualidade do mal.

Lib. 5. c. 7.

Lib. de lue ven. in fin.

Em lugar da agua de Cynabrio se póde usar da que Fernelio chama divina, que descreve deste modo. Rec. *Solimaõ grãos doze, agua de tanchagem seis onças*; ponha-se a ferver no borralho atè se gastar ametade. E com ella se toquem as pustulas rebeldes: ou se toquem com agua forte dos prateyros. Ou se faça este unguento. Rec. *Solimaõ feyto em pó meya oytava, unguento mouro, ou camello meya onça, verdete huma oytava*; tudo se misture, & se applique em pouca quantidade; & dahi a huma hora, ou meya se veja se está jà a pustula murcha, & se estiver, tire-se logo antes que faça chaga.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

HUm rudimento, ou character do que está para vir. *O contagio gallico communicado só nas partes obscenas, chama-se gallico incipiente, porque por ellas começa a offender o corpo, jà com pustulas, jà com chagas, & jà com gonorrheas, até que diffundindo-se mais altamente, chega a sigillar-se na massa do sangue, & a causar mayores incommodos. Este contagio incipiente no sentir de Fernelio ainda naõ he gallico, senaõ hum principio do que hade ser gallico, quando chegar a introduzir-se no intimo do corpo, & a viciar a massa sanguinaria. Este absurdo, indigno na verdade de hum Professor taõ douto, tem suado muytas vezes bem nas orelhas de alguns Cirurgiões, para entenderem, que em quanto naõ houver mais effeytos deste veneno, que os que costuma excitar nas partes bayxas, naõ tem gallico os doentes. Mais ha de hum anno, que nos veyo às mãos huma consulta de terra muy distante, cujo caso era huma chaga antiga, & rebelde em huma perna de pessoa que tinha padecido varias gonorrheas, & pustulas gallicas nas partes pudendas; & vendo a rebeldia da chaga, q̃ naõ pode cicatrizar inteyramente com os remedios bem applicados, entrava em consideraçaõ se se fomentaria de vicio gallico, que frustrasse as diligencias com que a Arte lhe acodia. Nesta duvida dizia hum Cirurgiaõ, jà provecto na idade, & com grande opiniaõ na sua Provincia, que a chaga naõ podia ser fomentada de gallico, porque o doente nunca chegàra a tello; que as pustulas, & gonorrheas naõ eraõ gallico, senaõ hum rudimento do que havia de ser; & como naõ houvera depois outros danos dos que costuma causar o gallico, assentava em que o enfermo o naõ tinha. E porque os Cirurgiões desta classe naõ creaõ em semelhantes absurdos, lhe dizemos, que este contagio tanto he gallico sendo incipiente, como depois de confirmado; tanto he gallico posto nas partes bayxas, como communicado altamente ao intimo do corpo; que o estar nesta, ou naquella parte naõ lhe muda a natureza, nem lhe constitue a essencia, ainda que nellas sejaõ desiguaes os seus danos.*

Conhecer-seha naõ estar ainda communicado. *Em quanto naõ houver defluvio de cabello, nem nodoas, & pustulas pelo ambito do corpo, nem alguns dos productos em que o gallico confirmado se costuma manifestar, diz Madeyra, que por isto se conhecerà naõ estar ainda communicado à massa sanguinaria. Mas assim como havendo os referidos symptomas podemos entender que o gallico se tem communicado às veas: assim tambem devemos considerar, que bem póde estar communicado sem se manifestar em nenhum dos ditos symptomas, ou em qualquer outro dano: porque, como muytas vezes temos dito, os seminarios deste contagio, ainda que communicados às veas, & sigillados na massa sanguinaria, estaõ muyto tempo, & às vezes toda a vida sem fazer dano sensivel. E por isto na ausencia dos ditos symptomas nos havemos de valer de outros principios para vir em conhecimento de haver gallico radicado no sangue.*

Impedir que naõ entre o contagio. *Esta deve ser a principal indicaçaõ curati-*

lico incipiente, sem que seja por meyo da sangria, se introduzem nas partes internas, & se sigillaõ na massa sanguinaria, porque o sangue no seu circulo os vay tomando das partes infectas; & por isto se deve fazer grande diligencia por curar brevemente as pustulas, & chagas, & as gonorrheas virulentas, antes que o seu contagio se communique ao sangue, no que advirtiraõ todos os Praticos, que nas curas das gonorrheas não aconselhàraõ remedios para extinguir os seminarios do seu contagio, & só se applicàrão em acodir com cousas frias, & humidas às dores, & ardores, que causaõ; mas disto trataremos no Capitulo undecimo.

No que toca a purgar havendo gallico novo nas partes bayxas, dizemos tambem que se for necessaria a purga para remedio de outro dano, se use della, sem o temor de que o contagio das ditas partes se recolha às partes internas; porque ainda que se diga, que os medicamentos purgantes movem os humores da circumferencia para o centro, no que não ha certeza, nem por isto irà logo a virtude de cathartica buscar os seminarios do gallico, quando, se não estão fóra do corpo, estão ao menos na contextura delle, fóra dos ductos, & das vias por onde se encaminhão os humores que os purgantes movem. O que importa, Senhores, quando nas partes internas ha contagio gallico, he tratar de extinguillo, antes que mediante a circulaçaõ do sangue, & da lympha se communique adentro, que por estas veas he que o gallico se introduz no corpo mais certamente, do que por causa de huma sangria, ou de hum medicamento purgante, que para remedio de outra queyxa não deve negarse.

Numero 2.

ALgumas vezes se resolvem. *Nestas pustulas contrahidas de fresco basta ordinariamente para as secar tocallas com agua de pedra lipis, & com os mais remedios que o Author propoem; mas tambem succede algumas vezes, que não aproveytando os ditos remedios, se façaõ chagas virulentas, & corrosivas debayxo das ditas pustulas, que se curão depois com mayor trabalho, o que nasce de se applicarem medicamentos só a fim de resolvelas, & secalas, sem attender ao contagio que as excita. Desorte que neste achaque ha duas cousas: huma he o contagio que recebeo a parte; outra saõ as pustulas que nella causou o contagio. E sendo isto assim, não parece conselho muy racional o de applicar remedios exsiccantes para resolver as pustulas, sem tratar ao mesmo tempo de lhe extinguir a causa. Bem sabemos que muytas vezes se curão inteyramente estas pustulas só com os ditos remedios, & que se não fica reconhecendo algum dano; porque os seminarios do gallico por pouco activos não pódem penetrar as partes internas, & secando-se as pustulas, alli se dissipão os ditos seminarios. Mas assim como sabemos que isto succede algumas vezes, tambem não temos a certeza de que possa succeder o contrario, empregando-se com mayor actividade os seminarios do gallico na parte em que excitàraõ as pustullas, exulcerando-a, corroendo-a, & o que mais he, introduzindo-se assim nas partes internas, atè chegar a sigillar-se na massa do sangue; o que se póde impedir applicando logo nas pustulas medicamentos mercuriaes, com q̃ os seminarios do gallico, & o seu fermento se extinguem, curando-se ao mesmo tempo as pustulas brevemente; para o que basta lançar nas pustulas duas vezes no dia huns pós subtilissimos de mercurio doce, ou branco precipitado, que sem excitar dor alguma, as cura dentro de dous, ou tres dias, principalmente se antes da applicaçaõ do mercurio lavarem as pustulas com cozimento de páo santo, & rais da China, ou com vinho tepido, como aconselha Musitano, 1. o qual diz, que do mercurio se deve usar logo nestes casos: porque cura as pustulas dulcificando, & extinguindo o acido contagioso do gallico, & de qualquer fermento corrosivo. Estas as palavras:* Indolens est ille

1. Musit. lib. 3. de lue ven. cap. 7.

ille (*falla do mercurio doce*) & præputio aspersu bis in die, intra dies duos pustulas curat; mercurij namque pulvis omnem acredinem, & aciditatem in se imbibit, & omnia corrosiva obtundit, immutat, & cicurat.

Com o mercurio se pódem misturar as fezes de ouro, ou pós de alvayade, ou assucar de chumbo, ou de pedra hume, ou de qualquer dos medicamentos que o Author expõem: porque na companhia do mercurio ficão certamente mais efficazes, & pódem applicar-se em pós, em licor, ou em unguentos. Em pós, na fórma seguinte:

Tomem de fezes de ouro, de alvayade, de cada cousa meya oytava, de mercurio doce hum escropulo, misturem-se.

Ou desta maneyra:

Tomem de assucar de chumbo, de pedra hume, de cada cousa huma oytava, de pedra lipis meyo escropulo, de mercurio sublimado, o que vulgarmente chamão solimão, hum escropulo; misture-se tudo feyto em pò sutil.

A pedra medicamentosa de Crollio, *a que elle chama* lapis salutis *pelas grandes virtudes que nella se encerrão, tambem he admiravel para as pustulas, misturandolhe igual quantidade de mercurio doce, ou precipitado; a sua composiçaõ he esta:*

Pedra medicamentosa de Crollio.

Tomem quatro onças de caparrosa commua, huma onça de salitre, outra de alvayade, outra de pedra hume, outra de bolo armenio, meya onça de sal armoniaco; cada cousa se faça em pò separadamente, depois misturemse, & ponhão-se no lume em vaso vidrado, com tanto vinagre fortissimo, que fique dous dedos acima dos pòs; ferva tudo, mexendo continuamente com huma espatula, atè que o vinagre se gaste, & toda a mais materia se endureça como pedra, que serà de huma cor ròxa escura. Acha-se esta receyta em Crollio, no tratado de oleis, fol. 574.

Tem esta pedra as virtudes seguintes: Serve para curar quaesquer chagas, ou sinplices, ou podres, lançando-se nellas em pò, ou aplicando-se desfeyta no licor conveniente com que se houverem de lavar as ditas chagas. He remedio util para queymaduras, para almorreymas, para sarna, para erysipela, para gingivas podres, para os dentes que estão vacillantes, & abalados. Suspende as lagrimas involuntarias, corrobora os olhos, & por isto he remedio das epiphoras. Cura as nevoas dos olhos, as opthalmias, ou inflãmações delles applicandose em agua distillada de eufragia, de erjavaõ, de rosas, ou em outra que appropriada seja, desfazendo hũa onça de pedra em duas onças de agua.

Em licor se applicaõ os referidos remedios na fórma seguinte:

Tomem de pòs de pedra medicamentosa meya oytava, de alvayade, de mercurio doce, de cada cousa hum escropulo, de agua de tanchagem tres onças, misturemse.

Ainda que a tanchagem tenha virtude repercussiva, misturada com estas cousas não offende; quem a não quizer usar, receyte assim:

Tomem de pòs de pedra lipis, de fezes de ouro, de cada cousa hum escropulo, de mercurio precipitado meyo escropulo, de cozimento de raiz da China duas onças; misturemse.

Sennerto 2. *inculca o remedio seguinte:*

Tomem de pedra hume de rocha, de solimão, de cada cousa huma oytava, de agua de tanchagem huma libra; misturem-se, & appliquem-se panos molhado nella.

Michael Ettmulero 3. *louva mais este:*

Tomem de agua de tanchagem seis onças, de solimão quatro escropulos de pedra hume meya onça; misturemse.

Oleo de vitriolo, de enxofre, & da agua forte, tambem secão estas pustulas, tocando-as com elles, cousa que reprova muyto Renideo, 4. porque estes medicamentos fazem huma escara muy dura, debayxo da qual se oculta a virulencia, que depois se diffunde mais largamente. E aindaque estas pustulas sequem com estes, & quaesquer outros

2. Sennert. lib. de lue ven. cap. 13.

3. Ettmull. Colleg pract. fol. mihi 535.

va no gallico incipiente, impedir que o contagio se communique às partes interiores, porque não chegue a inficionar a massa sanguinaria: que em se implantando nella, póde causar danos gravissimos, & não se extingue sem chegar ao uso dos antidotos mais generosos; sendo lastima na verdade, que de humas pustulas, de huma gonorrhea, & de outros danos, que o gallico de pouco tempo contrahido excita nas partes bayxas, se cheguem a gallicar os homens desorte que fiquem com esta infecção quiçàque toda a vida, podendo preservarse della com facilidade, extinguindo os seminarios do contagio, antes que altamente se vaõ diffundindo, & propagando; para o que não inculca o Author remedio com a facilidade com que dà o conselho; pois em quanto a curar as pustulas, propõem sómente os remedios attractivos, abstergentes, & corrosivos, a fim de attrahir, mundificar, & consumir todo o contagio; parecendolhe que em quanto vão obrando estes remedios, se não irão os seminarios do gallico communicando. E assim mesmo na cura das gonorrheas aconselha, que temperadas as dores, & os ardores, que excita o contagio, não façaõ outros remedios, deyxando correr a purgaçaõ livremente; porque com as materias que se expurgaõ, se acabão de extrair os seminarios contagiosos. He porèm esta praxe perniciosa, porque os seminarios do gallico que excitaõ as pustulas as chagas, & as gonorrheas, não se extrahem com a facilidade com que se communicaõ, levados na circulação do sangue, & da lympha; o que não advertio Madeyra, porque no seu tempo ainda se não sabia destas circulações, por meyo das quaes se communicaõ os ditos seminarios brevemente à massa sanguinaria; o que se naõ impede só com deyxar correr a purgaçaõ das gonorrheas; nem só com asterger, & mundificar as pustulas, & chagas: senão que he necessario usar de remedio alexipharmaco, que tenha virtude de extinguir todo o fermento, & seminario contagioso; sobre o que se veja o que dizemos nas Annotações ao Capitulo VIII. *& ao* Capitulo XI. *na cura da gonorrehea purulenta. E no que toca ao remedio das pustulas de que fallamos, se veja o que adiante dizemos na cura dellas.*

Naõ convem repercussivos. *Nas pustulas, & chagas do gallico incipiente fazem os repercussivos grande dano, porque impingem mais na parte os seminarios do contagio, & pódem introduzillos nas partes internas com mayor perigo. Naõ ha muyto tempo que hum homem jà provecto na idade, de temperamento igneo, & bilioso, de hum congresso impuro ficou com huma chaguinha, ou excoriação muy pequena na extremidade da parte pudenda, que no mesmo dia lhe appareceo; & querendo curalla com agua de tanchagem, logo se lhe inflammou a parte, sobrevindolhe huma grande erisipela, com febre intensa; & cobrindo-se a chaga com a pelle da dita parte, là se foy pondo tão depascente, que correo quasi a parte toda, causando sevissimas dores, & excitando copiosissimos fluxos de sangue, corrompendo, & gangreando a dita parte; de que resultou estar o doente mais de dous mezes em perigo de morte, passando hum penossimo trabalho, pelas dores, fastio, vigilias, febre, & outros mais incommodos, que são consectarios destes, ficando finalmente incapaz dos actos conjugaes, pelas operações da Cirurgia; porq̃ foy preciso cortar pela parte sã, para a livrar de q̃ toda se gãgrenasse. Eys aqui o que faz a impericia atrevida nos Cirurgiões indoutos, & a confiança mal fundada nos enfermos menos prudentes; que assim se entregão com facilidade nas mãos de huns idiotas, para chegarem brevemente aos braços da morte. Tomàra que entendessem todos, que os primeyros remedios são os que curaõ os males, & que se não se applicaõ os que saõ convenientes, custa depois grande trabalho o emendar estes erros, & o remediar os danos que delles se seguem, o que muytas vezes se não pòde conseguir; por isto dizia Herophilo, que os medicamentos humas vezes eraõ mãos de Deos, outras vezes mãos do Diabo; mãos de Deos, quando se applicavão com ciencia, pelos bons effeytos que produziaõ; mãos do Diabo, quando se exercitaõ sem arte, pelos perniciosos da-*

nos, que excitavaõ; succedendo muytas vezes, que com o mesmo remedio, com que em humas occasiões se defende a vida, em outras pela insciencia de quem os usa, se procure a morte, como notou Zuvelfer, quando disse: Cùm proinde certum sit, nec non firmissimum, eodem medicamento vitam tolli posse, & prorogati, solo artificum discrimine. *Saõ os remedios como as armas, que se jogadas com destreza defendem a vida, esgrimidas sem arte solicitaõ a morte. Nisto deviaõ contemplar aquelles, que inconsideradamente buscaõ o remedio nas mãos da ignorancia, não fazendo distinçaõ de professor a professor, principalmente no principio dos males, fiando-se em convocar os mais doutos quando, invalecidas as queyxas, se virem fluctuar nos perigos: como se sempre pudesse a ciencia emendar os erros da ignorancia, & mais em doenças agudas, que no breve termo em que se julgaõ, naõ deyxaõ tempo para se acudir aos danos que dos erros se seguem.*

Evacuaçaõ alguma de sangria, ou purga. *Para curar as pustulas, & chagas do gallico incipiente, não he necessario sangrar, nem purgar, porque com os remedios topicos se vencem estes danos; mas se por algum incidente for preciso usar de sangria, ou de purga, bem se póde fazer sem o temor de se retrair para dentro o contagio das pustulas, como teme Madeyra: porque nem a sangria, nem a purga pódem recolher as partes internas os seminarios do gallico, que estaõ na contextura da pelle fazendo as pustulas, & chagas, ou no interior das partes pudendas causando as gonorrheas. Mostra-se assim em quanto à sangria, porque os ditos seminarios estaõ fóra das veas, discretos, & separados do sangue; & não pódem communicarse às partes internas, seguindo o seu movimento; & mais sendo certo que a sangria não dà outro movimento ao sangue alèm do movimeno da circulaçaõ em que gyra. E por isto havendo necessidade de sangria, aindaque naõ seja muyto urgente, nunca nos serve de obstaculo para chegar a fazella o temor de q̃ com ella se recolherà às partes internas o gallico q̃ occupa as partes pudendas, ou a sangria se faça no pè, ou no braço: porque, como temos dito, o sangue na occasiaõ da sangria não tem outro movimento mais que o da sua circulaçaõ, que havia de ter, aindaque a vea se não rasgàra; & se elle por razão deste movimento não attrahe os seminarios do gallico das partes bayxas, tambem o não pòdem attrahir por se rasgar a vea, & por se tirar della hum pouco de sangue, que não vem das partes contagiadas. Ha muytas cousas na Medicina pratica, que tem vindo como por tradiçaõ de huns a outros Escritores, & sem se reflectir nellas, se estaõ observando como preceytos, os que muytas vezes se deviaõ reprovar como absurdos. Naõ aconselhamos, que quem tiver gallico contrahido de pouco tempo nas partes obscenas, se sangre para se curar delle: mas dizemos, que sendo necessaria a sangria por outro principio, se faça como pedir o dano, ou no pè, ou no braço, sem o temor de que com ella se communique às partes internas, & altas o contagio, que occupa as pudendas; porque sendo certo que o sangue por sahir fóra da vea rasgada, não dà outro movimento ao que dentro nellas circula: & não havendo duvida em que os seminarios do dito contagio estão discontinuados do sangue, fóra da sua sociedade, discretos, & separados nas partes contagiadas, como pódem recolherse a dentro com a sangria? E se se communicaõ na circulaçaõ do sangue, para que he culpar a sangria, quando sem ella se pódem communicar no movimento proprio, & natural do sangue, em que sempre circula? Desorte que a sangria não dà novo movimento ao sangue, & queremos à força, que seja causa de se communicar às partes internas o contagio que està posto na contextura cutanea das partes pudendas. Dizemos isto para facilitar as sangrias na presença de gallico incipiente, sendo necessarias; & para tirar o terror panico que se tema aquelle remedio, havendo este contagio; de que resultaõ muytas vezes graves danos, pela omissaõ delle, & por se sangrar no pè quando os males se devem tratar com sangria de braço. O certo he, que os seminarios do gallico*

tros remedios mais uteis os que levaõ consigo mercurio doce, ou precipitado, ou sublimado: que applicando-se a tempo, impedem que as pustulas passem a chagas corrosivas, a que depois naõ basta a violencia dos pós de Joannes de Vigo, & outros de semelhante virtude.

4. Renod. apud. Boner. 3. thel. fol. mihi 514.

Em fórma de unguento se applicaõ tambem os ditos remedios, misturando-os com unguento de fezes de ouro, de tutia, alvayade, de chumbo, ou com unguento rosado, & com unguento branco desta maneyra:

Tomem de unguento de fezes de ouro meya onça, de solimaõ doze grãos, misturem-se exactamente.

Tomem de unguento rosado meya onça, de pós de pedra hume meya oytava, de mercurio precipitado hum escropulo; misturem-se.

Pedro Foresto 5. usa do seguinte remedio:

5. For. lib. 32. Obs. 6.

Tomem huma clara de ovo batida até se fazer em espuma, quatro grãos de solimaõ, outros quatro de alcanfor, misturem-se, & faça-se unguento.

O mercurio precipitado, & doce misturado com manteyga crua, he remedio, que louva muyto Ettmullero.

Contra o uso dos unguentos està huma doutrinal advertencia de Carlos Musitano, 6. *que diz, que os unguentos, ainda que se componhaõ de cousas mineraes, que possaõ servir para medicaçaõ das pustulas gallicas: pela sua untuosidade, ficaõ sendo, naõ só inuteis, mas nocivos; porque naõ deyxaõ penetrar os mineraes às partes intimas, & saõ causa de que as pustulas passem a chagas, & cariações das partes offendidas:* Vulgares Medici (*diz elle*) & Chirurgi ad præputij pustulas persanandas, unguento de tutia, minio, & cerusa utuntur, sed infelici eventu, licèt in dicta unguenta mineralia intrent, quæ vim pustulas venereas curandi continēt, quia tamen unctuositati sunt admixta, impeditus est illis aditus, ut in cuticulæ læsionem penetrent, ac ex dictorum unguentorum usu ut plurimum pustulæ, vel in caries, vel in ulcera abire solent. *Porém estes incommodos que Musitano considera no uso dos unguentos, naõ ha que temellos quando se misturaõ com mercurio, cuja penetrativa virtude se naõ embaraça com a untuosidade dos unguētos. Curadas as pustulas, adverte o mesmo Author, que se tomem dous, ou tres dias pirolas mercuriaes, ainda que o gallico seja incipiente; doutrina, que se deve seguir, & preceyto que he necessario observar; porq̃ ainda que por virtude dos remedios topicos se curem brevemente as pustulas, sempre devemos temer que se communiquem ao sangue alguns seminarios do gallico; & para extinguillos, he muy conveniente o uso do mercurio; principalmente quando nenhum dano se segue delle, como temos observado muytas vezes, dando tres, ou quatro dias continuos as seguintes pirolas.*

6. Musit. 3. de lue vener. 7.

Tomem de mercurio doce, ou branco precipitado grãos oyto, de antimonio diaphoretico grãos seis. Façaõ-se pirolas com alquitiria, & dourem-se, & repitaõ-se para tres dias.

CAPITULO VIII.

Cura das chagas, que de fresco naceraõ nas partes da boca, ou bayxas, a que o vulgo chama cavallos, nacidas de contagio gallico contrahido de fresco, antes de se communicar ao figado.

Numero I.

Estas chagas saõ de ordinario virulentas, & corrosivas, & os Medicos lhe chamaõ caries quando nacem no membro, & o vulgo cavallos, & de ordinario succedem às pustulas sobreditas, outras vezes começaõ logo em chagas, cuja

cuja causa he a mordacidade do contagio, que se contrahio da conversaçaõ impura, que como he venenoso erodente, (segundo dissemos, & se prova em seu lugar) roe a parte a que chega.

2.p.q.4. art. 3.

E para que melhor procedamos na cura destas chagas, he necessario advertir com Fallopio que ha tres generos dellas, que naõ differem senaõ em mais, ou menos. O primeiro quando saõ leves posto que gallicas. O segundo quando saõ mediocres. O terceyro quando saõ malignas. As leves se conhecem, porque naõ fazem dor consideravel, & ordinariamente se fazem de humas empolinhas como grãos de milho, que nacem na cabeça do membro, & prepucio, & às vezes o enchem todo em redondo, & depois abrem, & deyxaõ aquellas chaguinhas, cada huma das quaes tem hum ponto branco no meyo, & causaõ hum certo pruido leve, & moderado. As mediocres saõ hum genero de chagas redondas, que no meyo tem huma certa negrura, ou tambem às vezes saõ brancas com labios hum pouco tumidos, & vermelhos, & a chaga em si he hum pouco profunda, & faz dor consideravel. As muyto malignas naõ só pódem ser redondas, mas tem outras varias figuras, & varias cores, como livida, purpurea, branca, & juntamente tem huns labios callosos, & corroem cruelmente com alguma sordice, & às vezes com podridaõ, & notaveis dores.

Lib. de morb.gal c.81.

A indicaçaõ curativa de todas estas he a que acima dissemos commua a todos estes affectos contagiosos, procedidos de causa externa contagiosa: a saber, extinguir o contagio, & attrahillo para fóra, & segurar, que naõ penetre dentro conforme nota Eustachio Rudio, & se colhe de Fernelio. Mas como isto se faça com medicamentos abstergentes, attrahentes, & corrosivos, & delles huns sejaõ brandos, outros fortissimos, outros mediocres, he necessario applicallos conforme a intensaõ, ou remissaõ de malignidade: porque se as chagas leves se trataõ com os medicamentos muyto fortes, sobrevemlhe grandes inflammaçóes, fazem-se muyto corrosivas, callosas, trabalhosas, & de má natureza. E pelo contrario se se applicaõ medicamentos leves às muyto malignas, naõ lhe podem refrear a malicia, & se vaõ fazendo peyores; pelo que he necessario applicar a cada genero seu medicamento proporcional, & accomodado pela ordem seguinte.

Lib. 5. de morb. veneu. c. 19. Lib. de abd. rer. caus. c. 14.

Numero 2.

Cura do primeiro genero de chagas.

APplicaremos logo às do primeiro genero, que saõ mais leves, lavatorios de agua de cevada, assucar rosado, ou xarope rosado, lavando-as por espaço de tempo, & deyxandolhes posto hum paninho molhado no mesmo, & com isto costumaõ a sarar: & naõ he taõ seguro lavallas sómente com agua de tanchagem, ou rosada, como alguns fazem, porque posto q̃ saõ medicamento accõmodado quando as chagas naõ saõ gallicas; com tudo quãdo o saõ, pódem fazer dano, repercutindo o contagio; pelo que he mais seguro usar dos que temos dito. E senaõ obedecerem, lavem-se com agua de Lanfranco destemperada com duas partes de agua de cevada, ou de tanchagem, ou com agua de pedra lipis do mesmo modo destemperada, ou com agua aluminosa pela receyta commua: ou se faça huma agua deste modo: *Tomem verdete tamanho como huma fava, & misture-se com hum quartilho de agua de tanchagem, & meyo quartilho de vinho branco.* Ou se applique esta agua de Fragoso que he maravilhosa: *Tomem azevre tamanho como hum grão de comer, verdete tanto como meyo grão do mesmo; & tudo moido se desfaça em huma onça de vinho branco, outra de tanchagem, ou de pés de rosas.* E sendo

2.p.in antidot.

ſendo lugar, em que naõ haja eſtas couſas, lavem-ſe eſtas chagas com agua mel, ou ſalgada, ou ſe faça deſte modo: *Tomem agua de cevada hum quartilho, açucar duas onças, ſal huma onça, miſtureſe tudo*, & farà muyto bom effeyto; porque o ſal he muyto bom abſterſivo, & deſſecativo, & por tanto extingue o contagio, alimpa a chaga, & a cicatriza.

E ſe com eſtas couſas a chaga naõ cicatrizar, lançarlhehaõ os pós de Guido, que ſe fazem de *chumbo queymado, alvayade, & azevre partes iguaes*; ou os pós de cada hum deſtes, ſenão os houver todos; ou pós de cabaça queymada, oú de papel queymado; que louva Galeno, ou unguento de tutia, ou branco, ou qualquer outro dos que ſervem de encourar.

Tract. 7. cap. 7. Lib. 5. met. cap. ult. Tract. 4. doct. 2. c. 7.

A agua de Lanfranco, que diſſemos, ſe faz deſte modo conforme Guido: *Tomem vinho branco huma libra (que na botica ſaõ doze onças) agua de tanchagem, & roſada, de cada huma tres onças, ouro pimenta duas oytavas, verdete huma oytava*, moãoſe eſtas duas couſas muyto bem, & miſturemſe com as aguas, & vinho.

A agua de pedra lipis commua ſe faz aſſim: *Tomarão huma libra de agua de tanchagem, & de pedra lipis huma onça, & desfarão a pedra na agua.* A luminoſa ſe faz deſte modo: *Tomarão huma libra de agua de tanchagem, & de agua roſada quatro onças, pedra hume queymada meya onça.* E quem quizer fazer menos quantidade, diminua cada couſa em ſua proporçaõ.

Numero 3.

Cura do ſegundo genero de chagas.

AS chagas do ſegundo genero tem neceſſidade de medicamento mais efficaz, & por tanto ſe lavarão tres vezes ao dia *com agua pura de Lanfranco, ou de pedra lipis*, ſem ſerem deſtemperadas. Ou ſe faça eſta agua de Fragoſo: *Tomem meya canada de vinho branco, & duas oytavas de ouro pimenta, outras duas de verdete, & quatro de pedra-hume, miſtureſe tudo.* E ſe parecer muyto forte, deſtempereſe com huma pouca de agua de tanchagem, ou roſada, & naõ faça duvida diſpenſar a ordinata de Fragoſo por maravedis, porque como naõ ſaõ couſa certa foy neceſſario reduzillos a certo preço.

In antid.

Tambẽ ſe póde applicar hũ unguento feyto deſte modo: *Tomem unguento brãco, ou de tutia hũa onça, pòs de Joannes de Vigo meyo eſcropulo, miſture-ſe muyto bem*, & ſe naõ baſtar, acrecenteſe a quatidade dos pós, & ſe for forte, diminuaſe. Fallopio miſtura huma oytava deſtes pós de Vigo preparados com huma onça de unguento roſado, & diz que com iſto ſe curaõ as chagas ſem dor alguma, & os pós ſe preparaõ lavando-os tres, ou quatro vezes em agua de tanchagem, ou roſada. Julio Palmario uſa *de agua de ſolimaõ miſturando a cada onça de agua roſada, ou de tanchagem hum grão delle*, & ſenaõ baſta, miſtura dous, oú tres, ou quatro grãos, conforme a malicia da chaga, & ſenſibilidade da parte.

Loc. cit. 2. lib. de luc. c. prop.

Tambem ſe pòde fazer eſta agua, que ſem cauſar dor alguma cura eſtas chaguinhas admiravelmente como tenho experimentado. *Tomem huma clara de ovo muyto batida, & lancemlhe as eſcumas fóra, & lhe miſturem outra tanta agua roſada, ou de cevada, ou ainda do pote, & logo lhe miſturem hum pequenino de ſolimaõ muyto bem moido tamanho como huma ervilha, & com elle ſe bata muyto bem*; & logo lancem hum alfinete dentro, & dahi a pouco eſpaço o tirem, & ſe mudar a cor, he neceſſario deſtemperarſe mais, porque ainda eſtà forte, & lhe miſturem mais agua, & tornem a fazer a meſma prova com o alfinete pouco, & pouco atè que o alfinete naõ mude a cor, & entaõ eſtà bem tempera-

da, & com ella lavem a chaga, & lhe deyxem postos huns fios molhados na mesma agua, & se ponha tres, ou quatro vezes no dia. E se por branda naõ bastar, façase qualquer cousa mais forte, mas muyto a tento, porque sem dores cura perfeytamente estas chagas atè de todo as cicatrizar. Pode-se tambem applicar *oleo de myrrha*, que conforme Julio Palmario cura todas as chagas malignas.

Lib. 2. de luc. ven. c. 5.

Ou farão estes pòs: *Tomẽ tutia preparada, alvayade, de cada hũ hũa oytava, pòs de pedra hume meyo escropulo, verdete pezo de seis grãos, misturese tudo*, & como estiver correcta, & mundificada, appliquẽse estes pos sem verdete. Ou se façaõ estes: *Tomem pòs de azevre oytava, & meya, de coral preparado meya oytava, pòs de Joannes de Vigo tres vezes lavados em agua de tanchagem pezo de oyto grãos, & misturese tudo*; & se naõ bastarem, accrecentese a quantidade dos pòs de Joannes conforme a malicia da chaga. Tambem pòde servir em falta dos sobreditos, *çumo de limaõ, ou lima*, misturandolhe huns pòs de açucar, ou lavar a chaga muytas vezes *com a mesma ourina*, mas se naõ bastar, misturem com ella *sal, & pedra hume*. E sobrevindo inflammação notavel acuda-se com panos de agua rosada, & de tanchagem na circunferencia, & lavese a chaga sómente com agua de cevada, & se applique unguento mouro, ou de chumbo, ou fios, & panos molhados em ovo clara, & gema batida com leyte de peyto se houver dor, atè que a inflammaçaõ passe, & passada ella torne-se a curar a chaga conforme seu estado.

O unguento camelo se faz assim: *Tomem de oleo rosado huma libra, cera branca duas onças, lithargirio, alvayade, de cada hum seis onças, leyte de peyto hum pouco; faça-se unguento secundùm artem.* E ajunte-se ao fazer *vermelhaõ* quanto baste para dar ao unguento huma cor vermelha, quasi branca.

O unguento mouro he este: *Tomem lithargirio seis onças, alvayade, & unguento rosado, de cada hum quatro onças, agua rosada, & azeyte rosada quanto baste*, faça-se unguento secundùm artem, & ajuntese ao fazer, *vermelhão* quanto baste para lhe dar cor vermelha muyto bayxa. Andaõ estes unguentos muyto em uso nesta Cidade, & como naõ ha livro, que delles trate, trago as receytas neste lugar. Valem para chagas virulentas, & quaesquer outras, que tenhaõ destemperança quente, & para queymaduras de fogo; & tem virtude de refrigerar, desecar, & cicatrizar mitigando ardores, & dores de causa calida.

Numero 4.

Cura do terceyro genero de chagas.

COmo estas saõ muyto malignas, requerem medicamento mais vehemente, & assim he necessario applicar os pòs de Joannes de Vigo lavados primeyro em agua de tanchagẽ, ou por lavar, se a malicia for muyta. Ou se faça unguento nesta fórma, de q̃ Eustachio Rudio diz maravilhas: *Tomem oleo rosado onfancino, oleo de amendoas doces, de cada hum meya onça, unguento de rezina (que se faz de rezina de pinho, trementina, & cera amarella) seis oytavas, pòs de Joannes de Vigo huma oytava, & huma pequena de cera nova*, & misturese. Ou este do mesmo Rudio: *Tomem oleo de amendoas doces, unguento de rezina, de cada hum quatro onças, cera bella huma onça, pòs de Joannes meya onça, misture-se.*

Lib. 5. de orb. ven. 16.

Ou se faça esta agua do mesmo Rudio: *Tomem solimaõ, pedra hume, de cada hum huma onça, çumo de limaõ tres onças, agua de tanchagem dezoyto onças, agua rosada dezanove onças*: moersehaõ muyto bem a pedra hume, & solimaõ, & misturarsehão com as mais cousas, & se poràõ a ferver a fogo manso atè que se gaste a quinta parte, & he remedio efficaz. Ou se applique agua luminosa magistral,

de

de Fallopio, que se faz assim: *Tomem agua de tanchagem, & rosada, huma libra de cada huma, solimaõ, & pedra hume, de cada hum duas oytavas, mistu em se*; depois de moido o sol.maõ, & pedra hume, meta-se em hum vaso de vidro, o qual se porá sobre hum vaso de ferro cuberto o fundo delle com area para que o vidro naõ quebre, depois se porá o de ferro sobre as brazas, & deyxarseha estar atè que da agua se gaste ametade, deyxese depois descansar por cinco dias, para que a fez da pedra hume, & solimaõ se assentem no fundo, & fique a agua clara, que he excellente nestes casos.

Tract. de morb. gal.

E sendo as chagas demasiadamennte malignas, & que naõ obedeçaõ aos remedios ditos, convem tocallas *com agua forte dos ourives*, a qual he de duas castas, huma branca, que he a mais forte, outra hum pouco mais branda, que he declinante a verde, & azul, a qual nesta Cidade chamaõ de Simaõ Delgado, porque elle a usava felizmente, & a tinha por grão secreto para estes casos.

E havendo muyta sordicie, ou alguma podridaõ, serva *unguento apostolorum, & egypciacò*, & pòde fazer hum lavatorio, desatando cada onça destes unguentos em hum quartilho *de cozimento, que se farà de cevada, lentilhas, & hervilhaca de trigo*. Mas sobre tudo se note que para estas chagas valem mais que tudo os unguentos, aguas, & pòs em que entra solimaõ, ou pós de Joannes de Vigo, ou quaesquer outros, que se façaõ de azougue, pela propriedade, que tem contra a qualidade gallica. E quando naõ baste nenhuma cousa destas, he final que se fomentaõ de qualidade, que jà està impressa no figado, & assim he necessario fazer a cura do morbo gallico em fórma, como se dirá na cura da terceyra, & quarta especie delle.

Em todas estas chagas se note que estando na ponta da via da ourina, ou da madre se tenha grande sentido naõ acerte de crescer a carne, & couro de modo que a tape, naõ ficando lugar por onde a ourina se possa expeller, que he caso, que às vezes acontece, & observado por Benevino, & por Joaõ Franco Hildesio.

Cap. 31. de abd. observ.

Numero 5.

Advertencia àcerca das chagas da boca, & peytos.

AS chagas da boca curaõ-se com os mesmos remedios locaes, que temos ordenado para as das partes bayxas: haverá porém tres advertencias. A primeira que os remedios venenosos tem mais perigo applicados à boca pelo dano, que póde succeder de engulir alguma porçaõ delles, & por tanto advertem os Authores que se appliquem sutilmente com hum pincelzinho de modo, que naõ fique cousa, que possa correr, & com isto terá o doente sua advertencia para que o naõ engula. A segunda, que como a boca tem muytas humidades que obtundem a virtude do medicamento, & naõ he parte, em que se possa deter tempo bastante para obrar, he necessario applicar medicamento mais forte, para que em breve tempo possa obrar tanto como outro em mais, conforme se colhe da doutrina de Galeno onde ensina as indicações, que se tomaõ da parte affecta. E por tanto para as chagas malignas da boca escolheremos os mais efficazes, attendendo porém à intensaõ, ou remissaõ da malicia, conforme està advertido acima: & gaba Eustachio Rudio *oleo de enxofre*, porque, como diz, se une tenazmente à chaga, & naõ se despega sem primeiro consumir a malicia della. E Fragoso louva a seguinte agua: *Tomem de solimaõ feyto em pô hum escropulo, de minio* (q̃ he azarcaõ) *escropulo, & meyo, agua de tãchagem, & de pés de rosas, de*

Lib. art. med. c. 85 & lib. 4. met. c. 13 & sæpè alibi.
Loc. cit.

de cada huma tres onças, misture-se tudo, & com esta agua se toquem as chagas duas, ou tres vezes no dia. Tambem diz que está experimentada a que se segue. *Tomem salpedra, salitre, pedra hume, de cada cousa duas oytavas, solimaõ escropulo, & meyo, agua de tanchagem, & rosada, de cada huma quatro onças, fervaõ atè se consumir a terça parte*, & toquemse as chagas com ella. *O oleo de antimonio* he louvado neste caso, o qual se fará conforme Eustachio Rudio deste modo. *Tomem solimaõ tres onças, antimonio duas onças, façaõ-se em pó, & sublimemse conforme a arte de sublimar.* Finalmente quando estas chagas naõ obedecerem aos mais remedios, appliquese *agua forte, ou fogo actual*, & cure-se o doente como de boubas finas, porque he sinal que se tem o contagio communicado à massa sanguinea, & figado.

In antid. tract. de las aguas.

A terceyra advertencia das chagas da boca he àcerca da sangria, porque sendo nacidas de causa primitiva, a saber, do contagio externo de pouco tẽpo, q̃ ainda naõ está communicado ao figado, como suppomos, & sobrevindo inflãmaçaõ notavel, ou outra cousa urgente, a que a sangria seja necessaria, naõ se deve dar no pé por naõ chamar o humor ao figado; mas darseha no braço da mesma banda da chaga porque conforme Dioscorides, o contagio venenoso hase de attrahir a fóra pela parte mais proxima, & naõ ha outra, q̃ o seja, havendo-se de attrahir pela vea, a respeyto da boca senaõ a do braço. Porém se as ditas chagas fossem communicadas de contagio, que começasse pelas partes bayxas, que dure ainda nellas, farseha à sangria no pé, & naõ no braço, por naõ fazer mayor communicaçaõ. Mas quando jà nas partes bayxas naõ houver contagio, que impida, em tal caso se fará no braço.

In praef. Lib. 4.

A mesma advertencia da sangria se terá nas chagas, que nacerem no peyto da ama por occasiaõ de criar o menino gallicado, & no demais tratarsehaõ como as chagas das partes bayxas, conforme nellas se diz.

Numero 6.

Que se farà sobrevindo grande inflammaçaõ.

SE succeder inflammaremse muyto as ditas chagas, ou por aparato de humores que o corpo tinha quando se pegou o contagio, ou pela acrimonia dos medicamentos, he necessario que se acuda à inflammaçaõ com a evacuaçaõ das sangrias, ou no braço, se padecerem as partes altas, ou no pé, se padecerem as bayxas, segundo mandaõ Alcaçar, & Rudio, quando diz estas palavras: *Si verò tunc temporis propter subortam inflammationem corporis evacuatione sit utendum, potius malleolorum venæ aperiendæ.* Quer dizer: *Mas se neste tempo* (falla de quando se applicaõ os medicamentos fortes às chagas) *por razaõ de inflammaçaõ, que sobrevenha, se houver de evacuar o corpo, haſe antes de fazer a sangria nas veas dos artelhos.* E posto que esta pratica pareça contra a que cõmummente se usa nesta Cidade; com tudo eu a tenho experimentado muytas vezes com feliz successo, & he conforme a doutrina naõ sómente dos Authores modernos, mas dos textos de Galeno; veja-se o que diremos na segunda parte. Advertindo porém que se a fluxaõ for impetuosa, ou a inflãmaçaõ muyto fervida, & o corpo em extremo cheyo, pelo perigo, que ha de se a parte mortificar, se dem as primeiras sangrias no braço, como abayxo advertiremos na cura da hernia humoral gallica: & demais disto se appliquem remedios repercussivos conforme os pedir o tempo, & qualidade da inflammaçaõ, porque posto que o humor gallico seja venenoso; & por essa causa se naõ deva repercutir, conforme temos advertido; cõ tudo,

Lib. de gal. c. 25. Lib. 5 de morb. venen. c. 19

13. met. c. 11. sect. sæpè alibi Qpæst. 19. c. 4.

do, naõ he taõ grande o perigo delle, como o que se segue de se mortificar, & perder a parte. Pelo que nesta complicaçaõ das duas indicaçoens contrarias (que saõ attrahir por respeyto do veneno gallico, & repercutir por respeyto de inflammaçaõ, & mortificaçaõ que do fluxo do humor no dito caso com taes circunstancias se teme) ha de vencer a mais vehemente, conforme as regras de Galeno.

Lib de optim. sect. de Thras. cō, 18. & Lib. 7. meth c. 13 & sæpè alib.

Numero 7.

Propoemse, & solta-se huma duvida àcerca do sobredito.

COmo temos dito que do contagio fresco se toma indicaçaõ para attrahir, & naõ para repercutir, póde fazer duvida misturar aos remedios abstergētes, corrosivos, & attrahentes agua rosada de tanchagem, clara de ovo, & outros semelhantes, que repercutem; sendo que nos affectos venenosos nem repercussivos brandos se permittem conforme a regra de Guido, & de todos os Authores. Ao que respōdo que os repercussivos applicados por si sós fariaõ grande dano, reconcentrando o humor venenoso; misturados porém em moderada quantidade com os medicamentos attractivos, corrosivos, & agudos, taõ fóra estaõ de fazerem dano, que antes fazem com que estes obrem com mais efficacia, porq̃ conforme Galeno os medicamentos adstringentes, espremendo hum pouco a superficie da parte a que se applicaõ, fazem que penetre mais o medicamento calido, & tenue, o detem mais tempo dentro dos póros, de que se segue mais efficaz operaçaõ delle; com tanto que seja a virtude adstringente pouca a respeyto da que tem os outros medicamentos. Servem além disto os ditos refrigerantes de moderar, & temperar a acrimonia, & calor dos medicamentos demasiadamente corrosivos, para que com mais segurança se use delles, & como o seu calor he muyto, impede a repercussaõ dos refrigerantes. Exemplo temos em Galeno, que para curar o carbunculo (ao qual por ser venenoso naõ convem repercussaõ) mistura nos emplastos tanchagem, que he repercussiva, porque a mistura de outros medicamentos, & o muyto calor da parte impedem a obra de repercutir.

Tract. de opost. cit.

3. simpl. c. 17. ant. fin.

Lib. 11. met. c. 10

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

EXtinguir o contagio. *O Author nos achaques do gallico incipiente tira bem a indicação curativa, mas não chega a satisfazella, como já notàmos nas Annotaçoens do Capitulo antecedente; porque dizendo que esta indicação consiste em extinguir o contagio, que occupa as partes pudendas, para que não penetre a inficionar as internas, não usa de alexipharmacos contra o contagio, & só se vale dos remedios abstersivos, attrahentes, & corrosivos, com os quaes se poderão limpar, & cicatrizar as chagas; mas extinguirem-se os seminarios gallicos insinuados nas partes ulceradas, isto não se conseguirà sem uso dos seus antidotos, porque os ditos seminarios se implantão naquellas partes que offendem, & se vaõ comunicando ao interior dellas, aonde não chega a virtude dos medicamentos abstersivos; & ainda que là chegàra, não era certo q̃ trouxesse consigo todas as partes contagiosas, & sempre parecia conveniente applicar os alexipharmacos, que pudessem extinguillas. E assim propomos por commum preceyto na cura das pustulas, chagas, & gonorrheas gallicas, que logo logo que estes danos apparecerem, entre os remedios com que se lhe acodir, se metão os seus alexipharmacos, para que ao mesmo tempo se extingão os seminarios contagiosos, & se venção os*

seus productos; pois que importa empenhar só na exficcação das chagas, se não se oppugna a causa que as excita? Bem poderà succeder, como cada dia vemos, que se curem os ditos achaques sem applicação dos remedios anti-venereos: mas tambem succede, que por falta destes se façào as chagas mais corrosivas, & se communique o contagio às partes internas, & que fiquem os doentes gallicados toda a vida, ou que ao menos lhe custe mayor trabalho livrarem se deste contagio por meyo de mayores diligencias, do que aquellas com que se podiaõ preservar delle, quando não havia ainda mais que humas pustulas, & humas chagas nas partes bayxas, que facilmente se podiaõ remediar, extinguindo ao mesmo tempo o contagio, que as chegou a produzir.

Para isto aconselhamos, que na cura destas chagas se use sempre dos remedios que o Author inculca, huns pós de mercurio doce, ou branco precipitado, que sem experimentar a molestia que causaõ os pós de Joannes de Vigo, tambem preparados de azougue, extinguiràõ muyto bem os seminarios contagiosos, que occuparem as partes ulceradas; porque o azougue tão activa tem a virtude alexipharmaca na preparação do mercurio doce, como em qualquer outra preparação; & em quanto para extinguir os seminarios do gallico, he muyto melhor o mercurio doce que sem mordicação, & sem dor se usa, do que o solimão, & os pós de Joannes, que com a virtude corrosiva sempre molestaõ muyto, & só quando as chagas forem muy podres, & malignas, devem usar se, como o Author aconselha.

Numero 2.

Applicaremos logo. *Quando são leves as chagas gallicas das partes bayxas, recomenda o Author muyto, que logo se lhe appliquem remedios tambem leves, & não aproveytando estes, passa a outros mais efficazes; mas esquecido sempre de que nestas chagas ha seminarios contagiosos, nunca se lembra de lhe acodir com os alexipharmacos, que podia misturar com os mesmos remedios; & quando chega ao uso dos pós de Joannes, que são feytos de azougue, busca-os mais pela virtude corrosiva contra a sordicie, & virulencia das chagas, que pela virtude alexipharmaca contra os seminarios do contagio; sendo assim que não merece este menos respeyto, do que os mesmos danos que produz; o que parece que advertio expressamente Sinerto, 7. por doutrina de Saxonia, quando disse, que os remedios que se compunhão de mercurio, erão os de mayor utilidade nestas chagas:* In primis (*diz elle*) utilia sunt unguenta, quæ mercurium recipiunt, seu vivum, seu præcipitatum, seu cinnabarim, & in penis ulceribus, & carie glandis nullum præcipitato adhuc utilius esse excogitatum medicamentum scribit Hercules Saxonia. *Serà pois conveniente, que estas chagas se tratem com os remedios que propuzemos no Capitulo antecedente para as pustulas gallicas das partes obscenas; & que nos que o Author aconselha, se lancem sempre huns pós de mercurio doce, ou precipitado; ou se preparem desta maneyra:*

7. Sennert. Lib. de lue ven. cap. 23.

Tomem de pós de alvayade, de assucar de Saturno, ou de chumbo: que tudo he o mesmo, de cada cousa destas meya oytava; de pós de mercurio doce dous escropulos, misturemse, & appliquemse na chaga, ou pulverizando-os nella, ou lançando-os em seis onças de agua cozida com cevada, & pão santo.

Tomem de pós de pedra medicamentosa, de fezes de ouro, de cada cousa huma oytava, de mercurio precipitado hum escropulo, de alvayade dous escropulos, de verdete meya oytava; misturem-se.

Só os pós de mercurio bastaõ muytas vezes para curar estas chagas, ou seja o mercurio doce, ou precipitado branco, cuja composição traz o Author adiante no Capitulo XXX. *ou o mercurio precipitado luteo, que he de grande utilidade para estas, & outras chagas, ainda que não sejaõ gallicas, porque as limpa, & cicatriza; a sua preparação he esta:*

Tomem

Tomem huma onça de azougue vivo, bem limpo, & bem purgado, dissolva-se em duas onças de agua forte; em estando desfeyto, lancemlhe huma pouca de agua cõmua, & depois humas pingas de oleo de tartaro correcto, comque o azougue se precipitarà, ficando da cor de lodo, ou barro, & por isto chamado luteo. *Isto feyto tireselhe a agua por inclinaçaõ, & depois lanceselhe outra agua, & passadas doze horas, torneselhe a tirar, & assim se continuarà atè que o azougue fique doce, perdendo nestas lavações as partes acres, & corrosivas.*

Mercur. luteo.

Este remedio he excellente para estas chagas:

Tomem de pòs de pedra lipis tres oytavas, de pòs de pedra hume queymada duas oytavas, de pòs de verdete huma oytava, de mercurio precipitado meya oytava, de agua de tanchagem dez onças, de agua rosada huma onça, misturem-se, & com esta agua se toquem as chagas.

Naõ he menos efficaz o seguinte:

Tomem quatro onças de azouge vivo, dissolva-se em espirito de nitro, junte-se a quarta parte de azeyte commum; ponhaõ-se em digestaõ oyto dias, depois separe-se o oleo, & guarde-se, & com elle se toquem as chagas. Ou se prepare este remedio.

Tomem duas onças de mercurio precipitado, quatro onças de espirito de vinho; ponhaõ-se em huma retorta, & destille-se o espirito de vinho em recipiente bem tapado, & guarde-se, que he admiravel remedio para todas as pustulas, chagas, cariações, durezas, & excrecencias carneas, que procedem de causa gallica; porque sem dor, nem inflammaçaõ as remedea brevemente.

Carlos Musitano 8. louva para estas, & quaesquer chagas virulentas a sua agua venerea, cuja descripçaõ he a seguinte:

Tomem huma onça de verdete, tres libras de agua commua; metaõ-se em vaso de vidro, ou vidrado, digiraõ-se em lugar quente, atè que a agua se faça de cor azul; entaõ decante-se, & filtre-se; & depois lancemlhe hum pouco de mercurio, que póde ser precipitando, ou luteo, ou doce.

8. Carol. Musit. t.1.f.145

Agua Ven. de Carlos Musit.

A manteyga de antimonio misturada com mercurio doce, cura muyto bem estas chagas, para as quaes naõ he menos util este remedio.

Tomem huma gema de ovo dura, huma onça de mel, misturem-se exactamente a fogo brando; fervaõ, & depois juntemlhe meya oytava de solimaõ, ou dous escropulos de mercurio precipitado.

Redoneo 9. encarece o unguento basalicaõ com mercurio precipitado rubro. Barbeyrac 10. propõem o seguinte unguento:

Tomem de azougue crù extincto com pouca trementina, de unguento mundificativo de apio, de cada cousa partes iguaes; agitemse em almofariz de metal, & faça-se unguento.

Finalmente para estas chagas, assim do primeyro, como do segundo, & terceyro genero dellas, se usaràõ sempre os medicamentos com mercurio, ou sejaõ leves, ou sejaõ fortes, segundo pedir a qualidade, & condiçaõ das chagas, que assim se curaràõ felizmente; dando sempre ao enfermo em tres, ou quatro dias as pirolas mercuriaes, que acima propuzemos; ou se façaõ as seguintes:

9. Redon. apud Bonet. thesaur. fol. 513. col. 2. in fine.

10. Barb. apud Bonet. ubi supra fol. 514.

Tomem seis grãos de mercurio doce, ou seis de assucar de chumbo, & com mucilagens de alquitira se formem pirolas, & dourem se. Tomaõ-se em quatro dias continuos, ou interpollados.

Agua de tanchagem. *Esta agua, & a de rosas, como as mais que saõ repercussivas, fazem muytas vezes grande dano nas pustulas, & chagas gallicas, porque repercutem o contagio para as partes internas; sobre o que se veja o que dissemos nas Annotaçoens ao* Capitulo VII. *Mas quando se usaõ com mercurio, não ha tanto perigo, porque elle*

le penetra sem resistencia os póros da parte que se applica, & chega a extinguir os seminarios do contagio.

Numero 3.

COm a mesma ourina. *A ourina do mesmo doente lhe serve muytas vezes de remedio nas pustulas, & chagas gallicas das partes obscenas, pela insigne virtude abstergente, & desecante que tem; o que se conseguirà mais certamente, se depois de lavadas as chagas com ella, se cubrirem de pòs de mercurio doce, ou branco precipitado, para extinguir os seminarios contagiosos que as excitaõ. E jà com a ourina vimos nòs curadas algumas chagas tão rebeldes, que tinhaõ desprezado varios remedios curiosamẽte cõpostos, & com cuydado applicados; o que succede, porq̃ a ourina tem muytas partes abstersivas com que mundifica as chagas, redusindo-as à ultima cicatrizaçaõ com as partes exsiccantes de que he dotada. E naõ só tem estas virtudes a ourina humana, porque tambem ha nella huma virtude anodina com que abranda as dores das partes obscenas, & por isto aproveyta nas dores de gotta, como observou Ettmullero.* 11. *He de utilidade para curar frieyras; & pela virtude cosmetica que tem cura a sarna, a porrigem, & quaesquer achaques cutaneos semelhantes a estes; & tira os sinaes, ou nodoas que deyxaõ as bexigas, & sarampos. Alèm disto, ha na ourina humana huma virtude alexipharmaca para preservar da peste, bebendo-a em bastante quantidade, & contra o veneno das viboras, como diz Abrahaõ Ecchelense,* 12. *& affirma Zacuto Lusitano com experiencias.* 13. *Nas ictericias, hydropesias, cachechias, nas obstrucções das entranhas, particularmente do baço, tambem faz grande utilidade, tomando-a pela boca; o que se attribue ao muyto sal volatil que tem, com que póde volatilizar, & dissolver os humores crassos de que estes males procedem. Na hydropesia tympanitica, nas hipocondrias flatuosas, & nas dores de ventre desta causa, tambem utiliza às vezes muyto, principalmente sendo ourina de menino de menos de quinze annos, lançando-a por ajudas, ou só, ou misturada com cozimento de macella, ruda, & quaesquer outras ervas carminantes, do que se pódem ver algumas experiencias de Francisco Valeriola,* 14. *Sennerto, & em Conrado Kunrath. Para facilitar o parto affirma Ettmullero,* 15. *que he remedio muy conhecido, bebendo a mulher que houver de parir a ourina de seu marido. Alèm destas virtudes, tambem se considera na ourina humana huma virtude magnetica, com que aproveyta na cura magica das doenças, do que se póde ver alèm de Ettmullero, Paracelso, Hartmiano, Boyle, Bartholino, Helmonte, Vvillis.*

11. Ettmul. in Colleg. Pharm. fol. 787.
12. Abrah. Ecchel. tract. 1. cap. 1.
13. Zac. 3. prax. mirand. Obs. 94.
14. Val. lib. 1 Obs. 2. Sennert. 3. prax. fol. 754. Kunrath in med. destill. tract. de effect. var. urin.
15. Ettmull. in Colleg. Pharm. in Ludovic. tit.
16. §. Antiq. &c.

Numero 4.

COm agua forte dos ourives. *Nas chagas gallicas, malignas, & rebeldes aconselha o Author que se use de agua forte dos ourives, com que secaõ, & cicatrizaõ; o que Redoneo condena, como atraz dissemos, com o fundamento de que a agua forte, o espirito de vitriolo, & de enxofre fazem nas chagas huma escara dura, debayxo da qual se occultaõ os seminarios do contagio, & a virulencia das chagas, de que resulta mayor dano:* Damnanda est eorum praxis (*diz este Author*) qui penis ulcuscula aqua forti, vel spiritu vitrioli, vel aqua fabrorum tangunt; sic enim duriorem scharam ipsis inurunt, & intus virus coercent, quod posteà longè, latèque spargitur. *Alèm desta razão, reprova-se a agua forte, & o espirito de vitriolo, & de enxofre, porque como acidos, & corrosivos, pódem vigorar mais o acido venereo, que tambem he corrosivo, & aumentar o dano.*

De azougue. *No terceyro genero de chagas, que saõ as de mayor sordicie, & virulencia louva o Author sobre todos os mais remedios, aquelles que se preparaõ do azougue, pela propriedade que tem contra o contagio gallico. E na verdade que parece ce-*

gueyra

cegueyra do entendimento, que não reconheça Madeyra logo no primeyro genero de chagas necessidade destes mesmos remedios, havendo em todas ellas os seminarios gallicos que considera no terceyro. Se as chagas são gallicas, & se em todas ellas ha parte do fermento, & contagio gallico, parece que tanto a humas, como a outras se devem applicar os remedios mercuriaes; & que não se ha de estar esperando que por falta delles se façaõ as chagas mais sordidas, & mais virulentas, para depois lhe acodir com os pós de Joannes, & com outros remedios corrosivos, quando com a applicaçaõ do mercurio doce, ou precipitado se podiaõ ter vencido antes de chegarem a mais alto grão de corrupção. Convem pois, que em todo o genero de pustulas, & chagas gallicas das partes pudendas, cõtrahidas de fresco, se usem remedios mercuriaes com os abstergẽtes, & desecantes, como temos dito tantas vezes, para extinguir os seminarios do contagio, ao mesmo tempo que as chagas se forem abstergendo, & cicatrizando; & que se tomem tres, ou quatro dias pirolas de mercurio, na fórma que atraz dissemos, para com ellas extinguir algumas partes do contagio, que se tenhão communicado às partes internas; porque he de crer, que hum contagio, que em taõ breve tempo como o de hum congresso se communicou de corpo a corpo, se communique com mayor facilidade de parte a parte; da parte lesa à parte sã, das partes externas às intimas, da pelle à carne, da carne ao sangue, do sangue a todo o corpo por onde circula; & que assim, curadas as chagas, fiquem infectos os corpos; o que póde obviar se usando os remedios mercuriaes nas chagas, & tomando mercurio em tres, ou quatro dias pela boca, porq̃ disto nunca vimos resultar dano. Quando as chagas procedem por infecção da massa sanguinaria, he necessario fazer huma cura regular com azougue, na fórma que adiante se dirà na cura do gallico confirmado, tratando do azougue. Ou se farà com os alexipharmacos vegetantes, se se entender que o gallico està em graduação, que os ditos alexipharmacos possaõ emendar os seus danos, que quanto extinguir o contagio, só o póde fazer o azougue.

Numero 5.

AS chagas da boca. *Por estas chagas, mediante a saliva, se communica o contagio mais brevemente às partes internas, do que pelas chagas das partes pudendas, & por isto nos devemos haver com grande cuydado na cura dellas, applicando os remedios com mercurio doce, ou branco precipitado, para que se extingão os seminarios do contagio, antes que se diffundão por outras partes; para o que se pódem usar os remedios propostos para as chagas das partes bayxas; ou se use dos seguintes.*

Nos meninos lactantes, que por mamarem leyte de mulher infecta padecerem estas chagas, a primeyra diligencia deve ser a de mudar de ama para outra que não seja gallicada; & quando isto se não possa fazer, curar-se-ha com azougue a que lhe der leyte, ou com o que parecer mais conveniente; & nas chagas lhe poràõ hum pouco de mel rosado com espirito de vitriolo, com que Riverio 15. curou humas chagas da garganta em hum menino; & algumas vezes se tocaràõ com o remedio seguinte:

15. River. cent. 1. obs. 95.

Tomem de pòs de lapis salutis meya oytava, de mercurio precipitado hum escropulo, de cozimento de raiz da China, & páo santo duas onças; misturem-se.

Nas pessoas adultas, quando as chagas procederem de contagio contrahido pela saliva, por osculos, ou por beber pelo pucaro da pessoa gallicada, alèm dos remedios neste Capitulo inculcados, se usarà tambem deste:

Tomem de cozimento de tanchagem, páo santo, & raiz da China, meya libra, de verdete meya oytava, de alvayade dous escropulos, de mercurio doce meya oytava, misturem-se.

Ou se faça esta agua, que he excellente, assim para as chagas da boca, como para quaesquer outras.

Tomem de vinho branco generoso huma libra, de ouro adulterino, a que vulgarmente chamão ouropel, cortado miudamente, duas onças, metão se em hum vidro bem tapado com cera, ou barro; & ponha-se huns dias ao Sol, & de noyte em cinzas quentes, atè que o vinho tenha huma cor verde, como de esmeralda; o que se farà dentro de dez, ou doze dias. Toquem-se as chagas com esta agua, porque as mundifica, & cicatriza; & nas que forem gallicas, misturemlhe em cada duas onças de agua meya oytava de pós de mercurio precipitado, luteo, ou doce.

A agua verde de Hartmano he muy decantada para estas chagas, & para quaesquer outras; prepara-se deste modo:

Agua verde de Hartm.

Tomem de mel rosado duas onças, de enxofre vivo, de pedra hume crua, de verdete, de cada cousa hũa onça; de alva de cão, de olhos da erva chamada sabina, de cada cousa meya oytava, de olhos de sabugueyro huma oytava; de folhas de hypericão, de alecrim, de ruda, de tanchagem, de salva, de poejos, de cada cousa meya mãochea. Tudo ferva brandamente em huma libra de vinho, & outra de agua, atè que se gaste cousa de meyo quartilho. Advertindo, que o verdete se lhe lance no fim do cozimento, quando se quizer tirar do lume. Em cada onça deste cozimento coado se lhe junte meya oytava de pós de mercurio doce, & com ella se toquem as chagas.

Tomem de agua de tanchagem quatro onças, de pós de lapis salutis duas oytavas, de mercurio doce meya oytava, de mel rosado duas onças; misturem-se.

O seguinte unguento he de grande efficacia.

Tomem de unguento de alvayade, de unguento branco camphorado, de cada hum meya onça, de mercurio doce duas oytavas; misturem se.

16. Ettmull. Colleg. pract. fol. 536.

Do unguento basalicão misturado com bastante quantidade de mercurio doce, diz Ettmullero, 16. que cura quaesquer chagas gallicas malignas, & quasi cancrosas; & por isto se póde usar nestas. Algumas vezes succede desprezarem estas chagas a virtude do mercurio com que se tratão; ou porque este não està bem dulcificado, & acrecenta mais corrosividade ao acido corrosivo das chagas: ou por outra razão que se não alcança; & nestes termos aproveyta melhor o oleo de páo santo; com que as partes agudas do acido corrosivo se infrigem, & se obtundem. Mas porque às chagas que estão na garganta se não pòdem applicar bem os remedios, serà conveniente usar dos gargarejos seguintes.

Tomem de raiz de salsa parrilha, huma oytava, de casca de pào santo duas oytavas, de raiz da China meya oytava, de folhas de tanchagem, de escabiosa, de murta, de cascas de romãs, de sumagre, de rosas vermelhas secas, de cevada, de cada cousa pouco; ferva em bastante quantidade de agua, lançandolhe no fim alguma pedra hume, & coe-se.

Com este cozimento se tomem gargarejos com açucar, ou sem elle; & depois de gargarejar, se toquem as chagas com oleo de enxofre, se for possivel.

Com este unguento se curàraõ humas chagas da lingua, & gingivas, depois de não aproveytarem outros remedios:

Tomem de pós de alvayade, de manteyga de chumbo, de mercurio doce, de cada cousa hum escropulo, de unguento mundificativo onça, & meya; misturem se.

Ultimamente aconselhamos o que jà temos dito muytas vezes, & he que os que padecerem estas chagas, tomem alguns dias pirolas de mercurio doce, ou branco precipitado, se querem ficar livres deste contagio. Avertindo, que naõ se negue este remedio aos meninos que mamão; porque o poderàõ tomar em pós, assim como o tomaõ para as lombrigas, no que se reconhece grande utilidade, sem resulta de alguma offensa.

Nòs temos dado algumas vezes mercurio doce, & branco precipitado a meninos de poucos mezes, por se gallicarem com o primeyro leyte, do que se póde ver a

Obser-

Observação 17. do tratado que escrevemos do uso do azougue nos casos prohibidos.

Oleo de enxofre. *Com este oleo curàmos huma chaga no meyo da lingua de hum homem de mais de sessenta annos, a qual se profundou de maneyra, que quasi passava de huma à outra parte, com grandes dores, & inchação da lingua. A chaga não era nacida de gallico de novo contrahido, que se o doente o tinha, era de alguns annos; sendo que não havia sinal que o attestasse; & com o dito oleo, depois de não aproveytarem varios remedios, se curou felizmente. Com razão logo he encarecido este oleo de Eustachio Rudio, & de outros Praticos, para as chagas da boca, aindaque não queyra Renodeo, como dissemos nas Annotações ao num. 4. deste Capitulo.*

Da sangria. *Quando na cura destas chagas sobrevier inflammação, ou outro algum incidente por razão do qual se haja de fazer sangria; esta se farà na parte em que parecer mais conveniente para vencer o dano, ou as chagas procedão de contagio novamente contrahido, ou de contagio antigo; porque nem pela sangria de pè se attrahem às entranhas os seminarios do gallico, que fazem as chagas na boca; nem a sangria de braço faz subir os que occupão as partes pudendas. A sangria, de qualquer parte que seja, o que faz, he tirar sangue do que vay circulando pela vea em que se fez a cisura, sem dar outro movimento ao sangue, nem para bayxo, nem para cima; para haver de o puxar de alguma parte, ou proxima, ou distante, aindaque ao correr o sangue fóra da vea, se mova para ella com mais arrebatado movimento; que se isto fora causa de se communicar por meyo da sangria o humor das partes distantes, não haveria febre ardente em que não acontecesse, pelo furioso, & apressado movimento com que o sangue nella circula. Desorte que o sangue no circulo tem o movimento com que gyra pelos seus vasos, o qual movimento guarda no seu tempo da sangria, porque esta lho não perverte; & nòs queremos à força que a sangria de pè và buscar os seminarios do gallico, que estão nas chagas da boca, para os communicar às entranhas; isto he ignorar totalmente as leys, & movimentos da circulação. Folgáramos nòs saber como se faz isto; folgáramos saber como as sangrias de braços puxão para a cabeça o que està nos pès; & como as sangrias de pès attrahem para as partes bayxas o que està na cabeça? Que se communique aos pès o que està na cabeça, & que os danos das partes distantes se communiquem de humas a outras, não o negamos; que isto faz-se mediante as circulações do sangue, & da lympha, & pela sympathia do genero nervoso; mas que a sangria faça neste negocio o que as sympathias, consensos, & circulações, isto he o que negamos.*

CAPITULO IX.

Do tumor, clausura, & outros vicios do prepucio.

COstuma às ditas chagas malignas da cabeça do membro sobrevir tumor notavel, com o qual algumas vezes se cerra o prepucio de modo que naõ se pòde aforrar para se descobrirem, & curarem: outras aforrandose, & deyxandose assim ficar por descuydo do doente, ou de quem o cura, não póde tornar a seu lugar, & ás vezes se endurece, & fica nesta fórma toda a vida.

A causa de tudo he a malicia do contagio, que em quanto se não extingue, ou moderada, conserva a inflammaçaõ, ou tumor. Pelo que a cura propria he extinguir a malignidade das chagas: & porque se lhe naõ pòde applicar medicamento estando o prepucio cerrado, deve lançarselhe dentro com siringa, & ser o medicamento mais efficaz para que pouco delle baste, conforme se colhe da doutrina de Galeno. E nos primeyros dias siringarseha com medicamento, que abrande a inflammação com alguma mundificação das chagas, como *agua de cevada*

Lib. art. med. c. 9. & c. 89. ibi quod ſi partic. la afect. &c.

Tract. de morb. gal. c. 83.

vada cozida com a caſca, & pragana, *& xarope, ou açucar roſado* miſturados, ou com *agua aluminoſa* da receyta commua, ou com eſta: *Tomem huma mãochea de folhas de tanchagem, outra de cevada, outra de erva moura, & fervaõ em tres quartilhos de agua que ſe gaſtem dous, & coe-ſe, & depois ajunte-ſe pedra hume queymada meya onça, xarope roſado tres onças, miſture-ſe tudo,* & com qualquer deſtes lavatorios ſe devem ſiringar dez vezes ao dia, como nota Fallopio. Ou façaõ *cozimento de cevada, favas, & lentilhas, & miſturelhe açucar*, & por fóra façaõ banhos aò membro de *cozimento de malvas, & violas, & ameyxas paſſadas, & cevada*: ou com o das malvas, ou das violas ſómente, que naõ poderà fazer dano às chagas, pois eſtaõ cubertas; & depois do lavatorio unteſe *com unguento roſado.* E ſe com iſto naõ aforrar, ſiringue-ſe com huma das aguas ſobreditas no Capitulo antecedente accommodadas para o terceyro genero de chagas malignas; & não obedecendo às brandas, applicarſehaõ as mais efficazes, como *agua forte dos ourives, & a de ſolimaõ feyta de quatro grãos delle, miſturados a huma onça de agua roſada, ou de tanchagem*, ſiringando com ella duas, ou tres vezes no dia, ou cada vinte, & quatro horas, conforme parecer: advertindo ſempre naõ exceda muyto a fortaleza do medicamento, applicandoſe mais forte do que ſe requere para domar a malicia da chaga, como acima fica dito. E por tanto ſe deſtemperaràõ eſtas aguas fortes com agua roſada, ou de tanchagem, ſe parecer que aſſim he o remedio mais adequado.

E para conhecer ſe ha chagas debayxo do prepucio, (ſe acaſo ſe naõ tem viſto antes de ſe cerrar) ſe advirta ſe ſahe materia de dentro, & ſe cheyra mal, porque a materia he ſinal de as haver, & pelo cheyro, & qualidade della ſe conhecerà tambem a qualidade das chagas, & ſe ſe emendaõ, ou naõ com a cura que ſe lhe faz, porque ſendo boa com aquellas condições, que requere Hippocrates, a ſaber, branca, liſa, igual, & ſem máo cheyro, he ſinal que ſe tem as chagas rectificado, & pelo contrario, não tendo as ditas condições. E ſe debayxo do prepucio naõ houver chagas, & com tudo naõ aforrar com os medicamentos emollientes, que diſſemos, he certo que a qualidade gallica conſerva o tumor, & aſſim ſe devem applicar as meſmas aguas de ſolimaõ, & depois dellas tornar aos medicamentos freſcos, com que ſe deve reduzir.

1. prog. ult.

E para que melhor ſe abra, enſina Fallopio, que ſe lhe meta hum caninho de chumbo por onde o doente poſſa ourinar, & que cada dia ſe lhe meta outro mais largo atè que de todo alargue. He tambem remedio experimentado meterlhe pouco a pouco mechas, & lechinos de eſponja, por que inchando alarga de modo que aforra livremente. E ſe eſtas couſas não aproveytarem, entenderſeha que a qualidade eſtà communicada ao figado, & por tanto ſe curarà o doente conforme diremos na terceyra, & quarta eſpecie do morbo gallico.

Tract. de morb. gal. c. 81. & 84.

E ſe nem com eſta cura puder aforrar, em tal caſo corteſe a ponta do prepucio redondamente puxando-o bem para fóra, para que ſe poſſa cortar ſem tocar a glande; advertindo que por nenhum caſo ſe fenda ao comprido, porque deſte golpe ſuccede cahir cada banda para ſua parte, & fazerem por bayxo outra cabeça.

Acontece tambem algumas vezes eſtando o prepucio cuberto, & ficando as chagas dentro, ao encarnar dellas unirſe o prepucio à glande, & depois não poder aforrar, pelo que he neceſſario ter grande cuydado naõ ſucceda iſto, & ſuccedendo ſe deſpegarà com ferro cortando a carne intermedia, com que eſtiver unido.

E ſe o prepucio eſtiver aforrado de modo que naõ poſſa tornar a ſeu lugar, enſina

ensina Alcaçar que se mollifique com o cozimento seguinte: *Tomarão raizes frescas de malvaisco huma mãochea, linhaça gallega, alforfas de cada cousa seu pugillo,* (que he quanto tomem com as pontas dos dedos) *& ferva bastante agua que fique cousa de hum quartilho, & coe-se, & ajunte-se sevo de vaca duas onças.* E com isto se banharà a parte. Ou se faça *hum cozimento de huma cabeça de carneyro, malvas, violas, malvaisco, & linhaça,* & banhese com elle. E depois do banho se unte com unguento basilicaõ, ou oleo de amendoas doces, ou emplasto filij Zachariæ bayxado do ponto com o mesmo oleo. E depois de continuar isto tres, ou quatro dias, estando jà a pelle branda, diz Alcaçar que com os dedos se reduza pegando no capello com os quatro dedos da maõ esquerda, & puxando com elles para diante, & juntamente carregando com o pollegar da mesma mão na cabeça do membro para dentro, & no mesmo tempo se sustentarà o membro com a mão direyta, & fazendo força com os dedos da esquerda, como està dito, o reduzirão a seu lugar. E se com tudo se não reduzir, façaselhe a cura das boubas, como em seu lugar dirèmos.

Lib. 5. de morb. gal. c. 15.

Loc. cit.

ANNOTAÇOENS.

Extinguir a malignidade das chagas. *Nos danos, q̃ nas partes obscenas sobrevem às chagas gallicas, aconselha doutamente Madeyra, que tratemos de extenguir o veneno contagioso dellas, para inteyra medicação dos seus productos. Mas he para notar, que tendo este Author por venenosos todos os affectos gallicos, & advertindo tantas vezes que era necessario extinguir este veneno, para curar bem as pustulas, chagas, & mais danos, que excita nas partes bayxas, & naquellas por onde se communica, totalmente se esquecesse de preparar os remedios topicos com os antidotos deste veneno; sendo que só elles pòdem exinguir as particulas venenosas, ou os seminarios do seu contagio, contra os quaes nada valem todos os mais remedios, que não forem os seus proprios alexipharmacos. E por isto nos parece, que nos remedios com que se houverem de siringar estas chagas, & em todos os mais com que se lhe acodir, se misturem sempre huns pós de mercurio doce, ou branco precipitado; que não embaraçando em nada a virtude dos mais remedios, só se contrariaõ aos seminarios do contagio, de que aquelles males procedem. O que temos dito muytas vezes, & diremos muytas mais; porque não sendo este livro historico, não he preciso que os que o tiverem, o hajaõ de ler todo desde o principio; & pòdem chegar a hum Capitulo em que seja necessario esta advertencia. Nos remedios pois que se usarem para os achaques de que este Capitulo trata, nos lembraremos sempre de lhe ajuntar mercurio, ou doce, ou luteo, ou precipitado. E quando as chagas estiverem cubertas com a pelle da mesma parte, desorte que lhe não possaõ chegar bem os remedios, serà bom tomar sinco, ou seis dias pirolas de mercurio nesta fórma.*

Tomem oyto grãos de mercurio branco precipitado, sinco grãos de açucar de chumbo, quatro grãos de diagridio sulphurado. Formem-se pirolas com alquitira, para huma vez, & dourem-se.

Porque com estas pirolas se extinguem os seminarios do contagio, que se conservão nas chagas que excitàraõ. Nem se tema chegar ao uso do mercurio sem precederem algumas evacuações; porque tomado nesta quantidade poucos dias, utiliza sem offensa. E se pela gravidade da queyxa, ou pelo apparato do corpo for preciso fazer algumas evacuações, não aproveytarà o mercurio menos depois dellas.

A qualidade està communicada. *Quando as chagas, & pustulas do gallico contrahido nas partes bayxas não cedem aos remedios com que o Author as intenta curar, tem para si, que o contagio està communicado ao sangue, & que delle se fomenta a re-*

beldia das chagas; para cuja medicação aconselha, que se faça huma cura regular com os seus alexipharmacos. Mas perguntàra eu, porque não poderà succeder, que as chagas se façaõ rebeldes por causa do mesmo gallico que as excita, & que nellas se conserva, principalmente quando se não tem tratado com os antidotos que possaõ extinguir os seus seminarios? De maneyra que o contagio he o mesmo quando està nas partes bayxas, q̃ quando communica ao sangue, no que não ha duvida; pois se he o mesmo, se tem a mesma natureza, porque não poderà o contagio que occupa as ditas partes conservar as chagas, & mais danos, que nellas produz, sem dependencia do contagio communicado à massa sanguinaria, senão se lhe applicao os alexipharmacos a que costuma ceder? E se quando communicando ao sangue necessita destes alexipharmacos; porque razão os desmerece em quanto occupa as partes obscenas? O certo he que o contagio das partes bayxas passa com facilidade a sigillarse no sangue por meyo da sua circulaçaõ; & para se obviar este dano, serà bom que logo que houver gallico incipiente, se usem os antidotos deste veneno, primeyro nos remedios topicos q̃ se applicarem; depois tomando alguns dias mercurio pela boca, como fica dito; porque assim se curão os achaques q̃ excitou o contagio, & se extinguem os seus seminarios, ou estejaõ ainda nas partes bayxas, ou se tenhaõ jà communicado às partes internas; & mais quando se não póde temer algum dano do uso do mercurio; porque a meninos de mama se està dando muytas vezes para matar as lombrigas, sem que experimentem nelle algum incommodo. Nòs assim o costumamos fazer com grande utilidade dos doentes, do que puderamos referir muytos casos.

CAPITULO X.

Das verrugas, que nascem nas partes bayxas por contagio gallico.

AContece algumas vezes depois do contagio antes de se communicar ao figado, nascerem verrugas na cabeça do membro, & por todas as partes bayxas, as quaes saõ de muytas maneyras, porque humas saõ fendidas, outras solidas, & às vezes saõ muytas, às vezes poucas: & eu as vi jà taõ bastas como cabellos, & às vezes nascem na fava, às vezes no prepucio de fóra, ou de dentro, ou juntamente de ambas as partes, outras vezes na extremidade do cano da ourina, & dentro delle. A causa de todas ellas he humor crasso melancolico da qualidade gallica, a qual depois que chega a communicarse ao figado, tambem he causa de nascerem as mesmas verrugas por todo o corpo, como observou Marcello Donato em certo Vilaõ, que por contagio gallico teve todo o corpo cuberto destas verrugas. Mas tornando às do gallico incipiente.

Lib. 35. c. de hist. mca mir.

Ordinariamente sàraõ lavando-se sinco, ou seis vezes cada dia com agua de pedra lipis, ou de Lanfranco, ou com as aguas de solimaõ, & com cousas mais brandas, como leyte de figueyra, ou lavadas com a mesma ourina, & algumas vezes sem nada. Porèm às vezes saõ rebeldes que nem com agua forte sàraõ, & neste caso se haõ de curar de hum de dous modos. O primeyro he cortando-as, o que se deve fazer atandolhe hum fio de seda à parte, atè começar a fazer dor, apertando-a cada dia mais até que cayaõ: ou lançando-as fóra com a tizoura, ou navalha, & deyxando correr bem o sangue dellas, como manda Falopio, & Rudio, & se colhe da doutrina de Hippocrates, onde manda que deyxem sahir sangue das feridas frescas, porque assim fica a parte mais descarregada, & menos sugeyta à inflammaçaõ. E para que não torne a nascer, lançaràõ nas raizes, de Joannes de Vigo, ou de caparrosa queymada, & pedra hume tambem queymada, tanto de huma cousa, como de outra, tudo misturado; ou cinza de vides, ou

Cap 88. Lib. 5. de morb. gal. c. 11. Lib. de ulcer.

ou efcama de cobre preparada, ou fe toquem com agua aluminofa de Fallopio, ou com outra de folimaõ. E fe depois de cahida a efcara começarem outra vez de nafcer, tornemfe a applicar os cauſticos, porêm mais efficazes.

O fegundo modo he fem as cortar com ferro, com fogo actual, ou potencial. O actual he mais violento; mas com pouca moleſtia fe extirpaõ metendo o bico de hum alfinete dentro da verruga, & chegando com huma vela acefa à cabeça delle, porque communicando-fe o calor pelo alfinete, logo a verruga fe murcha, & applicandolhe manteyga crua, atè o outro dia cahe. O potencial tenho eu experimentado com admiravel fucceſſo miſturando boa quantidade de folimaõ com qualquer unguento, o qual eſtendia em hum papel cortado pela medida da verruga, porque naõ fizeſſe mal às outras partes, (untando fómente o papel, porque fendo mais, he muyto forte, & poſto fobre ella dentro em menos de meyo quarto de hora a trafpaſſava toda de modo, q̃ logo nella fe moſtrava murcharfe, & inclinar a cabeça a huma banda, & aſſim logo tirava o unguento, & lhe applicava clara de ovo com agua rofada para temperar a parte, & no dia feguinte achava a verruga cahida. E para mais fegurança antes de lhe applicar o unguento lhe cobria a circunferencia da carne faã com outro papelinho furado no meyo por onde fe defcobriſſe a cabeça da verruga, para fe lhe poder applicar o outro papelinho de unguento, porque fe naõ ha todas eſtas advertencias, faz chaga na carne, & tambem fe eſtà mais tempo, não fómente queyma a verruga, fenaõ tambem a carne do pè della, & às vezes toda a fava. Tambem jà experimentey em verrugas mais leves *os pòs de Joannes de Vigo miſturados com unguento mouro, ou camello, ou qualquer outro, partes iguaes dos pós, & de unguento*; & applicado iſto fobre as verrugas, as corrompia fem fazer lefaõ na carne fá, & por tanto tenho eſte remedio por muy feguro.

Outros medicamentos cauſticos traz Fallopio, huns brandos, & outros mais fortes, com que as tirava. O primeyro he eſte: *Tomem armoniaco preparado com vinagre huma onça, aſſafetida huma oytava, caparrofa queymada dous efcropulos, faça-fe maſſa*, que fe ponha fobre a verruga, & fe continue cada dia, porêm diz que faz grande pruido, & que he neceſſario abſterfe o doente de a coçar, & fe inchar o membro ponhalhe por fóra unguento de alvayade, ou panos de agua rofada. Cap. 83.

Outro he eſte: *Tomem arfenico cryſtalino, & ouro pimenta preparado, de cada hum partes iguaes, & miſturem-fe.* Mais appliquefe (diz elle, muy pouca quantidade deſtes pòs, porque baſta molhar a ponta da tenta, ou a cabeça de hum alfinete com o cufpo, & depois tocalla nos pòs, & pôr na cabeça da verruga os que forem pegados na ponta da tenta, & applicarlhe huns fios fecos por cima, & cobrilla com o prepucio, porque de huma vez a arranca fem dor alguma. *E prepararfeha o arfenico deſte modo.* Farfeha em pò fobre huma pedra marmore, & lançarfeha em huma vafilha, & cobrirfeha de vinagre de modo, que fique nadando fobre os pós, & porfeha ao Sol atè que o vinagre fe feque, & farfeha iſto tres vezes, & depois fe tornem a fazer outras tres preparaçóes do mefmo modo com agua pura. E da mefma maneyra fe prepara tambem o ouro pimenta.

Porêm na applicaçaõ dos cauſticos fe tenha grande advertencia naõ obrem mais do que he razaõ, porque naõ aconteça o que a ferto Medico (diz Fallopio) que por fer hum pouco defcuydado, naõ fómente gaſtou com o cauſtico a verruga, mas ainda ametade da fava. Nem tambem o que fuccedeo a outro, que conta Foreſto, que applicando o emplaſto de tapfia ao peyto de hum mancebo para lhe curar hum fluxo de fangue nafcido de refrigeraçaõ à imitaçaõ de Galeno, & defcuydandofe de o tirar, lhe fez huma chaga penetrante. E advirta-fe Loc. cit.

que

que havendo verrugas no prepucio de dentro, & de fóra, se naõ cortem, ou queymem juntamente as de fóra, & as de dentro, que se furará facilmente o prepucio: mas curemse primeyro humas, depois outras.

Tudo o que neste, & nos antecedentes Capitulos se diz à cerca da cura das verrugas, chagas, & pustulas das partes bayxas, convem assim aos homens, como às mulheres.

Nascem tambem nestas partes humas spongias, que se curaràõ com os mesmos medicamentos das verrugas, porque o humor, & causa saõ tambem da mesma especie.

ANNOTAÇOENS.

NAscerem verrugas. *Naõ só nascem verrugas nas partes pudendas dos gallicados de hum, & outro sexo, mas tambem outros varios tuberculos, & excrecencias carnosas, a que chamão* móras, figos, & cristas, *pelas semelhanças que tem com estas cousas de que tomàraõ os nomes; os quaes tuberculos, & excrecencias nascem tambem na via excrementicia, ou por se ter communicado o contagio ao sangue, de que procedem estes, & outros mais danos; ou por congresso preposlero, & nefando, como succede entre os Barbaros, em quem saõ communs estes males. Nós vimos hum homem, que sendo nascido entre hereges, & vivendo muytos annos entre os Turcos, veyo a morrer entre os Catholicos. Este padecia de longo tempo humas excrecencias carnosas no intestino recto, as quaes nunca se poderaõ curar. Tinha no mesmo intestino algumas pustulas, & chagas, de que manavão materias saniosas, que nunca se esgotàraõ. Nos intestinos crassos padecia sem duvida tambem chagas, & tumores, que algumas vezes suppuravão; porque em muy repetidas occasioens tinha dores de ventre, com grande febre, que durava tres, ou quatro dias; & logo se moderava, lançando pela via excrementicia muyta quantidade de materia saniosa, & sanguinolenta, ficando com cursos, & puxos muyto tempo, atè que tornando a suppurar nova porção de materia, repetia a febre, com dores grandes no ventre; & assim viveo alguns annos atè que dissipando-se os espiritos, & debilitando-se as forças, veyo a acabar a vida hectico gallicado; porque aquelles danos, por confissaõ propria, foraõ contrahidos de congresso nefando, no tempo que entre os Turcos vivia, & nunca pudèrão ter remedio, por mais que o procurou em varios Reynos com repetidas diligencias.*

A causa. *Por causa das verrugas que nascem nas partes bayxas tem Madeyra o humor crasso melancolico da qualidade gallica, a qual (diz elle) depois de se communicar ao figado, he tambem causa de nascerem mais verrugas por todo o corpo. Esta doutrina inclue muytos erros. Hum delles he cuydar que do figado depende o negocio de se communicar o gallico a varias partes do corpo, suppondo que he a parte em que este contagio se implanta; & tendo para si, que he officina do sangue, cousas totalmente alheas da verdade, como jà temos notado nas Annotações ao* Capitulo II. & III. *Outro erro he cuydar que as verrugas das partes bayxas no gallico incipiente, & confirmado procedem de humor crasso melancholico da qualidade gallica. Porque primeyramente o gallico naõ tem humor crasso, nem tenue, que seja proprio do seu contagio, para fazer estes, ou aquelles danos por meyo delle. O que tem o gallico, he hum fermento contagioso, que implãta nos humores, ou no sangue, de qualquer textura que seja, ou crasso, ou tenue, ou cholerico, ou fleumatico, ou melancholico; & sigillado no sangue, elle lhe destroe o seu acido natural, introduzindolhe hum acido vicioso, & austero, de que resultaõ varias coagulações, de que dependem os differentes tuberculos, & as muytas estagnações, que se achaõ nos gallicados, & se manifestaõ nas glandulas, nas gomas, nas talparias, & nas verrugas. Jà em quanto o gallico se naõ tem communicado ao sangue,*

gue, como pódem proceder as verrugas do humor crasso da qualidade gallica, que ainda não passou das partes obscenas? Cuydamos nós, que o acido contagioso do gallico, insinuado nas ditas partes, pode envisçarlhe o seu succo alimenticio, agglutinando-o, & coagulando-o de maneyra, que se formem as verrugas de que fallamos; sendo às vezes tantas, que nós vimos hum homem do mar, que tinha a parte pudenda, & as mãos cubertas dellas; as quaes se não puderaõ tirar, em quanto não tomou mercurio pela boca, fazendo huma cura bem ordenada, depois da qual se desfizeraõ algumas verrugas, & outras com medicamentos topicos secàraõ, & cahiraõ.

Cortando-as. *Muytas vezes se não pódem tirar as verrugas por mais remedios que se lhe appliquem; & algumas ainda depois de feyta huma cura regular para extinguir o contagio, se ficaõ conservando como antes della; nestas taes não ha outro remedio, que cortalas quando seja preciso por algum dano, ou deformidade que causem. Hum homem de juvenil idade, esgrimidor famoso, tinha huma verruga na extremidade da parte pudenda, do tamanho de hum grão de bico; & usando varios remedios para tirala, foy ella crecendo a tal grandeza, que jà era como huma avelã; de que se temia, que crecendo como até aquelle tempo, viesse a impedir o exito da ourina, cujo ducto jà hia cubrindo. Este homem curàmos nòs com suores de salsa, porque tinha dores de juntas todas as noytes, & algumas vezes se lhe intumescia o escroto; & sendo em sugeyto dissoluto, bem se podia entender que estava gallicado. Depois da cura, cortou-se a verruga com navalha, & deyxando correr algum tempo o sangue, parou este com pós de caparrosa queymada; & a verruga não tornou a crecer. Porém se se puder escusar esta cura, não serà peyor, pela violencia della; & por isto se usaràõ primeiro alguns remedios, entre os quaes tem lugar os seguintes, não só para as verrugas, mas para as excrecencias carnosas do intestino recto.*

Tomem huma onça de verdete, outra de pedra hume; fervaõ em tres libras de agua rosada atè gastar duas; filtre-se, & guarde-se, para tocar com ella as verrugas tres vezes no dia, com que muytas insensivelmente se desfazem.

Tomem partes iguaes de pedra hume queymada, & de pós da erva chamada sabina; misturem-se, & ponhaõ-se sobre as verrugas, ou excrecencias carnosas, que quizerem desfazer; que he remedio que Musitano diz experimentàra muytas vezes com feliz successo.

Oleo de vitriolo, & de enxofre postos nas verrugas algumas vezes as secaõ, desorte que vem a cahir; o que faz tambem o oleo de verdete, o qual se prepara deste modo:

Oleo de verdete.

Tomem de verdete seis onças, de salitre doze onças; façaõ-se em pó; misturem-se, & ponhaõ-se em huma tigella de barro, na qual se lance hum carvão acceso, ou se meta hum ferro feyto em braza, até que se acenda, & se apague toda aquella materia. O que ficar meta-se dentro de huma bexiga de porco bem atada, & ponha-se a bexiga na agua, porque alli se conservarà em licor.

O espirito de sal armoniaco tambem he efficacissimo para estes casos; prepare-se deste modo.

Espirito de sal armoniaco

Tomem de sal armoniaco a quantidade que quizerem; misture-se com barro, ou terra humida, & façaõ-se humas bólas desta materia, & destillem-se segundo as regras da Arte.

He o sal armoniaco taõ volatil pelas partes mercuriaes, & sulphureas, que tem que com facilidade se sublima, & não se póde destillar, sem que com as particulas argillosas do barro se detenhaõ as partes volateis do sal, & se lhe impida a sublimaçaõ. Este espirito posto nas verrugas, & nas excrecencias carnosas de que tratamos, costuma desfazellas, & gastallas; o que faz tambem o sal armoniaco, o qual se prepara desta maneyra:

Sal armoniaco

Tomem huma libra de sangue humano, duas libras de sangue de boy, seis libras de agua do poço; misturem-se filtrese, & ponha-se ao fogo, até gastar a agua; entaõ tire-se do lume, & no fundo do vaso se acharà o sal, cuja virtude em gastar, & consumir as excrecencias carnosas he efficacissima.

CAPITULO XI.

Da gonorrhea purulenta, a que o vulgo chama esquentamento.

Numero 1.

Lib 6 de locis affect. c. 6. 6. prop.

GOnorrhea significa fluxaõ de semente, porque, conforme Galeno, se deriva de dous nomes Gregos, a saber, de *gonos*, que quer dizer semente, & de *rhea*, que he o mesmo que fluxaõ. Alguns Authores da facçaõ dos Barbaros, como Nicolao Florentino, & Filonio, & outros, corrompendo o vocabulo, lhe chamàraõ gonorrhea, & por tanto lhe davaõ outra má etymologia. E porque o affecto, de que tratamos, tem huma certa semelhança com a fluxaõ involuntaria da semente, lhe chamàraõ tambem os Authores gonorrhea, & para della se distinguir, lhe deraõ por appellido purulenta, ou virulenta, por quanto este fluxo se parece com materia chamada *Pus* na lingua Latina, & vem a significar o nome fluxaõ de semente purulenta, ou convertida em materia.

Da verdadeyra gonorrhea naõ convem tratar nesta obra: porém a purulenta se póde definir deste modo: *Gonorrhea purulenta, he hum fluxo de materia, que fóra do acto de ourinar destilla pelo cano da ourina, ou (quando acontece a mulheres) pelo da madre.* Em dizermos *que he afluxão de materia*, lançamos fóra desta definiçaõ a gonorrhea verdadeyra, cujo fluxo naõ he materia, senaõ verdadeyra semente: lançamos tambẽ fóra o fluxo de ourina, & outros de humores varios pela mesma parte, como fluxo de sangue, & huns de que faz mençaõ Laguna, que às vezes acontecem a homens dos regiões do Norte, que por esta via tem certas purgações, como as menstruas das mulheres. Pela palavra *(destilla fóra do acto de ourinar)* se excluem outros fluxos de materia, que pelas vias da ourina se expurga, como de abscessos dos rins, ou da parte convexa do figado, ou de outras, q̃ a natureza pelos mesmos caminhos expelle, ou de outra materia que emana das chagas dos vasos ourinarios, porque nenhum destes fluxos se faz por continua emanaçaõ, & destillaçaõ, como acontece à verdadeyra, & purulenta gonorrhea, & sómente succedem estando a pessoa em acto de ourinar.

In meth. de extirp carnos.

A causa da gonorrhea purulenta he o contagio gallico, que se imprimio nos vasos seminarios, & parastatas, que saõ humas glandulas, que cercaõ, & guarnecem as vias da semente, & as regaõ com certa humidade necessaria ao uso daquellas partes, assim, nem mais, nem menos, como as glandulas da garganta, que prestaõ outra humidade, a saber, a saliva tambem necessaria para fallar, engulir, & outras utilidades. Imprimindo-se pois a qualidade gallica nas ditas glandulas, & nos vizinhos vasos que acontece mais na occasiaõ do mez, (como nota Botallo) introduz nelles demasiado calor, & secura (por cujo respeyto lhe chamàraõ os Portuguezes *esquentamento*) com que se deprava a propria acçaõ das glandulus, & testiculos, & em lugar de gerarem aquella humidade util, geraõ outra muyta copia de excrementos, que saõ, ou representaõ materia: & por isso lhe chamàraõ purulentos, & por serem muyto acres, & mordazes, assim como continuamente se geraõ, os expelle cõtinuamente a natureza, de que procede a continua distillaçaõ, ou *purgaçaõ*, como lhe chamàraõ os Castelhanos.

Lib. de morb.

Daqui

Daqui se vè quam errada he a opiniaõ de Joaõ Calvo, que confunde a gonorrhea purulenta com as chagas de dentro do cano da ourina, imaginando que só dellas póde vir aquella purgaçaõ de materia.

Naõ tem a gonorrhea purulenta differenças consideraveis mais que algumas que se hajaõ de tomar, ou do tempo, como fresca, & antiga; ou dos symptomas, como dor, ardor, estranguria, chaga no cano, & outros. Os sinaes saõ manifestos, pois se vè logo aquella continua destillaçaõ de materia, que o doente padece, & se pega à camisa de noyte, & de dia, dormindo, & vigiando. Mas para se destinguir da verdadeyra, ha mais difficuldade, como nota Fallopio. Distinguirseha porèm, conforme nota o mesmo Author, porque a gonorrhea gallica quando começa, tem grande ardor, & pruido, & logo faz chaga no cano da ourina, & vontade de ourinar a miudo, o que naõ tem a verdadeyra. Alèm disto a gallica dura muyto tempo, a verdadeyra he de ordinario mais breve, & se dura, causa magreyra, consome o corpo todo, enfraquece demasiadamente; o que naõ acontece na gallica: expelle-se finalmente a semente na verdadeyra, & na gallica outra humidade, ou virulencia, às vezes branca, às vezes declinante a amarella, outras declinante a verde, como que sahira de chaga, & logo à vista se conhece naõ ser semente, senaõ materia.

He porèm difficultosa de conhecer nas mulheres pelo muyto que se parece com as purgaçóes brancas da madre, mas distinguirseha pelos antecedentes, concomitantes, & subsequentes. Os antecedentes saõ o contagio gallico, & a occasiaõ delle, que precedem sempre à gonorrhea purulenta, o que naõ acontece às purgaçóes brancas, que sem esta causa succedem. Os concomitantes, porque sempre nos principios he esta gonorrhea acompanhada de dores, ardores, estrangurias, & outras difficuldades da ourina com calor notavel nas partes affectas; de que tudo carecem as ditas purgaçóes. Os subsequentes saõ os sinaes de quando o contagio se communica ao figado, como tumor da verilha, defluvio de cabellos, empolas pela cabèça, & corpo, chagas da garganta, dores, & mais symptomas gallicos, o que naõ sobrevem ao symptoma da madre.

Pronostica-se que se suprime fóra de tempo, sobrevem hernias, tumores de verilhas, apostema no interfemineo, que abrindose o cano da ourina, deyxaõ fistulas nessas partes, como nota Fernelio, a quem segue seu discipulo Juliano Palmario, & sobrevem inflammaçóes internas, & externas dores de cabeça, & todos os mais affectos gallicos, como nota Eustachio Rudio. Costuma alèm disto fazer a gonorrhea chagas no cano da ourina, as quaes às vezes saõ taõ corrosivas, q̃ passaõ fóra, & o deyxaõ roto, como diz Palmario. E succedendo estas chagas no collo da bexiga, causaõ retençaõ de ourina, & notavel estranguria, & representaçáo de pedra, como nota Fernelio; & se duraõ muyto tempo, fazemse callosas, & gèraõ carnosidades, & verrugas dentro do cano, de que se segue suppressaõ de ourina, & algumas vezes morte, como se vè por experiencia, & notaõ communmente os Authores. E porque de ordinario esta gonorrhea faz chaga, diz Fernelio que se conhecerà havella pèla dor, que se excita ao sahir da ourina, & quando o membro se distende, & carregandolhe por fóra, & sem estas occasiões, està algumas vezes o lugar da chaga sempre doendo, & he algũas vezes a gonorrhea purulenta taõ pertinaz, que envelhece com a pessoa, & dura toda a vida, como observou Ambrosio Pareu.

Lib. 5. de part. mor. c. 15.
Lib. 2. de lue. ven. c. 9.
Lib. 5. de morb. ven. c. 21.
loc. cit.
loc. cit.
Lib. 18. c. 18.

Numero 2.

Cura da gonorrhea purulenta, ou esquentamento em seus principios.

HA nos principios duas indicações muy necessarias. A primeyra se toma da causa, a saber do contagio venenoso, que indica, que não se ha de supprimir, antes se ha de expurgar, & lançar fóra do corpo. A segunda se toma dos accidentes, que notavelmente nos principios apertaõ, & saõ principalmente as dores, & ardores, estimulos da ourina, que inquietaõ bravamente o doente, tudo procedido de demasiado calor, & secura, que se introduzio naquellas partes pela qualidade gallica, os quaes havemos de acodir de tal modo que não supprimamos o fluxo da virulencia, reduzindo as partes destemperadas ao seu natural temperamento com cousas frias, & humidas.

Ordenaremos logo ao doente que tome pelas manhãs *agua de malvas com açucar, ou com lambedor de violas*, & à noyte antes de cea, ou sete horas depois de ter ceado, quando jà o mantimento esteja digesto, lhe daremos *amendoada feyta de pevides de melaõ, & de abobora com semente de dormideyras brancas*; ou lhe darêmos *tisanas de cevada, ou agua della* com as mesmas pevides; ou se lhe darà pelas manhãs *huma onça de xarope de mucilagens com tres onças de cozimento de ameyxas passadas*, ou lhe dem *duas onças de lambedor de violas com tres onças de agua de cevada.* E se a dor apertar, demlhe *onça, & meya de lambedor de dormideyras, com duas onças de agua de malvas, & huma onça de agua de almeyrão, tudo misturado.*

E sendo a dor intensissima, a que naõ bastem os outros remedios, façase este de Julio Palmario: *Tomem semente de meymendro oytava, & meya, semente de alface huma oytava, pevides de melão limpas dous escropulos, canfora huma oytava, mucilagens de zaragatoa, tiradas em agua de parietaria*, (que tambem chamaõ alfavaca de cobra) *quanto baste para se fazer massa*, da qual o doente tomarà tres pirolas de madrugada, & beba sobre ellas, como diz Mercado, hum pouco de soro, ou a amendoada de pevides, que està dita. Acrecenta Palmario à dita receyta huma oytava de Mithridates, & meya de canfora: porèm não me parece conveniente o Mithridates por muyto calido, mas a canfora he taõ boa, que me parece dobrarlhe a quantidade.

Lib. 2. de lue ven. c. 6. Lib. de morb. gal. c. 10. loc. cit.

Por fóra se applicaràõ tambem aos rins, & à reygada, & às verilhas unguentos refrigerantes, como *rosado, & refrigerante de Galeno, & Sandalino, ou oleo rosado onfancino, & rosado commum, ou oleo de violas* misturados, ou alguns delles, ou cada hum por si, a que se pòde tambem misturar *oleo de golfaõs*; & sendo a dor fortissima, ajuntese *hum, ou dous grãos de opio*, como aconselhaõ Juliano Palmario, & Mercado. Advirta-se porèm que naõ sejaõ os refrigerantes muyto fortes, porque sendo-o poderàõ supprimir a gonorrhea, & fazer os danos sobreditos; mas sejaõ de tal qualidade, que esfriando moderadamente, temperem sem repercutir. E por tanto não se usarà do opio senaõ em necessidade extrema.

loc. cit.

Saõ convenientes para temperar o calor, & mitigar as dores cristeis refrigerantes, *que se pòdem fazer do caldo de hum frangão com duas onças de oleo rosado, ou violado, & huma colher de açucar rosado, & hum ovo batido com clara, & gema.* Ou se façaõ *de cozimento de malvas, & de violas temperado com os mesmos oleos, & ovo, & huns pòs de açucar; ou de agua de cevada, ou de ameyxas passadas, ajuntandolhe as mesmas perten̄ças.*

Mandaõ alguns (como Pareu) siringar o cano com aguas, & cozimentos refrige-

frigerantes, porèm he cousa muy perigosa, segundo nota Palmario; porque se repercute a virulencia para as partes interiores, & logo sobrevem dores de cabeça, & outros danos, que acima dissemos: sómente se a fereza das dores for demasiada, convirà siringarse *com leyte de peyto morno, ou de cabras, ou de vacas misturandolhe tambem huns pòs de açucar; ou beber o mesmo leyte, como ensina o dito Author; ou se faça no leyte colirio de Rhasis com opio*, se a vehemencia das dores puzer o doente em perigo, & com isto tambem se siringue, como aconselha Joaõ Riolano, & ao ourinar he cousa que mitiga muyto as dores meter o cano em agua de malvas tepida, ou em agua de sal tambem morna.

Lib. 18. c. 21. loc. cit.

Lib. de morb. ven. c. 22.

Sangria se se puder escusar, he melhor que naõ se faça, por não attrahir com ella a virulencia para dentro das veas; porèm quando a urgencia das dores, enchimento, inflammaçaõ, ou outro symptoma, ou enfermidade superveniente obriguem a que se execute, farseha da vea, & parte, de que menos dano se siga, a saber do pè, & por nenhum caso se dè no braço, porque retrahindo a virulencia, se seguem os danos acima ditos, & alèm delles cegueyra perpetua, como ha pouco aconteceo a certo Fidalgo, que em semelhante occasiaõ se sangrou no braço. E porque isto està largamente disputado na nossa apologia, o não encareço mais.

A materia da purga disputaremos na segunda parte desta obra, em que mostraremos ao claro naõ convir nestes principios, porque accrecenta as inflammaçöes bayxas, move a ourina, aquenta mais as partes, & move mayor fluxão, ou a encrùa, & faz outros danos, por cujo respeyto a reprova Galeno em semelhantes casos. E assim nem ainda os linitivos brandos neste caso saõ seguros, & por tanto, nem estes se devem dar, posto que alguns Authores o aconselhaõ. Mas com o bom regimento que logo dirèmos, & applicaçaõ dos medicamentos attemperantes, assim externos, como internos, se acodirà aos symptomas do principio atè que se mitiguem, & depois se farà a cura radical sendo necessario, (como abayxo dirèmos) porque muytas vezes basta fazer o que temos dito, para que perfeytamente sàrem.

Quæst. 2.

13. met. c. 6. & 11.

Comerà o doente frangaõ, ou franga, ou para melhor, naõ coma carne nos primeyros dias, não beba vinho, & guardese de mulheres, & de hum abuso, que no vulgo anda introduzido, cuydando que he remedio chegar a negras, porque de todas se segue mortal fluxo de sangue, que aconteceo ha pouco tempo a certa pessoa de o querer experimentar. Póde tambem comer alface, chicoria, abobora, & outros mantimentos attemperantes, atè se mitigarem as dores; porque depois disto poderà comer carneyro, & outros alimentos de mais substancia, com tanto que sejaõ bons.

Naõ faça o enfermo muyto exercicio, porque com elle se supprime a gonorrhea, como notou Palmario, & se intende mais a destemperança das partes, de que se seguem mayores dores, & ardores. Pela qual razaõ he menos seguro o parecer de Pareu, que manda se façaõ exercicios fortes, & se levem grandes pezos.

loc. cit. c. prop.

Numero 3.

Cura da gonorrhea purulenta depois de passarem os symptomas do principio.

SUccede muytas vezes depois de applicadas as medicinas sobreditas, ou sem ellas, pela pura obra da natureza, que os symptomas aplacaõ, & que naõ sómente fica o enfermo livre das dores, ardores, estrangurias, & das outras mo-

 lestias,

lestias,que o avexavaõ; mas tambem a virulēcia se coze,& rectifica de modo que a destillaçaõ vem a ser branca com todas as condições, que Hippocrates requere na boa materia, a saber, branca como està dito, liza, igual, & sem mào cheyro, & com isto se diminue notavelmente a fluxaõ,& cada dia vay sendo menor. Neste caso não he necessario fazer mais cura ao doente, porque do modo, que a fluxão procede, se póde esperar que a natureza acabe de a vencer; & por tanto não se ha de mover, nem innovar cousa alguma,conforme a regra de Hippocrates: *Neque movere,neque novare aliquid,sive medicamentis,sive aliter irritando, sed sinere.*

1. prog.

1. aph. 24

Porèm se isto, que està dito,não succede,he necessario curar a gonorrhea com brevidade, porque se se despreza, faz as chagas mayores, & callosas, & gèra carnosidades, que saõ difficultosas, como he notorio. Ha-se pois desistir este fluxo, não retrahindo-o às partes nobres, mas tirandolhe a causa, que he o contagio, & a destemperança delle, que està impressa nas partes affectas jà depravadas debilitadas, & sugeytas a receber os excrementos de todo o corpo. Convem logo que o doente se sangre nos pès as vezes necessarias, aindaque a gonorrhea seja antiga, porque sempre lhe fica suspeyta da mà qualidade, que naõ convem retrahirse com a sangria do braço; & tome xaropes accommodados, & se purgue com medicamento conveniente, & depois tome alexipharmacos, que siringuem a mà qualidade gallica, & de caminho outros medicamentos, que desequem as humidades, & corroborem as partes affectas.

Os xaropes pódem ser estes. R. *Xarope de violas huma onça, de fumaria (senão houver ardores; porque se os houver, seja de almeyrão) meya onça, agua de borragem tres onças, misturemse.* Ou este Rec. *Xarope de borragem, & de almeyraõ, de cada hum sua onça, agua de lingua de vaca tres onças.* A purga serà esta. Rec. *Confeyçaõ hamec simplez meya onça, xarope regio tres onças, cozimēto commum quanto baste, façase bebida breve.* E se ainda houver acrimonia notavel na ourina,façase esta purga. Rec. *Polpa de canafistula, & diacatholicaõ, de cada hum tres oytavas, xarope de nove infusoens de violas, & de rosas Persicas, ou das nossas, de cada hum duas onças, cozimento de cevada, ameyxas, & flores cordeaes quanto baste: façase bebida breve.* E se a gonorrhea for jà antiga, dè-se esta purga. Rec. *Agarico trociscado de fresco, & pesado antes de ser trociscado dous escropulos, confeyçaõ hamec composta, polpa de canafistula, de cada hum duas oytavas, xarope regio tres onças, cozimento commum quanto baste, façase bebida breve.*

E se o corpo naõ ficar bastantemente evacuado, se faràõ hũas apozemas deste modo. Rec. *Cevada com a casca duas onças, ameyxas passadas trinta em numero, raiz de borragem, de almeyrão, de lingua de vaca, de cada huma sua mãochea, flores cordeaes, sementes frias mayores, de cada huma meya onça, cascas de mirabolanos citrinos, & chebulos, de cada hum tres oytavas, de folhas de sene seis outavas; faça-se cozimento secundùm artem, que fiquem em quartilho, & meyo*, & dè-se cada manhã meyo quartilho. E se a gonorrhea for antiga, misturem na dita apozema ao cozer *tres oytavas de cartamo, & huma oytava de epithimo, & huma onça de philipodio*, & em cada bebida pódem accrecentar *huma onça de xarope Rey*, & quando este xarope se accrecentar,póde o cozimento escusar açucar, & darselhe em menos quantidade v. g. *Tomem da dita apozema quatro onças, xarope Rey huma onça, ou onça, & meya, misturem-se para cada bebida.*

Depois do corpo evacuado he bom remedio o seguinte. Rec. *Trementina fina duas oytavas, & meya, ou tres oytavas*, lavese com agua de tanchagem, & dè-se em huma colher pela manhã *em xarope de malvaisco*, se o houver, *ou em xa-*

rop

rope de avenca, & se lhe ajuntarem *hum escropulo de canfora*, será mais efficaz, & continue dez, ou doze dias, & he remedio de Juliano Palmario. E diz Eustachio Rudio que se dem *duas oytavas de conserva de flores de golfão feytas em pirolas com trementina*, porque ella he excellente vehiculo, que leva os medicamentos àquella parte, & por si só póde sarar a gonorrhea dada em quantidade de hum, ou dous escropulos cada manhã, & para se a trementina poder tomar per si só, devese fazer *em pirolas com assucar*, ou envolverse *em obrea*. E se nem assim a poderem tomar, diz Ambrosio Pareu *que se faça potavel misturando-a em hum almofariz com huma gema de ovo, & vinho branco*, porque deste modo se faz liquida para se poder beber. Ou se faça assim conforme o dito Juliano. Rec. *Trementina fina duas oytavas, & meya, Ruybarbo huma oytava, misture-se*, & dem-se duas, ou tres horas antes de comer, & cada seis dias se repita.

Lib. 3. de lue ven. c. 9.

Lib. 5. de morb. venen. c. 1.

Lib. 18. cap. 10.

Loc. cit.

Ou se faça este remedio do mesmo Author. Rec. *Cinza de cascas de favas huma onça, lança-se de molho por quatro horas em huma libra de agua quente de alfavaca de cobra, depois coe-se para que fique a decoada muy pura, & ajunte-se xarope de malvaisco quatro onças*, & guarde-se em vidro, & tome o doente quatro onças deste medicamento cada dia, duas horas antes de comer, com que os caminhos da ourina se expurgaõ, & sára perfeytamente a gonorrhea, que he antiga: porém se o naõ for muyto, póde-se exasperar com o calor da decoada, & assim he necessario que se faça em agua de tanchagem em lugar da de alfavaca, & que se lhe misture xarope de violas em lugar de malvaisco. Ou se faça este remedio, que he o mais efficaz de todos, como diz o mesmo Palmario. Rec. *Azevi e fino huma onça, greda, (ou em seu lugar bolo armenico preparado) alambre, raiz de genciana, & de aristoloquia redonda, de dictamo, mirrha muyto boa, de cada hum sua oytava, confeyçaõ Mithridates oytava & meya, trementina fina huma oytava, xarope de malvaisco quanto baste, & faça-se massa*, da qual tomaráõ quatro pirolas cada madrugada, & naõ haverá gonorrhea taõ pertinaz, que este remedio naõ vença, como diz o dito Author, com tanto que jà naõ haja dor, nem ardor, nem outro final de quentura, porque havendo-os, exacerbarsehaõ mais com o tal medicamento.

Os alexipharmacos saõ principalmente a salsa parrilha, & o páo das Antilhas, cujos cozimentos se faráõ conforme se dirá na cura da terceyra, & quarta especie do morbo gallico; ou se fará huma conserva, que cumpra com todas as intenções sobreditas desta maneyra. Rec. *Salsa parrilha feyta em pó quatro onças, páo das Antilhas huma onça, páo da China meya onça, cinza das cascas das favas verdes duas oytavas, canfora duas oytavas, bolo Armenico preparado trociscos de charabe, de cada hum meya onça, coral preparado duas, sandolos vermelhos, & citrinos, pós de rosas de Toledo, ou das melhores que se acharem, de cada cousa duas oytavas, aristoloquia redonda, & longa, de cada huma oytava & meya, escoria de ferro preparado, de cada hum sinco oytavas, pós de mirabolanos citrinos, & de chebulos torrados, ou lavados em agua de tanchagem, de cada hum meya onça, assucar fino quanto baste, faça-se conserva como electuario secundùm Artem.* E se parecer muyta quantidade, póde-se fazer ametade, ou a quarta parte desta receyta, pondo cada quantidade em sua proporçaõ, & tomará o doente cada manhã meya onça, & à tarde antes de cea duas oytavas em agua de páo das Antilhas, ou de salsa parrilha.

Ou se faráõ estes pós. *Tomem pós de mirabolanos citrinos, & chebulos torrados, & lavados, de cada hum meya onça, trociscos de charabe huma onça, coral preparado duas oytavas, alcaçùs tres oytavas, marfim preparado meya onça, faça-se tudo em pó, & misture-se*, & tomem-se cada manhã duas oytavas, à tarde antes de cear duas

horas

horas huma oytava, & ſobre elles ſe beba meyo quartilho de agua de ſalſa parrilha, ou de páo das Antilhas, feyta como aquella, que ſe faz para ſuar.

E poſto que Fallopio, & Euſtachio Rudio dizem que naõ cede aos remedios locaes, com tudo naõ deyxem de ſe applicar alguns adſtringentes para corroboraçaõ das paraſtatas, & vaſos ſeminarios; porém iſto naõ ſe fará ſenaõ depois do corpo evacuado, & entendendo, que eſtá o contagio extincto, que ſe conhecerá ſe a materia ſahir branca, liſa, igual, & ſem máo cheyro, & ſem acrimonia alguma na paſſagem, & juntamente ſe naõ houver ſymptoma, que moſtre communicaçaõ ao figado, & aſſim neſte caſo ſe póde untar ſobre as verilhas, reygada, & teſticulos *com oleo de loſna, de almecega, & de murtinhos*, & ſobre a untura applicar *pós de almecega, de coral, de roſas, & de ſumagre, todos miſturados*: ou ſe applique *o emplaſto, que chamaõ da Condeſſa*, ou qualquer outro adſtringente.

Lib. de morb gal cap. 100. Lib. 5. de morb. ven. c. 21.

E ſe a gonorrhea for rebelde, ou der moſtras de ſe ter já o contagio communicado ao figado, (que ſe conhecerá apparecendo os ſinaes de alguma eſpecie do morbo gallico) em tal caſo ſe faça a *cura delle em fórma, com ſuores, & unturas*, como a diante ſe dirá. Porém note-ſe que naõ ſe appliquem as unturas do mercurio às partes das verilhas, & vizinhas como alguns fazem, porque além de ſer perigoſa a applicaçaõ de azougue neſtas partes, repercute o humor dellas, & o lança nos membros principaes, conforme notou Juliano Palmario. *E ſe torne a notar, que ſendo a gonorrhea freſca a nenhuma parte do corpo ſe appliquem as ditas unturas*, porque o movimento do mercurio póde ſupprimir ante tempo, & ſeguirſe mayor dano, em lugar de bom ſucceſſo, que da cura ſe podia eſperar.

Lib. 2. de lue ven. c. 9. in fin

Mas porque ſuccede algumas vezes ſer a gonorrhea taõ rebelde, que a nenhũ remedio obedece, he bom conſelho o de Joaõ Baptiſta Corteſio, que he fazer *huma fonte na parte* da banda de dentro, & naõ baſtando huma, façaõ-ſe duas.

Part. 3. c. 3. in fin.

As chagas, que a gonorrhea cauſa dentro do canal da ourina, com a gonorrhea coſtumaõ juntamente ſarar ſem outra particular providencia, porém ſe ficarem ainda pertinazes, & rebeldes, curarſehaõ applicandolhe por ſiringa, ou em candea os medicamentos convenientes a ſeu eſtado, como ſe dirá na cura das carnoſidades, & em ſeu particular Capitulo.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

CAuſa da gonorrhea. *A cauſa da gonorrhea virulenta he o contagio gallico, que de hum corpo a outro ſe communica por meyo do congreſſo. Quando o homem recebe o contagio, entra eſte pelos pôros das partes obſcenas, atè os vaſos ſeminaes, em cujas glandulas faz com o ſeu acido coagulações, em que depois ſe excita grande efferveſcencia, & calor, com que ſe deprava o temperamento deſtas partes; & como o acido deſte contagio he corroſivo, facilmente faz chaga, de que emanaõ as materias purulentas da gonorrhea. Quando a mulher recebe o contagio, chega eſte às glandulas da vagina do utero aonde faz os meſmos danos, & dando ſe communica aos homens no congreſſo.*

Numero 2.

HA nos principios duas indicações. *Nas gonorrheas virulentas, quando ainda eſtaõ no ſeu principio, tira Madeyra duas indicações curativas; huma da cauſa, que he o contagio gallico: outra dos ſeus productos, que ſaõ o calor, & ſecura das partes em que os ſeminarios do contagio ſe implantàraõ, & as dores, & ardores que produzirão. A indicação que tira da cauſa da gonorrhea, he de não ſupprimir o contagio, que*

ſe

se introduzio no interior das partes bayxas, deyxando-o expurgar, & lançar fóra com as ditas materias virulentas que emanaõ das ditas partes, a cujo calor, & secura se dirige a segunda indicaçaõ de attemperar, & humedecer com cousas frias, & humidas, com que tambem as dores, & ardores se modificaõ. Estas duas indicações saõ as bases em que se estriba toda a cura das gonorrheas: deyxar correr as materias virulentas, & applicar remedios para temperar o calor das partes contagiadas, & para acodir às dores, & ardores, que causa a acrimonia das ditas materias. E quando estes symptomas estaõ moderados, & as materias saõ brancas, & sem máo cheyro, aconselha Madeyra, & a pratica vulgar, que se não façaõ remedios para extinguir a gonorrhea, & que se deyxem correr as materias, ainda que dure muyto tempo o froxo; porque assim se acabaõ melhor as gonorrheas, sahindo pela purgaçaõ dellas todos os seminarios do contagio.

Esta praxe entre os Medicos, & Cirurgiões communmente recebida, sempre nos pareceo perniciosa. Porque primeiramente ella não contende com a causa da gonorrhea, senão com os seus productos; acode aos effeytos sem attender à causa de que dependem. A causa he o contagio gallico, & os remedios dirigem-se a emendar os danos que o contagio excita, sem oppugnar este; sendo que os sequazes desta pratica tem este contagio por huma qualidade occulta, & intentaõ remediar os seus danos com qualidades manifestas, applicando amendoadas, & emulsoens de sementes frias, & outras cousas que refrigeraõ, & humedecem, como contra elles notou Musitano. 1. dizendo: Morbum in causa occultum prædicant, & manifestis, ac vulgaribus deinde medicamentis sanationem perficiunt. *Parece que se a causa da gonorrhea he venenosa, que logo se lhe havia de acodir com os seus antidotos, antes que lançasse mais altas as raizes; antes que os seminarios do veneno se fossem propagando; & antes finalmente que se chegassem a communicar à massa sanguinaria. Entende Madeyra que todos os seminarios do contagio, que se introduziraõ nas partes que padecem na gonorrhea, se expurgaõ com as materias della, & por isto aconcelha, que temperãdo as dores, & os ardores que causaõ, se não faça diligencia por extinguilla. Isto porém he falso: porque ainda que nas materias da gonorrhea venhaõ algumas particulas do contagio, là ficaõ outras impactas nas partes que padecem; & quanto mais tempo durar a gonorrhea, mais certamente se communicaràõ às partes internas, & à massa do sangue, que circulando pelas partes infectas, irà tomando dellas o contagio que as offende; de tal modo que fiquem gallicados os doentes, ainda que se acabe a purgaçaõ da gonorrhea. Mostra-se claramente: porque se bastou o breve tempo de hum congresso, para se communicar o contagio de hum corpo a outro: depois de introduzido nelle, como não ha de communicarse de huma parte a outra dentro de oyto, de dez, de vinte, de quarenta dias, & de todo o tempo que a gonorrhea dura; principalmente quando o sangue circulando pelas partes do contagio, em muyto menos tempo póde tomar em si os seminarios delle, & ficar com a infecçaõ contagiosa, ao mesmo tempo em que esgotando-se as mtaerias da gonorrhea, cuydaõ os doentes que ficaõ livres deste veneno. Eys-aqui como se gallica a mayor parte da gente em que entrou este contagio. Tem huma gonorrhea, conservaõ-na em quanto ella dura, tratando só de acodir às dores, & ardores que causa; & o contagio communica-se ao sangue; porque nenhuma diligencia se fez para extinguillo. E por este modo tambem se fazem carnosidades nas vias da ourina, correndo muyto tempo por ellas as materias virulentas das gonorrheas.*

1. Musit. cap. de gonorrhæa.

A primeira indicaçaõ pois, que na cura da gonorrhea virulenta deve satisfazer-se, he a de extinguir logo no seu principio os seminarios gallicos de que procede, antes que pela dilaçaõ excitem mayores danos nas partes da gonorrhea. & se communiquem à massa sanguinaria. E para este fim se usaràõ logo os alexipharmacos mais efficazes; dandos-os com tal arte, que oppugnando o contagio, se temperem as dores, & ardores

K da

da gonorrhea. Eſta nova doutrina, que he contra o methodo da pratica ordinaria, tem a ſeu favor a opinião de Carlos Muſitano, que na cura da gonorrhea uſa logo remedios Mercuriaes; & confeſſamos nòs, que antes de ler as obras deſte Author, o fizemos ſempre com grande confiança, & com mayor utilidade. Nunca nos pareceo bem tratar ſó aos effeytos do contagio, temperando os ardores da ourina; & deyxar livremente os ſeminarios ao gallico introductos no corpo, ſem cuydar em extinguillos, eſperando que a continua expurgação das materias os extrahiſſe; ſendo certo, como temos dito, que na purgação das gonorrheas não ſahem todos os ſeminarios do veneno, porque eſtão impactos na carne, & vão-ſe communicando ao mais intimo della; & finalmente chegão a implantar-ſe na maſſa do ſangue por meyo do ſeu circulo. E por iſto logo logo ſe deve attender a extinguir o contagio, & a remediar os ſeus productos. Deſorte que duas ſaõ tambẽ as indicações curativas, que tiramos para boa indicação das gonorrheas. A primeira, extinguir os ſeminarios do fermento gallico introduzido no interior das partes pudendas. A ſegunda, temperar as crueis dores, & ardores que cauſa. Iſto ſe ſatisfarà da maneyra ſeguinte:

Cura da gonorrhea virulenta.

OS *que padecerem eſte achaque, devem por-ſe logo em regimento de frangão, ou franga, cozidos com abobora, ou pepino, ou com beldroegas, ou com folhas de tanchagem; bebendo agua cozida com azougue vivo, como ſe dà aos meninos para os preſervar de lombrigas; cozendo tres, ou quatro canadas de agua com duas onças de azougue, com que ferverà atè gaſtar menos de meyo quartilho? & deyxarlhe-haõ ficar ſempre o azougue dentro; com o qual ſe póde cozer nova agua em todo o tempo da cura, porque nunca o azougue perde a virtude, ainda que ſe coza a agua com elle muytos annos. E para eſte achaque he o azougue a melhor couſa com que ſe póde cozer a agua que beberem os doentes; porque ſem o incommodo de eſquentar, como a ſalſa, & os mais alexipharmacos vegetantes deſte contagio, tem virtude para deſtruir os ſeus ſeminarios; & por iſto he de grande utilidade nas gonorrheas, como por experiencias de certo Medico affirma Ettmullero, 2. dizendo:* Singulare cujuſdam Medici experimentum eſt aqua Mercurialis, vel Hermetica; quia recipit mercurium vivum, coquit in aqua ſimplici per aliquot horas; aquam iſtam propinat, & eſt egregium remedium, quo ſucceſſivè ſedatur gonorrhœa virulenta. *Tambem pódem beber agua cozida com antimonio crù, que pelas ſuas partes mercuriaes não he menos conveniente neſtes males. Coze-ſe meya onça em cinco, ou ſeis canadas de agua, atè gaſtar hum quartilho; & o meſmo antimonio ſerve para todo tempo do regimento, porque ſempre conſerva a meſma virtude.*

2. Ettmul. cap. de gonorrhœa

Paſſando com eſte regimento, logo que apparecer a gonorrhea, ſe ſiringarà a parte pudenda com leyte de burra, ou de mulher, ou com ſoro de leyte de cabra; ou com cozimento de malvas com as raizes; ou com agua deſtillada de malvas, ou de tanchagem, com mercurio doce, deſta maneyra:

Tomem de agua de tanchagem ſeis onças, de mercurio doce duas oytavas; miſturem-ſe.

Com eſta agua tepida bem vaſcolejada ſe ſiringue a parte tres, ou quatro vezes no dia, & de cada vez ſe façaõ duas, ou tres ſiringaduras; que dentro de poucos dias ſe curarão as gonorrheas; uſando ao meſmo tempo os mais remedios, que logo propomos. Quando as dores, & ardores ſaõ grandes, he mais conveniente ſiringar com leyte. Com eſte medicamento curava Carlos Muſitano as gonorrheas em tres dias, & affirma, que nunca o applicàra ſem utilidade. Nos ſpecificum (*ſaõ as ſuas palavras*) nacti ſumus medicamen, & omni laude dignum pro curanda virulenta gonorrhœa trium dierum,

dierum ſpatio, quod numquam gonorrhæa correptum fefellit. *Eſte he aquelle remedio, que Muſitano encareſſe para ſe preſervarem de gallico os que ſe juntarem com peſſoas infectas, no que, diz elle, tem huma tal efficacia, que uſando-o depois do congreſſo preſerva de puſtulas, de chagas, de gonorrheas, & finalmente de todo o achaque gallico, extinguindolhe os ſeminarios antes de chegarem a fazer dano; & porque não ſuccedeſſe que ficando-ſe algum neſte remedio, ſe ſoltaſſe nas diſſoluções ſem reparo, não quiz moſtrallo claramente, & falla no mercurio com o nome de Dragaõ mitigado.* Habemus nobile, & expertum antidotum (*diz Muſitano* 3.) ad luis venereæ præcautionem, quo ſiquis, poſtquàm cum infecta coierit, utatur, facilè à puſtulis, cariebus ulceribus, gonorrhæa, & bubone præcavetur; illudque ſparſim communicavimus; nolumus tamen locum ubi extet, cuique digito demonſtrare, ſed emunctioribus ſeligendum relinquimus, ne hujuſmodi remedium tantummodo in abuſum trahatur. *Nòs nunca damos eſte remedio para preſervar do contagio; para curar as gonorrheas o temos uſado muytas vezes; & ſe naõ ſe curàraõ todas dentro de tres, ou quatro dias, como diz Muſitano, naõ deyxàraõ de curar-ſe brevemente. E naõ ha duvida em que eſta he a melhor cura das gonorrheas, porque com ella ſe temperaõ as dores, & ſe extinguem os ſeminarios do contagio. Eſte era o meyo para ſe acabar o gallico; mas do methodo com que ordinariamente ſe trataõ as gonorrheas, ſuccede o contrario; porque temperando-ſe os ardores com os remedios frios, & humidos, ficaõ no corpo os ſeminarios do contagio, & aſſim ſe vay propagando de peſſoa a peſſoa, & de pays a filhos, & a netos.*

3. Muſit. lib. 4. de lue ven. cap. ult. ad fin.

Em lugar de mercurio uſa Muſitano do ſal, ou aſſucar de chumbo, que tudo he o meſmo, diſſolvendo huma oytava delle em ſeis onças de agua de tanchagem; & he o mais a que tem chegado a reſoluçaõ dos Cirurgiões vulgares, que não tendo uſo do mercurio, privaõ aos doentes das utilidades delle. O ſal de chumbo ſobre dulcificar o acido vicioſo, & corroſivo do gallico, tambem pelas partes mercuriaes de que conſta, pòde extinguir os ſeus ſeminarios; mas em tudo iſto tem melhor uſo o mercurio, & por iſto ſe deve ſempre preferir. De hum, & outro remedio uſamos muytas vezes na ſeguinte fórma.

Tomem de leyte de burra ſeis onças, de mercurio doce oytava, & meya, de ſal de chumbo dous eſcropulos; miſturem-ſe; & ſiringue-ſe com eſte remedio, na fórma que temos dito.

Advertimos aos que ſiringarem com leyte, que vejaõ não eſteja azedo, como aconteceo algumas vezes, porque farà mayor dano, & acreſcentarà as dores, & ardores com a ſua acrimonia.

Tambem logo no principio da gonorrhea ſe tomaràõ emulſoens, ou amendoadas feytas em agua commua, ou de malvas, ou de alface, com pevides de melão, melancia, abobora, & pepinos, com ſemente de zaragatoa, & de papoulas brancas, & miolos de caroços de ginjas; adoçando cada amendoada com lambedor de dormideyras brancas; & tomando-as tres horas depois de cear.

Pelas manhãs em jejum tomaràõ meyo quartilho de ſoro de leyte de cabra, ou huma tiſana de cevada, ou outra amendoada, ſem lambedor, com os ſeguintes pós:

Tomem de aſſucar de chumbo, de antimonio diaphoretico, de cada couſa meyo eſcropulo, de mercurio doce oyto grãos, de ſal de favas, ou da ſua planta, grãos dez; miſturem-ſe.

Com eſtes remedios ſe vencem ordinariamente as gonorrheas em cinco, ou ſeis dias, outras vezes em dez, ou doze dias, & muytas vezes em menos; & algumas ſe obſtinaõ, & ſe fazem rebeldes; mas iſto ſó ſuccede nos que antes das gonorrheas eſtavaõ gallicados; & neſtes ſerà preciſo fazer huma cura regular, ordenada a extinguir o contagio,

para haver de curar as gonorrheas. Porém antes de chegar a estes termos, quando dentro de quinze dias se não acabarem as gonorrheas com o uso dos ditos remedios, tomar-se-hão as seguintes pirolas:

Tomem duas oytavas, & meya de trementina fina cozida sem se lavar em agua de tanchagem, como ordinariamente se faz, de mercurio doce grãos dez, de alcanfor, & de assucar de chumbo, de cada cousa meyo escropulo. Façãõ-se pirolas, & dourem-se. Saõ para huma vez.

Haõ de tomar-se pelas manhãs em jejum, continuando-as dez, ou doze dias, que nelles poderaõ concluir com as gonorrheas. Para estas exalta Quercetano a sua agua, que se prepara desta maneyra:

Agua de Quercetano para gonorrheas. 4 Riv cent. 2. obs 30 & 74. Pharm. Lusit. fol. mihi 33.

Tomem tres onças de ortelã seca, de semente de alface, de ruda, de agnocasto, de cada cousa duas onças, & meya, de lirio Florentino, de folhas de dictamno dez oytavas, de assucar duas libras; faça-se tudo em pó, & juntando cinco onças de trementina, & trinta onças de vinho branco generoso, destille-se tudo em banho. Da agua que se destillar, tomaráõ duas, ou tres colheres pelas manhãs em jejum, & comeráõ passadas duas horas. He remedio de que usou Riverio 4. com feliz successo.

Semelhante a este he a agua de Charras, a qual descreve na Pharmacopea Regia Chymica, & se acha na Pharmacopea Lusitana. 5. Riverio entre os seus segredos inculca para gonorrheas antigas a seguinte agua:

Agua de Riv. para gonorrheas.

Tomem de páo santo, de folhas de lentisco, de cascas de faya, de cada cousa destas quatro onças; de vinho branco oyto libras; de raiz de dictamno, de lirio Florẽtino, de cada cousa destas tres onças; de ortelã seca quatro maõcheas; de urgibo manipulo, & meyo; de agnocasto, de semente de ruda, & de alface cada cousa tres onças; de trementina huma libra; misture-se tudo, & destille-se. Toma-se de manhã, & de tarde, de huma atè quatro onças, depois das evacuações universaes; & he para gonorrheas antigas.

As seguintes perolas saõ efficacissimas para todas as gonorrheas virulentas:

Tomem de assucar de chumbo meya oytava, de alcanfor meyo escropulo, com espirito de trementina; formem-se pirolas; & dourem-se. Haõ de continuar-se dez, ou doze manhãs em jejum.

Carlos Musitano inculca por remedio infallivel as suas pirolas, com a experiencia de que nunca lhe faltáraõ com bom effeyto na cura deste achaque; & diz, que tendo-as muyto tempo em segredo, as revela por charidade, nesta fórma:

Pirolas de Carlos Musit. para gonorrheas

Tomem duas oytavas, & meya de antimonio diaphoretico, cinco oytavas de çumo de alcaçùs, duas oytavas de alambre branco, quatro, oytavas de goma de guayacaõ nativo, seis oytavas de mercurio doce, duas oytavas de almecega escolhida, duas oytavas, & meya de terra de caparrosa; misture-se tudo, & com bastante quantidade de trementina de Chipre, faça-se massa, de que se formem pirolas pequenas, das quaes se tomaráõ de cada vez quatro, ou cinco, continuando-as muytos dias. Nulla gonorrhæa (*diz este Author*) quantumvis virulenta, & antiqua, his nostris pilulis resistit: sunt veluti specificæ pro hoc malo.

Nòs, sem segurarmos a infallibilidade dos successos, que depende de varias circunstancias, dizemos, q̃ com as siringaduras feytas com remedios mercuriaes; & com as amendoadas, & pirolas de trementina, & mercurio, que acima descrevemòs, rara serà a gonorrhea que se não cure em poucos dias, se se usarem logo no seu principio, antes que os seminarios contagiosos estejaõ diffundidos por outras partes, & communicados à massa sanguinaria. Esta he a melhor cura das gonorrheas, a qual não deve estranhar se por novidade, ainda que seja contraria ao methodo commum, visto que a razaõ a persuade, & que as experiencias a confirmaõ; que como dizia Ouveno:

Non

Non ego ſum veterum, non aſſecla, Paule, virorum.
Seu vetus eſt, verum diligo, ſive novum.

QUando as gonorrheas ſe não vencerem com eſta cura, devemos entender que o gallico eſtà ſigillado na maſſa do ſangue, & que neceſſita de huma cura regular para extinguir o contagio; a qual ſe farà precedendo as evacuações univerſaes, na forma que parecer conveniente.

Do opio. *Nos unguentos refrigerantes para os rins, & verilhas junta o Author hum, ou dous grãos de opio, advertindo que ſó em neceſſidade extrema ſe uſe; entendendo erradamente, que o opio por frio poderia ſer danoſo, repercutindo algumas particulas do contagio; ſendo aſſim que o opio não ſó não he frio, como cuydàraõ os Antigos; ſenão que he inſignemente quente, por haver nelle muytas partes oleoſas, ſulphureo-ſalinas, volateis, como jà notàmos na noſſa Pleuricologia, com Cornelio Bonetokoe, do que ſe póde ver Helmonte, 6. & Ettmullero. E por iſto bem ſe póde uſar ſem o temor de que offenda repercutindo o contagio. Nos medicamentos internos tem elle melhor uſo, quando ſaõ grandes as dores, & os ardores, tomando nas amendoadas dous grãos de laudano opiado, ou ſeis, ou ſete pingas de laudano liquido.*

6. Van-Helm. tr. duum virat. §.8. Ettm in Colleg Pharm. Schrod. fol mihi 709.

Siringar. *Reprova Madeyra o ſiringar a parte pudenda com aguas refrigerantes, temendo que o contagio ſe repercuta às partes internas. O que ſe deve entender das aguas actualmente frias, & não das que ſe applicarem com calor tepido, ſendo ſó potencialmente frias; porque ſó a frialdade actual faz hũa inſigne repercuſſaõ, contrahindo-ſe a parte ao occurſo da qualidade fria; o que não ſuccede uſando-ſe mornas; porque a tepidez laxa os póros da meſma parte, que com a frieldade ſe haviaõ de contrahir. E aſſim bem ſe póde ſiringar com couſas tepidas, que convenientes ſejaõ; entre as quaes preferimos o leyte, quando as dores, & ardores ſaõ grandes; miſturandolhe ſempre mercurio doce; porque aſſim, moderando-ſe os ſymptomas com a anodina qualidade do leyte, ſe extinguem os ſeminarios do contagio com a inſigne virtude do mercurio, & em poucos dias ſe curaõ felizmente as gonorrheas.*

Sangria ſe ſe puder eſcuſar. *Para curar as gonorrheas que não forem antigas, não he neceſſario ſangrar; mas ſe por algum incidente for preciſo chegar a eſte remedio, não dizemos que ſe faça nos pès, como aconſelha Madeyra, cuydando, que com a ſangria de braço ſe retrahe a virulencia do contagio às partes ſuperiores; dizemos, que ſe faça a ſangria na parte em que for mais conveniente para curar o dano, que obriga a ella, ſem temer o incommodo que o Author conſidera ſangrando no braço; porque a ſangria, ou ſeja de pé, ou de braço, não attrahe deſta, nem daquella parte os ſeminarios do contagio; o que faz a ſangria, he evacuar parte do ſangue, que anda circulando pela vea que ſe raſga, & não chama o ſangue de hũa parte para outra, nem lhe dà outro movimento algum para bayxo, ou para cima; nem o ſangue no tempo da ſangria tem mais movimento, que aquelle com que havia de circular pela vea, ainda que a ſangria ſe não fizera. Como póde logo a ſangria de braço fazer ſubir às partes altas o contagio, que occupa as pudendas? Iſto quizeramos que advertiſſe, não ſó a gente do povo, mas o vulgo dos Medicos, para não fazerem tantos erros no exercicio pratico, como cada dia vemos, fugindo de ſangrias de braços nos gallicados; como o temor do contagio, que tem ou tiveraõ nas partes bayxas, quando he preciſo ſangrar nos braços para medicaçaõ dos males agudos. Deſorte, Senhores, que o ſangue ſempre anda circulando pelas veas, & ſe ha ſeminarios de gallico em alguma parte do corpo, elle os toma na ſua circulação; que quando a ſangria, de qualquer parte que ſeja, não lhos communica, nem lhe pódem chegar, ſenaõ nos movimentos do ſeu circulo; ſobre o que ſe veja o que diſſemos nas Annotações ao* num. I. do Capitulo VII. *& nas Annotações ao* num. V. do Cap. VIII.

A materia da purga. *O meſmo que diſſemos das ſangrias, ſe deve obſervar com os medicamentos purgantes; porque eſtes não ſaõ neceſſarios para curar as gonorrheas, que não forem antigas, nas quaes não entra a duvida de purgar; & nas gonorrheas de pouco tempo, ſobrevindo incidente a que ſe deva eſte remedio, não ha de negarſe pelos danos que o Author teme; porque ha medicamentos tão benignos, que ſe uſaõ ſem offenſa das partes bayxas; & ſe forem vomitorios, ainda as offenderaõ menos. Nòs temos viſto uſar muytas vezes medicamentos purgantes na preſença de gonorrheas, eſtando em ſeu vigor os ſymptomas, que coſtumaõ acompanhallas, ſem que reſultaſſe dano dos taes remedios; & ainda para as curar vemos, que hum Francez Empirico uſa neſta Corte de huma agua ſolutiva, dando-a duas vezes no dia, & repetindo-a oyto, dez, & mais dias, ſem que ſe offendaõ todos com ella; & he remedio bem conhecido neſta Cidade pela agua do Francez, como vulgarmente ſe chama. Não louvamos eſta pratica, mas dizemos iſto, para que ſe for preciſo purgar a quem tiver gonorrheas ſe lhe não negue o remedio na neceſſidade preſente com o temor do dano futuro, & contingente; & jà Riverio 7. uſou de repetidos purgantes na cura de gonorrheas. Veja-ſe o que diſſemos nas Annotaçoẽs ao* num. 1. do Capitulo VII.

7. River. cent. 1. obſ. 74.

Numero 3.

LAve-ſe em agua de tanchagem. *Da trementina uſa o Author nas gonorrheas antigas, mas erra nas lavações que lhe dà; porque nellas perde muytas partes balſamicas, & vem a ficar menos util, como notou Muſitano, dizendo:* Aliqui terebinthina utuntur lota aqua violarum; ſed inſcitè faciunt; multum enim ſui balſami per lotionis dependit, fitque merè inutilis. *Uſar-ſeha logo da trementina ſem a lavar; que com as partes balſamicas de que he dotada, utiliza muyto neſtes achaques; nos quaes não aproveyta algumas vezes menos o oleo de Copaiva, de que uſa Doleu, pela meſma razão de ſer balſamico, & de abſterger, & purificar nas gonorrheas as partes infectas com os ſeminarios do contagio. Deſta maneyra ſe póde uſar da trementina:*

Tomem ſeis oytavas de trementina, hum eſcropulo de mercurio doce, dous eſcropulos de ſal de favas, meya oytava de alcanfor; miſture-ſe tudo, & com oleo de Copaíva, & aſſucar ſe formem pirolas para tomar de tres vezes, & continuem-ſe nove, ou dez manhãs.

Os alexipharmacos. *Quando nas gonorrheas antigas for neceſſario recorrer aos alexipharmacos do gallico, propoem Madeyra a ſalſa parrilha, & páo das Antilhas, com cujos cozimentos acode a eſtes danos. Porém entre todos os alexipharmacos, o mais excellente he o azougue, como ſem controverſia confeſſaõ os eſcritores deſte contagio; & ſendo aſſim, para que he uſar primeiro os alexipharmacos vegetantes, ſenão dar logo o mercurio; principalmente quando ſe ſabe, que ſe uſa com felicidade, ſem cauſar dano algum, ſendo bem preparado, & adminiſtrando-ſe com prudencia; eſcuſando-ſe aſſim as apozemas, & conſervas de ſalſa, que ſobre ſe tomarem com grande enjoo, não aproveytaõ como o mercurio? Eſte toma-ſe com mayor facilidade, & com utilidade mayor, do que todos os mais antidotos deſte veneno. He verdade que em alguns caſos ſe faz formidavel o uſo do azougue, como quando os doentes padecem achaques de peyto; & neſtes termos naõ ſe deve uſar, em quanto a gravidade do caſo o naõ fizer preciſo.*

Se a gonorrhea for rebelde. *Quando as gonorrheas ſe fizerem rebeldes, não he neceſſario outro ſinal de ſe haverem communicado ao ſangue os ſeminarios gallicos, mais, que a meſma rebeldia, & duraçaõ das gonorrheas; porque, como muytas vezes temos dito, quando ellas ſe não curaõ logo, communica-ſe o gallico ao ſangue na ſua circulaçaõ, & he eſcuſado buſcar outro ſinal demonſtrativo da ſua communicação; & mais quando*

do he certo, que bem póde estar o gallico sigillado no sangue muytos annos, sem reluzir effeyto de seu veneno, como jà dissemos nas Annotações ao num 1. do Capitulo VII.

Huma fonte. *Nas gonorrheas rebeldes mandão alguns Praticos abrir fontes nas pernas, para que a natureza lance por ellas os humores infectos com este veneno, quando não possa vencello. Antes porem que cheguemos a este remedio, se faça toda a diligencia por extinguir o contagio com curas alexipharmacas, reduzindo a massa do sangue a melhor eucrassia; porque ainda que pelas fontes se expurguem os humores, & com elles se extrahaõ algumas partes do contagio, nunca este se esgota; porque em estando sigillado na massa do sangue, nunca se apartaõ delle todos os seus seminarios, & só com os seus especiaes antidotos se extinguem. Veja-se o que sobre as fontes nos gallicados escreve Zacuto no* tomo 2. livro 2. cap. 1. fol. 278.

Referem-se alguns casos de gonorrheas curadas felizmente pelo methodo que propuzemos nas Annotações ao num. 2. deste Cap.

Hum moço inclinado à caça, no meyo do estio contrahio contagio gallico, manifestado em huma gonorrhea virulenta quatro dias depois do congresso em que se lhe communicàra. As dores, & ardores erão intoleraveis; tinha difficuldade no ourinar; & entre todas estas molestias, o que mais o magoava, era que seus pays chegassem a saber o mal que padecia. Nòs o curàmos em segredo desta maneyra: Passando com dieta conveniente, siringava cada dia a parte pudenda com o remedio seguinte:

Tomem meyo quartilho de leyte de burra, huma colher de calda de assucar rosado, duas oytavas de mercurio doce; misturem-se.

Com estas siringaduras se lhe mitigavão as dores, & se lhe facilitava a expurgaçaõ das materias. De noyte, tres horas depois de cear, tomava huma amendoada de pevides de melão de melancia, & caroços de ginjas, adoçada com lambedor de papoulas brancas. Com estes remedios se temperàraõ os symptomas da gonorrhea; & para acabar de extinguilla, usou oyto dias continuos destas pirolas:

Tomem duas oytavas de trementina fina, dez grãos de mercurio doce, meyo escropulo de sal de favas, & outro meyo de alcanfor; misturem-se, & com algum assucar faça-se huma massa, que se tome em pirolas de huma vez, & repitaõ-se na mesma quantidade cada dia.

Hum homem de mais de quarenta annos de idade, havia quinze dias que estava com huma gonorrhea virulenta, que aos oyto dias depois da communicaçaõ impura lhe apparecera, & não tratando de curalla, passava crueis dores, & ardores na via da ourina; sentindo mais que tudo o ter contagiado sua mulher, porque antes de se manifestar o gallico na gonorrhea, não se apartou della; porém na mulher nunca reluzio effeyto do contagio. Este homem curàmos, fazendolhe siringar a parte com o seguinte remedio:

Tomem de agua cozida com cevada seis onças, de assucar de chumbo dous escropulos, de mercurio doce duas oytavas, de assucar branco duas colheres; misturem-se.

De noyte na hora do sono tomava a emulsaõ seguinte:

Tomem cinco onças de emulsaõ feyta das quatro sementes frias mayores, & de semente de papoulas brancas, & de miolos de caroços de ginjas, huma onça de xarope de malvaisco; misturem-se, & lancemlhe seis pingas de laudano liquido.

Temperàraõ-se os ardores dentro de cinco dias; & cessando então as siringaduras, tomou em sete dias continuos as seguintes pirolas, com que se extinguio a gonorrhea:

Tomem oytava, & meya de trementina cozida em agua de tanchagem, dez grãos de mercurio doce, de alcanfor, & de assucar de Saturno, de cada cousa meyo escropulo. Façaõ-se pirolas, & dourem-se.

Mais de dous annos havia, que hum moço de eſtragada vida padecia huma gonorrhea varias vezes renovada, quando temendo jà, que lhe reſultaſſe algum dano mayor que aquelles que deſprezava, nos pedio que o curaſſemos; promettẽdo emendar a vida no tempo dos remedios. E como a gonorrhea era tão antiga, bem nos perſuadimos a que o gallico eſtaria communicado à maſſa do ſangue, ſem embargo de não haver outro algum ſinal, que aſſim o atteſtaſſe. Nós demos principio à cura ſangrando-o quatro vezes nos pès; purgando-o depois tres vezes em dias alternados com o medicamento ſeguinte:

Tomem de mercurio Calomelanos grãos vinte, de reſina de jalapa grãos dez, de diagridio ſulphurado grãos oyto; diſſolvão-ſe em duas onças de emulſaõ de ſementes frias mayores.

Depois de purgado tomou dez dias o remedio ſeguinte:

Tomem ſeis oytavas de trementina fina, huma onça de polpa de canafiſtulla freſca, trinta grãos de mercurio doce, meya oytava de alcanfor, hum eſcropulo de ſal de chumbo, meya oytava de çumo de alcaçûs, huma oytava de cremores de tartaro; de tudo ſe faça maſſa com aſſucar, ſe neceſſario for, para tomar em tres dias continuos em jejum; & repita-ſe os dias que ſe pedir.

Com eſte remedio ſe promovia em mayor copia a purgação da gonorrhea; & para extinguilla totalmente, tomou quinze dias eſtas pirolas, com que ficou livre da gonorrhea, & do contagio.

Tomem duas oytavas de trementina fina, dez grãos de mercurio doce, meyo eſcropulo de ſal de favas, dez grãos de aſſucar de Saturno, doze grãos de alcanfor; miſture-ſe tudo, faça ſe huma maſſa para tomar de huma vez, fazendo-a em pirolas.

Hum homem de idade provecta, tendo converſaçaõ impura com mulher gallicada, ſentia quatro, ou cinco dias depois humas picadas na parte pudenda ſempre que havia de ourinar; & dandonos parte diſto, lhe diſſemos, que podia ter contrahido gallico, de cujos ſeminarios naceſſem aquellas picadas; & que não duvidava lhe ſahiſſe alguma gonorrhea, ou qualquer outro achaque dos que coſtuma excitar eſte contagio nas partes bayxas; aconſelhandolhe, que para ſe preſervar delle, & para extinguir as particulas contagioſas, que tiveſſe recebido, ſiringaſſe a parte com agua de tanchagem com mercurio, porque eſte remedio curava as gonorrheas freſcas brevemente, & muyto melhor preſervaria dellas, extinguindo o contagio, temperando o calor da parte em que ſe ſigillava. Mas o homem não admittio o remedio. Ao ſexto dia appareceo hũa puſtula na extremidade da parte pudenda, a qual tocando-a com pedra lipis, molhada na ſaliva propria, no meſmo dia ſecou. Porém paſſados dous dias, lhe ſobreveyo huma gonorrhea com dores, & ardores intoleraveis. Entaõ jà o doente pedia com inſtancia o remedio que com ſimulaçaõ havia deſprezado. Finalmente ſiringando cinco dias com meya libra de agua de tanchagem, & duas oytavas de mercurio doce, ſem nenhum outro remedio ſe extinguio a gonorrhea.

Muytos mais caſos ſemelhantes a eſtes puderamos referir; mas para os que ſe houverem de mover com elles, eſtes baſtaõ; & para os cerviçoſos todos ſe eſcuſaõ.

CAPITULO XII.

Do tumor da verilha, a que chamaõ bubão, & vulgarmente encordio, ou mula.

Numero 1.

TOdo o apoſtema, que naſce na verilha, ſe chama bubo à ſemelhança de certos tumores, que o Bufo, chamado Bubo em Latim, neſſe lugar padece. E ſe

se este tumor crece, & se madura depressa, os Gregos lhe chamaõ *Thyma*, & se participa de inflãmaçaõ erysipelatosa, Phygethlon, & se declina a natureza scirrhosa, chama-se *charas*, & no Latim *Struma*, como notou Juliano Palmario, & o vulgo chama a estes do morbo gallico, Mula, porque de ordinario se amuaõ, & saõ rebeldes, & resistentes à maturaçaõ.

Lib. 2. de luc. ven.

Por varias occasiões succede o tumor na verilha, porque algumas vezes nasce de febre maligna, ou pestilente, como se colhe de Galleno sobre aquelle aphorismo *ex inguinum tumoribus*, *&c.* outras de enchimento de humor, que ha no corpo, de que a natureza se descarrega naquella parte conforme Galeno; outras de occasiaõ de haver chaga no pé, ou outro achaque dolorifico, por respeyto do qual a natureza manda o humor à parte affecta, & na passagem se detem nas glandulas da verilha por serem raras, & esponjosas, & por esta causa sugeytas a receber, & fracas em o lançar de si, como notou Galeno: outras vezes succede por causa do contagio gallico, que chegando ao figado, se a natureza he debil, & ha muyta cacochimia, se communica delle a todo o corpo; porèm se he robusta, & o corpo està mais puro, & o contagio he pouco, se descarrega delle na verilha, & faz o bubaõ gallico, de que de presente tratamos, como nota Juliano Palmario, & Eustachio Rudio, o qual diz, que por este caminho se costuma a natureza livrar do morbo gallico sem alexipharmacos, quando he pouco, & o mesmo diz Fallopio, Alcaçar, & Mercado; que tresladou de Palmario toda a doutrina destes affectos.

4. aph. 31. & 3. aph. 26.
13 met. c. 5.
Loc. cit.
Lib 5. de morb. ven c. 20. & c. 7.
Lib. de morb. gal c. 90. & 91.

Note-se porèm que nem sempre o bubaõ gallico procede de se ter o contagio communicado ao figado, mas algumas vezes nasce de outros humores, que por occasiaõ das dores da gonorrhea, ou chagas da quella parte correraõ, & na verilha se detiveraõ; assim como acontece quando ha chaga no pè, como notou Andrè Alcaçar; com tudo devem-se estes tumores tratar como os que nascem do contagio, que ao figado se tem communicado.

Lib. 5. c. 7.
Lib. 2. de morb. gal cap. 5.
Lib. 5. c. 25.

Ha varias differenças do bubaõ gallico, cujo conhecimento he muy necessario para os pronosticos, & cura. Humas se tomaõ do humor, porque algumas vezes nasce o bubaõ de humores quentes, a saber, sangue, & cholera, & he o tumor phlegmonoso, ou erysipelatoso; outras nasce de humores frios, a saber, fleymaticos, & melancholicos, & fazem o bubaõ scirrhoso, & este he o mais ordinario, como Palmario nota; outras nasce de todos estes humores misturados, mas tambem pela mayor parte dominaõ os frios. Tomaõ-se outras differenças da parte, porque como nota Fallopio, humas vezes se faz insinuando o humor pelos póros da mesma substancia da glãdula, & assim naõ he tanto apostema apartado, quando a glandula toda tumida, & pelo notavel tumor (que diz ser às vezes taõ grande como hum pão) se conhece: outras se faz junto às mesmas glandulas, enchendo as cavidades entremeas, ou entre o corpo dellas, & a tunica, que as cobre, o qual tumor he muyto menor.

Loc. cit.
Loc. cit.

Pronostica-se que sendo de materia quente sára em breve, & com facilidade, se he bem tratado, aliàs tambem se repercute facilmente, & se communica ao figado, & massa sanguinea por ser humor tenue, & facil em se mover, como notou o dito Juliano: sendo porèm estes apostemas de humor frio, assim como difficilmente retrocedem, assim tambem saõ diuturnos, & muy rebeldes em se resolver, & madurar, & algumas vezes vindo a fazer materia, passaõ em fistulas, & chagas callosas, que difficultosamente sáraõ, & os que estaõ na mesma substancia das glandulas, ou para melhor dizer, saõ as mesmas glandulas tumidas, difficillimamente se maduraõ, & assim he necessario que pelo dito sinal os

 conhe-

conheçamos, para que nos naõ cansemos debalde em pertender maturaçaõ. E se o bubaõ se madura, & conserva muyto tempo aberto, de ordinario preserva de morbo gallico, & cura o que no corpo havia, senaõ era muyto, como tem Rudio, & Alcaçar, & Fallopio; & se succede em corpo muyto cheyo, & a materia he muyto calida, & corre com impeto, algumas vezes faz mortificaçaõ na parte, especialmente se he maltratado, como de outro semelhante tumor junto à coxa observou Valeriola.

Lib. 5. de morb. ven. c. 7. Lib. 5. de morb. gal c. 7. Tract. de morb. gal cap. 91. Lib. 5. obser. 7. Loc. cit.

Conhecerseha ser gallico pelos principios, que acima dissémos, a saber, porque precedeo occasiaõ de contagio, & muytas vezes ha mostras delle, como chagas das partes vizinhas, pustulas, & gonorrheas purulentas; já se estes affectos precedèraõ, & desapparecem, & depois sobrevem tumor da verilha, naõ ha que duvidar de ser gallico, por quanto he este, ou hum precursor, & mensageyro, que pronuncia este mal, (como diz Palmario) ou hum beleguim, que o acompanha. E quando naõ appareçaõ os indicios do contagio, conhecerseha ser gallico pela improporçaõ, que tem com as causas, que produzem os outros tumores alheyos desta qualidade, a saber, naõ precederá febre, nem chaga de pé, nem haverá sinaes de enchimento, ou de cacochimia, & algumas vezes succederáõ outros symptomas improporcionaes a qualquer tumor da verilha, que naõ seja gallico, como cahir de cabellos, chagas na boca, & os mais que succedem nas especies deste morbo. Accrescenta Fallopio que o ser rebelde, & naõ ceder aos medicamentos, he outro sinal de ser gallico, conforme a regra commua de Mercurial já outras vezes repetida, que diz serem taes todos os rebeldes affectos, & vem a ser o terceyro principio, que da cura se toma, segundo acima dissémos, fundados na authoridade de Galeno.

Loc cit. Lib. de morb. gal 6. epid. lect. 1. ad tex. 1.

Numero 2.

Cura do bubaõ gallico, que procede de humores quentes.

QUando a causa conjunta deste apostema he a predominio calida, occorrem duas indicaçóes, huma he abrandar a dor, outra procurar que se madure, a fóra a indicaçaõ commua, que acima dissémos haver em todos os affectos do contagio, que he attrahillo às partes de fóra, & prevenir que naõ recorra às de dentro, como se colhe da doutrina de Galeno, & de Fernelio, & he sentença commua nestes affectos de todos os Authores. Cumpriremos pois todas estas indicaçóes fomentando o tumor *com oleo de amendoas doces*, *& de macella*, *ou com azeyte commum*, applicando estes oleos mornos, & pondolhe gadelhas de lã, que naõ he lavada, a que chamaõ ludrosa, embebidas nelles, *ou em esipo*, que he o çumo, que se colhe da mesma lá suja, & se guarda nas boticas. Applicarseha tambem emplasto commum *de malvas cozidas, & depois pizadas com farinha de trigo*, (*ou de cevada se o ardor for muyto*) *manteyga crua, oleo rosado, & gema de ovo.* E se naõ houver muyto calor, antes mistura de humor frio, accrescentarseha a este emplasto *unto de porco, raiz de malvaisco, formento, & açafrão.* E se com isto naõ madurar, faráõ *hum cozimento de malvas, violas, malvaisco, linhaça, alforfas, sevo de carneyro, & macella*, & com elle quente fomentaráõ a parte por grande espaço, & depois enxurgarseha, & se applicará o emplasto sobredito, a que tambem se póde ajuntar *farinha de linhaça.* E se o doente se enfadar destes emplastos, póde-os applicar sómente de noyte, & trazer de dia *emplasto felý Zachariæ, ou unguento basilicaõ*, ou semelhante menos tedioso.

Cap. 7. num. 1. 13. met. c. 6. Lib. de abd. c 14.

E advir-

E advirta-se, que nunca este apostema se abra crù, como alguns tiveraõ por opiniaõ errada; nem tambem se espere que por si arrebente, como encomenda Palmario, Fallopio, & Eustachio. Mas como estiver bastantemente maduro, *se abra* em lugar accommodado para expurgaçaõ da materia, *ao comprimento dos musculos da verilha*, & se guardem os preceytos communs do apostema, que se abre. Depois de aberto se cure com sua mecha molhada *em digestivo de gema de ovo, & azeyte rosado*, & se ponha por cima *pano de ovo*, se houver muyto calor, ou ainda *o emplasto maturativo* sobredito havendo alguma porçaõ, que naõ se madurasse. E se o doente for timiddo, póde-se abrir com caustico, cuja abertura dura mais tempo, & por tanto he mais conveniente, porque conforme dizem todos os Authores, para segurar o enfermo de morbo gallico, he necessario que esteja muyto tempo aberto, a saber, cousa de dous mezes, ou pelo menos quarenta dias, para que toda a venenosidade se expurgue, & fique o corpo totalmente livre.

Loc. cit.

No que toca à sangria ha grande duvida entre os Authores, porque huns totalmente naõ sangraõ temendo o recurso das materias adentro; outros querem que se sangre, para que a natureza descarregada as possa lançar com mais facilidade no emunctorio. A mim me parece que nos principios por nenhum caso se sangre, (senaõ houver urgencia de algum outro mal, que se complique, a que seja precisamente necessario acodir com sangria) por naõ impedir o impeto da natureza. Mas no processo da cura, se a fluxaõ for tanta, que se tema suffocaçaõ da parte, he necessario sangrarse; ou tambem se o tumor amuar a naõ madurar, he necessario sangrarse o doente, para que a natureza descarregada possa cozer, vencer, & lançar mais humores naquellas partes, conforme a doutrina de Galeno a semelhante proposito. As quaes sangrias naõ se daràõ no braço, ainda que haja grande enchimento, senaõ se temer mortificaçaõ, pelo perigo, que ha de retrahir a virulencia: mas darsehaõ no pè, conforme temos mostrado na nossa apologia, excepto se a fluxaõ for tanta, taõ quente, & taõ impetuosa, que dè sinaes de mortificar a parte, pela razaõ, que jà acima notamos. Mas este ponto tornaremos a disputar na segunda parte.

11. met. c. 15.

Quæst. 19. art. 4.

Quanto à purga tambem he certo naõ convir nos principios, porque a inflammaçaõ he muyta, póde-a accrescentar de modo, que se mortifique, & por essa causa a defende Galeno em semelhante caso; & se he pouca, póde impedir a operaçaõ da natureza, que lança o humor no lugar do emunctorio, a qual antes se ha de ajudar attrahindo-o à mesma parte, conforme dissemos, segundo a regra de Hippocrates: *Quæ ducere oportet, quo maximè natura vergit, per loca conferentia, eo ducere.* Quer dizer: *Haõ-se de lançar os humores noxios pelo caminho conveniente, que a natureza toma.* Com tudo se o bubaõ for muyto rebelde, & passasse muyto tempo, em que naõ ceda aos remedios applicados, conforme a razaõ, neste caso, depois de sangria de pè tambem purgaremos o doente, & usaremos dos alexipharmacos contra a qualidade gallica, porque se vè por experiencia que depois do corpo descarregado, & do uso do páo, & salsa, se maduraõ bellamẽte os encordios rebeldes, como observou Eustachio Rudio. Mas se o encordio se madurar facilmente, naõ se tente purga, antes de se abrir, nem tambem logo depois de aberto, senaõ houver alguma urgencia, que obrigue a fazerse: antes será melhor naõ se tratar de purga em quanto estiver aberto, por naõ divertirmos a natureza que actualmente se está descarregando pelo lugar conveniente, conforme ao dito aphorismo: *Quæ ducere oportet, &c.* salvo pela demasiada duraçaõ temermos que se faça fistula, callosidade, ou chaga malignante na parte; ou tambem se parecer que no corpo ha tantos humores viciosos, que naõ bastará

31. meth. c. 6. &c.

11. 1. aph. 21.

Loc cit.

rà aquelle expurgatorio, o que conhecerão, conforme Rudio, pelos symptomas gallicos, ou porque sobrevem naõ os havendo dantes, ou porque os que havia se naõ diminuem, ou se accrescentaõ. E qualquer destes sinaes que tenhamos, purgaremos o enfermo logo.

Lib. 5. de morb. ven. c. 13.

Numero 3.

Cura do bubaõ gallico de humores frios.

EStes saõ mais ordinarios, & demasiadamente rebeldes de sorte, que nem se maduraõ, nem se resolvem, por mais efficazes que sejaõ os medicamentos. Com tudo nos principios trataremos de os aquentar, & provocar os humores à parte, naõ sómente com os medicamentos, que abayxo diremos, senaõ tambem mandando fazer exercicio ao doente, como andar a pè, jugar a pèla, & as armas, & semelhantes. Applicar-sehaõ as medecinas attrahentes, & maturantes mais efficazes que as q̃ dissemos no bubaõ de humor calido v. g. *Tomem raizes de malvaisco, de lirio, & de norça, de cada hum sua maõchea, raizes de malvas, folhas das mesmas, de cada huma outra maõchea; huma colher de linhaça, outra de alforfas, & coza-se tudo em agua bastante*, & com este cozimento se fomente a parte por grande espaço de tempo, & logo se lhe applique este emplasto: *Tomem raizes de malvaisco huma libra, figos secos onça, & meya, cozaõ-se em agua, & depois se pizem & ajunte-se farinha de trigo duas onças, farinha de linhaça huma onça, enxundia velha de galinha, unto de porco, de cada hum duas onças, & com o cozimento em que se cozeraõ as ditas raizes, & figos se faça emplasto.* Ou se faça outro *de formento de pão, raizes de malvaisco, cebola cecem cozida, ou assada no borralho, & mel, tudo misturado*, ou se faça *de raiz de norça cozida, cebola assada, alhos assados, & raiz de lirio cozida; tudo pizado com farinha de linhaça, & unto de porco.*

Ou se applique este de Fallopio: *Tomem diachilaõ mayor, armoniaco, bdelio, sagapeno, de cada hum sua onça; misturem-se*; ou se faça este de Palmario: *Tomem rezina de pinho huma onça, armoniaco desfeyto em agua ardente seis oytavas, galbano desfeyto em vinho branco onça, & meya, diaquilaõ mayor duas onças, hermodatiles polvorizados, duas oytavas, & meya, laudano, estoraque, calamita, de cada hum oytava, & meya, oleo de lirio quanto baste, faça-se emplasto.* Póde-se tambem untar com *oleo de cebola cessem, ou unguento dialter, ou de aggripa*, ou com qualquer emolliente dos scirrhos, porque muytas vezes a natureza resolve estes tumores, que tambem he boa terminaçaõ, conforme Fallopio, & a doutrina commua, posto q̃ cõtra a opiniaõ dos idiotas, que cuydaõ que o mesmo he resolver, que tornar para dentro, & cahir nos mesmos perigos, que succedem da retracçaõ. Com tudo se puder ser madurarse, ainda he melhor termo em materias venenosas, porque pelo artificio da abertura durando muyto tempo expira toda a venenosidade, como nota Mercado com os mais Authores, & deste modo se segura o doente de morbo gallico, & de recahida, segundo aquelle Texto de Hippocrates: *Quidquid suppurat, non recidit. Aquillo que suppura, naõ tem recahida.* E para qualquer destas intenções he muyto bom diaquilaõ gomado, ou algum dos outros.

Lib. 5 de rect. præsid. usu c. 46. apel. sect. 3. tex. 11.

Se o tumor naõ obedecer, aconselhaõ todos estes Authores que se lhe applique *ventosa seca*, & quando nem isto baste, convem *sangrar no pè da mesma banda, & purgar o doente* com medicamento, que evacue humores grossos, darlhe *apozemas de pão, & salsa*, & finalmente naõ bastando isto *os suores* dos mesmos, & *unturas de Mercurio.*

Os xaropes preparantes pódem ser deste modo. Rec. *Xarope de fumaria, & de avencà, de cada hum meya onça, xarope de borragem huma onça, agua de borragem*

gem tres onças, misturē-se. Ou este. Rec. *Xarope de duas raizes, & de borragē de cada hum sua onça, agua de fumaria tres onças; misturem-se*. E se a fleyma for muyta, receyte-se este Rec. *Mel rosado coado hũa onça, xarope de borragem outra onça, cozimento de avenca, & de passas, & de flores cordeaes tres onças; misturem-se*.

A purga póde ser esta. Rec. *Diacatholicaõ, & diaphenicaõ, de cada hum tres oytavas, xarope de El-Rey, sabor solutivo tres, ou quatro onças, cozimento, commum com sene quanto baste, faça-se bebida*, & se for pessoa facil em purgar, diminuaõ-se as quantidades, & tire-se o sene do cozimento. Ou faráõ esta. Rec. *Agarico trociscado hũa oytava, xarope Regio tres onças, confeyçaõ hamec composta duas oytavas, ou quatro da simplez, cozimento commum quanto baste, faça-se bebida*. Ou se purgue *com duas oytavas de jalapa*, que he milagrosa em humores gallicos, ou em lugar della, sendo pessoa fraca, & facil, sejaõ *duas oytavas de mechoacaõ*. E se antes quizer pirolas, receytem-se estas. Receytas. *Pirolas de fumaria, & agregativas, de cada huma sua oytava, diagridio tres grãos, com xarope de fumaria se formem nove pirolas*, & dourem-se se for pessoa mimosa.

As apozemas se faráõ deste modo. Rec. *Páo das Antilhas quatro onças, salsa parrilha tres onças, páo da China duas onças, lancem-se de molho em quinze quartilhos de agua espaço de vinte & quatro horas, & depois se ponhaõ a ferver na mesma agua com huma onça de polipodio atè se gastar ametade, & logo ajuntem tres onças de passas de uvas limpas dos pès, & dos graulhos, & tres duzias de ameyxas passadas sem caroços, & raizes de borragens, de almeyraõ, & de lingua de vaca, de cada huma duas onças, & continue fervendo atè ficarem sómente sinco quartilhos, que he a terça parte, & logo ajuntem avenca, agrimonia, betonica, & erva molarinha, de cada hum meya maõchea, flores cordeaes seis oytavas, folhas de sene huma onça, semente de erva-doce huma oytava, canela outra oytava, & logo se tire do fogo; & esteja sem se coar atè que esfrie, & entaõ se coe, & torne ao fogo com vinte onças de bom assucar, que dè huma fervura, & tornese a coar para que fique bem limpa da escuma*, & guarde-se em redoma de vidro bem tapada do ar. E se o doente for esquentado do figado, ou o tempo muyto quente, ou a natureza muy calida, naõ lhe lancem betonica, nem agrimonia, nem raiz da China, & misturemlhe logo em principio do cozimento com o polipodio *huma maõchea de cevada*, & no meyo do cozimento com as passas ajuntem *folhas de almeyraõ, ou de chicoria, & de borragem, de cada huma sua maõchea*. Esta apozema tomará em cinco dias hum quartilho cada dia, meyo pela manhã em jejum, outro meyo à tarde duas horas antes da cea, & sete depois de ter jantado, a tempo, que jà o estomago tenha o jantar digesto, & acabados os cinco dias continuará com outra feyta pela mesma receyta outros cinco. E neste tempo *beberà agua cozida com os mesmos páos, & salsa, que tem fervido na apozema*, que para isso se guardaráõ, & se faráõ com elles dous cozimentos lançando ametade a cada hum, em cinco canadas de agua, que se gaste huma. E se o doente for mimoso, *cozaselhe agua com salsa nova, que naõ tenha servido*, cozendo meya onça em seis canadas, que gaste huma, porque a salsa, & páo, que se tem cozido com os outros materiaes, fazem na agua mào sabor. E se com a apozema acima purgar pouco, póde lançar de infusaõ em toda ella mais *meya onça de sene*, & se faltar algum dos páos, supprase com outro, & se se fizer em parte onde naõ haja todas as ervas (que ainda que parecem faceis, he cousa, que acontece algumas vezes) faça-se sem ellas, accrescentando mais das outras pouco differentes em virtude.

Esta apozema naõ he mais que para exemplo, mas pòdem-se fazer outras, que adiante vaõ receytadas para curar a terceyra especie do morbo gallico, & cada hum

hum pòde ordenar as que lhe parecerem conforme a indicaçaõ do mal, & a natureza do enfermo.

Advirta-se que mandaõ alguns Authores, como Eustachio Rudio, & outros, applicar *medicamentos causticos* ao encordio quando naõ obedece, nem às curas sobreditas, nem às que se fazem em fórma ao morbo gallico; *porèm he cousa perigosa*, como elles mesmos advertem, *por quãto dos causticos, naõ se cozendo o tumor, se fazem fistulas, ou taes chagas callosas, que ao depois difficilmente sáraõ*, & por tanto deyxo de escrever as receytas delles.

Mais se advirta que se ao tumor aberto, quando por suppuraçaõ se termina, sobrevier alguma fistula, callosidade, ou podridaõ, se lhe acuda lavando *com agua forte, ou com a aluminosa de Fallopio, ou com outra de solimaõ*, das que na cura das chagas dissemos, & havendo profundidade, ou caverna, lancemse por siringa, ou se appliquem em mecha aquelles unguentos corrosivos, que dissemos na cura das chagas do terceyro genero por authoridade de Rudio, & se faráõ as mais cousas, que pedir o presente estado da chaga.

Na materia de comer imaginaõ alguns (seguindo a opiniaõ do vulgo) que sendo os encordios rebeldes, se ha de comer indiscriminadamente tudo, para q̃ a natureza afflicta da copia dos excrementos, que dos mantimentos ruins se gèraõ os descarregue na verilha, & façaõ madurar os outros. Reprova porẽ esta pratica Eustachio Rudio, & com muyta razaõ porq̃ se estes humores excrementaõ sobre os outros, serviráõ de mayor carga, & taõ fóra ficaráõ de aproveytar ao cozimento, que antes seraõ causa de mayor crueza, suffocando o calor natural, por serem muytos, & crassos, assim como acontece ao fogo pequeno, lançandolhe muyta lenha verde, segundo diz Galeno. Pelo que use o doente de bons mantimentos, que se cozaõ facilmente, & que tenhaõ virtude de attenuar, & de incindir a crassicie, & viscosidade dos humores que fazem o tumor, pois por estas qualidades resistem à maturaçaõ. Porèm naõ coma o doente pouco, senaõ aquillo, que bem digere, & digeria no tempo da saude, como galinha, perdiz, coelho, & mais caça do monte, carneyro, ovos, caldo de grãos, passas de uvas, amendoas, & outros semelhantes; advertindo que será bom temperar o comer com vinagre moderado (porque sempre o muyto he danoso) pela virtude, que tem incisiva, & attenuante.

Lib. 5. de morb. ven. c. 10. 4. acu. ad tex. 111.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

Livrar do morbo gallico. *Entende o Author que pelos encordios, ou mulas, como o vulgo lhe chama, se pòde livrar o corpo do contagio gallico, sem usar dos alexipharmacos arrojãdo-o a natureza por estes abscessos, & ficãdo a massa sanguinaria sem inquinamẽto, nem infecçaõ contagiosa. Engana-se porẽ com os maus Authores a quem segue; porque pelos abscessos poderà a natureza depôr os humores gallicos com que se vir onerada, & opprimida; porèm o contagio, que està sigillado na massa do sangue, este naõ pòde a natureza separallo para o arrojar a alguma parte, nem para o expulsar do corpo; & por isto se não vence o contagio gallico por evacuações criticas; porque aindaque nos gallicados haja evacuações por varias vias, sahindo por ellas os humores, sempre nos que ficaõ dentro se conserva o contagio, atè que por beneficio dos seus antidotos se vence, & se extingue. Donde se vè como erra quem cuyda que chegando a madurar hum encordio, & a romperse, por elle se livraõ os gallicados do contagio que contrahiraõ*

raõ; o que he tanto pelo contrario, que do mesmo apostema, em qualquer estado que seja, se póde inficionar mais o sangue, recebendo delle algumas particulas contagiosas, que facilmente no seu circulo se lhe communicaõ.

E se o bubaõ. *Continua o Author no mesmo erro, dizendo, que se o encordio madura, & se conserva muyto tempo aberto, preserva do morbo gallico, & cura o que no corpo havia; no que se engana crassamente. Porque se o contagio antes do bubaõ estava communicado à massa do sangue, como póde emendarse pela expurgaçaõ do apostema o vicio, & infecçaõ della? Ainda que o encordio se conserve aberto dous annos, nunca por elle sahirà o contagio, que chegou a sigillarse no sangue; porque o contagio naõ se aparta do sangue, em quanto com os seus alexipharmacos se naõ extingue. E se o bubaõ madura antes de haver gallico communicado ao sangue, na sua mesma duraçaõ se lhe communica o contagio; porque o mesmo sangue circulado pelas partes do encordio, o vay tomando, & recebendo. E ninguem cuyde que vindo hum encordio depois de huma gonorrhea, se cura, ou preserva de gallico, abrindo-se o tumor, & purgando muyto tempo, como entendem muytos Medicos, & Cirurgiões, empenhando-se na maturaçaõ do encordio, que ordinariamente se consegue tarde, ou nunca. Para se perservar de que o gallico se communique ao sangue neste caso, he necessario acudirlhe logo com os seus antidotos, & curar o encordio com mercurio; & se for na presença de gonorrhea, teraõ lugar as pirolas de trementina com mercurio, alcanfor, & sal de chumbo, na fórma, que dissémos nas Annotações ao Capitulo antecedente.*

Na verilha se detiveraõ. *Bem póde succeder que sem estar o gallico communicado à massa sanguinaria, sobrevenhaõ encordios às gonorrheas, & pustulas das partes obscenas; assim porque com as dores que causaõ estes achaques, ha concurso de humores às partes bayxas; com os quaes se enchem as glandulas das verilhas, & ficaõ tumorosas: como porque do mesmo contagio da gonorrhea, & pustulas, ou carieções se elevaõ alguns effluvios acidos, que passando pelas partes espermaticas às glandulas das verilhas, viciaõ a lympha, & fazendo-a muyto azeda, saõ causa de haver coagulações, & estagnações de que nacaõ os tumores, communicando-se tambem assim os seminarios do contagio de humas a outras glandulas; de que procede apparecerem algumas vezes mais tumores por differentes partes.*

Numero 2.

DUas indicações. *Na cura dos encordios propoem Madeyra duas indicações abrandar a dor, & solicitar a maturaçaõ. Abrandar a dor quando he grande em todo achaque importa muyto. Solicitar a maturaçaõ, he neste achaque pouco importante. O que nelle convem muyto mais, he satisfazer a indicaçaõ de extinguir o contagio de que procedem os encordios, ou elle esteja communicado ao sangue, ou occupe sómente as partes bayxas; porque se estes apostemas procedem de gallico jà communicado ao sangue, necessitaõ de cura regular, feyta com os alexipharmacos deste contagio. Se elle naõ passa ainda das partes obscenas, he necessario extinguillo nellas, antes que o sangue, & a lympha se vaõ conspurcando nas suas circulações, por meyo das quaes se lhe communicaõ facilmente os seminarios gallicos; que quanto empenhar em que se madurem estes tumores, he empreza, que ordinariamente fica frustrada, & quando se vem a conseguir, he em longo tempo, quando jà o gallico se póde ter communicado ao sangue. E ainda que succeda abrirem-se os encordios em poucos dias, nem por isto se escusaõ os alexipharmacos deste contagio, como temos dito, pela facilidade com que o sangue recebe o vicio contagioso no seu circulo. E por isto nos parece, que os que tiverem estes apostemas, usem de mercurio, ou elles suppurem, ou naõ suppurem; que sempre assim ficaõ os*

encordios mais bem curados, & o sangue livre da infecçaõ gallica.

Applicarseha tambem emplasto. *Entre os medicamentos topicos com que se solicita a resoluçaõ, & maturaçaõ dos encordios, tem bom lugar o seguinte emplasto:*

Tomem de esterco de pombos feyto em pò, huma onça de açafraõ pizado duas oytavas, de enxundia de gallinha quanto baste, faça-se emplasto, & applique-se quente, renovando-o cada doze horas.

Os emplastos de galbano desatado em vinho, tambem saõ convenientes, & naõ menos este:

Tomem de raiz de malvaisco, & de açussena, de cada cousa seis onças; de folhas de malvas, de malvaisco, de parietaria, de violas de cada cousa huma maõchea; pizem-se, passem-se por peneyra, & jũtem-selhe duas cebolas assadas; & com quanto baste de oleo de açussena. se faça cataplasma, que cada doze horas se renove.

1. Musit. cap. de buboae venereo.

Carlos Musitano 1. *exalta com taes encarecimentos o seu emplasto, a que chama* Benedicto, *naõ só para madurar brevemente estes apostemas, mas tambem as alporcas; & quaesquer outros tumores, ainda que sejaõ os thopos dos gottosos, que nos pareceo lembralio neste lugar, & dizer a sua composiçaõ, que elle affirma, & revelàra por charidade. Ouçamos primeyro os seus louvores:* Ob charitatem erga fratres, nobilissimo, & efficacissimo emplastro, quod Benedictum appellamus, Rempublicam Medicam ditamus, cujus sola superpositione, & renovatione, non tantùm venereus bubo maturescit, & aperitur, verum strumas ad quas utimur; cunctos tumores, tum calidos tum frigidos, imò tophos podagricos maturescere facit, & ad cicatricem usque sanat. *A sua composiçaõ he nesta fórma:*

Emplasto Benedicto de Carlos Musit.

Tomem de azeyte commum tres libras, de raiz de cana duas onças, de raiz de lirio celeste tres onças, de raiz de malvaisco onça, & meya. Quando o azeyte vay começando a ferver, lancemlhe as raizes limphas, cortadas em talhadinhas, cozaõ-se atè que fiquem negras; entaõ tirem-se, & lancemlhe pouco a pouco tres onças de alvayade, meya onça de tutia preparada, tres onças de cera amarella; & mexendo sempre bem, coza-se tudo, atè que fique negro, & em consistencia de emplasto; entaõ juntemlhe duas oytavas de balsamo negro; tire-se do lume, & guarde-se.

Non credibile est (*continua o mesmo Author nos encomios deste remedio*) quantum emplastrum hoc ad maturanda omnis generis apostemata, rumpenda, & sananda valeat, ita maior est experiencia verbis, ut æger sui ipsius sit Chirurgus.

Nunca este apostema se abra crù. *Saõ ordinariamente difficultosissimos de reduzir a maturaçaõ estes tumores, & desprezaõ quantos remedios a este fim se lhe applicaõ, razaõ porque alguns Praticos os abrem crùs, para que se extrahaõ os seminarios contagiosos, antes que se communiquem à massa do sangue. Porèm ainda que estes tumores se rompaõ antes da sua maturaçaõ, como depois duraõ muyto tempo abertos, & delles se naõ apartaõ todos os seminarios do contagio, he o mesmo que se os naõ abriraõ, em quanto para se communicar o dano às partes internas; & mais quando naõ ha duvida, em que o sangue circulando pelas partes tumurosas, pòde receber o contagio facilmente, ou os tumores estejaõ duros ou supporados. O que logo parece mais conviniente quando os encordios se obstinaõ aos remedios maturativos, he deyxar o empenho de os abrir, & usar do mercurio para os desfazer, como aconselha Barbeyrac,* 2. *dizendo:* Aliquando accidit ut bubones sint ineluctabilis duritiei, & omnium emollientium vim fugiant, & scirrhosi fiant, & tunc opus est hydrargirosi.

2. Barbeyr. de luc vener.

Sangria. *No que toca a sangrar nestes apostemas, dizemos, que se houvermos de sangrar por razaõ de algum incidente que sobrevenha, para cuja cura seja precíso este remedio, se faça na parte em que mais conveniente for para vencer o dano, ou seja no pè, ou no braço, pelas razões que propuzemos nas Annotações ao* num. 1. do Capitu-

lo

lo VII. & *ao* num. 5. do Capitulo VIII. *& ao* num. 2. do Capitulo antecedente. *E se houvermos de sangrar para fazer cura alexipharmaca a estes tumores, faça-se a sangria no pè da outra banda; & havendo encordios em ambas as verilhas, faça-se em qualquer pè que seja; ou se use de sanguexugas nas veas humorrhoidaes, quando isto parecer que basta para satisfazer às evacuações de sangue.*

Purga. *E em quanto à purga dizemos, que nos encordios, que naõ procedem de gallico communicado ao sangue, naõ he necessario purgar para curallos logo no principio delles; só se pela sua duraçaõ for preciso fazerlhes cura com remedios alexipharmacos, entaõ se usarà de medicamentos purgantes, quando jà naõ haja inflammaçaõ, que possa impedillos. E neste caso saõ appropriados os remedios mercuriaes, como he o mercurio calomelanos, & o branco precipitado, que com diagridio de Paracelso fazem operaçaõ bastante:*

Numero 3.

REbeldes. *Taõ cervicosos saõ estes apostemas, que ordinariamente desprezaõ todos os medicamentos, que para suppurarem se lhe applicaõ; & com tudo isto não faltaõ Praticos, que pōem todo seu empenho em fazellos madurar, aconselhando para isto exercicios, immoderados, & violentos, & fregaçoens asperas nos mesmos tumores; entendendo, que suppurando elles, & durando muyto tempo abertos, se livra o corpo do contagio gallico, que tem contrahido. Mas esta praxe ordinariamente cunde em dano dos doentes. Porque se o encordio naõ procede de gallico jà communicado ao sangue, conservando-se muyto tempo antes, & depois de aberto, là se lhe vem a communicar o contagio, naõ só passando de huma parte a outra, mas sigillando-se na massa do sangue por meyo da sua circulaçaõ. E por isto todo o empenho na cura destes tumores, deve estar em extinguir o contagio de que procedem, usando para isto dos seus alexipharmacos, no mesmo tempo em que se applicarem os remedios topicos; porque assim, ou se resolvem, ou suppuraõ com mais facilidade, infringindo-se o acido contagioso, de que nascem aquellas coagulaçoens taõ duras, & tenazes, como temos observado algumas vezes, & ha pouco tempo observàmos no seguinte caso.*

Hum homem de mais de cincoenta annos de idade, & de temperamento melancholico, cuja vida he sedentaria, não tendo gallico quando mancebo, veyo a contrahillo depois de velho, manifestando-se elle, depois de hum congresso impuro, em chagas, & carieçoens das partes obscenas, & passados sete dias, em hum encordio grande com poucas dores. Vendo-se o homem com estes males, buscou Cirurgiões, que lhe applicàraõ remedios maturativos, sem nenhum effeyto. Reccorreo a Medicos; & dizendolhe huns que se curasse logo com os alexipharmacos deste contagio, outros lho impediraõ, persuadindo-o a que tal naõ fizesse, & só se empenhasse em abrir o tumor, para que por elle sahisse toda a infecçaõ contagiosa, que houvesse no corpo. Mas o que resultou deste conselho, foy, que naõ podendo suppurar o tumor com nenhumas diligencias, o doente se tolhesse das juntas, de maneyra, que nem vestirse, nem moverse podia; porque jà o gallico do encordio se havia communicado ao sangue, & tinha produzido estes danos, de que se vio livre dentro de dezoyto dias, tomando por conselho nosso mercurio precipitado, com diagridio de Paracelso, havendo precedido alguns purgantes brandos.

Naõ ha duvida, que a melhor cura destes encordios està em usar logo dos alexipharmacos antivenereos: porq̃ assim, ou se resolvẽ, ou suppuraõ mais facilmẽte com os remedios a este fim applicados; quanto empenhar só em fazellos abrir à força de medicamẽtos topicos, ordinariamẽte he trabalhar em vão; & he dar tempo a que o contagio se communique ao sangue, & resultem mayores danos, como succedeo ao doente no caso referido. Nem ha que temer os alexipharmacos: porque sem dano se toma hum pouco de

mercurio; ou qualquer outro remedio dos muytos que nesta obra se achaõ para curar gallico, preferindo entre todos o mercurio bem preparado, como mais brando, mais suave, & mais efficaz remedio.

Se o tumor naõ obedecer. *Não obedecem ordinariamente estes tumores aos remedios locaes, como temos dito; & nestes termos aconselha o Author, que se lance huma ventosa secca, (remedio inutil) & não arpoveytando, se recorra a apozemas de salsa, & páo santo; depois a suores, & ultimamente ao azougue. De sorte, que não se quer valer do azougue, senaõ depois que na dilação de applicallo, se faz o gallico taõ rebelde, que não cede a outras curas; as quaes se escusaõ todas, recorrendo logo à generosa virtude alexipharmaca do azougue, na preparação do mercurio doce, ou branco precipitado, ou de alguma panacéa mercurial benigna, efficaz, & segura. E assim nos parece que a cura destes tumores se deve fazer na fórma seguinte.*

Cura dos encordios gallicos.

OS encordios ou apparecem antes, ou depois de estar o gallico communicado ao sangue. Apparecem antes de estar communicado, como succede nos que tem pustulas, chagas gallicas, & gonorrheas virulentas, das quaes passaõ os seminarios contagiosos às glandulas das verilhas, aonde com o seu acido venereo fazem coagulações, & causaõ estes tumores. Apparecem depois de viciada a massa sanguinaria, & a lympha com o fermento gallico, de que resultaõ varias estagnações, & coagulações em diversas partes do corpo; sendo humas dellas nas ditas glandulas, por se envuscar, & coagular a lympha, & o sangue com o acido acre, & viscido deste contagio. Quando os encordios procederem sómente do contagio que occupa as partes bayxas, he necessario tratar logo de extinguillo com os seus antidotos, para que não chegue a viciar o sangue, & para que estes tumores se resolvaõ, ou suppurem mais facilmente com os remedios topicos, estando com menos actividade o acido venereo, de que depende a sua tenacidade. Applicarsehaõ logo os remedios locaes pelo methodo que o Author ensina, fazendo-os anodinos, se houver dor, & juntamente maturativos; porque com elles, ou se resolvem, ou suppuraõ. E quando naõ houver dor, ou porque o apostema veyo sem ella, ou porque os remedios a mitigàraõ, usar-sehaõ emplastos, que tenhaõ virtude de descoagular, dissolver, & volatilizar a materia dos ditos apostemas, para que, ou se resolva, ou entre a fermentarse, & a cozer se, & finalmente chegue a suppurarse. Para o que tem bom uso os emplastos que propuzemos nas Annotações ao num. 2. *deste Capitulo, & os que se fazem de esperma ceti com mercurio, que tem huma insigne virtude descoagulante, & dissolvente. Receytaõ se desta maneyra:*

Tomem de emplasto de esperma ceti meya onça, de azougue morto com agua ardente huma oytava; misture-se, & ponha-se no encordio o que for necessario.

Ou se use deste:

Tomem de diaquilaõ gomado meya onça, de azougue extincto com agua ardente duas oytavas, misturem-se.

O emplasto diaphoretico de Mynsichio he muy louvado para estes, & todos os tumores duros; & será de mayor efficacia, se a cada onça de emplasto se misturarem tres oytavas de azougue extincto com agua ardente. A sua composição he esta:

Emplast. to diaphoret. de Mynsich.

Tomẽ de goma ammoniaco duas onças, de goma elemi onça, & meya, de sagapeno hũa onça, desatemse em bastante quantidade de vinagre, & pouco a pouco se lhe và juntando huma libra de cera amarella, tres onças de trementina clara, & quatro onças de colophonia, cada cousa de per si, a fogo brando, mexendo bem tudo; & estando assim, se lhe misture alternadamente quatro onças de pòs de bedelio, tres onças de alambre citrino,

huma

huma onça de incenso macho, outra de almecega, & seis oytavas de sandaracha, agitando todas estas cousas a fogo brando por tempo de huma hora, atè que estejaõ exactamente misturadas, & faça-se emplasto. Serve para todos os tumores duros, & sendo gallicos, ficarà mais activo misturandolhe azougue na fórma que temos dito.

O seguinte emplasto naõ he de menos utilidade:

Tomem tres onças de azeyte commum em que tenhaõ cozido limaduras de chumbo; de resina, & de goma elemi, de cada cousa tres onças; de chumo com ametade de azougue derretido ao fogo, & feyto em pó, meya onça; de alvayade lavado, de tutia preparada, & de pedra calaminar, de cada cousa duas oytavas; de cera amarella derretida, & lavada, huma libra; misturem-se, & faça-se emplasto.

Emplasto a que chamaõ magistral de Tenque.

Deste emplasto he o Author Tenque, 3. o qual o inculca para chagas malignas, & cancrosas; porèm nòs sabemos, que naõ só serve para estas chagas, senaõ que he grande remedio para os tumores duros, em qualquer parte que estejaõ; para glandulas, caroços, & mais apostemas; porque dissolve, & descoalha a limpha crassa, & viscida de que procedem; do que temos algumas experiencias; o que seu Author naõ soube, visto que só o applica para remedio das chagas cancrosas, sem o recomendar para outros usos. O emplasto magnetico arsenical de Angelo Sala he tambem de grande virtude para estes tumores, & para todos os tumores duros, & rebeldes. A sua composiçaõ se pòde ver na Pharmacopea Lusitana Reformada fol. 479.

3. TenKe part. 1. cap. 12.

No mesmo tempo em que se forem usando estes remedios, se daràõ alguns alexipharmacos, que extingaõ os seminarios do gallico; ou sejaõ cozimentos de salsa, páo santo, & raiz da China, de que se pòde tomar meyo quartilho de manhã, & outro meyo de tarde; continuando dez, ou doze dias: ou sejaõ pirolas de mercurio doce, ou precipitado, tomando cada manhã oyto, ou dez grãos, em sinco, ou seis dias, como aconselhamos no fim das Annotaçoens ao Capitulo VII. *desta maneyra:*

Tomem de mercurio branco precipitado, de antimonio diaphoretico, de cada cousa destas oyto grãos, misturem-se, & com alquitira se façaõ pirolas para tomar de huma vez, & dourem-se.

Deste modo se curaõ facilmente os encordios gallicos, & se extinguem os seminarios contagiosos, antes de contaminarem a massa sanguinaria. E quando elles apparecem depois de estar o gallico communicado ao sangue, usando dos mesmos remedios topicos, se farà huma cura regular a extinguir este contagio com os seus alexipharmacos, preferindo sempre o azougue, senaõ houver contraindicaçaõ, que o exclua.

CAPITULO XIII.

Da hernia gallica.

Numero 1.

TOdas as inflammações de testiculos, conforme Galeno, se chamaõ em Grego *chylas*, a que no Latim responde *ramices*, ou *hernias*. Estas ou saõ verdadeyros apostemas, ou tem sómente huma semelhança delles, conforme Guido. As hernias verdadeyros apostemas saõ de cinco especies, a saber, humoral, aquosa, ventosa, carnosa, varicosa. As que saõ por semelhança saõ duas, a saber, zirbal, & intestinal, que saõ as que o vulgo chama quebraduras da verilha.

Lib. de tumor. prærernat. cap. 83. Tract. 2. doct. 2. c. 7.

Todas estas especies de hernias pòdem nascer de morbo gallico, porèm neste lugar trataremos *ad extensum* daquellas sómente, que saõ ordinarias, em que ha mais duvida, a saber das humoraes, porque as outras quatro naõ differem em

sua cura das que naõ saõ gallicas, mais que em haverem de se lhe applicar os alexipharmacos do morbo gallico.

A hernia humoral he aquella, que se faz de humores à prædominio quentes, & he propriamente hum fleymaõ poucas vezes legitimo, algumas erysipelatoso, & frequentemente scirrhoso. A causa da que he gallica, he sempre o contagio, porque humas vezes sobrevem chagas gallicas, outras gonorrheas purulentas, ou porque ellas se supprimaõ, como notou Fernelio, ou porque sem haver supressaõ se communicou o contagio as partes superiores, ou finalmente, porque as dores, calor, & mais symptomas trabalhosos da gonorrhea foraõ causa de haver fluxaõ àquella parte, como se colhe de Galeno, *ibi: Senè evacuamus totum corpus, &c.* E logo: *Nam dolor, & calor membri fluxionis causæ fiunt.* E tambem sem haver lesaõ manifesta nestas partes, succede algumas vezes depois da conversaçaõ impura, communicando-se a mà qualidade insensivelmente ao figado. E como esta parte esteja situada entre as duas vias dos excrementos, & seja de substancia rara, & molle, por isso diz Nicolao Florentino, he mais sugeyta a receber os humores superfluos do corpo; & por tanto, tendo-os o figado gèrado, he facil ajuntarem-se no dito lugar.

Lib. 6. p. morb. c. 13.
Lib 13. met. c. 5.
Fen. 7. tr. 5. sum 2. c. 63.

Conhecerseha ser gallica, porque procederáõ os sinaes do contagio, o ser puro fleymaõ pelos sinaes delle, a saber, tumor, rubor, calor, & pulsaçaõ. E se for erysipelatoso, haverá symptomas da erysipeos, que he grande incendio, ardor, menor tumor, cor menos vermelha declinãte a citrina. E se for scirrhoso, (por quanto ser edematoso, he muy raro, porque ainda que haja fleymas de mistura, saõ preternaturaes crassas com alguma sequidade, & fazem durez) conhecerseha pelos symptomas do scirrho, que saõ dureza com pouca dor. O que tudo está claro pela doutrina commua da Cirurgia.

E porque humas vezes se faz este apostema na bolsa dos testiculos, outra insinuando-se o humor na mesma substancia delles, conforme tem Avicena; conhecerseha ser na bolsa, porque he mayor o tumor, & mayor a dor, & de tal modo, que tocandolhe levemente o naõ pódem sofrer. E quando he na mesma substancia, he a dor menor, & sofrem que se lhe carregue segundo nota Paulo; & logo o testiculo he mayor, & mais duro que o outro, & a dor delle pulsatoria, & parece que se estende atè os rins como nota Accio, pela communicaçaõ das veas, & arterias; & a causa da menor dor se póde referir a serem de substancia glandulosa, como nota Galeno lib. de semine, por cuja causa naõ tem sentido, nem pódem padecer dor alguma, conforme nota Cornelio Celso, & o sentimento, que tem, lhe procede sómente da tunica, de que estaõ cubertos.

Fen. 203. tr. 2. c. 1.
Lib. 2. c. 54.
Lib. 24. c. 20.
Lib. 17. & 14. de usu partt. c. 10.
Lib. 7 c. 10.
Loc. cit.

Os prognosticos saõ que de ordinario este apostema, quando se naõ resolve, se termina por induraçaõ, que nesta parte he melhor que suppuraçaõ, conforme Avicena, porque della se fazem fistulas incuraveis, & se corrompem os testiculos, que naõ sómente saõ membro principal a respeyto da conservaçaõ da especie, mas tambem fazem muyto ao caso para a conservaçaõ do individuo, porque, conforme Galeno, delles emana huma certa qualidade, que influe em todo o corpo, & corrobora o coraçaõ, & as mais partes principaes, & o calor natural: de que resulta serem as operaçoẽs mais perfeytas como se mostra das pessoas, & animaes, que delles carecem, nos quaes a pulsaçaõ das arterias he mais debil, a voz mais delgada, a barba sem cabellos, & o corpo todo fraco, & afeminado: & por tanto saõ perigosos os ditos apostemas.

Lib. de sen. c. 16.

Num. 2.

Numero 2.

Cura da Hernia humoral gallica.

NA cura ha duas indicações commuas com as da hernia, que naõ he gallica; huma he impedir a fluxaõ do humor, outra evacuar o que está na parte. Acodese à fluxaõ do humor principalmente com sangrias, de que pòde haver grande duvida se se haõ de fazer no pé, se no braço, porque conforme Nicolao Florentino, no braço se deviaõ fazer primeyro para reveller a fluxaõ do humor, segundo as regras geraes de Hippocrates, & Galeno, & depois de parada a fluxaõ, no pè para evacuaçaõ do que está na parte, ou veas vizinhas. Porèm a má qualidade gallica està em contrario prohibindo a dita sangria do braço pelo temor que ha de se retrahir ao figado, & parece que obriga a darse no pé, conforme dissémos da que convem à gonorrhea purulenta, bubaõ, & chagas gallicas. Na qual duvida se procederá deste modo.

Lib. 1. de humor. tex. 13. & 15. & sæpè alibi.

Se a fluxaõ for impetuosa, & a inflammaçaõ muyto fervida, & o corpo muyto cheo, sangrarseha o doente às primeyras vezes no braço atè se depôr alguma parte do enchimento, & se moderar a fluxaõ. Porque neste caso se a sangria do braço se naõ fizer, corre grande perigo de se mortificar, ou pelo menos suppurar, & consequentemente perderse a parte, que alèm de ser taõ necessaria, como está dito, ha na mortificaçaõ perigo de vida mais proximo (& ainda presentaneo) que o que se póde seguir do veneno gallico, que posto que se communique, & seja trabalhoso, & mortifero, dà indicios para se poder depois curar, o que naõ tem a mortificaçaõ da parte.

Porèm naõ havendo esta urgencia, a saber, naõ sendo a fluxaõ impetuosa, nem a inflammaçaõ muyto fervida, nem o corpo muyto cheyo, darseha a sangria no pé, primeyro no contrario atè se depôr muyta parte do enchimento, & se moderar o fluxo, & depois no proprio para dirivar com alguma evacuaçaõ da parte affecta. E he a razaõ manifesta; pois quando naõ ha urgencia de perigo de morte, bom será escusar o doente de huma cama de boubas, que tanto custaõ, como experimenta o miseravel, que as padece. E naõ tem a sangria do pé tanto perigo em precipitar humores abayxo como alguns cuydaõ; porque infinitas vezes a tenho neste caso executado sem máo successo algum, antes de ordinario faz milagres, & Paulo a manda dar dizendo: *Testiculorum inflammationibus propriè convenit sanguis ex talo dimissus.* Quer dizer: *Convem propriamente sangria de pé à inflammaçaõ dos testiculos.* A quem seguio Cornelio Celso dizendo: *In testiculis verò siqua inflammatio sine ictu orta est, sanguis ex talo mittendus est.* Quer dizer: *Se nos testiculos houver inflammaçaõ sem occasiaõ de golpe, ou ferida, ha-se de sangrar no pé.* O que se confirma com todas as regras de Galeno, & dos mais Principes da Medicina, que temos allegado na nossa apologia, os quaes todos mandaõ sangrar no pè havendo inflammaçaõ de qualquer parte dos rins abayxo, sem excetuarem caso algum, como nòs de presente exceptuamos, & lease aquelle texto que diz: *Rebus verò, & vesica, & pudendo, & utero sic habentibus, (id est, si inflammari incipiant) eas venas, quæ in cruribus sunt sitæ, (idest incindere) ac potissimum circa poplitem; sin minus eas, quæ juxta malleolos.* Quer dizer: *Se os rins, ou bexiga, ou as partes vergonhosas, ou a madre começarem de se inflammar, sangrarsehaõ as veas das pernas, especialmente as da curva, ou pelo menos as do artelho.* A qual doutrina repete Galeno muytas vezes, & se succedèra mal destas sangrias, naõ houvèra de fazer huma regra geral taõ perigosa como alguns cuydaõ, dizendo que algumas vezes poderá acontecer, ou acontece inflammarse

Lib. 3. c. 4.
Lib. 6. c. 13.
13. meth. c. 11.

flammarse mais a parte com ellas: ao que respondo, que tambem alguma vez succede picarse hũa arteria, ou fluxo de sangue, ou fazer dano huma purga, ou mortificarse a perna de alguma fonte, & com tudo naõ deyxaõ de se fazer estes remedios quando saõ necessarios, usando de todos as cautelas para se preservarem taes successos, & assim se ha de fazer nestes casos das sangrias dos pès. Pelo que naõ correndo o humor com grande impeto, nem estando o corpo muyto em demasia cheyo, nem sendo a inflammaçaõ grandemente fervida, elegerseha a sangria do pè, por escusar ao enfermo de humas perigosas boubas.

A indicaçaõ, que se toma do humor, que corre, ou està na parte, conforme as regras geraes de Guido tiradas de Galeno, manda que nos principios se appliquem puros repercussivos; mas o contagio gallico os contraindica do mesmo modo que a sangria, porque com elles se pòde introduzir nas partes internas, & causar os gravissimos danos, que costuma. O que se confirma pela regra gèral, que manda em apostema venenoso se naõ use de repercussivos, nem ainda brandos. Porém he taõ grande o perigo, que se segue se esta parte se suppurar, ou mortificar, que vence o outro do dano, que pòde fazer a qualidade gallica conforme està dito; & como nas indicaçóes contrarias sempre se ha de seguir a mais vehemente, naõ desprezando a outra, por tanto neste caso usaremos dos repercussivos a respeyto de defender a parte nobre; seráõ porèm mais brandos do que haviaõ de ser, se a hernia naõ procedèra de contagio. Accrescenta-se a isto que quando ella for muyto fervida, & a fluxaõ do humor impetuosa, saõ menos perigosos os repercussivos, porque o calor da parte tempera o frio delles, & o impeto do humor fluente resiste muyto à repercussaõ, por onde ficaõ com pouca, ou quasi nenhuma efficacia em repercutir, principalmente se forem fracos. Exemplo temos em Galeno, que nos antrazes manda applicar o emplasto de arnoglosa (que he a tanchagem) sendo repercussivo, & o uso commum lhe applica tambem emplasto de romás, que repercute valentemente: & com tudo nenhum destes faz dano pelo impedimento, que naõ dissémos, do demasiado calor, & fluxo, antes temperando o calor da parte, & moderando as dores, que saõ causa de attracçaõ, conforme Galeno, fazem proveyto sem perigo.

Tract. 2. c 1 Gal. per tot. Lib. de sang. miss. c. 18.

14. met. cap. 10.

14. met. cap. 5.

Pelo que sendo a inflammaçaõ muyto acesa, usaremos para a temperar, & juntamente mitigar as dores, *de agua rosada*, ou *de tanchagem com igual quantidade de leyte de peyto*, ou *agua de malvas*, *de violas*, *& de tanchagem*, *ou rosada*, applicando isto em paninhos golpeados, & mudando-o muytas vezes; & apertando muyto a fereza das dores, se lhe misturará *çumo de meymendro*, conforme manda Avicena, porque segundo Guido, & eu já experimentey, tem o principado em mitigar as dores desta parte. E sendo a materia menos calida, sómente se applique *cozimento de malvas*, *violas*, *& rosas secas com humas gotas de vinagre.* Tambem se pòde fazer para mitigar as dores huma mistura *de azeyte rosado*, *çumo de abobora*, *& de meymendro*, *& farinha de cevada*, *tudo misturado a modo de cataplasma*, conforme manda Dionysio Daça.

Loc. cit. Loc. cit.

Lib. 3. c. 172.

E passados os principios ajunte-se ao cozimento *huma pequena de macella*, *ou alforfas*, *ou couves*, que saõ proprios em resolver o apostema destas partes, segundo Guido; ou se faça *cozimento de favas*, *rosas secas*, *& tanchagem*, ou hum emplasto, que ordena Daça, de *malvas cozidas passadas por sedaço*, *farinha de favas*, *azeyte rosado*, *arrobe*, *& huma gema de ovo*, *& algum oleo de macella*, (se o apostema for em mayor declinaçaõ) *tudo encorporado em agua de malvas.* Ou se façaõ *humas papas de favas*, *& arroz cozido*, porque este, conforme Avicena, & aquel-

Tract. 2. a 2. c. 7.

Loc. cit.

las,

las, segundo Accio, tem propriedade de resolver os apostemas destas partes. E o uso commum manda applicar na diclinaçaõ *as papas das farinhas*, *as quaes se fazem*, se se teme calor, *em xarope acetoso*; se se teme induraçaõ, *em agua de malvas, violas, & malvaisco*; & se nada disto se teme, em oximel, porque com mais efficacia se resolve.

E para acabar de resolver alguma dureza, que ficasse, se ha de untar com *oleo de amendoas doces*, *& de minhocas*, ou fazer *unguento de enxundia de gallinha, & de pato, & tutanos de vaca, & cera amarella*. Ou se applique o *emplasto filij Zachariæ*, *duas partes delle misturadas com huma de emplasto melıloto*. Ou *diaquilaõ mayor* ou *de gomas*, que he mais efficaz. E darsehaõ banhos à parte *de cozimento de raizes de malvaisco, linhaça, macella, coroa de Rey, malvas, sevo de carneyro, figos secos, passas de uvas limpas dos pés*, *& dos graũlhos*, & depois do banho se enxugará a parte, & se lhe applicará logo hum dos emplastos sobreditos.

A maturaçaõ se impida por todas as vias, que for possivel, porèm em caso que se naõ possa impedir, *he necessario que se abra antes que a materia se detenha espaço de tempo em que possa corromper a parte*, dahi por diante continue-se com o que a parte manda nos apostemas desta qualidade, porque nesta obra naõ se póde tratar toda a Cirurgia.

E se entender que o contagio gallico està communicado ao figado, ou ainda que lá naõ chegasse, que està na parte conservando a causa material da hernia; he necessario que se use dos alexiparmacos evacuando primeyro o corpo com medicamento conveniente.

Porèm no que toca *à purga*, *lembro que he neste caso periculosissimo*, & que se naõ dè ao doente, senaõ depois de passada totalmente a inflammaçaõ, & nem ainda nesse tempo se fiem muyto della, porque costuma mover novo fluxo, & delle acontecerem notaveis desastres. Pelo que posto que a inflammaçaõ tenha cessado, & o tumor seja pouco, *sou de parecer que se esperem quarenta dias*, que he o termo ultimo das doenças agudas *ex decidentia*, & das inflammaçóes, conforme Hippocrates, & Galeno. E passados elles seguramente se poderá dar a purga.

6 aph. 46. & 1 prog. tex. 25.

As inflammaçóes do membro genital, & do interfemineo se trataráõ assim no que toca a sangrias, como a medicamentos locaes, conforme as hernias, advertindo muyto que *a suppuraçaõ do interfemineo he periculosissima*, porque della se segue romperse o cano da ourina, & ficar perpetua fistula, pela qual razaõ mandaõ Hippocrates, & Avicena que se abra quasi verde, pelo perigo que ha de se a materia deter; & o mesmo dizem Accio, & Celso.

Lib. de fist. ad init. 17. 3. c. 11. Lib. 14. c. 8. Lib. 7. c. 30.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

HUmoral. *Os testiculos costumaõ padecer tumores, & inflammaçóes, assim como as mais partes do corpo; & nos gallicados succede ordinariamente depois de haver gonorrheas; ou porque estas de todo se supprimiraõ: ou porque alguma porçaõ da materia saniosa, q̃ por ellas se expurgava, estagna, & se detem nas partes em que se gèra; & passando aos testiculos, ou com o sangue, ou com a lympha, he causa de se intumescèrem, padecendo este achaque a que chamaõ hernia humoral gallica; na qual se fermentaõ os humores de que consta, resultando desta fermentaçaõ o moverem-se as suas particulas acidas, & cuspidatas infectas com o veneno gallico, & vellicarem as fibras dos testiculos, excitando cruelissimas dores, febre rubor, & inflammaçaõ. Outras*

tras vezes succede, que por causa das grandes dores das gonorrheas virulentas, & chagas gallicas das partes obscenas, haja confluxo de humores aos testiculos, de que procedaõ as hernias.

A prædominio quentes. *Da hernia humoral diz Madeyra que se faz de humores à prædominio quentes; sendo assim que tanto se pòde fazer de humores com calor predominante, como dos humores frios, ou temperados; porque todas as vezes que houver tumor no escroto, que he o lugar em que estaõ os testiculos, logo haverà hernia humoral, ou os humores sejaõ quentes, ou frios; & havendo gallico de que proceda, he hernia humoral gallica; na qual se os humores forem calidos, serà mayor o incendio, mais intensa a dor, & mais estuante a febre.*

Para conservar o individuo. *Naõ ha duvida que os testiculos naõ servem sò para propagaçaõ da especie, mas tambem conduzem muyto para vigor, & valentia do individuo; & jà Galeno* 1. *os teve por partes principaes do corpo; entendendo que elles eraõ outra fonte do calor innato, com q̃ todo o corpo se animava; & he certo, que pòdem muyto estas partes para vigor do temperamento, do habito do corpo, & para alteraçaõ dos costumes; pois vemos, que os espadões saõ menos fortes, tem a vòz mais fraca, saõ imberbes, & effeminados, & atè nelles degenera a probidade dos costumes, de tal maneyra, que veyo a dizer Avenzoar, que os eunuchos sempre se conheciaõ mal morigerados, alheos da razaõ, faltos de entendimento, & pouco observantes das leys.* In eunuchis (*saõ as suas palavras*) prætenuem vocem audimus, malos agnoscimus mores, rationes sunt pessimæ, nec ferè inventus est aliquis exectus bonæ legis, aut intellectus non diminuti. *Claudiano* 2. *ainda disse mais, porque os teve por impios:*

1. Gal. lib. de sem.

2. Claud. in Eutrop.

> Adde quòd enunchus nulla pietate movetur,
> Nec generi, natisque cavet.

E *Jà antigamente os Egypcios nos seus Hieroglyficos juntavaõ hum gigante castrado, para significar a deposiçaõ, que haviaõ feyto dos Reys que naõ queriaõ; declarando pela falta daquellas partes a perda do poder, da força, da valentia, & de todas as cousas boas, que logravaõ, do que se pòde ver Andrè Laurencio;* 3. *& da prestancia, & uso dos testiculos Felippe Ingrassias,* 4. *Joaõ Fernelio, & Zacuto Lusitano.*

3. Laur. lib. 7. de anat. q 1.

4. Ingrassias com. 52. in art. med. Gal. fol. 261. Fern. 7. physiolog 3. Zac. lib. 3. PP. MM. hist. 26.

Numero 2.

COm sangrias. *Na cura da hernia humoral he muytas vezes necessario sangrar, porque a inflammaçaõ da parte, o incendio da febre, o impeto da fluxaõ, & o excesso da dor obrigaõ a este remedio. Sobre o lugar da sangria na hernia gallica houve entre os Praticos grande duvida; & teme o Author sangrar no braço, por naõ retrahir o contagio ao figado; & recea tambem sangrar nos pès, por naõ convocar mayor defluxo à parte tumorosa, & inflammada; resolvendo finalmente este negocio com prudentes, & bem consideradas limitações. Porèm o que nos parece, he, que quando for necessaria sangria, se faça na parte em que mais conveniente se julgar para boa medicaçaõ da hernia, ou seja no pè, ou no braço; porque nem a sangria de braço attrahe o contagio ao figado, como o Author erradamente affirma, nem o faz communicar à massa do sangue; pois como muytas vezes temos dito, a sangria naõ dà algum movimento ao sangue para cima, nem para bayxo, mais que aquelle com que o sangue naturalmente circula; & se por razaõ deste movimento attrahe o contagio, tanto o farà fora da sangria, como no tempo della; & tanto com a sangria de braço, como com a sangria de pè, sobre o que se veja o que dissémos nas Annotações ao* num. 1. do Capitulo VII.

VII. *& ao* num. 5. do Capitulo VIII. *& ao* num. 2. do Capitulo XI. *O contagio gallico que occupa as partes bayxas communica-se ao sangue na sua circulação, sem que seja necessario communicarse pelo meyo da sangria; & he erro crasso cuydar que a sangria de braço faz subir às partes altas o dito contagio, às quaes mediante a circulação se pòde communicar. E assim como Madeyra conheceo que não tem a sangria de pè tanto perigo como se cuyda em precipitar os humores abayxo: pudèra tambem conhecer, que a sangria de braço não tinha poder para avocar acima os seminarios contagiosos das partes pudêdas. Sendo pois certo, que a sangria, de qualquer parte q̃ seja não attrahe para a massa do sangue o contagio das partes bayxas: na cura das hernias gallicas bem se pòde sangrar nos braços, quando se julgar necessario, ainda que a sangria no pè do outro lado não serà menos util, pelas razoens que o Author considera; & he conforme à doutrina de Galeno,* 4. *que quando padece huma perna, manda fazer evacuações de sangue na outra.*

4. Gal. 13. meth. 5.

Repercussivos. *Saõ reprovados os repercussivos nos tumores venenosos, porque offendem mais, fazendo penetrar ao interior das partes os seminarios malignos, & venenosos. Mas esta doutrina tem suas limitações, como o Author pondera; porque quando ha perigo de se mortificar a parte que padece, devemos usar dos repercussivos para defendella; & se isto se ha de fazer em tumores venenosos, como os carbunculos, nos tumores gallicos se pòde executar com mais confiança; porque o veneno gallico não tem tanta actividade, que logo mate, & depois se cura facilmente com os seus alexipharmacos.*

Tanchagem. *Entre os medicamentos repercussivos que se houverem de usar nas hernias gallicas, & nos mais tumores venenosos, deve ser preferida a tanchagem: porq̃ nella, alèm da virtude repellente, ha mais huma virtude discussoria, com que resolve parte da materia impacta nos tumores; & com ella necessariamente se haõ de extrahir tambem alguns effluvios, ou seminarios malignos. E por isto o grande Cirurgiaõ Dionysio D. ça* 5. *usa da tanchagem nos carbunculos, considerando nella as ditas virtudes de que Galeno* 6. *he pregoeyro, dizendo:* Plantagines natura ex mixtis facultatibus, discussoria, & repulsoria, composita est.

5. Daça 1.1. fol. mihi 158.

Couves. *Nas couves ha grande virtude para resolver as hernias humoraes, como algumas vezes observamos entre os rusticos, usando elles deste remedio por experiencia sua. Cozem as couves em vinagre, & estando bem cozidas, applicaõ-nas quentes; & fazendo isto repetidas vezes, se curaõ destes tumores; o que se pòde fazer quando naõ houver dor vehemente, nem inflammaçaõ estuante.*

6. Gal. 5. per loc. cap. 2.

Favas. *Tambem nas favas ha insigne virtude em discutir, & resolver estes tumores de q̃ se achaõ muytas observações em Riv.* 7. *Coze-se a farinha das favas em vinagre, ou em huma parte de vinagre, & tres partes de agua, & applica-se quente. He remedio taõ experimentado, que Riverio affirma que nunca usàra delle sem utilidade nos tumores, & inflammações dos testiculos.* Pars fovebatur (*saõ as suas palavras*) aqua rosarum, & imponebatur cataplasma ex farina fabarum cocta in oxycrato, ita ut quarta pars aceti cum tribus aquæ partibus misceretur; quod cataplasma nũquam me fefellit in hoc affectu. *Se succeder que com este emplasto se offenda o escroto, excoriando-se a pelle com a acremonia do vinagre; pòde-se cozer este com fezes de ouro, como diz o mesmo Reverio, ou com alvayade, ou com assucar de chumbo, porque todas estas cousas dulcificaõ o azedo do vinagre, mudando-o em hum doce resolvente, como escreve Ettmullero,* 8. *o qual manda accrescentar ao emplasto pòs de semente de cuminhos, ou de erva-doce, flores de macella, & coroa de Rey, a fim de que fique mais resolutivo; o que pòde ter lugar quando no tumor houver menos inflammaçaõ. Nas hernias gallicas louva Ettmullero por liçaõ de Hartmano o emplasto de folhas de engos, & de*

7. Riv. cent. 2 obs. 39. cent. 3. obs. 1.

8. Ettmull. p. 2. fol. mihi 988

ruda cozidas em huma parte de vinagre, & tres de agua. E naõ encarece menos a fomentaçaõ de Lindano feyta de cozimento de raiz da China, & flores de sabugo, em vinho, ou cerveja; com que diz que se continue atè que a inflammaçaõ se tempere, & o tumor se discuta, & resolva.

Para acabar de resolver. *Quando as hernias se terminaõ por resoluçaõ, ordinariamente fica alguma dureza; porque aquellas partes exangues, & pouco espirituosas, nem tudo pòdem discutir; & por isto communmente succede ficar toda a vida com alguma grossura o testiculo que padeceo este achaque. Para consumir estas reliquias se usa agua ardente, de espirito de vinho com alcanfor, de agua da Rainha de Hungria, de agua de cal, de espirito de sabaõ, de espirito de sal armoniaco, & de balsamo de enxofre.*

A maturaçaõ se impida. *Se as hernias chegaõ a suppurar, ha o perigo, não só de ficarem fistulas, mas de se perderem os testiculos, como observàmos em hum homem de mais de cincoenta annos, cuja vida tinha sido estragada; o qual padecendo hũa hernia, de que huns diziaõ que era carnosa, outros que era humoral: chegando a suppurar por industria de hum Cirurgiaõ, que se empenhou na cura, pelo lugar da suppuraçaõ foy perdendo os testiculos, & depois de os naõ ter, se fechou a fistula.*

Communicado ao figado. *Nas hernias que succedem às gonorrheas virulentas, como duraõ tempo, sempre se deve entender q̃ o contagio se communicou não ao figado, mas ao sangue, pela facilidade com que isto se faz por meyo da sua circulaçaõ; & por isto depois de curada a hernia, ou para acabar de curalla, sempre nos parece conveniente que se faça cura regular, a fim de extinguir o contagio com os seus alexipharmacos.*

Purga. *Os medicamentos purgantes não tem lugar na cura das hernias, em quanto ha dor, & inflammaçaõ só depois de vencidos estes danos, durando o tumor muyto tempo; se poderà purgar, quando se julgue conveniente; & se houverem de usar os alexipharmacos do gallico, serà preciso que lhe precedaõ alguns purgantes, ou que ao menos se tomem com elles.*

COMEC,A-SE A TRATAR da cura do morbo gallico confirmado:

CAPITULO XIV.

Cura da primeyra, & segunda especie do morbo gallico.

COmo dissemos, que o morbo gallico tem causa material que o produz, & que o figado infecto da má qualidade gèra muyta copia de humores excrementicios, que depois a fomentaõ: occorrem duas indicações na cura de qualquer especie de morbo gallico, as quaes saõ commuas a toda a enfermidade venenosa, conforme Galeno: a primeyra, evacuar a causa material, a saber, a materia virulenta infecta do contagio; segunda, alterar a qualidade venefica com seus alexipharmacos proprios. Ajunte-se a estas duas indicações outra de menos consideraçaõ, a saber, temperar as qualidades manifestas elementaes, que a venenosa introduzio nas partes, que saõ o calor, & secura, de que tambem faz mençaõ Galeno: porèm estas tanto que se tira a má qualidade, que he causa dellas facilmente se curaõ, & de ordinario a mesma natureza basta sem particular providencia, & por isso naõ he taõ consideravel.

Lib. 13. met. c. 6. ibi Lib. au cemet.

Loc. cit.

Applicãdo logo esta doutrina à primeyra, & segũda especie do morbo gallico, como nestas he ainda pouca a má qualidade, & saõ poucos os humores excrementicios,

menticios, & esses ainda de natureza mais delgados, & sutis, que os das outras especies, bastaõ medicamentos efficazes, & menores evacuaçóes.

Sangrarseha logo o doente, porque nestes principios pecca mais o sangue, & a cholera, & ha mais forças para a sangria; & tirar-seha o sangue, que parecer necessario, conforme ao enchimento, & forças. E se a enfermidade começasse pelas partes bayxas, & nellas ainda houver reliquias de alguma expurgaçaõ contagiosa, como gonorrhea purulenta, & bubaõ aberto, ou ainda que naõ haja expurgaçaõ, se houver reliquias do contagio, darsehaõ as sangrias no pê, por naõ divertir a natureza daquelle expurgatorio conveniente, nem retrahir mais para as partes superiores o contagio venenoso, que nellas, (ainda que jà estejaõ infectas) poderá intender mais a mà qualidade. E se for mulher, a que faltassem os mezes, ou esteja perto dessa occasiaõ, tambem se sangrará nos pès, conforme a doutrina de Galeno.

Lib de sanguin. missi.per tet.

Naõ obsta contra esta doutrina termos dito na nossa apologia, que depois do contagio communicado ao figado se daõ as sangrias no braço. Porque logo declaramos que a communicaçaõ ha de ser tanta, que já se naõ possa mais communicar. E como na primeyra, & segunda especie he menos intensa a qualidade gallica, que no figado està, com razaõ se pòde temer que havendo reliquias do contagio nas partes bayxas, com a sangria do braço se possa retrahir, & consequentemente intender a mà qualidade do figado, & partes superiores.

E logo juntamente com as sangrias se comecem de dar xaropes preparantes, *como de almeyraõ*, *de violas*, *de borragem*, *de fumaria*, & se padecerem as partes da cabeça, *rosado*, como agora. Receyta: *Xarope de violas*, *& rosado*, *de cada hum sua onça*, *agua de borragem tres onças*, *misturem-se*. Ou este modo. Receyta: *Xarope de borragem*, *& de almeyraõ*, *de cada hum sua onça*, *agua de fumaria tres onças*, *misturem se*. Ou nesta. Receyta: *Xarope de fumaria*, *& de violas*, *de cada hum sua onça*, *agua de chicoria tres onças*.

Depois que o doente tomar cinco, ou seis xaropes, se purgará com medicamento, que respeyte humores adustos, que naõ mova, nem aquente demasiadamente, assim como *confeyçaõ hamech simplez*, *diacatholicaõ*, *canafistula*, *xarope de Rey*, *xarope de nove infusoens de rosas alexandrinas*, *& das nossas*, *& de violas*, *& de cozimento de sene feyto com cevada*, *flores cordeaes*, *sementes frias mayores*. E pòde-se formar huma purga deste modo. Receyta: *Confeyçaõ hamec simplez*, *& polpa de canafistula*, *de cada huma tres oytavas*, *xarope de Rey tres onças*, *cozimento commum com folhas de sene*, *quanto baste*, *faça-se bebida breve*. Ou faça-se esta. Receyta: *Diacatholicaõ meya onça*, *xarope Persico tres onças*, *cozimento de cevada*, *ameyxas*, *flores*, *& sementes frias quanto baste*, *faça-se bebida breve*. Ou se faça esta. Rec. *Diacatholicaõ meya onça*, *xarope Persico tres onças*, *cozimento de cevada*, *ameyxas*, *flores*, *& sementes frias quanto baste*, *faça-se bebida breve*.

E se o doente ficar bem evacuado, dem-selhe humas apozemas, deste modo: *Tomem-se*, *huma colher de cevada limpa da pragana*, *duas duzias de ameyxas sem caroços*, *tres ou quatro raizes de borragem*, *outras tantas de almeyraõ*, *& de lingua de vaca*, *huma maõchea de flores de borragem*, *outra de chicoria*, *meya onça de flores cordeaes*, *seis oytavas de pevides de melaõ*, *ou de abobora*, *huma onça de folhas de sene*, & de tudo se faça cozimento em bastante agua, que fique em quartilho, & meyo, & depois coe-se, & a doce-se *com assucar*, & beba esta apozema em tres manhãs continuadas, ou entremetendo hum dia, se a purgaçaõ for muyta.

Lib. de lue ven c. 9. Tract.

E posto que muytos tem para si, que bastaõ as evacuaçóes universaes para curar a primeyra, & segunda especie do morbo gallico, como Fernelio, Fallopio,

Alcaçar, & outros com tudo he cousa arriscada deyxar o doente sem lhe dar os alexipharmacos, pelo temor que ha de recair com mayor perigo, conforme o dito de Hippocrates: *Quæ relinquuntur in morbis, recidivas facere consueverunt.*

de morb. gal. c.24. Lib.5 c. 8. 2.aph.12.

Pelo que depois do corpo bem evacuado convem dar ao doente *nove, ou dez dias de suores*, dous cada dia, *de salsa parrilha, ou de páo das Antilhas, ou da China*, ou de algum, ou de todos elles misturados: *& pòdem-se cozer duas onças, ou onça, & meya de salsa em tres canadas de agua que se gastem duas, & fique huma*, & darão ao doente meyo quartilho deste cozimento para cada suor, *& farão segundo cozimento da mesma salsa jà cozida em cincó canadas que se gaste huma, para beber de ordinario.* E dando-se suores com *páo das Antilhas, se farà o cozimento com seis onças delle.* E se for *páo da China, basta huma, ou meya onça*, (como se dirá) qualquer delles *em tres canadas que se gastem duas.* As mais particularidades disto se declaraõ abayxo.

E se o doente naõ quizer, ou não puder sugeytarse ao suor, demselhe os mesmos cozimentos de pè sem suar, dandolhe cada dia hum quartilho de cozimento mais forte, meyo pela manhã, & meyo à tarde, com o que continuarà tendo bom regimento quinze, ou vinte dias, bebendo quando tiver sede agua do cozimento, segundo a qual irá continuando mais vinte, ou trinta dias depois da cura. Ou se lhe dê *a salsa em pò, huma oytava della cada manhã, outra à tarde* na mesma agua de salsa, & páo, cujas receytas se acharáõ abayxo, assim como tambem a ordem de comer, & às mais circunstancias. E o melhor de tudo para curar de pè, he tomar *o vinho santo brando feyto sómente com salsa, & folhas de sene*, como abayxo citamos em seu Capitulo.

E se depois de curado o doente lhe ficar alguma destemperança quente do figado, o temperaràõ com *tisanas de cevada, cozendo juntamente com ella hum páo de salsa*; ou lhe daráõ *amendoada de pevides feytas na agua de salsa*, ou lhe dem cada manhã *meyo quartilho de agua de almeyraõ misturada com a terça, ou quarta parte, de agua de salsa*, ou *sôro de leyte de cabras fervido com outro páosinho da mesma salsa, & com assucar, & depois serenado, ou fatias de pão lavado.*

ANNOTAÇOENS.

Que o figado infecto. *Jà dissemos muytas vezes que o figado naõ era a parte em que a infecção gallica se sigillava, como o Author affirma em toda esta obra, & agora aqui o repetimos, advertindo, que quanto o Author disser do figado, se entenda da massa sanguinaria, no particular de receber o contagio: porque a ella he que se communicaõ os seus seminarios, & nella se implantaõ, viciando o sangue destruindolhe o seu acido natural, & benigno, & introduzindolhe hum acido acre, & corrosivo, com que se perverte a sua fermentaçaõ intestina, & de que procedem os varios danos que experimẽtaõ os gallicados sobre o que se vejaõ as Annotações ao* Cap. 2. *desta obra.*

Duas indicações. *Na cura da primeyra, & segunda especie do morbo gallico propoem o Author duas indicações, que se devem satisfazer. A primeyra: evacuar a causa material, que saõ os humores viciados com o veneno. A segunda: alterar a qualidade venefica com os seus alexipharmacos. A estas indicaçoens junta outra menos principal, que he temperar as qualidades manifestas elementaes, que saõ o calor, & secura, que excita a qualidade venenosa. Nòs consideramos que em todo o gallico, ou seja desta, ou daquella especie, segundo a divisaõ do Author, sempre se devem tirar as mesmas indicações curativas: porque o gallico da primeyra especie, he o mesmo que o das outras; nem entre as suas especies ha mais differença, que a de estar a massa*

massa do sangue mais, ou menos viciada com o fermento contagioso, & excitar danos mais, ou menos graves. Porèm as indicaçoens curativas, que devemos satisfazer na cura deste contagio, em qualquer graduação que elle esteja saõ duas, em que se incluem as tres que propoem Madeyra; porque huma he extinguir o contagio; outra acodir aos seus productos. Estas duas indicações se haõ de satisfazer com os alexipharmacos anti-venereos, para extinção do contagio; com as evacuaçoens que forem necessarias, para remedio dos danos, que causaõ os humores infectos; & com attemperantes para moderar as excandecencias do calor, & secura, quando as haja, porque nem sempre se achaõ nos gallicados. O que se farà com tal ordem, que primeyro se tratarà das evacuções, depois dos alexipharmacos, & em ultimo lugar dos attemperantes. Comecemos pelas evacuações.

Sangrar-seha logo o doente. *Entra o Author a curar o gallico jà communicado à massa sanguinaria, & diz que se use logo de sangria, por peccar nestas primeyras especies o sangue, & a cholera, para cujas evacuações não faltaõ forças. Suppoem duas cousas; huma, que pecca mais o sangue, & a cholera; outra, que nos gallicados destas primeyras especies nunca deyxaõ de estar constantes as forças para sofrer as sangrias. A primeyra supposição he falsa, a segunda tambem o pòde ser. Porque o gallico introduzido no corpo, estando na primeyra, & segunda especie, não faz que predomine o sangue, nem a cholera; que isto depende da natureza do doente, & do seu temperamento, não dos seus achaques. O gallico sigilla-se na massa sanguinaria, de qualquer temperamento que elle seja, ou com predominio de cholera, ou de fleyma, ou de melancholia; & isto tanto monta na primeyra especie, como na ultima.*

Não he logo boa supposição de que nas duas primeyras especies de gallico predomina o sangue, & a cholera. Nem este modo de fallar he conforme ao que devia ser, porque suppoem tambem que nas veas ha os quatro humores de Galeno, sangue, fleyma, cholera, & melancholia; quando he certo que naõ ha mais que sangue, mais, ou menos cholerico, mais, ou menos fleymatico, mais, ou menos melancholico; & parece que devia dizer o Author, que nos gallicados destas duas especies peccava o sangue cholerico, & não o sangue, & a cholera. Em quanto à segunda supposição, tambem pòde ser falsa; porque nem sempre estaraõ com forças os que padecerem estas especies de gallico, para tolerar as evacuaçoens de sangue. Mas sem duvida que o que quiz dizer o Author, foy, que nas primeyras especies de gallico, ainda não estava taõ viciada a massa do sangue, que tivesse perdido o seu balsamo, & a sua natureza, como nas ultimas especies, em que o sangue està taõ altamente viciado, que abunda com excrementos crassos, acidos, & melancholicos, de que vem a syndrome dos danos, que muytas vezes se achaõ nos gallicados destas classes; nos quaes he o sangue pouco espiritoso, & por isto tem menos forças para sofrer as sangrias.

Quando pois se houverem de curar os gallicados, façaõ se as sangrias nos pès, visto que se sangraõ sò para preparaçaõ da cura alexipharmaca, & que não ha achaque a que se deva sangria de braço; porque se houvesse dano algum a que se devesse sangria alta, não se lhe havia de negar por razão do gallico, & mais estando sigillado na massa do sangue; ou o contagio começasse pelas partes altas, ou pelas partes bayxas: porque a sangria, de qualquer parte que seja, não attrahe os seminarios do contagio para o sangue, como temos mostrado nas Annotações ao num. 1. do Capitulo VII. *ao* num. V. do Capitulo VIII. *ao* num. 2. do Capitulo XI. *& ao* num. 2. do Cap. XIII.

Se purgará. *Depois das sangrias, segue-se o purgar; & diz Madeyra, que se faça com medicamentos que respeytem humores adustos; o que parece que se não confórma bem com dizer que nestas especies de gallico pecca mais a cholera, sem a distinção de ser adusta. O certo he, que os medicamentos haõ de ser appropriados aos sugeytos, & que*

em huns serão differentes a outros pela diversidade dos seus humores. Os purgantes que o Author propoem são muy convenientes, mas horrorosos; nem haverá hoje quem tome pela boca confeyção hamech, diacatholicão, & outros pharmacos, que já estão decretados para as ajudas, havendo tantos medicamentos de igual, & de mayor efficacia para se usarem nestes achaques, tomando-se com mais facilidade do que os purgantes que o Author aconselha.

Os pòs de Cornachino são excellentes para todos os gallicados; toma-se huma oytava delles, atè quatro escropulos, em agua, ou em outro qualquer licor. Os trociscos de Fioravanto tambem são muyto a proposito; tomão-se de oytava, & meya atè duas oytavas. Não são menos uteis humas pirolas de dous escropulos de extracto catholico, com oyto grãos de diagridio de Paracelso; ou humas pirolas da mesma quantidade de extracto Collé, com outro tanto diagridio; ou de vinte grãos de mercurio Calomelanos, com dez grãos de resina de jalapa, & oyto grãos de diagridio, fazendo pirolas com alquitira, ou tomando-os feytos em pó, ou desfeyto em huma amendoada de pevides de melão, & melancia, como ordinariamente fazemos. Advertindo que os purgantes mais proprios para estas curas, são os que se compoem de mercurio, porque sobre terem virtude contra o gallico, dispoem, & facilitão os doentes, para salivarem mais cedo, como notou Ettmullero, 1. dizendo: In hac cura (*salivatoria*) universalia purgantia per alvum, quæ corpus undique permeabile, & perspirabile red.unt, ac contenta imprimis faciunt tenuiora, præsertim sociato mercurio dulci, ut disponatur sic corpus ad levandam faciliorem salivationem. *Nòs usamos ordinariamente para purgar os gallicados do mercurio Calomelanos com diagridio, & resina de jalapa, como acima dissemos; ou deste modo:*

1. Ettmull. tom. 1. fol. 190. ad fin.

Tomem de Calomelanos Turquetos hum escropulo, de diagridio de Paracelso meyo escropulo, dissolvão-se em quanto baste de emulsão de sementes frias mayores; ou se fação pirolas com alquitira. Os vomitorios ainda fazem mayor utildade; & só com elles repetidos se remediàrão muytos gallicados de maneyra, que entendendo que estavão sem gallico, não quizerão passar ao uso dos seus antidotos, sem os quaes o contagio se não extingue. Entre os vomitorios são do nosso uso o tartaro emetico, em quantidade de seis, ou oyto grãos; o crocus mettallorum, ou pós de Quintilio, de quinze atè vinte grãos, tomando-se em substancia, ou na quantidade de vinte, & quatro grãos, tomando-se a infusão feyta em duas onças de vinho branco, ou vermelho, não havendo aquelle, por tempo de doze horas. Não fazem menos utilidade os pós de vidro de antimonio, tomados em vinho, na quantidade de doze atè quinze grãos; ou a infusão de vinte grãos delle. Já vemos, que nos reprovão a quãtidade do vidro de antimonio; porq̃ ninguem se atreve a dar mais que seis grãos; porèm nòs o temos dado nas ditas quantidades mais de seiscentas vezes, sem reconhecer algum dano no uso delle; sendo certo que muytas vezes chegamos a dar dezoyto grãos em substancia; o que nos facilitou a experiencia que repetidas vezes vimos em Tralos-Montes, aonde hum Chimico, que tivemos em casa alguns mezes, o dava em mayor quantidade, sem resulta de alguma offensa, vencendo assim males, que parecião insuperaveis, o que dizemos, para que se sayba, que este medicamento se pòde usar com mayor confiança; & se tenha entendido, que entre todos os vomitorios antimoniaes, este he o de mayor efficacia, do qual teve tão pouco uso Riverio, que nunca chegou a dallo. O vinho emetico na quantidade de duas onças, & a agua Benedicta de Rulando na quantidade de tres, sendo bem turva, ou vigorada, são medicamentos que tambem fazem bastante operação. Porèm todos estes vomitorios querem forças constantes para se usarem nas ditas quantidades, as quaes se diminuirão havendo penuria de forças, ainda que se repitão mais vezes.

Advertimos, que entrando a curar os gallicados, antes de chegar a sangrallos, os devemos

devemos purgar primeyro; que o limpar o estamago naõ he mào fundamento de qualquer cura, assim para que aproveytem melhor os remedios, como para que os alimentos se naõ viciem com as impuridades das primeyras vias; & assim o costumamos fazer na cura de qualquer achaque, em que não haja circunstancia que persuada o contrario. E para purgar nestes casos, bastaõ cinco onças de xarope aureo bem clarificado; ou tres onças de manà desfeyto em caldo de gallinha com huma oytava de cremores de tartaro; ou oytava, & meya dos trociscos de Fioravanto; ou tres onças de agua Benedicta de Rulando vigorada; ou duas onças de vinho emetico; ou huma onça, atè dez oytavas de sal cathartico amaro, desfeyto em meyo quartilho de agua commua, que he remedio de que agora vemos usar geralmente, sendo que nem todos os que usaõ delle sabem os casos em que se deve dar, & em que se naõ ha de conceder; & por isto, ainda que seja brevemente, daremos noticia deste medicamento, insinuando os males em que deve usar-se.

He pois o sal cathartico amaro, hum sal, que por evaporaçaõ se tira de humas aguas purgativas de certas fontes, que ha em Inglaterra, no Ducado Surriense, & em varias partes; as quaes aguas evaporando-se ao fogo, lançaõ de si huns cristaes, que vem acima da agua, & se separão della, & deyxaõ no fundo do vaso depois de vaporadas hum sal taõ branco como os cristaes; o qual he o sal cathartico de que fallamos, & assim elle como os cristaes, tem virtude purgativa. Delle se devè usar nos males do estomago, no fastio em que particularmente aproveyta; que parece que por amargoso excita o appetite, ou pelo menos não estraga tanto o estomago como outros purgantes. Nos vomitos tambem tem bom uso, nas cardialgias em que se houver de purgar; na affecçaõ hipochondriaca q̃ procede de calor; nas colicas intestinaes, & nephriticas em que se haja de usar de medicamento purgante; nos ardores, & suppressoens de ourina; na diabetica; na mania, nas dores de cabeça procedidas de calor; nas vertigens; na payxão hysterica; nos males que causaõ as lombrigas, em que he tambem util lançado por ajudas. Não se deve usar na hydropesia, na febre synocha, nas febres intermittentes, nas febres albas; nos que lanção sangue pela boca; na cholera morbo; nas parlesias, & estupores. Nem se usarà delle nas mulheres. O que dizemos por lição de Nehemias Greuu, que escreveo hum tratado das ditas aguas, & deste sal cathartico amaro, que dellas se tira, o qual tratado se acha na Bibliotheca Pharmaceutica de Magneto. 1. *E sem embargo de dizer aquelle Author, q̃ se não use este sal nas mulheres, nòs o fazemos cada dia sem nenhum incommodo. O modo de usar deste sal, he, segundo o que diz aquelle Author, desfazendo huma onça delle em hum, ou dous quartilhos de agua commua, ou distillada, ou em soro, ou em qualquer cozimento, bebendo por vezes aquella quantidade. Nòs porèm não o fazemos assim, & quando queremos purgar algum doente com este sal, mandamos desfazer huma onça, atè dez oytavas em meyo quartilho de agua, com que purgaõ sufficientemente; o que não succede desfazendo a mesma quantidade de sal em hum quartilho de agua, tomando-a de duas vezes.*

1. Magnet. tom. 1. Biblioth. Pharm. med. lib. 1 fol. mihi 201.

Que bastaõ as evacuações universaes. *Cuydaõ os que não saõ Medicos doutos, & os Cirurgioens imperitos, que bastão as evacuações para curar o gallico; & assim sangraõ, & purgaõ repetidas vezes os doentes, tirandolhes as forças, & deyxandolhes o contagio, que só com os seus antidotos se vence, & se extingue. O que fazem os medicamentos purgantes, he evacuar os humores de que procedem os males dos gallicados; do que se segue muytas vezes grande melhoria; mas como no corpo ficaõ os seminarios contagiosos, necessitaõ dos alexipharmacos para se extinguirem. Quando os medicamentos purgantes se prevaraõ juntamente com os alexipharmacos, às vezes, se o gallico não he muy radicado, se curaõ inteyramente os enfermos; mas sendo o gallico antigo, não se cura bem sem suores de salsa, & pào santo, nem se extingue sem azougue, no que temos innumeraveis experiencias.*

Suores.

Suores. *Depois das evacuações univerſaes, entraõ os alexipharmacos para extrahir, & extinguir os ſeminarios do contagio; o que ſe faz com ſuores de ſalſa, raiz da China, & páo ſanto, na fórma que o Author ordena. Mas he neceſſario advertir, que nem todas as naturezas poderaõ ſofrer os ſuores, nem outro genero de curas, que ſe preparem com os alexipharmacos vegetantes, que todos ſaõ quentes; & neſtes caſos, he muyto melhor uſar do azougue, que ſobre ſer mais efficaz para extinguir o contagio, uſa-ſe ſem o dano de eſquentar as entranhas, & a maſſa do ſangue; & por iſto em naturezas excandeſcidas, ſempre ſe deve uſar do azougue, antes que dos mais alexipharmacos, no caſo que não haja couſa que o exclua. No anno de* 1709. *vimos huma moça viuva, a quem ſeu marido havia gallicado. Ella era magra, de natureza quente, bem menſtruada, & padecia varias vezes chagas nos narizes, que duravão muyto tempo com deſprezo dos remedios, atè que eſpontaneamente deſappareciaõ.*

Os Medicos que a viſitavão, diſſerão todos, que devia curar-ſe de gallico, para ſe livrar daquelle achaque, & que a cura ſe havia de fazer com ſuores de ſalſa. Entrou a doente nelles, & logo no primeyro ſe deſmayou; foy continuando atè quatro, ſempre com deſmayos; & ſentindo ſe arder nas entranhas, os meſmos Medicos, que lhe aconſelhàrão os ſuores, lhos prohibirão. E convalecida daquelle trabalho, a curamos nòs ſuaviſſiamente em treze dias com pirolas de mercurio branco precipitado, ſem reconhecer algum dano de calor, como experimentou na ſalſa; no que devem contemplar os que dizem que he quente o mercurio, de cujo temperamento ainda não ha certeza.

E ſe o doente naõ quizer. *Os doentes nas ſuas curas não devem ter mais voto, que o da obediencia, para fazerem os remedios que os Medicos lhe ordenarem. Ha com tudo alguns tão repugnantes, que nem ſempre ſe conformão com as diſpoſições de quem os cura; & quando o permittirem os caſos, bom ſerà, que os Medicos ſe accommodem tambem com a vontade dos doentes: porque tomando os medicamentos com menos repugnancia, melhor ſe darà com elles a natureza; o que jà, fallando dos alimentos, advertio Hippocrates,* 2. *& commentou Galeno, dizendo:* Laborantibus aliquid, oblectamenti cauſa, gratificari videtur Hippocrates; omnia enim libentiùs, atque ſuaviùs aſſumpta, etſi paulò deteriora ſint, meliùs concoquimus. *E por iſto diz Madeyra, que ſe os doentes não quizerem tomar ſuores, ſe não obriguem a elles, & ſe lhe preparem outros remedios com que ſe curem; para o que lhes ordena os cozimentos de ſalſa, & dos mais antidotos do gallico. Mas para que he eſtar martirizando os enfermos com eſtes cozimentos muytos dias, quando ha huma panacéa mercurial, que em pouco tempo os cura com toda a ſuavidade? Quando pois os doentes não quizerem tomar ſuores, ahi tem o mercurio com que ſe curem, uſando-o na fórma que nos* Capitulos XXV. *&* XXX. *ſe declara; remedio que nòs preferimos a todos os outros, pela efficacia com que obra, & pela ſuavidade com que ſe uſa, ſem fazer aquelles danos, que ſe temem da ſua braveza; porque ſendo bem preparado, & dando-ſe com prudencia, utiliza ſem dano, do que temos tantas experiencias, que ordinariamente não curamos os gallicados ſenão cõ azougue; ainda na preſença dos ſeus prohibentes; do que eſcrevemos jà hum tratado, que appenſamos à noſſa Medicina Luſitana. Mas porque tambem ſe achaõ alguns doentes, que ſenaõ pódem reduzir à cura do azougue, nem dos ſuores: he preciſo darlhe remedio por outro meyo. Para eſtes caſos ſervem as apozemas, xaropes, & varios remedios, que abayxo expoem o Author no* Capitulo XXVI. *dos quaes ſe pòde eſcolher o que melhor ſe ajuſtar com o temperamento, & goſto do enfermo; ou ſe uzem os os ſeguintes:*

2. Hippoc. 6. epid. ſect. 4. text. 8.

Tomem quatro onças de páo ſanto, de caſcas do meſmo páo, & ſalſa parrilha, de cada couſa duas onças, de raiz da China huma onça. Infundaõ-ſe 24. *horas em doze libras de agua quente, em que fervão atè gaſtar ametade; & nas ultimas ebulliçoens ſe*

lhe

lhe junte onça, & meya de folhas de ſene, duas onças de polipodio de carvalho, huma oytava de erva doce, & guarde-ſe.

Eſta agua he propria para naturezas frias; cura o gallico que pòde ceder aos alexipharmacos vegetantes. Tomaõ-ſe ſeis onças de manhã em jejum, & outras tantas de tarde, cinco horas depois de jantar. Quem a tomar huma ſó vez no dia, naõ deyxarà de curarſe, ainda que ſeja mais de vagar. Ha de continuar-ſe atè nove, ou dez libras, que fazem dezoyto, ou vinte bebidas, ſendo que huns com menos ſe curaõ, & outros haveràõ miſter mais; o que ſe ha de reſolver pelos ſeus effeytos.

Para naturezas quentes ſe pòde preparar eſta:

Tomem de raiz de ſalſa parrilha quatro onças, de páo ſanto tres onças, de raiz de almeyraõ, de borragem, de lingua de vaca, de cada couſa meya onça; de folhas de fragaria, ou de almeyraõ, duas maõcheas; de flores cordeaes tres punhados; de ſene onça, & meya. Infundaõ-ſe as raizes, & páo em doze libras de agua quente por eſpaço de 24. horas, depois das quaes ferva atè gaſtar ametade; entaõ vaõ-ſelhe juntando as mais couſas, & com ellas darà algumas fervuras; & ſe coarà, & guardarà para ſe uſar como a receyta acima.

Com eſta ſe tem curado muytos gallicados:

Tomem de páo ſanto limado, de raiz de ſalſa parrilha fendida, & cortada, de cada couſa deſtas quatro onças; infundaõ-ſe doze horas em vinte libras de agua quente, que depois ferva atè gaſtar a terça parte; entaõ juntemlhe huma onça de ſene, & huma oytava de erva doce, com que dè humas fervuras, depois das quaes ſe coe, & ſe guarde. Tomaõ-ſe ſeis onças de manhã, & outras tantas de tarde. Carlos Muſitano inculca com grandes encomios a ſeguinte agua, a que chama anti-venerea, como ſe pòde ver no livro 4. da ſua Pyrotechnia, cap. 3. art. 2.

Tomem de raiz de ſalſa parrilha cortada meudamente quatro onças, páo de viſcoquercino, raſpaduras de ponta de veado, de cada couſa huma onça; raſpaduras de marfim meya onça, de antimonio crù, feyto em bocadinhos, de pedra pomes, atados em hum paninho, de cada couſa ſeis onças; infunda-ſe tudo em vinte libras de agua commua por tempo de 24. horas; depois fervaõ a fogo lento atè gaſtar ametade da agua; nas ultimas fervuras pizemlhe meya onça de canela.

Uſa-ſe deſta agua por bebida ordinaria, depois de purgado o corpo. Obra por ſuores, por curſos, & ourinas, ſegundo diz ſeu Author, que a encarece muyto.

A agua de Paulo Milio tambem he remedio deſte contagio, da qual temos uſado muyttas vezes. Prepara-ſe aſſim:

Agua de Paulo Milio.

Tomem de raiz de ſalſa parrilha duas onças, de aſaro huma onça; de raiz da China meya onça outra meya de páo ſanto, de paſſas de uvas duas onças. Infundaõ-ſe em vinte libras de agua quente por eſpaço de 24. horas em vaſo novo bem tapado; depois ferva atè gaſtar duas libras; entaõ fique em cinzas quentes outras 24. horas, depois das quaes ſe juntem duas onças de folhas de ſene, meya onça de canela, (baſtaõ duas oytavas) & huns grãos de erva doce; torne a ferver atè gaſtar mais huma libra; tire-ſe do lume, & depois de fria ſe tranſcole a agua a hum vaſo vidrado, & guarde ſe em lugar freſco ſubterraneo.

Tomaõ-ſe ſeis onças de manhã, & outras ſeis de tarde.

A tiſana de Madama Focquet naõ tem menos virtude para eſtes males. A ſua compoſiçaõ he eſta:

Tiſana de Mad. Focqneti.

Tomem de páo ſanto raſpado, de caſcas do meſmo páo quebradas, de ſalſa parrilha rachada, de cada couſa quatro onças; infunda-ſe tudo em nove libras de vinho branco por eſpaço de 24. horas, depois das quaes ferva atè gaſtar a terça parte, entaõ juntemſelhe quatro onças de folhas de ſene, & huma onça de erva-doce, com que darà

mais humas fervuras. Tomaõ-ſe ſeis onças de manhã em jejum, & ſeis de tarde, longe do jantar, & continua-ſe dez ou doze dias.

Na receyta deſta tiſana advertimos duas couſas; huma he, que baſtaõ duas, ou tres oytavas de erva-doce. Outra, que a infuſaõ ſe faça em agua, & não em vinho; porque alèm de ficar o remedio menos quente, ficarà tambem de mayor efficacia: porque nos cozimentos em vinho, perdem-ſe as partes mais tenues, volateis, & eſpirituoſas daquellas couſas que ſe cozem, como ſabem quaeſquer Profeſſores deſta arte, o que pòde ouvir ſem injuria Madama Focquet, que nem poriſſo lhe negamos a profiſſaõ de curioſa, ainda que a achemos em algum ponto de ſciencia menos advertida.

A limonada magiſtral, muy uſada em Toledo contra o morbo gallico, inculca Trilha, 3. *dizendo que faz effeytos que parecem milagroſos. Prepara-ſe deſte modo, ſegundo diz o meſmo Author:*

3. Anton. Trilha in perf. practic. fol. mihi 67. v. Limon. magiſtr.

Tomem tres onças de raiz de ſalſa parrilha, duas onças de páo ſanto, & huma onça de ſandalos vermelhos; infundaõ-ſe em dez libras de agua quente por eſpaço de 24. horas, com quatro onças de paſſas de uvas, limpas dos caroços. Em duas libras de agua quente ſe infunda à parte duas onças de ſene, & as caſcas de dous limões azedos, que eſtejaõ amarellos. A primeyra infuſaõ ferva atè gaſtar ſete libras; entaõ junteſelhe a ſegunda infuſaõ com a ſene, & caſcas dos limões, & ferva atè gaſtar dez onças; tire-ſe do lume, & depois de ſe esfriar, coe-ſe, & guarde-ſe.

Toma-ſe cada manhã ſeis onças, com huma onça de aſſucar cande, continue-ſe atè acabar a receyta.

Finalmente, deſtes alexipharmacos vegetantes ſe pòdem preparar innumeraveis remedios, ſendo eſcuſados todos, quando com mais ſuavidade, em menos dias, & com mayor efficacia ſe pòde uſar do mercurio, que he ſó o antidoto, que cabalmente extingue o gallico inveterado, ou muy activo, o qual com ſuores, & com outras varias curas, ſe poderà domar, mas nunca inteyramente ſe chegarà a extinguir. Aſſim o temos experimentado em algumas peſſoas, que tomando ſuores duas, & tres vezes, nunca ſe curàraõ inteyramente de gallico, atè que ſe valeraõ do mercurio. Iſto conheceo tambem Carlos Muſitano, 4. *quando com galantaria diſſe, que não podia Vulcano com o ſeu fogo, vingarſe dos adulterios de Venus, ſem valerſe das forças de Mercurio:* Nec Vulcanos (*diz elle*) clandeſtina Veneris adulteria ulciſci poteſt, niſi vindice Mercurio. Sunt nonnulli, qui abſque mercurio ſudoribus factis, aliquos lue correptos curant; tamen res fundamento caret; & ferè ſemper in deterius malum minatur.

4. Muſit. 3. de lue vener. c. 1. in fin.

Alguma deſtemperança. *Nos que ſe curaõ com ſuores, ou com remedios preparados com os alexipharmacos vegetaveis, q̃ todos ſaõ quẽtes, ficaõ muytas vezes intemperadas as entranhas, & a maſſa do ſangue, deſorte que he preciſo tomar remedios frios, & attemperantes; para o que tem bom uſo o leyte de burra, os ſoros de leyte de cabra, & os banhos de agua tepida, de q̃ muytas vezes ſe valem os gallicados, que naõ admittem as curas mercuriaes, com que ſe podiaõ curar ſem os incommodos de ficarem intemperados.*

CAPITULO XV.

Cura da terceyra eſpecie do morbo gallico.

DIſſemos que a terceyra eſpecie de morbo gallico era aquella, em que ha empolas pela cabeça, & roſto, & juntamente algumas vezes chagas na garganta, & mais partes da boca, ou narizes, & outras em diverſas partes, & com iſto tambem às vezes ha dores na cabeça, pernas, & braços, mas quando ha

eſtas

estas dores, jà vay sendo principio de quarta especie, principalmente se se ajuntaõ nas ditas partes alguns tumores.

Os humores que nesta especie peccaõ, já saõ mais atrabiliosos, pituitosos, crassos, & rebeldes, que principalmente offendem a carne, & começaõ a offender as partes solidas, & por tanto tem necessidade de medicamentos mais efficazes, que os da primeyra, & segunda especie. Pelo que deve o doente tomar os xaropes seguintes. Receyta: *Xarope de fumaria huma onça, agua de lingua de vaca tres onças, misturem-se.* Ou estes. Receyta: *Xarope de avenca, & de pomis, de cada hum sua onçà, cozimento de flores cordeaes, & ameyxas, & sementes frias mayores tres onças, misturem-se.* E se parecer o humor muyto quente, ou a compleyçaõ do enfermo, ou o tempo do anno demasiadamente calido, seráõ os xaropes mais frescos, v.g. *Xarope de violas huma onça, de fumaria meya onça, agua de borragem tres onças.* Ou, Receyta: *Xarope de avenca, & de almeyraõ, de cada hum sua onça, agua de luparos tres onças, misturem-se.*

Entre os xaropes se sangrará o doente duas vezes, ou tres, ou quatro, conforme o enchimento, & forças no pè, ou no braço, segundo as partes que tiver affectas, ou occasiaõ dos mezes, se for mulher. E depois dos xaropes se purgará com o medicamento seguinte. Receyta: *Confeyçaõ hamec composta, & simplez, de cada huma duas oytavas, xarope de Rey, ou Sabor Regis tres onças, cozimento commum com filipodio, & sene, quanto baste, faça-se bebida breve.* Ou se dè esta purga. Receyta: *Electuario Indo mayor, ou menor tres oytavas, diafenicaõ duas oytavas, xarope Regio, ou de Sabor tres onças, cozimento commum feyto com tres oytavas de mirabolanos Indos, ou chebulos, quanto baste para bebida.* Ou esta. Receyta: *Agarico trociscado de fresco, & ruibarbo, de cada hum dous escropulos, infundaõ-se em tres onças de cozimento commum, & ajunte-se à infusaõ diacatholicaõ tres oytavas, xarope Regio tres onças, faça-se bebida.* Ou se lhe dem estas pirolas. Receyta: *Massa de pirolas de fumaria huma oytava, de cochias meya oytava, de diagridio dous grãos, formẽ-se nove pirolas com xarope de fumaria.* E sendo pessoa difficultosa de purgar, & natureza robusta, darseha huma oytava de cáda massa das ditas pirolas, & aguçarsehaõ com tres grãos de diagridio.

E na materia das purgas se advirta que se misturará mais, ou menos quantidade daquelle medicamento purgativo, que responder ao humor, que mais peccar, v.g. se for mais a fleyma, misturaráõ agarico, ou diafenicaõ, ou dos mirabolanos chebulos. E se for mais a cholera, será mais o ruybarbo, ou dos mirabolanos citrinos, ou ajuntẽ xarope de rosas Alexãdrinas, ou canafistula, ou electuario rosado de Mesue: mas sempre haja medicamentos, q̃ respeytẽ a melancholia, porque sempre ha humores adustos como a confeyçaõ hamec, diacatholicaõ, & diasene. E se padecer mais a cabeça, ajuntem medicamentos, que a respeytem, como electuario rosado, ou de çumo de rosas, ou pirolas cochias; & se padecer mais o peyto, ajuntem agarico, ou diafenicaõ, & estando o figado fraco, ruybarbo, & se a madre, alefangina, & se as pernas, ou braços, hermodactiles, ou as pirolas delles, ou os mirabolanos, que tambem tem respeyto à cabeça, nervos, estomago, & figado, pela virtude, que tem de roborar, conforme diz Mesue.

Cap. p. 2

E se o corpo naõ ficar bastantemente evacuado com a purga, de-se mais outra, ou se dem apozemas, cujo exemplo fica no Capitulo proximo, & se pódem ajuntar à que nelle está receytada, tres oytavas de carthamo, & huma onça de polipodio, & alguns hermodactiles, se padecerem as pernas, ou braços.

Depois do corpo bem evacuado se pòde começar a cura com suores de páo de salsa, & quando naõ baste, faça-se a cura do azougue, que he muyto mais efficaz,

ficaz, conforme opiniaõ commua dos Authores, porèm porque a mais da gente a recusa, farseha primeyro a dos suores, como està dito; mas he necessario que seja mais a quantidade da salsa, ou páo, & haja mais dias de cura, & mayor numero de suores, que na primeyra, & segunda especie, & farsehaõ os cozimentos como està dito no Capitulo proximo passado, & diremos no seguinte, lançando em cada hum *de duas atè tres onças de salsa*, quando naõ houver mistura dos outros medicamentos, *ou de huma atè duas de páo da China*, *ou de seis atè dez de páo das Antilhas*, se a natureza do doente, ou o calor do figado, ou a destemperança quente do tempo, ou da regiaõ, ou naõ impedirem, porque havendo algum impedimento destes, se moderaráõ mais as quantidades; ainda que a cura se faça mais devagar. As mais particularidades, que ha de haver na cura, se diráõ abayxo.

ANNOTAÇOENS.

TErceyra especie. *Em toda a especie de gallico communicado à massa do sangue ha as mesmas indicações de extinguir o contagio, & de acodir aos danos, que produz; isto se ha de fazer com os remedios que propuzemos nas Annotações ao Capitulo antecedente, preferindo sempre o azougue, que he o contrario mais forte, & o antidoto mais efficaz deste contagio.*

E quando naõ baste. *Naõ approvamos esta doutrina do Author, em quanto só manda usar do azougue, quando naõ bastem os suores, & as varias curas, que primeyro aconselha para escusallo. Parecenos melhor usar do azougue logo, porque he remedio de mayor efficacia; & escusaõ os miseraveis doentes de estar experimentando outras curas sem utilidade, quando pódem logo ter saude em menos tempo, sem o fausto de huma estufa; & de outros remedios menos poderosos, & de mayor enfado, que o mercurio. Para que he estar contendendo com o gallico com remedios que elle muytas vezes despreza, quando temos hum a que ordinariamente cede, & com que sem duvida se extingue? Antes de haver tanto uso do azougue, poderia ter disculpa quem delle se naõ valesse; mas quando ha tantas experiencias da sua efficacissima virtude: & quando se sabe, que se administra sem dano: parece deslumbramento naõ valer logo do que he melhor, para acodir aos enfermos, a quem devemos curar com celeridade, com segurança, & com agrado, cousas que todas na cura do mercurio se conseguem.*

CAPITULO XVI.

Cura da quarta especie do morbo gallico.

COmo a quarta especie he mais grave, & difficultosa, assim por ser a mà qualidade mais intensa, & extensa pelo sugeyto, & estar impressa principalmente nas partes solidas, como pelos humores excrementicios serem mais crassos, mais rebeldes, & em mayor quantidade que nas outras, tambem he necessario, que os medicamentos, assim os preparantes, & purgativos, como alexipharmacos, sejaõ mais validos, pois conforme Hippocrates, a enfermidade grande pede grande remedio, & a extrema extremo.

1. aph. 6.

E porque he certo que nesta especie pecca pouco em sua quantidade o sangue, por estar jà transmutado nos outros humores: & tambẽ pecca pouco a cholera flava por estar jà convertida em atra, & os que mais peccaõ saõ os humores atrabiliosos, & fleumaticos, mais estes que aquelles, hora mais aquelles que

estes:

estes: he necessario que os medicamentos preparantes, & evacuantes sejaõ dirigidos a estes dous humores, que sempre nesta especie se achaõ juntos.

Prepararseha logo a melancholia com xarope de fumaria simplez (que a todas as especies he conveniente, & naõ he muyto forte, nem muyto debil em attenuar humores adustos) xarope de fumaria composto, xarope de pomis simplez, ou composto, & de epithimo, se a melancholia for mais crassa, & misturarseháõ com estes xaropes aguas de escorcioneyra, de lingua de vaca, de fumaria, de luparos, de escolopendria, que he a douradinha, & de tamargeyra: ou cozimento das mesmas ervas, misturando tres onças de agua, ou de cozimento a duas de xarope: v. g. Receyta: *Xarope de fumaria composto, & de pomis simplez, de cada hum sua onça, agua de luparos, & de fumaria de cada huma onça, & meya; misturem-se.* E se a compleyçaõ do doente, ou do tempo, ou a destemperança quente do figado naõ sofrerem xaropes taõ quentes, temperemse os outros mais brandos acima ditos na cura da primeyra especie, que tenhaõ respeyto ao mesmo humor, com *xarope de violas, de borragem de lingua de vaca, & aguas das mesmas ervas.*

A fleuma crassa se prepara com xarope acetoso, mel rosado, oximel, xarope de duas, ou de cinco raizes com vinagre, ou sem elle, xarope de bizantijs, de sthecadas, & de alcaçùs. As aguas, que se lhe misturaõ, saõ de avenca, & de funcho, de betonica, de salva, de rosmaninho, ou cozimento das mesmas cousas, ajuntando tambem passas de uvas, maçãs de anafega, & semelhantes. E havendo algum impediente, temperarscháõ estes xaropes com os mais brandos, como de avenca, & acetoso, ou com outro, que se accommode à cholera, como o de violas, ou almeyraõ.

E porque estes dous humores, a saber melancholia, & fleuma, se achaõ juntos nesta quarta especie, como jà dissémos, he necessario que os preparantes, que respeytaõ a cada hũ delles, se misturem, v.g. *xarope de avenca, & de fumaria, de cada hum sua onça, agua de funcho, & de lingua de vaca, de cada huma onça, & meya;* & se dominar mais a atrabilis, (como he ordinario) faça-se assim. Receyta: *Xarope de pomis, de fumaria, & de duas raizes, meya onça de cada hum, agua de fumaria duas onças, de funcho huma onça, misturem-se.*

No meyo destes xaropes tire-se algum sangue ao doente, se o permittirem as forças, lembrando com Mercado que aquelle, que naõ tiver forças para huma sangria, tambem lhe faltaõ para poder tomar suores, ou unturas em fórma, & assim por outra ordem se lhe dè remedio.

Lib. 1. de morb. gal. c. 9. post. princ.

Depois dos xaropes (que por seis, ou sete dias deve ter continuado o enfermo) se purgùe com medicamento que respeyte aos ditos dous humores, & para esse effeyto serve *huma atè duas oytavas de jalapa*, que nestes gallicos he muy propria, como nesta Cidade cada dia experimentamos. Em lugar della servem *duas oytavas de matalistе*, que he medicina mais branda, ou *de mechoacaõ*, que he mais fraco em purgar, & por isso usamos delle poucas vezes; ou da batata com que se purgaõ nas partes do Brasil, que eu tenho experimentado ter as virtudes da jalapa. E servem tambem os pòs do antimonio calcinado, & sublimado pela preparaçaõ de Quintilio, bem feyta, como a faz por extremo boa D. Joaõ de Castel-Branco, filho do Conde do Sabugal o velho, & irmaõ do que hoje he. Porèm se o antimonio se naõ prepara deste modo, he muy violento, & perigoso.

Tambem às vezes se purga com *os pòs de Joannes de Vigo lavados, mas he cura arriscada.* E as medicinas, que mais respeytaõ a melancholia, saõ a confeyçaõ

hamec ſimplez, & compoſta, o Diacatholicaõ, como adverte Maſaria, o electuario chamado diaſene, xarope de epithimo, de Rege Sabor, de Rey ordinario, pirolas de fumaria, pirolas Indas de lapide lazuli, hyera de Rufo. E dos ſimplices he o ſene o principal, que Antonio Muſa encomenda ſe miſture em todas as medicinas do morbo gallico, porque diz ter propriedade para evacuar eſtes humores. Saõ tambem accommodados polipodio, epithimo, mirabolanos Indos, lapis lazuli, que ainda que de alguns he reprovada por forte, com tudo ſe ſe prepara, & lava, como deve, fica medicamento conveniente.

Lib de ind pur. Lib.prop

Os que purgaõ fleuma, dos ſimplices ſaõ agarico, como carthomo, hermo dactiles, mirabolanos, chebulos, emblicos, & beliricos, turbit, & coloquintida, que por ſi ſó ſe naõ dará nunca, nem ſem boa preparaçaõ. Os compoſtos ſaõ diaſenicaõ, benedicta, hyera ſimplez, & compoſta, pirolas de hyera, aleſanginas de agarico, cochias, aggregativas, de hermodatiles, *ſine bubus*, *lucis*, *fetidas*, *ſtomaticas*.

E porque aos ditos dous humores ſe ha de ter ſempre reſpeyto, póde-ſe formar huma purga deſte modo. Receyta: *Sene duas oytavas, agarico trociſcado de freſco, & peſado antes de ſer trociſcado, huma oytava*, infundaõſe com huma pequena fervura em quatro onças de cozimento commum, & depois ſe coe, & ſe ajunte *Xarope Regis Sabor, ou de Rey ordinario, tres onças para huma bebida.* Ou ſe fará eſta. Receyta: *Confeyçaõ hamec compoſta tres oytavas, diaſenicaõ duas oytavas, Xarope Regio duas onças, cozimento commum com polypodio, & ſene, quanto baſte, faça-ſe bebida*: notando que ſe for peſſoa fraca, ou facil em purgar, naõ ſe lhe dè ſenaõ ametade da quantidade dos ditos dous electuarios. Ou ſe dem eſtas pirolas. Receyta: *Maſſa de pirolas aggregativas, & de fumaria, de cada huma ſua oytava, diagridio grãos dous, com xarope de fumaria ſe formem nove pirolas.* E ſe padecer mais a cabeça, & juntamente as pernas, & braços, façaõ-ſe aſſim. Rec. *Pirolas cochias, & de hermodatiles, de cada huma ſua oytava, façaõ-ſe nove com o meſmo xarope, ou com confeyçaõ hamec, & ajuntemlhe dous, ou tres grãos de diagridio*, principalmente ſe a natureza naõ for facil em purgar.

Se for neceſſario mais evacuaçaõ, purgueſe o doente ſegunda vez, ou tome alguns dias as ditas pirolas de regimento, ou ſe lhe ordenem apozemas, que ſe pòdem fazer como a ſeguinte.

Tomem ſalſa parrilha duas onças, polipodio onça, & meya, paſſas de uvas huma maõchea, ameyxas paſſadas duas duzias, maçãs de anafega huma duzia, alcaçùs meya onça, raizes, & folhas de borragem, & almeyraõ, de cada hum ſua maõchea, agrimonia, & avenca, de cada huma meya maõchea, flores cordeaes meya onça, ſementes frias mayores ſeis oytavas, caſcas de mirabolanos chebulos, & Indos, de cada hum tres oytavas, carthamo machucado duas oytavas, turbit huma oytava, folhas de ſene ſeis oytavas, faça-ſe cozimento, ſegundo arte, que fique em quartilho, & meyo, & ajunte-ſe aſſucar, o que baſte para ſer doce, & faça-ſe apozema, da qual tome o doente cada manhã meyo quartilho, ou quatro, ou cinco onças, conforme purgar, & tome-a hum dia entre outro, ou continuados, ſegundo a evacuaçaõ, & as forças. Mas ſendo o enfermo fraco, ou muyto eſquentado do figado, façaſelhe outra apozema mais branda, & mais freſca, cuja receyta fica no Capitulo antecedente, ou outra que abayxo diremos.

Depois do corpo bem evacuado entre o doente em ſuores de ſalſa, & páo miſturados, & naõ baſtando os ſuores, tome *unturas de mercurio*. Para os ſuores ſe deve cozer mayor quantidade de ſalſa, ou de páo, que nas eſpecies antecedentes, & deve eſtar de molho vinte, & quatro horas. E por tanto ſe cozeráõ

duas

duas onças de Guayacaõ, ou meya onça de China, em tres canadas de agua que se gastem duas, & fique huma, tornando a cozer os mesmos em cinco canadas que fiquem quatro, ou menos, para beber de ordinario. Porèm isto entende-se naõ havendo demasiado calor de figado, ou naõ sendo a compleyçaõ total do doente muyto calida, ou o tempo de estio: porque havendo estes impedientes, diminuirsehaõ as quantidades do páo, & salsa, & ajuntaràõ ao cozimento cevada, ou se fará em agua de almeyraõ, ou semelhante. As mais particularidades diremos abayxo. Cura-se tambem esta quarta especie *com o vinho santo, & com apozema de Dom Fernando, & com a salsa de jarrilhos*, das quaes cousas trataremos as receytas em outro Capitulo.

E porque muytas vezes naõ sáraõ os enfermos sómente com a salsa, ou páo, por tanto seria melhor darlhes sempre a cura do azougue, se a quizerem tomar. Pelo que obedecendo o doente lhe daráõ suas *unturas ordinarias; ou se lhe applicaràõ os emplastos de azougue, ou os fumos de cinabrio, ou se lhe darà pela boca o azougue preparado como convem*, de que tudo abayxo trataremos.

E lembro *que chegando a ser febricitantes, ou tabidos os desta especie, que se và muyto a tento na exhibiçaõ dos medicamentos purgantes, suores, ou unturas, & nas quantidades da salsa, ou páo*, pelo perigo, que ha de se intenderem as febres, & de faltarem as forças, & se ordenará a cura como diremos em seus Capitulos.

Advirto mais que he taõ difficultosa a cura do morbo gallico desta especie, que *muytas vezes não obedece à primeyra, & he necessario fazer outra, & outra*, & assim convem que passando alguns dias, em que o doente se reforme das forças, sentindo que fica com achaques notaveis, se torne a curar, *& se a cura precedente foy de azougue, far-selheha a outra de salsa, ou páo*, dados em suores, ou em apozemas, ou em conservas, ou em pòs, & continuados por tanto espaço de tempo, que possaõ consumir todas as reliquias, que ficàraõ. E pelo contrario *se a primeyra cura se fez com estas medicinas, a segunda se farà com azougue*, porque sempre obra melhor sendo medicamento diverso, como a experiencia muytas vezes tem mostrado, pois conforme à regra commuà da Filosofia, *A consuetus non fit passio.*

ANNOTAÇOENS.

MAis grave, & difficultosa. *A quarta especie do gallico, indo pela divisaõ do Author, he mais grave; & mais difficultosa de curar, que todas as outras; porque nella està a massa do sangue mais altamente viciada, com o acido venereo, de que resulta haver no corpo varias coagulaçoens, & estagnações do sangue, & da lympha, como attestaõ as talparias, & gomas, que estes gallicados padecem; & por isto devemos recorrer logo ao azougue para curallos; porque só elle chega a extinguir todo o fermento contagioso, que vicía o sangue, deyxando este purificado, & reduzido à melhor symmetria.*

Pecca pouco em sua quantidade o sangue. *Nesta especie diz o Author, que ha pouca quantidade de sangue, porque o contagio tem transmutado em outros humores. Mas o fermento contagioso naõ pòde diminuir a quantidade do sangue; poderà destruirlhe a natureza, viciallo, & corrompello, mas diminuillo, isto não pòde fazer o gallico; & sempre vem a ficar o mesmo sangue, ou atrabilioso, ou cholerico, ou fleymatico, cujos vicios se emendaõ com as curas alexipharmacas, especialmente mercuriaes.*

Tire-se algum sangue. *Nos gallicados desta graduação he escusado sangrallos para os curar; porque como o sangue està taõ viciado, ha poucos espiritos para sofrer as sangrias, & devemos conservallos, para naõ perder as forças; que como disse Vallesio,*

sio, 1. *nas naturezas debilitadas nenhumas curas aproveytaõ, por mais efficazes que sejaõ os remedios:* Nullus morbus (*saõ as suas palavras*) potest perfectè sanari ope solius Artis, sed necesse est ut natura sanitatem ægrotantis perficiat.

1. Vallesl.

Se purgue. *O purgar exactamente he muy necessario para chegar ao uso dos alexipharmacos, principalmente sendo azougue: porque este medicamento move muyto os humores, & se achar muytos que mover, teràõ os doentes grandes trabalhos que passar, ou por ser a salivaçaõ molesta; ou por haver cursos muy profusos, ou por sobrevirem outros danos, segundo as partes para onde se encaminharem os humores que mover o azougue. E ainda que a cura se não haja de fazer com azougue, sempre he conveniente que precedaõ exactas evacuações aos alexiparmacos; porque com os humores que se evacuaõ, sahem muytas particulas do fermento contagioso, & custa menos a extinguir o que fica no corpo. O Author purga com jalapa; mas naõ tendo menos virtude o seu extracto, ou resina, antes se deve dar esta, porque se toma còm mais facilidade, ou em pó, ou reduzida a pirolas, ou desfeyta em huma amendoada, na quantidade de doze grãos, com outros tantos de diagridio de Paracelso. Os pòs de Cornachino saõ muyto bons para estes casos, & os mais purgantes, de que fizemos mençaõ nas Annotações ao* Capitulo XIV. *em que preferimos o mercurio Calomelanos com diagridio.*

Com os pòs de Joannes de Vigo. *Ainda que os pòs de Vigo sejaõ mercuriaes, razaõ para terem bom lugar nestes casos, naõ os admittimos para purgar com elles; porque saõ corrosivos, & pòdem fazer mayor dano, que utilidade. E ainda que se tenhaõ usado sem offensa: isto todavia naõ se deve imitar, pelo perigo que pòde acontecer. Jà nòs vimos que hum Chymico purgava alguns doentes com solimaõ, sem resultar dano do seu uso; mas nem por isto dizemos que alguem se purgue com elle. Os medicamentos acres, & corrosivos fazemse purgantes vellicando as fibras do estomago, & obrigando a natureza a que irritada rompa em vomitos, & em cursos, com as quaes evacuações sahem tambem os mesmos medicamentos, cessando a sua irritaçaõ, & suspendendo-se os seus movimentos. Mas pòde succeder que algumas particulas dos taes medicamentos se fixem nas fibras do estomago, & que sejaõ causa de convulsoens, de vomitos incompesciveis, & de cursos precipitados; ou que corroendo algumas partes, promovaõ hum froxo de sangue, ou façaõ outros muytos danos que pòdem fazer. Quem quizer purgar com medicamentos mercuriaes, que nos gallicados saõ os purgantes mais proprios que se pòdem usar: ahi tem o mercurio Calomelanos, ou o mercurio doce, ou branco precipitado, que se pòde receytar nesta forma.*

Tomem de Calomelanos turquetos vinte grãos, de resina de jalapa dez grãos, de diagridio sulphurado seis grãos de tartaro vitriolado quatro grãos, de emulsaõ de sementes frias mayores duas onças; misturem-se, & desfaça-se tudo bem.

Tomem de mercurio branco precipitado, & de diagridio de Paracelso, de cada cousa dez grãos; misturem-se feytos em pó, & tomem-se em huma amendoada de pevides de melaõ, & melancia; ou se façaõ pirolas com alquitira.

Febricitantes, ou tabidos. *Nos hecticos, & tabidos gallicados ordinariamente saõ inuteis todas as curas que se naõ fazem com os alexipharmacos deste contagio; & curaõ-se melhor com suores de salsa, do que com leyte de burra, & xaropes de frangãos; ainda que se componhaõ de salsa, & dos mais antidotos vegetaveis que regularmente ficaõ frustrados quando o gallico està altamente radicado, & nestes termos, muyto melhor que os suores aproveyta o azougue, ou pela boca, ou em unturas brandas, como muytas vezes temos observado, com feliz successo; sobre o que se vejaõ as observações que escrevemos no* Capitulo X. do Tratado do uso do azougue nos casos em que he prohibido, *o qual se acha na nossa Medicina Lusitana.*

Se a cura precedente. *Quando o gallico se naõ extingue com huma cura, he preciso*

so fazer outra; & adverte Madeyra, que se não tente a segunda com os medicamentos de que se usou na primeyra; & que sendo esta feyta com azougue, se faça a segunda com salsa. No que dizemos, que se a primeyra se fizer com salsa, & com os mais antidotos vegetantes, & o doente não ficar bem curado, se faça segunda cura com mercurio, que he só o medicamento, que doma este veneno, & que finalmente extingue todos os seus seminarios. E se feyta a primeyra cura com azougue melhorar o doente, & não ficar totalmente saõ, torne a repetirse cura mercurial, ou tomando panacéas pela boca, ou usando de unturas de azougue, que saõ mais efficazes; porque em todos os achaques ha casos, que com as primeyras curas se não vencem, & repetindo-as, se chegaõ a superar. E se succeder que com as curas de azougue se aggravem mais as queyxas, ou se offendão os doentes com outros danos; neste caso, recorra-se aos alexipharmacos vegetantes; & depois de se moderarem com elles os males que padecem os gallicados, tome-se com largos intervallos alguma porção de mercurio, para extinguir os seminarios do contagio; porque isto só o mercurio o faz, & com nenhum dos outros alexipharmacos se póde conseguir.

CAPITULO XVII.

Do Guayacão, ou páo das Antilhas, & páo santo.

Numero 1.

QUatro saõ principalmente os verdadeyros alexipharmacos, que a experiencia tem descuberto para a cura do morbo gallico, a saber, *azougue, páo guaycão, salsa parrilha, raiz da China.* O azougue he de todos o mais efficaz, mas cura com grande violencia: os outros tres se poem, em primeyro lugar o guayacaõ, no segundo a salsa parrilha, & no terceyro a raiz da China. De todos elles trataremos em particular, declarando de cada hum o que seja, as condições, que lhe convem para se escolher, as qualidades manifestas, as occultas, & o uso conveniente para a cura, ou preservaçaõ das enfermidades. Começando pelo guayacaõ.

Ha de guayacão duas especies, conforme diz Gonçalo Fernandes de Oviedo, *huma dellas não tem diverso nome do genero, & se chama tambem guayacão*, & he huma arvore (conforme elle escreve) taõ grande como huma nogueyra, & tem folhas como de castanheyro, hum pouco mais pequenas, & mais verdes, a casca fusca, & malhada com humas rosas declinantes a verde a modo das que ha nos cavallos rosados: o fruto de cor amarella, & de feyçaõ de dous tremoços pegados hum no outro, o páo muyto duro, & pesado, de coraçaõ grande, & negro, & no demais subalbido com linhas negras entrepostas.

Lib. 10. de la hist. nat. de las Ind. sect. 1. c. 2. & no summar. c. 86.

Monardes o descreve dizendo, que he huma arvore do tamanho de huma azinheyra, & que lança muytos ramos, cuja casca he grossa, gomosa, & se despega por si depois de seca, o coraçaõ do páo grande, tirante a negro, muyto mais duro que o Evano, a folha pequena, & dura: lança cada anno humas flores amarellas, das quaes se gera hum fruto redondo, & maciço com humas pevides dentro do tamanho dos caroços das nesperas, & ha grande abundancia destas arvores na Ilha de Santo Domingo.

1. part. prop.

Depois deste guayacaõ se achou na Ilha de Saõ Joaõ de Porto Rico, *a outra especie delle chamada pão santo*, pelos seus effeytos taõ excellentes, que parecem milagrosos, o qual conforme o mesmo Monardes, he huma arvore mais pequena, que tem o tronco, & ramos mais delgados, & quasi naõ tem coraçaõ, se-

Loc. cit.

naõ he algum pequeno, que ſe acha ſómente no tronco, onde o páo he mais groſſo. E Pena o deſcreve, dizendo, que he huma arvore como freyxo, menor hum pouco; a caſca da meſma cor, as folhas como de tanchagem, mas mais groſſas, mais pingues, & menores, o fruto tamanho como huma nòz. Accreſcenta Fallopio, que tem humas flores amarellas, a caſca cinzenta por fóra, & por dentro fuſca. E todos conformaõ em que he mais aromatico, mais acre, amargoſo, & pingue, que o guayacaõ. O meſmo Pena lhe chama tambem Palma Santa, & diz q̃ huns marinheyros Inglezes lhe moſtráraõ hum ramo delle direyto com folhas como de cidra; mas carnoſa, calva, mais larga, & mais curta que o do louro, & que na ponta do ramo havia huns folhelhos pallidos, como de couro, redondos, & cerceados do tamanho de huma moeda de ouro Franceza, dentro dos quaes eſtava huma ſemente da figura, & cor de huma lentilha, porèm mais chata, & amargoſa. De outras eſpecies faz mençaõ Ruí Dias, porque diz ſerem ſete, mas pouco differentes humas das outras, entre as quaes ſe chama huma *mapanan*, que ſignifica *páo da ſaude*, o qual faz ſua obra mais preſto, poſto que ſe naõ tem por taõ fixa.

Lib. de morb gal cap. 9.

He eſte *guayacaõ* nome Indio, *que ſignifica páo Caſto*, ſegundo nota Ruí Dias de la Isla. E por vir eſte páo daquellas partes lhe chamàraõ tambem *lignum Indicum*, ou *páo das Indias*, ou *das Antilhas*. Achouſe a primeyra vez na Ilha Hiſpana, ou Eſpanhola, & depois ſe deſcobrio a outra eſpecie delle, que chamaõ páo ſanto, na Ilha Boriquem, (conforme Oviedo) que hoje ſe chama S. Joaõ de Porto Rico.

Loc. cit. n. dizen.

Loc. cit.

Numero 2.

Eleyçaõ do guayacão, & páo ſanto.

Lib. 1. de lign. ſáct. cap. 3. Tract. de morb. gal c. 39. 1. de generat. c. 3. & 57.

HA-ſe de eſcolher (ſegundo Alfonſo Ferreo, & Fallopio) o páo da arvore, que naõ ſeja muyto velha, nem muyto nova, porque ainda naõ tem acquirido a devida perfeyçaõ, & aquella, conforme Ariſtoteles, pela corrupçaõ a vay perdendo. Conhecerſeha ſer de arvore velha, porque o páo deſta tem a caſca muyto groſſa, pouco amargor, pouca acrimonia, & he menos pingue, & menos cheyroſo, & com iſto he o tronco muyto groſſo. E pelo contrario a nova ſe conhece, porque o tronco he delgado, & ao goſto mais amargo, & acre, & tambem mais aromatico. Os quaes ſinaes convem aſſim ao guayacaõ, como ao páo ſanto, com tanto que ſe entenda que ao ſanto convem particularmente em ſua proporçaõ ſer mais pingue, mais acre, mais amargo, & mais odorifero que o guayacaõ como conſta dos Authores allegados.

Loc. cit.

A terra em que naſce naõ faz tambem pouco à bondade do páo, porque como venha de varias Ilhas, como da de Santo Domingo, Santa Cruz, & Saõ Joaõ de Porto Rico, o deſta, ſegundo Alfonſo Ferreo, he o melhor de todos por duas cauſas; a primeyra, porque diſta da linha oyto graos mais que as outras; a ſegunda, porque he terra de mais fontes, & rios, as quaes condiçóes, como faltem nas outras, ſaõ occaſiaõ de ſer a terra mais calida, & ſeca, & de produzirem as arvores mais privadas da humidade pingue alimenticia, na qual principalmente conſiſte a principal propriedade da planta, como tem Fallopio.

Cap. 43.

A melhor parte deſtas plantas, cõforme os ditos Authores, ſaõ os ramos tenros, & as raizes, o que ſe moſtra, porque alèm dos outros effeytos tem virtude purgativa; & o confirma a experiencia, porque os Naturaes da terra achaõ melhores ſucceſſos do uſo deſtas partes, como notou Oviedo. Porèm como facilmente-

Loc. cit.

te-

te se secaõ, & corrompem, convem-nos eleger do que a estas partes nos chega, o páo dos troncos mais grossos, (como o naõ sejaõ tanto, que mostrem ser de arvore muyto velha) porque resistem mais às cousas corrompentes, & nelles se conserva mais a virtude. E por tanto he necessario que o páo antes seja cortado de pouco tempo, que antigo, & se púder ser, encomenda Alfonso Ferreo, que naõ passe de hum anno; & do guayacaõ dizem Mercado, & Rui Dias, que a melhor parte he o coraçaõ negro.

Cap. 1. Lib. de morb. gal c. 10. Lib. de morb. serp. c. 10 Cap. 16.

Da casca ha duvida se he melhor: & resolve Eustachio Rudio que na materia do desecar he mais efficaz, porêm na propriedade occulta alexipharmaca, com que extirpa a qualidade gallica, & em provocar suor, & engordar, naõ tem tanta efficacia como o páo: & por tanto naõ usaõ os Indios della, antes lha tiraõ, como diz Rui Dias. He porêm melhor aquelle, que a traz, que o que vem esfolado, ou privado de sua capa natural, como de ordinario acontece, porque imaginando a gente que a casca tinha mais virtude, dava mais dinheyro por ella, & por tanto lha tiravaõ logo là os Indios, para se vender apartada.

Lib 5. de morb. ven. A casca lhe c nserva a virtude. Fab. c. 39.

Deve-se logo escolher o páo grosso naõ demasiadamente, & sendo o guayacaõ, tenha coraçaõ muy grande, como diz Ruí Dias de la Isla, & qualquer delles traga sua casca, a qual venha taõ pegada, que nem com ferro se lhe possa apartar, porque a que se despega facilmente, mostra ser o páo marcado, como diz Fallopio; & cortandolhe alguma cavaquinha, ha-selhe de perceber algum cheyro, aliás he velho, & corrupto; & ao cortar ha-se de mostrar pingue de modo, que a ferramenta fique untada, & metendo a cavaca na boca ha de fazer mordicaçaõ logo na garganta, & depois hum amargor, & limando-se, ou serrando-se, ha de ficar muy liso, & cheyo, porque se deyxar alguns buraquinhos, he pessimo. Ha de ser muyto pesado, & naõ ha de ter parte branca, que não decline a fusca; & as veas naõ sejaõ totalmente pretas, senaõ verdenegras, & depois de limado, & cozido ha de deyxar o cozimento muyto turvo, amargoso, & acre. Todos estes sinaes requere Fallopio.

Cap. 44. Loc. cit.

A casca (diz o mesmo Author) naõ seja de páo delgado, que se conhece logo, porque he estreyto o canal, & será grossa, muyto dura, & na superficie interna seja da cor como negra, & cinzenta em partes, & partindose pareça negra, naõ tanto como o Evano. *E adverte Fallopio, que às vezes trazem huma casca de outra arvore, & a vendem por de guayacão, a qual faz os homens tisicos, & os mata:* & porque se parece com a legitima, naõ tem outra differença por onde o engano se conheça mais que por ser estreyta, que parece ser tirado de páo, que teria sómente dous dedos de grossura: por tanto quem quizer curar os seus doentes sem perigo, nunca lhes dê cascas, que naõ sejaõ de ramo grosso.

Numero 3.

Qualidades manifestas, & occultas do guayacão, & pào santo.

SAõ estas duas especies de guayacaõ quentes, & secas no grao segundo, conforme diz Alfonso Ferreo. Posto que o contrario tenha Alcaçar onde diz, que he temperado, enganando-se, porque às vezes tirando a causa calefaciente, refrigèra. Ambas as especies tem virtude alexipharmaca efficacissima contra a qualidade gallica, & contra todos os outros venenos, como Diz Ruí Dias de la Isla, & parece sentir Holerio. Porêm no que toca a curar as outras enfermidades quenaõ saõ gallicas, he muyto melhor o páo santo, porque como he mais

Lib. 1. c. 4. Tract. de morb. gal. c. 41. 1. p. cap. prop.

amargoſo, & mais acre, tem mayor efficacia em atenuar, & reſolver os humores craſſos, em abrir os póros, & desfazer quaeſquer opilações, do que o guayacão. E por iſſo diz Monardes que cura hydropeſia, parleſia, gotta coral, mal de rins, & bexiga, & todas as dores, & payxões das juntas, ventoſidades, enfermidades largas, & importunas, & finalmente todas aquellas, que dependem de humores frios, & naõ obedecem a outros remedios. E diz Fallopio, que o vio aproveytar em optalmias, & fluxaõ de lagrimas lavãdo-ſe os olhos com ſeu cozimento, que tambem firma, & branquea os dentes admiravelmente, conforme Monardes; & conforta o eſtomago, & deſopila o figado, ſegundo Rui Dias; & he tanta a virtude que tem de roborar todos os membros naturaes, & de tal modo os deyxa confortados, que naõ pòde haver recahida ſenaõ de muy grande cauſa, como diz Nicolao Maſſa. E ſerve a outras muytas enfermidades applicado de varios modos, de que *ad extenſum* trata Alfonſo Ferreo, & por ſer deſecativo, mandaõ commummente os Authores, que com o meſmo cozimento ſe lavem as chagas gallicas, porque maravilhoſamente as mundifica, & deſeca. E por ter muyta humidade pingue alimentoſa, he ordinario engordarem aquelles, que delle uſaõ, como diz Fallopio, & por razaõ da meſma provoca ſono, como affirma Isla.

Lib. 4 c. 8. Lib. de morb. ſerp. c. 10 Loc. cit. Lib. de morb. gal. c. 7. c. 11. ad fin. Lib. prop. loc. cit.

He eſte pào de ſubſtancia muy dura, & ſolida, & por tanto, conforme as regras de Meſue, he neceſſario que ſeja cortado muyto miudo, que eſteja muyto tempo de infuſaõ, & que ferva muy grande eſpaço. O que ſe prova pela experiencia, porque diz Nicolao Maſſa *que hum homem pobre cozera huma libra de pào doze vezes, por não ter dinheyro para o comprar novo, & que ſempre deyxàra tanta virtude no cozimento, que baſtàra para lhe dar ſaude perfeyta.* O que confirma Horta, que diz que havendo falta delle na India ſe vendèra o páo já cozido a cinco cruzados a libra, & que com ſer aſſim aproveytava, ſárando perfeytamente os doentes.

Lib. can. Lib. de morb. tr. 3. c. 9. Colloq. 47.

E poſto que guayacaõ, & páo ſanto tenha igual qualidade alexipharmaca para curar morbo gallico, com tudo *ſempre o Santo ha de ſer preferido*, pois he mais efficaz nas outras qualidades, com que os humores ſe preparaõ, cozem, & reſolvem; obras, que muyto ajudaõ para a perfeyçaõ da cura, conforme ao que diſſe Galeno: *Si medicamentum duas habet qualitates, & poteſtates, valentiùs operabitur. Se o mèdicamento tiver duas qualidades, & faculdades, obrarà com mais efficacia.* Aſſim que naõ ſómente para o morbo gallico, mas tambem para as mais enfermidades manifeſtas he muyto melhor o páo ſanto que o guayacaõ, conforme eſtà moſtrado.

Lib. artis med. c. 93.

As flores, & o çumo das folhas de hum, & outro páo tem virtude purgativa, como nota Fallopio, & por eſta razaõ, diz elle, aquelles que com o çumo ſe curaõ melhor, & mais em breve ſáraõ.

Cap. 43.

Numero 4.

Uſo conveniente do guayacaõ, & pào ſanto.

A'Cerca do conveniente uſo deſtes medicamentos ſe ha de guardar a regra geral de Galeno, que he ſaber a quantidade, que delle ſe ha de dar, de que modo, quando, & onde ſe applica. Deſte ultimo naõ ha que advertir, pois he certo dar-ſe pela boca. Do tempo tambem conſta que ſe ha de dar depois do corpo evacuado com ſangria, & purga, como ſe coſtuma em ſemelhantes medicamentos,

1. ad Galen. c. 1.

camentos, & se ha de elleger o mais temperado do anno, que he a Primavera, & Outono, dando a doença lugar para que por este tempo se espere; porèm apertando, quero dizer, havendo perigo, ou de morte, ou de grande dano pela tardança, em qualquer tempo do anno se deve curar o doente, ou seja no rigor das calmas do Estio, ou dos frios do Inverno. Da hora em que se ha de dar variaõ os Authores: porèm naõ ha duvida que sempre para o xarope forte, com que se usa, se ha de eleger aquella, em que o estomago esteja vasio. E se se toma hum só, basta o de pela manhã, & se dous, ha se de dar o da tarde depois de feyta a digestaõ do mantimento do estomago, que saõ sete horas nos estomagos ordinarios; mas porq̃ alguns cozem muyto em breve o mantimento, nestes bastaõ cinco, ou seis; & nos que cozem muyto devagar, saõ necessarias oyto, ou nove depois do jantar, para lhe dar o xarope da tarde. Colhese isto de Vessalio, Monardes, Eustachio, Fallopio, & dos mais Authores. Depois de tomado o xarope pódem comer dahi a duas, ou tres horas.

In epist. rad. China. cap. prop.

Na quantidade variaõ os Authores; porèm diz Eustachio Rudio, que dandose em cozimento se lançaràõ a tres canada de agua, de tres atè doze onças de páo limado, que esteja de infusaõ nella espaço de vinte, & quatro horas, & depois se coza na mesma agua, que das tres canadas se gastem duas, & fique huma; advertindo que sendo o mal antigo, ou aliàs rebelde, naõ sendo o doente muyto calido de figado, nem do temperamento universal do corpo, nem o tempo de estio, nem havendo febre, se lancem todas as doze onças; porèm havendo o contrario disto, se diminuirà a quantidade, conforme a diminuiçaõ das ditas circunstancias. E o ordinario que hoje damos às ditas tres canadas, saõ seis onças de páo limado, ou feyto em cavaquinhas muyto miudas, que depois de estar nellas de molho vinte, & quatro horas fervaõ atè se gastarem as duas canadas. E deste cozimento damos ao doente de oyto atè dez onças para que com ellas sue. Mas adverte Fallopio, que sendo menino se dem de quatro atè seis onças, sendo estomago robusto se dem oyto, ou nove, sendo robustissimo doze, & que pela manhã porque o estomago està mais valido por razaõ do sono, que precedeo, & tambem mais despejado; deve ser mayor a quantidade do xarope, que à tarde pelas contrarias razões.

Lib. 5. de morb. ven. cap. 18. Tract. de morb. gal. cap. 53 Lib. 5. c. 1.

Tract. de morb. gal. c. 51.

Os Indios, conforme nota Rui Dias de la Isla, coziaõ duas onças de páo fresco em dous quartilhos de agua, de que se gastavaõ tres partes, & ficava meyo quartilho, que tomavaõ de huma vez; & porque o páo nos chega com menos virtude, manda este Author que se faça com duas onças, & meya. O qual modo he excellente para arrancar boubas velhas, se naõ houver destemperança demasiadamente calida do figado, ou outro impedimento.

Lib. de morb. serp. c. 10 regl. 8.

E adverte Eustachio Rudio que nos primeyros dias se faça o cozimento menos forte, naõ deyxando minguar mais que ametade, porque de começarem os doentes logo com o mais efficaz, succede sobreviremlhes febres, & outros inconvenientes, que impedem a continuação da cura. E por tanto tem por mais seguro costumallos no principio com medicamento mais brando, depois irem-no accrescentando.

O dito cozimento provoca suor aos doentes, cobrindo-os bem com a roupa, ou dandolhes huns bafos de cozimento de ervas, como de marcella, coroa de Rey, folhas de larangeyra, de louro, erva cidreyra, salva, betonica, ouregãos, rosmaninho, poeyjos, & semelhantes, de que se faz o cozimento em agua, & sobre elle bem quente se assenta o doente (tendo bebido o xarope de páo) debayxo de hum lençol, ficandolhe a cabeça de fóra (& recebendo alli aquelles vapo-

res, sua copiosamente.) E este modo louva muyto Eustachio Rudio, porêm porque he hum tanto enfadonho, he muyto melhor o da estufa que hoje se costuma. O de roupa abafando-se o doente na cama he mais trabalhoso, & de menos utilidade, porque naõ sendo a pessoa facil em suar, muy pouco, ou nenhum suor se provocá. Usaõ tambem alguns de cabaças de agua quente postas debayxo dos sovacos, & verilhas para com mais efficacia provocar suor. O qual modo tambem serve: porèm advirta-se nelle naõ succeda ser a agua taõ quente, que escalde os doentes, como jà tenho visto. E posto que Alexandre Massaria tem para sy que naõ se ha de usar de artificio para se haver de suar, entendendo que basta beber agua do medicamento sudorifico, engana-se com tudo; porque a quotidiana experiencia tem mostrado ser raro o provocarse suor sem artificio.

Lib. de morb. gal.

Costumaõ-se dar ao doente dous suores cada dia, & continuar quinze, oú vinte; porèm não pòde haver regra geral nesta materia, porque ha pessoas fracas, em que he necessario descançar algum dia, ou darlhes hum sómente pela manhã, ou à tarde: na qual de ordinario succede ser o suor mais copioso, oú pelos humores estarem mais quentes, derretidos, & dispostos com o calor do dia, ou porque os gallicos se movem mais naquella hora. Tambem a mayor, ou menor intensaõ do mal faz variedade nesta materia, porque ha gallicado, a que bastaõ nove dias de suores, & outro a que naõ bastarâõ trinta. Conhecerseha que bastaõ, pela ausencia dos symptomas, porque se as chagas sáraõ, se as dores se tiraõ, se os tumores se desfazem de todo, he final que se acabou o contagio; mas se persevéraõ, he certo que dura, & que hè necessario continuar com a cura. E diz Fallopio, que se das chagas ficarem humas cicatrizes callosas, ou perseverar a gonorrhea purulenta, recahirà o doente, & por tanto que se continue a cura atè se isto extinguir, & senão se puder continuar suando, cõtinuese com os xaropes do páo sem suar, & passados os quarenta dias bastarlheha tomar hũ sómente cada manhã. E nota Ruí Dias de la Isla, que os menos dias, em que póde bastar, saõ nove, & os mais trinta, mas que de ordinario bastaõ vinte. Era este Author muy experimentado, & devesélhe grande credito nesta materia.

Tr. de morb. gal. c. 51.

Loc. cit. c. 10.

Sem provocar suores se póde tambem dar o dito cozimento a pessoas occupadas, ou que naõ tem forças para aguardar o rigor dos suores. Pelo que a estes convem darse o cozimento feyto pela ordem acima, manhã, & tarde, & beberem agua de segundo cozimento, & continuando vinte, ou trinta dias pòdem sarar perfeytamente. Porèm note-se que muyto melhor he a cura, que se faz por suores, porque eradica com mayor perfeyçaõ a qualidade gallica, como a experiencia tem mostrado, & nota Rudio; cuja causa he, porque pelo suor se evacuaõ os excrementos da terceyra digestaõ, que ha em todo o corpo, principalmente no ambito delle como nota Galeno. E como por esta via se expurgaõ os que em sy contem a qualidade gallica, com mais facilidade sára, & mais seguro fica o doente de recahida, que o que Galeno encomenda se faça para segurança da cura. Mas este ponto tratarêmos largamente na segunda parte.

Lib. 5. de morb. gal. cap. 11. 4. de san. cap. 4. 14. met. cap. 13 quæst. 26.

Alèm do cozimento ordinaro, que em agua se faz, ha outros, que se fazem em vinho, em soro, em aguas destilladas, ou em caldo de carne, cuja ordem abayxo declararêmos: & destes saõ huns simplices, porque naõ contem mais que o páo, & licor em que se cozem; outros compostos, porque se lhes ajuntaõ outros varios simplices, que ou temperaõ, ou accrecentaõ as qualidades do páo, ou respeytaõ a certas enfermidades, & membros do corpo, como tambem abayxo dirêmos.

Ha demais disto outros varios modos de dar este medicamento, porque se dà

dà em pós, em conſervas, em talhadas, em pirolas, em trociſcos, em xaropes, ou em apozemas, como abayxo ſe dirá dos que ſe fazem da ſalſa parrilha, & raiz da China.

Advırta-ſe porèm que naõ he muyto conveniente pôr eſte páo em ſubſtancia, por ſer neceſſaria grande quantidade delle, ſalvo for miſturado com os outros alexiparmacos, de que menor quantidade baſte. He com tudo muy accommodado para cozimentos, & xaropes, conforme eſtà dito.

E dos xaropes ſerá bom exemplo eſte de Ruí Dias de la Isla. Tomem de páo ſanto, ou guayacaõ huma libra, & limado ſe infunda vinte, & quatro horas em quatro canadas de agua, na qual ferva atè ficarem ſómente tres quartilhos, & coados ſe lhe ajunte hum arratel de aſſucar fino, & com elle torne a ferver atè que tome ponto de xarope. Serve para os febricitantes de quarta eſpecie de morbo gallico, & para todo o gallico antigo darſehaõ de cada vez pela manhã tres onças, à tarde duas bayxadas de ponto com agua ſimplez do meſmo páo, ou com outra conveniente, & ſe naõ houver febre, nem deſtemperança quente que o impida, pòdem accreſcentar ao cozimento huma oytava de eſpicanardi, & depois miſturar com o aſſucar meyo quartilho de mel, & deſte modo mitigará melhor as dores, & reſolverá os tumores gallicos perfeytamente, porèm ha-ſe de continuar trinta, ou quarenta dias.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

AZougue. *Do azougue diz Madeyra, que he o mais efficaz de todos os alexipharmaços do gallico, mas que cura com grande violencia. E aſſim como he certo, que o azougue tem entre todos os alexıpharmacos deſte contagio mayor virtude para extinguillo: aſſim he falſo o curar com grande violencia. Não duvidamos que ſe o azougue ſe não preparar bem, & ſe não ſe ſouber adminiſtrar com arte, & com prudencia, que fará effeytos de violencia, & de braveza. Mas dulcificando-ſe bem, & uſando-ſe prudencialmente, taõ fóra eſtà de curar com violencia, que cura com a mayor ſuavidade; ficando hum remedio taõ benigno, que atrevidamente ſe uſa nos meninos lactantes, em mulheres prenhadas, & em toda a natureza, ſem que ſe experimentem os incommodos da ſua violencia, depoſta na preparação com que ſe doma, & na arte com que ſe uſa. Muyto mayor violencia he a com que ſe ſua dentro de huma eſtufa, do que aquella com que ſe curaõ os gallicados, andando de pé, & ſahindo de caſa nos meſmos dias em que tomaõ huma panacéa mercurial. No tempo de Madeyra naõ devia de eſtar taõ facil a cura do azougue, por iſto a tem por taõ violenta.*

Guayacaõ. *Ao guayacaõ chamàrão tambem páo ſanto, pelas eximias virtudes que nelle reconhecerаõ para o gallico os primeyros Indios, que o uſárаõ; que quiz a Providencia Divina, que naquellas terras em que havia de ſer commum o morbo gallico, houveſſe logo prompto o remedio para curallo. E forão taõ admiraveis os ſeus effeytos em vencer os danos deſte contagio, que em pouco tempo ſe teve por hum dos efficazes alexipharmacos delle. Os modos de uzallo ſaõ varios; eſte he hum delles:*

Tomem de páo ſanto limado quatro onças, infunda-ſe 24. horas em quatro libras de agua quente, depois das quaes ferva a fogo lento atè gaſtar ametade; entaõ junte-ſelhe, ſegundo a Arte, dous punhados de flores cordeaes, huma onça de paſſas de uvas ſem caroços, huma onça de folha de ſene, meya oytava de erva-doce; coe-ſe, & guarde-ſe. Toma-ſe cada manhã ſeis onças, outras ſeis de tarde, & continua-ſe dez, ou doze dias.

Para

Para os meninos que mamaõ, se estaõ gallicados, se usa em xarope, na fórma seguinte:

Tomem de páo santo limado tres onças, de agua de chicoria, ou da fonte, tres libras; infundaõ-se 24. em lugar quente; depois ferva atè gastar ametade; entaõ juntemlhe dous punhados de flores cordeaes frias; coe-se, & com assucar faça-se xarope. Toma-se às colheres muytas vezes, & em muytos dias.

Numero 3.

ENgordarem. *Huma das cousas que differaõ os primeyros elegiadores do páo santo, foy segurarem que engordava aos que com elle se curavaõ; & que assim nutria, & impinguava os corpos extenuados, muyto melhor do q̃ os caldos, & xaropes de frãgãos, com que os tabidos se restauraõ. Mas quẽ não vè q̃ estes encomios saõ affectados, & proferidos nas primeyras noticias, que deste, & dos mais alexipharmacos vegetantes deraõ os que por lucro, & conveniencia propria os venderaõ? Se estes alexipharmacos desempenhàraõ com os effeytos o q̃ prometteraõ as suas noticias, não cessariamos em admirar as suas virtudes; das quaes confessamos a que he alexipharmaca do gallico, ainda que lhe naõ consideramos tanta efficacia para extinguillo, como temos experimentado no azougue. E em quanto ao que se diz que nutre, & engorda: se chega a succeder em alguns que delle usaõ, não he porque tenha virtude restaurativa, nem nutriente, senão porque curando os achaques, fica a natureza sem queyxa, & nutrem-se melhor os corpos, livrando-se a massa sanguinaria do vicio, & infecçaõ, que tinha. O que succede tambem muytas vezes com os banhos de agua tepida, & com outras curas feytas com remedios de que os corpos não pòdem receber o beneficio da nutrição.*

CAPITULO XVIII.

Da salsa parrilha.

Numero 1.

HAverà cousa de oytenta, ou noventa annos que se descobrio a salsa parrilha, conforme nota a historia plantarum de Ruvilio, & Monardes, depois de se haver achado o guayacaõ, páo santo, & rais da China. Veyo a primeyra vez da nova Espanha, porque com ella se curaõ os Indios de boubas, & de outras enfermidades com grande admiraçaõ; mas depois veyo outra muyto melhor de Funduras, & outra, que jà leva ventagem a esta, do Perù, de Quito, & de toda aquella costa, em especial de Guayaquil, donde he excellentissima, como nota o mesmo Monardes.

Lib.8.c. 129. 1.p.c. prop.

p.2.prop.

Chamou-se ao principio *çarça parrilha*, & não *salsa*, que hoje anda em uso pela corrupçaõ do vocabulo. E he o mesmo que *sylva a modo de parra*, ou *sylva parreyrinha*, porque conforme Lopes, em todas as nações significa o vocabulo, com que a nomeaõ, *parreyra*, & *sylva*, & por tanto lhe chamou o Castelhano çarça parrilha, como està dito. Outra etymologia lhe dà Fallopio, que convem mais ao legacaõ, & por tanto a deyxamos.

Num. 2.

Numero 2.

Descripçaõ da salsa parrilha.

TIveraõ alguns para sy como Mathiolo, Laguna *super Dioscorides*, Fallopio, & outros, que a salsa parrilha, que nos vem das Indias, era a smilace aspera de Dioscorides, chamada legacaõ no nosso Portuguez, & levados deste engano lhe deraõ a mesma descripçaõ. Porêm ao claro mostra Pena, que a salsa parrilha, que de Indias nos trazem, he outra muy diversa planta, & conforme Monardes he como sylvas de Espanha, muy grandes, & muy espessas, cujas raizes saõ taõ compridas, & pela terra se profundaõ tanto, que he necessario cavar quasi hum estadio, para se arrancarem, como nota o mesmo Pena. Logo debayxo da terra tem a salsa parrilha hum nò, ou cepa, como cabeça, a modo, & do tamanho de aristolochia redonda flava por dentro, da qual nascem muytos ramos, que quando sahem da cepa para o ar, saõ taõ grossos como hum dedo, ou como huma sylva mais grossa, duros como páos com muytos nòs a modo de juntas taõ bastos, que entre hum, & outro haverá menos de huma pollegada, & tem juntamente muytos espinhos duros, & revoltos, mais semelhantes aos da sylva, que aos do legacaõ. Da mesma cepa nascem tambem infinitas raizes muyto compridas como està dito, direytas, & sem nò, que se pòdem dobrar como vimes, a cor das quaes he hum leonado claro, o sabor totalmente insipido, posto que Fallopio diz, que tem hum amargor quasi insensivel. E na verdade he tanto, que eu totalmente lho naõ percebo.

c. prop. Tr. de morb. gal cap. 63. cap. prop. par. 2.

Loc. cit.

Depois de ter dado a descripçaõ da salsa, conforme aos Authores allegados, falley com o *Doutor Fernaõ Soares Pereyra Medico, natural desta Cidade, que veyo de Indias, & a vio muytas vezes, & della me deu a relaçaõ seguinte.* He està planta *amiga de terras temperadas*, & muyto mais das que saõ manifestamente quentes em todo o anno. *Nasce em lugares montuosos*, em que a mayor parte do anno chove, como os ha em nova Espanha. Muytas vezes se ajunta, & *sobe pelas arvores em competencia dos mais altos ramos*, seus páos *saõ de cor declinante a vermelha*, & de fórma quadrada, & pelas esquinas cheyos de espinhas curvas como unhas de gaviaõ, as quaes saõ muytas, & muyto juntas. *As folhas saõ como folhas de era* mayores hum pouco, & de hum verde agradavel, crespas, fermosas, & tambem cheas de espinhas, como os páos, principalmente pela banda de fóra. *Nunca dà flor, nem fruto, & todo o anno està verde*, mais em tempo de chuvas, *suas raizes quando saõ verdes se comem cruas como rabãos.* E para que seja boa, *se ha de colher em Outubro atè a entrada de Fevereyro*, & a que se colhe fóra deste tempo, *se conhece porque tem a casca muy delgada.* A melhor de todas he a que colhem em *Guayaquil Rio de Perù*, & delle se traz à nova Espanha, onde he taõ estimada, que se daõ por hum arratel duas patacas, & assim he esta muyto mais grossa, o cozimento mais agradavel ao gosto, & quasi aromatico, & os effeytos muyto melhores. *O segundo lugar tem a de Funduras*, que tambem he grossa, & vay imitando a do Guayaquil: & sem embargo q̃ dissémos ser esta de Guayaquil a melhor, com tudo êm alguns lugares da nova Espanha se acha outra sua igual, como em Charo, q̃ por outro nome se diz Matadcinco, Provincia de Mechoacaõ, & duas, ou tres legoas de Valledolid em Guasanguareu na Provincia da nova Caliza, nas Minas de Guachivanjo, & Povo de Autlan. *Ha outra especie de salsa, que nace perto de Mexico*, cujos pàos saõ redondos, & tem poucos espinhos, as folhas lisas, de verde amortecido, & algum tanto semelhantes às do legacaõ, & a

casca muy delgada, ou quasi a naõ tem, *& por este sinal a conheceremos, quãdo a cà trouxerem. Não he porém esta a legitima salsa, nem seus effeytos a acreditaõ pela verdadeyra.* Atè aqui saõ palavras da dita relaçaõ.

Numero 3.

Eleyçaõ da salsa parrilha.

COmo dissemos que huma salsa se trazia da nova Espanha, outra de Funduras, outra de Perù, especialmente do Guayaquil, *he certo ser a de nova Espanha a peyor de todas, & melhor a de Funduras*, porq̃ ainda que a de Guayaquil seja excellẽte, ou nos naõ chega, por ser a distãcia do caminho excessiva, ou vem jà corrupta. Conhecersseha ser de Funduras, *porque a da nova Espanha he mais branca, & mais delgada tirante a amarella, & a de Funduras he leonada tirante a negra, mais grossa que a da nova Espanha.* E qualquer que seja, deve ser fresca, que nisso està todo o bem della, como diz Monardes, *porque naõ val cousa alguma sendo velha.* E conhecersseha selo, porque *quebrando-a lança de si pó*, como diz Fallopio; *& he a modo de palha, & carcomida, como que tivera bichos*, & por tanto avisa que della se naõ use, posto que tenha casca grossa. Em conclusaõ *deve a boa ser nova, de Funduras, de muyta casca, pezada, muyto comprida, grossa, de cor leonada tirante a negra*, com tanto que naõ seja muyto, como nota Fallopio *correosa, & que se fenda, & dobre facilmente sem quebrar*, porque o ser quebradiça he sinal de velha, *& ao fender serà por dentro muyto alva.* E a que tiver todas estas condiçoẽs se terá por excellentissima.

Numero 4.

Qualidades da salsa parrilha.

Lib. 5. c. 16. Lib. de morb. gal Lib. 4 simpcst per totũ.

DIzem Monardes, & outros Authores, que he a salsa parrilha quente, & secca no segundo grao: contra o qual parecer saõ Eustachio Rudio, & Alexandre, que ainda que com Monardes conformaõ na secura, a tem por fria, & daõ por razaõ, que todo o medicamento calido, conforme Galeno, ha de ser acre, salgado, amargoso, ou odorifero, & como a salsa naõ tem sabor algum destes (pois he insipida) nem tambem he cheyrosa, de necessidade carece de calor. Com tudo a experiencia mostra que aquenta, & confirmaõ os effeytos de attenuar, resolver os humores, & provocar suor. Porèm entendo que o calor da salsa he muy pouco, & que naõ passa do primeyro grao, ou do principio do segundo, como parece a Mercado, porque vemos que dada a pessoas quentes do figado, & a febricicantes, ficaõ depois mais temperados. E dada aos que naõ tem destemperança quente manifesta, nem por isso os deyxa claramente destemperados por calor. He tambem a salsa de partes tenues, por razaõ das quaes attenua, & discute as gomas, & tumores scirrhosos potentemente, como dizem os mesmos Authores, & se vè por experiencia.

Lib 1. de morb. gal c. 10.

No que toca às qualidades occultas, *ella a tem efficacissima contra o morbo gallico*, tanto, que diz Fallopio, *que ainda he mais efficaz que a do guayacaõ, & páo santo*, & a experiencia o confirma, porque saõ infinitos os que com elle saraõ deste morbo, naõ só da primeyra, & segunda, mas tambem da terceyra, & muytas vezes da quarta especie. Jà para mitigar dores, & para emendar a acrimonia da virulencia das chagas gallicas he muyto melhor que outra medicina algũa, cuja causa,

Loc. cit.

causa, diz Eustachio, he, porque os paos sobreditos, & raiz da China, saõ muy quentes, & por razaõ de sua acrimonia, & ardor mordicativos. E por tanto misturados com os humores, em quanto os naõ gastaõ, os fazem mais agudos; o que pelo contrario faz a salsa carecedora de toda a acrimonia, & tendo calor mais remisso remitte o intenso dos humores, por onde consequentemente as dores se mitigaõ. Loc. cit.

He porém *a salsa danosa ao estomago, & a todos os membros interiores*, conforme o mesmo Rudio, & enfraquece a vista, porque como naõ tem adstringencia, com que corrobore, & pela tenuidade de partes se insinùa pelo estomago, & mais entranhas, com sua presença as relaxa, & desbarata, de que se segue levantarem-se vapores aos olhos, que perturbaõ os espiritos visivos. Por onde he necessario, que havendo-se de dar aos que tem estomago fraco, se lhe misture algum medicamento roborante, como para estomago calido, sandalos, & rosas; para o frio almecega, pós de diarrhodaõ, losna, canela, ou pao da China, que he corroborante, como adiante diremos. 1. part.

Cura a salsa parrilha, naõ sómente o morbo gallico, como fica dito, *mas todas as enfermidades, antigas, & rebeldes, que pendem de causa fria, finalmente todas aquellas que naõ forem agudas*, como nota o mesmo Monardes, o qual conta, que nas partes do Perù nasce hum grande rio chamado Guayaquil, & junto delle muita copia de salsa parrilha, da qual recebem as aguas tanta virtude, que bebendo-as, & banhando-se os enfermos, saraõ de todas, & quaesquer enfermidades, que carecem de agudeza, assim nem mais nem menos, que com os nossos banhos das Caldas, (succedendolhes grande evacuaçaõ das ourinas, & suores) em tanto que acodem de mais de seiscentas legoas a curarem-se a este rio. E muytos dos enfermos naõ usando da agua delle, por naõ poderem aguardar taõ grandes evacuaçoens, como move, se curaõ sómente com agua de salsa, ou bebendo-a feita a modo de mucilagens, ou fazendo cozimento della. E com estes enfermos naõ fazerem evacuaçaõ alguma de sangria, ou purga, nem outro genero de preparaçaõ, ou resguardo, tomando sómente aquellas mucilagens, ou cozimentos de salsa, usando da agua do rio, todos se tornaõ sanissimos. 1. part.

E diz Fallopio, que he a salsa muy proveytosa para estillicidios salgados, & acres, que da cabeça descem, & para cancros, & para todos os tumores difficultosos, que tem experimentado com feliz successo curar alporcas, & opilaçoens do baço, dando por quarenta dias pós feitos della, misturados com igual quantidade de pós da raiz Gilbarbeyra, dos quaes assim misturados dava huma oytava em vinho para as alporcas, & para o baço em vinagre cozido com passas, ajuntando-lhe tambem huma pequena de tamargueira. Tract. de morb. gal. cap. 68.

Numero 5.

Uso conveniente da salsa parrilha.

HA tambem varios modos de dar a salsa aos enfermos, assim como dissemos do pao, porque se póde dar em cozimentos, apozemas, xaropes, pós, conservas, trociscos, bocados, ou bolos, & pirolas. E os cozimentos se pódem fazer em agua, vinho, caldo, soro, ou aguas destilladas, fazendo-os simplices, ou compostos conforme as varias indicaçoens que occorrem.

Na quantidade, que se ha de cozer, variaõ os Authores, porque huns mandaõ lançar quatro onças, & outros duas em tres, ou quatro canadas de agua que se

gaste ametade, dando por razaõ, que a salsa he mais branda, & se coze com mais facilidade,& assim naõ he necessario que ferva tanto como o pao: *Mostra porèm a experiencia, que quanto mais se coze, mais virtude deixa no cozimento.* E por tanto *está em uso cozer de huma até duas onças, em tres canadas de agua, em que estivesse de molho doze, ou vinte, & quatro horas, & ferver até se gastarem duas*, que he o que ensina Monardes. *E logo se faz segundo cozimento com a mesma salsa em cinco canadas, que se gaste huma, para beber de ordinario.* E o primeyro se dá provocando suor, ou sem elle, tomando-o de pé, conforme dissemos do páo, guardando todas as circunstancias ahi referidas, & outras que mais plenariamente abayxo diremos.

Numero 6.

Çumo da salsa.

NOs principios, diz Monardes, se dava o çumo da salsa seguindo o costume dos Judeos, o qual se fazia desta maneyra. Tomavaõ della muyta quantidade, cousa de mais de meyo arratel, & a cortavaõ miuda, machucavaõ, & lançavaõ de molho em quantidade de agua até se fazer bem molle, & depois a pizavaõ em hum almofariz tanto espaço, que se convertia toda em babas, ou mucilagens, & dellas coadas tomavaõ hum bom vaso quente pela manhãa, & arroupando-se suavaõ as suas duas horas, & o mesmo tornavaõ a fazer à tarde, & se entre dia queriaõ beber, havia de ser das mesmas mucilagens, *porque tinhaõ por regra naõ comer, nem beber outra cousa em tres dias continuos, em que tomavaõ este medicamento.* E desta maneyra, diz Monardes, fazia milagrosos effeytos, *& os enfermos saravaõ muyto melhor que agora.* E tratando este Author da salsa, que tomavaõ aquelles, que se hiaõ curar ao rio Guayaquil, diz, que do mesmo modo a tomavaõ, porém que para tirar as mucilagens *usavaõ somente da casca*, a qual lançavaõ de molho, pizavaõ, espremiaõ, & coavaõ, conforme está dito: além do que accrescenta o mesmo Monardes, *que a naõ tomavaõ por medida, senaõ quanta podiaõ beber por huma, ou diversas vezes*, & lançando-se depois a suar era o suor taõ copioso, que corria fóra da cama; mas que depois se punhaõ em roupa limpa, comiaõ gallinha, & naõ bebiaõ outra cousa mais que as mesmas babas, com que em oito, ou nove dias ficavaõ sanissimos.

Part. 2.

E naõ reprove alguem chamarmos çumos a estas babas, ou mucilagens; porque assim lhes chamou Sylvio, onde traz tres, ou quatro modos delles, hum dos quaes he este:

Lib. 2. pharm.

A casca da salsa, conforme a experiencia destes, tem muito mayor virtude, que o amego, & por esta causa diz o mesmo Author, que alguns dos dous enfermos se curavaõ com ella, tomando as cascas de quatro onças, & lançando-as de infusaõ em quatro canadas de agua, até bem amolecerem, & depois a coziaõ na mesma até se gastar ametade, antes mais, que menos. *E deste cozimento tomavaõ todo o que podiaõ, de sorte que em hum dia gastavaõ as duas canadas*, com que suavaõ copiosamente, & posto que naõ era tanto como com as babas, tambem por este modo de cura ficavaõ sanissimos, sem que fosse necessario preceder sangria, ou purga, nem outra alguma evacuaçaõ. Mas naõ seja isto exemplo para que deyxemos de evacuar os doentes antes de os meter nesta cura, porque posto, que sem isso possaõ sarar, com tudo melhor, & com mais segurança teraõ saude precedendo as universaes evacuaçoens.

Num. 7.

Numero 7.

Xarope de salsa.

EM xaropes se póde tambem fazer a salsa deste modo, conforme Monardes: *Tomem salsa parrilha oito onças, cortada, & machucada se lance de molho em quatro canadas de agua por vinte, & quatro horas, & depois se coza na mesma até se gastarem tres, & na canada, que ficar se lançarão quatro arrateis de bom assucar, com que ferverà até tomar ponto de xarope*; do qual se tomaráõ tres onças pela manhãa, & outras tres à tarde até que se acabe, baixando de ponto a quantidade, que se houver de tomar, com huma pequena de agua *do segundo cozimento, que se farà cozendo ametade da mesma salsa já cozida em cinco canadas, que se gaste huma, de que beberá de ordinario.* E acabado o xarope, se o doente naõ ficar bem saõ, farseha outro do mesmo modo, com que tornará a continuar, andando sempre de pé, & tendo bom regimento, porque deste modo saraõ alguns perfeitamente sem padecerem a molestia dos suores. Porém haõ de preceder as evacuaçoens universaes da sangria, & purga, como está dito.

Numero 8.

Pós, talhadas, trociscos, conservas, pirolas, & bolos de salsa.

TOmada em pós cura tambem excellentemente qualquer especie de boubas, & outros achaques, & *haõ-se de fazer pizando muito bem a salsa, ou sómente a casca, que he mais efficaz, & passando-a por peneira fina*, & destes pòs *se póde tomar cada manhã huma, até duas oitavas*, ou sós por si, ou misturados com outro tanto, ou mais assucar para se poderem bem levar, & póde-se beber sobre elles huma pequena de *simplez*, com que toda a cura se ha de continuar, *& se fará cozendo meya onça em quatro, ou cinco canadas, que se gaste huma.* Mas deve o doente terse purgado, & antes da purga sangrado as vezes necessarias; & ha de continuar com os ditos pós, trinta, quarenta, ou cincoenta dias, conforme a enfermidade o pedir, tendo sempre bom regimento.

E quando a tomar em talhadas, se faraõ dos mesmos pós *lançando à dita oitava delles doze de assucar*, conforme manda a Arte de Boticarios, & tomará o doente pela manhãa huma onça, ou onça, & meya destas talhadas, as quaes se pódem tambem fazer lançando-lhe muito menos assucar, & ficaráõ mais efficazes.

Dos mesmos pós se pódem *fazer trociscos* com çumo de agrimonia, ou de betonica, ou com o cozimento forte da mesma salsa, & delles se póde dar quantidade de huma oitava até duas.

E se alguem quizer antes *conserva dos mesmos pós, a póde fazer com assucar bastante*, que fique a modo de diacatholicaõ, ou semelhante electuario, & póde tomar cada manhãa huma onça della.

E fazendo-se *em pirolas, farseha massa dos ditos pós com xarope de fumaria*, ou qualquer outro conveniente ao humor, ou parte affecta. E dellas póde tomar o enfermo duas oitavas. Lembrando sempre que precedaõ as evacuaçoens universaes como está dito.

Os bolos se fazem assim mesmo dos pós de salsa amassados com assucar em ponto, de modo q̃ tome fórma, & consistencia de bolo; *o qual se póde fazer em bocados* para se engulirem inteiros, ou se mastigarem. O como se ha de formar cada huma destas cousas, aos Boticarios pertence.

Saõ estes os modos de tomar a salsa simplez, porque havendo de haver alguma composiçaõ, com que entendamos satisfazer a outras indicações, como saõ evacuar alguns humores, abrir opilações, confortar algumas partes, & outras semelhantes, se lhe devem misturar alguns medicamentos accommodados, de que abayxo daremos exemplos.

ANNOTAÇOENS.

Numero 4.

O Calor da salsa. *Da salsa parrilha cuydàraõ alguns, que naõ era quente, vendo que curava o gallico em naturezas calidas, sem excandecencia das entranhas, & sem deyxar sinaes, que attestassem calor. Mas naõ ha duvida em que elle he quente; & se quando se usa, naõ offende o calor, remediando febres, & outras queyxas de quentura, he porque saõ gallicos, & estas taes tambem o páo santo, & a raiz da China, em que ha mayor calor, as curaõ algumas vezes sem deyxarem intemperanças. Quente he a quinaquina, & cura febres ardentes sem deyxar vestigios de calor.*

Efficacissima contra o morbo gallico. *Nenhuma duvida ha em que a salsa tem efficacissima virtude para curar o gallico, quando naõ seja para extinguir totalmente os seus seminarios, porque isto só o faz o azougue. Usa-se a salsa, naõ só nos suores, mas fóra delles, desta maneyra.*

Tomem quatro onças de salsa parrilha, infundaõ-se em seis libras de agoa quente por espaço de 24. horas; depois ferva atè gastar ametade, lançandolhe nas ultimas ebulliçoens quatro onças de passas sem graulos, & tres oytavas de coentro seco preparado. Coe-se, & guarde-se. Tomaõ-se seis onças de manhã, & outras seis de tarde. Cura os gallicados, continuando-se hum mez, ainda que naõ haja evacuações; mas se se fizer purgante, serà melhor.

Tomem quatro onças de salsa parrilha, infundaõ-se 24. horas em oyto libras de agua quente; ferva atè gastar ametade; entaõ juntem-lhe duas onças de folhas de sene, huma oytava de erva-doce, tres onças de passas limpas das grainhas, tire-se do lume, dando primeyro humas ferturas, & coe-se. Toma-se como a decima.

Danosa ao estomago. *A salsa parrilha offende muytas vezes o estomago, relaxando-o de maneyra, que lhe perverte os cozimentos, do que resultaõ vomitos, & cursos, que se naõ pódem remediar. Assim succedeo a hum homem de perto de cincoenta annos, melancholico adusto; o qual depois de tomar suores de salsa, entrando no regimento de agoa cosida com ella, deo em vomitar quanto comia. Esquecido o Medico que o curava de que a salsa podia causar aquelle dano, empenhou-se em corroborar o estomago com varios remedios internos, & externos, mas ficou frustrada toda a diligencia, porque nunca largou a agua de salsa, atè que brevemente acabou a vida, morrendo atrophico por falta de alimento comque houvesse de nutrir-se. Por isto he necessario advertir nos que usarem da salsa, se lhes causa a mais leve queyxa de estomago, para a largarem logo antes que creça o dano, & venha a ficar sem remedio.*

Numero 6.

UNiversaes evacuações. *A Medicina racional manda, que nas curas dos achaques, em que ha humores noxios, & intemperanças, ou vicios no sangue, se dè principio à cura pelas universaes evacuações de sangrias, & purgas, para chegar depois a contender com as intemperanças, ou vicios das entranhas, & da massa sanguinaria. Isto mesmo se deve observar nas curas dos gallicados, sangrar, & purgar pri-*

meyro,

meyro, entaõ pôr em uso os alexipharmacos para extinguir o contagio. Mas contra isto que todos os Praticos aconselhaõ, temos visto fazer muytas curas com feliz successo; & temos feyto algumas, dando alexipharmacos sem precederem evacuações; assim o fizemos em meninos de mama gallicados, dandolhe alguns dias mercurio doce, para lhe extinguir o contagio, que receberaõ no leyte com que se criavaõ; & em pessoas adultas temos dado muytas vezes os alexipharmacos do gallico preparados com remedios purgantes, com que melhoràraõ dos males que padeciaõ. Haverà tres annos vimos huma mulher cazada, a qual no sexto mez da gestaçaõ padecia intoleraveis dores de cabeça, por causa das quaes vomitava algumas vezes. Não aproveytàraõ as emborcações de leyte, & çumo de alface, nem outros varios remedios anodinos, com desprezo dos quaes se enfureciaõ as dores de noyte com mayor vehemencia. O marido desta doente vivia com alguma soltura; & pela fereza das dores, pela repugnancia aos remedios, & pela circunstancia de se exacerbarem de noyte, entrou em consideraçaõ, que as dores podiaõ ser gallicas, & q̃ naõ se curariaõ sem os alexipharmacos deste contagio. Prevaleceo o discurso às negações do marido, sem embargo de naõ ter sentido a doente algum affecto gallico nas partes obscenas; & com a seguinte agua, que sem preceder evacuaçaõ alguma continuou dezaseis dias, se vio livre das dores de cabeça, & passou bem todo o tempo da prenhez; atè que depois do parto a curàmos com suores, & ao marido com mercurio tomando pela boca. A agua era esta:

Tomem de raiz de salsaparrilha duas onças, de páo santo limado onça, & meya, de raiz da China huma onça; infundaõ-se em vinte libras de agua quente por espaço de 24. horas, depois ferva atè gastar ametade; entaõ juntemlhe duas onças de folhas de sene, duas oytavas de erva-doce com que dè duas fervuras; tire-se do lume, coe-se, & guarde-se.

Toma-se esta agua de manhã, & tarde, meyo quartilho de cada vez, & continua-se doze, atè quinze dias. Esta doente tomou huma só vez no dia; que por estar pejada, lha naõ quizemos repetir de tarde. Com ella fazia alguns cursos; & sem se lhe seguir dano, se purgou dezaseis vezes em outros tantos dias continuados. E como reformaria Hipprocrates, se hoje fosse vivo aquelle aforismo, 1. em que negou os purgantes às prenhadas fóra dos termos da turgencia, que poucas vezes se acha? (Hipp. 4. aph. 1.)

Numero 8.

MOdos de tomar salsa. *Propoem o Author varios modos de usar de salsa, em talhadas, em bolos, em pirolas, & em conservas; mas de todos estes modos o melhor, & o mais commum, he tomala em cozimentos, na fórma que fica dito, humas vezes sendo a salsa simplez, outra vez misturandolhe algum medicamento purgante.*

CAPITULO XIX.

Do páo, ou raiz da China.

Numero 1.

FOY descuberto o páo, ou para melhor dizer, raizes da China no anno de 1535. como conta Garcia de Orta, pelo trazerem os Chins à nossa India, & se curarem ahi com elle, assim de morbo gallico, como de outras enfermidades, à imitaçaõ dos quaes foy curado Martim Affonso de Sousa com outros Portuguezes ao tempo que tomou posse da Fortaleza de Dio, & havendo bom suc-

cesso

cesso nas curas, se divulgou por todos os mais lugares daquellas partes, quando jà nellas faltava o guayacaõ, que de Portugal costumava ir. E por tanto recorreraõ à dita raiz, de que se mostráraõ taõ felices experiẽcias em sarar o morbo gallico, que naõ se fez mais caso do guayacaõ, em tanto que chegando muyta copia delle nas Náos do Reyno, naõ foy admittido para cura alguma, antes servio de lenha para o fogo, como diz o mesmo Orta.

Roval in append. c.prop. Chama-se esta raiz na lingua dos Chins, *Lampatam*, & no Decaõ, *Lampados*: em Canarim, *Bontin*: na Arabia, Persia, & Turquia, *Chophchina*, como diz a Historia plantarum. Nace em muyta abundancia na China; & tambem se acha no Malavar, Cochim, Cranganor, Coulaõ, Tanor, & outros lugares daquellas partes. Trazem assim alguma das Indias Occidentaes, como diz Monardes, a qual he outrosi muy boa. 2. part.

Numero 2.

Descripçaõ do páo, ou raiz da China.

Lib. de morb. gal c. 60. HE *huma raiz tamanha como hum punho, às vezes menor, que se parece a batatas, ou a raizes de canas*, como diz Monardes citado, ou à de bistorta, como diz Fallopio, nodosa, solida, pezada, cuja cor de fóra tira para ruyva, & por dentro he quasi branca, & às vezes saõ muytas raizes pegadas humas nas outras, & naõ tem cheyro, nem sabor, senaõ he alguma doçura quasi imperceptivel, como diz Eustachio Rudio, mas entende-se da seca, que nos cá chega, porque *quando he fresca, se come a bocados crua, como quem come qualquer pomo, & enche a boca de huma humidade como cana de assucar*, segundo diz Orta, porèm menos doce, & se coze com a carne como nabos. E sahem desta raiz à flor da terra humas vergonteas como pennas de escrever mayores, ou menores cõforme a raiz, cujas folhas saõ poucas, & de feyçaõ de laranjeyra nova. Ou como descreve Costa, he esta mata a modo de sylvas toda espinhosa como a do legacaõ, & da grossura quando muyto do dedo menor, & as folhas saõ como de tanchagem, assim no tamanho, como no feytio. Lib. 5. de morb. ven. c. 16. cit.

Numero 3.

Eleyçaõ, & qualidades.

In epist. ad Joach. A Boa raiz ha de ser pezada, como diz Vessalio, insipida, sem cheyro, & fresca, o que se conhecerá, porque a velha he carunchosa, chea de buraquinhos, & cortada, lança pó, & logo he mais leve, & deve a boa ser por fóra hum pouco ruyva, & por dentro branca, que tambem tire a ruyva. E tendo estas condições será excellente. Das qualidades manifestas ha varias opiniões. Porque huns a graduaõ por quente, & seca, outros por fria, outros por temperada; *mas todos convem que he seca em grao segundo.* E quanto às outras qualidades tenho por certo *que he quente em mais de primeyro grao*, & conforme diz Eustachio, tem partes muyto tenues, & aperientes, & com ellas juntamente alguma adstricçaõ, & certa humidade substantifica, que he mayor sendo a raiz mais fresca. E por tanto naõ sómente provoca suor mais copiosamente que todos os alexipharmaços do morbo gallico, tambem abre todas as opilações, incinde os humores grossos, desfaz os tumores, & por razaõ das partes adstringentes conforta todos os membros internos, & modera os estillicidios, & outros fluxos: & pela

pela humidade substantifica accrescenta o humido radical favorece à faculdade altrix, & faz engordar aos que della usaõ. E por esta causa cura hydropesias, parlesias, & todas as enfermidades de nervos, a ictericia, febres largas, tisica, & provoca ourina, quebra a pedra, & sára outras enfermidades de rins, ciatica, gotta artetica, alporcas, indigestoens de estomago, esterelidade, hernias frias, mundifica, & deseca as chagas que com seu cozimẽto se lavaõ, & atè para a peste serve provocando copioso suor, & para todas as enfermidades, que naõ forem agudas. O que tudo cõsta de Garcia de Orta, Monardes, Fallopio, Eustachio Rudio, & outros graves Authores: & accrescenta o dito Fallopio, que com ella curou corrimentos de olhos de causa calida, destemperanças quentes de figado, & de estomago, posto que para as taes enfermidades a tenho por suspeytosa quando naõ procederem de qualidade gallica, ou de obstrucçaõ de humores crassos.

E no que toca ao morbo gallico, diz o mesmo Fallopio, que a experimentàra em dous, ou tres gallicados sem proveyto algum, pela qual razaõ imagina Eustachio com outros que he fraca a sua virtude alexipharmaca. Enganaõ-se porèm, porque o mesmo Fallopio confessa ter della para este mal pouca experiencia, & em contrario está a larga de Garcia de Orta, que como jà dissemos, curou, & vio curar infinitos doentes na India de morbo gallico, sómente com esta raiz, com taõ felices successos, que degradàraõ a guayacaõ da terra. E depois de Orta se tem visto sararem com ella infinitos, de que tambem he grave testemunha Monardes.

Numero 2.

Uso do páo, ou raiz da China.

DA-se esta raiz como a salsa parrilha em cozimentos, xaropes, apozemas, pós, talhadas, trociscos, conservas, pirolas, & bolos, ou bocados, os quaes todos se devem fazer como da salsa parrilha dissemos. Sómente *se advirta que basta menos ametade da quantidade desta raiz a respeyto da salsa*; porque para os cozimentos he bastante huma onça em quatro, ou tres canadas de agua, que se gaste ametade, & se o doente for de compleyçaõ calida, o tempo muyto quente, ou tiver o figado destemperado por calor, cozerseha menos, & naõ se gastará no cozimento mais que a terça parte. E naõ havendo algum destes impedimentos, tambem às vezes se póde cozer como a salsa, a saber, huma onça em tres canadas que se gastem duas. E póde-se este cozimento tomar, ou de pé sem suar, ou em suores, oyto ou dez onças cada vez, como dos outros alexipharmacos dissemos. E tomando-se a substancia do mesmo páo, basta meya oytava para cada vez, ou se tome em pó, ou em conserva, ou trociscos, ou pirolas, de sorte, que venha o doente a tomar de cada vez a dita meya oytava dos pós, ou substancia desta raiz. Porèm se naõ houver impedimento da parte da compleyçaõ do enfermo, ou do calor do figado, ou do tempo, poderseha tomar mayor quantidade, se a enfermidade o pedir. E posto que alguns dizem que naõ he necessario regimento, com tudo se deve guardar todo aquelle, que convem quando os outros alexipharmacos se tomaõ; & demais disto dizem os Authores que com a agua delle se amasse o pão, que o doente houver de comer, & della se lhe coza a carne, & se desatem as purgas, & xaropes, que tomar, & ainda as ajudas se façaõ da mesma agua ajuntandolhe as pertenças ordinarias.

Os dias que se costumava tomar eraõ trinta, conforme diz Monardes, & Orta, & depois ficavaõ continuando com agua do regimento quarenta: porèm de

ordinario baſtaõ de doze atè vinte, & beber agua de regimento quarenta, ou cincoenta; mas regularſeha iſto pela grandeza do mal, & juntamente pela natureza do enfermo. Encomenda Orta que naõ ſe dê em tempo muyto quente, nem em enfermidades calidas, nem em muyta quantidade, porque diz, que querendo-a elle meſmo tomar, como ſe coſtuma na China (que por ſer terra mais fria ſofre mais) para ſe curar de huma ciatica, lhe ſobreveyo grande eryſipela, leycenſos, & calor de figado, com que deyxou a cura, & tratou de remediar o que ſobreveyo.

Numero 5.

Da raiz da China, que ſe acha em Indias de Caſtella.

DEpois de ter eſcrito eſte Capitulo me mandou o Doutor Fernaõ Soares Pereyra o papel ſeguinte à cerca do páo da China, que nas Indias de Caſtella naſce, que por me parecer de utilidade para inteyra noticia deſta planta o ajuntey neſtè lugar.

El-Rey de Caſtella Dom Felippe II. mandou à nova Eſpanha ao Doutor Franciſco Hernandes ſeu Medico para que eſcreveſſe as ervas, & couſas medicinaes, que ha naquellas partes, de que muyto eſcreveo em Latim, & por ſua morte hum Frade Dominico enfermeyro do Convento de Saõ Domingos de Mexico imprimio eſte livro em Caſtelhano, & diz entre outras couſas que quando naõ fora o dito Doutor àquellas partes mais, que para eſcrever da raiz da China, de q̃ alli ha muyta, era bem empregado o trabalho. Eſtes dous Authores fazem della naquella terra quatro, ou cinco eſpecies, ſegundo elles apontaõ, as quaes todas eu o Doutor Fernaõ Soares Pereyra natural de Lisboa vi, & perguntey com curioſidade a Indios, & Eſpanhoes, que ſabiaõ de medicina, & achey que tudo he huma ſó planta, & huma ſó eſpecie, porque ſegundo a natureza das terras aſſim ſe dá, mais groſſa, ou mais delgada, mais vermelha, ou mais branca; & ainda eu conheci outra, que elles naõ viraõ, que naſce no novo Reyno de Leaõ, mais para o poente de Sacatécas cincoenta, ou ſeſſenta legoas, do qual por ſer a terra muy fria, ſaõ as raizes muy pequenas, & quaſi redondas, mas todas ellas ſaõ de huma meſma maneyra. E eſtas ſaõ muyto mais brancas que todas, porque naõ daõ nenhuma cór à agua, em que ſe cozem, & acho por minha conta, conforme o que vi, & me informey, que quanto a terra em que naſcem, he mais quente, & mais humida, he a raiz mais groſſa, & mais vermelha, & quanto mais vermelha, tanto melhor em medicina.

Naſce em terras pedragoſas, & em encanadas, & rios: muytas vezes he taõ groſſa eſta raiz como hum homem pela cintura, mas o mais ordinario como hum braço: nunca paſſa ſeu comprimento de hum covado, & poucas chegaõ a elle. Dá as ſuas varas muytas, & juntas, que nem paſſaõ de oyto, mas ſempre mais de huma. Eſtas as mais groſſas ſaõ como tres dedos juntos, mas as mais ordinarias como todo o genero de canas, humas groſſas, & outras delgadas, mais compridas algumas, que hum homem, & outras menores. Tem de dedo, & meyo, atè dous dedos, apartadas humas de outras, humas puas como pregos redondos de real, & de meyo real, huns mais groſſos, outros mais delgados. A cor deſtas varas he hum leonado eſcuro que tira a negro, com hum verdenegro, como muſgo, & quaſi como pello por cima. Cortadas eſtas puas, & raſpado o páo, ficaõ bordões muy fermoſos, porque ſaõ da cor de Braſil. A raiz, que eſtà muy metida em humidade, & agua, he ſempre alli branca, mas a

que

que eſtá mais fóra da terra, he vermelha, & todas o ſaõ depois de cortadas, & ſecos, & quanto mais ſecas ao Sol, mais vermelhas: quando ſahem da terra, eſtaõ muy tenras, pouco menos que batatas, mas em ſe ſecando ſe fazem muy duras, & tenazes.

A folha he a modo de Era, mas muy branda, & quaſi parece hum coraçaõ com ſuas arrecadas, ou ſarcilhos, com que ſe pega a eſſas arvores, & ſobe com ellas com as varas a modo de vides, & toda a ſua madeyra he o meſmo, como de vides, digo a das varas, & todas davaõ ſempre com ſuas puas grandes, ou pequenas. Tem as folhas a cor como a dos feyjoens brancos, mas ſaõ mais tenras, & ſe parecem muyto às folhas das parras daquella terra, digo, das ſylveſtres, que lá ha, mas naõ ſaõ abertas ſenaõ da fórma dita. Chamaõ-lhe os Naturaes *Cocolmecat*, & os Heſpanhoes *la raiz de la immortalidad.*

Tenho achado neſta raiz grandes virtudes: tenha-o por hum pouco mais quente que ſalſa parrilha, & muyto mais ſeca: dou ametade menos, que de ſalſa: cura tudo o que a ſalſa parrilha: he muyto melhor a raiz em ſuas obras, que o pao das Antilhas. Eu a vî em duas partes, huma no porto de Capulco, & outra no porto de Juan de Lua, eſte no mar Oceano, o outro no mar do Sul: aqui as vî no mato, onde ha grande quantidade: chamaõ-lhe *antenilha*, & em Lisboa *pao ferro*, pela dureza. Eu curey camaras de ſangue com ſeu cozimento em peſſoas, que tinhaõ boubas, com muy bom ſucceſſo. Até aqui ſe eſtendia o papel do Doutor Fernaõ Soares Pereira.

ANNOTAÇOENS.

Numero 4.

A Sua virtude alexipharmaca. *Ainda que alguns Authores tiveraõ para ſi, que era fraca a virtude alexipharmaca da raiz da China contra o morbo gallico: naõ ha duvida, que naõ cede à virtude da ſalſa, & pao ſanto, & que igualmente que elles cura eſte contagio, quando naõ he taõ inveterado, ou taõ activo, que ſó com a poderoſiſſima virtude do azougue haja de domar ſe, & extinguirſe; porque como temos dito muytas vezes, ſó o azougue he o verdadeiro antidoto do gallico; & os alexipharmacos vegetantes, ainda que o domem de modo, que acudaõ aos ſeus productos, todavia ſe elle he antigo, raras vezes o domaõ, & nunca o extinguem, que iſto ficou reſervado para o azougue; ſobre o que ſe veja o que eſcreve Carlos Muſitano, 1. o qual conſidera mayor virtude contra o gallico na raiz das canas, que diz vendem os Boticarios pela raiz da China, do que neſta; couſa que naõ admittimos; ainda que elle diga, que lhe conſta por experiencia; porque por experiencia nos conſta a nós o contrario; ſenaõ he que pela differença dos climas, & das terras haja mais virtude nas raizes das canas de Italia, que nas de Portugal. Uſa-ſe deſta raiz, como da ſalſa, & pao ſanto, mas em menos quantidade por razaõ de ſeu calor.*

1. Carol. Muſit. de lue ven. 3. cap. 1.

Em tempo quente. *Os que advertem que ſe naõ uſem deſtes alexipharmacos em tempo eſtival, nem em naturezas quentes, compadeceraõ-ſe pouco dos enfermos, que adoecendo no Eſtio, os mandaõ eſperar até o Inverno, para lhes diſpenſarem os remedios de que neceſſitaõ. Naõ importa que o tempo ſeja quente, quando a neceſſidade obriga neſſe tempo a que ſe acuda com o remedio; & ſe eſte he quente, como a raiz da China, & os mais antidotos vegetaveis, prepare-ſe com remedios frios; porque a virtude alexipharmaca naõ fica menos activa com elles, ainda que o ſeu calor fique mais temperado; ſobre o que ſe veja o que diſſemos nas Annotaçoens ao* num. 4. do Capitulo VII

CAPITULO XX.

De como ſe haõ de fazer os cozimentos em vinho, ou ſoro.

Numero 1.

POſto que os cozimentos do guayacaõ, pao ſanto, ſalſa parrilha, raiz da China, ſe fazem de ordinario em agua, com tudo algumas vezes he neceſſario por reſpeytos particulares fazerem-ſe em vinho, ſoro, aguas deſtilladas, ou em caldo de carne, & por tanto convem, que declaremos como ſe haõ de fazer em cada huma deſtas couſas.

Quando o mal he antigo, muyto rebelde, & offende as partes ſolidas, como o da quarta eſpecie, muy accommodado cozimento he o do vinho, porque como he mais penetrativo, leva a virtude dos medicamentos até o intimo das partes, incinde, & attenua cõ mayor efficacia os humores, & por tanto diz Fallopio, que póde ſupprir o uſo das Caldas, quando naõ ha lugar para que o doente as tome. E naõ obſta terſe o vinho por nocivo ao morbo gallico, porque iſſo entende-ſe do puro, naõ do que vay medicado com os alexipharmacos contra o meſmo morbo, antes he couſa propria, & ordinaria darem-ſe alexipharmacos em vinho contra qualquer veneno, como ſe vê de Dioſcorides, & mais Authores, aſſim porque elle os faz mais penetrar, como tambem por ter alguma virtude alexipharmaca, & roborativa dos membros principaes, como parece colherſe do Pſalmiſta: *Vinum lætificat cor hominis, &c.* O que largamente diſputaremos na ſegunda parte deſta obra. Mas porque o fogo o faz amargoſo, & ao cozer acquire qualidades muyto alheas de ſua natureza, & ſe faz muyto ingrato ao ſabor, convem eſcolhelo generoſo, para que ſe naõ azede com facilidade, & que ferva pouco, ou totalmente naõ ferva, lançando nelle os alexipharmacos de infuſaõ ſómente. Robora eſte vinho todos os membros interiores, fortifica a faculdade altrix, & padecendo a cabeça a ſoccorre em mais breve, que outro qualquer medicamento, como nota Euſtachio Rudio. E póde-ſe fazer aſſim à imitaçaõ de Fallopio.

Lib. de morb gal 48.

Pſal. 103. & Judic. cap. 9. Quæſt. 31.

Lib. 5. de morb. venen. cap. 17.

Tract. de morb. gal c. 47.

Tomem guayacaõ, ou pao ſanto limado hum arratel, caſcas do meſmo meyo arratel, infundaõ-ſe por vinte, & quatro horas em dezoyto quartilhos de agua, & depois ferva na meſma até ſe gaſtarem as duas partes, & fique huma, que ſaõ ſeis quartilhos, & eſtando neſte ponto lhe ajuntem de vinho branco forte, & o melhor que ſe achar, tres quartilhos, & dando mais huma fervura ſe tire logo do fogo, & depois ſe coe, & guarde, para ſe tomar a modo de xarope manhãa, & tarde, ſuando, ou de pé, porque de qualquer ſorte cura o morbo gallico, como diz Lobera, *& farſe-ha ſegundo cozimento do meſmo páo já cozido em cinco canadas de agua, que ſe gaſte ametade, à qual ajuntaràõ huma, ou duas canadas de vinho, ou o que quizerem, com que darà mais outra fervura*, & depois o coaràõ para beber de ordinario. Ou ſe fará deſte modo: *Tomem guayacaõ, ou páo ſanto limado dous arrateis, lance-ſe tudo em vinte quartilhos de rico vinho, & paſſados tres dias ſe póde beber delle em lugar do ſegundo cozimento*, ao jantar, & à cea, & a qualquer tempo, & naõ lhe tirem o páo atè ſe acabar o vinho. E naõ havendo caſca, em lugar della ſe lance mais quantidade de páo dobrado do que havia de ſer a caſca.

Lib. prop. cap. 8.

Ou ſe faça aſſim para xarope forte: *Tomem tres arrateis de pào limado, & lancem-ſe de infuſaõ tres dias em nove quartilhos de vinho fino, & no fim delles ſe chegue ao fogo, que levante huma ſó fervura, & deyxe-ſe ficar ſem lhe tirarem o páo*, & della

vá

và tomando manhãa, & tarde antes de cea seis, ou oyto onças de cada vez. E para beber de ordinario faça outro vinho como o da receyta proxima sem ir ao fogo. E querendo beber entre dia, se o doente temer o uso continuo do vinho, use de agua cozida com páo santo, tres, ou quatro onças em cinco canadas que se gaste huma.

Da salsaparrilha, & do páo da China, se pódem fazer em vinho os mesmos cozimentos pela mesma ordem diminuindo sómente a quantidade, porque de salsabasta menos que de pào santo, & da China basta menos que da salsa. E póde-se fazer assim: *Tomem de salsa parrilha quatro onças, ou duas de páo da China, infundaõ-se vinte, & quatro horas em dezoyto quartilhos de agua, & depois ferva na mesma atè ficarem sómente seis, & ajunte-se vinho branco fino tres quartilhos, com que ainda darà huma fervura, & coe-se para xaropeforte*, que se ha de tomar manhã, & tarde, ou de pé, se for pessoa taõ occupada que se naõ possa recolher, ou suando, que será melhor cura. E faça-se *segundo cozimento em cinco canadas de agua, que se gaste ametade, & coado se ajuntarà huma, ou duas canadas de vinho* para beber de ordinario. Ou em lugar deste se fará para a bebida ordinaria o seguinte: *Tomem seis onças de salsa parrilha, ou tres de páo da China, & lance-se de infusaõ em vinte quartilhos de vinho, com dous arrateis de assucar, & deyxe-se ficar dentro*, & daqui vá o doente bebendo jantar, & cea, & quando quizer. E se naõ gostar do assucar, sem elle se faça. Ou se ordene este para tomar a modo de xarope, manhã, & tarde: *Tomem de salsa parrilha doze onças, ou seis de páo da China, & lance-se de infusaõ em nove quartilhos de vinho, passados tres dias se chegue ao fogo, que dè hũa só fervura*, & vá o doente tomando este xarope manhãa, & tarde & de seis até oito onças, de cada vez, & naõ lhe tire a salsa, ou pao de dentro.

Haõ-se de continuar estes medicamentos, ou suando, ou de pé, quinze, ou vinte dias, ou até que o doente se sinta perfeytamente saõ sem sinal de recahida, & ainda ao depois se ha de ir continuando quarenta, ou sessenta dias com o vinho do segundo cozimento até se segurar na saude. E naõ duvidem da muyta quantidade de pao, ou salsa, que nestes cozimentos entra, porque como fervem pouco, deyxaõ pouco a virtude no licor, & por tanto he necessario supprir com a quantidade o que falta de cozimento.

Além destes simplices se fazem outros cozimentos compostos, misturando todos os ditos paos, & salsa, & algumas hervas, ou raizes mais, que tenhaõ respeito a diversas partes, & affectos: & quem quizer fazer a cura de pé sem suores, para mayor segurança della, misturem-lhe medicamentos purgativos, de que póde ser exemplo a receyta seguinte, que se chama vinho santo pelos admiraveis successos, que do uso delle a experiencia tem mostrado.

Numero 2.

Receyta do vinho santo.

TOmem de ruybarbo tres oytavas, salsa parrilha machucada, páo santo limado, cascas do mesmo feytas em pó, coentro preparado, & sene, de cada huma destas cousas seis onças; cardo santo tres onças. Tudo se lance em doze canadas de vinho branco fino, sem gesso, & deyxem-se ficar dentro sem nunca se coar. E passadas vinte, & quatro horas comece o doente de beber em jejum, jantar, & cea, & entre dia, do modo que dentro em oyto, ou nove dias naõ beba outro vinho, nem agua, nem ainda caldo, comendo nelles carne assada de gallinha, perdiz, coelho, pom-

bo, carneyro, ovos, passas de uvas, amendoas torradas. E sendo necessario por razaõ do tempo, ou da idade, ou das forças, se poderáõ diminuir estes medicamentos. E quem tiver impedimento, ou naõ poder sofrer tantos dias sem beber agua, pode-o tomar em dias interpolados, bebendo agua de salsa, & tomando o vinho hum dia, outro naõ, ou hũ dia, & dous naõ. E continue atè desaparecerem todos os symptomas gallicos. E se naõ bastar hũ almude tome outro, & outros, atè que sáre. E depois beba agua de salsa, & tenha regimento quarenta dias. Cura este vinho todo o morbo gallico rebelde, de quarta especie, despedindo ossos, desfazendo talparias, & tumores scyrrhosos, & atè as hecticas gallicas tem curado, de que poderamos aqui trazer admiraveis exemplos.

Numero 3.

Outro vinho excellente.

T*Omem de salsa parrilha machucada seis onças, páo da China feyto em cavaquinhas tres onças, páo santo limado meyo arratel, folhas de sene onça, & meya, cascas de mirabolanos chebulos, Indos; & citrinos, de cada hum duas oytavas, hermodactiles quatro oytavas, rosmaninho, ouregãos, losna, betonica, hyssopo* (seráõ estas ervas secas) *de cada huma huma maõ-chea. Tudo se lance de infusaõ em tres canadas de vinho branco o melhor que se puder achar. E passa dos tres dias chegue-se ao fogo que levante sómente fervura, & naõ se tirem os materiaes de dentro*, & và o doente bebendo delle doze dias manhã, & tarde, de cada vez meyo quartilho andando de pé. E para beber de ordinario *lançaràõ em outras tres canadas de vinho duas onças de salsa parrilha, & meya de páo da China sem ir ao fogo.* E se tambem quizer beber alguma agua, cozersheha com salsa. Tem este vinho os effeytos do sobredito. E foy ordenado para certa pessoa, que tendo tomado as unturas, & fumos do azougue, & babado grandemente, lhe tornàraõ vehementes dores de cabeça, sem se aquietar de dia, nem de noyte, continuando sempre a baba, chagas da bocca, & a mais operaçaõ do mercurio, que jà demasiadamente a enfraquecia. E porque o vinho he seu alexipharmaco, & o saõ tambem as ervas sobreditas, conforme Dioscorides, lho ordeney na fórma dita, & sarou de tudo perfeytamente, seja Deos sempre louvado. E póde servir para qualquer outro gallicado de quarta especie, ainda que a noxa do azougue naõ precedesse.

Lib.5.c. prop

Numero 4.

Cozimento que se faz em soro.

SE o soro ferve muyto, se faz salgado, como nota Rudio, pelo que convem, que nos cozimentos, que delle se fizerem, se guarde a ordem, que se disse nos do vinho, a saber, que ou se faça primeyro o cozimento em agua, & no fim delle se accrescente o soro. Ou se faça logo no soro lançando a salsa, ou páo em mayor quantidade, para que fervendo pouco lhe fique bastante virtude. Exemplo do primeyro modo. *Tomem seis oytavas de salsa parrilha, ou tres de raiz da China, ou duas onças de páo santo limado, & lancem-se de infusaõ vinte, & quatro horas em tres quartilhos de agua, & depois fervaõ na mesma até se gastarem dous quartilhos, & como forem gastados, ajuntem ao cozimento hum quartilho de soro de leyte de cabras, & continue fervendo, que se gaste cousa de meyo quartilho, & tire-se*

Lib.5.c. 18.

ra-se do fogo, & coe-se, & guarde-se para tomar por duas vezes. E cada dia se fará este cozimento fresco.

Exemplo do segundo: *Tomem duas onças de salsa parrilha, ou meya onça de páo da China, ou seis onças de páo santo, & lancem-se de infusaõ em dous quartilhos de soro quente por espaço de quatro, ou seis horas, ou huma noyte, se naõ houver perigo de se azedar, & depois fervaõ no mesmo soro atè se gastar meyo quartilho, & deyxe-se ficar atè que esfrie, & coe-se para beber por duas vezes,* & com qualquer destes cozimentos se pòde o doente curar de pè, ou suando. E para beber de ordinario tornaràõ a cozer em agua bastante a mesma salsa, ou páo. Usa-se do soro quando ha demasiado calor de figado, ou febre, sarna, fleuma salsa, ou qualquer adustaõ demasiada. E se a necessidade o pedir, tambem se pòde dar este cozimento serenado. E naõ havendo de suar com elle será bom ajuntarlhe *sene de duas atè tres oytavas,* & pódemlhe ajuntar *hermodactiles, & outros medicamentos purgantes,* & tomalo manhã, & tarde a modo das apozemas, de que abayxo diremos.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

QUe ferva pouco. *Nos cozimentos que se fizerem em vinho adverte o Author, que fervaõ pouco, ou que totalmente naõ fervaõ; a razaõ he, porque fervendo o vinho, perdem-se as partes mais tenues, volateis, & espirituosas, que com o calor se exhalaõ, naõ só ao vinho, mas das cousas que com elle se cozem; & quanto mais ferver, menos virtuoso, & menos util ficarà o vinho; & por isto he muyto melhor fazer infusaõ, do que cozimento, pondo o vinho do lume em que esteja bem quente, sem ferver, o tempo que quizerem, cortando meudamente tudo o que for raiz, páo, ou casca, & machucãdo estas cousas, assim como tambem as sementes; porque assim lhe extrahe o vinho melhor a virtude, conservando-a sem dissipaçaõ das partes mais sutis, que nos cozimentos feyto em vinho se perdem.*

Vinho santo. *Não ha duvida, que os remedios preparados em vinho tem muyto mayor efficacia, do que os que se preparaõ em agua; porque o vinho, pela tenuidade das suas partes, desentranha melhor a virtude das cousas que nelle se infundẽ, do q̃ a agua; & como mais penetrativo, cõmunica-as melhor ao corpo. E por isto temos observado curar o vinho santo alguns achaques gallicos, que com outros remedios, ainda que alexipharmacos se não puderaõ vencer. Hum moço robusto, em idade juvenil contrhio contagio gallico, que se manifestou em huma gonorrhea virulenta, a que se seguio huma hernia, & ultimamente hum encordio, achaques de que se começou a curar tarde, & mal, dando tempo a que os seminarios contagiosos se communicassem ao sangue; de que resultou tolherse dos braços, & da perna esquerda, & appareceremlhe alguns caroços pelos lados do pescoço, & huma goma na perna direyta, por bayxo do joelho. Tomou suores de salsa, & páo santo, depois das evacuaçoens universaes; & ainda que com elles se desfizeraõ os caroços, & melhorou das juntas, com tudo não se acabou de desfazer a goma, nem o braço esquerdo ficou sem lezaõ. Entendeo-se que o regimento depois da cura acabaria estas reliquias; mas succedeo tanto pelo contrario, que cada dia se foraõ aumentando, & em breve tempo estava o homem mais tolhido das juntas, que no principio. Jà nestes termos considerava que não teria remedio, porque não queria admittir a cura do azougue, a que nunca o pudemos reduzir; mas com o vinho santo feyto pela receyta do Author, se curou taõ perfeytamente, que passando isto ha treze annos, nunca mais teve achaque, que se pudesse attribuir ao contagio gallico. He verdade que de-*

pois

pois da cura, lhe fizemos tomar alguns dias panacèa mercurial, para extinguir os seminarios do contagio, que ainda que os danos do gallico se venção, sempre ficaõ no corpo alguns seminarios delle quando as curas se fazem sem azougue. Aos comeres usava tambem do dito vinho, mas sempre no fim da mesa bebia hum pucaro de agua cozida levemente com páo de saxifrás.

Pombo. *Ordena o Author aos que se curarem com o vinho santo, que comaõ pombos, pouco lembrado de que estas aves saõ reprovadas nos achaques gallicos, principalmente se houver dores de alguma parte, porque elles as fazem renovar, como o mesmo Author affirma, por liçaõ de Nicolao Massa, exceptuando este alemento dos mais que concede em qualquer cura deste contagio, como se pòde ver adiante no* Capitulo XIII. num.7.

Numero 4.

SE o soro. *Os cozimentos feytos em soro com os alexipharmacos do gallico, nunca saõ muy virtuosos, porque se serve muyto, fica o soro salgado, como nota o Author, por liçaõ de Rudio; & ainda que ferva muyto, naõ extrahe bem a virtude dos simplices, que nelle se cozem; o que faz melhor a agua, & melhor que esta o vinho, & a agua ardente, pela tenuidade das suas partes, com que entraõ pela substancia das cousas que se lhe infundem, & com que se cozem. Nem se cuyde que por lançar no soro muyta quantidade dos alexipharmacos, ficarà com mayor virtude, como o Author entende: porque o soro ha de tomar das cousas que lhe infundirem quanto couber na esfera da sua receptibilidade; & depois de se impregnar, & de se encher com o que tirar dellas, todas as mais partes ficaõ intactas, & vem a ser inuteis; donde se vè camo erra quem cuyda que ficaõ mais activos os cozimentos, & as infusoens por lhe lançarem grande quantidade de cousas, cuja virtude se não pòde receber em pequena porçaõ de licor. Expliquemonos mais, para os que naõ souberem isto: quem infundir vinte grãos de pós de Quintilio em huma onça atè duas de vinho, terà neste hum vomitorio de bastante efficacia; porque aquella porçaõ de vinho, toma dos pòs a virtude emetica, que nelle cabe, & he a que basta para fazer sufficiente operaçaõ; porém se na mesma quantidade de vinho infundirem duas, ou tres onças dos mesmos pòs, nem por isto ficarà o vinho mais emetico, do que com a infusaõ dos vinte grãos: porque tanto que se impregna, & se enche com o que cabe na esfera da sua receptibilidade, tudo o demais fica intacto, como se nelle se naõ infundira. O que nos parece melhor he, que os cozimẽtos se façaõ em agua, que não he menos fria que o soro; & se este for necessario por algum fundamento, se use delle puro, & separado em hora conveniente. E quando por razaõ de algũa intemperança quente se temer o calor dos alexipharmacos, se use do azougue, que sem esquentar, he de mayor utilidade, do que os cozimentos feytos em soros, & do que os xaropes de frangãos medicados.*

CAPITULO XXI.

Dos cozimentos, que em caldo de carne se fazem.

COstumaõ-se algumas vezes cozer alexipharmacos do morbo gallico com carne, ou em caldo della, em especial estando o enfermo debilitado, & demasiadamente magro, ou de alguma grande evacuaçaõ, que precedesse, ou da antiguidade do mal, como acontece aos que padecem hecticas gallicas, segundo se vè de Fernelio, a quem imitàraõ os mais depois delle. Porèm porque a carne faz os cozimentos fastidiosos, diz Eustachio Rudio, que primeyro se lhe

Lib. de curat. Luis ven.

dem

dem humas fervuras para que se alimpe daquellas escumas, & humidades, & depois se coza em outra agua com os alexipharmacos. Seja exemplo : *Tomem seis onças de guayacaõ, ou páo santo, ou duas de salsa parrilha, ou huma de páo da China, & infundaõ-se vinte, & quatro horas em nove quartilhos de agua quente, & depois fervaõ na mesma com dous frangãos atè ficarem sómente tres quartilhos.* Em lugar dos frangãos se quizermos nutrir mais, *se lhe misturarà huma franga, ou hum arratel de vitela, ou de carneyro, & qualquer destas carnes serà primeyro fervida, & escumada em outra agua diversa, & depois a meteràõ na panela juntamente com os alexipharmacos*, & tome o enfermo meyo quartilho pela manhã, meyo à tarde. E se quizerem o cozimento composto, *tomaràõ tres onças de páo santo, huma de salsa parrilha, meya de raiz da China, & farseha conforme està dito.* E para beber de ordinario faràõ outro cozimento sem carne com outro páo, ou salsa, porque os da carne o fazem desagradavel, & ascoso.

Mas porque anda em proverbio o máo sabor, & suspeyta do caldo requentado, por tanto me parece mais conveniente naõ se fazer senaõ para huma vez, *cozendo o frangão, ou ametade, ou hum quarto de huma gallinha, ou quatro onças de carne de vitela, ou de carneyro, em bastante quantidade de cozimento forte dos ditos alexipharmacos (que estarà jà para isso feyto) que naõ fique mais que huma tigela de caldo, que o doente tomarà em acabando de se fazer.* E se o houver de tomar à tarde, deve-se fazer outro tanto fresco, porque assim he mais gostoso, & seguro. E se o naõ quizerem taõ forte, *não seja toda a agua do primeyro cozimento, mas bastarà meyo quartilho della, & a mais que faltar serà do segundo.* Ou se faça *cozendo o que parecer de páo, ou salsa juntamente com a carne de modo que naõ fique mais que huma tigela de caldo.* Como agora: *Tomem duas oytavas de salsa parrilha machucada, lancem-se de molho em tres quartilhos, ou no que bastar de agua por huma noyte, ou vinte, & quatro horas, depois se cozaõ na mesma com mais hum frangão atè ficar sómente meyo quartilho de caldo*, que o doente beberá pela manhã, ou à tarde acabado de fazer. Ou façaõ assim : *Tomem do cozimento, que se faz para suar, meyo quartilho, do cozimento segundo, que se faz para beber de ordinario, dous quartilhos, & meyo, ou o que bastar, & nelles se coza o frangão, ou outra carne atè não ficar mais que huma tigela de caldo*, que o doente logo beberá. E pódemlhe lançar *assucar* para se tomar com mais facilidade, *ou sal ordinario*, como quando se coze para comer, mas sem elle he mais salutifero.

Os outros cozimentos, que se fazem em aguas destilladas, naõ tem cousa diversa dos da commua, nem tambem aquelles, que se fazem com cevada, porque commodamente se pòde infundir, & cozer com os alexipharmacos.

ANNOTAÇOENS.

COm carne. *Muytas vezes se usa dos alexipharmacos do gallico cozendo-os com carne, que ordinariamente costuma ser fragão, franga, ou gallinha; assim porque os gallicados tem alguma febre, ou intemperança, que necessita de medicamento mais temperado, como porque tem indigēcia de alguma reparaçaõ de substancia, como succede nos hecticos, aos quaes se hade acodir com medicamēto que nutra, que refrigere, que humedeça, & que juntamente tenha virtude alexipharmaca com que extinga os seminarios contagiosos. Isto cuydaõ muytos, que se consegue cozendo hum frangaõ com salsa, pao santo, ou raiz da China, & com raizes, & ervas refrigerantes, usando destes caldos dous, ou tres mezes. E naõ ha duvida que algumas vezes aproveitaõ; mas em gallico antigo, ou muy radicado, nunca nos fiamos nelles; principalmente se ha perigo na*

dilação com que estes remedios obrão. O que fazemos nestes termos, he dar alguns dias mercurio bem dulcificado, para extinguir o contagio, & depois usar dos caldos de frangãos para nutrir o corpo, & para moderar as intemperanças. Assim temos cura do muytos hecticos gallicados, quãdo não havia nelles esperança de vida. Outras vezes nos mesmos caldos, ou xarope de frangãos damos o mercurio; ou tomando-o em pirolas, lhe fazemos beber o caldo sobre ellas.

CAPITULO XXII.

Dos cozimentos, que se fazem em dous vasos, & por destillação.

EM meninos, & pessoas delicadas he algumas vezes necessario usar de mais delicados cozimentos, que com menos asco se possaõ tomar. E para esse fim se ordenaõ, ou em dous vasos, ou por destillaçaõ.

Ao de dous vasos chamaõ os Authores *Balneum Mariæ*, & se faz metendo a salsa, ou páo, & alguns outros simplices, se querem, dentro de hum vaso de barro, ou de vidro grosso de boca estreyta, & com elle a agua, que parece necessaria, & tapandolhe muyto bem a boca, que naõ respire para fóra cousa alguma, o metem dentro de hum caldeyraõ, ou tacho de agua, de modo que lhe fique a boca fóra, para que a agua do tacho lhe naõ entre, & o põem a ferver espaço de dez, ou doze horas, & depois se tira, & coa, espremendo tudo no licor, & se guarde para se dar a beber ao doente. E porque por este modo he menor a virtude, que no licor se aparta, he necessario que lhe lancem mayor quantidade de páo, ou salsa, do que se houvera de lançar, se se cozera ordinariamente em hum só vaso.

Exemplo: *Tomem de salsa parrilha tres onças, páo da China huma. A salsa se machuque muyto bem, & o páo se faça em talhadinhas muyto delgadas, & se lãcem de infusaõ em huma canada de agua quente, & ao outro dia se metaõ com a mesma agua em hum vaso de barro, ou de vidro grosso*, (para o que he muy accommodado hum ourinol grosso novo) *o qual se taparà, & porà dentro de hum tacho, ou caldeyraõ de agua ao fogo, & ferverà espaço de dez horas, ou o tempo que parecer atè se gastar ametade, que se conhecerà pesando-o em balança* como adiante diremos no Capitulo XXIV. na cura, que se faz com salsa de jarilhos, & depois disto *se tire, & se dem ao doente tres, quatro, ou seis onças de cada vez.* E se quizerem, pódem ao fazer disto misturarlhe *passas de uvas, maçãs da nafega, ou folhas de almeyraõ de chicoria, de borragem, cevada, ou quaesquer outros simplices, conforme a intensaõ de cada hum.* He este modo de cozimento muyto mais suave, & louvado de Pedro Hascardo Insolano, Monardo Ferrariense, Joaõ de Rupescisa, Raymundo Lunio, Jeronymo Brunsuisense, & Gualterio Rusio. E assim para meninos, & pessoas delicadas he muy conveniente.

mo. b. gal. Cap. 6. Lib. 15. Epist. 5. Lib. dist. Apud. Hasc. cit.

A destillaçaõ se faz de hum de dous modos. O primeyro he extrahindo hum oleo *de guayacão, & páo santo*, o qual he fortissimo, & por tanto se daõ sómente de tres atè quatro grãos de trigo de pezo delle, misturados com meyo quartilho *de agua de almeyrão*, conforme Rudio. He porém remedio arriscado, por ser calido, quasi em quarto grao, & adurente, além de que tem pouco de qualidade alexipharmaca, & pouca efficacia em curar o morbo gallico, & assim naõ se deve dar mais que a pessoas, que naõ querem admittir os outros modos de cura, & àquellas que naõ saõ destemperadas por calor; & ao destillarse se deve primeyro borrifar com çumo *de almeyraõ, ou chicoria*, & o que o tomar o conti-

nue

nue muitos dias, aliás naõ lhe fará a obra, que pertende. O ſegundo he infundindo, & cozendo a ſalſa, ou pao em agoa por eſpaço baſtante, para que ſe abraõ os póros, & lancem de ſi a virtude, & logo lançando cozimento, & tudo em alambique, ſe fará deſtillaçaõ, que ficará mais claro, & ſuave.

Exemplo. *Tomem ſalſa parrilha quatro onças, infunda-ſe em dez quartilhos de agua por eſpaço de quatorze horas, & coza-ſe na meſma até ſe gaſtar ametade, & depois ſe pize muyto bem, & com a meſma agua em que ſe cozeo, ſe ponha em alambique de vidro, & ſe deſtille.* A meſma deſtillaçaõ ſe póde fazer do pao ſanto, guayacaõ, ou China, ou de todos miſturados, & ajuntarlhe as hervas, & mais ſimplices, que parecerem convenientes, ſegundo as indicaçoens, que occorrem.

ANNOTAÇOENS.

DElicados cozimentos. *Para meninos, & peſſoas delicadas prepara o Author diverſos cozimentos, & deſtillaçóes dos alexipharmacos. Sobre o que dizemos, que os cozimentos feytos em dous vaſos, ſaõ como os que ſe fazem em hum ſó, havendo cuidado em que ſe naõ eſturrem. E em quanto às deſtillaçoens, ſabemos por experiencias, que ſaõ de pouca utilidade; & por iſto nada nos parece tanto a propoſito, como o mercurio, de que peſſoas mimoſas, & meninos de mama pódem uſar com mais facilidade, & com mayor emolumento.*

CAPITULO XXIII.

Do regimento que devem ter os que ſuaõ.

Numero 1.

EM *tres partes* ſe divide o regimento dos que haõ de tomar ſuores, a ſaber, *o que convem antes, depois, & quando ſe tomaõ. Antes* he neceſſario deſcarregar o corpo pelas evacuaçóes univerſaes de ſangria, & purga, conforme eſtá dito nos Capitulos antecedentes, onde tratamos a cura de cada eſpecie de morbo gallico, & particularmente havendo muitos humores, ou opilaçóes nas primeiras vias, a ſaber, eſtomago, veas meſaraicas, & figado, he neceſſario que primeiro ſe deſcarreguem como muy bem advertio Fernelio, & primeiro, que elle Galeno, porque provocando-ſe ſuor, havendo os ditos humores nas primeiras vias ſe diſtribuem por todo o corpo, & fazem mayores males do que havia. E havendo opilaçóes, como eſtas procedem de muytos humores craſſos, & tenazes, & ſe naõ gaſtaõ com os medicamentos ſobreditos, depois dos ſuores ficaõ os enfermos ainda opilados, como cada dia vemos, & nas opilaçóes ſe conſerva a qualidade gallica, que he cauſa de recahida, como nota Rudio, por onde antes dos ſuores convem tratar dellas, como diremos em ſeu lugar Cap. XXXXII.

Lib. de cur. ar. Luis ven. cap 84. de Sanit. cap. 5. Lib. 5. de morb. ven. cap. 14.

Numero 2.

Caſa em que ſe haõ de tomar os ſuores.

NO tempo delles convem que haja grande reſguardo do ar, porque além do damno ordinario, que faz em tapar os póros, & deter a evaporaçaõ das fuligens, offende o cozimento da terceyra digeſtaõ, a qual offenſa *per conſenſum* ſe communica facilmente ao figado, & ſe offende mais a ſanguificaçaõ, & de novo ſe entende a qualidade gallica, & creſcem os excrementos, que por oc-

caſiaõ della ſe geraõ, como nota muy bem Ruí Dias de la Isla.

Lib. de morb. ſerp. cap. 10. Reg 45. & 6. & c. 9. præc. cap. 2.

E por tanto naõ eſteja o enfermo na primeyra, nem ainda na ſegunda caſa, ſenaõ *em camara abrigada* de poucas portas, & janellas, & ainda armada, & alcatifada, ſegundo ſua poſſibilidade: & ſe prepare de modo, que ſeja *quente no inverno, & temperado no veraõ*. E ſendo tempo de muytas calmas, tambem haverá advertencia que *naõ ſeja demaſiada na caſa*, & para iſſo, ſendo neceſſario, poderàõ abrir huma janella, com tanto que naõ haja vento: *& naõ lave as mãos em agua fria*, & querendo-as lavar, ſeja com vinho morno, ou com o terceyro cozimento, que para iſto ſe póde fazer da meſma ſalſa, ou pao, como ordenaõ Fallopio, Alfonſo Ferreo, & outros: & quando lhe for neceſſario, *guar de-ſe de pór na caſa os pés deſcalços, & de lhe dar frio nas pernas, ou no mais corpo*, & para iſſo tambem tenha na cama ſua almilha veſtida: & haja finalmente *toda a cautela para que o ar lhe naõ toque*; porque conta Ruí Dias, que de hum homem, que tomára ſuores, pòr os pés no chaõ, ſem embargo de ſer tempo de calma, lhe ſobreveyo tal ſoluço, que morreo no quarto dia.

Cap. ibi prop. cit. reg. 6.

Numero 3.
Comer dos que tomaõ ſuores, a hora, & numero delles.

Lib. de morb. gal. cap. 9

NO que toca ao comer diz Ultiche de Uten, que ſeja o menos, que for poſſivel: *Inedia quanta poſſit maxima, extenuetur æger.* E todos os mais Authores convem em que *ſeja pouco, principalmente nos principios*, em quanto as forças o permittem, porque da falta delle ſe ſegue menos geraçaõ de excrementos, & conſume o calor natural os que ha gerados; mas depois que o doente vay enfraquecendo, ſe lhe ha de ir accreſcentando a porçaõ pouco, & pouco. E o commum uſo tem que ſeja o pão biſcouto, ou feyto em fatias, & torrado no forno, & nos primeiros oito, ou dez dias naõ ſe daõ mais, que paſſas de uvas, & amendoas torradas, & algumas vezes ovos paſſados por agua, ſe o doente enfraquece, & depois delles ſe dá frangaõ aſſado, & depois franga, ou gallinha, & póde-ſe conceder perdiz, rola, paſſarinhos do monte, coelho novo, & aos pobres carneiro aſſado.

Lib. de morb. c. 57. Lib. de morb. ven. cap. ult.

A quantidade naõ ſe póde limitar, mas o ordinario, conforme Fallopio, & ſeu imitador Euſtachio Rudio, ſaõ *tres até quatro onças de biſcouto, & duas até tres de carne aſſada*, & comendo amendoas, fiſticos, ou pinhões torrados, ſe daraõ *de duas até quatro onças*, & de paſſas *até duas, ou tres*, dando mais quantidade aos ruſticos, exercitados, robuſtos, & coſtumados a comer muyto, em eſpecial a gente moça, & pelo contrario aos outros. E poſto que anda em uſo ſer o jantar mayor que a cea, com tudo he melhor o contrario diſto, como diz Euſtachio Rudio, a ſaber, *jantar pouco, & cear melhor*, porque he pouco o tempo do jantar até o ſuor da tarde, & naõ ſendo pouco o comer, naõ poderá eſtar digeſto, & ſerá de muito damno ſuar com crueza de eſtomago, como ſe vê de Galeno, & porque muitas vezes encontramos com enfermos taõ fracos, que naõ pódem aguardar a tenuidade do mantimento, logo nos principios lhe damos frangaõ, ou franga, & quando naõ pódem comer biſcouto, nem aſſado, lhe damos paõ molle, & gallinha cozida com ſeu caldo, & ſempre ſe advirta, que *o erro de dar de comer pouco, & de chegar o enfermo a fraqueza, he mayor, que dar muyto de comer*, como enſina Hippocrates.

4. de ſan. tuend. c. 5.

1. aph 5.

O beber ſerá agua do ſegundo cozimento, conforme aſſima fica dito, da qual beberáõ quanta quizerem, com tanto, que naõ ſeja em tal exceſſo, que perturbe o

cozimento

cozimento, como alguns fazem, cuidando, que quanta mais bebem melhor faraõ, sendo o contrario, conforme ao dito de Hippocrates: *Omne nimis est inimicum naturæ. Todo o demasiado he inimigo da natureza.* Vinho he *muy contrario aos do morbo gallico*, como nota Ruí Dias, Mathiolo, & outros Authores graves; porém em pessoas, a que sem elle naõ coze o estomago, ou tem urgencia de fraqueza, se concede algumas vezes em pouca quantidade, & aguado com a mesma agua do pao, ou salsa. E naõ obsta ordenarmos assima cozimentos em vinho, porque esse por ser medicado com os alexipharmacos, naõ damna, antes os faz obrar com mais efficacia.

2.aph.51 Loc. cit. Lib. de morb. gallic.

De doces convem cidrada, toranja, & em pessoas de temperamento frio, tempo do Inverno, & mal antigo, diacidraõ, limaõ de conserva, flor de laranja, nozes de conserva, & outros semelhantes. E a todos escorcioneyra, pessego cuberto, pessegada, marmelada, perada: estas duas conservas principalmente se dem sobre mesa. E naõ impedindo o calor do tempo, ou do figado, se podem dar confeitos de herva-doce, & havendo estes impedimentos, de rosa, & com elles, & sem elles os de coentros sempre saõ accommodados.

O tempo de comer será duas horas, ou pelo menos huma depois de sahir o suor, & *a hora de dar o xarope sudorifico será depois de feita a digestaõ do estomago*, que pela manhãa póde ser a qualquer, por ser muito o tempo que tem passado depois da cea, porém a da tarde será nos estomagos ordinarios *a setima depois de ter jantado*, nos muito calidos *a quinta*, ou *sexta*, & nos tardos, *a oitava*, ou *nona*, como já assima fica advertido, & por ser isto muy necessario, & que de ordinario se naõ adverte, o repetimos. Tambem se note, que em tempo de calmas se escolha a hora de menos calor, como he *a quinta, ou sexta depois da meya noite, & a setima, ou oitava depois do meyo dia*; & pelo contrario em tempo frio, nem se madrugue muyto para tomar o suor, nem se espere muito pela noite. A detença que no suor se deve ter, he de ordinario *huma hora* dando-se de roupa, *ou de meya hora, até tres quartos* dando-se de estufa, porém nisto naõ póde haver limite certo; porque ha muitos, que naõ pódem aguardar, nem lhes he necessario tanto tempo: outros, que sofrem, & tem necessidade de muyto mais. E diz Mercado, que os deyxem estar no suor em quanto facilmente o sofrerem sem anxiedade alguma, com tanto que naõ passe de tres horas. *O tempo que os ha de continuar he até haver saude perfeita*, que se conhecerá, *se as chagas perfeitamente se mundificarem, as dores se extinguirem, os tumores se resolverem, & todos os mais symptomas cessarem*, & em quanto naõ houver isto, naõ deyxe o doente de continuar com a cura, conforme encomenda Ruí Dias, & o ordinario he na Primavera, & segunda especie bastarem de nove, até quinze dias, & nas outras até trinta.

Cap. 9. Cap. 9. præcep. 1.

Aqui se note, que duvidaõ alguns, se he necessario esperar que as chagas se mundifiquem, para entrar nos suores; & realmente que naõ sey que fundamento haja para mover tal duvida: porque se a qualidade gallica, & os humores viciosos saõ a causa da sordicie, corrupçaõ, & putrefaçaõ destas chagas, & esta se tira com os suores, que duvida póde haver de os dar, estando a chaga sordida, podre, ou corrosiva?

Numero 4.

Acode-se aos accidentes, que sobrevem aos que tomaõ suores.

SE a natureza cada dia naõ acodir, lance-se ao doente ajuda commua, & se estiver destemperado por calor, misturem-lhe *azeite rosado, ou violado, ou*

cevada, & ameixas no cozimento. E porque ha doentes que naõ ſofrem ajudas, ordena Fallopio, que com o xarope, que ſe dá para ſuar, ſe miſture *huma onça de mel*, & ſe naõ baſtar, ſeja *de xarope de nove infuſoens de roſas Alexandrinas feito com mel*, que ſerá mais conveniente ſendo os humores frios, como os da terceira, & quarta eſpecie, & naõ o impedindo o temperamento total do doente, ou particular do figado, ou demaſiado calor do tempo; porque ſe houver iſſo, baſtará ſer o xarope ordinario *de aſſucar, ou de nove infuſoens de violas, ou das noſſas roſas, ou duas onças de manà, ou meya até huma onça de polpa de canafiſtula.* Porèm a vez que eſtes purgativos ſe derem ao enfermo, naõ ſé provoque ſuor, porque he inconveniente dar à natureza dous movimentos contrarios na meſma hora, & diz Nicolao Polla, que para provocar camara aos que a naõ fizerem, ſe dè *pezo de hum, ou de dous eſcudos, que vem a ſer huma, ou duas oytavas, de pós do guayacaõ moido ſubtilmente, & paſſados por peneira fina, dandolhos em agua cozida com erva-doce quente, & dilatandolhe o comer cinco, ou ſeis horas*, & que ſe com iſto naõ obrar, que ſe lhe tornem a dar ao terceiro dia, & que entaõ purgará.

Cap. 55.

E ſe acertarem de ſobrevir camaras, (que a ſalſa algumas vezes coſtuma mover por relaxár o eſtomago, como nota Fallopio) em eſpecial ſe forem do meſmo mantimento crû, ou mal cozido; a que chamaõ *lienteria*, ou *cæliaca paſſio*, deyxe-ſe de dar agua do ſegundo cozimento ao comer, & em lugar della ſe dê hum copo de vinho, que conforme Fallopio experimentou, logo remedea eſte accidente: & com tudo naõ deyxe o doente de continuar com os xaropes ordinarios do ſuor. E eu deralhe em lugar do ſegundo cozimento vinho, em que a ſalſa eſtivera de infuſaõ, a ſaber, *huma onça em huma canada de bom vinho ſem ir ao fogo*, & como for meya gaſtada reforme-ſe com outra meya canada, com que ſe irá continuando ſete, ou oito dias, que póde durar a virtude daquella onça de ſalſa, & depois ſe fará infuſaõ com ſalſa nova. E ſe houver impedimento de beber eſte vinho puro, ſe aguará com a agua, que parecer neceſſaria do ſegundo cozimento. Ou tambem *para emendar* a ſalſa ſe lhe miſture ao comer hum pequeno *do páo dà China, ou pelo menos do ſanto, ou guayacaõ, ou huma pequena de almecega, ou huns grãos de herva-doce.*

Cap. 67

E ſe o doente tiver grande faſtio, ou engulhos de vomitar, he a cauſa demaſiado calor do eſtomago, & aſſim convem fazerlhe os cozimentos mais temperados com menos *ſalſa, ou páo, ou que mingue menos ao cozer, ou ſe lhe miſture cevada, ſe façaõ em aguas deſtilladas de almeyraõ, azedas, chicorias, ſerralhas, & ſemelhantes*, como nota o meſmo Fallopio. E para tirar o aſco do xarope ao doente póde-ſelhe adoçar com aſſucar, & por fóra ſe conforte o eſtomago applicandolhe, *ou miva, ou oleo de marmelos, ou roſado onfacino.* Tambem ſe póde confortar com *huma fatia de paõ torrado borrifada com vinho, & agua roſada, & cuberta de pós de ſandalos.* Ou ſe applique *talhada de carne de vaca meya aſſada com o meſmo vinho com pós, ou ſem elles.* E quando a fraqueza for muyta, ſe lhe ponha *hum frangaõ, ou pombo vivo aberto pelo eſpinhaço, ou qualquer outro animal, que ſerá melhor, polvorizado com os meſmos pós.* E ſe com tudo o faſtio for taõ grande, que naõ poſſa comer couſa alguma, deyxe de tomar os ſuores alguns dias, até ſe reformar, & póde-ſelhe conceder para appetite *alcaparra, perrexil, alguma fruta de Achar*, naõ ſómente o que vem da India, mas tambem o que neſtas partes ſe faz, & póde-ſelhe dar algum peyxinho leve, como *azevia, faneca, linguado, ſalmonete, truta, ou boga*, principalmente ſendo peyxe creado entre pedras, porque conforme Ruí Dias de la Isla, naõ faz o peſcado tanto mal neſta enfermidade, como ſe cuida, ſegundo a larga experiencia lhe tinha moſtrado.

Cap. 9. præcep. 9.

E ſe

E ſe o doente deſmayar (que acontece de ordinario depois dos vinte dias, pela fraqueza procedida do pouco comer, & dos muytos ſuores) deſelhe mais quantidade de mantimento; & logo pela manhã cedo huma, ou duas horas antes do ſuor ſe lhe dem *duas gemas de ovos*, como manda Fallopio, & outras tantas à tarde, ou huma fatia *de pão ordinario, ou de lò, ou de Rey molhada em vinho.* E ſe com tudo tiver ainda muyta fraqueza, deſcanſe algum dia ſem ſuar, ou tome no dia hum ſuor ſómente, & demſelhes huns caldos, a que chamaõ *esforçados*, que ſaõ muyto melhores, ſe ſe fazem cozendo juntamente perdiz, & galinha.

E ſe o doente naõ ſuar, diz Mercado, que póde proceder de huma *de tres cauſas*, a ſaber, *de fraqueza, da craſſidaõ, ou viſcoſidade dos humores, ou da denſidade do couro. Se proceder de fraqueza*, remediarſeha, como eſtà dito do doente, que ſe deſmaya: *ſe de ſerem os humores craſſos, & viſcoſos*, miſturarſeha com os xaropes ſudoriferos, medicamentos, que os corte, & attenue, v. g. *huma onça de oximel ſimplez, ou de xarope de duas, ou de cinco raizes de fumaria.* Ou ao cozer dos alexipharmacos ſe miſturem medicinas attenuantes, como *erva-doce, raiz de funcho, de eſpargo, de gilbarbeyra, de aypo, de ſalſa de comer, de grama, de tamargueyra*; ou *ſe miſture betonica, roſmaninho, poejos, ouregãos*, & ſemelhantes, para que os humores attenuados caybaõ pelos póros, & poſſaõ ſahir com o ſuor. *E ſendo a denſidade da carne, & couros os que fazem com que o doente ſue*, como acontece a peſſoas melancholicas, ſecas, de carne dura, & couro aſpero, tira-ſe eſte impedimento, *uſando de huns baſos de cozimentos de ervas calidas, & diaphoreticas tomados debayxo de hum pavilhaõ*, como jà aſſima fica dito. Ou ſe applique aos pés do doente *hum tijolo quente borrifado com vinho* como manda Fallopio. Ou humas borrachas, ou cabaças cheas de cozimento de algumas ervas calidas, como *tagueda, macella, coroa de Rey, betonica, folhas de louro, de larangeyra, marroyos, ouregãos, poejos, roſmaninho*, & ſemelhantes, as quaes borrachas lhe applicaráõ, como diz Mercado, debayxo dos braços, às verilhas, & aos pés. E o melhor de tudo, he uſar da eſtufa ordinaria, de que jà fallàmos, porque rariſſimo he o que nella naõ ſua de qualquer cauſa que proceda o naõ ſuar.

Lib. 1. de morb. gal cap. 9.

Loc. cit.

De mulher ſe guardarà grandiſſimamente quem ſe cura, como aviſaõ todos os Authores, porque he taõ danoſo, que qualquer ſombra deſte negocio, que aconteça dentro dos quarenta dias da cura, dá com toda ella a travez, como pela ſua grande experiencia notàraõ Ruí Dias, & ſeu bugio Pedro Lopes Leaõ, que affirmaõ que dentro de tres mezes he danoſo. E por tanto haja grande advertencia, como diz Fallopio, que a cura ſe naõ adminiſtre por certas criadas de occaſiaõ arriſcada. Tambem ſe guarde o doente de tudo aquillo que lhe póde dar moleſtia, ou fazer grande divertimento do animo, *como certos jogos de grande applicaçaõ*, aſſim como xadrez, ou que movem muyto a rayva, como tabolas, & alguns de cartas, & ſemelhantes.

Cap. 9. Lib. de morb. gal Cap. 54.

Numero 5.

Purga, que ſe coſtuma dar no meyo, & no fim dos ſuores.

Tem alguns Praticos, como Andre de Alcaçar, por infalivel regra dar huma purga antes dos ſuores, outra no meyo, outra depois delles. Porém aſſim como na primeyra naõ ha duvida alguma, aſſim a ha muyto grande nas outras duas, em eſpecial na do meyo; porque com ella ſe daõ dous movimentos contrarios no meſmo tempo aos humores, a ſaber, o que ella faz da circun-

Lib. 5. de morb gal cap. 9.

ferencia para o centro do corpo, & o que fazem os ſuores do centro para a circunferencia, que he grande inconveniente: além de que perturba o enfermo cauſandolhe tambem deſtemperança calida, como coſtumaõ todas as purgas. Pelas quaes razões, diz Fallopio, ſe naõ daràõ no meyo dos ſuores, ſe a cura proceder bem, & eſperarmos que com elles acabe de ſarar o doente. Só quando os humores forem tantos, & taõ groſſos, que o ſuor os naõ poſſa acabar de vencer, (que ſe conhecerá, porque o doente naõ alivia couſa alguma) ou quando ſe derreterem com os medicamentos ſudoriferos de tal ſorte, que corraõ com furia à garganta, ou ao peyto, ou ao eſtomago, às juntas, ou a qualquer outra parte, neſtes caſos he neceſſario deyxar os ſuores, & acudir a purgar como prudentemente nota Mercado. Ou ainda ſangrar ſe for neceſſario, & depois tornar a elles.

Galen. 1. aph. com. 14. Lib. de morb. gal

Lib. 1. de morb. gal cap. 9.

He tambem muy coſtumado darſe no fim dos ſuores huma purga, dando-ſe por razaõ, que por elles ſe tem evacuado os humores delgados, & que convenientemente ſe evacuaràõ pela purga os groſſos, que dos medicamentos ſudorificos ficaõ preparados. *Mas he muyto má pratica eſta, porque a experiencia moſtra muyto máos ſucceſſos della*, como ſaõ renovarem as dores, & todos os ſymptomas gallicos, principalmente ſe os medicamentos ſaõ fortes, como teſtifica o noſſo Antonio da Cruz Cirurgiaõ experimentado. E primeyro que elle Ruí Dias de la Isla taõ verſado na cura deſte mal, que a exercitou mais de quarenta annos. A cauſa ſe póde attribuir a que as purgas ſegundo Galeno, & Hippocrates nos aphoriſmos, ſaõ muyto danoſas às peſſoas que tem ſaude: & como no fim da cura dos ſuores os doentes a tem perfeyta, ou quaſi, a purga lhes faz os danos, que coſtuma fazer aos ſãos, porque conforme Galeno, ella ſempre faz ſeu officio em attrahir os humores, & naõ os achando ſuperfluos, derrete a carne, & o ſangue para evacuar os bons, que ſaõ neceſſarios à integridade da ſaude. Póde-ſe ajuntar outra razaõ, que aponta Isla, a ſaber, porque as purgas, conforme Galeno, offendem grandemente ao eſtomago, & conſequentemente ao figado, de que ſe ſegue mayor dano na ſangueficaçaõ, que he principal leſaõ, que faz a qualidade gallica, como provamos em ſeu lugar. Confirma-ſe: porque pelos ſuores ſe tem movido os humores para as partes cutaneas, & a purga os torna a retrahir para o centro do corpo, couſa que he menos conveniente. E aſſim melhor ſerá naõ dar purga, & deyxallos à natureza, que com o bom regimento os acabarà de gaſtar.

Tract. 4. cap. 7.

Lib quos & quãdo in princ.

Loc. cit.

Loc. cit. 1. a cur. tex. 12.

Náo ſe darà logo eſta purga ſenaõ àquelles, a que os ſuores naõ baſtàraõ para evacuar os humores, o que ſe conhecerà pelos ſymptomas que ficaõ, a ſaber, dores conſideraveis, ſordicie nas chagas, & outros. E ainda neſte caſo ſerà de proveyto eſcolher medicamento brando, poſto que pareça, que naõ baſtarà para evacuar das partes remotas, porque como o corpo fica eſquētado dos ſuores, & a purga tambem aquenta, ha perigo ſendo ſorte de ſobrevir neſte tempo febre, ou demaſiado calor do figado, que he diſpoſiçaõ para que a qualidade gallica nelle ſe intenda, & radique mais. E ſendo neceſſario uſar de medicamento mais vehemente, darſeha paſſados mais alguns dias depois dos ſuores, quando jà o fervor delles ſe tenha remetido. E advirta-ſe que naõ ſe dè logo purga com qualquer ſombra, que fique de algum ſymptoma gallico como dorſinha, ou tumor de pouca conſideraçaõ, porque eſtas reliquias com a purga ſe exacerbaõ, & renovaõ, & com bom regimento, & agua de páo, ou ſalſa, que ſe vay continuando, ſe extinguem de todo. E quando ſe naõ acabem de conſumir, entaõ ſe uſará da purga, & de outros medicamentós, que as gaſtem, de que abayxo fallaremos.

Num. 6.

Numero 6.

Regimento para depois dos suores, & para qualquer cura do morbo gallico.

ACabados os suores se deyxará o doente estar na cama tres dias, & outros tres na camera depois de levantado. E passados dez poderá sahir fóra de casa estando o tempo quieto, porque fazendo vento, ou muyto frio, ainda se terá mais resguardo: *& naõ vista, nem calce os vestidos, & calçados, de que dantes usava*, porque delles se torna a contrahir novamente o contagio, & por naõ haver esta advertencia, ha recahida em muytos, porque do calçado, os vio recahir Fallopio: lavando-se porém os vestidos, seguramente se póde outra vez aproveytar delles, como diz o mesmo Author. *E guardarseha grandemente de conversaçaõ de mulher, não passando o mal da terceyra especie, quarenta dias, mas se for jà da quarta, he necessario ter resguardo pelo menos dous mezes. E se o mal for de febre gallica, quatro*, conforme Ruí Dias. E o mais seguro he o *costume dos Indios, que tem exacto regimento dez Lunas.* E naõ pareça isto prolixidade, porque he sentença commua dos Authores que o coito he a mais prejudicial cousa que nesta materia ha, & principalmente aos de quarta especie, & logo aos da terceyra, & assim nas demais. Cuja causa he, porque como na quarta, & terceyra especie se offendem mais as partes solidas, & o coito as debilite muyto, saõ os enfermos destas especies mais sugeytos à offensa delle, conforme adverte Nicolao Massa, & pelo consentimento, que estas partes tem com o figado, se lhes communica logo o mal, & succedem accrescentarse o vicio da sanguificaçaõ, & consequentemente recahida. Por tanto he necessario ser grande o resguardo nesta materia, naõ sómente no tempo da cura, mas tambem no da convalecença, os dias que temos determinado.

Tract. de morb gal cap. 21.

Cap. 9. præcep. 4

Lib. 5. de morb. gal Tract. 2. cap. 6.

Numero 7.

Agua, vinho, carne, peyxe.

COntinuarà o tal convalecente bebendo agua de páo, ou salsa, sendo doença da primeyra, ou segunda especie, trinta dias, & sendo da terceyra, mez & meyo, & da quarta dous, ou tres mezes*, conforme a intensaõ, ou rebeliaõ do mal. E guarde-se de beber agua simplez, porque conforme Massa, he muy danosa, & quando a naõ cozer com os alexipharmacos, ao menos a coza *com semente de funcho, erva-doce, canela, ou escorcioneyra*, qualquer destas cousas. *E seja regra geral*, que em qualquer especie se continue com a dita agua, & todo o mais regimento em quanto houver sombra de algum symptoma gallico. *Vinho tem-se achado ser danoso aos gallicados*, cuja causa deve ser, porque o he aos nervos, & por tanto encomenda Ruí Dias, que os doentes da primeyra, & segunda especie se guardem delle mez, & tres os das outras, & os febricantes quatro, & adverte que he mais danoso aos cholericos, & sanguineos, menos aos fleumaticos, & melancholicos. Porém havendo urgencia de fraqueza, ou de crueza de estomago, darse-ha temperado com *agua de salsa, ou páo*, & medicado com os mesmos, porque a experiencia tem mostrado obrarem melhor os alexipharmacos dados nelle, como affima fica dito.

Cap. 9. præcep. 7.

O comer serà na quantidade, conforme a que costumava na saude, naõ usando logo repentinamente de todo, *mas pouco, & pouco* se irá accrescentando atè chegar à quantidade de vida, conforme ao aphorismo: *Quod paulatim fit, tutum est.*

tum aliàs, tum cum ab altero ad alterum fit tranſitus. Quanto *à qualidade* ſerá o comer de boa ſubſtancia, pão excellente, ordinario, biſcouto, gallinha, perdiz, & toda a ave do monte, excepto pombo, aſſim ordinarios, como troquazes, porque conforme Nicolao Maſſa, fazem tornar as dores. Póde tambem comer coelho, carneyro, cabrito, & vitela, ambos de leyte, & que naõ tenhaõ tocado erva. E poderá comer cozido, ou aſſado, preferindo ſempre eſte. Guarde-ſe grandemente da carne de porco, vaca, cabra, veado, aves de agua, & de todo o peſcado, eſpecialmente daquelle que he de mantimento groſſeyro, como âtum, bacalhao, & ſemelhantes; & de todo o ſalgado, porque o ſal aquenta, & deſeca o figado, accreſcenta os humores aduſtos, & intende a acrimonia delles, de que ſe ſeguem mayores dores. Porém havendo muyto faſtio, permittirſeha algum peyxe leve, (com tanto que naõ ſeja frio) como azevia, abrotea, faneca, linguado, ſalmonete, enxarroco, cabra, truta, boga, & outros dos conhecidos por mais ſalubres. Ovos, como naõ ſejaõ fritos, ou duros, ſaõ muy convenientes. Porèm leyte, & tudo o que delle ſe faz, he danoſo pela regra de Hippocrates de offender a cabeça, & partes nervoſas.

2. aphor. 40. Lib. de morb. gal Tract. 3. cap. 3.

5. aph. 54

Numero 8.

Frutas, & ervas.

DE *frutas verdes haverà grão reſguardo*, & poſto que alguns Authores diſpenſem em ameyxas, uvas, ginjas, & romã doce: com tudo a experiencia moſtra que ainda eſtas fazem muyto dano, eſpecialmente maçãs, que conforme Averroes por authoridade de Avenzoar, pódem cauſar hectica, & tiſica. Aſſim tambem ſe ha de evitar todo o genero de hortaliça, & outras ervas, que conforme a Galeno, *todas ſaõ nocivas*, & poſto que elle *exceptua a alface, & borragem*, (*a cuja claſſe pertence a chicoria*) com tudo tambem eſtas pela humidade offendem aos gallicados, pelo que ſe naõ deve diſpenſar nellas, ſenaõ em aperto de grande faſtio, ou demaſiada deſtemperança calida. Jà o que he couves, aindaque ſejaõ as melhores, moſtra a experiencia fazerem tornar as dores logo, como nota Maſſa. Legumes todos ſaõ nocivos, excepto o caldo dos grãos, que ſendo bons, & bem cozidos, ſe pódem permittir.

2. alim.

Loc. cit.

Numero 9.

Frutas ſecas.

DAs frutas ſecas ſaõ convenientes amendoas; pinhões, fiſticos aonde os houver, *& todas eſtas ſeraõ de mais proveyto torradas.* Porém note-ſe das amendoas que ſaõ menos convenientes a eſtomagos fracos pelas naõ poderem digerir, & como nota Fallopio, porque totalmente naõ tem faculdade alguma adſtringente, com que roborem, nem tambem nutrem muyto, poſto que a tem de attenuar, & abſterger, conforme Galeno, & por tanto ſaõ convenientes neſte mal. Os pinhões daõ muyto mantimento, porém hum pouco mais craſſo, conforme Galeno. Os fiſticos nutrem pouco, mas roboraõ grandemente o figado, & alimpaõ os humores, que nas veas delle eſtaõ embebidos, conforme Galeno. Podem-ſe tambem dar maſſapões, & outros doces feytos deſtas couſas. Paſſas de uvas ſaõ muy convenientes, porque conforme Euſtachio Rudio roboraõ o figado, & conforme Fallopio temperaõ todos os membros interiores, por ſerem,

Tract. de morb. gal cap. 57. 2. alim. cap. 17. 2. alim. cap. 17. Cit. c. 30. Loc. cit. 3. alim.

ſegundo

ſegundo Galeno, temperadas, & pela doçura abrandaõ a mordacidade dos humores, conforme o meſmo Galeno, & por tanto convem para mitigar as dores gallicas. cap. 20. 2. alim. cap. 10.

Numero 10.

Sono, vigilia, exercicio.

NO que toca ao ſono, & vigilia haverá moderaçaõ, porque qualquer que exceda he danoſo, conforme Hippocrates: *Somnus atque vigilia, utrumque ſi modum excedat, malum*: mas dormirá cada hũ conforme o coſtume, que tinha na ſaude, porq pelo ſono moderado diz Avicena ſe corroboraõ todas as faculdades, & o demaſiado enche a cabeça de vapores, de que ſe ſeguem catarrhos que algũas vezes offendem o boſe, eſtomago, & outras partes, & os nervos ſe enfraquecem, de que neſte mal ſe ſegue augmẽtarem-ſe os ſymptomas. Em eſpecial he danoſo o dormir de dia, de que o doente ſe guardará muyto, ſenaõ eſtiver em contrario o coſtume, (a que ſe ha de conceder alguma couſa, conforme Hippocrates) ou as dores naõ derem lugar a que de noyte poſſa dormir ſufficientemente. E do que ao ſono, & vigilia pertence na cura do morbo gallico, advertio Fracaſtoreo neſtes verſos. 1. aph. Fen. 41. 1. aph. 17

Tu lecto ne crede: gravine crede ſopori:
His alitur vitium, & placidæ ſub imagine pacis
Decipit: è dulcique trahit fomenta quiete.

Os quaes verſos vem a dizer em Portuguez:

Naõ vos fieis da cama, ou ſono grave,
Que delles eſte vicio ſe ſuſtenta:
E com capa de paz, & do mais ſuave
Repouſo, vos engana, & ſe fomenta.

DEpois que o enfermo convalecer dos ſuores, & reparar as forças, naõ lhe ficando reliquias de morbo gallico, uſará do exercicio, que ſe requere nas peſſoas, que tem ſaude: porém ſe ficarem algumas, fará todo o exercicio poſſivel atè chegar a ſuar, porque aſſim como a falta delle he cauſa de accreſcerem os excrementos, & conſequentemente os ſymptomas, aſſim tambem pelo contrario excitando-ſe com excercicio o calor em todo o corpo, ſe attenuaõ os humores, ſe abrem os póros, & ſe reſolve o nocivo, & as forças ſe reparaõ, conforme ao que diſſe Celſo: *Ignavia corpus hebetat, labor firmat: illa maturam ſenetutem, hic longam adoleſcentiam reddit. A preguiça enfraquece o corpo, o trabalho o fortalece: aquella accelera a velhice, eſte dilata a mocidade.* E he tanto o proveyto nos que padecem o morbo gallico, que affirma Nicolao Maſſa, que vio muytos ſararem ſómente com elle, & o confirma a experiencia dos ruſticos, que melhor ſáraõ, pelo muyto que de continuo fazem: o que cantou elegantemente Fracaſtoreo neſtes ſeguintes verſos dizendo: Lib. 1. cap. 1.

Vidi ego ſæpè malum, qui jam ſudoribus omne
Finiſſet: ſylviſque luem liquiſſet in altis.

Os quaes verſos traduzidos vem a dizer:

Jà muytas vezes vi que por ſuores
A todo o mal deo fim, quem no alto mato
Toda a peſte deyxou, todas as dores.

ORdenarſeha logo aos nobres, que joguem as armas, & a péla, ou andem a pé, & façaõ ſemelhantes exercicios, conforme ſua qualidade, atè que ſuem, & logo ſe vaõ agaſalhar, & molhando-ſe a camiſa a mudem, & depois de paſſar o fervor do ſuor ſayaõ a ſeus negocios coſtumados. E do meſmo modo aos ruſticos ſe mandará que cavem, rocem, & exercitem o mais trabalho do campo, para que deſte modo ſe acabem de extinguir algumas reliquias, que da cura antecedente ficaraõ, em que ſe vem a verificar aquella ſentença do Poeta.

Labor omnia vincit Improbus.
O moleſto trabalho tudo vence.

Numero II.
Do ar que ſe reſpira, & mais couſas naturaes.

MOre o doente em caſas, & lugares ſádios, porque a ſalubridade do ar faz muyto ao caſo neſte negocio, em tanto, que diz Scaligero ſucceder algumas vezes ſararem eſtes enfermos ſem outro medicamento, ſó com a mudança delle, como acontece a alguns mudando-ſe para Numidia, ou para Ethiopia. E conforme tem notado Fallopio, os ares delgados, & frios ſaõ muy damnoſos a quem tem morbo gallico, & por iſſo ſe achaõ peyor no Inverno, & terras frias; & pelo contrario os ares craſſos, & calidos, com tanto, que por outra via naõ ſejaõ doentios. E aſſim prefere o dito Author nos lugares maritimos, como Veneza, & outros ſemelhantes, em que o morbo gallico he menos cruel, ſegundo pela experiencia tem notado. E por tanto ſerá conveniente, que no tempo de Inverno eſtejaõ nas Cidades aonde o ar he menos frio, que nas quintas, que ſaõ melhores para paſſar as calmas, & para quando o tempo he temperado.

Exer. 181. n. 18.
Lib. 1. de morb. gal cap. 18.

De toda a perturbaçaõ de animo, como ira, triſteza, & ſemelhantes, ſe guardará grandemente o enfermo, porque qualquer payxaõ deſtas move os humores contagioſos, & debilita as faculdades. E por tanto procure ter alegria, & animo ſoſſegado até alcançar perfeita ſaude. E no que toca às evacuaçoens naturaes, he neceſſario que naõ faltem, & faltando as provoquem, ſegundo ſe coſtuma, guardando-ſe porém de coito, como de inimigo capital, conforme eſtá dito, & adverte Fracaſtoreo, dizendo: *Nihil eſt nocuum magis, &c.*

Banhos de agua doce naõ convem a eſtes enfermos, porque enfraquecem as juntas, & fazem correr mais humores aos membros leſos, conforme Galeno, de que o mal ſe faz mais rebelde; & as dores poſto que (como obſervou Thomás Jordano) algumas vezes *pro illo interim* ſe moderem, ſe tornaõ a exacerbar com mayor vehemencia. Porém ſe depois do enfermo curado ficar alguma deſtemperança quente do figado, ſeraõ convenientes, com tanto, que ſejaõ paſſados dous mezes, ou pelo menos quarenta dias depois dos ſuores, porque de outro modo esfriando as partes ſolidas pódem renovar as dores, & os mais ſymptomas gallicos. Dos das Caldas fallaremos na ſegunda Parte, onde tambem diſputaremos as duvidas, que ſe offerecerem àcerca deſta agua doce.

1. tom. meth. c. 20.
Lib. de luc. mora.
Quæſt. 43 & 44.

ANNO-

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

OPilações. *Os gallicados que padecem opilaçoens, não se curaõ bem com suores; porque estes não tiraõ as obstruções, mas antes as fazem mais duras, & mais tenazes; & nellas se ficaõ conservando os seminarios do contagio; para depois se propagarem, & diffundirem pela massa do sangue, & pelas mais partes do corpo. Nestes taes não ha melhor cura, que a do azougue, tomado pela boca; porq elle he taõ penetrativo, que entra pelas obstrucções descoalhando, & volatilizando os humores crassos de que ellas se fabricaõ, extinguindo ao mesmo tempo os miasmas, seminarios do gallico, cousas que por nenhum outro meyo taõ efficaz, & taõ facilmente se consegue; para o que se póde misturar o mercurio com aço, ou cousas deobstruentes, na fórma que dissemos nas Annotações ao* num. 1. do Capitulo IV.

Numero 2.

REsguardo do ar. *Peccaõ ordinariamente os que daõ suores, no cuydado com qu preparaçaõ a casa para suar, metendo brazeyros nella, fechando as janellas, ainda que seja no estio; de que resulta muytas vezes que os doentes tenhaõ secura grande, ancias, affliccções, fastio, & febre; que tudo isto se segue de se esquentarem as entranhas com o fogo da estufa, & de naõ se refrigerarem com ar frio; o que se póde fazer sem dano; porque tanto que estiverem cubertos de modo, que o ar lhes naõ constipe a contextura da pelle, nenhum incommodo se lhe seguirà de abrir hũa janella, & de respirarem ar que não seja quente. No meyo da canicula, em regiaõ quente, tomava suores hum homem de perto de quarenta annos, o qual no terceyro suor se desmayou, & tornando a si logo que lhe tiràraõ a roupa que cobria a estufa, ficou em ancias todo aquelle dia, & noyte, atè que chamandonos no dia seguinte, para ver se havia de cõtinuar os suores, lhe mandàmos abrir as janellas, & tirar o lume que havia na casa com que se refrescou o doente, & se livrou das affliccções em que estava; & passando tres dias, póde continuar os suores com mais luz, que fogo.*

Numero 3.

NO que toca ao comer. *A mesa dos que tomavaõ suores nos primeyros tempos do gallico, davaõ pouco trabalho aos cozinheyros: porque naõ passavaõ de comer biscouto, amendoas, pinhões, passas de uvas, & quando muyto huns ovos, se os doentes estavaõ em grande fraqueza. Hoje porém jà se trataõ de outro modo menos austero: porque logo nos primeyros dias se lhes dà frangão, ou franga assada; no que se naõ póde observar huma regra com todos; porque haverà doente, que naõ possa continuar os suores, se logo lhe naõ derem gallinha, & se o não tratarem com mais alimento do que he costume; o que principalmente succede com os polyphagos, ou glotoens, que sendo dados a muyto comer, se os querem reduzir a parsimonia de alimento, não pódem continuar as curas, nem cozem bem o pouco que comem; porque lhe anda fluctuando no estomago, de que resulta mayor dano, que utilidade. Outros ha, que naõ pódem comer assado, & he preciso que comaõ cozido; & nem por isto deyxaõ de curar-se, fazẽdo em tudo o mais quanto conveniente for para concluir bem as curas.*

Beberáõ quanta quizerem. *Da agua cozida com salsa parrilha diz o Author, que bebaõ os doentes quanta quizerem; mas adverte logo, que naõ seja com tal excesso, que*

que perturbe os cozimentos, de que nascem muytas vezes danos irremediaveis, como se verà no seguinte caso. Hum homem de habito gracil, de temperamento melancolico adusto, na idade da consistencia estava gallicado na mais alta especie. Este curamos nòs no tempo da Primavera, dandolhe suores, & outros remedios mais, com que ficou livre dos males que padecia; & como a cura levou muyto tempo, veyo a concluila no fim de Junho; & fazendo huma jornada no tempo do regimento, descansou nas horas da sesta junto de hum rio, no qual poz a esfriar a agua que levava para o caminho em huma grande borracha, da que bebeo nove quartilhos, porque a calma, & a sede erão grandes, & a agua estava fresca. Mas o que se seguio de beber tanta agua, foy que désse em vomitar quanto comia, & que sem lhe aproveytar remedio algum, morresse atrophico dentro de tres mezes, vomitando atè exhalar a alma, & acabar a vida.

Numero 4.

SE a natureza cada dia naõ acodir. *He muyto necessario nos que tomaõ suores, que a natureza se naõ descuyde na evacuaçaõ dos excrementos: porque retendo-se, endurecem, de que resultaõ dores da cabeça, vertigens, vomitos, fastio, colicas, & muytos mais danos, que com a lubricidade do ventre se pódem prepedir. E porque ha naturezas taõ constipadas, que naõ obraõ sem algum remedio, os que naõ usarem de ajudas, pódem tomar algumas noytes o cozimento de duas duzias de ameyxas secas & comer tambem as ameyxas, que assim se laxaõ, & obraõ melhor, que com ajudas Ou usem desta bebida passinada, que he excellente remedio para laxar o ventre, & por isto muyto a proposito nos hipochondriacos, & melancholicos, & em todos os que andarem adstrictos de ventre.*

Tomem duas onças de passas de uvas limpas dos bagulhos, pizem-se muyto bem, & depois fervaõ em dous quartilhos de agua atè gastar meyo; entaõ coe-se, estando a agua fervendo, & nella se infunda meya onça de folhas de sene, huma oytava de cremores de tartaro, ou de sal de tartaro, & huma duzia de grãos de erva-doce; fique dez, ou doze horas em lugar quente, depois coe-se.

Desta agua se tomarà meyo quartilho, pouco mais, ou menos, & farà obra, que escuse ajudas. Tambem as seguintes passas laxaõ bem o ventre, & pódem usar dellas ao jantar, & cea, no principio da mesa.

Tomem a quantidade que quizerem de passas de boa polpa, molhem-nas com cozimento de folha de sene bem vigorado; lancemlhe assucar estando molhadas, sequem-se junto do fogo, & tornem-se a molhar depois de secas, o que se repita atéseis vezes, lançandolhe sempre assucar.

Destas passas se tomem duas, ou tres colheres, no principio do comer, para laxar o ventre. E porque tambem se pódem preparar as passas em cachos, comeràõ dellas a mesma quantidade; & quando com ella se naõ laxem, pódem comer mais; porque algumas naturezas necessitaõ de mayor porçaõ, outras obrigaõ-se com menos. Outros muytos remedios semelhantes a estes se acharàõ na nossa Medecina Lusitana, na cura da adstricçaõ do ventre.

Sobrevir camaras. *Se aos que beberem agua, ou xarope de salsa sobrevierem, cursos, logo se lhes devem preparar os remedios sem salsa, usando do páo santo, & raiz da China, na qual ha virtude adstrictoria, & corroborante. E ainda que o Author aconselha, que bebaõ vinho em que a salsa se infunda: he melhor naõ o beber; porque a salsa lhe communicarà a virtude que tem de relaxar o estomago, & poderà promover mais cursos. Neste caso supponhaõ que naõ ha salsa no mundo, & sem ella se continue a cura com os mais alexipharmacos.*

Grande

Grande fastio. *Quando sobrevem nas curas dos achaques fastio grande, perturba todo o curso dellas. Nas pessoas que entrando a suar com boa vontade de comer, se acha hum fastio destes: he de crer que os remedios o excitàraõ; & logo se devem suspender os suores, & agua de salsa, tratando de refrescar o estomago com agua fria, & alimentos frescos, atè que o fastio cesse, para proseguir a cura, a qual seria melhor que se fizesse com mercurio, porque sem esquentar as entranhas, extingue o gallico melhor que todos os mais alexipharmacos delle. E se o fastio for grande, deyxem comer ao doente o que appetecer, sem reparar em que he bom, ou máo para os achaques que padece; porque se não for conveniente para os achaques, será util para o fastio, que he mayor achaque q̃ os outros; nem os fastientos tem mais remedio que este; porque à força da Arte ninguem appetece o comer. Veja-se o que neste ponto dissémos na nossa Medicina Lusitana tratando da cura do fastio.*

Se o doente se desmayar. *Naõ só pela debilidade se desmayaõ os doentes com os suores, mas tambem por estarem muyto tempo nelles, ou pelos tomarem com muyto fogo; de que resulta exhalaremse os espiritos, arderem as entranhas, & morerrem os doentes suffocados, como succede aos que acabaõ a vida por falta de refrigerio no grande calor do Estio, cousa que em regiões quentes experimentaõ algumas pessoas nas occasioens das colheytas. Por isto tanto que os doentes se forem affligindo com os suores, tirem-nos logo delles, & abraõlhes as janellas, para que as entranhas se refrigerem; porque se os fizerem estar nos suores quando os naõ possaõ sofrer, naõ só se desmayaraõ nelles, mas acabaràõ a vida na estufa; como em Tralos-Montes succedeo a hum doente filho de hum Cirurgiaõ que lhe dava suores, o qual clamando ao pay que lhe tirasse a estufa, porque naõ podia estar nella mais tempo, naõ se movendo elle às vozes do filho, quando lhe pareceo que era tempo de acabar o suor, achou, que o filho, deyxandolhe o corpo na estufa, tinha entregue a alma ao Creador do mundo.*

Se o doente naõ suar. *Os doentes que naõ puderem suar, naõ se obriguem com remedios; porque he muy difficil averiguar a causa porque naõ suaõ; & naõ he facil obrigar a natureza a esta evacuaçaõ. He muyto melhor deyxar os suores, & curar com azougue, ou em unturas, ou tomado pela boca; porque com elle se extrahem os humores, & todo o fermento exotico, pela salivaçaõ que move; & quando a naõ mova, sempre extingue o contagio gallico, que he todo o fim a que os suores se deviaõ dirigir.*

Numero 5.

HUma purga. *O purgar no meyo, & no fim dos suores, he cousa que pela necessidade de cada hum dos enfermos se ha de resolver; que não póde observar se como preceyto inviolavel o purgar, ou naõ purgar, quando isto depende de cousas, que nem sempre pódem subsistir. Nos sugeytos cacochymicos, que abundarem de muytos humores crassos, & que estiverem enfastiados, que tiverem amargores de boca: nestes taes deve purgarse no meyo dos suores; & nos que depois dos suores ficarem reluzindo os mesmos sinaes, ou ficarem com queyxa que necessite de purga, tambem se usarà deste remedio, & fóra destes termos, só pela razaõ de andar em uso, não se deve seguir; porque na Medicina não se ha de fazer o que està posto em uso; ha se de fazer o que està posto em razaõ. Nem val o dizer que com a purga dada no meyo dos suores ha nos humores dous movimentos contrarios; o do medicamento movendo da circunferencia para o centro do corpo; & o dos suores, movendo do centro para a circunferencia, de que se seguiria grande confusaõ nos humores. Porque em naõ se tomando a purga em dia de suor, logo naõ ha fundamento para temer os incommodos, que se representaõ no uso destes dous remedios.*

Numero 6.

NA cama tres dias. *Depois de se acabarem os suores, diz o Author, que os doentes fiquem tres dias na cama, & outros tres na casa em que os tomàrão. Mas eu me contentàra jà com que elles observassem regimento nos mais preceytos, que quanto em estar na cama, & em ficar mais dias na casa, não consiste a perfeyção da cura. O que importa, he livrarem-se de ventos, & de ar frio principalmente nocturno. E no que toca a sahir fóra de casa, achando-se com forças, bem o pódem fazer passados tres dias depois dos suores.*

Numero 7.

PErdiz. *Este he o melhor alimento que ha para gallicados, do qual diz Cardano, que para curar este contagio, basta comelo sempre: porque com o sangue que delle se gèra, se renova toda a massa sanguinaria. E não só para os que padecerem este contagio, mas para os sãos deve ser preferida sempre a perdiz entre todas as aves; porque della se gèra muyto, & muyto bom sangue, sobre ser a sua carne de tão bom gosto, que sem ella disserão muytos, que perdião toda a graça, & esplendor os banquetes.* Perdices (*diz Riverio* 1.) inter alites principatum obtinent; sine illis sumptuosa convivia gratiam, & splendorem amittunt. *E com razão tiverão os Italianos as perdizes em tanto preço, que as estimavão como huma cousa rara; donde veyo a dizer Marcial:* 2.

1. Riv. 4. instut. cap. 10.
2. Mart. 3. epigr. 65.

Ponitur Ausoniis avis hæc rarissima mensis:
Hanc in lautorum mandere sæpè solent.

DE todo o salgado. *Ainda que o Author diz, que os que tomàrão suores se guardem de todo o alimento salgado, não he para que se lhes faça o comer sem sal, como se tem ordenado a muytos por esta advertencia de Madeyra, que os Cirurgiões imperitos não sabem entender; & por isto dizemos que os convalecentes da cura dos suores não comão cousas que sejão insignemente salgadas, mas que se lhes temperem os alimentos com algum sal, porque sem elle ficão os comeres desagradaveis; & além disto mais aptos para se corromperem com facilidade, incommodo de que o sal os preserva.*

Numero 8.

MAçãs. *Reprova o Author as maçãs, dizendo que fazem muyto dano, & affirmando por doutrina de Averroes, & de Avenzoar, que pódem causar huma hectica, & tisica. Que as maçãs se neguem aos gallicados, que tomàrão suores, assim como se lhes nega toda a mais fruta, seja muyto embora; que quem se cura, não se regala; mas que se infamem as maçãs de fazerem os homens hecticos, & tisicos, só porque o disse Avenzoar, de quem o tomou Averroes, & transcreveo Madeyra, nisto não consentiremos facilmente; & mais quando não achamos razão para o entender assim, nem experiencias para o crer. São as maçãs de tal temperamento, que parece que não pódem fazer aquelle dano; porque segundo o que dellas se escreve,* 3. *todas refrigerão, & humedecem, & com estas qualidades como pódem causar huma febre hectica? E sem embargo de que haja varias differenças de maçãs, & tenhão differente temperamento, nenhuma dellas causarà os ditos males; porque as acerbas, & austeras, são frias; as doces temperadas; daquellas disse Galeno* 4. *que se usassem nas intemperanças quentes; destas affirmou Celso,* 5. *que davão alimento de bom succo. O que das maçãs escreve Castro,* 6. *he que comidas em grande quantidade offendem os nervos. Das que são insipidas, & aquosas, disse Avicena,* 7. *que não erão de utilidade, & que subvertião o estomago.* Et illa (*são as suas palavras*) quæ sunt insipida, sunt mala, & parvi juvamenti, & non agunt aliquid, &c.

3. Vide Villa Cort. t. 3. tr. de alim. fac. cap. 8.
4. Gal. tr. de alim. fac.
5. Cels. l. 3. cap. 10.
6. Castr. de alim. fac. cap. 8.
7. Avic. 2. can. cap. 569.

Num. 10.

Numero 10.

EXercicio. *O exercicio he muyto util aos gallicados; mas naõ póde tanto, como cuydou Nicolao Massa, que teve para si, que só com elle se curava este contagio. Nem val a razaõ de que padecem menos os rusticos, & se curaõ com mais facilidade pelo muyto que trabalhaõ. Porque o exercicio a utilidade que faz, he extrahir pela contextura da pelle os soros do sangue, & nelles as superfluidades excrementicias de que se havia de offender o corpo; razaõ porque aos achaques aproveyta o suor, & o exercicio. E ainda que com as serosidades do sangue sayaõ tambem algumas particulas, ou seminarios do fermento gallico, não sahe todo, porque na massa sanguinaria fica sigillado; & se não faz dano taõ sensivel, aos que exercitaõ o corpo, he porque faltaõ os humores que pelo suor se evacuão; mas não he porque os seminarios contagiosos se extingaõ com elle, como succede com os seus alexipharmacos.*

Numero 11.

BAnhos. *Os banhos de agua doce não servem para curar o gallico, mas daõ-se muytas vezes aos gallicados, quando depois das curas com que se esquentaõ, he preciso acodir a contemperar as entranhas, & a massa do sangue, que fica em alguns muy excandescida. Lembrame, que padecendo hum moço robusto humas chagas gallicas no nariz, depois de curado dellas com alexipharmacos vegetantes deste contagio, quando cuydou que estava sem queyxa, se lhe inflammou o olho direyto, & cessando a inflammação, sempre o olho ficou vermelho, com algum pruido. Entendeo-se que o doente não estava bem curado de gallico, & que o que padecia no nariz antes da cura, se lhe havia passado aos olhos; & nesta hypothesi, se lhe ordenou nova cura, para a qual tambem concorremos. Tomou o doente huns dias mercurio pela boca, mas o olho ficou como estava. O que visto, discorremos, que a primeyra cura feyta com páo santo, salva, & raiz da China, havia produzido effeytos de calor no sangue, ou nas entranhas, de que nacia o rubor, & comichaõ do olho, para cujo remedio tomou soros de leyte de cabra, & ultimamente banhos de agua tepida, com que ficou inteyramente curado. Tambem saõ convenientes os banhos de agua tepida antes de entrar à cura do azougue, naquellas pessoas que tiverem a pelle arida, & nos que transpirarem pouco por ella, & nos que forem magros, & de temperamento insignemente calido, & seco, porque com os banhos se humedecem, & se laxão os póros de maneyra, que tomando o mercurio, se facilita mais a transpiração do corpo, & se move algum suor. Tomaõ-se os banhos nos dias em que se preparaõ para a cura; & bastaõ ordinariamente oito, ou dez banhos. Veja-se Ettmullero no* tom.1.fol.390.col.2. ad fin.

Das caldas. *Duvida-se se os banhos de caldas quentes servem para os gallicados. No que dizemos, que estes banhos sempre saõ convenientes às pessoas infectas com este contagio; porque com elles se provocaõ suores, & se evacuaõ os humores serosos pela regiaõ cutanea; & com os humores tambem se extrahem alguns seminarios contagiosos, & por isto melhoraõ os gallicados, quando usaõ das caldas. E se quando usarem dellas, tomarem xaropes de salsa, ou pao santo, como fazem os que tomaõ suores de estufa, & depois tiverem regimento conveniente, ficaráõ curados daquelle gallico que se possa vencer sem azougue; o que dizemos, porque ha gallico taõ activo, & taõ radicado, que só com o azougue se extingue. Em Tralos-Montes deu hum estupor na cara a hum homem gallicado; nós o fizemos ir às Caldas de Chaves, ordenando-lhe que antes de entrar no banho, tomasse hum xarope de salsa, como se entrasse em huma estufa; depois dos banhos teve seu regimento de salsa, com que livrou do estupor; & sendo de antes valetudinario, ficou desta cura com melhor saude.*

CAPITULO XXIV.

De varios modos, porque se póde curar o morbo gallico sem suores, & sem azougue.

Numero 1.

COnsta entre todos, que a cura regia do morbo gallico he suar com alexipharmacos, que temos dito, ou tomar unturas, ou parches, que de azougue se fazem, como abayxo diremos. Tres porém saõ os casos, em que nos he forçado soccorrer os doentes por outro modo fóra da via regia, a saber, quando o doente naõ tem forças para que a sofra: quando depois della feita ficaõ algumas reliquias, que se naõ poderaõ gastar, nem convem repetir a mesma cura para a total extirpaçaõ dellas: quando a occupaçaõ dos negocios, ou outro politico impedimento, naõ daõ lugar a que se faça.

Varios saõ estes modos, como já he patente do que assima temos dito nos Capitulos do guayacaõ, raiz da China, & salsa, nos quaes declaramos que sem provocar suor se podiaõ dar estes medicamẽtos em xaropes, apozemas, cozimẽtos, pós, talhadas, conservas, bolos, trociscos, & pirolas. E cada huma destas fórmas feyta, ou de hum só dos ditos medicamentos simplices, ou composta de alguns, ou de todos, podendolhe tambem ajuntar outros varios medicamentos, que respeytem a varias indicaçoens, como incidir, absterger, resolver, & evacuar os humores, por camara, por vomito, por ourina, ou nas mulheres pela madre, & que respeytem a certos membros, como a cabeça, peyto, ventre, figado, baço, & juntas. E posto que já nos ditos Capitulos, & nos da cura de cada huma das especies do morbo gallico ficaõ alguns exemplos dos ditos remedios, & tornaremos a dar outros nas curas dos affectos gallicos complicados; com tudo tratarey neste outros, que mais andaõ em uso, & a experiencia tem approvado, & de que eu tenho usado, & muyto conforme à razaõ. E será o primeyro o seguinte.

Numero 2.

Apozemas de Dom Fernando.

DEsta se tem grande experiencia nesta Cidade, & tomou o nome de Dom Fernando de Faro, para quem se ordenou depois de se ter esgotado a Medicina sem proveyto algum, & com ella recuperou saude dos affectos gallicos, que padecia. E se faz desta maneyra.

Tomem hum arratel de salsa parrilha fendida, & cortada, & se lance de molho vinte, & quatro horas em vinte, & huma canadas de agua, & depois se ponha a cozer nas mesmas a fogo brando até se gastar em quatorze: E logo ajuntem ao cozimento duas onças de sene, & continue cozendo, até se gastarem mais quatro canadas, & as tres que ficarem se coaráõ, & a salsa se guardará, para della se fazer a agua, que ha de beber de regimento. E as ditas tres canadas tornaráõ ao fogo com tres arrateis de assucar de pedra fina, com tanto que naõ seja do que nesta Cidade se refine, por se fazer com cal, *& com elle fervaõ até ficarem sómente nove quartilhos. Estes se tomaráõ em nove dias, manhãa, & tarde meyo quartilho de cada vez morno, & neste tempo comerá passas, amendoas, biscouto, & naõ beberá vinho em dezoito dias, senaõ agua cozida com salsa que fique huma onça em cinco canadas, que se gaste huma, comendo gallinha assada, & continue agua de salsa quarenta dias, guardando-se de suar, & póde fazer a cura de pé.* Advertem os que desta receyta usaõ,

que

que ſendo o doente eſquentado de figado, ſe naõ lance a ſalſa de molho, & ſe for fraco, ou muyto facil em purgar, ſe lance menos ſene.

E porque eſta apozema ſe corrompe eſtando muytos dias, he mais acertado fazer ametade, que dura quatro dias, & meyo, & logo fazerſe a outra ametade para outros tantos. E ſe os nove dias naõ baſtarem, he neceſſario que ſe faça mais, & póde-ſe tomar dezoyto dias.

Naõ parece eſta apozema ſer feyta *ſecundùm Artem*, pelo muyto que o ſene coze, porém eu tenho della uſado algumas vezes feyta como eſtá dito, com muyto bom ſucceſſo, extirpando o morbo gallico de terceyra, & quarta eſpecie, principalmente ſendo reliquias, que ficàraõ depois da cura dos ſuores, ou unturas.

A meſma, ou mayor efficacia tem o vinho ſanto, de que aſſima fizemos mençaõ no Capitulo dos cozimentos, que em vinho ſe fazem, & delle ſe póde uſar ſeguramente quem quizer arrancar do corpo boubas jà envelhecidas, em eſpecial naõ ſendo o doente de compleyçaõ muyto calida, nem tempo de Caniculares.

Numero 3.

Outra cura de ſalſa em apozemas.

TOmem quatro onças de ſalſa parrilha, & ſe lancem de molho vinte, & quatro horas em quatro canadas de agua, a qual ferva atè ſe gaſtarem tres, & a que ficar beba toda em hum dia, & terà outra feyta do meſmo modo para o ſeguinte, & continue com iſto dez, ou doze dias, & ſarará perfeytamente de quaeſquer boubas por rebeldes que ſejaõ. He eſta cura conforme ao que ordena Monardo, & a louvava muyto Maſſaria, a ſaber, que ſe façaõ cozimentos de ſalſa, & ſe tomem em grande quantidade bebendo cada dia quanta puderem atè dez, ou doze quartilhos, porque deſte modo ſáraõ de qualquer eſpecie de morbo gallico em breve muyto melhor, que pelos outros modos em grande eſpaço de tempo, & conforme a iſto ſe póde tambem fazer aſſim.

14. epiſt. 4. Lib. de morb. gal.

Tomem ſalſa parrilha hum arratel, infunda-ſe vinte, & quatro horas em dezoyto canadas de agua, & depois ſe coza na meſma atè ficarem ſómente ſeis que o doente beberà em ſeis dias. O meſmo cozimento ſe póde fazer *com meyo arratel de páo da China, ou com dous arrateis de páo ſanto, ou guayacão, cozendo-ſe na meſma quantidade & gaſtando-ſe a meſma, & tomando-ſe nos meſmos ſeis dias. E não baſtando, tome outro em outros ſeis dias do meſmo modo.*

Numero 4.

Outras apozemas para o morbo gallico.

TOmem quatro onças de ſalſa parrilha, ou dez de páo ſanto, ou duas do páo da China, infundaõ-ſe vinte, & quatro horas em quinze quartilhos de agua, & depois ferva na meſma atè ficarem cinco, & na ultima fervura lancem huma onça de ſene, & tire-ſe do fogo, & depois de frio ſe coe, & ſe lhe ajunte arratel, & meyo de aſſucar, com que torne ao fogo atè levantar ſómente fervura, & ſe torne a coar, & beba eſta apozema em cinco dias, hum quartilho cada dia, meyo pela manhã, meyo à tarde, & no fim delles terà feyto outra do meſmo modo para continuar outros cinco dias. E ſe com eſte ainda naõ ſarar, fará terceyra atè quarta, & ſarará perfeytamente de

qualquer especie de morbo gallico, continuando, depois de acabar as apozemas, quarenta dias com agua de salsa, & bom regimento.

Numero 5.

Outra apozema fresca para febricitantes, & pessoas calidas do figado.

Tomarão de salsa parrilha tres onças, infundão-se por huma noyte em quatro canadas de agua, & depois fervão na mesma com duas onças de cevada pilada atè ficarem seis quartilhos, ajuntando no meyo do cozimento duas duzias de ameyxas, raizes de almeyrão, & borragem, & lingua de vaca, de cada huma duas onças, folhas das mesmas ervas, de cada huma sua mão chea, & na ultima fervura accrescente meya mão chea de fumaria (que he erva moiarinha) *& conserva de violas, de borragem, de lingua de vaca, cada huma sua onça, & huma colher de assucar rosado de comer, & duas onças de assucar rosado de Alexandria, seis oytavas de sene, & meya onça de pevides de melão, & abobora, & depois coe-se, & ajunte-se arratel, & meyo de bom assucar: & tome esta apozema em cinco, ou seis dias manhã, & tarde, meyo quartilho de cada vez, & beba agua do segundo cozimento da mesma salsa, cozendo-a em cinco canadas, que se gaste huma.*

E sendo o mal pouco, ou que não passe da primeyra, & segunda especie, póde-se fazer ametade desta apozema para se tomar em tres, ou quatro dias. Ou se faça esta: *Tomem de salsa parrilha onça, & meya, páo da China meya onça, páo santo huma onça: infundão-se seis horas em canada, & meya de agua, & depois fervão na mesma com duas colheres de cevada pilada atè ficar sómente meya canada, & no meyo do cozimento ajuntem raiz de borragem, & de almeyrão, & folhas das mesmas ervas, de cada hum meya mão chea, & na ultima fervura lancem de flores cordeaes meya onça; sene seis oytavas, pevides de melão, & abobora, de cada hum tres oytavas, & depois se coe, & se ajunte de assucar meyo arratel, com que dè huma fervura.* E tome o doente esta apozema em tres, ou quatro manhãs. E sendo necessario póde fazer outra como esta pela mesma receyta, com que vá continuando atè dez, ou doze dias, ou os que parecerem necessarios.

Numero 6.

Outra apozema experimentada.

Tomem salsa parrilha duas onças, páo da China huma onça, páo santo quatro onças, cevada pilada duas onças, polypodio, raiz de borragem, de lingua de vaca, de almeyrão, de escorcioneyra, de cada huma huma onça, ameyxas vinte, & quatro, passas sem granulho duas onças, folhas de borragem, & de fumaria, de cada hũa meya mão chea, conservas cordeaes huma onça de cada huma, rosas de Toledo duas onças, assucar rosado Alexandrino, tres onças, sementes frias mayores huma onça, carthamo meya onça, cascas de todos os mirabolanos huma onça, hermodactilos seis oytavas, folhas de sene huma onça, canela huma oytava, semente de erva-doce hum escropulo, faça-se cozimento segundo Arte em agua commua, & de borragem partes iguaes, & fiquem tres quartilhos, aos quaes coados se ajunte huma libra de assucar branco, & faça-se apozema. E quem quizer reduzir estas a xaropes, por evitar que se lhes corrompão, o poderá fazer accrescentandolhe o assucar necessario, & pondo-as em ponto.

Num. 7.

Numero 10.
Outra cura, que chamaõ de Jarrilhos.

COstuma-se curar morbo gallico dando todos os dias ao enfermo duas canadas de cozimento de salsa, as quaes vaõ bebendo a poucos em espaço de vinte & quatro horas, antes do comer, com elle, & depois delle, continuando isto de quatro atè sete dias, em que se faz grande evacuaçaõ por suor, & ourina, & fica o corpo limpo de todos os excrementos, & má qualidade gallica, & o enfermo sanissimo, como testifica Monardes, & Hidalgo *tambem se tiene, &c.* Monardo, fazendo isto com guayacaõ, aos quaes segue Massaria. E fazem esta cura à imitaçaõ da agua das caldas, que em Italia se usa, dando a beber ao enfermo cada dia mais de dez quartilhos della, com que se alimpa o corpo de todos os humores noxorios. E por esta bebida se tomar muytas vezes, bebendo muytos pucaros, ou jarros, lhe chamàraõ os Castellanos Xarrilhos, ou Jarrilhos.

Part. 2. de alar. part. del Guayac. y 1. fol. 10. la ant. citi 14. Lib. 5. de morb. gal in med. in tra- queratore

O modo de fazer, conforme Hidalgo, & Monardes, he *lançar de molho vinte & quatro horas, quatro onças de salsa fendida em quatro canadas de agua, & depois cozella na mesma atè se gastarem duas, & as outras duas, que ficaõ, se haõ de beber todas em hum dia, & logo se ha de ter outro semelhante cozimento aparelhado para o outro. E assim se continuarà atè que o doente sare.* Os dias que se isto ha de usar naõ determina Hidalgo, mas diz Monardes que os Indios do Guayaquil o continuavaõ quinze, ou vinte. O que naõ he lemite certo, porque se deve continuar atè que os symptomas cessem, que segundo entendo serà em menos dos vinte dias.

Loc. cit. Loc. cit.

O uso commum faz o cozimento dos Jarrilhos de outro modo, a saber, *lançaõ de molho vinte, & quatro horas as quatro onças de salsa fendida em duas canadas de agua em huma panela nova, que leve oyto, ou nove canadas, & depois a cobrem com hum testo, & cuberta com a dita agua, & salsa dentro, a pezaõ em huma balança, & guardaõ o pezo, & depois lançaõ mais na panela tres canadas de agua, que com as duas que estavaõ, vem a fazer cinco, logo a tapão muyto bem com o dito testo, barrando, & untando a massa com huma clara de ovo, & pondolhe em cima hum pano, que pegue na clara, para que naõ possa sahir bafo algum para fóra. E deste modo a põem a ferver a fogo muyto manso, porque sendo forte, rebenta a panela; ou se despega o testo, & continue fervendo atè que se gastem tres canadas, & ficaõ só duas, ou menos,* o que se conhece tornando-a a cotejar na balança com o pezo, que se tem guardado de quando se pezou com as duas canadas. *E depois se deyxa esfriar, & se coa, & se bebe toda em hum dia* como està dito, tendo aparelhado outra para o dia seguinte. E porque as panelas de ordinario quebraõ com a força do fogo, & se perde o cozimento, fazem alguns isto em caldeyraõ de cobre assim mesmo tapado como a panela.

O que me parece se ha de fazer nesta cura, he, que primeyro de tudo se façaõ as evacuações universaes da sangria, & purga; & naõ entre o enfermo nella senaõ depois do corpo muyto bem evacuado, aliàs corre o perigo, em que alguns se viraõ, ou morreraõ por lhes faltar esta condiçaõ, ou por serem fracos, porque esta cura se naõ deve administrar senaõ a pessoas robustas, pois sempre o muyto, & repentino movimento (qual este he) he perigoso, segundo Hippocrates. E tendo o doente forças bastantes, & as ditas evacuações feytas, començarà de tomar os ditos Jarrilhos, ou por este ultimo modo, que he mais efficaz, ou pelo outro assima dito de Hidalgo.

2. aph. 5.

E porque he grão molestia fazer o cozimento assim tapado, bem se póde fazer

zer fem fe tapar tanto a panela, como fe fazem os ordinarios. E fe o doente enfraquecer, ou fobrevier algum accidente, que naõ poffa continuar com elle todos os dias, bem póde interpolar algum tomando os Jarrilhos hum dia entre outro, que he melhor que arrifcarfe por querer fazer a cura mais em breve, & nos dias entremeyos beber agua fimplez de falfa. E fe for peffoa que naõ poffa acabar de beber as duas canadas por razaõ da idade, ou da fraqueza, ou de outro algum impedimento, ainda que beba menos, nem por iffo deyxará de lhe aproveytar. E continue com efta cura atè ceffarem todas as dores, & os tumores fe refolverem, & as chagas fe mundificarem, & ceffarem totalmente todos os fymptomas, o que coftuma acontecer com eftes ultimos Jarrilhos mais efficazes, que em ufo andaõ dezafeis atè vinte dias.

O comer nefte tempo ferá affado, *bifcouto*, *paffas*, *amendoas torradas*; mas os que tiverem baftantes forças naõ comaõ carne, nem muyto das outras coufas. Paffados os dias dos Jarrilhos, pode-fe comer cozido, & guarde-fe muy grande regimento efpaço de hum mez, bebendo fempre agua de falfa. Efta cura fe coftuma fazer de pé, & quando vier fuor aceyte-fe, porém naõ fe provoque por arte, porque a principal evacuaçaõ fe coftuma fazer por ourina.

Numero 8.
Xarope magiftral contra o morbo gallico.

TOmem páo fanto limado doze onças, falfa parrilha fendida oyto onças, páo da China feyto em talhadas delgadas tres onças, cevada tres pugillos, ameyxas quarenta em numero, maçãs da nafega doze paffas de uvas duas onças, polipodio tres onças, hermodactilos huma onça, carthamo machucado tres oytavas, epithimo duas oytavas, cafcas de mirabolanos chebulos cinco oytavas, fene huma onça, gingivre meya oytava, avenca, agrimonia, douradinha betonica, yva artetica, de cada huma fua onça. Infundaõ-fe a falfa, & páos em oyto canadas de agua, & com todo o mais fe faça cozimento fegundo a Arte, que fiquem duas canadas, & coe-fe, & ajunte-fe affucar quatro arrateis, & faça-fe xarope fegundo a Arte.

Defte xarope tomará o enfermo tres onças pela manhã, & duas à tarde fete horas depois de ter jantado, & comerá duas, ou tres horas depois delle, & de cada vez abayxe do ponto com agua de falfa ordinaria, & continue atè que fe acabe. E naõ ficando faõ de todo torne a tomar outro do mefmo modo, & beba nefte tempo agua de falfa, cozendo meya onça em quatro canadas que fe gafte huma, & depois de acabar com o xarope a fique bebendo ainda trinta dias, tendo fempre bom regimento.

Numero 9.
Outro xarope menos cuftofo.

TOmem falfa parrilha meyo arratel, polipodio duas onças, infundaõ-fe em dezoyto quartilhos de agua por huma noyte, & depois fe coza na mefma atè ficarem feis, & na ultima fervura ajuntem onça & meya de fene, & meya oytava de erva-doce, & depois fe coe, & fe ajunte de affucar tres arrateis, & ferva atè tomar ponto de xarope, do qual tomarà tres onças pela manhã, duas à tarde bayxadas de ponto com agua fimplez de falfa, que fe farà tornando a cozer ametade da fobredita em cinco canadas, que fe gafte huma. Efte mefmo xarope fe póde fazer com quatro onças de páo da China, ou com hum arratel de páo fanto em lugar de meyo de falfa, & beberá o doente quarenta dias agua de regimento. Serve efte para curar da primeyra

inſtancia todo o morbo gallico até a terceyra eſpecie, & às vezes reliquias da quarta, que ficaraõ dos ſuores, ou unturas.

Numero 10.

Outro xarope muyto efficaz.

TOmaraõ de páo ſanto limado hum arratel, de páo da China tres onças, ſalſa parrilha meyo arratel, agua de fumaria duas canadas, agua de borragem, de almeyraõ, & de luparos, de cada huma ſua canada, polipodio duas onças, tudo ſe miſture, & ſe chegue ao fogo atè que levante fervura, & logo ſe tire, & deyxe ficar dous dias, & depois ſe ponha tudo a ferver atè ſe gaſtarem tres canadas, & coe-ſe, & no cozimento coado ſe infundaõ de raiz de elleboro negro tres oytavas, alcaçuz huma onça, caſcas de mirabolanos citrinos, chebulos, emblicos, beliricos, & Indos de cada hum meya onça, pizando primeyro os mirabolanos, & esfregando-os com oleo de amendoas doces, folhas de ſene, epithimo, de cada hum ſua onça, carthamo machucado meya onça, hermodactilos ſeis oytavas, ſemente de erva-doce meya oytava, almecega huma oytava: Depois de eſtarem de infuſaõ huma noyte torne ao fogo, que dè huma fervura, & torne-ſe a coar eſpremendo todo no cozimento, ao qual ajuntaràõ cinco arrateis de aſſucar de pedra fino, & farſeha xarope em ponto ſecundùm Artem.

Tomará o doente duas onças deſte xarope pela manhã, onça & meya à tarde antes de cea, bayxadas de ponto com agua de ſalſa, ou páo. Serve para arrancar de raiz todas as reliquias do morbo gallico antigo, que com as outras curas ſe naõ puderaõ extinguir. E cura efficazmente o de terceyra, & quarta eſpecie, ainda que naõ precedeſſe a cura dos ſuores, ou azougue, continuando-ſe agua de páo, ou ſalſa, & tendo bom regimento outros tantos. Mas advirta-ſe que para peſſoas delicadas, fracas, ou muyto calidas do figado, ſe faça ſem Elleboro, & ſe dobre a quantidade do ſene.

Numero 11.

Xarope magiſtral de ſalſa, que ſe uſa em Sevilha.

PEdro de Torres traz eſte xarope no ſeu Livro de morbo gallico, & diz uſarſe delle em Sevilha, & fazerſe deſte modo: *Tomem de páo ſanto, & ſalſa parrilha, de cada hum quatro onças, de cevada dous pugillos, (que ſaõ quanto tomem com as pontas dos dedos duas vezes) raizes de eſcorcioneyra, & chicoria, de cada huma quatro onças, polipodio, & folhas de ſene, de cada hum tres onças, das quatro flores cordeas dous pugillos, turbit huma oytava, coza-ſe tudo em ſufficiente quantidade de agua ſegundo Arte; & coado lhe accreſcentaràõ aſſucar, que baſtar, & faràõ xarope, de que ſe pódem dar ao doente duas onças pela manhã, & huma à tarde, bayxado de ponto com agua de ſalſa, ou qualquer outra conveniente.*

Numero 12.

Outro xarope do meſmo Author.

TOmem ſalſa parrilha, páo ſanto, de cada hum oyto onças, lancem-ſe de molho vinte & quatro horas em vinte quartilhos de agua, & depois ſe cozaõ na meſma atè ſe gaſtarem duas partes, accreſcentando, ſecundùm Artem, *em quanto ſe coze de polipodio quatro onças, de dictamo branco hũa onça, chicoria, borragens luparos, erva molarinha, douradinha, cardo ſanto, & ſalva, de cada huma ſua maõ-chea, ameyxas paſſadas, paſſas de uvas, de cada hum quatro onças, & depois ſe coe, & ſe infundaõ no meſmo*

meſmo cozimento duas onças de ſene, meya de epithimo, meya de turbit, meya de ſemente de erva-doce, huma de canela, ſeis oytavas de flores cordeaes, & torne-ſe a coar, & com aſſucar baſtante ſe faça xarope, ſecundùm Artem, *do qual ſe pódem tomar tres atè quatro onças.* O Author lhe manda lançar dez onças de ſene, & huma de dietymo: porèm he tanta a quantidade deſtes purgativos, que naõ pòdem dar lugar a que elle ſe tome mais de huma onça, a que cabe muy pouco de virtude alexipharmaca, que he a principal contra eſta enfermidade. E por tanto me pareceo acertado naõ lhe lançar mais que as duas onças de ſene, que tenho dito.

Numero 13.
Conſervas para curar morbo gallico.

TOmarà *ſalſa parrilha feyta em pó quatro onças, páo da China feyto em pó duas onças, hermodactilos polvorizados meya onça, ſene cinco oytavas, canela, erva-doce, de cada hum meya oytava, yva artetica, betonica, de cada huma ſua oytava, aſſucar o que baſte, faça-ſe conſerva ſecundùm Artem.* Serve para todos os affectos gallicos, principalmente de cabeça, & juntas, ha ſe de tomar huma onça pela manhã, meya à tarde antes da cea, & comer dahi a duas, ou tres horas, & continuar doze, ou quinze dias, & beber agua de regimento trinta.

Outra conſerva: *Tomaràõ ſalſa parrilha tres onças, páo da China huma, caſcas de mirabolanos citrinos, chebulos, & Indicos, de cada hum duas oytavas, jalapa meya onça, ſene duas oytavas, xarope de nove infuſoens de roſas Alexandrinas quanto baſte, faça-ſe conſerva ſecundùm Artem.* Tomará o doente meya onça pela manhã, & tres oytavas à tarde.

Outra conſerva: *Tomaràõ de ſalſa parrilha cinco onças, ſene ſeis oytavas, mechoacaõ fino tres oytavas, pó de biſcouto ſeis oytavas, gingivre meya oytava, aſſucar quanto baſte, faça-ſe conſerva ſecundùm Artem.* Tomará o doente ſeis oytavas de cada vez.

Outra conſerva: *Tomaràõ de páo da China tres onças, ſementes frias mayores, de cada huma tres oytavas, pó de biſcouto meya onça, xaropes de almeyraõ quanto baſte; faça-ſe conſerva.* Serve para quem for eſquentado do figado, ou de compleyçaõ muyto cholerica, ſe o morbo gallico naõ for muyto, nem antigo.

Numero 14.
Bocados, ou bolos para curar o morbo gallico.

TOmaràõ *confeyçaõ hamec ſimplez duas onças polpa de canafiſtula quatro onças, pós de páo da China huma onça, hermodactilos duas oytavas, xarope roſado commum o que baſte, façaõ bocados,* de-ſe meya onça de cada vez.

Outros bocados: *Salſa parrilha, páo da China, páo ſanto, de cada hum duas onças, polpa de canafiſtula tres onças, pós de mirabolanos chebulos, & citrinos, de cada hũ duas oytavas, pós de polipodio tres oytavas xarope de almeyraõ quanto baſte, façaõ-ſe bocados ſecundùm Artem.* Darſehaõ de cada vez ſeis oytavas.

Outros: *Tomaràõ jalapa, ſene carthamo, de cada hum meya onça, ruybarbo duas oytavas, ſpica hum eſcropulo, canela, erva-doce, de cada hum meya oytava, ſalſa parrilha ſeis onças.* De tudo ſe faça pó, & com baſtante aſſuçar poſto em ponto ſe façaõ bocados, dos quaes ſe dará ao doente huma onça pela manhã, meya à tarde, & continue doze dias, ou os mais que parecer neceſſario, & depois beba agua de regimento quarenta.

Numero 15.

Talhadas para curar o morbo gallico.

T*Omem pao da China huma onça, salsa parrilha duas onças, sene meya onça, polypodio, hermodactilos, jalapa, de cada hum tres oytavas, polpa de canafistula huma onça, xarope de nove infusoens de rosas Alexandrinas quatro onças, assucar o que baste, façaõ-se talhadas.* Tomarà o doente huma onça atè duas de cada vez, & continue atè sarar.

Outras talhadas. *Tomaráõ pós de salsa tres onças, hermodactilos meya, sene huma onça, canela meya oytava, assucar o que baste,* com agua rosada se façaõ talhadas, & darse-ha de cada vez huma onça dellas.

Outras. *Tomaráõ pao santo meya onça, salsa parrilha duas onças, polypodio meya onça, hermodactilos duas oytavas, pòs de diarrhodaõ meya oytava, assucar o que baste para talhadas.*

Outras. *Tomaráõ epithimo duas oytavas, sene quatro, salsa parrilha doze, pao da China seis, assucar que baste,* façaõ talhadas com agua de fumaria.

Numero 16.

Pós para curar morbo gallico.

T*Omaráõ salsa parrilha, raiz da China, gayacaõ, ou pao santo, de cada hum sua onça, elleboro negro, hermodactilos, folhas de sene, epithimo, jalapa, de cada hum sua oytava, semente de erva doce, canela, de cada huma meya oytava, trociscos de coloquintida meya oytava, pós de diarrhodaõ, de diamargaritaõ, de cada hum sua oytava; de tudo se faça pò, & se misture. De-se cada manhã huma oytava em agua de salsa, & continuem-se atè que se acabem, bebendo a mesma agua de salsa, com que se continuarà depois da cura trinta dias com bom regimento.* Servem para morbo gallico antigo muyto rebelde, mas dem-se sómente a pessoas robustas, & se os quizerem dar a outras, tirem-lhe o elleboro, & trociscos de coloquintida, & dobrem-lhe a quantidade do sene, & hermodactilos.

Outros pòs. *Tomaráõ de cascas de salsa parrilha quatro onças, de pao da China huma onça, jalapa meya onça, canela duas oytavas, pòs de mirabolanos chebulos, & de hermodactilos, de cada hum tres oytavas, de tudo se faça pò, & se guarde em vaso tapado.* E daraõ ao doente oytava & meya pela manhã, & huma oytava à tarde. *E se os acharem muyto ascosos, misturemlhe de pòs de assucar de pedra fino o que quizerem, & pode-os tomar em agua de salsa, ou pao, & se for esquentado do figado, em agua de almeyraõ, ou soro.*

Outros pòs. *Tomaráõ pao santo meya onça, pao da China tres onças, salsa parrilha duas onças, sene seis oytavas, epithimo, polypodio, de cada hum duas oytavas, dous cravos de especie, hum escropulo de semente de funcho, & de tudo se faça pò.* Tomarà o doente oytava & meya pela manhã, & huma oytava à tarde, atè que os acabe, bebendo sempre agua de salsa.

Outros. *Tomaráõ de salsa parrilha cinco onças, sene huma onça, polypodio huma onça, semente de erva doce tres oytavas, de tudo se faça pò.* Tome destes pòs duas oytavas pela manhã, oytava & meya à tarde atè que se acabem.

Numero 17.

Pirolas para curar morbo gallico.

T*Omaráõ elleboro negro huma oytava, turbit, carthamo, agarico, ruybarbo, de cada hum oytava & meya, pòs de salsa parrilha, pòs da China, de cada hum hu-*

ma onça, efpica, canela, erva doce, de cada hum, hum efcropulo; azevre meya onça, xarope de fumaria quanto bafte, faça-fe maffa de pirolas, das quaes tomarà o doente cada dia duas oytavas feytas em nove pirolas, & dellas tomarà pelá manhã cinco, & à tarde quatro.

Outras pirolas. *Tomaráõ falfa parrilha huma onça, pao da China duas oytavas, cardo fanto huma oytava, polypodio, jalapa, de cada hum duas oytavas, diagridio hum efcropulo, hermodactilos tres oytavas, maffa de pirolas cochias, de fumaria, aggregativas, de cada huma oytava, & meya.* De tudo fe façaõ pirolas com xarope de nove infufoens de rofas, & dem-fe pela ordem das outras acima ditas.

Outras pirolas. *Tomaráõ feis oytavas de pao da China, quatro de mirabolanos chebulos, duas de hermodactilos, huma de iva artetica, outra de betonica, outra de rofmaninho, meyo efcropulo de trocifcos coloquintida, à que chamaõ de Alandal, oyto grãos de diagridio, & com mel rofado coado, ou xarope rofado fe façaõ pirolas, das quaes fe darà huma oytava atè oytava & meya de cada vez.* E note-fe que de dous modos fe fazem os trocifcos de coloquintida, & hum delles leva muyta quantidade della, & menos das outras; pelo contrario levaõ muyta quantidade das outras coufas, & menos da coloquintida; & deftes ufaremos por mais feguros, & avifaremos aos Boticarios que delles ufem nas receytas que lhes mandarmos.

Numero 18.

Vinho para curar morbo gallico.

TOmem de polypodio duas onças, fene meya onça, hermodactilos meya onça, cafcas de mirabolanos, chebulos, & Indios, de cada hum tres oytavas, falfa parrilha machucada quatro onças, pao fanto limado duas onças, pao da China feyto em cavaquinhas meya onça, lance-fe tudo de infufaõ vinte & quatro horas em canada & meya de vinho fino, & depois chegue-fe ao fogo que levante fervura, & logo fe tire, & beba o doente defte vinho hum quartilho cada dia, meyo pela manhã, & meyo à tarde fete horas depois de ter jantado, & acabados os feis dias tenha feyto outra femelhante, com que continue outros feis.* E naõ baftando, continue mais, & fararà de boubas velhas que naõ tenhaõ obedecido a outros medicamentos; & coma neftes dias bifcouto, & carne affada, & faça-fe outro vinho para beber de ordinario, lançando duas onças de falfa machucada em huma canada de vinho fem ir ao fogo, & affim como fe for gaftando, irá lançando vinho novo cada dia fobre a mefma falfa. E fe lhe for neceffario beber alguma agua, ferà tambem cozida com falfa, ou pao.

Numero 19.

Outro vinho de Pedro de Torres, para curar morbo gallico.

TOmem douradinha, fumaria, efcabiofa, de cada huma hũa maõchea, cozaõ em feis quartilhos de agua, que gafte hum quartilho, & coe-fe, & depois de coado fe ajunte de cafca de pao fanto feyta pò, meyo arratel, de vinho branco bom dez quartilhos, & efteja affim vinte & quatro horas; & depois coza a fogo brando atè gaftar a quarta parte, & coe-fe. Haõ-fe de tomar cada manhã quatro, ou feis onças; feytas primeyro as evacuaçoes univerfaes, como fe devem fazer antes de tomar qualquer das medicinas defte Capitulo.

Outro vinho do mefmo Torres. *Tomem de vinho branco bom trinta quartilhos, cafcas de pao fanto feytas pò, arratel & meyo, (naõ havendo cafcas de pao fanto, ferà a quantidade do pao dobrada) polypodio, folhas de fene, epithimo, de cada hum*

fua

sua onça, agua ardente seis onças, esteja tudo de infusaõ vinte & quatro horas, & depois se terà a fogo brando atè gastar a terça parte, & coarseha. E tomarà o doente de cinco atè sete onças pela manhã em jejum, & podeo-o tomar outra vez à tarde. Incenso lhe mistura tambem o Author, porèm tenho-o por suspeytoso, conforme Dioscorides. Lib.1. c.60.

Para o mesmo intento de curar morbo gallico sem suores, nem unturas, se pòdem accommodar os vinhos que receytamos no Capitulo vinte, dos quaes o que tem titulo de Santo he o de mayor experiencia.

Numero 20.
Vinagre, com que suavemente se cura o morbo gallico.

TOmem salsa parrilha tres onças, pào da China duas, folhas de sene outras duas, passas de uvas quatro onças, canela duas oytavas, lance-se tudo dentro de huma canada de forte vinagre, & logo se chegue ao fogo, que dè huma fervura, & se tire, & deyxe estar quatro dias mexendo-o cada dia tres, ou quatro vezes, & no fim destes dias se lhe dè outra fervura, & tirando se do fogo depois de frio se coe, & se lhe ajuntem duas onças de manà. Deste vinagre se tomarà huma onça ao jantar, outra à cea no principio da mesa, temperando-se com elle o caldo de gallinha, ou carneyro, ou huma chicoria, ou alface esperregadas, ou qualquer outra cousa, que se coma, & beberà o doente de ordinario sua agua simplez de salsa.

Numero 21.
Advertencia acerca das quantidades dos alexipharmacos.

E Porque poderà alguem reparar na quantidade da salsa, & na dos cozimentos, apozemas, xaropes, conservas, & outras fórmas medicamentosas deste Capitulo, & de toda esta obra, se advirta que fazendo-se a cura sem suar, he necessario que a quantidade dos ditos alexipharmacos seja mayor, para que supra a evacuaçaõ, que pelo suor se houvera de fazer, como por via mais conveniente, segundo explicaremos em seu lugar. Com tudo, havendo grande excesso de calor, ou do natural temperamento, ou do figado, rins, idade, tempo, & constituiçaõ do anno, regiaõ, febre, ou qualquer outra causa complicada, ou tudo isto junto, se deve diminuir a quantidade dos ditos medicamentos tanto quanto o pedir a contraindicaçaõ destes repugnantes: & se todos elles faltarem, segura, & utilmente se pòde admittir toda a quantidade, que em cada receyta tenho ordenado, segundo me tem mostrado a experiencia.

Numero 22.
Outra advertencia acerca da eleyçaõ de qualquer destes remedios.

POsto que os letrados, & de mais experiencia possaõ eleger das varias receytas deste Capitulo o que mais se ajustar com seu intento: com tudo os que o naõ saõ, vendo tanta variedade de remedios se confundem, & naõ sabem qual elejaõ, & por tanto lhes advirto que usem do primeyro, ou daquelle, que particularmente approvo, ou se o enfermo for pobre, do que fizer menos custo, & a mesma advertencia se tenha em todo o discurso deste livro, quando para huma enfermidade houver varias receytas de remedios. Advirta-se finalmente que havendo-se de curar o morbo gallico sem suores, nem unturas de Mercurio,

com qualquer dos remedios, que neste Capitulo receytamos, he necessario que primeyro o enfermo se prepare com xaropes, sangria, & purga, como que houvera de entrar em suores, aliàs naõ succederà a cura como se espera.

ANNOTAÇOENS.

Numero 19.

OS vinhos. *Varios remedios propoem o Author para curar o gallico sem suores, nem azougue, & certo que todo este fausto de apozemas, xaropes, conservas, talhadas, & bolos, se escusavaõ com tomar huma panacea mercurial, com que suavissimamente se extingue todo o gallico em poucos dias, & com pouco tempo de regimento depois: porque quando as curas se fazem com azougue, ficaõ poucas reliquias do contagio, que hajaõ de gastar-se com o regimento. Entre os vinhos que o Author prepara, só do vinho santo temos experiencia; & naõ ha duvida, que com razaõ o louva entre os mais, & o encarece. Tambem os vinhos, que quando mostos se fermentaõ, & cozem com os alexipharmacos deste contagio, saõ convenientes para curar o gallico, & usaõ-se com suavidade. O modo da sua preparaçaõ he o seguinte.*

Tomem dez cantaros de mosto de vinho branco, (cada cantaro tem doze canadas) ponha-se em barril de pao com seis onças de salsa parrilha, dez onças de pao santo, cinco onças de raiz da China, quatro arrateis de passas de uvas, hum cento de camoezas finas. A salsa, & raiz cortem-se em bocadinhos, o pao lime-se, as passas machuquem-se, & as camoezas façaõ-se em quartos, com tudo isto ferva o mosto, & em parando o seu fervor, ou fermentaçaõ, bebaõ os gallicados deste vinho aos comeres, naõ usando de outro.

CAPITULO XXV.

Do azougue, & cura, que com elle se faz aos gallicados.

Numero 1.

HE o azougue o mais efficaz, & antigo remedio, que na Europa se descobrio, para curar morbo gallico. Mais efficaz: porque cura todo aquelle, que os outros medicamentos naõ puderaõ, extirpando-o de tal sorte, que diz André de Alcaçar terem feyto entre si pacto de que todas as vezes que se applicar o azougue, o gallico sare. Mais antigo: porque antes que de Indias viesse o pao, & salsa, com que depois se curou, fazendo este mal grande estrago em todo o Mundo, sem que se lhe achasse remedio, obrigados os Medicos, & Cirurgiões da necessidade, lhe vieraõ a applicar os unguentos de azougue, que Avicena, Arnaldo de Villa-Nova, Mesue, Guido, Theodorico, Henrico, Petro de Bonato, & outros antigos deyxàraõ em seus escritos para curar sarna rebelde; & assim fazendo consequencia analogistica, começáraõ tambem de applicar este unguento à sarna gallica, & mostrando-lhes a experiencia, que naõ sómente a curava, mas que tambem tirava as dores, resolvia os tumores, temperava a febre, mundificava as chagas, & emendava todos os mais gallicos symptomas, ficáraõ certos em que era admiravel medicina para curar todo o morbo gallico, como realmente se curava com tanta facilidade de Medicos, & doentes, que além de todos sararem, os primeyros Inventores deste remedio acquiriaõ grandes riquezas, entre os quaes, segundo Fallopio, hum Jacobo Carpento ajuntou quarenta mil escudos de ouro, (fóra a mais moeda de prata) de que testou deixando

Lib. de morb. gal cap. 19.

Tract. 6. d. 1. c. 5.

Lib. de morb. gal cap. 76.

do ao Duque de Ferrára por herdeyro Acaso se descobrio tambem este remedio em outras partes, porque em Sevilha no tempo dos Reys Catholicos naõ se achando entre os Medicos cura para este mal, se deo licença aos que o naõ eraõ, para que cada hum o curasse como quizesse; & certo tecedor começou acaso de curar com unguento de azougue, com que todos lhe sarárao, & ficou Medico delle nos Hospitaes, & em toda a Cidade por muytos annos, & se veyo a descobrir o remedio, de que tambem os Medicos se aproveytáraõ como conta Rui Dias de la Isla.

E posto que algumas vezes o azougue mova accidentes trabalhosos, & da applicaçaõ delle aconteçaõ desastres, & por essa causa o naõ admittaõ Fernelio, & outros Authores; com tudo usando-se com cautela, & toda a devida correcçaõ, he medicamento segurissimo, & quasi infallivel na cura deste mal, como he testemunha Nicolao Massa, Eustachio Rudio, & outros graves Medicos, que sabem a recta administraçaõ deste excellente medicamento. Delle pois neste Capitulo trataremos, a eleyçaõ, as qualidades, virtude, & conveniente uso.

Lib. de morb. serp.

Lib. de morb. gal tract. 46.
Lib. 5 de morb. occult. c. 15.

Numero 2.
Eleyçaõ do azougue.

HA-se de notar que ha delle quatro especies, como se colhe de Dioscorides, & de Galeno, Avicena *ex translatione Belunensis*, *Conciliator different.* 151. Magister de Santes, André de Alcaçar. A primeyra he o que Avicena chama purgado, & se acha nas minas: a segunda o que das pedras das mesmas minas se tira à força de fogo pelo modo que das mesmas se aparta o ouro, & prata, & tem este cor de cynabrio, porém diz Avicena que o naõ he, mas que delle se faz com certa mistura de enxofre: a terceyra he outro azougue ficticio, que diz Dioscorides fazerse de cynabrio ao fogo em certas caçoulas de ferro, & barro, como elle ensina: a quarta he o solimaõ, que se faz do mesmo azougue misturando-lhe sal, caparroza, & nitro, & tirando-o por sublimaçaõ, conforme a Arte Chimica. Destas quatro especies o purgado de Avicena he o verdadeyro, puro, & legitimo azougue, & que se ha de eleger para curar o morbo gallico, principalmente para as unturas, unguentos, & emplastos, que para este mal se fazem. A segunda, & terceyra especie naõ saõ taõ accommodadas para os ditos medicamentos, servem porém para a cura, que se faz com fumos, como abayxo diremos. Finalmente o solimaõ, como mais calido, erodente, & venenoso tem mais perigo, & naõ se usará delle nesta cura, porque se viraõ pessoas, que morreraõ lavando-se com sua agua para sarna: mas tem sua utilidade para certos pós admiraveis, que alguns posto que poucos Chimicos sabem, & para curar chagas gallicas sobre todos os remedios tem este o principado.

Lib. 5. c. prop.
Lib. 9. simpl.
Lib. 2. cō tract. 2. tom. 47.
Lib. de venen.
Lib. de morb. gal cap. 16.

He o azougue algumas vezes falsificado com estanho, & chumbo, que lhes misturaõ, & para se conhecer o lançaráõ na palma da maõ, & nella o esfregaráõ fortemente com o dedo, & se deyxar a maõ suja, he certo ser adulterado. Tambem o passaráõ de huma maõ para a outra, ou de hum para outro vaso, & se naõ correr todo junto, & conglobado, antes fizer rabo, he final de ser falso, & muy perigoso: havendo-se de preparar para se tomar pela boca, por quanto o chumbo he veneno mortifero, conforme o conselho de Fernelio, & aliàs naõ tem utilidade alguma contra a qualidade gallica. Estes sinaes tem a experiencia mostrado, posto que os Authores o naõ advirtaõ.

Lib. de ven. c. 17.
Lib. de lue ven. cap. 17.

E para se apurar das cousas, que se lhe misturaõ, será acertado fazer o que

manda Brasavolo, que he metelo em hum couro, & coalo por elle, porque conforme diz, sahe purificado. E para melhor se purificar louva Ambrosio Pareu coarse por huma pelle de carneyro E ha de ser o bom azougue, segundo este Author, claro, branco, fluido, & delgado, o que naõ tiver estes sinaes se terà por adultero.

Lib. de morb.gal in med §. lortepret. Lib.18. cap.10.

Numero 3.

Qualidades, & virtudes do azougue.

TÊm o azougue partes diversas, por razaõ das quaes esfria, & aquenta notavelmente. Destas disputaremos largamente na segunda Parte desta obra; & por em tanto dizemos que difficultosamente se actua o azougue applicado ao corpo humano, & por falta desta actuaçaõ muytas vezes naõ aquenta, antes conhecidamente esfria, porèm quando chega a actuarse, he tanto o seu calor, que vem a ser adurente. Participa de qualidades venenosas, que se podem emendar com a boa preparaçaõ, que lhe fazem: tem virtude, ou propriedade occultà contra todos os venenos, conforme Serapiaõ, a qual he efficacissima contra a qualidade gallica, segundo Antonio Musa, Brasavolo, Ambrosio Pareu, & por tanto a extingue potentemente algumas vezes, sem que preceda evacuaçaõ manifesta, como nota Nicolao Massa. Tem mais outra virtude tambem occulta com que efficazmente evacua humores pituitosos, & outros de mistura pelas gingivas, & mais partes da boca, movendo cuspo, & baba em grandissima copia. Move tambem outras vezes camaras, vomitos, suores, & ourina, como nesta Cidade se vio em certo Fidalgo, a que se applicàraõ as unturas sem mover outra evacuaçaõ mais que ourinar tanta copia de humores varios que o naõ posso encarecer, & ficou sanissimo; o que tambem observou Lobera, & por estas causas alimpa o corpo dos humores crassos, & rebeldes, gallicos, & naõ gallicos, desfaz os tumores, mitiga as dores, mundifica as chagas, tira as febres, & camaras gallicas, reduz os tabidos gallicos a seu habito natural, & cura finalmente todos os generos de enfermidades, quando procedem de causa gallica. E se algum perguntar se com elle tambem se podem curar as outras, que naõ saõ gallicas, respondo que sim com Angelo Bolognino, naõ sendo agudas, nem havendo os impedimentos, que diremos. E assim diz Andres de Leon, que com azougue se curaõ hydropesias, parlesias, estrangurias, fluxos de sangue, ictericias, gotta, alporcas, lepra, sarna, fleuma salsa, chagas, & outras enfermidades, ainda que naõ procedaõ de qualidade gallica, assim applicado por fóra, como tomado pela boca à imitaçaõ dos Arabes, & Persas. E prova-se primeyramente, porque Avicena, Mesue, & outros antigos, que naõ conheceraõ morbo gallico, o applicavaõ à cura da sarna rebelde. Segundo, porque evacua potentemente os humores pituitosos, crassos, & rebeldes, & por consequencia deve curar os vicios, que delle dependem. E assim se tem visto por experiencia curar tinha, dores de ciatica, & de gotta fria, & paraliticos, & mata porsovejos postos nas juntas do catre, & os mais bichos que offendem o corpo, & tomado pela boca mata as lombrigas.

Lib. de simp. med. c.585. Lib. de morb.gal Lib.18. cap.1. Joaõ Calvo lib 3. cap.2. Lib. de morb.gal tr.4.c.1. Lib. de morb.gal tr.4.c.1. Lib. de morb.gal cap.1. Lib. de ung. c.6. § quærẽdum erit 1. & n. quærit 4 Lib. de morb.gal cap.8.

Porèm tem alguns inconvenientes, porque usando mal delle faz tremor de nervos, como se vê nos que andaõ nas Minas, que por robustos que sejaõ, em quatro annos se fazem tremulos: corroe as entranhas, faz desinterias, & grandes chagas de boca, fedor de bafo, aballa os dentes, & os faz negros; offende todas as partes solidas, causa apoplexias, paralisia, gotta coral, & às vezes delirios, como

vio

vio Rudio, & se os doentes naõ saraõ com a cura delle, se lhes exacerbaõ mais as dores, & todos os symptomas gallicos, & às vezes os faz hecticos, tisicos, marasmados, & asthmaticos; & fica dentro do corpo, em tanto que dahi a muytos annos abrindo-lhe os tumores, se acha dentro delles, como vio Fallopio, & depois de mortos, & gastados da terra se lhes acha na cavidade dos ossos, como diz o mesmo Author; o que tudo se entende, se delle se usa mal. Pelo que he necessario usallo com toda a cautela, & tendo-a, nenhum doente ha que perigue, nem fique com lesaõ notavel, occasionada da cura, como nota Eustachio; antes todos ficaõ sanissimos, como a quotidiana experiencia està mostrando.

Loc. cit.

Loc. cit.

Lib. de morb. occult. c. 15.

Numero 4.

Do uso, & recta administraçaõ do azougue.

SUpposto haver já mostrado a experiencia que o azougue he o remedio do morbo gallico, naõ sómente pela evacuaçaõ manifesta, que faz dos humores, mas tambem pela qualidade occulta alexipharmaca, com que extingue a venefica, como largamente provaremos na segunda parte; resta só declarar a devida applicaçaõ delle, a saber, a quantidade, como, quando, & aonde. E porque saõ os modos de se applicar varios, pois ou se applica às partes de fóra do corpo, ou se dá pela boca, & o de fóra se applica *em fumos*, *emplastos*, *ou unguentos*; primeyro trataremos destes ultimos, como mais seguros, & usuaes, & de cada hum diremos em particular a quantidade conveniente, o tempo, & o lugar, a que se applica, porque naõ póde haver regra geral destas tres cousas, que possa convir a todos os ditos modos.

Quæst. 36.

Numero 5.

Unguento de azougue para curar morbo gallico.

COmo em toda a composiçaõ dos medicamentos se ha de considerar a basis, o adjuvante, & o corrigente, advertio Capivaccio, naõ ha duvida que nestes unguentos a basis, ou fundamento seja o azougue, pois elle he o principal, que cura o morbo gallico, a que saõ ordenados: as mais cousas, que lhe misturaõ, servem de adjuvantes, & corrigentes. No que toca aos adjuvantes se tem enganado muytos, misturandolhe para vigorar sua operaçaõ medicamentos de partes tenues, calidos, incisivos, & resolutivos. Porque delles se segue hum grande inconveniente, como nota Eustachio Rudio. E he, que como o azougue depois de actuado he taõ calido, que chega a ser adurente, & como os ditos adjuvantes saõ tambem muyto calidos; segue-se delles intenderse mais o calor, excitarem-se mais vehementes, & perigosos symptomas, a saber, desinterias, febre aguda, grande corrosaõ em toda a boca, grande destemperança quente do figado, rins, & mais partes interiores. E como o azougue he de si grandemente penetrativo, & incisivo, naõ tem necessidade destes medicamentos adjuvantes, & por tanto lhe bastaõ só nente aquelles, que servem de excipiente, (os quaes adjuvantes se reduzem como o mesmo Capivaccio nota) & que de qualquer modo dispoem os humores, & o corpo para melhor actuaçaõ delle, & os mais que servem de correctivos, assim a respeyto do demasiado calor, & secura, como das qualidades venenosas.

Trat. de ration. comp. in med.

Lib. de morb. ven. c. 15.

Pelo que naõ tenho por seguro misturar nos ditos unguentos *euphorbio*, *castoreo*, *triaga velha*, *cinza*, *& outros cattassismos que se costumaõ*. E por muy accommodados tenho *os oleos*, *& enxundias*, com o que he ordinario misturarse, & me parece

bem

bem (posto que seja novidade) accrecentarlhe *os que propriamente saõ correctivos da sua qualidade venefica*, que traz Dioscorides, *como losna, aypo, semente delle, & de perrexil, & de horminio, ouregaõs, hyssopo, myrrha*; (conforme Avicena) *& ouro para quem naõ recear o custo; leyte, & vinho*, porque todos estes, diz Dioscorides, saõ remedios contra o dano do azougue. Alèm de que me parece tambem acertado misturarlhe algumas cousas refrigerantes, & humectantes; para lhe remittir o demasiado calor, & secura; como *unguento rosado refrigerante de Galeno; manteyga crua, oleo rosado, de violas, de golfaõs, & semelhantes.*

Lib. 1. c. prop. & c. de lutarg. Fen. 6. tract. 1. cap. 1.

Dos quaes medicamentos se poderáõ lançar mais, ou menos, conforme o humor, que peccar, a compleyçaõ do enfermo, a regiaõ, & o tempo do anno. Porque os colericos, quando o humor dominante he quente, & o tempo de estio, pedem medicamentos mais refrigerantes. E pelo contrario os de compleyçaõ, & de humores frios, & tempo de Inverno, pedem unguentos mais quentes. Advirta-se porèm àcerca da *cinza*, *& triaga*, que nestes unguentos misturaõ os Authores, que podem ter lugar em quanto podem ser correctivos do *azougue. A cinza*, porque conforme Dioscorides, tem virtude alexipharmaca contra todos os venenos, & como diz Forest. he proprio alexipharmaco *do solimaõ*; porque com a sua decoada acudio às offensas delle. *A triaga* tambem he alexipharmaco commum, & por tanto pòde aproveytar nestas composições. Naõ se lance porèm destes correctivos tanto, que seja mayor o dano de aquentar, que o bem da correcçaõ, que por elles o azougue recebe.

Lib. 6. in procem. Lib. 10. observ. 2.

No que toca à quantidade de azougue, que aos demais simplices se mistura, naõ pòde haver regra certa pela variedade que ha dos humores, da antiguidade do mal, da compleyçaõ do enfermo, & do tempo do anno; porque os biliosos, sanguineos, meninos, & mulheres, como facilmente se alteraõ, menos quantidade de azougue lhes basta, & assim mesmo quando o mal he de pouco tempo, o humor dominante he cholera, ou sangue, & o tempo, & regiaõ saõ quentes. E pelo contrario aos de compleyçaõ melancholicos, fleumaticos, & aos robustos, mancebos, & humores crassos, mal antigo, & tempo de Inverno, he necessaria mayor quantidade. E por esta causa os prudentes Medicos ordenàraõ varias receytas destes unguentos, accommodando a cada compleyçaõ sua diversa: outros, posto que usaraõ em todos da mesma, variàraõ a quantidade do azougue conforme a variedade dos humores, & natureza do enfermo.

Porèm ainda neste particular andàraõ muy varios, porque raramente se achaõ dous, que conformem na quantidade de azougue, que se pòde lançar a cada onça de unguento, & em cada botica ha sua receyta diversa; das quaes humas tem muyta quantidade de azougue, outras pouco, & como os Medicos, & Cirurgiões naõ vejaõ as ordinarias, por onde se compuzeraõ, às cegas usaõ destes unguentos, & assim succede a alguns doentes, que com muy poucas unturas, lhes sobrevem gravissimos accidentes, v.g. demasiada copia de camaras, grande inflammaçaõ de garganta, difficuldade de respiraçaõ, febre aguda, & às vezes morte; & outros que com muytos dias de unturas lhes naõ rebenta a boca, nem se lhes remittem os symptomas. E posto que isto às vezes possa succeder da natureza do doente, ser mais, ou menos obediente, ou rebelde à evacuaçaõ do azougue, com tudo de ordinario acontece pela differença da mayor, ou menor fortaleza dos unguentos, como muyto bem advertio Oviedo.

Lib. 4. c. prop.

Nesta ambiguidade, me parece que na composiçaõ destes unguentos *se lance de ordinario o azougue em tal quantidade, que venha a responder a cada onça delles; de hum escropulo atè tres oytavas*, porque mais, serà taõ forte, que mova graves

acci-

accidentes, & menos ficará taõ brando, que, ou totalmente naõ obre, ô obrará sómente em facillimas naturezas, como saõ os muy colericos, meninos, & algumas mulheres; ou será necessario applicarse tantos dias, que a prolixidade da cura venha a enfadar os doentes de modo que a deyxem. E que *hum escropulo seja o menor pezo, que a huma onça de unguento possa convir*, se mostra claramente da receyta do emplasto de Joannes de Vigo, usado em muytas boticas, do qual se pragueja ser fraco em sua operaçaõ, conforme Fragoso, & com tudo em sugeytos faceys, como os sobreditos, he bastante, & neste emplasto brando responde a cada onça cousa de meya oytava de azougue, por onde se vè claro pela dita experiencia ser a menor quantidade, que se lhe póde misturar, hum escropulo, poys de meya oytava se faz o emplasto brando. E que tres oytavas seja a mayor quantidade se vè pela experiencia da efficacia, com que move os humores à boca, & excita gravissimos symptomas. E desta minha opiniaõ parece ser Ruí Dias de la Isla Cirurgiaõ muy experimentado nesta materia. E a boa experiencia, que se tem dos unguentos, que nas boticas se usaõ, abayxo receytados, confirma o que tenho dito.

Numero 6.

Unguento de azougue para toda a compleyçaõ.

TOmem *unto de porco oyto onças, manteyga crua huma onça, unguento dialter, oleo de endros, de louro, & de macellà, de cada hum meya onça, azougue tres onças, encorpore-se tudo em almofariz, segundo a Arte, & se faça unguento.* He de Fragoso tirado de Ruí Dias de la Isla, o qual diz que com este unguento bastarà untar *ao cholerico duas, ou tres vezes, do sanguineo cinco, ou seys, do fleumatico quatorze, ou quinze*, posto que para este tem por fraco: com tudo naõ deyxarà de ter bastante efficacia, conforme a quantidade do azougue.

Outro de Leonardo Botallo, que refere Torres: *Tomem manteyga crua cinco onças, oleo de amendoas amargosas, cera branca, azougue, de cada hum tres onças, faça-se unguento segundo Arte.*

Outro: *Tomem unto de porco seys onças, azeyte rosado, & nardino, de cada hum duas onças, cera branca duas onças, azougue tres onças, faça-se unguento.*

Outro: *Tomem unto de porco tres onças, almecega huma onça, oleo de almecega onça & meya, açafraõ dous escropulos, duas camoezas bem assadas, azougue duas onças, faça-se unguento.* He de Eustachio Rudio, posto que elle naõ dispensa mays que *onça & meya de azougue*, que me parece pouco para untura universal às quatro compleyçoens.

A todas estas receytas me parece acertado accrescentar *os alexipharmacos do azougue assima ditos* por authoridade de Dioscorides, v. g. *pós de ourégãos, de losna, hyssopo, semente de horminio, de todos, ou de qualquer delles, huma onça, & preparar o azougue com saliva*, que conforme provarêmos na segunda Parte, he seu correctivo, ou alexipharmaco contra a sua mà qualidade.

Outro unguento: *Tomem manteyga crua, oleo rosado, de violas, de golfãos, de cada hum onça & meya, unto de porco oyto onças, vinho com quartilho & meyo, losna, hyssopo, ouregãos, de cada hum sua maõ chea. Coza-se tudo junto atè se gastar o vinho, depoys se coe, & se ajunte azougue tres onças & meya, cera branca o que baste. Extinga-se o azougue com saliva de pessoa que esteja em jejum, & com as mays cousas se faça unguento segundo Arte.*

Ou se faça este: *Tomaraõ unto de porco, unguento rosado, manteyga crua, de cada*

hum quatro onças, pós de losna, & ouregãos, de cada hum seys outavas, oleo de losna, & de almecega, de cada hum onça, & meya, azougue morto com saliva tres onças, cera a que baste, faça-se unguento.

Destes se applicarão: *aos cholericos de cada vez meya onça, aos sanguineos seys oytavas, fleumaticos onça & meya, aos malancholicos duas onças, aos temperados huma onça.*

Deve-se advertir, que nos unguentos communs, que cada hum ordenar para toda a compleyçaõ, serà muy conveniente que *a cada libra de unguento lancem onça & meya de azougue*, que vem a responder huma oytava a cada onça, que he a mediocridade, que póde convir ao temperado, *& della se póde usar em cada compleyçaõ accrescentando, ou diminuindo a quantidade de unguento.* E como os que estaõ feytos na Botica saõ para todo o povo, haja grande variedade nas receytas, porque cada Botica o faz por sua diversa, com grande confusaõ dos Medicos, & dano dos doentes: era muy importante que todos conviessem na quantidade do azougue, que a cada libra se lança, (porque nos mays ingredientes pouco importa) para cada Medico saber o que applica a seu enfermo. E assim peço a todos os Boticarios que dispensem *a cada libra de unguento doze oytavas de azougue*, que vem a responder a cada onça huma oytava, *& no mays simplez cada hum lance o que lhe parecer, conforme sua receyta*, constando que deste modo està ordenado em todas as Boticas, naõ duvide ninguem da quantidade, que em cada untura póde applicar.

Numero 12.

Unguento de azougue para cada particular temperamento.

Para os cholericos, & sanguineos.

AO que for de temperamento cholerico, ou sanguineo convem o unguento seguinte: *Tomem manteyga crua oyto onças, unguento rosado quatro onças; azougue cinco outavas. Apague-se o azougue com leyte, & com as demays cousas se faça unguento secundùm Artem.* E se se temer que por razaõ da manteyga crua se corrompa, *ajuntem-lhe de solimaõ doys, ou tres grãos*, que saõ bastantes para perservativo; & naõ pódem produzir calor, que faça dano: antes como o solimaõ tambem seja azougue, vigora mays a operaçaõ, & por esta causa nestas unturas o mistura sempre Mercado.

Ou se farà deste modo: *Tomem unto de porco lavado em dez aguas nove onças, unguẽto rosado tres onças, azougue cinco oytavas. Apague-se o azougue cõ mãteyga crua, & faça-se unguento.* Ou façaõ assim: *Tomem unguento refrigerante de Galeno seys onças, oleo de violas, & de golfãos de cada hum duas onças, cera branca huma onça, azougue morto com mãteyga crua meya onça, almecega tres oytavas, faça-se unguento secundùm Artem.* Ou façaõ assim: *Tomarão soro de leyte de cabras, çumo de chicoria, çumo de sarralha, çumo de tanchagem, de cada hum tres onças, azeyte rosado oyto onças, vinagre rosado duas onças, vinho branco hũa onça ferva tudo atè se gastarem os çumos, soro, vinho, & vinagre, que fique sómente o azeyte, & coe-se, & ajunte-se de pòs de rosas, & de sandalos, de cada hum duas oytavas, almecega fina tres oytavas, unto de porco sem sal lavado nove vezes seys onças, azougue morto com saliva, ou com clara de ovo seys oytavas, cera branca o que baste, faça-se unguento secundùm Artem.*

Ou se faça este: *Tomem unto de porco, manteyga crua, unguento rosado, de cada hum tres onças, açafraõ hum escropulo, páo de Aguila, beyjoim, almecega de cada hum huma oytava, azougue morto com clara de ovo, quatro oytavas, faça-se unguẽto.*

Saõ

Saõ todos muy accommodados, principalmente o ſegundo, & eſte ultimo; para curar os de compleyçaõ cholerica,& ſanguinea,meninos,peſſoas delicadas, & a todas as que facilmente ſe alteraõ, eſpecialmente em regiaõ calida, & tempo de calmas. *Applicarſeha de qualquer delles aos cholericos, & peſſoas mais delicadas de cada vez huma onça, ou menos: aos ſanguineos, & menos delicados, onça & meya.* E quando naõ baſte, accreſcente-ſe a quantidade que parecer.

Numero 8.
Para fleumaticos, & melancholicos.

T*Omaràõ unto de porco, banha de flor, de cada hum quatro onças, oleo de loſna, de macella, cera amarella, duas onças de cada hum, azougue quatro onças*, apague-ſe o azougue em decoada de cinza, & faça-ſe unguento, ſegundo Arte.

Outro: *Tomem unguento dialter, unto de porco, & banha de flor, azougue morto com vinho de loſna, de cada hum quatro onças, faça-ſe unguento.* He facil, ſeguro, & de muyta efficacia.

Outro: *Tomem pòs de loſna de ouregãos, de almecega, de cada hum duas oytavas, eſtoraque liquido huma onça, oleo de louro, & de minhocas, de cada hum quatro onças, manteyga crua huma onça, cera nova duas onças, azougue morto com ſaliva quatro onças & meya, faça-ſe unguento.* He de muy boa operaçaõ.

Outro: *Tomaràõ caſcas de raizes de engos, bagas de louro, loſna, cabeças de roſmaninho, betonica, ouregãos, de cada hum ſua onça, azeyte velho, oleo de endros, oleo de almecega, de cada hum tres onças, vinho branco generoſo hum quartilho, coza-ſe tudo atè ſe gaſtar o vinho, & depois coe-ſe, & ajunte-ſe ao azeyte, unto ſem ſal quatro onças, cera duas onças, trementina, rezina de pinho, de cada hum ſua onça, faça-ſe unguento.*

Tem eſtes triplicada efficacia a reſpeyto dos que temos ordenado para os cholericos ſanguineos. E por tanto convem uſar delles ſómente em peſſoas fleumaticas, & melancholicas, a que difficultoſamente acode a baba, & aquellas, que ſaõ robuſtas, & ſofrem evacuaçoens mais fortes. E com tudo porque tambem neſtas ha mais, & menos, *applicarſeha aos fleumaticos huma onça, aos melancholicos, & aos mais robuſtos, & difficultoſos onça & meya*, & ſe o quizerem accommodar aos temperados, & aos ſanguineos, *baſtarà meya onça, & menos*; mas para poder chegar a todas as juntas, *ſe devem miſturar com outra meya onça, ou o que parecer neceſſario, de banha de flor, ou de unguento dialter, ou de manteyga crua, ou de unto de porco, ou qualquer outra couſa ſemelhante*; & para os ricos, & mimoſos ſe pòde miſturar *almiſcar, & ambar quanto quizerem.*

Numero 9.
Unguento que de ordinario ſe uſaõ nas boticas.

E Porque póde haver peſſoas, a que naõ parece bem a noſſa opiniaõ àcerca da compoſiçaõ deſtes unguentos, & quereràõ ſeguir a commua, que miſtura nelles *cinza, euphorbio, triaga, & outros medicamentos calidiſſimos* em grande quantidade ſem reſpeytar a varia compleyçaõ dos enfermos, nem ao tempo, ou regiaõ, & ſem fazerem caſo dos alexipharmacos proprios, com que ſe deve emendar a malicia do azougue, tratarey aqui as mais ordinarias receytas, que nas Boticas de Heſpanha, principalmente neſta Cidade, ſe uſaõ.

Receyta de Joannes de Vigo: *Tomem unto de porco doze onças, oleo de macella,*

de endros, de louro, de almecega, de cada hum ſua onça, eſtoraque liquido dez dragmas, raizes de engos, de cada hum quatro oytavas, eſquinanto, roſmaninho, de cada hum ſeu pouco, euphorbio feyto pó meya onça, vinho cheyroſo dezoyto onças. Cozaõ tudo atè ſe gaſtar o vinho, & ajunte-ſe de lithargirio de ouro ſete onças, incenſo, almecega, de cada hum ſeys dragmas, rezina de pinho onça & meya, trementina huma onça & meya, & faça-ſe unguento ſegundo Arte.

Cabe a cada onça de unguento pouco mais que huma oytava de azougue. E póde-ſe applicar *ao temperado huma onça, ao ſanguineo meya, ao cholerico duas, ou tres oytavas, ao fleumatico duas onças.* Para o melancholico he fraco.

Outra de Oviedo: *Tomem unto de porco oyto onças, azougue onça & meya, triaga magna meya onça, unguento agripa dialter, oleo de louro, de cada hum ſua onça, pós de almecega, & de incenſo, de cada hum meya onça, eſtoraque liquido nove onças, cinza de vides meya onça. Mate-ſe o azougue com parte de unto, ou com pouco de oleo de amendoas amargoſas, & faça-ſe unguento ſegundo Arte.* Diz eſte Author, que tinha ſempre na ſua botica eſte unguento, & que fazia muy boa obra, & com muyta ſegurança, conforme via pela experiencia. Cabe a cada onça pouco mais de meya oytava de azougue. *Applicarſeha ao ſanguineo huma onça, ao cholerico meya, ao temperado onça & meya, ao fleumatico duas.* Para o melancholico he fraco.

Outro unguento, que ſe uſa em hũa Botica famoſa neſta Cidade: *Tomem unto de porco oyto onças, azougue hũa onça, oleo de louro, oleo de macella, unguento dialter, de cada hum ſua onça, cinza de vides duas onças, eſtoraque liquido meya onça, faça-ſe unguento.* Com eſte ſe cura muyta parte dos enfermos deſta Cidade com muyto bom ſucceſſo. Cabe a cada onça, couſa dous eſcropulos. *Applicarſeha ao ſanguineo huma onça, ao cholerico meya, ao temperado onça & meya, ao fleumatico duas.* Para o melancholico he fraco.

Outro de outra Botica: *Tomem azougue huma onça, unto de porco quatro onças, unguento dialter, marciataõ, cinza de vides, eſtoraque liquido, oleo de louro, de cada hum quatro onças, alvayde, lithargirio, de cada hum tres oytavas, faça-ſe unguento ſegundo Arte.* Cabe a cada onça de unguento quaſi de hum eſcropulo. *Baſta deſte para o cholerico huma onça, para o ſanguineo onça & meya, para o temperado duas onças.* Para o fleumatico, & melancholico he fraco. Porèm a eſtes, que ſaõ fracos a reſpeyto de certas naturezas, muytas vezes ſe ſupre eſta falta com ſe applicarem mais dias.

Em outra excellente Botica ſe faz aſſim: *Tomem unto de porco huma libra, unguento marciataõ, & Aragaõ, de cada hum huma onça, triaga magna onça & meya, azougue mortificado com ſaliva oyto onças, unguento dialter, & agripa, de cada hum huma onça, cinza de vides quatro onças, oleo de louro, & de murtinhos, eſtoraque liquido, de cada hum duas onças, incenſo, almecega, de cada hum meya onça, faça-ſe unguento ſegundo Arte.* Cabe a cada onça duas oytavas, & oyto grãos de azougue. E pode-ſe applicar *huma onça delle ao fleumatico, onça & meya ao melancholico, & ao muyto robuſto meya onça, ao temperado, duas oytavas, ao ſanguineo, huma oytava, ao cholerico.* E porque a quantidade de huma, duas, ou quatro oytavas naõ póde chegar a todas as juntas, he neceſſario *miſturarlhe unguento roſado, ou qualquer outro atè chegar a fazer pezo de huma onça*, que he o que baſta para as juntas todas.

Em outra Botica das mais famoſas ſe faz eſte: *Tomem azougue, alvayade, fezes de ouro, de cada hum ſua libra, cinza de vides libra, & meya, unto de porco quatro libras, incenſo quatro onças, oleo de louro o que baſte, que ſaõ quatro onças para mortificar o azougue, faça-ſe unguento ſecundùm Artem.* Com eſte ſe curaõ os do-

entes

entes do Hoſpital, & outros muytos da Cidade com feliz ſucceſſo. Cabe *a cada onça, huma oytava de azougue, que ſe póde applicar ao temperado, mas ao ſanguineo baſtarà meya, ao cholerico duas ou tres oytavas, ao fleumatico, onça & meya, ou duas onças, ao melancholico duas onças & meya, ou atè tres*; porèm para que ſe poſſaõ todas embeber com a fregaçaõ, convem applicallo por toda a perna, & braço, & naõ ſó nas juntas como abayxo diremos.

Numero 10.

A que partes ſe applicaõ os unguentos de azougue?

HOuve alguns Authores, que mandavaõ untar naõ ſómente as pernas, & braços, mas tambem a cabeça, & lombos, peyto, ventre, & finalmẽte todo o corpo. Porèm jà o uſo commum tem averiguado, q̃ naõ ſe devem *untar mais que as juntas das pernas, & braços, & apar dellas*, a ſaber, *munhecas com toda a maõ, cotovelos, hombros, artelhos, com todo o pé, joelhos, & quadris, & vem a ſer doze partes as que ſe untaõ, ſeys nas pernas, & ſeys nos braços.* Aſſim tem Nicolao Maſſa, Rudio, Alcaçar, & outros muytos, poſto que alguns naõ mandaõ untar ſenaõ *dos joelhos, & dos cotovelos para bayxo*, mas o que temos dito ſe coſtuma. Tirou-ſe eſte uſo de Avicena, que manda ſe guardem de untar *ſobre, ou perto dos membros principaes*, porque como o azougue tem ſua qualidade venenoſa, & he muy penetrativo, & ha perigo de com toda ella inteyra chegar aos membros principaes applicando-ſe ſobre elles, & fazer grande dano, como tem acontecido a peſſoas, a que untando incautamente a cabeça ſobrevieraõ apoplexias, epilepſias, & ſonos profundos; & outras untando o peyto ſincopes, tremor de coraçaõ, difficuldade no reſpirar, & finalmente morte. E por tanto encomenda Fracaſtoreo que naõ ſe untem eſtas partes dizendo:

Parce tamen capiti, & præcordia mollia vitæ.

Lib. de morb. gal. Tract. 4. cap. 2. Lib. 5. de morb. ven. cap. 15. Lib. 5. cap. 19. In Siph. 2. can. 47.

Numero 11.

Que quantidade de unguento ſe ha de applicar?

A Quantidade de unguento, que cada vez ſe deve applicar, diz Maſſa, que ſejaõ duas onças, porèm naõ ha de ſer mais que quanta ſe poſſa embeber, & ſumir nas ditas juntas com a forte fregaçaõ, que ſe coſtuma fazer, com tanto que haja aquella quantidade de azougue, que he neceſſario para a cura do mal. E por tanto convem que *de huma atè duas onças, ſe applique*, porque ſe he menos de huma, naõ baſta para untar todas as doze juntas, & ſe paſſa de duas, naõ ſe embebe com a fregaçaõ, ſalvo o eſtender por toda a perna, ou braço, & fica-ſe alimpando à roupa ſem proveyto. Onde ſe note que algumas vezes para acabar de embeber toda a quantidade, *quando he muyta, ſe póde tambem applicar por toda a perna, ou braço*: outras por ſer o unguento forte, he taõ pouco, que naõ póde chegar a todas as doze juntas, & neſte caſo convem *miſturar algum outro unguento, que naõ tenha azougue*, para ſuprir o que ha de menos, *com unguento roſado, manteyga crua, & ſemelhantes*, de que jà acima ficaõ exemplos.

Tract. 1. cap. 1.

Pelo que neſta quantidade de huma atè duas onças de unguento, ſe ha de tratar de meter o azougue, que he neceſſario para extinguir a mà qualidade, & evacuar os humores contagioſos pela boca, ou caminho, que o azougue tomar, & aquella, que permittirem as forças. Eſte he *de hum eſcrupulo atè nove*, como jà acima notàmos, & ordena Ruí Dias de la Isla, a quem neſta materia dou mais

 credito,

credito, que a nenhum outro, porque como a quantidade, q̃ ſe ha de dar do medicamento evacuante, ſeja conjectural, & naõ ſe ſabe o que de cada hum convem, ſenaõ pela experiencia, conforme Galeno. E como eſte Author a teve mais de quarenta annos, em que curou de morbo gallico continuamente no Hoſpital del-Rey deſta Cidade, & do Salvador de Sevilha, & neſtes dous Povos grandiſſimo numero de enfermos, obſervou perfeytamente a quantidade de azougue, que ſe podia dar a cada natureza, & pelo uſo alcançou outras muytas particularidades deſte negocio, (como ſe vè no ſeu livro intitulado de Morbo Serpentino) que outros inſignes Medicos com ſuas letras naõ tocàraõ.

Cap. 11. Lib. 1. acutor. com. 11.

Numero 12.

Que numero de unturas convem darſe a cada enfermo?

NEſtes noſſos tempos como o doente naõ coſpe, ou naõ ſára com cinco, ſeys, ou ſete unturas, naõ uſaõ de ordinario a continuar mais com ellas, & temendo-as grandemente deyxaõ ao miſeravel ſem remedio. Mandaõ porèm os Authores que ſe continuem atè haver notavel evacuçaõ, principalmente pela boca, ou pelo menos por camara, & ſuores, & ſe remittirem os ſymptomas. Aſſim o determina Maſſa, Fallopio, Alcaçar, Rudio, Botallo, & outros muytos. Porque do numero dellas naõ póde haver regra certa, pois ha enfermo a que baſtaõ duas, tres, ou quatro unturas, & às vezes baſta a primeyra, como notou Fallopio, & eu tenho experimentado; de que logo ſe ſegue taõ notavel evacuaçaõ, que naõ convem tomarſe a untura: & ha outros, a que ſaõ neceſſarias ſete, doze, ou vinte. E ahi eſtà Nicolao Maſſa, que confeſſa dar a certo enfermo trinta & ſete; Pareu que dava algumas vezes quinze, & dezaſete, mas o ordinario he baſtarem de tres atè ſeys unturas.

Loc. cit. Trat. de morb. gal cap. 75. Loc. cit. cap. 17. Lib. 18. cap. 181.

Procede eſta variedade da natureza do enfermo, & da fortaleza do unguento, porque ſe untarem ao cholerico, & facil com o unguento do melancholico, logo na primeyra untura rebentarà a boca de tal ſorte, que naõ ſeja neceſſario, nem poſſivel repetila; & pelo contrario acontecerà, ſe untarem o melancholico com a untura que convem ao cholerico, paſſará grande numero de dias primeyro que a boca rebente. Pelo que he neceſſario que cada hum ſe unte com ſeu conveniente medicamento, o qual *antes deve peccar por fraco*, *que por forte*, porque mais ſeguro he fazer a cura de vagar dando muytas unturas, que brevemente com poucas, & com violencia, conforme ao aphoriſmo: *Quod paulatim fit, tutum eſt. O que pouco a pouco ſe faz, he muy ſeguro.*

Ha-ſe logo de regular o numero das unturas, conforme outros evacuantes, pelo que pede o mal, & permittem as forças, como diz Hippocrates, *per conferentiam*, *& tolerantiam*, de que he final, ſegundo Nicolao Maſſa, *apparecer manifeſto fluxo de humidades de boca com dor*, *& inchaçaõ das gingivas*, *& remittirenſe os accidentes gallicos*, & havendo iſto ſe deve ceſſar com as unturas. Aſſim tambem ſe deve ceſſar com ellas ſobrevindo algum accidente grave, que impida o continualas, como deſmayos de fraqueza, inflammaçaõ de garganta, febre aguda, ancias do coraçaõ, & ſemelhantes; mas paſſando os taes accidentes, ſe o doente ainda tiver neceſſidade, ha-ſe de tornar a ellas, ſegundo os Authores allegados. Coſtumaõ os doẽtes cuſpir de ordinario, oyto, ou dez dias, & algumas vezes atè vinte, como nota Rudio, cuſpindo cada dia oyto, ou dez onças de fleuma.

1. aph. ult. Loc. cit.

Num. 13.

Numero 13.

Se o doente naõ cuspir, nem houver outra evacuaçaõ com as unturas, que se ha de fazer?

ASsim como ha pessoas, a que com muy pouca quantidade de medicamento purgativo succede grande evacuaçaõ, outras ha que com muyta naõ succede evacuaçaõ alguma conforme Galeno: assim tambem succede que com muy pouco azougue cospem algumas pessoas notalvelmente, & lhes basta a primeyra untura, a outras nem com muyta quantidade rebenta a boca. Quando poys com quatro, seys, ou sete unturas naõ haja evacuaçaõ manifesta, póde ser a causa o naõ bastar a quantidade do azougue para aquella natureza, & assim convem accrecentala, como ordena Rudio, lançando mays no unguento, ou usando de outro que tenha mays azougue, ou pondo mayor quantidade de untura, estendendo-a por toda a perna, & braço, fazendo sua fregaçaõ muy boa. E se ainda assim naõ evacuar, advirta-se se passa o enguento de velho, como notou certo Author moderno, porque com a demasiada velhice tambem perde a virtude, & se o for, faça-se, ou busquese outro mays novo. E advirta-se, que naõ deyxa o unguento de obrar tanto pela velhice, como por se assentar o azougue no fundo do vaso por ser muy pesado, & como as partes superiores ficaõ sem elle, tambem ficaõ sem a sua virtude.

1. acut. ad text. 13

E se naõ for isto, & com tudo naõ evacuar, diz Fallopio, & seu asseclar Rudio, que he a causa porque naõ penetra o azougue, & por tanto ordenaõ que o corpo se prepare de novo. Enganaõ-se porèm; porque o azougue penetra sempre atè o intimo dos ossos, & naõ deyxa de mover os humores senaõ pelas causas sobreditas: & por tanto se deve seguir o que ensina Nicolao Massa, a saber, *que as unturas se continuem atè se remitirem os symptomas gallicos, & atè parecer que o doente se desmaya, & enfraquece*; os quaes dous sinaes mostraõ ao claro bastarem as unturas, porque como o azougue naõ sómente pela evacuaçaõ manifesta dos humores cura o morbo gallico, mas tambem, & principalmente pela qualidade alexipharmaca, posto que naõ mova a evacuaçaõ sensivel, insensivelmente a move algumas vezes, resolvendo os humores, como nota Pareu, & com a dita qualidade extingue a venenosa, de que se segue que naõ ha geraçaõ nova de humores viciosos, & que os que havia se resolvèraõ por insensivel evaporaçaõ, & depoys q jà estaõ por este modo evacuados, & a qualidade correcta, naõ sómente cessaõ os symptomas, mas segue-se lassitudo, fraqueza, & desmayo, porque naõ achando o azougue jà mays humores noxios, resolve as humidades boas, & necessarias à conservaçaõ do corpo, & por esta causa saõ certos os sinaes, que Massa diz para se haver de continuar com ellas atè que pareçaõ, & tanto que apparecerem, se deve logo cessar. O que confirma com a experiencia de certo enfermo, que por vezes fora untado, & curado por outros Medicos, sem lhe aproveytar, & por naõ haver evacuaçaõ manifesta, cessavaõ com as unturas: porèm Massa continuou untando-o trinta & sete dias, em que apparecèraõ os sinaes sobreditos, & ficou sanissimo sem haver recahida. A qual pratica observou tambem Lobera Medico insigne, & manda que aindaque naõ appareça evacuaçaõ alguma, se continue com as unturas atè que o doente melhore, & sinta certa anxiedade pelo modo, que declarou Massa. Advirta-se porèm que sobrevindo alguns symptomas, (quando sem haver evacuaçaõ com as unturas se continua) como ancias notaveys de coraçaõ, difficuldade no respirar, inquietaçaõ, & desmayos, logo se deve cessar, lavar o doente, & acudirlhe como abayxo diremos,

Lib. 18. cap. 24.

L. b de morb. gal. cap. 11.

mos, & passados os ditos symptomas ordenarlhe a cura por outra via. Porèm naõ sobrevindo os taes symptomas, naõ se póde reprovar a continuaçaõ das unturas atè que o enfermo sáre pelas razoens, que dissemos; nem tambem estranhar o que fez Massa dando trinta & sete unturas, poys a razaõ, & o bom successo o confimàraõ.

Numero 14.

De que modo se applica o unguento?

Lib. 5. cap. 19.

NAõ deve de se aquentar ao fogo, porque se derrete, & apartaoutra vez o azougue assentando-se no fundo do vaso, como adverte Alcaçar, mas com as mãos quentes esfregaràõ tanto, & taõ fortemente nas juntas, que com a grande fregaçaõ aqueça; cousa, que serve tanto para a boa actuaçaõ delle, que mal, ou de nenhum modo se actua, se lhe falta. E para que esta obra melhor se faça, *haverà humas brazas apar da cama, em que as mãos, & juntamente nellas o unguento se aquentem, & comecem de untar os artelhos com todo o pé, & logo os joelhos, & quadris, & depoys disto os hombros, & apos elles os cotovelos, & no fim de tudo as mãos.* E se o doente for robusto que com as suas proprias se possa untar, lhe serà de mays proveyto: naõ seja porèm taõ forte a fregaçaõ que ao doente faça dores, ou molestia consideravel, especialmente sendo fraco, ou menino, ou pessoa muyto dilicada. Depoys da untura se costumaõ cobrir as partes untadas com estopas, & atarlhe panos, porèm acha-se por experiencia que naõ he isto necessario, por quanto da mão fica logo o unguento embebido nas partes.

Acabada a untura se cobrirá muyto bem o enfermo na cama, deyxandolhe a cabeça de fóra, & se vier suor, o receba, & se naõ suar, naõ importa, porque a obra de azougue costuma de ordinario ser outra; a saber, a evacuaçaõ da boca, posto que às vezes move suores, ourina, & camaras: & havendo suor, que molhe camisa, costumaõ de ordinario mandar ao enfermo que a naõ tire, cuydando que se a tirar, se impedirà a operaçaõ do azougue. Eu porèm com Leonardo Botallo uso o contrario, & me parece inconveniente enxugarse a camisa no corpo, porque esfriando tapa os póros, & refrigera os nervos, que he cousa danosa neste mal, & às vezes renova as dores; pelo q̃ he melhor lançala fóra, & vistir outra quente, porque nem por isso deyxa o azougue de fazer sua obra, como a experiencia me tem mostrado; & quando algum tanto se remitta, isso se poderà supprir com dar mays untura, que he menor inconveniente, que ficar no corpo a camisa molhada.

Cap. 17.

E ao untar esteja debayxo de pavelhaõ, ou semelhante cousa, que defenda ao enfermo da alteraçaõ, que pòde fazer o ar ambiente, tendo tambem por esta mesma causa o brazeyro sobredito apar da cama, que logo se tirará depoys de feyta a untura, porque os vapores do fogo naõ offendaõ a cabeça.

Numero 15.

A que tempo se deve applicar o unguento, & qualquer outra medecina de Mercurio?

Lib. de opt. sect. cap. 38. 6. aph. 47.

DO tempo se pòde entender a occasiaõ, o tempo do anno, & a hora do dia. A occasiaõ, conforme Galeno, he presença dos indicantes, & ausencia dos prohibentes deste remedio, dos quaes tratamós em seu Capitulo. O tempo do anno se ha de entender, a eleger o mays temperado, *que he a Primavera, & Outono*, como se colhe de Hippocrates, & de Galeno. A hora elegiaõ os antigos depoys de cea ao recolher do sono, para que tendo mays força, por razaõ do comer,

comer, resistissem mais ao trabalho da cura, & para que pelo sono da noyte melhor se actuasse. Porèm como a evacuaçaõ depoys de comer he menos segura, conforme Galeno, ordenàraõ os modernos que fosse *pela manhã em jejum, senaõ for que pela fraqueza do enfermo seja necessario darlhe antes algumas gemas de ovos ou caldo de gallinha, ou semelhantes, lançandolhe primeyro cristel, senaõ acudir a natureza.* Repitaõ tambem alguns a untura *pela tarde antes de cea*, mas em uso està que naõ se dè mais que huma no dia, salvo quando as unturas saõ muyto brandas, & a boca naõ arrebenta, & o doente he robusto, porque nestes casos convem repetirse à tarde antes de cea, sete horas depois de ter jantado.

4. de sanit. c. 5. 9. meth. 4. & sæp. alibi.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

HE o azougue o mais efficaz. *Entre todos os remedios que os Medicos applicaõ para curar os males que o corpo humano padece, nenhum he taõ efficaz nos seus usos, como o azougue em extinguir o gallico, & a quinaquina em curar sezões intermittentes. Raras vezes deyxa de aproveytar este generoso febrifugo, dando-se em sua occasiaõ genuina; & raras vezes tambem deyxarà o azougue de curar o gallico, se se der a tempo que a natureza possa receber algum beneficio dos remedios. Mas a lastima he, que occupando muytas vezes o tempo com outras curas, se ponhaõ os gallicados em termos de lhes naõ utilizar a do azougue, quando só à sua poderosissima virtude anti-venerea cede o gallico mais activo, & mais inveterado; porque os mais alexipharmacos, aindaque curem os achaques gallicos, naõ extinguem radicalmente o contagio que os excita; aliviaõ, mas naõ curaõ; começaõ a cura, mas naõ a acabaõ; porque sempre deyxaõ a raiz do mal nos seminarios contagiosos, que em alguma parte ficaõ para tornarem a suscitar; o que naõ succede com o azougue, que como he muy penetrativo, naõ ha parte no corpo a que naõ chegue, & em que naõ extinga o fermento exotico, & venereo. Ouçamos tudo isto por boca de Barbeyrac:* 1. Corpore præparato, ad hydragirosin concurrendum, qua sola mali radix evellitur; sudoriferis quidem guajaci, salsæ parrillæ, & alijs minuitur quidem affectus, sed nunquam prorsus aufertur; ea inchoant curationem, sed non perficiunt; tempore siquidem reviviscit virus, & recurrunt symptomata; ideoque tota curationis spes in hydargiro ritè administrato recumbit. *Nòs temos grande uso do azougue, porque com elle curamos ordinariamente este contagio, com tal atrevimento, & confiança, que contra a doutrina de Madeyra, o damos nos casos em que elle, & a pratica vulgar o prohibe; podendo ter algum desvanecimento de haver sido o primeyro Medico, que puzemos em praxe a cura do azougue na presença dos seus prohibentes, como se póde ver no Tratado que sobre isto escrevemos, o qual se acharà na nossa Medicina Lusitana. Nem sabemos para que he outro genero de cura nos achaques gallicos, mais que o mercurio, quando he quasi infallivel, & quando se faz a sua cura com tal suavidade, & tal brandura, que a sofrem meninos de mama, mulheres prenhadas, & todas as idades, & naturezas, que por debilitadas naõ estejaõ entregãdo a vida nos braços da morte. Usa-se o azougue, ou tomado pela boca, ou applicado em unturas; quando-se toma pela boca, sendo bem dulcificado, conclue suavemente as curas. O mesmo fazem as unturas, estando exactamente preparado o corpo. E aindaque o azougue applicado em unturas se faça mais horroroso, entendaõ que naõ he menos efficaz, & seguro que as panaceas mercuriaes, que se tomaõ pela boca, nas quaes se precepita, & prepàra o azougue com saes acres, & corrosivos, que com as lavações se naõ separaõ bem, nem se tem-*

1. Barbeyr. apud Boret. tom. 3. thes. medic. pract. lib. 5. de lue ven. cap. 34. fol. mihi 507. §. 61.

peraõ com ellas de maneyra, que naõ ſe deva temer que excitem graves danos, que as unturas por eſte principio naõ pódem cauſar.

Mova accidentes trabalhoſos. *E ſe algumas vezes ſucceder que com o azougue, ou tomado pela boca, ou adminiſtrado em unturas, ſobrevenhaõ danos graves, que ponhaõ os doentes em perigo de que naõ poſſaõ livrar, nem por iſto ſe ha de fugir deſta cura: porque em todas acontecem ſuas infelicidades. Muytos tem acabado a vida tomando ſuores; muytos renderaõ a alma ao ſeu Creador com huma ſangria, com huma purga, & com varios remedios de que cada dia uſamos com utilidade; & naõ parece juſtó que por hum ſucceſſo infauſto ſe neguem aos doentes os remedios com que pódem ter ſaude. Bellamente a eſte propoſito o inſigne Thomàs Rodrigues da Veyga:* 2. Nec omittenda (*diz elle*) ſalus multorum ob noxam unius; alioquin tota Ars eſſet omittenda; nam omne conjecturale aliquando errat; non tamen utitur vir probus periculoſis in morbo levi. *Sendo aſſim que os danos que ſe experimentarem na cura do azougue, haõ de ſer nacidos, ou delle naõ ſer bem preparado; ou de naõ terem precedido as evacuações neceſſarias; ou de o naõ ſaberem adminiſtrar rectamente. Niſto nos tem confirmado a experiencia. Achamos muytas vezes doentes, que intentaõ chegar à cura do azougue com hũa leve preparaçaõ; & achamos tambem Medicos, q̃ por lhe fazerem o goſto, os põem a perigo de lhes acabar a vida, com o remedio que lhes daõ para ter ſaude. Aſſim ſuccedeo ha pouco tempo neſta Corte a huma mulher illuſtre; padecia ella achaques, a que por confiſſaõ de ſeu marido ſe entendeo que ſe devia cura mercurial; & ſendo chamado para ſe reſolver ſe havia de uſar della: fomos de parecer, que ſe purgaſſe primeyro exactamente; porque eſta era a fundamental circunſtancia deſta cura; ſem a qual podia verſe a doente em algum trabalho grande. Mas ella por melindroſa, & o Medico que lhe aſſiſtia por complacẽte, aſſentàraõ em q̃ baſtava a leve evacuaçaõ de huma agua ſolutiva, que tinha tomado; & chegando às unturas de azougue, lhe acudio tanto humor à boca, & garganta, que eſteve ſuffocada; & ſuſpendendo o curſo da cura, foy preciſo acodir aos danos della, de que livrou com grande trabalho. Eys-aqui porque ſuccedem algumas diſgraças com o azougue, porque naõ ſabem uſar delle; & parece que ha de culparſe mais a inſciencia de quem o miniſtra, do que a fereza do meſmo medicamento de que ſe uſa. O que he neceſſario, Senhores, para ſe fazer ſem tropeço a cura do azougue, he preparar exactiſſimamente o corpo, que logo ſe acharà ſuave a cura que ſe teme. O azougue move os humores que acha no corpo, & ſe acha muytos, move muytos; & dando com elles nas glandulas ſalivaes, póde ſuffocar os doentes. Por iſto he preciſo evacuar exactamente os humores antes de chegar ao azougue; principalmente uſando-ſe em unturas; que jà quando ſe toma pela boca, póde-ſelhe ajuntar diagridio de Paracelſo, ou outro medicamento ſolutivo, com que ſe vaõ deturbando pelo ventre os humores que o mercurio for movendo. E quem naõ puder fazer eſtas taõ exactas preparações, ſayba, que naõ he capaz deſta cura. Tambem ſuccedem deſaſtres com a cura do azougue, por naõ ſer bem preparado; aſſim vemos cada dia tomar-ſe em pirolas, & logo nas primeyras exhibições arrebentar a boca, inflammarſe a garganta, & ſalivarem os enfermos copioſiſſimamente, cuydando que ficaõ ſaõs, porque babàraõ muyto; ſendo que naõ he o babar o que cura o gallico: porque ſe o foſſe, uſariamos de outros remedios que promoveſſem hum tialiſmo, ſem os perigos que do azougue ſe temem. O que cura o gallico, he o azougue, & quanto mays benigno, quanto mays doce, & manſo elle for, melhor cura; porque ſe póde tomar em mayor copia, & cura entaõ com mayor certeza aindaque naõ mova alguma ſalivaçaõ. Muytas vezes nos tem ſuccedido dar mercurio com diagridio, quinze dezoyto, & vinte dias, ſem mover ſalivaçaõ alguma, & ficarem ſaniſſimos os doentes. Prepare-ſe bem o corpo, dulcifique-ſe bem o mercurio, & adminiſtre-ſe com arte, & com prudencia, logo veraõ eſ-*

2. Veyga in praxe cap.16. de phrenit.

tupendos

tupendos successos, sem que na cura sobrevenhaõ danos graves.

Numero 2.

QUatro especies. *Ainda que o Author diz, que ha quatro especies de azougue, havemos de entender, que naõ ha mais que duas; a saber, azougue nativo, & azougue artificial. O nativo he o que se acha nas minas sem mistura de algum metal. O artificial he o que a Chimica tira dos metaes perfeytos, & dos mineraes metallicos, ou semimetaes, qual he o antimonio. A este azougue artificial chamaõ* mercurio dos corpos, *porque se tira dos corpos metallicos. Ao nativo chamão virgineo, porque se acha puro, purgado sem a violencia do fogo, como o artificial, & este he o melhor azougue, principalmente se tiver a sua minera junto às minas do ouro, ou da prata; razaõ porque Escrodero 3. prefere a todos, os azougues de Espanha, & de Hungria. Destas duas especies de azougue se tiraõ, & fazem varias preparações, como o sublimado, que he huma das quatro especies do Author.*

[3] Schrod. 3 de mat. crecolm. cap. 15. fol. mihi 554.

Numero 3.

TEm o azougue partes diversas. *Pelos diversos effeytos que do azougue se observão, entenderaõ muytos Authores a quem segue Madeyra, que havia nelle diversidade de partes, de que nacessem taõ differentes productos. Os que attenderaõ a que o azougue offendia os nervos, fazendo tremulos os homens que o tiraõ das minas, & as pessoas que dão unturas mercuriaes, cuydàraõ que era frio. Os que contemplàraõ em ser o azougue taõ penetrativo, & erodente, que penetra, & corroe os metaes, & que applicado nas pernas, se acha depois nas chagas da cabeça, & em que resolve os tumores duros, & excita febres: tivèrão para si que era quente. Outros vendo effeytos de calor, & de frio, disserão, que havia no azougue partes frias, & partes quentes, como o Author affirma com Unzero, Brassavolo, Foresto, Castro, Saxonia, & outros; enganando-se todos: porque o azougue he hum mineral homogeneo, em que naõ ha a diversidade de partes heterogeneas, das quaes sejaõ humas quentes, & outras frias. Mostra-se claramente: porque ainda que a Chimica dè varias formas ao azougue, & pela diversa mistura dos saes faça delle diversas preparaçoens, convertendo-o em pó, destillando-o em agua, calcinando-o, sublimando-o, precipitando-o: nunca o azougue perde as suas partes, porque torna outra vez a por se vivo; & assim se tem achado nos tumores, & nas cavidades dos ossos o azougue que se tinha applicado em unturas, como dissémos mais largamente no tratado que escrevemos do uso do azougue nos casos em que he prohibido, aonde fomos de opiniaõ que o azougue era frio, pelos fundamentos, que no* Capitulo III. *do dito Tratado se pódem ver.*

Participa de qualidades venenosas. *Mathias Unzero proferio grandes encomios do azougue na sua Anatomia Espagirica, affirmando que não havia nelle qualidades venenosas; sendo assim que os perniciosos effeytos que causa, bem mostrão que he venenoso, como dissémos no Tratado do uso da azougue,* Capitulo IV. *Mas o seu veneno se doma, & se infringe de maneyra, que se toma o azougue pela boca, sem resultar nenhum dano, sendo bem dulcificado; que preparando-se mal, & não se usando bem, excita danos, sobre o que se veja o que observàmos no dito Tratado,* Capitulo IX. num.4.

Sem que preceda evacuaçaõ manifesta. *Muytas vezes temos observado curarem-se com azougue homens gallicadissimos, sem que do uso deste medicamento se seguisse salivaçaõ, nem outra alguma evacuaçaõ manifesta; nem para se extinguirem os seminarios gallicos he necessario evacuação alguma, fazem-se ellas antes de chegar ao azougue; porque como elle ordinariamente move os humores para as partes altas, parece razão evacualos, porque não mova tantos, que offenda gravemente com elles. Agora*

ra de preſente eſtamos concluindo a cura de hum gallicado em taõ alta eſpecie, que naõ podia dar hum paſſo, nem comer por ſua maõ; o qual tem tomado em dezaſete dias mercurio branco, ſem cuſpir, nem babar nem ſentir incommodo algum na boca, & garganta, & acha-ſe taõ bom, que bem moſtra eſtar perfeytamente curado.

Reduz os tabidos gallicos. *Taõ efficaz he a virtude do azougue nos achaques gallicos, que cura perfeytamente os hecticos, reduzindo-os a ſeu habito natural, como diz Madeyra; o que nós temos viſto muytas vezes, dando azougue em hecticos, & tiſicos gallicados, que eſtavaõ fóra de toda a eſperança de vida, nem poderiaõ conſerva-la por meyo de outros remedios; do que ſe vejaõ as Obſervações que expuzemos no Tratado do uſo do azougue,* Capitulo X. *Não ha muyto tempo que Dom Miguel da Sylva eſtando hectico gallicado, ſe reduzio à ſaude com azougue que tomou pela boca, como vio toda eſta Corte, depois de lhe naõ haverem aproveytado os varios remedios de que uſou muyto tempo.*

Mata lombrigas. *De todos os remedios que ſe uſaõ para matar as lombrigas, he o azougue o mais generoſo; porque baſta beber a agua em que ſe lave vivo, para livrar dellas. Lançaõ-ſe duas onças de azougue em huma quarta de agua; & em tirando alguma, lança-ſelhe mais; para que eſteja ſempre a quarta bem provida; naõ ſe bebe outra agua, nem he neceſſario outro remedio para ſe preſervar de lombrigas quem a beber. Tambem ſe dà o mercurio doce em pó a toda a peſſoa que padece lombrigas; & atè aos meninos de mama ſe lhes lança pela boca com huma colher de leyte, ou de agua, repetindo-o muytas vezes, o que ſe faz jà por uſo, ſem controverſia, nem conſulta; mas notamos nós, que naõ ſe duvidando em dar o mercurio aos meninos para os curar de lombrigas, quando ſe podiaõ ſoccorrer com outro remedio, dos muytos que ha: ſe duvide muyto em lhes dar o meſmo mercurio para os curar de gallico, naõ ſó a elles, mas a peſſoas adultas, quando naõ tem outro remedio, que taõ certamente lhes poſſa valer. Deſorte que para lombrigas daõ mercurio ſem reparo; para gallico reparaõ muyto em dar mercurio. Para lombrigas, que ſe pódem matar com çumo de ortelã, ou com outros muytos remedios, naõ ſe teme a fereza do azougue; para os achaques gallicos, que naõ cedem taõ facilmente a outra cura, teme-ſe muyto a violencia deſta. Mas iſto faz quem exercita a Arte com pouca conſideraçaõ. Aos meninos que mamaõ da-ſelhes de cada vez tres, ou quatro grãos de mercurio doce, em huma colher de leyte; & repete-ſe cada dia; ou ſe lançaõ vinte grãos de mercurio doce em cinco onças de agua de beldroegas, ou da fonte, & reſolvendo-a bem, de-ſelhes varias vezes no dia humas colheres della; & a eſte reſpeyto ſe póde dar nos adultos.*

Se acha dentro delles. *Tem-ſe achado azougue vivo dentro nos tumores a que muytos annos antes ſe havia applicado em unturas; & nas cavidades dos oſſos de cadaveres conſumidos da terra; donde ſe conhece claramente, que ficando o azougue no corpo, ou ſe tomaſſe pela boca, ou ſe applicaſſe em unturas, torna outra vez a tomar a ſua primeyra fórma, & ſempre conſerva a ſua virtude. E eſta he huma das razões porque ficaõ mais livres de recahida os que ſe curaõ de gallico com azougue, do q̃ os que uſaõ dos outros alexipharmacos; porq̃ a eſtes altera-os a natureza, & detendo-ſe muyto tempo no corpo, naõ conſervaõ a ſua fórma, nem virtude alexipharmaca, como ſuccede ao azougue, que ficando com toda a ſua virtude, extingue todas as reliquias do contagio, que reſtàraõ das curas. Mas com tudo iſto, he neceſſario tiralo do corpo, havendo ſinaes de ficar nelle acabada a cura; porque he tal o ſeu orgulho, & inquietaçaõ, que póde cauſar graviſſimos incommodos. De que maneyra ſe ha de lançar fóra, ſe diz no* Capitulo XXVII. num. XIX.

Numero 20.

UNtando incautamente a cabeça. *O azougue he taõ penetrativo, que applicando-se nas partes mais distantes, chega a offender muytas vezes a cabeça, a que com facilidade se communica; & se o azougue se applicar nella, serà muyto mayor o dano. Em Mirandella succedeo, que hum moço de boa saude, tendo algumas pistulas na cabeça, que entendeo procediaõ de criar muytos piolhos, puzesse na cabeça hum pouco de unguento de azougue para matalos; mas dentro de poucas horas se lhe erisipelou a cabeça, & cara, & lhe veyo huma febre ardentissima, com ancias, vomitos, soluços, fastio, & sede; danos com que esteve em grandissimo perigo. Por isto he necessario advertir que se naõ chegue com azougue à cabeça, nem a outra parte principal.*

Numero 12.

UNturas. *O numero das unturas que se haõ de dar naõ he facil de determinar por escrito; senaõ que no uso dellas a ha de resolver o Medico, ou Cirurgiaõ que assistir à cura. Nòs tivemos jà doentes que tomàraõ dezoyto unturas em dias continuados, porque com menos se lhe naõ promoveo a salivaçaõ. Outros chegàraõ a igual numero sem salivar, nem ter outra evacuaçaõ sensivel; & naõ continuàraõ com mais unturas, porque cessando os danos que padeciaõ, entendemos que estavaõ perfeytamente curados. Com* 18 *unturas curamos nòs hum tisico empiematico, quando naõ havia esperança de que livrasse de mal taõ grande, que no discurso de dous annos tinha desprezado innumeraveis remedios, chegando o doente a huma extremosa emaciaçaõ, lançando grande copia de escarros purulentos, estando inchado das mãos, & pernas disformemente; mas foy Deos servido, que às nove unturas cessasse a tosse, & parassem os escarros, & cõ as mais se curasse a chaga, ou vomica do empiema, de tal modo, que dentro de hum mez estava bem convalecido, & posto na melhor saude, de que goza sem repetiçaõ do achaque de que ha sete annos se curou. Este caso se acharà com mayor individuaçaõ na nossa Medicina Lusitana, no* Capitulo X. *do Tratado que escrevemos do uso do azougue nos casos em que he prohibido.*

O azougue no fundo do vaso. *Huma das causas porque com as unturas se naõ provoca salivaçaõ algũa, he o decer o azougue ao fundo do vaso em que està o unguento; porque ainda que o azougue esteja reduzido a fórma de unguento, chegando-se este ao fogo, dece o azougue ao fundo, & fica o unguento menos vigoroso. E por isto adverte com razaõ Zacuto,* 4. *que se naõ chegue o unguento ao fogo, quando se houverem de untar os gallicados:* Unguentum (*diz Zacuto*) non calefiat ad ignem; nam argentum vivum ad fundum vasis descendit, & nullius activitatis redditur illinitio. *Ha de applicarse o unguento frio, com as mãos quentes, & ha de aquecer nas fregações fortes com que se applicar.*

4 Zac. 2. prax. hist. c. 1. de morb. gall. fol. 273.

CAPITULO XXVI.

Dos indicantes, & prohibentes da cura do azougue.

Numero 1.

A que affectos gallicos convem a cura do azougue.

COmo seja cousa certa curar o mercurio o morbo gallico, & ser grande remedio delle, consequentemente se segue ser indicado de tal affecto, & ser este o que o indica. E como os affectos gallicos indicantes sejaõ varios, he necessario saber se convem a todos. Ao que respondo, que como a cura do azougue

entre todas he a mais efficaz, tambem he mais accommodada aos affectos gallicos mais fortes, quaes ſaõ os da quarta, & terceyra eſpecie, principalmente ſe naõ tem obedecido a outras curas, conforme àquelle aphoriſmo: *Extremis morbis extrema exquiſitè remedia optima ſunt: às enfermidades extremas convem remedios extremos.* E como os da primeyra, & ſegunda eſpecie, ſejaõ leves, naõ ſe devem curar com azougue, ſalvo naõ houver os outros alexipharmacos, ou o doente for taõ pobre, que naõ os poſſa tomar, ou taõ mimoſo, que os naõ queyra beber, ou tiver algum prohibente que naõ permitta tomarem-ſe, ſegundo adverte Rudio, com o tal calor de figado, ou rins, que naõ ſofraõ hum leve cozimento de ſalſa, como algumas vezes experimentâmos. Nos quaes caſos *uſaremos das unturas na primeyra, & ſegunda eſpecie, dando-as taõ leves, que naõ movaõ accidentes de conſideraçaõ*; o que ſe farà diminuindo a quantidade do azougue, applicando a cada compleyçaõ menos do que lhe convinha ſe o mal fora mayor, à imitaçaõ de Avicena, que pela diminuiçaõ da quantidade faz medicamento brando do forte; pois todo o agente natural para produzir o effeyto, a que póde chegar ſua actividade, ha miſter a quantidade devida, conforme Galeno. E por eſta cauſa diminuindo a quantidade do azougue, naõ ha duvida que ſe poſſa fazer medicamento leve. Irſehaõ logo dando as unturas nos ditos caſos a tento, & de tal ſorte, que como na boca houver qualquer ſombra dos ſinaes coſtumados, logo ſe deſiſta dellas, & deſcáçando algum dia, parecendo que he neceſſario mais medicamento, ſe tornaráõ a repitir, atê que ſe entenda que a mà qualidade eſtà de todo extincta, que ſe conhecerá ſe de todo ceſſarem os ſymptomas.

1. Aph. 6. — Lib. 5 c. 15. cit. — Fen 54. tit. 2. c. 7. — Lib. 3. ſimpl. c. 23.

E tornando aos affectos de terceyra, & quarta eſpecie, tambem ſe ha de conſiderar a vehemencia delles, a radicaçaõ, que tem feyto no vivente, & a reſiſtencia, que pódem ter. E ſendo taes que ſe poſſa eſperar vencelos com os remedios de ſalſa, ou páo, naõ uſarêmos da cura do azougue, como aconſelhaõ Fallopio, Rudio, & outros graves Authores, pois he regra geral na medicina que a cura ha de ſer a mais ſegura, & ſuave que for poſſivel: *Præſtantiſſimi medici eſt, ut tutò medicetur.* E como a do azougue coſtuma ſer moleſta, & algumas vezes perigoſa, naõ ſe deve fazêr, quando a enfermidade ſe puder remediar por outra mais ſegura, & de menos trabalho, qual he a que ſe faz com a ſalſa, & páos para eſſe fim appropriados.

14. met. c. 13. & 12. met. cap. 1.

Numero 2.

Que couſas ſaõ as que pódem impedir a cura de azougue?

TEmos declarado os indicantes, que ſe pódem curar com medicamentos de azougue, & porque he neceſſario que naõ haja prohibentes, conforme Galeno, reſta declarar quaes ſejaõ, para pela auſencia delles acharmos a occaſiaõ, & tempo de ſe applicar o dito remedio.

Loc cit. De opt. ſect. c. 38

A tres generos de couſas pertécem os prohibentes, aſſim para applicaçaõ deſte remedio, como de todos os de que uſa a medicina, a ſaber, *as couſas naturaes, naõ naturaes, & preternaturaes.* Porque como todas as couſas naturaes indicaõ que ſe haõ de conſervar, conſequentemente prohibem tudo o que as póde corromper. E pelo contrario as preternaturaes, como indicaõ que ſe haõ de tirar, por conſequencia prohibem tudo o que as póde produzir, ou conſervar. As outras que chamaõ naõ naturaes, por ſi naõ indicaõ, nem prohibem, ſenaõ em quanto ſe haõ por parte de humas, ou de outras, por tanto naõ ſaõ taõ propriamente indicantes, ou prohibentes, como ſinal, ou cauſa delles.

Numero 3.
Como impedem as cousas naturaes.

AS cousas naturaes, chama Galéno, *indicantes, ou prohibentes*, & entre ellas *he o principal a virtude, ou forças*, porque assim como os fortes, & valentes sofrem toda a cura, por ardua que seja, conforme Galeno: *Ubi vires valentes sunt, omnia contemnunt, & tolerant*: assim tambem os fracos naõ pódem sofrer a violencia do azougue: *Ubi verò infirmæ sunt, vel abs quovis offenduntur*. Pelo que ao enfermo, *em que totalmente as forças estaõ postradas, totalmente se lhe naõ darà a cura do azougue*; porèm àquelle, em que deste modo o naõ estaõ, darselheha naquella moderaçaõ, & quantidade que ellas sofrerem, mas com grande advertencia, segurando sempre por menor quantidade, & vezes. E do mesmo modo por razaõ das forças saõ impedimento para o uso do Mercurio as idades de menino, & velho, porque os decrepitos, & os meninos de mama saõ menos accommodados para esta cura, por faltarem em huns, & outros as forças, que ella requere. Advirta-se porèm que naõ saõ totalmente incapazes, porque taõ branda se póde ordenar, que se possa fazer a meninos de mama, como experimentàraõ Eustachio Rudio, Nicolao Massa, & Leonardo Botallo, que affirmaõ terem experimentado applicar-se o azougue a crianças, que mamavaõ, & sararem perfeytamente, porèm applicava-selhes taõ pouco unguento de Mercurio, que diz Rudio, que naõ excedia a quantidade de húma lentilha para cada junta. Mas da cura dos meninos fallarêmos mays largo em seu Capitulo. O temperamento do enfermo tambem se póde contar entre os impedimentos quando he muyto cholerico, & delicado, porèm naõ he impedimento, que totalmente a prohiba, mas moderalhe a quantidade assim do pezo do azougue, como das vezes, que se deve applicar. De sorte que ao cholerico convem menos que ao sanguineo, & a este menos que ao fleumatico, & assim nos mays.

11. met. cap. 14. 11. met. cap. 4.

Loc. cit. Lib. de morb. gal. tract. 4 cap. 2. Lib. de lue ven. cap. 17.

Numero 4.
Como impendem as preternaturaes.

ENtre as cousas preternaturaes, q̃ saõ impedimẽto desta cura, conta Rudio a febre, naõ sómente hectica, mas qualquer outra, & magreyra de todo o corpo. Engana-se porèm em cuydar que totalmente a impedem, porque Nicolao Massa, Ruí Dias de la Isla, Pero Lopes de Leaõ, & outros tem por experiencia, curarem-se com unturas de Mercurio as hecticas gallicas, & quaesquer outras magreyras, ou febres que de qualidade gallica dependem; & assim tem o uso, & pratica commua naõ deyxarem de se untar, & dar suores aos febricitantes, & marasmados de morbo gallico, de que succede sararem todos. Mas saõ estas magreyras, & febres, impedimento, que prohibem fazerse a cura com toda a força, & rigor, & permittem sómente que se applique menor quantidade de azougue, & por intervallos, atè o doente cobrar mays forças, como advertirêmos em seu Capitulo, & provarêmos na segunda Parte em sua questaõ particular.

Loc cit. Loc. cit. Lib. de morb. ler. Lib. de morb. gal. Quæst. 17. art. 4.

Saõ totalmente impedimento da administraçaõ do azougue todos os estillicidios que decem ao peyto, pelo receyo, que ha de se moverem mays com as unturas, & suffocar de repente ao enfermo, & por tanto *naõ se devem dar nem fortes, nem brandos a tisicos, nem asthmaticos, nem aos que lançaõ sangue do bofe, nem aos que padecem rouquice, nem àquelles q̃ saõ muyto sogeytos a esquinencias*, porq̃ como o mercurio move humores à cabeça, & partes da boca, ha perigo de se precipitar, &

fazer

fazer hum catarrho suffocante, que em breve espaço conclua com o doente. Nem obsta contra isto huma observação de Tobias Cucudino, onde diz *curar huma rouquice antiga com huma pirola de turbeto mineral*, que naõ he outra cousa, segundo se collige de Thomàs Jordano, senaõ o azougue precipitado, porque este caso, posto que succedeo bem, naõ he dos que se devem imitar, pelo perigo de poder succeder o contrario.

In obser. prop. Lib de lue mar. 1.

Contaõ alguns, como Alcaçar, entre os impedimentos as chagas da boca, & garganta, dando por razaõ que naõ deve de se evacuar o humor pela parte affecta, conforme Galeno. A experiencia porèm mostra que estes se enganaõ, porque cada dia vemos darem-se unturas aos que tem estas chagas, & fazerem-se outras muytas corrosivas na lingua, & toda a boca, & as que estavaõ do morbo gallico, sararem logo, & no fim da cura ficar tudo saõ. E aquelle lugar de Galeno, que allegaõ, entende-se do principio das inflammações; como se vè das palavras do texto, & naõ do caso que tratamos.

Lib. 5. c. 79. 13. met. 6. & 11.

Se o doente for sugeyto a gotta coral, *tambem se lhe naõ farà cura de azougue*, porque elle por si a move, conforme Fernelio, nem se antes do morbo gallico tivesse *parlesia, convulsaõ de nervos*, conforme Rudio, ou porque o azougue os enfraquece; porèm pouco tempo ha q̃ eu vi hum, que estava tolhido de ambas as pernas, & tinha ido às Caldas sem lhe aproveytarem, & com o mal naõ ter complicaçaõ com o morbo gallico, lhe aproveytàraõ grandemẽte *os fumos do cynabrio* com que babou muyto, & pode logo mover os pès, & pernas, que atè esse tempo estavaõ totalmente tolhidas.

Lib. de lue. ven.

Os vicios dos olhos naõ saõ impedimento desta cura, porq̃ Fallopio vio sararem chagas delles *com os fumos de cynabrio*: & Eustachio Rudio vio sararem com as unturas homens, que viaõ mal, & que totalmente estavaõ cegos por obstrucçaõ dos nervos opticos, naõ lhe tendo aproveytado outros remedios, que dantes se lhe tinhaõ feyto.

Lib. de m. rb. gal cap. 76.

Em tumores de cabeça, glandulas de pescoço, & alporcas, receaõ alguns o mercurio: porèm eu lhe naõ acho incoveniente por onde se deyxe de applicar, antes extinguindo-se a mà qualidade, & evacuando-se grande copia de humor crasso, & viscoso, (que he a causa dellas) se póde esperar saude de affectos aliàs incuraveys.

Havendo gonorrhea purulenta, ou tumor de verilha, ou chaga de parte bayxa, ou qualquer outro contagio de morbo gallico incipiente, que ainda se naõ tenha communicado ao figado, ou posto que se tenha communicado, se a communicaçaõ for pouca: naõ se use de cura alguma de azougue, porque como move os humores para cima, farà grande danõ em transmutar o contagio para as partes nobres onde o naõ havia, ou accrescentalo nellas. Pelo q̃ naõ se usarà delle senaõ em caso que o dito tumor, ou gonorrhea, ou chagas sejaõ antigos, & jà dependentes do morbo gallico do figado, & confirmado. E nisto haja grande advertencia, porque tenho visto desastres de se applicar nestes casos intempestivamente.

Numero 5.

Como impedem as cousas naõ naturaes.

As cousas naõ naturaes, *que pódem impedir* o uso deste medicamento, saõ principalmente *o ar, & tempo do anno demasiadamente calidos*, como em Caniculares; porque se conforme Hippocrates, *sub cane, & ante canem difficiles sunt medicationes*: quer dizer: *Nos Caniculares, & antes delles naõ succedem bem as purgas*,

5. aph. 8.

gas, que fará applicando o azougue, que move os humores com mayor violencia? Tempo de Inverno tambem he impediente, em especial se o frio for muyto, porque estaõ os humores coalhados, & mais crassos, & se movem com difficuldade, & se alguns se evacuaõ, muytas vezes naõ saõ os que peccaõ. Havendo porém de se fazer esta cura por alguma urgencia em tempo destemperado, mais querem Ruí Dias, & Botallo, o frio, que o quente & a razaõ o confirma; porque o mal, que o mercurio faz, he principalmente aquentando, corroendo, excitando febres, & outros semelhantes, a que resiste mais o tempo frio, & incita o calido: alèm de que, este resolve as forças que para esta cura saõ muyto necessarias. Porèm se a necessidade apertar, & naõ der lugar a que se espere tempo de cura, em qualquer que seja se deve fazer, moderando o medicamento conforme o respeyto, que ao tempo se deve.

Lib. de morb. ler. cap. 21.

O ter o enfermo negocios, & naõ se poder recolher, tambem he impedimento, porèm naõ tanto, que dando-selhe as unturas levemente, totalmente lhe impida o sahir fóra, mas pòde assim untando em todas as partes requisitas (excepto as mãos, que de força haõ de andar à vista) sahir de casa, & acudir aos negocios precisos. Mas a este *diminuirseha a quantidade de azougue*, & *applicarseha mais a tento*, para que naõ lhe rebente tanto a boca, que lhe impida a conversaçaõ da gente.

No que toca à repleçaõ, & evacuaçaõ, naõ se darà untura ao que estiver cheyo de sangue, & de outros humores, sem primeyro o evacuar, porque dando-se com a dita carga, acode tanto humor à boca, & partes superiores, que causa inflammaçaõ da garganta, suffocaçaõ, difficuldade de respirar, & outros graves symptomas.

Nem tambem se untarà a mulher a que os mezes estejaõ proximos, ou jà presentes, ou tiverem de proximo passado, porque como o azougue move para as partes superiores, fará neste caso grande dano, & por tanto se sobrevierem os mezes estando na cura, logo cessem com as unturas atè elles cessarem, & passarem oyto dias depois disso.

Havendo camaras tomaõ alguns as unturas do mercurio, porque tambem evacua por ellas, o que naõ he seguro, conforme aquelle texto que a Avicena se atribue: *Solvere ventrem supra ventris solutionem maximè timorosum est.* Quer dizer: *He cousa de grande temor dar purga sobre camaras*; o que tambem tinha reprovado Galeno. Eu vi porém daremse unturas a gallicados, que tinhaõ camaras, & sararem logo dellas, porque estas procedem de qualidade gallica, & o mercurio a extingue: alèm de que movendo os humores à boca revelle os que abayxo decem, ainda que *per accidens* algumas vezes tambem mova camaras, que logo com a cura cessaõ, & por tanto nestes casos se use do azougue mais a tento, & com grão cautela.

I. ad Glau. c. 13.

ANNOTAÇOENS.

Numero I.

OS da primeyra, & segunda especie. *Naõ quer Madeyra que os gallicados da primeyra, & segunda especie se curem com azougue, ainda que reconhece que elle he o melhor alexipharmaco de todos aquelles com q̃ se oppugna este cõtagio. Isto sem duvida nasceò de naõ estar no seu tẽpo tanto em uso a cura do azougue, como hoje; & bem se vè, porq̃ fallando neste Capitulo na dita cura, só das unturas faz mençaõ: sendo que podèra lembrarse de q̃ havia panacéas mercuriaes, ou varias preparações do mercurio, de*

que adiante falla, taõ benignas, & taõ suaves, que se tomaõ pela boca com toda a segurança, & curaõ com toda a efficacia. E ainda que diga o Author, que os affectos gallicos destas duas especies saõ leves, & que por isto não devem curarse com o azougue: muyto melhor nos parece, que só com elle se faça a cura, porque o contagio em todas as especies he o mesmo, & sempre se deve tratar com o antidoto mais poderoso, em qualquer grào que esteja; & se os achaques que causa saõ leves, façaõ se tambem leves as curas mercuriaes. Se bastar em poucos dias de mercurio, naõ se repita em muytos; se com poucas unturas brandas se vencerem os achaques, não se usem muytas unturas, nem sejaõ fortes; que assim se fazem tambem as curas leves, mas sempre com mercurio, porque he o alexipharmaco, que mais certamente extingue todo o fermento do contagio gallico.

Tal calor. *Nós que pelo grande calor das entranhas, ou da massa sanguinaria, ou dos rins, se temer a cura dos alexipharmacos vegetantes, que todos saõ quentes, justamente se deve recorrer ao azougue; porque sem aumentar as intemperanças, extingue os seminarios gallicos, & remedea os seus productos; & para isto bastarà tomallo pela boca, & quando não baste, chegar ao uso das unturas, que ainda que sejaõ mais violentas, tambem he certo, que saõ mais efficazes.*

Os remedios de salsa, ou páo. *Não cessa o Author em preferir no uso para os gallicados os alexipharmacos vegetaveis, ainda que confessa que o azougue os excede na virtude de curar este contagio. A nós parecenos melhor usar logo delle, administrando-o com prudencia, & não martyrizar os doentes muyto tempo com remedios ingratos, & menos activos; quando podemos curallos brevemente com outros de mais facil exhibição, & de mayor virtude, sem que resulte delles algum dano; pois sabemos que com toda a segurança se està usando do azougue, ou tomado pela boca, ou applicado em unturas.*

Numero 2.

PRohibentes. *Ainda que o azougue seja o mais potente alexiterio do veneno gallico: consideràrão os Authores, que se devia usar delle na presença dos seus prohibentes; porque na Medicina Racional, não basta que hum remedio esteja indicado, para logo ser exercido senão que he necessario que não haja contra indicãtes tão forçosos, que o excluaõ. E temèraõ tanto a cura do azougue os primeyros Escritores do morbo gallico, que, seguindo a sua doutrina, apenas se acharà hum gallicado, a que se possa soccorrer com azougue; porque raro serà aquelle em que não haja algum dos seus prohibentes, pelo grande numero que delles fizerão. Mas pode alcançar a nossa bem fundada ousadia, que na presença dos taes prohibentes se usavão sem dano as curas mercuriaes, como mais largamente mostramos no Tratado que disto escrevemos, o qual anda appenso à nossa Medicina Lusitana; & nelle se acharão casos admiravelmente bem succedidos, aos quaes puderamos ajuntar outros muytos, que depois de sahir a publico o Tratado, observamos nesta Corte, à vista de alguns Professores da Arte Medica, & Chirurgica, que movidos das nossas experiencias, jà alguns se resolvem a usar do azougue na presença dos seus contra-indicantes. E porque no dito Tratado fallàmos prolixamente nesta materia, agora o faremos com menos regras.*

Numero 3.

AS forças. *Este he o primeyro contra-indicante do azougue debilidade de forças com que se não póde soffrer a violencia da cura. E se ellas estaõ de todo prostradas, de nenhuns remedios està capaz o doente. Porém não sendo a debilidade extrema,*

bem

bem se póde usar confiadamente do azougue, administrando-o com brandura, & prudencia, ou tomando pela boca o mercurio doce em pouca quantidade, & ainda em dias alternados: ou applicando-o em unturas leves, ainda que muytas vezes repetidas.

As idades de menino, & velho. *Os meninos, & velhos reputaõ-se por fracos: aquelles por tenros, estes por decrepitos. Mas só por razaõ da idade, naõ se lhes deve negar a cura do azougue; porque ha, no sentir de Celso, meninos com firmeza, & velhos com robustez para mayores violencias, que as de hum pouco de mercurio doce, que para matar as lombrigas se lhes cõcede sem duvida cada dia; & para sofrer humas unturas levissimas, de que temos usado em todas as idades com faustissimos successos.*

Numero 4.

HEcticas gallicas. *Aos hecticos, & tabidos gallicados temos soccorrido muytas vezes com azougue tomado pela boca, & applicado por fóra, & brevemente se curàraõ da febre, & dos symptomas com q̃ em alguns se acompanhava. Não ha muyto tempo que vimos huma mulher casada, que havia muytos mezes estava com febre continua, com tosse, com fastio, & com cursos muy precipitados; & com huma goma no hombro direyto, & veyo a suppurar-se, excitando dores crudelissimas, danos todos com que a pobre doente hia dando ligeyros passos para a sepultura. A esta curamos com azougue tomado pela boca, na companhia do Cirurgiaõ Manoel de Sousa, que lhes assistia; o qual vio muyto bem, que a poucos dias de azougue cessou a febre, & foraõ parando os cursos, moderando-se as dores, restituindo-se a vontade de comer, & dormindo a suas horas, de tal modo, que em poucos dias se venceraõ aquelles males de tantos mezes; & suppurando a goma, là ficou o Cirurgiaõ tratando della, atè concluir felizmente a cura. A receyta do mercurio era desta maneyra:*

Tomem oyto grãos de mercurio branco precipitado, seis grãos de assucar de chumbo, dous grãos de diagridio sulphurado, façaõ-se pirolas com alquitira, & dourem-se.

Depois de haver tomado oyto dias estas pirolas, continuou-as mais alguns sem diagridio, com que se moveo alguma salivaçaõ.

Todos os estillicidos que decem ao peyto. *Este he o mayor de todos os prohibentes, pelo perigo de se moverem os humores ao peyto, & suffocarem o doente. Este temor tem sido causa de passar em muytos tisicos na barca de Acheronte; por q̃ naõ havẽdo resoluçaõ para os curar com azougue, & naõ se vencendo o contagio com outros alexipharmacos, naõ ha mais que morrer tisico quem teve estillicidos gallicos ao peyto, depois de haver usado muyto tempo de leyte de burra, & de vaca; depois de haver tomado muytos mezes xaropes de frangãos recheados cõ cousas frias; & hũa pouca de salsa, & páo santo; remedios todos a que naõ cede o gallico muy activo, & muy radicado, q̃ só com azougue se extingue. E por isto temos curado cõ elle innumeraveis pessoas infectas com este contagio, que tendo tosse, lançando sangue do peyto, & padecendo dor nelle, hiaõ caminhando para o outro mundo. E jà hoje nenhum temor nos faz o entrar à cura do azougue na presença de tosses, estillicidios, & dor de peyto, se temos a probabilidade de estar gallicado o doente; porque sem offensa da cura, temos remediado muytos que se hiaõ fazendo tisicos, & outros que jà estavaõ feytos, do que se pódem ver alguns casos no Tratado que escrevemos do uso do azougue; tendo entendido que se aos tisicos, ainda que naõ sejaõ gallicados, póde a Arte dar remedio, ha de ser com azougue: porque só elle póde penetrar aonde està a chaga do bofe, ou a vomica do empiema, & secala, & cicatrizala como succedeo em Manoel Escudeyro Ferreyra, que estando tisico, sem ter gallico, o curàmos com unturas de azougue, cujo caso se acharà na observaçaõ terceyra do* Capitulo X. *do dito Tratado.*

Nos que padecem achaques de peyto, para que os humores se não encaminhem a elle, costumamos dar mercurio com diagridio; porque assim se vaõ evacuando pelo ventre os humores que o azougue move, & quando começa a salivaçaõ, por ir já havendo bastante mercurio no corpo, entaõ se pàra com elle, & ou de todo se deyxa, ou se torna a continuar, segundo a salivaçaõ que move, & a necessidade que se reconhece, cousas que dependem do engenho, & prudencia de quem dirige a cura.

Chagas da boca. *Estas chagas, & as da garganta temos curado innumeraveis vezes com mercurio, & o Author observou o mesmo. Mas he necessario que o mercurio que tomarem os que padecerem estas chagas, & o que nellas se applicar, seja em dulcificado, & livre dos acidos corrosivos com que se preparasse: que naõ sendo assim, ajudarà o acido venero, & como este he tambem corrosivo, faràõ os taes acidos mayor dano nas chagas.*

Gotta coral. *Haverà tres annos, que tivemos occasiaõ de curar hum moço cheyo de gomas, & talparias, o qual padecia cada mez accidentes epilepticos, ou de gotta coral. Não duvidàmos em curallo com azougue, ainda que era a primeyra vez que o usavamos em pessoa sugeyta a este mal; porque o haviamos feyto em parlesias, & convulsoens com bom successo; & atè agora temos observado, que curando-se este moço muyto bem dos affectos gallicos com unturas mercuriaes, só no principio da cura teve hum accidente, & depois de azougue atè hoje nenhum mais teve, & logra boa saude. Depois deste caso, nos succedeo o seguinte: O Desembargador Pedro Nunes Guedelha, Vereador do Senado desta Cidade; homem de sessenta annos, havia tres, que padecia accidentes de gotta coral. Curava-se com dous Medicos, cujos nomes callamos, por poder com-nosco mais a molestia, que o escandalo. Foy às Caldas da Rainha dous annos. Tomou banhos de agua tepida em tina; & finalmente pelo quente, & pelo frio, no discurso de tanto tempo, buscou por conselho, & direcçaõ dos ditos Medicos, remedio para os accidentes, mas nunca encontrou com elle, & sempre se achou peyor; chegando a estar dementado, & convulso do braço, & perna esquerda, cõ tremores, & movimẽtos cõvulsivos em varias partes; com dores de juntas; com fastio; com vigilias continuadas; magro, & entrevado na cama, sem esperança de se tirar della. Neste taõ lastimoso estado o achamos; & sem assistencia, nem voto dos ditos Medicos, que estomagados de recorrer o doẽte a outros, naõ quizeraõ cõcorrer com-nosco, & sendo chamados cõ instãcia, sempre se negàraõ cõ cõtumacia: nós curàmos com azougue, q̃ tomou pela boca, dẽtro de dezaseis dias, em q̃ usou delle em pirolas; & depois lhe mandàmos dar hũas fregações de unguento de azougue na perna, & braço, que haviaõ estado convulsos; & deste modo se venceraõ em taõ pouco tempo os accidentes, & os mais danos, que com desprezo das mais curas ingraveciaõ ao uso dellas. No quinto dia de mercurio se viraõ livres as partes convulsas, & foraõ cessando as mais queyxas, atè que inteyramente se venceraõ; & brevemente se restituhio o doente à sua antiga saude, & entrou a servir o seu lugar no Senado. E passando isto ha mais de dous annos, ainda não teve repetiçaõ de accidente. Perguntando por gallico a este homem, dizia, que sendo estudante o contrahira nas partes bayxas, & depois nunca mais o tivera, nem sentira dano que delle procedesse; com q̃ estàva gallicado, era de mais de quarenta annos. Mas ou fosse, ou não fosse gallicado, pareceo-nos, que só o mercurio podia ter virtude para dulcificar o acido vicioso do sangue, & para curar tantos, & taõ grandes danos. Aqui nos està lembrando o caso que refere Ettmullero,* 1. *de hum homem que sendo gallicado havia cincoenta annos, & padecendo accidentes de gotta coral; com azougue se curou inteyramente de hum, & outro dano:* Epilepticus (*diz este Author*) perquinquaginta annos lue venerea infectus, mediante salivatione, ab utroque malo curatus fuit; non secùs ac arthritis contumax evanuit, postquam æger lue venerea inquinatus, salivationem

1. Ettmull. tom. 1. fol. mihi 387.

nem mercurialem paſſus fuerit. *O certo he, que para o acido venereo, principalmente implantado em humores viſcidos, excede o mercurio a todos os mais remedios, & por iſto faz taõ eſtupendas curas. E não ſó para o acido venereo, & para os effeytos delle, tem o mercurio potentiſſima virtude; mas tambem para os mais acidos viciosos do ſangue, & das mais partes do corpo, que todos dulcifica, & emenda, purificando juntamente a maſſa ſanguinaria, & o corpo todo, por meyo da ſalivação que move, & curando os contumaciſſimos danos, que outras curas não puderaõ vencer. E conſtando iſto aſſim por repetidos ſucceſſos, ainda ha Medicos taõ cerviçoſos, que por teyma, & opiniaõ ſua privaõ os ſeus doentes de taõ grande remedio. Mas a eſtes là ſe lhes pedirà conta aonde não poſſaõ diſculpar a malicia.*

Vicios dos olhos. *Nenhum impedimento fazem as queyxas dos olhos para a cura do azougue; & jà Zacuto curou huma opthalmia rebelde com unturas mercuriaes, como ſe pòde ver na* Obſervaçaõ LVIII. do livro 1. da ſua Praxe admiranda.

Tumores da cabeça. *Neſtes tumores, & nas glandulas do peſcoço, coſtuma aproveytar muyto o azougue; porque extinguindo o fermento gallico, & infringindo o acido venereo, diſſolve, & deſcoalha a lympha craſſa, & viſcida, de que os ditos danos procedem, do que temos algumas experiencias. E ainda que não ſeja em peſſoa gallicada, bem ſe pòde uſar do azougue para curar os tumores, & glandulas do peſcoço, & cabeça, & de qualquer outra parte: porque além da virtude anti-venerea, com que extingue eſte contagio, tem de mais o ſer inſigne alcalico, & abſorvante dos acidos, & por iſto egregio diſſolvente, & diſcoagulante de materias craſſas, & viſcoſas.*

Gonorrhea purulenta. *Na gonorrhea purulenta, nos tumores das verilhas, a que chamaõ encordios, ou mulas, & nas chagas das partes pudẽdas, he prohibido o azougue, quando o gallico ſe não tem cõmunicado à maſſa ſanguinaria, com o fundamento de que movendo o azougue os humores para as partes altas, & ſalivaes, com elles farà ſubir o contagio, que occupa as partes bayxas; & por iſto ſó quando o contagio ſe tem communicado ao ſangue, de cujo vicio dependaõ jà os ditos danos, admittem o uſo do azougue para remedio delles. O que nos parece he, que todas as vezes que o gallico ſe entroduzio no corpo, ſeja nas partes que for, neceſſita de alexipharmaco que o extinga; & por iſto coſtumamos uſar do mercurio por injecções, ou ſiringaduras, nas gonorrheas, a fim de extinguir os ſeminarios contagioſos, antes que ſe communiquem às partes intimas, & à maſſa do ſangue, que por meyo da ſua circulaçaõ, recebe com facilidade os ditos ſeminarios. E por iſto damos tambem alguns dias mercurio doce, ou branco precipitado, ou qualquer outra panacéa, pela boca, aſſim nas gonorrheas, como nos tumores, & mais affectos gallicos das partes obſcenas, a fim de extinguir todo o fermento exotico, venereo; & deſte modo curamos felizmente eſtes achaques, ſem que o azougue chegue a mover alguma ſalivação, ſobre o que ſe veja o que diſſémos nas Annotações ao* Capitulo XI. *& ao* Capitulo XII.

Numero 5.

O Tempo do anno. *Elege-ſe o tempo mais accommodado para curar achaques, quando não ha preciſa neceſſidade de os curar em qualquer tempo que ſeja. Quem puder curarſe na Primavera, não o faça no Inverno, nem no Eſtio; mas quem no Inverno tiver achaques que o moleſtem muyto tempo, trate logo delles; porque os males na duraçaõ fazem-ſe rebeldes, & he depois a cura mais difficil. Os achaques que tem dependencia de contagio gallico, em qualquer tempo ſe pòdem curar; porque a ſua cura não ſe ha de fazer com banhos de rio, que ſó em tempo quente ſe uſaõ; & para tomar huma panacéa mercurial, ou para uſar dos mais remedios deſte contagio, todo o tempo he conveniente.*

Camaras. *Tomem muytos a cura do azougue nos camarentos; porque muytas vezes move os humores pelo ventre; mas ſe elles eſtaõ gallicados, & as camaras naõ ceſſaõ com remedios convenientes, bem ſe póde uſar do azougue, ou pela boca, ou em unturas; porque brevemente ſe ſuſpenderàõ os curſos, ao que temos innumeraveis experiencias.*

O ter negocios. *Os gallicados que preciſamente hajaõ de ſahir de caſa no tempo em que ſe curaõ por força dos ſeus negocios, pódem tomar mercurio pela boca, & ſahir fóra, no que ha menos riſco, que nas unturas; ainda que o melhor he eſtar em caſa no tempo da ſalivaçaõ, aſſim porque eſta ſe póde ſuſpender como ar frio, como porque com o mercurio tranſpira melhor o corpo, & não he conveniente expor ao ar, porque naõ ſucceda impedirſe aquella tranſpiraçaõ, de que reſultará mayor dano, que utilidade.*

CAPITULO XXVII.

Como ſe acode aos ſymptomas, que o mercurio excita.

Numero 1.

COſtumaõ ſobrevir algumas vezes notaveis ſymptomas aos que do mercurio uſaõ, ou applicado por fóra, ou por dentro. Eſtes ſaõ eſquinancia, tumor taõ grande de lingua, que às vezes naõ cabe na boca, dor intentiſſima, tumor do roſto, chagas muy grandes, que corroem a lingua, gingivas, & mais partes vizinhas, vigilias immodicas, tanta fluxaõ de cuſpo, & baba, que poem o doente em grande fraqueza, deſmayos, difficuldade de reſpirar, graviſſimas ancias, & anguſtias de coraçaõ, demaſiado fluxo de ventre com ſangue, & ſem elle graviſſimas dores, & corroçaõ de eſtomago, & tripas, tolher-ſe totalmente a camara, cuſpir ſangue, ficar o azougue dentro do corpo, & outros.

A cauſa interna deſtes ſymptomas naõ he outra ſenaõ o fluxo impetuoſo dos humores, que correm àquellas partes. *As externas*, dizem Botallo, & ſeu aſſeclar Pedro de Torres, que quaſi em tudo o traslada, *ſaõ a fortaleza dos unguentos* applicados mais vezes do que convem, *ou apertar muyto em provocar ſuores*, abafando-ſe o doente, esfregando-ſe, & chegando-ſe ao fogo, com que demaſiadamente ſe actua, & deſenfrea o medicamento; às quaes devemos accreſcentar *o não eſtar o corpo bem evacuado antes de entrar neſta cura*, porque quando o naõ eſtà, acode tanta quantidade de humor à boca que faz todos os accidentes ſobreditos. E os unguentos, diz elle, ſe fazem mais fortes, ou porque levaõ muyta quantidade de azougue, ou porque tem muyta miſtura de couſas calidiſſimas, *como euphorbio, caſtoreo, oleo de zimbro, & ſemelhantes*, ſegundo tambem notou Rudio; ou por ſerem muyto tenazes, & eſtarem muy pegados, & inviſcados no corpo. Ao que ſe póde accreſcentar ſerem feytos de freſco, & naõ eſtarem ainda fermentados, nem a malicia do azougue correcta. O que tudo às vezes acontece pela pouca advertencia do Medico, que naõ examinou bem os unguentos, com que curava, ou ſe deſcuydou em viſitar o enfermo, deyxando ao arbitrio dos miniſtros o modo de applicar as unturas, & o numero dellas, ſendo que *não ha caſo, em que mais neceſſario ſeja viſitarem-ſe a miudo* que neſte, para prevenir q̃ os ditos ſymptomas naõ ſuccedaõ, os quaes, conforme Alexandre Trajano, & Petronio, *facilmente ſe perſervaõ, ſe quando começa de rebentar a boca ſe intermitte hum, ou dous dias*, & ſe nem aſſim ſe prohibem, totalmente ſe pàra com as unturas.

Cap.22 Cap.23.

Cap.15.

Lib. de morb. gal cap. 10.

Numero 2.
Como se acode à inflammação da garganta, lingua, & mais partes da boca, ou do rosto.

SE estes symptomas naõ sobrevierem com febre, façaõ-se fregações de pernas, & appliquem-lhes ventosas secas atè o meyo das costas, & façaõ-se gargarejos de agua de cevada com assucar rosado, ou de agua de tanchagem com miva de marmelos, ou arrobe de amoras. Mas se isto naõ bastar, ou tambem houver febre, he necessario, que logo o doente se sangre, como encomendaõ Nicolao Massa, Fallopio, Rudio, Botallo, Torres, & outros. E va-se continuando com os ditos gargarejos, ou com agua de Cisterna, ou com vinagre destemperado com agua, quatro partes della, huma de vinagre. E se logo naõ aliviar o doente, *ponha-se em roupa limpa*, & se nem isso bastar, *lavarseha com a decoada de cinza, conforme ensina* Botallo, & com o lavatorio commum, que abayxo dirèmos, o que *serà regra geral para curar todos os ditos symptomas, quando forem muyto urgentes, pòr o doente em limpo, & lavar-se.* E se nem com as sangrias, diz Botallo, *que se dè huma purga leve*, mas que evacue bem, porque naõ sendo assim moverà os humores sem os evacuar, & serà occasiaõ de correrẽ cõ mais impeto à parte affecta. E para este effeyto manda que se dem *quatro onças de xarope de rosas Alexandrinas em caldo de frangão, ou agua de chicorea, cozendo primeyro nelles duas, ou tres oytavas de Sene*; a qual pratica me parece boa, por se fundar na doutrina de Galeno: *In omnibus; quæ circa caput accidunt, purgatio in contrario avertit.* Quer dizer: *Em todos os affectos da cabeça aproveyta o purgar revellindo para a parte contraria*; o que se confirma com a historia do velho, que tinha a lingua de tal modo tumida, que escassamente lhe cabia na boca, a que Galeno remediou com lhe dar as pirolas cochias. E assim diz o mesmo Botallo, que nunca purgava nenhum dos que os ditos affectos (posto que gravissimos) padeciaõ, que logo naõ sarasse, ou ao menos naõ livrasse do perigo da morte. Advirta-se porém que se com estes affectos houver febre aguda, se naõ dè purga; porque nas doenças agudas, conforme Galeno, he perigosa, antes se continue com as sangrias, & depois dellas se appliquem às espadoas ventosas sarjadas, & sangria na lingua, se for necessaria, recorrendo neste particular ao que ensinaõ os Authores para curar a esquenancia.

Lib. 5. cap 4. Tract. de morb. gal. Cap. 76. Lib. 5. cap. 15. cap. 21. Cap. 26. Loc. cit. 14. met. cap. 11. 14. met. cap. 8. 1. acut. com 11. & 1. aph. 24.

Numero 3.
Como se deve acodir às dores da boca.

SEndo moderadas basta lavar *com agua de cevada*; mas sendo gravissimas, como às vezes acontece, *deve o doente fazer lavatorio com leyte morno qualquer que seja*, segundo Fallopio: posto que Nicolao Massa elege *o das ovelhas, & vacas*, & naõ bastando, *manda que traga o doente na boca manteyga crua*, que mitiga estas dores admiravelmente, *& unte por fóra com oleo rosado, ou violado.* E se isto naõ bastar, *que se lancem ventosas nas nadegas, & espadoas*; & se com tudo se naõ mitigarem, diz que o doente *se sangre, & o naõ deyxem chegar a que as queyxadas, & partes visinhas se mortifiquem*, como vira em certo enfermo, a que hum empirico applicàra muyto mais azougue do que convinha. E se os ditos remedios naõ bastarem, & continuar a vehemencia das dores, he necessario continuar com o mais efficaz que Galeno para isso achou, quando saõ fortissimas, *que he a sangria do braço na vea de todo o corpo.*

Cap 77. Tract. 4. cap. 4. 1. aph.

Num. 4.

Numero 4.

Como se remedeaõ as chagas da lingua, & gingivas.

RAro he o doente, que cuspindo com as unturas de Mercurio, naõ tenha chagas em toda a boca, a causa das quaes he a acrimonia dos vapores do azougue, & dos muytos humores, que por aquellas partes se evacuaõ: *Se estas chagas não forem demasiadamẽte corrosivas, naõ tem necessidade de remedio*, mas sendo, *lavar-se haõ com a agua de cevada, & xarope rosado, ou com soro, & assucar.* E para todos estes achaques da boca, louvaõ Fallopio, Rudio, & outros Authores, *trazer nella hum anel, ou qualquer peça de ouro, & como nelle estiver embebido o azougue*, (que se conhece na cor) *se lance no fogo, para que se lhe tire, & o tornem a meter na boca.* E para os mesmos, diz Alcaçar, ter experimentado *receber pela boca fumo de penas de perdizes, & da goma de zimbro.* E se com tudo as chagas se fizerẽ de muyto peyor qualidade, & houver perigo de aprodecerẽ, ou de se mortificarem, convem que o doente depois de posto em limpo, & lavado se sangre, & ainda, se for necessario, se purgue, conforme Botallo, & Torres, *& se lave com unguento egyciaco desfeyto em cozimento de cevada, lentilhas, & tanchagem*, & eu jà experimentey com bom successo *tocalas com agua de pedra lipis às vezes pura, às vezes destemperada com agua de cevada, ou tanchagem.* E no de mais proceda-se como nas outras chagas corrosivas. E sendo necessario medicamentos que as cicatrizem, póde-se fazer *hum cozimento de rosas, folhas de oliveyra, gomos de sylva, sumagre, tanchagem, de cada hum sua maõchea, ferva tudo em huma canada de agua da pia dos ferreyros, que se gaste mais de ametade, & coe-se, & ajunte-se xarope rosado, arrobe de amoras, de cada hum duas onças, pedra hume queymada meya onça, & com isto morno se lave a boca.* Porém naõ se façaõ estes lavatorios em quanto for necessaria a evacuaçaõ do cuspo, porque a pódem impedir.

Cap. 19.

Loc. cit.

Numero 5.

Como se acode à evacuaçaõ do cuspo, sendo immodica.

ALgumas vezes he tanto o cuspo, & baba, que enfraquece o doente de modo, que lhe daõ desmayos, & chega a perigo de vida; outras vezes dura tanto tempo, que causa mayor molestia, que o mesmo morbo gallico antecedente. Nestes casos se deve acodir a moderar, ou tirar esta fluxaõ, naõ com adstringentes logo no principio, porque como adverte Trajano, ou embeberàõ mais o humor na boca, & partes vezinhas, de que se seguiràõ mayores chagas, tumores, inflammações, ou se repercutirá para membro principal em que faça mayor offensa; impedirseha logo este fluxo fazendo revoluçaõ, & evacuaçaõ do humor com algum medicamento purgativo, conforme o mesmo Trajano, *como canafistula, xarope rosado, & violado de nove infusoens, cozimento, ou infusaõ de sene: ou com manà, ou semelhante medicamento leve; ou se tome cada noyte huma pirola cochia*, como ordena Nicolao Massa, o qual diz que se achava muy bem quando applicava unturas, com dar de quando em quando ao doente *algum medicamento purgativo*, para que naõ corresse todo o humor com tanto impeto à boca. E pòde-se dar *meya oytava de sene em pó no caldo de hum frangaõ, ou huma oytava delle infundida em agua de almeyrão*, isto naõ todos os dias, senaõ de dous em dous, ou de tres em tres, se o humor, que correr à boca, for demasiado, que a naõ o ser, melhor he naõ dar medicamento purgativo, que impida o movimento, que faz o azougue, nem molestar a natureza com dous movimentos contrarios

Lib. 6. c. 16. in princ.

Tract. 4. cap. 4.

contrarios no mesmo tempo. *Ou se dè em lugar do sene huma onça de vinagre purgativo*, que se usa em algumas boticas, de que logo darêmos a receyta.

Depois de feyta revulsaõ, & evacuaçaõ do humor que vem à boca se o doente està jà de todo saõ do morbo gallico, & a evacuaçaõ do cuspo dura mais de mez, & meyo, ou for demasiada na quantidade, *convem fazer lavatorios adstringentes de rosas, murta, maçãs de acipreste, balaustias, cascas de romãs, murta, agalhas, & vinho, ou agua ferrada, & misturarlhe arrobe de amoras, ou mel rosado*, & com isto lavar a boca muytas vezes. Advertindo sempre, se procede esta demasiada evacuaçaõ de azougue, que ficasse dentro no corpo; se a causa for esta, he necessario tornar a lavar o doente *com decoada de cinza, & outras cousas apropriadas, & darlhe os alexipharmacos, que acodem a seu dano, como pães de ouro, vinho de losna, leyte*, & outros de que trata Dioscorides, & dirêmos abayxo em seu lugar.

Lib. 5. c. Prop.

Numero 6.

Vinagre purgativo.

T*Omem de vinagre tres quartilhos, folhas de sene tres onças, passas de Alicante, ou quaesquer outras boas, quatro onças, canela tres oytavas, esteja tudo de infusaõ vinte & quatro horas, & depois de huma fervura, & se coe, & se ajunte de manà bom, huma onça, & torne-se a coar.* Da-se huma onça delle misturado no caldo, ou em qualquer cousa, que se come, & se tempera com vinagre, como alface, ou chicorias esparragadas, ou feytas em cellada, para doentes, a que naõ faça dano.

Numero 7.

Como se ha de acudir ao dano dos dentes.

DOus symptomas acontecem de ordinario aos dentes por occasiaõ do azougue. O primeyro, abalarem-se de tal modo, que às vezes caem, ou ficaõ descompostos, & cavalgados huns sobre os outros. O segundo he, fazerem-se negros, & às vezes apodrecerem.

Acodem alguns idiotas, como nota Trajano, ao primeyro logo nos principios na força do cuspo, & baba, com medicamentos adstringentes, com que naõ sómente naõ aproveytaõ cousa alguma, mas apertaõ mais nelles, & nas gingivas os humores, que os abalaõ, & corroem. Pelo que se neste tempo naõ estiverem taõ abalados, que haja perigo de cahirem, naõ se deve applicar medicamento algum, como nota o mesmo Trajano; porém havendo manifestamente o tal perigo, applicar-seha medicina, que moderadamente aperte, ou robore com alguma mundificaçaõ, *como hum quartilho de agua de tanchagem com tres onças de mel, ou xarope rosado*, conforme Nicolao Massa; ou se farà *hum cozimento de cevada, favas, tanchagem, murta, rosas, de cada hum seu pouco em vinho branco, & a cada libra delle, ajuntaràõ duas onças de mel, ou xarope, tambem rosados*, com que o enfermo lavrà a boca.

Lib. 5. cap. 12.

Loc. cit.

Tract. 4. cap. 4.

E depois que o fluxo della for parando, se os dentes estiverem çujos, ou negros, alimparseháõ *com oleo de enxofre*, conforme Fallopio, *ou puro, ou misturado com agua de tanchagem.* Ou se faràõ *huns pós de sal queymado, pedra-hume queymada, cascas de ostras queymadas, coral preparado, & misture-se tudo, & com isto se esfreguem os dentes.* Ou se façaõ outros *de carvão de raiz de alecrim, almecega espica, assucar preto, pedra-hume, partes iguaes de cada hum.*

Tract. de morb. gal. c. 77.

E depois de mundificados se tratará de medicamentos mais adstringentes, que

que fortemente os possaõ corroborar, como este: *Tomem sumagre, cascas de romãs, maçãs de acipreste, escoria de ferro preparada, de cada cousa sua onça, folhas de azimbujo, de tanchagem, pós de rosas, as mesmas rosas secas, de cada hum sua maõ chea, coza-se tudo em vinho branco, & agua da pia dos ferreyros, de cada hum huma canada, & fervão que fique em tres quartilhos*, com que se pódem lavar os dentes. E se esfregaráõ com estes pòs: *Tomem almecega fina duas oytavas, sangue de Dragaõ, solda, de cada hum sua oytava, goma Arabia oytava, & meya, de tudo se faça pò muy sutil.* Ou se faça este cozimento de Fallopio: *Tomem folhas de tanchagem, de oliveyra, de salva, de cada hum seu pouco, cozaõ-se em vinho vermelho casquento, com que a boca se lave.* He efficacissimo, porque conforme ao mesmo Author segura que os dentes não cayaõ.

Loc cit. Tract. 6. dist. 1. c. 3.

Mas note-se, que em quanto durar a cura, se tenha cuydado de ver se os dentes se descompõem; & sendo assim, se reduzaõ levemente com os dedos a seu lugar, antes que a natureza, ou a força dos medicamentos os arreygue, porque depois disto se naõ pódem reduzir, & ficaõ perpetuamente tortos, & feyos. E para todo o dano delles, diz Henrico *apud Guidonem*, que se lavem *com cozimento de mentrastos, endros, & macella.*

Numero 8.

Como se acode ao fedor da boca.

Lib. 1. de morb. gal cap. 11. in fin.

E Se ficar fedendo o bafo, ordena Mercado este lavatorio: *Tomem hum pão quente em se tirando do forno, & faça-se todo em buracos, & lance-se de molho em dous quartilhos de vinho cheyroso com flores de louro, & alecrim, de cada hum tres pugillos, mel de enxame novo seis onças, myrrha huma onça, tudo se misture, & ponha em alambique, & se destille, & com esta agua destillada se lave a boca.* Tambem he bom *lavarse com vinagre esquilitico só por si*, ou misturado *com agua de salva, mel rosado, ou com oximel simplez, misturado com cozimento de ouregãos, incenso, & almecega.* Ou se façaõ estes trociscos de Michael Angelo Blondo: *Tomem cravos de especie, páo de Aguila, cascas de nòz noscada, canela fina, de cada hum sua oytava, almiscar cinco escropulos, ou menos delles, azevre sete onças, & com agua rosada se façaõ trociscos, que peze cada hum huma onça, & tomarà o doente hum, quando se deitar à dormir.* E se por razaõ do amargor o naõ poder tomar, forme pirolas delles.

Lib. de morb. gal cap. 12.

Numero 9.

Como se emendarà a cor do rosto.

SE do azougue ficar a cor do rosto livida (como algumas vezes acontece, & se vè nas mulheres que muyto usaõ do solimaõ) diz Angelo Bolognino que se faça *unguento de goma Arabia, unto de Urso, oleo rosado, de cada hum partes iguaes, & se lhe ajuntem hũas gotas de balsamo, & com este unguento se unte o rosto, & mãos, se tambem ficarem com mà cor.* Em lugar do unto de Urso, póde supprir o de cavallo, ou de porco, em lugar do legitimo balsamo servirá o do Brasil, ou o oleo de copaìba.

Lib. de ung. c. 6.

Numero 10.

Como se remedearáõ as vigilias demasiadas.

SE a causa de naõ dormir forem as muytas dores, remediarseha mitigando-as; mas se forem vapores acres, & mordazes, que o azougue mova à cabeça, he necessa-

necessario, *que se revillaõ com fregações, & ventosas secas nas pernas, & lavatorios a ellas de cozimentos de violas, malvas, rosas, & coentros, ou com agua simplez morna.* E darsehaõ pela boca as cousas, que conciliaõ sono, temperando a acrimonia dos humores, *como amendoadas das pevides de melaõ, & abobora, & algumas amendoas, lançando nellas em lugar de açucar huma, ou duas onças de lambedor de dormideyras, ou hũa colher das mesmas (& sejão as brancas) pizadas, & desfeytas em agua.* E se juntamente houver calor, & secura, *dem-se tisanas de cevada, & na agua della se façaõ as ditas amendoadas sem amendoas*, & por fóra se appliquem à cabeça medicamentos, que temperem, & repercutaõ aquelles vapores que impedem o sono, *como leyte de peyto, & agua rosada, chapejando na moleyra, que estarà rapada para que melhor penetre a virtude do medicamento*, conforme Galeno. Ou se applique *qualquer leyte, ou coalhada*, conforme aconselha Trajano. E dem-se ao doente a cheyrar *coentros verdes, & coma confeytos de coentros, ou tome os pós delles preparados, & unte as fontes, & moleyra com unguento populeão, ou com oleo de dormideyras*, & quando tudo não baste, & seja necessario recorrer ao *opio*, não se faça sem presença de grande Medico, porque da maõ deste, carece de todo o perigo, & dà remedio a muytos, que por outras vias o naõ tinhaõ: & darseha hum grão, & quando não baste, va-se accrecentando pouco a pouco: & se for pessoa fraca, & muyto delicada, às vezes basta meyo grão.

13. met. 22. Lib. 5. cap. 15.

Numero 11.
Como se acode ao que lança escarros de sangue.

SE estes escarros se lançaõ com tosse vehemente, sahem do peyto; se com tussicula, ou escarrando sómente, da aspera arteria; se simplezmente cuspindo sem tosse, nem escarro, sahem das gingivas, & mais partes da boca, conforme ensina Galeno. De qualquer parte que venhaõ saõ máos, conforme Hippocrates, mas se vierem do peyto, saõ periculosissimos, porque dahi se segue logo tisica irremediavel, como consta de Galeno. Pelo que em vendo que ha este sangue, ou sinaes de poder vir, (que saõ tosse vehemente, difficuldade de respiraçaõ, carga nas escapulas, & regiaõ do peyto, como diz Trajano) logo immediatamente se ponha o doente em roupa limpa, & se lave, & alimpe muyto bem dos unguentos, & se sangre no braço, na vea d'arca, as vezes que parecerem necessarias, & depois nos pès, que neste caso, conforme Trajano, faz mais firme revulsaõ; & dem-se a beber medicinas adstringentes v. g. *Xarope de murtinhos, & de rosas secas, com agua de tanchagem, de beldroegas, & de pós de rosas, bolo armenico, terra sigillada, lapis hæmatitis preparado, trociscos de charabe.* E pòde-se receytar assim: Receyta: *Pós de lapis hæmatitis preparado, & trociscos de charabe, de cada hum huma oytava, xarope de murtinhos huma onça, agua de beldroegas tres onças, misturem-se para se beber de huma vez.* Ou se faça huma bebida para tomar muytas vezes, a poucos, deste modo: Receyta: *Agua de beldroegas, & de tanchagem, de cada huma huma libra, xarope de dormideyras, & de rosas secas, de cada hum huma onça, pòs de bolo armenico, & de coral preparado, de cada hum huma oytava; misturem-se.*

Lib. de loc. affect. cap. 5. 4 aph. 25. 5. met. 13. & seqq. Lib. 5. cap. 7. Lib. 7. c. 5. tit. curatio.

E se logo no primeyro dia o sangue naõ vedar, de-se ao enfermo, *meya oytava de Filonio Romano, ou dous escropulos do Persico,* que saõ remedio infallivel; & se naõ bastar esta quantidade, accrecente-se atè se dar *huma oytava de Romano, ou oytava & meya de Persico*, porque nestes casos como diz Galeno, he fóra de toda a razão começar pelos remedios menores, & gastar nelles o tempo, sendo

Cap. 5. met. 15.

que de hum dia para outro ſe fazem tiſicos, & hũa vez que chegaõ a iſſo, naõ tem remedio algum, como diz o meſmo Galeno: *Ubi moriendum ægro prorſus eſt*, (diz elle) *ſi pthoe, ſeu phthiſi, ſemel exceptus ſit, alieniſſimum à ratione à minoribus inchoaſſe. Nam ſicut reliqua omnia ab Hippocrate tradita, ita illa quoque ſententia recta eſt dicta; nempe, Ad ultimos morbos ultima prorſus remedia maximè valere.* Porèm para ſe uſar deſtes medicamentos, como levaõ *opio*, he neceſſario conſultarſe Medico douto, como jà acima advertimos, porque naõ he tacha, conforme Galeno, repetir muytas vezes o que he neceſſario.

Cit. c. 15.

Coma o doente *açucar roſado*, & ſe o mal for adiante, *abrãoſelhe fontes com tempo*, como aconſelha Trajano, & façāo-ſe as mais couſas que convem aos que coſpem ſangue, & ſe fazem tiſicos, que eſte lugar naõ he para tratar eſtas materias por extenſo.

Numero 12.
Como ſe acode aos agaſtamentos, & ancias de coração.

HE muy ordinario ſobrevirem anguſtias notaveis de coração a eſtes doentes, muytas vezes com febre, & algumas ſem ella. A alguns que vi deſtes mandaõ os Medicos ſangrar, & de cada vez que o ſangravaõ ſe lhe dobravão as anguſtias, & creciaõ de ſorte, que naõ havia mais que morrer. Contra parecer de alguns lhes dey huma purguinha de tres onças *de xarope de roſas Alexandrinas*, *huma de nove infuſoens de violas*, *com cozimento feyto de cevada*, *flores*, *ſementes frias*, *tamarindos*, *& ſene*, com que evacuàraõ por camara baſtantemente, & aliviáraõ de modo, que parecia milagre, & ſe de todo ſe lhe não tirava, tornavalhe a repetir o meſmo medicamento purgativo, com que ficavão livres, & depois continuava a cura das unturas o tempo, que era neceſſario. E ſe por algum impedimento ſe puderem purgar, de-ſe-lhe ſangria no pè, porque eſta revellindo os livra dos agaſtamentos, & ancias, o que naõ coſtuma fazer a do braço, que lhos accrecenta, como a experiencia me tem moſtrado.

Muytas vezes he cauſa deſte accidente, humor que corre à boca do eſtomago, & naõ ſahe por vomito, nem por camara, & com as ſangrias ſe retrahe para dentro das veas, & faz mayores ancias, & com eſtes lenitivos ſe evacua, & lança fóra, & alivia logo o doente; & he, conforme a doutrina de Galeno, o qual manda que primeyro, que ſe trate da febre, aindaque haja grande enchimento, ſe dè remedio ao eſtomago, havendo os ditos humores nelle, evacuando-os, & confortando-o, porque deſte modo ſe entende a palavra roborar, como ſe colhe do meſmo Capitulo, & explica doutamente Santa Cruz, & ſe colheo do meſmo Galeno.

1. Ad Glaſſ. c. 14.

Alèm deſta evacuação ſe póde dar ao enfermo *huma oytava de triaga de eſmeraldas*, *ou confeyçaõ de jacintos*, *ou de alchermes*, *ou de triaga magna*, *ou de coral preparado*, *ou doze grãos de ouro moido*, *qualquer couſa deſtas desfeyta em agua de borragem*, *& de azedas*; *ou ſe lhe dem os alexipharmacos proprios do azougue*, que logo apontaremos, & façāo-ſe fregações de pernas, & lancem-ſe nellas ventoſas ſecas.

Lib. de imp. mag. rem. cap. ult. 4. de ſanit. c. 3. & 5. & 6. met. cap. 44. & ſæpè alibi.

Numero 13.
Como ſe acode aos deſmayos, & à fraqueza, & tremores de coração.

SE procederem de muyta evacuação, porſeha logo o doente em limpo, & trataràõ de lhe dar de comer couſas de bom mantimento, que facilmente ſe digiraõ, como gemas de ovos freſcos paſſadas por agua quente roſada, ou com-

commua, caldos que chamão esforçados, destillados de carne de galinha, ou capaõ, ou çumo de galinha mais de meya assada, & espremida na prensa, o qual depois se tempera ao fogo com seu sal, & com o mais que se costuma, com o caldo da mesma. Ou se lhe dê caldo de perdiz, que esforça muyto, & algum vinho bom puro, ou se tiver febre, aguado, & fatias de pão de lò molhadas nelle. E chegarlhe aos narizes cousas aromaticas, senão for mulher, a que se temaõ accidentes da madre.

Mas se os desmayos procederem da malicia do azougue, que corrompe os espiritos, (& se conhece, porque naõ he a evacuação tanta, que a ella se possaõ attribuir, & juntamente se complica com palpitação, ou tremor do coraçaõ, & desigualdades no pulso) com mayor pressa se porà o doente em roupa limpa, & se lavarà exquisitamente *com decoada de cinza, & massa, ou miolo de pão alvo, ou de rala, & se lhe acodirà com os alexipharmacos do azougue*, quaes saõ (conforme jà dissémos de Dioscorides) *vinho de losna, ou de ouregaõ, ou de hyssopo, ou semente de hormino, ou cozimento de aypo, ou semente delle, ou de salsa das hortas*. E para melhor, *se darà neste vinho ouro em pò quantidade de doze grãos*, & se repita por vezes, ou se dem *pães de ouro em quantidade, que responda ao dito peso*. Convem tambem *leyte qualquer*, bebendo muyto delle, & vomitando, & se for pessoa que não possa vomitar, tambem lhe farà proveyto. Ou se dê *myrrha* a beber, como manda Avicena, *ou decoada de cinza de vides com azeyte*, que Foresto a tem experimentado, & Dioscorides approva para todos os venenos. Póde-se tambem dar *triaga de esmeraldas, triaga magna, confeyção de jacintos, de alchermes, huma oytava de qualquer destas desfeyta em vinho bom*, que tambem he alexipharmaco do azougue. E servem *pòs de diamargaritaõ, pedra bazar, triasandalos, talhada de manus Christi, & outros semelhantes cordeaes*; o que tudo tambem se applicarà havendo tremor, & palpitaçaõ do coraçaõ, a que particularmente applica o Conciliador, *diamusco amargoso, & os pòs de diamargaritaõ*, que dissemos.

E appliquem-se sobre o coraçaõ *epithimas*, que se pódem fazer *de agua de flor, rosada, de escorcioneyra, de borragem, de cada huma quatro onças, pós de sandalos, & de diamargaritão, de cada hum duas oytavas, tudo misturado, molhando nisto mormo huma meada carmesim, ou esponja, ou panos, que se ponhão sobre o coraçaõ*. Ou se unte sobre elle *com oleo de Mathiolo, ou se applique unguento, que se farà com pós de diamargaritão duas oytavas, triaga de esmeraldas hũa oytava, almiscar, ambar, de cada hum dous grãos, banha de flor huma onça, tudo se misture, & se esfregue bem com a palma da mão sobre o peyto esquerdo*, para que penetre.

E se os desmayos procederem de fraqueza de estomago, que se conhecerà, porque logo o enfermo sente hum desfalecimento nelle, ou vomita o comer, ou sente grande espaço sem receber cozimento, confortar-seha *com carne assada, ou fatia torrada borrifada com vinho, ou qualquer outro corroborante, posto por fóra*, de que jà acima fallamos no Capitulo do regimento dos que tomaõ suores; & dem-se pela boca *talhadas de diarrhodaõ, ou de aromatico rosado, bebendo sobre ellas algum vinho cheyroso*. E no tempo do desmayo, de qualquer causa que proceda, se dê a cheyrar vinho, & se applique aos narizes qualquer cousa aromatica, porque pelo cheyro se restaurão as forças com mais brevidade, conforme Hippocrates. E juntamente para livrar o enfermo de desmayo, lhe puxaràõ levemente pelos dedos dos pès, & mãos.

E se a causa da fraqueza forem humores, que molestem a boca do estomago, que se conheceràõ pela mordicação, que nelle fazem, ou pelo perigo, ou en-

gulhos de vomitar, o que tudo acontece às vezes com ansias, & difficuldade na respiração, provocar-seha vomito, ou camara com qualquer medicamento lenitivo; como *xarope de rosas, & de violas, canafistula, & outros semelhantes*, como jà notamos, fallando das angustias do coração.

E se o enfermo padecer tremores de coração, curar-sehão do mesmo modo, que os desmayos procedidos da malicia do azougue, como jà advertimos.

Numero 14.

Como se acode à difficuldade da respiração.

A Difficuldade da respiração, conforme Galeno, humas vezes procede do uso adaucto, a saber, do demasiado calor do coração, outras de fraqueza da faculdade, que move os musculos do peyto, outras da lesaõ dos instrumentos, que a ella servem. Esta que sobrevem aos untados do azougue, procede de ordinario desta ultima causa, a saber de obstrucção das arterias asperas do bofe, que se faz da muyta copia do humor, que o azougue move à cabeça, & della corre às partes do peyto. He symptoma trabalhoso, por tanto se lhe deve acodir com muyta presteza *lavando logo o doente, & pondo-o em roupa limpa, & se lhe devem dar cozimentos peytoraes, & lambedores accommodados, que facilitem a materia para se evacuar por escarro*, pois não tem outro caminho, & para isto servem *lambedor de avenca, de alcaçuz, mel rosado coado, xarope de hyssopo, & de marroyos*; & se as materias forem muyto viscosas, misture-se a estes *oximel simplez*, & se forem mais difficultosas, *esquilitico*. E destes se và dando ao doente às colheres muytas vezes a miudo temperadamente quentes.

Faça-se tambem cozimento peytoral ordinario, & misture-se *a cada libra delle huma onça de mel rosado, outra de oximel, duas de lambedor de avenca, & desta mistura quente và tomando a tragos.* E serà bom misturar nestes cozimentos os alexipharmacos do azougue, principalmente os que tambem saõ peytoraes, *como hyssopo, ouregãos, & aypo*, & póde-se fazer hum cozimento deste modo: *Tomem passas de uvas limpas dos pès, & graulhos duas onças, maçãs da anafega numero doze, figos passados mais pingues numero nove, ameyxas passadas numero dezoyto, semente de erva-doce, & de salsa das hortas, de cada huma meya oytava, hyssopo, ouregãos, aypo, de cada hum meya onça, de tudo se faça cozimento secundùm artem, que fiquem tres quartilhos, & ajunte-se mel, alfenim, & açucar, de cada hum tres onças, com que ferva hum pouco, & se escume, & deste cozimento và bebendo de dia, & de noyte, à poucos, & a miudo.* Porèm note-se que se houver complicada febre, serà necessario diminuir as cousas quentes, & accrecentar algumas frias tambem peytoraes, *como cevada com a casca, ameyxas, sementes frias mayores, & flores cordeaes, em especial violas, & conserva dellas.*

He tambem necessario tratar de revellir o humor fluente, que se farà com ajudas acres, fregações de pernas, ventosas secas nellas, & que cheguem atè a cintura, naõ passando dahi para cima. E pelos narizes se provocarà tambem o humor para que se derive do peyto, & para isso *tomem tabaco, ou çumo de acelgas bravas, ou de raizes, ou pòs de elleboro branco.* E sobre tudo para acodir ao symptoma, & causa, he efficaz, & presentaneo remedio *tabaco de fumo*, como tenho por experiencia, & diz Monardes.

C. prop.

Numero 15.

Como se acode à febre aguda.

HE cousa, que tambem algumas vezes tenho visto sobrevir aos untados do mercurio. Acode-se a esta, sangrando as vezes que parecerem necessarias, & dandolhe cordeaes *de aguas destilladas*, *de almeyraõ*, *de azedas*, *de borragem, de lingua de vaca*, *& de chicoria*, *com pós de diamargaritaõ frio*, *confeyção de jacintos*, *triaga de esmeraldas*, *misturandolhe xarope rosado*, *de romã*, *de azedo de cidra*, *de limaõ*, *& acetoso*, & pode-se formar huma bebida desta maneyra: *Tomem agua de almeyrão, & de borragem, de cada huma sua libra, xarope de romã, & rosado, de cada hum sua onça, pòs de diamargaritaõ frio huma oytava, misture-se tudo*; de que o doente và bebendo muytas vezes a cada hora, que quizer, & ajunte-se èm tod s *ouro*, por alexipharmaco do azougue.

Dar sehaõ a beber, *agua de cevada*, *& tisanas della*, *ou amendoadas de pevides de melão*, *& de abobora*, *& dormideyras*, se forem necessarias para o sono; & lançarlhehaõ ajudas refrigerantes, que chamaõ *de ameijoada*, *feytas de cozimento de cevada*, *ameyxas passadas*, *malvas*, *& violas*, *temperando-as com azeyte rosado*, *ou violado*, *& assucar*, accrescentando algumas vezes *meya onça de polpa de canafistula*, sendo tambem necessario, para provocar camara: & continuando a febre, dese ao enfermo *soro de leyte de cabras*, porque além de temperar o calor, emenda os danos do azougue, & remitte a mà qualidade delle.

Na materia da sangria se advirta, que algumas vezes succedem agastarem-se os doentes com ellas, & sobreviremlhe grandes angustias de coraçaõ, cuja causa naõ he outra, senaõ porque a elle se retrahe a venenosidade do mercurio, ou chamando-a da circunferencia para o centro, ou das partes inferiores para as superiores. No qual caso me tem mostrado a experiencia serem proveytosas às sangrias dos pés, porque além de remediarem a febre, revellem, & desviaõ a materia venenosa do coraçaõ, & das partes principaes. E he a razaõ, além de outras, porque às vezes aproveytaõ em febres malignas.

Numero 16.

Como se remedea a dor de estomago, & tripas.

HE este hum dos symptomas, que aos untados succede, & naõ he de espantar, porque conforme Dioscorides, faz o azougue os mesmos symptomas que o lithargirio, entre os quaes o principal, conforme o mesmo Dioscorides, he o presente de que tratamos. Remedea-se bebendo muyto leyte, & vomitando. E porque nos untados he a principal causa destas dores humor acre, & mordaz, que o azougue move àquellas partes, estando a dor mais no estomago, convem mais vomitar, dando para isso *agua morna com assucar*, *ou quatro onças de lambedor violado*, *ou de xarope acetoso*; estando nas tripas convem ajudas, que evacuem, & temperem, as quaes se faràõ *de caldo de galinha com azeyte rosado, ou violado*, *meya onça de polpa de canafistula*, *duas onças de xarope de nove infusoens de rosas Persicas*, *tudo misturado.*

E por fóra se fomente *com oleo rosado*, *& de amendoas doces*, *partes iguaes*; ou se faça fomentaçaõ *de cozimento de malvas*, *& violas*, *feyto em vinho*, *& agua*, *& metido em huma bexiga*. E se tudo naõ bastar, faça-se evacuaçaõ destas partes com algum linitivo, dos que jà dissémos neste Capitulo; & se com tudo as dores perseverarem, he certo conservalos a fluxaõ dos humores, que de todo o corpo se

movem

movem para aquellas partes, & aſſim he neceſſario que o doente ſe ſangre nos braços, & tambem nos pés, ſe as dores inclinarem abayxo, conforme a doutrina de Galeno.

Lib. de ſang. mit. cap. 18. & ſæp. 4. alibi.

Numero 17.

Como ſe acode às camaras demaſiadas, & dyſenterias.

MUytas vezes move o mercurio a evacuaçaõ dos humores por camara, as quaes ſe naõ devem impedir ſenaõ quando forem tantas, que ponhaõ o doente em perigo, ou quando forem de ſangue, & com dores intoleraveis. Sendo pois de qualquer deſtes modos, acodirſeha com ajudas lavativas, que poſſaõ obtundir a acrimonia do humor, temperar o demaſiado calor delle, & defender as tripas que ſe naõ alterem. E para iſſo ſe faraõ *de agua de cevada, & aſſucar em pó, ou roſado, & hum ovo batido com clara, & gema.* Ou ſe lancem ajudas *de leyte ferrado, miſturandolhe hum pequeno de aſſucar, ou de caldo de gallinha com aſſucar roſado, & ovo, ou miſturando o caldo com agua de cevada.* E ſendo camaras de ſangue com dores, que moſtrem haver chagas nas tripas, miſture-ſe neſtas ajudas, *ſevo de cabrito, ou de bode lavado cinco, ou ſeis vezes em agua roſada, ou ſevo de veado, & çumo de tanchagem*; ou lhe miſture *muyta quantidade de banha de porco*, como aconſelha Pareu, porque obtunde a acrimonia do azougue.

Lib. 18. cap. 1.

E ſe com tudo ſe naõ moderarem, & o ſangue, & dores forem demaſiadas, ponha-ſe logo o doente em roupa limpa; & ſe ainda forem tantas que ameacem perigo, lave-ſe; & ſe nem com iſſo aquietarem, he neceſſario recorrer aos remedios mayores, *& ſe deve ſangrar o enfermo, & tomar os pós dos mirabolanos torrados, atè ſerem negros como carvaõ*, (porque naõ ſendo aſſim movem mais camaras) *& depois lavados em agua de tanchagem, & delles aſſim preparados ſe dè ao doente huma, ou duas oytavas, com huma onça de xarope de roſas ſecas, ou de murtinhos, miſturados com duas, ou tres onças de agua de tanchagem, ou de pés de roſas, ou de beldroegas*: o que ſe tomarà tudo de huma vez pela manhã, & ſe naõ baſtar, repita-ſe mais vezes. E depois continuem alguns dias *com oytava, & meya de trociſcos de charabe cada manhã, miſturados com duas, ou tres onças das ditas aguas, & huma onça dos meſmos xaropes*; ou ſe lhe dè *triaga nova desfeyta em leyte*, como enſina Pareu. E ſe com tudo naõ aplacarem as camaras, & dores, & puzerem o doente em perigo, deve-ſelhe dar *meya oytava de Filonio Perſico*, & naõ baſtando, accreſcenteſe atè chegar a huma oytava & meya.

Loc. cit.

E naõ aliviando o doente he ſinal que eſtà o azougue dentro do corpo, & que move as camaras, & he neceſſario dar os alexipharmacos, que neſte caſo pódem ſer, *leyte ferrado com ouro, dado a beber, & lançado por ajudas, & dar ao enfermo pós de ouro limado, dez, ou doze grãos de cada vez, ou miſturemlhe pães de ouro no que come, & bebe.* A agua que beber *ſeja ferrada com ouro, ou pelo menos com ferro*, & por fóra tambem ſe lhe faça fomentaçaõ *com oleo de marmellos, roſado, omphacino, de loſna, ou de almecega*, lançando com os oleos *pós de çumagre, ou de murtinhos, ou de roſas, & coral.* E finalmente far-ſeha tudo o que convem às curas das diarrheas, & dyſenterias,

E para que alguem ſe naõ engane lendo Pedro de Torres, advirto que eſte Author jà por opiniaõ de Botallo, manda que havendo camaras, ſe dè huma boa purga, que evacue tudo junto, a qual pratica he muy perigoſa, & prejudicial; como ſe colhe de Galeno, jà acima allegado, & daquelle proverbio que ſe attribue a Avicena, que tambem allegàmos: *Solvere ventrem ſupra ventris ſolutionem maximè, &c.* E poſto que alguns modernos tiveraõ eſta opiniaõ de purgar,

1. ad Glac. c. 14.

purgar em camaras: o contrario eſtà hoje em pratica, confirmada com a razaõ, & experiencia.

Numero 18.

Como ſe acudirà à ſuppreſſaõ da camara, & ourina.

SE o uſo do azougue conſtipar o ventre, convem provocar camara com ajudas communas, ou dar ao enfermo qualquer mollificante, *como ameyxas paſſadas, malvas ou borragens cozidas*, & outros deſta natureza.

E ſupprimindo-ſe a ourina, diz o Conciliador que ſe meta o enfermo *em banhos de agua quente, & depois de ſahir ſe lhe ponha ſobre a bexiga huma eſponja, ou pano dobrado, embebidos em cozimento de zimbro, & de ſemente de aypo*, applicando-ſe muytas vezes, & ſe dè a beber *vinho bom puro, em que tenha fervido raiz de junça*, & ſe unte a bexiga, & mais partes bayxas *com oleo de ruda, & de zimbro*, & ſe dè a beber *cóſto*, que conforme diz, he o verdadeyro *bezoartico do azougue*. Tambem ſerá conveniente, *uſar de ajudas feytas de alfavaca de cobra, ortigas mortas, & cabeça, ou carne de carneyro gordo*, & applicarſe ſobre a bexiga *alfavaca de cobra, frita com unto de porco, & azeyte, & hum ovo batido*, que fique à modo de huma filhò; & ſe iſto naõ baſtar, *unte-ſe com oleo de alacraes.*

Lib. 6. de vent. c. 5.

E ſe houver mais outro algum ſymptoma fóra dos que aqui referimos, ſe remediarà conforme ſua natureza, porque ſe naõ pòde tratar de todos por extenſo. E jà vou ſendo proluxo neſtes, mas poſſo ter deſculpa por ſerem ordinarios, & andar a cura do morbo gallico em mãos de muytos, que naõ ſaõ Medicos, & de outros menos experimentados, que podem duvidar do que ſe devè fazer: & advirta-ſe, que a qualquer ſymptoma a que ſe acuda, ſerà acertado miſturar os alexipharmacos proprios do azougue, de que tenho feyto mençaõ neſte Capitulo.

Numero 19.

Como ſe ha de fazer ficando o azougue no corpo.

COuſa he que às vezes ſuccede, como nota Petronio, poſto que naõ dà os ſinaes por onde ſe conheça. Porèm o que me parece he, que naõ ceſſarà a evacuaçaõ do cuſpo, creſceràõ as chagas da boca, ou pelo menos naõ ſararáõ as que havia, & com iſto haverá ancias de coraçaõ, dores de eſtomago, & tripas, camaras de ſangue, ou ſem elle, & algumas vezes ha febre, & magreyra; porque, conforme Nicolao Maſſa, he eſte hum dos danos que o azougue faz. E haverá outros ſemelhantes ſymptomas; porèm naõ he neceſſario que os haja todos.

Lib. 6. de morb. gal cap. 17.

Tract. 4.

Conſtando pois pelos ditos ſinaes ficar no corpo o azougue, trataremos de o lançar fóra, & de extinguir a ſua mà qualidade. E primeyramente, *ſe lavarà o doente muyto bem com decoada de cinza, & miolo de paõ, como jà acima fica dito, & darſe-haõ meya duzia de ſuores de ſalſa, ou pao*, para ver ſe he poſſivel expelillo a natureza pelos caminhos, por onde entrou, & para iſſo ſe applicarà muita ventoſa ſeca por todo o corpo. E tãbem para eſte effeito ſaõ efficazes os banhos das caldas, conforme diz Zacuto Luſitano, & quãdo ſe naõ poſſa expurgar pelo ambito delle, darſeha algum medicamento purgativo, miſturandolhe folhas de ouro, ou o meſmo ouro moido, porque he attractivo do azougue, como denota Daniel Senerto; & tambem ſe pòde dar ſó por ſi. E convem applicar todos os mais alexipharmacos do azougue, a ſaber, o leyte cõſto, & os mais que referimos neſte Capitulo, em eſpecial quando fallamos dos deſmayos, àlem dos quaes ſe applicaràõ

Lib. 8. hiſt. c. 1. Lib. 6 de luc. ven.

rão os alexipharmacos *do lithargirio*, ordenando-o assim Dioscorides, quaes são *myrrha, semente de perrexil, pimenta, flor de ligustro, qualquer destes bebidos com vinho, & o esterco seco das pombas sylvestres bebido tambem em vinho juntamente com o Nardo.*

Lib.6. c. 27.& 28.

E diz Zacuto, que ficando a certo Principe de humas unturas, que tomàra, o azougue dentro do corpo, causando-lhe graves accidentes, & consultando-se o remedio delles, depois de varios votos, sahio por ultimo conselho da junta, que se fizesse *huma pirola de pò de ouro moido, & se desse ao enfermo, & que cobrissem todo o corpo de folhas de ouro triplicadas, tendo-o primeyro untado com tragacanto, ou goma Arabia para pegarem*; com que logo melhorou, & nas folhas de ouro se via manifestamente o azougue, que ellas a si attrahirão. Accrecenta o Author, que he excellente remedio meter o enfermo debayxo de hum pavelhaõ, & defumalo com certa palha, que ha no Perù, a que vulgarmente chamão *Joho*, a qual he taõ efficaz, que o fogo della derrete com facilidade os metaes, quando os alimpaõ do azougue; cousa que naõ pòde fazer outro mayor fogo de outra lenha, como tambem o refere de Plinio, & assim tem o fumo della grande efficacia em tirar o azougue do corpo. Porèm Plinio naõ diz que se derrete com esta especie de palha, senaõ absolutamente com palha, de que se deve entender a ordinaria; & por ventura, que tambem esta sirva para extrahir do corpo azougue, porque do fogo della, diz Galeno, que he accommodado para ajuntar o ouro; por onde me parece, que tambem servirà o fumo della para extrahir do corpo o azougue, assim como esta do Perù.

In prax adm.obs. 117.

Obs.18.

Lib.33. cap.3.

Adrens. lic.c.5.

He tambem remedio para o lançar fóra, fazer muyto exercicio, como diz Petronio, continuando com elle muytos dias com tanta vehemencia, que chegue a suar, porque deste modo o lançaõ fóra os douradores, & outros artifices, que delle usaõ, como a experiencia mostra, & testifica o mesmo Author, o qual tambem encomenda que naõ se chegue o doente ao fogo, & deve ser a causa, porque com o calor delle se poderà actuar mais o do azougue, dividirse, & penetrar mais pelas partes solidas.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

NAõ estar o corpo bem evacuado. *Na cura do azougue sobrevem muytas vezes taõ graves danos, que poem os doentes em mayor perigo, do que tinhaõ nos seus achaques, no que se naõ ha de culpar o azougue, senaõ o modo com que se prepara, & a arte com que se usa. Bem se sabe que o azougue das panaceas de que se usa, he hum veneno domado, & que se naõ se doma bem, se naõ dulcifica bem, se naõ he bem correcto, primeyro que os doentes reconheçaõ os emolumentos, que esperaõ da sua virtude alexipharmaca, experimentaõ os perniciosos effeytos da sua qualidade venefica; o que succede tambem quando o corpo se naõ prepara exactamente antes de chegar ao uso do azougue; & esta he a causa mais ordinaria das infelicidades que com elle acontecem; porque o azougue naõ deyxa parte a que naõ penetre; inquieta os humores, & move-os aos vasos salivaes, & a outras varias partes; & se os humores saõ muytos, depois de movidos, & inquietos com o orgulho do azougue, excitaõ os danos gravissimos, que se pódem evitar preparando exactissimamente o corpo com repetidas evacuações; principalmente se se houverem de tomar unturas; que jà quando se toma o mercurio pela boca, como he medicamento solutivo, cada dia se vaõ purgando pelo ventre os humores,*

desorte

desorte que quando vay jà sendo muyto o azougue nas exhibições repetidas, apenas move huma leve salivação, & assim com admiravel suavidade se faz esta efficacissima cura sem susto de quem a administra, & sem dano de quem a celebra. Por isto, Senhores, o que importa na cura do azougue, he que se prepare exactamente o corpo, & que se use com prudencia do azougue bem domado.

Ao arbitrio dos ministros. *Esta he outra causa das disgraças, que succedem na cura do azougue: deyxar à discrição das pessoas que daõ unturas, a eleyção dos unguentos, o modo de applicallos, & finalmente toda a direcção da cura; sendo que quem dà estas unturas, ou saõ humas mulheres ignorantes, ou huns homens taõ doutos como ellas; q̃ a gente do vulgo tem arrogado a si esta cura, assim como a da tinha, da espinhella, & do quebranto, achaques em que jà os Medicos, & Cirurgiões se naõ consultaõ. E em quanto à cura do azougue, culpamos muyto aos Medicos, ou Cirurgiões, que feytas as preparações necessarias, entregaõ os seus doentes ao arbitrio de quem lhes ha de dar as unturas; para que elle busque o unguento que quizer, da botica que lhe parecer; para que faça as fregações, ou unturas, na hora que for servido; para que resolva se haõ de ser brandas, se fortes as unturas; & para que as continue, ou suspenda pela sua determinação; sendo que às vezes por huma untura mais, póde succeder huma infelicidade, que se naõ sayba remediar. Isto naõ ha de ser assim: hade receytar o unguento quem manda tomar as unturas; ha de limitar a quantidade delle; ha de assinar as horas em que deve applicar-se; & ha de ver todos os dias o doente, para resolver se se haõ de continuar, ou suspender as unturas, & para acodir promptamente a algum dano que sobrevenha; que desta maneyra rarissimas vezes succederà disgraça alguma na administração das unturas. Mas nem sempre devem culparse os Medicos, & Cirurgiões; porque a mesma gente do vulgo se entrega às barbaras applicações dos embusteyros, que se intrometem a reger as curas, & avariar de remedios no curso dellas, de que resultaõ mil infortunios. Diga-o aquelle lastimoso caso, que referimos no fim do Tratado que escrevemos do uso do azougue; & digaõ-no os miseraveis enfermos, que de fiarem a sua saude destes impostores, colhem sómente o fruto do arrependimento.*

Numero 2.

SE sangre. *Nas inflammações da garganta que obrigaõ a sangria, ha de fazerse no braço; & logo se ha de lavar o doente, & porse em roupa limpa; porque em queyxas de garganta, naõ ha que descuydar, pelo perigo de suffocação.*

Purga. *O purgar nestas inflammações he jà caso mais duvidoso, principalmente havendo febre aguda, que às vezes as acompanha. Muyto melhor serà dar os antidotos do azougue, & usar de ajudas purgativas; & quando isto naõ baste, se a febre, & inflammação com as sangrias estiverem mais remissas, entaõ se pòde usar de medicamento purgante, como o Author aconselha.*

Numero 5.

MEdicamento purgativo. *Naõ louvamos a praxe de purgar quando o tialismo, ou salivação he copiosa: porque tememos que perturbado o movimento do azougue, & dos humores que elle inquieta, & encaminha pelos vasos salivaes, cayaõ os taes humores no peyto, & suffoquem o doente, como huma vez observamos, por se usar de medicamento solutivo, quando o azougue tinha movido, & estava actualmente movendo a sua salivação. Parecenos melhor insistir com os antidotos do azougue, para lhe retundir a malicia, & lhe infringir o orgulho com que inquieta os hu-*

mores; dando para isto a beber muyto leyte, com que promptamente temos acodido algumas vezes em salivações mercuriaes muy proluxas, & em tialismos de outras causas.

Numero 7.

ABalarem-se. *Naõ nos lembra, que curando a alguem com azougue se lhe abalassem, & descompuzessem os dentes; o que dizemos, porque póde chegar este livro às mãos de algum gallicado, que necessite desta cura, & a naõ admitta com o temor de perder os dentes. Naõ duvidamos que administrando-se mal o azougue, ou dando-se mal preparado, faça naõ só o dano de abalar os dentes, mas outros incommodos mais graves; porèm untando-se com boa preparaçaõ, & com prudencia, sem reluzir offensa se celebra a cura.*

Numero 10.

MEdicinas adstringentes. *Os que lançarem escarros de sangue curando-se com azougue, logo, logo se devem limpar delle, se o tiverem usado em unturas; & tratar de beber leyte de cabra, com cristal preparado, & com ouro, que saõ bons remedios para retundir a malicia do azougue, & para acodir ao dano do sangue. Para este vedar, póde ser bom remedio o seguinte:*

Tomem tres onças de çumo de tanchagem, huma oytava de pós sutilissimos de pedra hematites, quatro grãos de alcanfor; misture-se, & beba-se tudo de huma vez.

Ou se use deste remedio:

Tomem de pòs de bolo armenio, & de pedra hematites, de cada cousa huma oytava, de çumo de ortigas seis onças, de laudano opiado tres grãos; misture-se, & beba-se de duas vezes.

Ou se faça este:

Tomem huma libra de agua de beldroegas, duas oytavas de cristal preparado, huma oytava de pò sutilissimo de pedra hematites; misture-se. De cada vez tomaràõ tres onças, bem revolto tudo primeyro.

Numero 12.

ANgustias de coraçaõ. *Succede muytas vezes que os humores que o azougue move, se encaminhe ao estomago, & façaõ ancias, & affliçoes, com que se naõ pòde continuar a cura; o que principalmente acontece quando naõ tem havido exactas evacuaçoes antees de chegar ao azouge. Neste caso he conveniente tomar logo hum vomitorio, ou purgar com medicamento alviduco: porque evacuando-se os humores do estomago, cessaõ as ancias, & prosegue-se a cura. E por nenhum modo nos parece conveniente o sangrar neste caso, como o Author aconselha, quando por algum obstaculo se naõ possa dar medicamento purgante, porque além de que a sangria naõ he bom substituto da purga, ou seja do pè, ou do braço, neste caso pòde fazer a sangria mayor dano, retrahindo para dentro das veas os humores que occupaõ o estomago, como o mesmo Author adverte.*

Numero 13.

DEstillado de carne. *Para acodir aos desmayos daquelles que por debilitados os padecem, aconselha o Author caldos destillados de carne de galinha, & capaõ, cuydando, que estas destilaçoens tem virtude restaurativa, & mais alimenticia, do que os caldos das mesmas carnes; no que sem duvida se engana: porque nas destillaçoes das carnes, o que he subtil, & volatil, gasta-o o fogo; o que he fixo, & solido, em que consiste a virtude restaurante, fica nas mesmas carnes, o que passa, & dellas se destilla, he huma humidade aquosa, pouco alimenticia; & por isto alguns Authores de boa nota reprovaõ grandemente estas destillaçoens; hum dos quaes he Mundella, 1. que fallando neste negocio, reprehende asperamente aquelles Medicos, que daõ aos seus doentes*

1. Mund. epist. 32.

tes aguas destiladas de carnes, em que não considera a virtude que lhe sirva de utilidade. Estas as suas palavras: Reprehendendos & illos pariter esse non leviter existimo, qui ægrotantibus magno in vitæ discrimine existentibus aquam carnium destillatarum exhibent. *O mesmo escreve Garcia Lopes 2. segundo a Cardano, entendendo, que o fogo nas destillações dissipa as partes succulentas, & substanciaes das carnes que se destillaõ*: Quod tamen (*diz elle*) ad aquam carnis attinet, quæ igne per alambicum exprimitur, & destilatur, quâ vulgares utuntur Medici, & Cardano etiam reprodatur: ego illam etiam minimè laudo; quòd subtilis, & succulenta carnis pars, quam substantialem dicunt, igne exhausta est; redditaque deterior quàm sit ipsa caro, si contundatur. *Os caldos bem restaurantes, saõ os que se fazem de gallinha, perdiz, capaõ, & vitella; cozendo estas carnes bem, & espremendo-as, & lançando no caldo humas gemas de ovos, & humas colheres de vinho.*

2. Garc. Lop. com. de var. rei med. lect. cap. 20.

Numero 14.

MUyto viscosas. *Se os humores que occupaõ as asperas arterias do bofe, & difficultaõ a respiraçaõ, forem viscidos, & crassos, darse-ha nos lambedores esperma ceti, & espirito de ferrugem, ou espirito de sal armoniaco, ou licor de ponta de Veado succinado; porque estas cousas tem grande virtude para dissolver, & descoagular as materias crassas, & viscidas; póde-se receytar desta maneyra:*

Tomem de oxymel simplez seis onças, de esperma ceti meya oytava, de licor de ponta de veado succinado hum escropulo; misturem-se. Toma-se às colheres.

A tintura do cerofolio, & das flores chamadas perpetuas, tambem tem grande virtude para volatizar, & dissolver os humores de textura crassa, & viscosa; & nestas tinturas se pódem tomar os ditos espiritos, & licores dissolventes deste modo:

Tomem de tintura de cerefolio seis onças, de esperma ceti hum escropulo, de espirito de errugem huma oytava, misturem-se. Toma-se de cada vez huma onça, & repete-se cada quatro horas.

Numero 15.

COrdeaes. *Nas febres agudas, que sobrevem na cura do azougue, se usa de cordeaes com que o incendio febril se tempere, & a inquietaçaõ do azougue se modifique; naõ serà porèm na fórma que o Author os receyta, misturando pós de diamargaritaõ com azedos de cidra, & romã; porque os acidos com os alcalicos naõ fazem cessar o fervor da febre; mas antes excitaõ entre si novas fermentações, & vem a ficar inuteis pela mistura, aquelles remedios, que separados puderaõ ser proficuos. E por isto se naõ devem misturar pós de coral, de aljofar, de olhos de caranguejos, de cristal, nem de qualquer outra cousa, que seja taõ porosa, & tenha fórma, & virtude alcalica, & absorvente, com oleo de vitriolo, de enxofre, ou com qualquer outro azedo: porque os acidos se metem pelos póros dos alcalicos, & huns, & outros ficaõ sem virtude medicinal.*

Numero 16.

LEyte. *O leyte he insigne remedio de todas as dores que procedem de acidos pungentes, & irritantes; porque com as partes untuosas que tem, retunde, & quebra aquelles espiculos, ou particulas acres que excitaõ as dores. E nas que sobrevem aos gallicados no estomago, & ventre, ou sejaõ causadas do azougue, ou do acido venereo dos humores infectos com o gallico que para aquellas partes se moveraõ: sempre o leyte he grande remedio dellas; mas ha de ser leyte de cabra, que tem mais partes butyrosas, & anodinas, que o leyte de burra.*

Vomitando. *Antes de dar leyte para remedio destas dores, serà muyto melhor, que o doente tome seis, ou oyto grãos de tartaro emetico, ou qualquer outro vomitorio anti-*

antimonial, para que promptamente vomite alguma porçaõ dos humores, que offendem o estomago; o que se naõ faz taõ bem com agua morna, nem com vomitorios deste genero.

Ajudas. *As melhores ajudas para estas dores saõ as de leyte de vaca com gema de ovo, & açucar branco. Naõ havendo leyte de vaca, que preferimos aos outros, por razaõ de ter mais manteyga, lancem-se de leyte de cabras, & faltando este, do que estiver mais prompto. Porque se a causa das dores do ventre he a mesma que a das dores do estomago; parece que se nesta parte se remedeaõ com muyto leyte tomado pela boca, como diz o Author, que tambem no ventre se haõ de remediar com muyto leyte tomado por ajudas, nas quaes se pódem lançar quatro, ou seis grãos de laudeno opiado.*

Se fomente *Naõ aconselhamos que nestas dores se faça as fomentaçoes com cozimentos preparados em vinho, senaõ que se use de panos molhados em leyte morno; & se o leyte tiver fervido com flores de sabugo, & macella, semẽte de meymendro, & cabeças de dormideyras brãcas, será muyto melhor; tratando finalmẽte estas dores como hũa colica convulsiva, de que escrevemos largamente na nossa Medicina Lusitana; advertindo, que na fereza da dor, naõ aproveytando outros remedios, he preciso valer dos narcoticos, dando dous grãos de laudano opiado, bem desfeyto em huma amendoada de pevides de melaõ, & melancia, ou oyto pingas de laudano liquido.*

Numero 17.

POr camara. *Succede muytas vezes que tomando unturas de azougue, sobrevenhaõ diarrheas profusissimas, & que passem a dysenterias: porque a corrosividade dos humores exulcera os intestinos, & chegaõ os doentes a perder a vida, se estes danos se naõ remedeaõ. Nesta Corte, em que pela atrevida ignorancia de Cirurgiões idiotas, & pela simplez barbaridade da gente plebea, acontecem cada dia estupendissimos casos; succedeo naõ ha muytos annos, q̃ hum Cirurgiaõ desta categoria intentasse curar hum gallicado com azougue, concertando-se em certa porçaõ, que logo de entrada recebeo. Nas primeiras exhibições do mercurio, que tomava pela boca, soltou-se o ventre com taõ profusos, & precipitados cursos, que o enfermo entrou em ancias de morte. Nestes termos fomos ver este homem, que por instantes estava sincopizando; porque aquella evacuaçaõ taõ arrebatada, lhe tinha dessipado os espiritos, & as forças, que não podia resarcir com o alimento, porque tudo quanto comia, & bebia, lançava pelo ventre antes de haver cozimento. O caso foy, que o Cirurgiaõ lhe havia dado azougue preparado por suas mãos; & ou por muyto, ou por mal correcto, logo no segundo dia causou os referidos incommodos, de que dentro de dous mezes livrou por industria nossa, tomando muyto ouro em pò, em pirolas, & em folhas, não só pela boca, mas por ajudas, preparando-se estas de leyte, com gema, & clara de ovo, pós de coral, de cristal, & de ouro; no que não havia defficuldade, por estar tão patente a via escrementicia, que se lhe lançavaõ as ajudas sem violẽcia. Quando o estomago foy retendo algum alimento, démoslhe muytos dias leyte de vaca com ouro, & pó de cristal preparado, com que pode evadir de tamanho perigo. O que quizemos referir, para que lendo este caso os Cirurgiões pouco exercitados, sejaõ menos atrevidos em dar azougue, por naõ excitar semelhantes danos.*

Os cursos que sobrevem na cura do azougue, ou procedem de ser este mal preparado; ou de se haver tomado muyto; ou tem por causa a multidão; ou prava qualidade dos humores, que o azougue move. Conhece se que o azougue he mal cicurado, porque logo nos primeyros dias mostra os effeytos da sua braveza, nos danos q̃ causa. Conhece-se que se tem tomado muyto, ou pelas muytas vezes que se repetio, ou pela quãtidade que em

cada vez se tomou. Se os humores por acres, & corrosivos saõ causa dos cursos, conhece-se, porque os cursos saõ pequenos, fazem dor aguda, & puxos. Se por muytos excitarem este dano, conhecerseha porque seraõ as dejecções copiosas, & terà havido poucas evacuaçoes antes do azougue. Quando este por muyto, ou por mal domado for causa das diarrheas, ou dysenterias, usarsehaõ os seus antidotos, dos quaes saõ os mais genuinos o ouro, o crystal, & o leyte. Se a acrimonia dos humores excitar estes males, acodirse-ha com leyte de cabra ferrado, tomando-o com meya oytava de pòs de crystal, olhos de caranguejos, & coral vermelho, tudo bem preparado; & com ajudas de leyte de vaca com ovo, & assucar. E se os humores por muytos forem causa da diarrhea, he preciso tomar logo hum vomitorio, para diminuir a causa antecedente dos cursos, evacuando-a com movimento revulsivo, com que muytas vezes se curaõ brevemente as diarrheas, & dysenterias; sobre o que se veja o que dissemos na nossa Medicina Lusitana, na cura destes males.

Triaga nova. *Huma das razões porque nestas camaras se applica a triaga nova, he por estar em seu vigor o opio que entra na sua composiçaõ, a cuja virtude narcotica se suspendem os cursos. Mas para isto he muyto melhor usar do laudano opiado, ou solido, ou liquido; aquelle na quantidade de dous grãos; este na quantidade de sete, ou oyto pingas, tomando-o em alguma amendoada, ou em qualquer licor que se receyte para os cursos, huma, ou duas vezes no dia. Reparamos em que o Author naõ aconselha laudano opiado, naõ só neste caso, mas em outros muytos em que podia ter lugar; valendo-se do Phylonio Persico, sendo que he muyto melhor qualquer dos ditos dous laudanos, que qualquer outro remedio antigo, em cuja composiçaõ o opio entre.*

Ferrada com outro. *A agua ferrada com ouro vemos usar cada dia para remedio de muytas enfermidades; sendo que o ouro nenhuma virtude larga na agua quando se ferra; porque naõ he metal de que com facilidade se tire alguma virtude medicinal das muytas que em si contèm; sobre o que se veja o que escrevemos na nossa Medicina Lusitana, na cura das diarrheas de causa quente; aonde dissemos a razaõ porque póde ser util aos camarentos a agua ferrada com ouro.*

Purga. *Estranha muyto o Author a doutrina de Pedro de Torres quando diz, que se purguem os que tiverem camaras, temendo esta evacuaçaõ sobre a dos cursos, que se pódem precipitar com ella de maneyra, que nunca se cheguem a suspender. Mas isto parece mais puerilidade de hum principiante, que documento de hum Mestre douto, & de hum Medico provecto. Que novidade faz o purgar em camaras, ou de diarrhea, ou de dysenteria? Isto aconselhaõ communmente os Praticos; preferindo huns os vomitorios, pela razaõ de revelirem por vomito parte dos humores, que se haviaõ de encaminhar ao ventre; outros usando de purgas alviduéas, & adstringentes, preparadas de ruybarbo, & mirabolanos, para purgar corroborando. E he mais para estranhar no Author a novidade do remedio, do que em quem o usa a deliberaçaõ com que o applica.*

Numero 18.

SE isto naõ bastar. *Propoem o Author varios remedios para facilitar o exito da ourina por causa do azougue suppressa; & diz, que naõ bastando elles, se use de oleo de alacràes. O remedio seguinte he de mayor efficacia:*

Tomem duas oytavas de pao nephritico feyto em bocadinhos, lance-se em tres quartilhos de agua, ferva atè gastar hum quartilho; entaõ ajuntemlhe duas duzias de frutos de alquequenges, huma duzia de baga de zimbro machucada; ferva atè gastar meyo quartilho; tire-se do lume, & coe-se.

Deste cozimento tomaràõ cinco onças, & repetindo-o cada seis horas, he de esperar, que

que promova a evacuação da ourina; quando aſſim naõ ſucceda, façaõ-ſe outros remedios dos muytos que os Authores trazem, de que nòs fizemos huma copioſa ſylva na noſſa Medicina Luſitana tratando da ſuppreſſaõ da ourina, aonde ſe pòde ver.

Numero 19.

ALexipharmacos do azougue. *Entre os alexipharmacos do azougue tem o primeyro lugar o ouro, porque o attrahe a ſi de maneyra, que fica da ſua meſma cor; & para o tirar do corpo depois da cura, naõ ha remedio como tomar muytos pães de ouro varias vezes no dia; porque attrahindo a ſi o azougue, vay ſahindo pelo ventre nas meſmas folhas do ouro. Tambem o cryſtal he potente alexipharmaco do azougue, ſegundo eſcreve Jacob Conſtant de Rebecque, Author Francez, no ſeu* Apothichaire Caritable fol.35. *aonde affirma que o cryſtal remedea em hum momento os danos que o azougue cauſa. Eſtas as ſuas palavras:* Il. *(falla do criſtal)* querit en un moment ceux qui ont avalè du mercure. *E por iſto ſe pòde tomar hum quartilho de leyte com huma oytava de criſtal montano preparado, de manhã, & de tarde.*

CAPITULO XXVIII.

Emplaſtos, & cerotos de azougue para curar morbo gallico.

Numero 1.

APplica-ſe tambem o azougue em *cerotos*, ou emplaſtos, que naõ differem mais huns dos outros, que em ſerem os emplaſtos mais ſolidos. Eſte modo de cura he mais limpo, & pòde-ſe fazer com menos reſguardo do ar, & por tanto convem mais a peſſoas occupadas, a que os negocios naõ daõ lugar a ſe recolherem. Fazem os emplaſtos os meſmos effeytos, que as unturas, movendo os humores, principalmente à boca, & às vezes tambem por camara, & ourina. Pelo que ſe deve conſiderar na applicaçaõ delles os indicantes, & prohibentes, de que tratamos, & ſe deve acodir aos ſymptomas, conforme tambem eſtà dito, & deve o enfermo entrar neſta cura tendo o corpo bem evacuado, aſſim nem mais, nem menos, como ſe houvera de preparar para as unturas; & terà o mais regimento dellas, excepto que naõ he neceſſario eſtar taõ recolhido, como jà diſſemos, ſalvo ſendo a evacuaçaõ muyta, ou excitando-ſe ſymptomas taõ grandes, que o obriguem a eſtar de cama.

Os lugares a que ſe applicaõ, ſaõ as doze juntas ditas nas unturas, tirando as dos quadris, a que por naõ ſe poderem atar commodamente, ſe naõ podem bem applicar, ſalvo os emplaſtos forem de qualidade que tenazmente peguem. Os que ſe applicarem *às munhecas, cotovelos, & artelhos ſeraõ quatro dedos de largura, mais, ou menos, conforme a porporçaõ do corpo do enfermo. E os dos joelhos, & hombros cinco, os dos quadris ſeis. E de comprimento tanto, que baſte para cingir a parte,* excepto a do quadril, que naõ ſe cinge, & deve ſer redondo, ou quaſi.

Quando ſe applicarem, esfregarſe-ha primeyro muyto bem a parte com a palma da maõ, para que com aquelle calor melhor ſe actue o medicamento, & ſe naõ houver comichaõ, ou ſemelhante ſymptoma, que obrigue a que ſe tire, ſe deyxaràõ eſtar atè que a boca rebente; o que acontece em cinco, ou ſeis dias às naturezas temperadas, ſendo mediocre a quantidade do azougue dos emplaſtos: em mais dias às naturezas fleumaticas, & melancholicas, ou ſendo menor a dita quantidade: em menos às ſanguineas, & cholericas, ou ſendo o azougue mais.

Reben-

Rebentando a boca, se importar ao doente sahir de casa, tirem-se logo os emplastos, porque naõ desenfree a fluxaõ, & cause taes symptomas, que impida sahir a seus negocios. E procedendo a evacuaçaõ bastantemente, naõ se lhe tornem a applicar; & naõ sendo bastante, se lhe applicaràõ outras vezes atè parecer que tem evacuado todo o que he necessario, & que a mà qualidade gallica està de todo extincta, que se conhecerà, por se extinguirem todos os symptomas gallicos. Porèm se naõ importar sahir o doente, naõ se tiraràõ os emplastos atè que rebente muyto a boca, & gingivas, & haja notavel evacuaçaõ de cuspo, & baba, & como houver tudo isto, se tirem, & sendo necessario se tornaràõ a applicar tantas vezes atè que o doente esteja saõ.

E se applicados os emplastos se naõ seguir a evacuaçaõ da boca, nem outra, das que o azougue costuma mover, poderá ser a causa ser o azougue pouco, ou o emplasto demasiadamente velho, no qual caso convem accrescentar a quantidade do azougue, ou tirar os emplastos, & nos lugares delles dar humas unturas do mesmo mercurio, & tornalos a pôr sobre ellas, como aconselha Antonio Chalmeteu Vegessaco. Lib. de morb. gal cap. 6.

E sobrevindo comichaõ, que obrigue a tiralos, convem fomentar os lugares *com vinho branco cozido com rosas, malvas, & erva molarinha, labaças, & semelhantes*. E sobrevindo tumores, ou taes dores (como às vezes acontece) que naõ se possaõ sofrer os emplastos, se tiraràõ, & faràõ outros mais brandos de medicamentos menos quentes, & que naõ sejaõ attractivos; & se applicaràõ depois de passados os accidentes dos tumores, & dores, que os primeyros causàraõ.

O primeyro que destes emplastos usou, segundo me parece, foy Joannes de Vigo, que ordenou aquelle famoso *de rans*, com q̃ diz, curava grandemẽte o morbo gallico. Porèm acha-se que he de fraca operaçaõ, como nota Fragoso, cuja causa he levar pouco azougue, porque naõ cabe a cada onça mais que meya oytava delle, pouco mais, ou menos, & por esta razaõ ordinariamente lhe mandaõ os Medicos dobrar a quantidade, & ainda assim naõ fica muyto efficaz, mas serve para os cholericos, & sanguineos, & tambem poderá servir para os temperados, & pessoas que facilmente se alteraõ. Porque na composiçaõ destes emplastos, como saõ de substancia solida, & se actua o azougue mais de vagar, & penetra menos, he necessario que a quantidade seja tanto mayor, quanto a dureza do emplasto excede a do unguento. Entre os que ha nos Authores me parecem bem os seguintes. In antid. c. prop.

Numero 2.

Emplasto de rans de Joannes de Vigo.

T*Omem oleo de macella, de endros, de especie de cebola cessem, de cada hum quatro onças, azeyte de açafraõ duas onças, unto de porco duas libras, sevo de vitela hũa libra, euphorbio dez dragmas, incenso vinte dragmas, oleo de louro tres onças, rans vivas*, (das que chamaõ *Rubetas*, que andaõ no mato, como quer Ovied.) *num.* 12. *enxundia de vibora cinco onças, minhocas lavadas em vinho sete onças, çumo de raizes de engos, çumo de raiz de enula, de cada hum quatro onças, esquinanto, rosmaninho, matricaria, de cada hum duas maõcheas, vinho cheyroso quatro libras. Coza-se tudo junto atè se gastar o vinho, & depois se coe, & se ajuntem fezes de ouro duas libras, trementina clara quatro onças, com bastante cera branca ao fogo se faça ceroto à maneyra de esperadrapo, accrescentando no fim do cozimento estoraque liquido tres onças, tirando-o do fogo; & estando jà morno se accrescente azougue morto com*

cuspo oyto onças, & mexa-se atè se encorporar, & misture-se muyto bem. Mas porque este azougue he pouco, serà melhor *lançarlhe duas libras delle.*

Numero 3.
Emplastos de Nicolao Massa.

TOmem unto de porco preparado, & azougue, de cada hum libra & meya, *serapino, ammoniaco, de cada hum oyto onças, rezina, trementina, de cada hum dez onças. Encorpore-se o azougue com o unto, & pós ditos, & as gomas se dissolvem ao fogo em agua ardente, com a qual se faràõ taõ solidas, que tirando huma gota, & esfriando-se se possa quebrar, & tudo se misture, & estando bem encorporados se ajunte cera branca quatro onças, & no fim de tudo se ajuntem pós de fezes de ouro seis onças, & se faça emplasto secundùm Artem.* Cabem a cada onça delle, quasi duas oytavas de azougue, & se poderà applicar aos temperados, & sanguineos. Este mesmo trasladou Trajano, assim como tambem o de Joannes de Vigo, sem nomear os Authores, de que os tirou, mas traz mais o seguinte, que tambem me parece accommodado.

Lib 6. de morb. gal cap. 22.

Numero 4.
Emplastos de Alexandre Trajano Petronio.

TOmem unto de porco coado huma libra, azougue oyto onças, *estoraque, triaga, de cada hum huma onça, cera enrezinada de pinho, de cada huma quanto baste; faça-se ceroto.* Serve para cholericos, & meninos, que os mais he fraco.

Outros do mesmo Author: *Tomem azougue quatro onças, enxundia de pato seis onças, goma Arabia, almecega, colotonia, de cada hum duas oytavas, canfora huma oytava, mucilagens de zaragota huma onça, oleo rosado omphacino, cera, rezina, de cada hum quanto baste, faça-se ceroto,* o qual convem às mesmas naturezas em tempo quente. E se quizerem que convenha a fleumaticos, & melancholicos, duplique-se ou triplique-se a quantidade *do azougue.*

Outros do mesmo: *Tomem emplasto de pelle arientina quatro onças, emplasto triapharmaco cozido ao fogo, diaquilaõ mayor, de cada hum duas onças, rezina de pinho duas onças; derreta-se tudo ao fogo, & quando começarem de esfriar, ajunte-se de azougue morto cinco onças, cinabrio duas, solimão tres; faça-se ceroto.* He este muyto forte, & serve para natuzas robustas, melancholicas, humores frios, em tempo de Inverno. E me parece excellente para resolver alporcas, sobre-canas, & quaesquer outras durezas, para curar ciatica.

Numero 5.
Outros emplastos de nossa composiçaõ.

ALém do que advirtimos, que na composiçaõ dos emplastos he necessario dispensar mayor quantidade de azougue, que nos unguentos se deve mais notar, que naõ he conveniente misturarlhe medicamentos muyto quentes, & attractivos: primeyro, porque fazem notavel comichaõ, & naõ os pòde sofrer o enfermo todo o tempo necessario para a operaçaõ do azougue: segundo, porque em compleyções calidas dominando humores quentes, & tempo de Estio, attrahem humor à parte: terceyro, porque às vezes accrescentaõ as dores (se no lugar as havia) de tal modo que os naõ pòde sofrer o doente, & os lança fóra, porque ainda que evacuando a materia, & extinguindo a mà qualidade as miti-

mitiguem, com tudo entretanto as fazem crueis, em especial se o humor he calido.

Mas só em tres casos se poderá permittir a mistura dos ditos medicamentos. O primeyro, quando os humores que dominaõ, a compleyçaõ do enfermo, & o tempo do anno saõ frios. O segundo, quando se applicaõ sobre tumores scyrrhosos para os resolver, & mollificar, em que he necessario incisaõ, & penetraçaõ. O terceyro, quando a dor estiver em parte profunda, como no quadril, segundo Galeno. E conforme a isto comporá cada hum os emplastos accommodados à natureza do enfermo, & aos humores peccantes, accrescentando mais, ou menos, assim do azougue, como dos outros medicamentos calidos, segundo as ditas circunstancias o permittirem, pedirem, ou impedirem.

Numero 6.
Emplastos para naturezas calidas.

T*Omem de azeyte rosado oyto onças, de manteyga crua quatro, de lithargirio oyto, de cera branca duas, de azougue quatro, faça-se emplasto secundùm Artem.*

Outro: *Tomem de lithargirio quatro onças, de oleo de violas seis onças, de cera branca onça & meya, azougue duas onças, faça-se emplasto.*

Outro: *Tomem unguento rosado nove onças, lithargirio seis onças, azougue tres onças & meya, cera a que baste, faça-se emplasto.*

Outro: *Tomem pós de incenso, & de lithargirio, de cada hum quatro onças, trementina lavada oyto onças, oleo de golfãos seis onças, azougue morto com saliva quatro onças, cera que baste, faça-se emplasto.* De todos estes se póde eleger o primeyro.

Numero 7.
Emplastos para naturezas frias.

T*Omem emplastos de Joannes de Vigo doze onças, azougue tres onças; misturem-se secundùm Artem.*

Outro: *Tomem emplasto Oxicrocio, & diaquilaõ mayor, de cada hum seis onças, azougue morto com trementina quatro onças; misture-se, & faça-se emplasto, secundùm Artem.*

Outro: *Tomem unguento dialter, & de agripa, de cada hum cinco onças, azougue tres onças, cera o que baste, faça-se emplasto.*

Ou façaõ este: *Tomem bdelio, ammoniaco, de cada hum onça & meya, trementina fina tres onças, pòs de incenso, & de lithargirio, de cada hum tres onças, oleo de minhocas, & cera, de cada hum quanto baste, azougue tanto, que venhaõ a responder tres oytavas a cada onça de emplasto depois de feyto.* Este he mais efficaz para resolver durezas, applicando-se sobre ellas.

Ou façaõ este: *Tomem emplasto filij Zachariæ, & diaquilaõ commum, de cada hum seis onças, cera huma onça, azougue quatro onças; faça-se emplasto.*

Pòdem-se mais fazer de todos aquelles unguentos, que acima receytàmos, accrescentandolhes a quantidade de azougue, & reduzindo-os a fórma de emplasto como o lithargirio, & a cera que baste. Ou se faça este de Ambrosio Pareu. Receyta: *Emplasto de meliloto, & Oxicrocio, de cada hum meya libra, azougue seis onças, mate-se o azougue com oleo de louro, & de espica, & faça-se emplasto.* Serve para naturezas frias, & humores crassos.

Lib.1. cap.13.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

EMplaſtos. *He o azougue taõ penetrativo, que baſta trazelo adherente ao corpo em cerotos, & emplaſtos, para ſe introduzir dentro, & para mover a ſalivaçaõ, & extinguir o fermento gallico. Nòs curàmos hum gallicado com ſuores de ſalſa, depois dos quaes lhe mandàmos pôr ſobre hum tumor gomoſo da perna direyta hum emplaſto de azougue da primeyra receyta, que adiante ſe acharà no* num.6. *deſte Capitulo; & depois de o trazer quatro dias, deo em ſalivar, como ſe houvera tomado unturas, deſorte, que foy preciſo tirar o emplaſto; mas o tumor em poucos dias ſe desfez. Outro vimos, que tendo-ſe curado com apozemas; & aguas feytas com ſalſa, & páo ſanto, ficou com huma dor no joelho eſquerdo, & com huma dureza entre o cotovelo, & hombro do braço direyto; & pondo neſtas partes emplaſtos da dita compoſiçaõ, começou a ſalivar ao quinto dia; tiràraõ-ſe os emplaſtos, porque a ſalivaçaõ continuava, & em pouco tempo ſe livrou deſtes danos. Eſta cura por emplaſtos, & cerotos propoem Rondelecio para os que ſe querem curar em ſegredo, & para às peſſoas, que por occupadas em negocios, naõ pódem deyxar de ſahir de caſa; mas para eſtes, he muyto melhor tomar mercurio pela boca, com que pódem andar por fóra, recolhendo-ſe ſómente nos dias da ſalivaçaõ; couſa que ſe ha de obſervar em toda a cura do azougue, ou tomado pela boca, ou adminiſtrado por fóra; porque naõ ſucceda, que com o frio do ar, ou com qualquer outra couſa externa ſe perturbe a operaçaõ do mercurio, & ſe ſuſpenda a ſalivaçaõ que for movendo, do que ſe pódem ſeguir danos graviſſimos, encaminhando-ſe à parte nobre, ou mais ſenſivel, os humores que haviaõ de ſahir pelos vaſos ſalivaes.*

CAPITULO XXIX.

Dos fumos do Cinabrio, & cura que com elle ſe faz.

Numero 1.

EM quanto ſe naõ ſoube a verdadeyra cura do morbo gallico, empiricamente ſe tentàraõ muytos remedios, entre os quaes foy quereremlhe dar cura com varios fumos de ervas, rezinas, & outras couſas aromaticas, com que intentavaõ abrir os poros do ambito do corpo, & provocar ſuores. Porèm a experiencia lhes moſtrou que nenhuns outros aproveytavaõ, ſenaõ aquelles, em que entrava *Cinabrio*, porque eſtes pela virtude, que em ſi tem do azougue, curavaõ maravilhoſamente o dito morbo, provocando grande evacuaçaõ de cuſpo, & baba, ou ſuores, ou camaras, ou ourina, ou tudo iſto junto, extinguindo totalmente a mà qualidade com mais efficacia que os outros medicamentos do meſmo azougue.

He o Cinabrio que hoje ſe uſa, aſſim para curar morbo gallico, como para outras couſas, hum certo mineral muy differente do que eſcreveo Dioſcorides, & naõ differe nada, do que vulgarmente ſe chama *vermelhaõ*, como nota Laguna, & ha delle duas eſpecies, huma he verdadeyro mineral, a ſaber, huma pedra vermelha muy peſada, que ſe acha nas minas do azougue, & tem muytas veas delle, & me parece a ſegunda eſpecie do azougue, que refere Avicena. Outra ſe faz por artificio *de azougue cozido, & encorporado com enxofre*; hũa, & outra tem virtude de curar potentemẽte o morbo gallico por razaõ do dito azougue, de que ſe compóem, como jà diſſémos, em eſpecial adminiſtrando-ſe em fórma de fumos, ou vapores, os quaes, conforme Tomitano, abrem todos os póros, & veas do

Lib.5. cap.68. ſupr. Dioſc. cit. Lib.1. con cap. prop. Lib.1. de morb.gal cap.12.

do corpo, abrindo penetraõ, penetrando alteraõ alterando extinguem o contagio, alimpaõ as entranhas, communicando sua qualidade ao cerebro, & espinal medulla pelos nervos, ao coraçaõ, & bofe pelas arterias, ao figado pelas veas: algumas vezes provocaõ camaras, & ourina, outras suores, & mais dellas muyta baba, & cuspo, com que excellentemente saraõ todos os enfermos, posto que o mal pareça incuravel.

A quantidade que se póde dar em cada fumo he pouco mais, ou menos de duas atè quatro oytavas, como se colhe de Botallo, Torres, Fragoso inaut. & outros. Porèm varea-se conforme as naturezas, *porque aos cholericos bastarà hũa oytava, aos sanguineos duas, aos fleumaticos quatro: aos melancholicos cinco: variando mais, & menos conforme o excesso de cada temperamento.* Esta quantidade se entende sómente do *cinabrio*, fóra os correctivos, & mais ingredientes da composiçaõ, que se costuma fazer.

Gap. 24. Cap. 28.

He esta cura dos fumos mais efficaz, & violenta, que todas as outras, que ha de azougue, que administradas por fóra se fazem. Por ser mais efficaz, se deve sómente applicar aos affectos gallicos mais graves, em especial àquelles que às unturas, & emplastos naõ obedecèraõ, conforme àquelle aphorismo, *Extremis morbis, &c.* Porq̃ se o remedio ha de ser proporcional à enfermidade, he claro que os mayores às mayores se devem. Por ser mais violenta convem applicar-se com mayor cautela, & que com grão juizo se estimem as forças do enfermo, & todos os mais impedimentos, de que acima largamente tratàmos, que contraindicaõ a administraçaõ de azougue; em particular os estillicidios, que ao peyto dessem, porque os ditos impedimentos saõ mayores, & mais efficazes em contraindicar a cura dos fumos, que a dos unguentos, & emplastos. E tanto he isto assim, que pareceo a muytos Authores, que totalmente se naõ havia de usar destes fumos pelos symptomas, & graves perigos, que viaõ acontecer. A experiencia porèm tem mostrado, que applicando-se, naõ empiricamente, mas por arte, & com toda a cautela fundada na consideraçaõ dos ditos indicantes, & prohibentes, que cura o morbo gallico, aliàs incuravel, com milagrosos successos, & sem perigo algum. Pelo que nos affectos muyto rebeldes, & graves, tendo a cautela de vida, devemos administrar a dita cura, & naõ deyxar ao doente sem remedio.

E posto que o *cinabrio* seja a basis, ou fundamento da cura dos fumos, naõ costumaõ porèm os Authores usar simplezmente delle, senaõ misturado com outras varias cousas, das quaes humas saõ venenosas, *como ouro pimenta, sandaraca dos Arabes, pòs de Joannes de Vigo, & às vezes solimaõ,* como se vè de Fallopio, Chalmeteu, Tomitano, Trajano, Lobera, & outros, fundados por ventura em que o *cinabrio*, por venenoso aproveyta, & para ajudar a venenosidade lhe misturaõ as outras cousas venenosas, com que lhes parece será mais efficaz o medicamento. Outras saõ aromaticas, *estoraque, almecega, myrrha, incenso, sandalos, & semelhantes*, as quaes parece misturarem por correctivos das venenosas, porque infringindo a mà qualidade dellas, & corroborando os membros principaes, se poderá evitar seu dano.

Lib. de morb. gal cap. 73. Cap. 9. Lib. de morb. gal cap. 12. Lib 6. cap. 18. Lib. de morb. gal cap. 15.

He porèm uso no que toca à mistura das cousas venenosas, porque posto que o *cinabrio* o seja, naõ cura o morbo gallico pela qualidade venefica, senaõ pela alexipharmaca, com que o azougue, de que se compõem, extingue a gallica, & pela notavel evacuaçaõ, com que expelle os humores noxios por cuspo, camaras, suores, & ourina. E como os sobreditos medicamentos venenosos naõ tenhaõ a dita qualidade alexipharmaca, nem tambem expurguem os ditos humo-

res, (*excepto o ſolimaõ, & pós de Joannes, porq̃ tambem ſaõ azougue*) mas aliàs demaſiadamente nocivos, & por iſto incõpetentes, naõ ſaõ de proveyto algum; antes fazem grãde dano, o qual por ventura ſerá a cauſa dos máos ſucceſſos, q̃ da cura dos fumos algumas vezes ſe ſeguem. Por onde convem, que por nenhum modo entrem na compoſiçaõ dos medicamentos deſta cura, como doutamente notàraõ Euſthachio Rudio, & Daniel Senerto, & devia entender Leonardo Botallo, porque em todas as receytas que para os fumos ordenou, naõ fallou em couſa venenoſa, a quem tambem ſeguio Torres, & primeyro de todos, Joannes de Vigo em todas as ſuas receytas naõ diſpende couſa deleteria.

Lib 5. de morb. occult. c. 15. Lib. 6. de luc p. 4. c. 11. cap. 14. Lib. de morb. gal cap. 28. In comp. lib 5. 11. acut. 11. & 12. & ſæp. alib.

As outras couſas aromaticas mais racionalmente ſe miſturaõ pelas razoens apontadas, que ſe confirmaõ com o antigo uſo jà de Galeno, de as miſturar com os medicamentos purgativos violentos para lhes moderar alguma porçaõ, que tem de mà qualidade. Pareceme porèm que além dellas ſe miſturem os proprios alexipharmacos do azougue, de que jà fizemos mençaõ, porque com eſtes, & com aquellas ficará o cinabrio mais correcto, & ſe adminiſtrará com mais ſegurança. Comporſehaõ logo os taes medicamentos neſta fórma.

Numero 2.

Receytas, que alguns Authores ordenaõ de cinabrio para os fumos.

T*Omem de cinabrio tres onças, myrrha, incenſo, almecega, de cada hum ſua onça, azevre, eſtoraque ſeco, beijoim, de cada hum tres oytavas, ſemente de aypo duas oytavas, erva-doce huma oytava, de tudo ſe faça pò, & ſe miſture.* He eſta cura muy racional, *& pódem-ſe dar para cada fumo quatro, ou cinco oytavas a naturezas temperadas, menos às cholericas, & ſanguineas, mais às fleumaticas, & melancholicas pela regra acima dita.*

Outra: *Tomem de cinabrio tres onças, pào de Aguila, laudano, ammoniaco, myrrha, incenſo, de cada hum ſua onça, faça-ſe tudo em pò groſſo, & com trementina ſe façaõ pirolas, & gaſte-ſe meya onça em cada fumo.*

Outra: *Tomem de cinabrio tres onças, incenſo, azevre, almecega, myrrha, beijoim, eſtoraque ſeco, laudano, ammoniaco, de cada hum meya onça; de tudo ſe faça pò, & ſe miſture meya onça para cada fumo.* Saõ eſtas tres compoſiçóes, diz Fallopio (mas tireylhe as couſas venenoſas, que elle lhe miſturava) & convem mais para gente mimoſa, & rica, & cada qual dellas he muyto boa.

Loc. cit.

As tres que ſe ſeguem ſaõ de Leonardo Botallo: *Tomem almecega, incenſo, de cada hum ſua oytava, eſtoraque liquido huma onça, cinabrio onça & meya, moaõ-ſe as couſas, que ſe pódem moer, & ſe façaõ em pó groſſo, & ſe miſturem com eſtoraque, & dem-ſe quatro oytavas.*

Loc. cit.

Outra: *Tomem eſtoraque ſeco, que chamaõ calamita, tres oytavas, almecega, bagas de zimbro, myrrha, de cada hum duas oytavas, cinabrio duas onças; moa-ſe tudo craſſo modo, & ſe miſture, dem-ſe tres oytavas.*

Outra: *Tomem eſtoraque calamita, bagas de zimbro, laudano, de cada hum duas dragmas, cinabrio duas onças & meya, dem-ſe quatro oytavas, accreſcentando, ou diminuindo conforme a natureza.*

Loc. cit.

As duas ſeguintes ſaõ de Torres: *Tomem de cinabrio duas onças & meya, incenſo, & eſtoraque liquido, de cada hum oytava & meya, miſturem-ſe, & façaõ-ſe nove pirolas, ou bolinhos, dem-ſe duas, ou tres oytavas.*

Outra menos forte: *Tomem cinabrio huma onça, eſtoraque, & beijoim, de cada hum meya onça, reparta-ſe em quatro vezes para quatro dias.* Eſta ſegunda receyta

traz

traz tambem Fragoſo, & diz, *que para cada ſuor he neceſſaria meya onça deſtes pós, accreſcentando, ou diminuindo, conforme a neceſſidade.* Traz mais Fragoſo as duas receytas ſeguintes: *Tomem cinamomo moido meya onça, incenſo duas dragmas, miſturem-ſe.* He eſta muyto facil, & efficaz, & muy accommodada para gente pobre, & baſtaõ para cada fumo duas oytavas, & meya, mais, ou menos, conforme a natureza.

In antid.

Outra: *Tomem cinabrio tres onças, myrrha, incenſo, ſandalos vermelhos, de cada hum duas oytavas & meya, façaõ-ſe pòs, dos quaes ſe lancem para cada ſuor quatro oytavas.* Eſta emendey tirandolhe *ouro pimenta*, que Fragoſo lhe miſtura. Saõ todas eſtas receytas ſeguras, & efficazes, & muyto boas; póde cada hum uſar de qualquer dellas.

Saõ as ſeguintes de Pedro Lopes de Leaõ: *Tomem cinabrio duas onças, laudanos duas oytavas, caſcas de cidra ſeca meya onça, incenſo, almecega, eſtoraque calamita, dictamo, de cada hum oytava & meya, cõ baſtante triaga ſe façaõ trociſcos, que pezem tres oytavas para cada ſuor.* Emendey neſta o *ſolimão* pela muyta venenoſidade.

Lib de morb.gal cap. 4.

Outra: *Tomem cinabrio duas onças & meya, incenſo meya onça, eſtoraque liquido huma onça, azougue duas onças, de tudo ſecundùm Artem ſe façaõ nove paſtilhas, & enxutas ſe guardem, gaſtando em cada ſuor huma.*

Outra: *Tomem Gallia muſcata duas oytavas, incenſo huma onça, cinabrio duas onças; faça-ſe tudo pò, dem-ſe em cada ſuor tres oytavas.*

Outra, que Leaõ tirou de Lobera: *Tomem azougue morto ſecundùm Artem onça & meya, liguſtro huma onça, azeyte commum, çumo de limaõ, incenſo, myrrha, de cada hum meya onça, de tudo ſe formem paſtilhas, das quaes enxutas tomarà tres ſuores em tres dias, & em quanto o doente tomar eſtes ſuores,* (diz o meſmo Leaõ) *tenha hum pouco de azeyte na boca, & ſue tudo o que puder.*

Lib.de morb.gal cap.15.

Numero 3.

Receytas de noſſa compoſiçaõ para os fumos, com que ſe cura o morbo gallico.

JÁ advertimos ſer muy accomodado miſturar os proprios alexipharmacos do azougue na compoſiçaõ dos medicamentos do *cinabrio*: além do que tambem ſe advirta que ſem elle ſe poderàõ do meſmo azougue formar os taes medicamentos, pois ſó eſte he o que tem virtude de extinguir a mà qualidade, & provocar as evacuações que dos fumos ſe ſeguem, & por razaõ delle os move tambem o cinabrio. Saõ alèm diſſo neceſſarios ſimplices accommodados, para que nelles com facilidade obre o fogo, & lancem fumo, como ſaõ as couſas pingues, & oleaginoſas, v.g. *trementina, incenſo, myrrha, & ſemelhantes.* Iſto poſto, nos parece mais accommodado compor os ditos medicamentos pelas ſeguintes formas.

Tomem cinabrio tres onças, borrifem ſe, & amaſſem-ſe com vinho aromatico em que houveſſe fervido loſna, & logo ſe ponha ao fogo, ou ao Sol, atè que ſe ſeque, & depois ajuntem myrrha, incenſo de cada hum huma onça, pimenta, ouregãos, de cada hum ſua oytava, almecega, tres oytavas, eſtoraque liquido quanto baſte para encorporar tudo; faça-ſe a modo de paſtilhas. Para cada ſuor em naturezas temperadas baſtaõ quatro oytavas; para fleumaticos, ou melancholicos ſaõ neceſſarias cinco, ou ſeys: para cholericos, & ſanguineos baſtaràõ duas.

Outra: *Tomem myrrha duas onças, ſemente de perrexil, & erva-doce, & pimenta, de cada hum huma oytava, incenſo cinco oytavas, cinabrio tres onças, miſture-ſe tudo, & darſehà em cada ſuor a meſma quantidade.*

Outra:

Outra: *Tomem esterco seco de pombas bravas meya onça, a ma ssesiaom vinho aromatico, que primeyro servesse com ouregãos, & depois se seque, & se ajunte mais com huma onça de estoraque calamita, meya de beijoim, meya de almecega, duas onças & meya de cinabrio, & de tudo se faça pò.* He esta composiçaõ muyto boa, & darsehaõ della a mesma quantidade que das de cima.

Outra para naturezas mais fortes: *Tomem gallia muscata duas oytavas, incenso seis oytavas, dictamo, ouregãos, de cada hum sua oytava, cinabrio tres onças, tudo se misture.* Darsehaõ sete, ou oyto oytavas aos robustos, & aos fleumaticos, & melancholicos; porèm aos cholericos, & sanguineos bastaõ de tres oytavas atè cinco.

Outra: *Tomem azougue morto com trementina huma onça, myrrha, incenso, de cada hum duas oytavas, almecega meya onça, tudo se misture, & com estoraque liquido se formem oyto pastilhas, duas para cada suor;* & sendo naturezas fracas bastará huma, ou meya, & sendo robustas accrescente-se o que parecer.

Numero 4.
De que modo se devem dar os fumos.

Primeyro modo.

HA dous modos de administrar os fumos do cinabrio. O primeyro he de Fallopio, Rudio, Botallo, Trajano, & commummente dos outros Authores, a saber: *Sentarseha o enfermo totalmente nû em huma trepeça furada, dentro de hum pavelhão muyto fechado, com mais alguma roupa por cima do mesmo pavelhaõ, que de tal modo o tape, que naõ evapore cousa alguma, & debayxo lhe poràõ hum testo de brazas de carvaõ de sobro, ou em falta delle, de oliveyra, ou de carvalho, ou de outra lenha, que dè bom fogo, sem offender a cabeça, como faz o carvão ordinario, nas quaes lançaràõ os pòs de cinabrio, & logo taparàõ a porta do pavelhaõ muyto bem, que naõ exhale cousa alguma, & assim o deyxaràõ estar, espaço de meyo, ou de hum quarto de hora, & nunca chegue a meya,* (posto que Fallopio se estende a huma) senaõ for algum muyto robusto, & que em menos tempo naõ sue. *E tenha o doente os olhos cerrados,* como adverte Chalmeteu, porque o vapor do cinabrio lhos naõ offenda. Será o pavelhaõ estreyto, & naõ terá mais altura que a de hum homem, conforme nota Joannes de Vigo, porque sendo mais alto, & largo, se derrama o fumo, & obra com menor efficacia. E se o doente for robusto, que possa tomar os fumos em pé, serà melhor, como diz o mesmo Vigo, & naõ tendo forças para isso, tome-os sentado na dita trepeça, como dito he.

Cap.72. Cap.9. In comp. Chirurg. lib. 5. post. princ.

E porque o doente às vezes se desmaya, se disponhaõ as brazas de modo que cahindo se naõ queyme nellas. E para que naõ succeda desmayar-se de todo, ou desastre algum, diz Fallopio, que lhe fallem amiudo, porque se naõ responder, ou for a voz fraca, se lhe acuda logo, antes que desmaye, tirando-o, & lançando-o na cama, & acodindolhe com alguma gota de vinho, & borrifando-o com elle, & dandolhe gemas de ovos, & com todo mais que acima dissémos para os desmayos.

Cap.72.

E sendo o enfermo fraco, que pareça que naõ poderá sofrer estar tanto tempo com o pavelhaõ tapado, diz Leornardo Botallo, que deyxem hum buraco, que se possa abrir, & cerrar, para que vendo-se em pressa respire por elle; ou tenha huma cana, como manda Follopio, que saya fóra de pavelhaõ, por onde possa respirar, sentindo-se afflicto. Naõ a tenha porém sempre na boca, porq importa

Cap.24. Loc.cit.

porta receber os fumos por ella, & pelos narizes, para que obrem com efficacia.

Em lugar do pavelhaõ de pano se faz tambem hum de taboas bem fechadas, como diz Botallo, ou pedra, & cal a modo de fornalha com sua porta bem tapada, para que naõ evapore fumo algum para fóra, & naõ será mayor q̃ quanto hum homem cayba em pè, como do pavelhaõ dissémos, nem tambem muyto largo, porque sendo a capacidade grande, naõ terá o fumo tanta força. E antes de meter o enfermo dentro delle, o teràõ muyto bem quente com hum fogareyro sem fumo, o qual tiraràõ quando houver de entrar o doente. E sendo o pavelhaõ de pano, poràõ por dentro humas varas, taboas, ou arcos, que o sostenhaõ, para que se naõ chegue demasiadamente ao corpo. E por cima do pavelhaõ lançaràõ cobertores, ou outros panos, como jà està dito, que retenhaõ os vapores, & calor dos fumos.

E tanto que tirarem ao enfermo, o lancem em huma cama pequena, que estará perto, muyto bem quente, para que nella possa continuar o suor espaço de huma, ou duas horas, como diz Fallopio, ou o tempo, que as forças permittirem. E depois de suar lhe vestiràõ sua camisa quente, & lhe daráõ de comer dahi a huma hora, & se guardará o mais que se disse daquelles, a que se daõ suores, ou unturas.

Numero 5.
Segundo modo de administrar os fumos.

O Segundo modo he dos modernos, quaes saõ Fragoso, Pedro Lopes de Leaõ, Torres Hidalgo, *que mandaõ se dem estando o enfermo nù deytado na cama, pondolhe entre os pès huma cayxa, em que estejaõ as brazas, & pòs de cinabrio, & cuberto de maneyra que naõ saya vapor algum, & a cabeça estarà fóra da roupa, para que os fumos a naõ offendaõ.* E deste modo se deyxe estar espaço de huma hora, ou quasi. Accrescenta Hidalgo, que para melhor applicaçaõ do fumo se ponhaõ dentro da cama dous, ou tres arcos, que sustentem a roupa em vão; cousa que melhor se fará metendo o enfermo em huma estufa ordinaria, porèm será melhor sendo pequena. E depois de suar bem, se alimpe, vista camisa, & se passe a outra cama, & se nella tornar a suar, se lhe ponha outra roupa enxuta, porque às vezes he o suor tanto que traspassa os colchoens atè o chaõ.

In antid. Loc. cit. Cap. 28. In antid. In antid.

Especifica Pedro Lopes, que para que melhor se faça: *Tomem huma panela com bastantes brazas, & se ponha deytada sobre hum testo, ou vaso de cinza, & se situe de modo que fique com a boca de fronte dos pés do enfermo. E sentindo demasiado calor os encolha, ou se afaste mais a panela, & depois que estiver tanto espaço que aquente a cama, & que jà o doente esteja quasi suando, se levante a roupa, & soprando as brazas, se lancem os pós de cinabrio, & logo se torne a cubrir de maneyra, que naõ fique por onde o fumo evapore.* E para que a panela, & testo naõ queymem a cama, se podem pòr sobre huma taboa, ou sobre outro testo mayor.

He melhor este modo para enfermos fracos, & para gente pobre, a que he mais difficultoso artificio de pavelhaõ, posto que anda mais em uso, & tenho por mais efficaz, porque pela boca se recebem os fumos, que he cousa que temem os que os daõ na cama, & deve ser a causa por irem em mayor quantidade, & mais unidos, & por esta fazerem grande offensa ao coraçaõ, & membros principaes. Estará porèm a cabeça de por si bem cuberta com barretes, & toalhas, para que a naõ offenda o ar.

Numero 6.
Que numero de fumos ſe devem dar a cada enfermo.

ENcomenda Pedro Lopes de Leaõ que nunca ſe dem mais que tres fumos, ou atè quatro, quando muyto, ſendo peſſoa robuſta, como marinheyro, ou ſemelhante exercitado. Porèm eſte Author ordenava os ſeus muyto fortes, lançãdo muyta quantidade de *cinabrio*, & eſſe pouco correcto, como ſe vè de ſuas receytas, & por tanto ſe naõ podiaõ premittir em mayor numero. Fallopio diz, *que ſe dem primeyramente tres continuos, & depois ſe tornem a dar tres, & outros tres,* (ſe naõ houver impedimento) que ſaõ nove. Naõ pòde porèm haver regra certa, mas deve-ſe iſto governar pela evacuaçaõ, que ſe move, pela grandeza do mal, pelas forças do enfermo, & pelos ſymptomas, que ſobrevem, conforme ſe diſſe das unturas. Porque naõ ſobrevindo impedimento, & tendo o enfermo forças, devem-ſe continuar atè que bem rebente a boca, & ſe ſiga evacuaçaõ notavel de cuſpo, & baba, ou ſuores, ou camaras, ou tudo junto. E ſe depois de ceſſarem as evacuaçóes, o morbo gallico naõ ficar eradicado, (que ſe conhecerá pelos ſymptomas, que ficaõ) tornar-ſehaõ a repetir alguns fumos, atè que ſe extinga de todo.

Lib. 7. de morb. gal. cap. 4.

Loc. cit.

E dando-ſe cauſa, que ſe naõ ſiga evacuaçaõ alguma, nem por iſſo deyxem de ſe continuar os fumos tantos dias, (ſenaõ ſobrevierem ſymptomas, que o impidaõ) atè que totalmente deſappareçaõ os ſymptomas gallicos, & o doente ſe ſinta que enfraquece, conforme notamos nas unturas, por authoridade de Nicolao Maſſa, & de Lobera; porque às vezes ſuccede, que pela qualidade alexipharmaca, & pela inſenſivel reſoluçaõ ſe gaſta toda a qualidade, & excremento gallico ſem que haja evacuaçaõ manifeſta; o que ſe conhece pela auſencia dos ſymptomas, como eſtà dito, & por huma laſſitudo, que o enfermo ſente, pela qual ſe moſtra que naõ ha jà humor, que gaſtar, & que obra o medicamento nos que à natureza ſaõ neceſſarios, como nota o meſmo Maſſa. Porèm ordinario he baſtarem nove, ou dez fumos, & algumas vezes ſuccede rebentar tanto a boca com o primeyro, que naõ ha lugar de ſegundo.

Numero 7.
Se ſe darà hum, ou dous fumos cada dia.

TAmbem ha niſto variedade entre os Authores, porque huns mandaõ que ſe dem manhã, & tarde: outros naõ querem mais, que hum cada dia. Mas deve-ſe iſto limitar pelas forças do doente, porque ſe as tiver baſtantes, darſeha hum pela manhã, outro à tarde, como neſta Cidade ſe coſtuma em huma caſa, em que ſe daõ com bom ſucceſſo; mas ſendo poucas, deve-ſe dar hum ſó no dia, ou em dias interpelados, conforme a permiſſaõ, ou prohibiçaõ dellas, porque tudo ſe deve governar pelo bom juizo, & prudencia do Medico, ou de quem cura. Aſſim o ordenou Leonardo Botallo, Chalmeteu, Fallopio, Senerto, & outros muytos.

Loc. cit.

Numero 8.
Regimento dos que tomaõ os fumos.

COnſidere-ſe o regimento antecedente, concomitante, & ſubſequente. O antecedente he o que jà temos advertido, a ſaber, que o doente ſe prepare fazendo as evacuaçóes univerſaes, como que ſe houvera de entrar na cura das

untures

unturas do azougue. O concomitante he tambem o mesmo que nellas se guarda; sómente se advirta, *que huma hora antes de entrar no fumo tome o doente alguma cousa de facil digestaõ*, v. g. *humas gemas de ovos passados por agua*, *ou huma fatia de pão de lò molhado em vinho*, *ou caldo de gallinha*, *ou cousa semelhante*, como encomenda Botallo, Chalmeteu, Fallopio, & outros; porque como esta cura he mais violenta, he necessario tratar mais das forças, para que o enfermo se naõ desmaye, & possa aturar o trabalho della. E havendo symptomas graves, (que costumaõ ser mayores que os das unturas) acodirselhes-ha como atraz temos largamente declarado.

Cap.11. Cap.19. Cap.17.

O subsequente, he guardar bom regimento mez & meyo, ou dous mezes, & o mais tempo que for possivel, porque como este remedio convem mais a males da quarta especie, he necessario que o regimento seja mais exacto, & dure mais tempo, para segurar que naõ haja recahida, & em todo elle será bom *beber agua de salsa parrilha*, *ou pào guayacaõ*, *ou pelo menos cozida com semente de funcho*, *ou de erva-doce*, ou se ficar algum dano do azougue, *com semente de aypo*, *ou de salsa das hortas*, que saõ seus alexipharmacos, conforme Dioscorides, & o Conciliador. Mas para segurança da cura beba sempre agua de salsa parrilha, ou guayacaõ, como diz Senerto.

Loc.cit. Lib6.de lue.par. cap.21.

Numero 9.

Outros modos menos convenientes de tomar os fumos.

TRaz Alexandre Trajano outros modos de tomar os fumos, porèm menos convenientes. O primeyro he, *pondo hum canudo na boca*, *largo em bayxo a modo de funil*, *que esteja sobre as brazas onde se lançaõ os pòs*, *& por elle sorver o fumo*, *como quem toma o de tabaco*. He porèm modo temerario, & que naõ convem fazerse. O segundo he, *metendo-se o enfermo em hum camarote muyto apertado*, *como o do pavelhaõ acima dito*, *& dentro delle com a boca aberta sorver todo o fumo que puder dos pòs*, *que se lançaõ nas brazas*. Porèm he tambem muyto violento, & arriscado. O terceyro he, *fazendo huma candea de cinabrio*, *& de cera*, *& acendendo-a*, *receber pela boca o vapor*, *que della exhala*, *& com a mesma candea defumar as chagas*, *& tumores gallicos*, *onde quer que estiverem*. Este modo quanto às chagas, & tumores depois do corpo bem evacuado, pódelhes fazer proveyto; quanto o que pela boca entra, naõ parece de muyta efficacia, mas se alguem quizer delle usar, se fariaõ as candeas nesta fórma, segundo Trajano. Receyta: *Cinabrio natural oyto onças*, *estoraque liquido*, *myrrha*, *incenso*, *de cada hum duas onças & meya*, *laudano onça & meya*, *cera quanto baste*, *façaõ-se nove candeas para nove fumos*. Misturaõlhe alguns tambem *solimaõ*, *ou pòs de Joannes de Vigo*; porèm he cousa temeraria, que ninguem deve imitar.

Lib 6. cap. 29.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

CInabrio. *Este mineral, pelas partes mercuriaes que tem*, *cura o morbo gallico com o seu fumo*, *no que ha tantas experiencias*, *que he escusado referir algumas. Naõ se usa porèm só o cinabrio*, *senaõ que se lhe misturaõ algumas cousas que façaõ o fumo menos ingrato*, *& que ajudem a provocar suores. Para isto serve o estoraque*, *o beijoim*, *myrrha*, *incenso*, *pào de Aguila*, *& trementina*; *& nunca se misturem cousas*

venenosas, *nem adstringentes*, *aquellas porque pódem offender com as suas qualidades deleterias*; *estas*, *porque pódem impedir o suor constipando a contextura da pelle. Pódem receytar-se deste modo:*

Tomem huma onça de cinabrio, *de estoraque calamita*, *de nòz noscada*, *de cada cousa quatro oytavas & meya*; *de beijoim meya onça*, *com trementina façaõ-se trociscos. Servem para tres vezes.*

Com trementina. *Sempre nos pareceo bem ajuntar trementina nestas receytas de cinabrio*; *assim porque muytos gallicados tem dores*, *para as quaes tem prestimo a trementina*; *como porque esta conduz para que haja mais fumo: para o que serve tambem o incenso*, *a myrrha*, *& almecega.*

Numero 9.

OUtros modos. *Entre os varios modos que ficaõ expostos para tomar os fumos de cinabrio*, *se póde admittir outro de Rondelecio. Diz este Author*, *que fóra da casa do pavelhão em que estiver o enfermo*, *se lance o cinabrio em huma panella em que haja lume*, *& que se cubra bem*, *com tal artificio*, *que do operculo*, *ou cobertura da panella*, *se communique o fumo por huma cana ao lugar em que està o doente*; *o qual naõ podendo sofrer o fumo*, *tirarà a cabeça fóra do pavelhão de tal modo*, *que naõ saya algum fumo fóra.*

CAPITULO XXX.

Da administraçaõ do azougue pela boca.

Numero 1.

DE dous modos se pòde dar pela boca o azougue, confórme se acha nos Authores: o primeyro he dando-o morto com saliva, ou com qualquer outra cousa, & misturado com outros medicamentos, & com elles feyto em pirolas, & deste modo o administra Michael Angelo Blondo, & Vergessaco, & Petro Bayro, Hercules de Saxonia, Joaõ Guintero, Andrenaco, Petro Severino, Dano, Bartholomeu Perdulce, Pedro Lopes de Leaõ, & outros.

O segundo modo he, fazendo-o em pò por calcinaçaõ com fogo actual, ou potencial, o qual modo chamaõ *azougue precipitado*, & delle usaõ, Joannes de Vigo, Julio Palmario, Mathiolo, Tomitano Trajano, Leaõ, & outros graves Authores.

E posto que alguns detestem grandemente o uso do azougue pela boca, trazendo muytas razoens, & exemplos de máos successos, com tudo havemos de entender que estes, ou usáraõ mal delle, ou lhes faltou a experiencia, que outros muytos tivèraõ de seus milagrosos effeytos. E por tanto tratarey aqui as composiçoens, & preparaçoes mais provadas, com que se pòdem expellir os affectos gallicos envelhecidos, & rebeldes, que a nenhuns outros remedios obedecèraõ. Advertindo porèm, que só a estes se devem applicar, & por Medico douto, ou Cirurgiaõ grave, & de grande experiencia, fóra de cujas máos sómente haverá os perigos, que os sobreditos Authores temem, como nota Leaõ, Joaõ Guintero; Andrenaco o dava misturandolhe sómente *folhas de ouro*, a saber, *huma oytava delle a huma onça de azougue*, sem mais preparaçaõ alguma. Porèm melhor he dallo em pirolas pelo seguinte modo.

Lib. de morb gal cap. 10. Lib. de morb. gal cap. 7. In enchi. Chirurg. Lib. 9. c. 21. p. 2. medicinæ novæ, & vet dial. 7. c. prop. Lib. 12. part 3. Lib. de morb. gal. cap. 1. Lib. 5. ad princ. Lib de hydrarg. cap. 6. Lib. de morb gal. num. 6 Lib de morb. gal. cap. 15. Lib 6. de morb. gal. cap. 13. Loc. cit.

Num. 2.

Numero 2.
Pirolas do mercurio contra o morbo gallico.

SAõ muy provadas as pirolas de Michael Angelo Blondo, cuja receyta he a seguinte. Receyta: *Azougue vinte & cinco oytavas, ruybarbo dez oytavas; almiscar tres oytavas, escamonea tres oytavas, çumo de limaõ quanto baste, faça-se massa de pirolas.* A mesma receyta trazem Petro Bayro Taurinense, Hercules, de Saxonia, & Chalmeteu, só differem em que este lhe lança menos *tres oytavas de azougue, & duas de almiscar*, em lugar das quaes accrescenta *duas oytavas de farinha de triaga*, & em lugar do *çumo de limaõ*, diz que se póde fazer *com o xarope delle*, o que me parece melhor, por ser mais accomodado para se fazer massa de pirolas, que o çumo; & Bayro lhe lança *tres oytavas de almiscar*, & em lugar *da escamonea* lança *diagridio*, que he mais seguro. De Chalmeteu a trasladou Pedro Lopes de Leaõ, que diz ter curado com estas pirolas mais de cem doentes de morbo gallico, entre os quaes dous delles se faziaõ jà leprosos; & assim persuade a todos a que usem nos casos, em que as outras curas naõ aproveytaõ, cuja receyta, que eu mais approvo, he a seguinte. Receyta: *Ruybarbo dez oytavas, diagridio* (que he mais seguro, que esmonea) *tres oytavas, azougue vinte & duas, oytavas, farinha de trigo duas oytavas, almiscar huma oytava, xarope de limaõ quanto baste: mate-se o azougue com o xarope de limaõ, & misturando-se as mais cousas, se faça massa de pirolas.* E de cada oytava se formaráõ cinco, & darseha huma só pirola seys horas antes do comer. E deve-as o enfermo tomar trinta dias, & em cada semana tomará duas vezes a bebida seguinte. Receyta: *Agua de funcho huma onça, agua ardente meya onça, misturem-se.*

Loc. cit.
Inenchirid. lib 9. cap. 12.
cap. 7.
Lib. 7. cap. 3.

E durante o tempo dos trinta dias naõ usará o enfermo *de untura, nem de topico, nem de medicamento cathartico, nem de outro algum.* Porèm advirta-se com o mesmo Leaõ, que naõ se dem estas pirolas senaõ passados tres mezes depois de feytas, porque dando-se frescas fazem muytos danos, mas depois de estarem fermentadas o dito tempo, fazem milagrosos effeytos, & me parece muy acertado usar dellas, especialmẽte em affectos gallicos rebeldes, que a outras curas naõ tem obedecido. E advirto que se o enfermo for cholerico, ou fraco, que baste menor quantidade *da quinta parte de huma oytava, ou que as tome hum dia entre outro*; mas sendo melancholico, resistente, & robusto, em que a pirola naõ faça bastante operaçaõ, tambem a quantidade se lhe pòde accrescentar. Movem estas pirolas baba, cuspo, camaras, & ourina, & por estas evacuçoens arrancaõ quaesquer boubas por envelhecidas que sejaõ.

Outras pirolas se pòdem fazer deste modo. Receyta: *Massa de pirolas de agarico, de hermodactilos, fumarias, & cochias de cada huma sua onça, azougue seis oytavas, purifique-se o azougue coando-o por hum couro de carneyro*, conforme ensina Brasavalo, & Ambrosio Pareu, *& depois mate-se com o çumo de aypo, & se misture com a massa das pirolas, que deve ser fresca, & tudo se amasse, & se deyxe fermentar tres mezes, & no fim delles de-se cada dia ao enfermo meya oytava feyta em tres pirolas, & continue tantos dias atè que depois de ter evacuado bastantemente por cuspo desappareçaõ os symptomas gallicos.* E quando quizerem que movaõ camaras, agucem-se *com hum grão de diagridio*, & se evacuarem mais do que possa sofrer o enfermo, *de-selhe sómente hum escropulo, ou meyo, conforme a evacuaçaõ, & forças.* Saõ estas pirolas mais seguras que as sobreditas de Michael Angelo, & para males de cabeça, & juntas saõ maravilhosas.

Lib. de morb gal
Lib 18. cap. 10.

Outras menos violentas para pessoas fracas, & faceis na evacuaçaõ. Receyta:

Ruybarbo, agarico, de cada hum sua onça azevre, turbit, carthamo, polypodio, jalapa, cascas de mirabolanos chebulos, Indos, citrinos, hermodatillos, de cada hum duas oytavas, semente de aypo, ou de salsa das ortas tres oytavas, azougue morto com decoada de cinza devides meya onça, xarope de nove infusoens de rosas Persicas quanto baste, faça-se massa de pirolas, & se a evacuação da boca, ou de camaras for muyta, de-se menos quantidade, & se for pouca, de-se mais, & continue-se atè cessarem todos os symptomas.

E sendo pessoas muyto delicadas, serlhe-hão mais convenientes as pirolas seguintes intituladas, Barbaroxa, conforme diz Rondelecio, & refere Foresto. Receyta: *Ruybarbo, & agarico, de cada hum duas oytavas, azevre huma onça, azougue morto com çumo de rosas tres oytavas, canela fina, ambar, de cada hum seu escropulo, myrrha, almecega, de cada hum huma oytava, façaõ-se pirolas com trementina fina, & tome o enfermo da primeyra vez hum escropulo, & depois se irá accrecentando, se for necessario*, & querendo *se pódem aguçar com diagridio*, posto que Rondelecio com pouca razaõ o reprova.

Lib. de morb. Ita fol 858. Lib. de luc ven. obser. 19.

E para pessoas rusticas, & robustas, sendo o mal muyto rebelde, as melhores de todas saõ as seguintes. Receyta: *Hermodactilos, azevre, de cada hum huma onça, cascas de mirabolanos chebulos, citrinos, & Indos, de cada hum tres oytavas, agarico meya onça, ruybarbo duas oytavas, cinamòmo, cariophilos, espica, almecega, de cada hũ duas oytavas, açafraõ meya oytava, semẽte de erva-doce, iva artetica, betonica, artemisia, casca de nòz noscada, de cada hum huma oytava, elleboro negro quatro oytavas, xarope de sthecade quanto baste, faça-se massa de pirolas, & deyxe-se fermentar tres mezes, cada oytava desta massa se farà em seis pirolas, & dourem-se, & de-se ao enfermo cada manhã huma só pirola.* E se naõ fizer bastante evacuaçaõ, dem-selhe duas, & continue-as vinte & cinco, ou mais dias atè se extinguir todo o contagio, & depois tenha regimento sessenta, bebendo agua de salsa, ou páo. Servem estas pirolas para gomas, glandulas, alporcas, talparias, dores antigas de pernas, braços, & cabeça, fistulas, & ossos corruptos, procedido tudo de qualidade gallica, posto que tambem póde aproveytar, se della naõ procederem.

Mas lembro, que havendo de dar azougue pela boca, esteja o enfermo preparado com as evacuações universaes, como quando se applica por fóra, segundo nota Rondelecio, porque naõ sendo isto, ha perigos de correr demasiado humor às partes da boca, & causar symptomas graves.

Lib. de morb. Ita fol. 857.

Se alguem quizer compor outras varias pirolas a seu modo, o poderá fazer, advertindo, que na quantidade ordinaria de cada dia, que se der ao enfermo, *naõ entrem mais que de quatro atè oyto grãos de azougue.*

Advirta-se porèm que o azougue, que se houver de dar pela boca, ou seja feyto em pirolas, como temos ordenado, ou dando-se precipitado, como logo dirèmos, deve-se escolher hum que seja muy legitimo, & limpo de toda a escoria, & mixtaõ, que possa ter de outra cousa, porque se a tiver de chumbo, estanho, ou semelhante, poderá fazer mayor dano, que proveyto, & por tanto, para segurar o negocio, se deve primeyro coar por hũa pelle de carneyro, & depois cozelo, como encommenda Pareu, *com vinagre, alecrim, himo, macella, coroa de Rey, & semelhantes ervas, & aromaticas, & ainda tornando-o a coar pelo mesmo couro*, & deste modo purificado se usará delle, fazendo as pirolas, & outras composiçoens como está dito, ou precipitando-o, como logo dirèmos.

Lib. 18. cap. 20.

Num. 3.

Numero 3.

Pós de azougue precipitado para curar morbo gallico.

ANtes de haver morbo gallico naõ acho que fallassem os Authores em azougue precipitado, porque o primeyro, que delle escreveo, foy Joannes de Vigo, que de azougue ensinou a fazer aquelles seus celebres pós, & depois delle, Nicolao Massa, que diz os sabia fazer primeyro que Joannes de Vigo os escrevesse. E logo Ruí Dias de la Isla, Cirurgiaõ famoso do Hospital d'El-Rey em Lisboa, cõtemporaneo destes dous Authores, do qual se póde cuydar que delles os aprendesse, porque os faz por diverso modo. Pedro André Matuiolo os foy seguindo, aonde traz outra preparaçaõ diversa. Assim o fizeraõ tambem outros graves Authores, que ensinaõ a fazer o azougue em pó, a que chamaõ precipitado.

Lib. de morb. gal tract. 6. cap. 6.

Lib. de morb. let.

Conformaõ todos elles *em que se lance o azougue em agua forte de que usaõ os prateyros, & douradores, & com ella se chegue ao fogo atè que se aparte, ou se consuma, & o azougue, que fica no fundo do vaso, se faça vermelho, & depois se faça em pó, que he o dito precipitado.* Differem em duas cousas; a primeyra na quantidade da agua, que se ha de lançar; a segunda no modo com que se ha de apartar, porque huns a fazem destillar em outro vaso, outros a deyxaõ evaporar, & consumir. Joannes de Vigo *lança libra & meya de agua forte a meya libra de azougue*: Mathiolo *lança a libra & meya delle, quatro libras da dita agua, & cada hum a poem a destillar em alambique de vidro*, desorte que apartando-se a agua pela destillaçaõ, fica o azougue no fundo do vaso, em que se meteo, calcinado, & vermelho, como se vè nos pós do dito Joannes de Vigo.

Lib. 8. c. 13.

Nicolao Massa *lança huma libra de azougue com outra de agua forte em huma redoma de vidro, o qual poem dentro de huma caçoula de cinza, porque naõ arrebente com a força do calor, & logo a caçoula sobre o fogo ao principio brando, & depois forte, & a deyxa estar atè toda a agua se gastar, que se conhece, porque naõ evapora cousa alguma, & depois se quebra o vidro, & se acha o azougue precipitado, & vermelho*, & se fica ainda alguma cousa delle vivo, se torra ao fogo em vaso de metal, ou de ferro, atè que totalmente se consume, & fica só o vermelho. Do mesmo modo o precipita Ruí Dias de la Isla, *mas lança duas libras de agua forte a huma de azougue.* Assim o faz tambem Juliano Palmario, porèm naõ lança mais *que duas onças & meya de agua forte a seis onças de azougue*: Leonardo Botallo, *lança partes iguaes*, & faz a sublimaçaõ como Vigo, mas sublima duas vezes. Outros Authores fazem outras preparações varias, convindo todos em que se ponha o azougue com agua forte ao fogo. A de Joannes de Vigo, he a mais celebre, & a que se usa em todo o mundo: porèm a de Nicolao Massa me parece melhor de todas, porque alèm de facilidade, leva menos agua forte, que he a que faz os pós mais agudos, & violentos, & por tanto os desta preparaçaõ saõ menos molestos, & de menos perigo. E posto que Palmario lança menos quantidade della, com tudo naõ approvo esta preparaçaõ, porque naõ parece bastante para precipitar o azougue.

Lib. de morb. gal tract. 6. cap. 6.

Lib. de morb. gal cap. 11.

Lib. de hydrarg. cap 6.

Lib. de morb. gal cap. ult.

O primeyro uso do precipitado foy em ordem a mundificar as chagas, gastarlhe a carne má, & superflua, atalharlhe a corroçaõ, & rectificarlhe toda a malicia, como se vè dos Inventores delle. Porèm depois se estẽdeo a dar-se pela boca algumas vezes com trabalhosos, outras, & as mais com felices successos. O primeyro Escritor, que a tal se atreveo, foy Joannes de Vigo, onde manda, *que se dem tres, ou quatro grãos do precipitado contra peste, misturando-os com meya oytava*

In chirur. comp. Lib. 5. juxt. pri. cap.

de

de triaga, meya onça de xarope de azedas, & duas oytavas de conſerva de lingua de vaca. E póde-ſe crer que ſerá remedio della; naõ ſómente por evacuar a materia venenoſa, ſe naõ por qualidade alexipharmaca, pois conſta de Serapiaõ, que o azougue a tem contra todos os venenos; & de Avicena, que mata animaes venenoſos; & he experiencia de Laguna, que o ſolimaõ (que he o meſmo azougue ſublimado) preſerva de peſte trazido no ſovaco, como eu tambem experimentey em febres malignas, em que notavelmente lhes remittia os ſymptomas. Antes de Joannes de Vigo, naõ ſe acha Author, que déſſe azougue pela boca; porque Paulo, poſto que refere alguns Medicos, que para colicas o deraõ queymado, & feyto em cinza, & miſturado com certas eſpecies, naõ manda que ſe dè, nem diz, que elles o eſcreverèraõ. Mas depois de Vigo, uſáraõ do meſmo precipitado, dando-o pela boca outros muytos Authores, como Mathiolo, o quál diz curar com elle morbo gallico em breves dias, peſte, melancholias, colicas, & finalmente quartãs, *dando cinco, ou ſete grãos em triaga, ou aſſucar de lingua de vaca, ou qualquer outra couſa, huma hora antes da ceſaõ*; eſtando porèm a materia jà algum tanto digeſta, porque por vomito, & camara evacua copioſamente fleuma, & melancholia.

Lib. de ſimp med. cap. 185. 2. can. c. 47. Lib. 6. ſup. Dioſc. in præf. Lib. 7. cap. prop. Loc. cit.

Numero 4.

Ordinatas do precipitado contra morbo gallico.

ORdena Mathiolo, que ſe tome deſte modo: *Tomem de azougue precipitado duas onças, infundaõ-ſe por eſpaço de huma noyte em duas onças de agua de tanchagem, & azedas, & depois ſe coe a agua, lancem no meſmo precipitado outra nova, & ſe chegue ao fogo, mexendo-o ſempre com huma eſpatula atè que a agua ſe conſuma, & ſe faça em pós ſecos, dos quaes ſe faràõ humas pirolas deſte modo.* Receyta: *Dos ditos pós cinco grãos, margaritas, jacintos, de cada hum outros cinco grãos, diamuſco, diamargaritaõ, electuario do Conciliador, de cada hum meyo eſcropulo, miſture-ſe tudo, & ſe façaõ cinco pirolas, que o enfermo tomarà huma hora ante manhã, & deyxar-ſe ha ficar na cama cinco horas.* E diz que em breve tira as dores gallicas, evacuando a fleuma, & melancholia por camaras, & vomitos. Em lugar das couſas ſobreditas, baſta miſturalos com triaga de eſmeraldas, ou confeyçaõ de jacintos.

Lib de morb. cit.

Mercado ordena aſſim. Receyta: *Pós precipitados (que primeyro eſtiveſſem dous dias de infuſaõ em aguas cordeaes) hum eſcropulo, pòs de triaſandalos meya onça, ruybarbo fino huma oytava, mithridato, conſerva de flor de lingua de vaca, de cada hum meyo eſcropulo. De tudo ſe farà maſſa de pirolas com mucilagens de tragacanto extrahida em agua roſada, & diz que ſe dè hum eſcropulo feyto em tres pirolas, tendo primeyro tomado hum caldo gordo de vitela, ou de frangão cozido com azedas, & beldroegas.* He eſta receyta de Juliano Palmario, & delle a tirou Mercado, aſſim como outras muytas couſas.

Lib de morb. gal cap. 13.

He tambem conveniente o celebre bocado de Alderete, que ſe faz pelo modo ſeguinte, conforme o Doutor Gil, no ſeu tratado manuſcrito. Receyta: *Pòs de Joannes de Vigo, cinco grãos, infundaõ-ſe doze horas em agua roſada, & depois ſe coem, & ſe miſturem com huma onça de aſſucar roſado Alexandrino, & hum eſcropulo de pòs de diarrhodaõ.* E depois que o doente os tomar, paſſadas quatro horas, *beba cozimento de ſemente de rabaõ com oximel morno*, & dahi a duas horas torne a beber o meſmo cozimento, para que ajude os vomitos; & para roborar o eſtomago depois de ter evacuado, *tome pão molhado em vinho, ou laranja, ou pera cuberta, ou raiz de eſcorcioneyra, ou de lingua de vaca, de aſſucar, & beba*

Lib de hydrarg. c. 6. §. pul. De morb. gal.

beba algum pequeno de bom vinho. Adverte mais Gil, que com os vomitos se naõ misture medicamento purgativo, porque enfraquecem muyto dous movimentos contrarios juntamente.

Pedro Lopes de Leaõ os receyta nesta fórma. Receyta: *Pòs de Joannes de Vigo hum escropulo; lancem-se duas vezes em agua rosada, & com duas gotas de mel rosado se formem duas pirolas, hum pouco duras*, & tome-as o enfermo duas horas antes da manhã, *& dahi a duas horas beba hum quartilho de vinho aguado com pouca agua, o qual beberà todo de huma, ou duas vezes, & com elle provocarà vomito com huma penna, & de pouco em pouco se lhe irà dando hũa tigella de vinho aguado, de maneyra que ha de ir bebendo atè duas canadas, & assim como o for bebendo irà vomitando*, porque he tanto o que lança pela boca, que das mesmas juntas se arranca o humor, & as dores se tiraõ. E às onze do dia lhe daràõ seu caldo de gallinha, & dahi a meya hora comerá da carne, & dahi por diante, *beba sua agua de salsa, ou de agua mel*, & passados quinze dias, *lhe tornem a dar quinze grãos dos mesmos pòs pela mesma ordem.* E costumaõ babar muytos dias, & com a dieta, & bom regimento sarou (segundo diz) hum milhaõ de enfermos com este modo de cura naquelle Hospital, em que este Author curava. E accrescenta, que sendo o sugeyto forte, & o mal rebelde, *dava de huma vez dous escropulos dos mesmos pós*; & porque se naõ espantem de tal quantidade, diz, que a causa de naõ haver perigo, he porque tornaõ a sahir com o vomito, & que com sua força deyxaõ os humores revoltos, & os evacuaõ pela boca, & assim ficaõ os enfermos babando dez, ou doze dias como se tivèraõ tomado unturas, & com isto sáraõ as chagas velhas cancerosas, & contumazes, & todo o genero de dores, caussadas de humores grossos, & ventosos, as gomas se desfazem, & com a força dos vomitos se rompem os apostemas internos, se estaõ suppurados, & finalmẽte sáraõ todos os achaques procedidos de morbo gallico. Isto testifica Leaõ, que he Author a que se deve muyto credito, porque esteve vinte & tres annos no Hospital de Cartagena de Indias, curando cada anno de morbo gallico quinhentos enfermos, pouco mais, ou menos, conforme diz no principio do livro deste mal.

Lib. de morb. gal cap. 13.

Os mesmos pòs dà este Author misturados *com o miolo da semente da Catapucia menor* (que vulgarmente chamaõ *Tartaros*) a saber, hum escropulo della a pessoas delicadas, & dous às robustas com quatro grãos dos ditos pòs de Joannes de Vigo, fazendo de tudo pirolas com mel rosado coado, as quaes em breve espaço fazem lançar pela boca & camarás, todas as boubas sem causarem vascas, nem molestia de consideraçaõ. Porèm na administraçaõ do precipitado haverá as advertencias seguintes.

Numero 5.

Advertencia à cerca dos pòs precipitados.

PRimeyra. Confessaõ todos os Authores, que he perigosa a cura, que com estes pòs se faz, & por esta causa alguns delles, como Fallopio, Tomitano, Rudio, & outros julgaõ que totalmente se naõ devem dar pela boca; outros porèm os aconselhaõ, mas com receyo, & grão cautela. E por tanto naõ se devem atrever a administralos, senaõ grandes Medicos, & Cirurgiões de grande experiencia, como encomenda Pedro Lopes de Leaõ, & em sugeytos muyto robustos; & sendo o mal taõ rebelde, que naõ possa ceder aos outros remedios.

Loc. cit.

Segunda. Antes de se usar destes pòs se devem preparar melhor do que os Authores costumaõ, porque de ordinario se contentaõ com huma, ou duas lavagens,

vagens; que lhes daõ em qualquer agua refrigerante. Mas como a violencia delles he muyta, mayor lavagem lhe he necessaria. E por tanto aconselho, *que se lavem vinte, ou trinta vezes*, ou como aconselha Rudio, *cincoenta vezes, ou tanto atè que percaõ a malicia, lançando a cada onça de pòs hum quartilho de agua, & mexendo-os, ou misturando-os bem com ella, & mudandolha cada doze horas, ou pelo menos depois que estiverem assentados no fundo do vaso.* E para isto basta ser a agua da fonte, fazendo sómente a ultima lavagem *com agua rosada, ou de azedas, ou de tanchagem.* E depois de lhe escoarem esta ultima, *lhes misturem quatro onças de agua rosada*, & com ella os cheguem ao fogo, atè que a agua se gaste, & se enxuguem, & deste modo preparados os guardem para se darem pela boca feytos em pirolas, ou por qualquer dos modos sobreditos, porq̃ sendo assim naõ fazem tantas vascas, nem movem accidentes de tanta consideraçaõ, senaõ he arrebentar a boca, & provocarem muyta copia de cuspo depois que se continuaõ, com que os enfermos saraõ com mais suavidade. E querendo usar delles assim lavados para mundificar as chagas, & extinguir a malicia dellas, fazem sua obra com menos dor, & molestia.

Lib. de morb. oc. cap. 15.

Terceyra. Lavados os pès pelo modo sobredito naõ movem aquella copia de vomitos, & camaras taõ excessiva, & assim quanto mais seguros, (conforme Galeno disse de outros medicamentos) menos efficacia tem de arrancar humores das partes solidas, & por tanto se devem dar ao enfermo mais vezes, para que o numero dellas supra o que falta da efficacia, & se venha adequar o remedio à enfermidade. A qual cura posto que dure mais tempo, por mais segura se deve elèger, conforme aquelle texro de Galeno: *Quos sanè spatio longiore curatos esse satius fuisset, quàm brevi viriliter mori. Porque he melhor sararem os enfermos em tempo mais comprido, que morrer em breve varonilmente.*

2. met. 1. 12. met. 1

Quarta. Começar-seha sempre pela menor quantidade, que destes pòs se costumadar, conforme aconselha Antonio Gallo, & depois delle Mercado, & se naõ bastar, ir-seha accrescentando a poucos: porque se logo se der muyta, & por tanta fizer dano, naõ està em nossa mão deyxar de se ter dado toda: inconveniente que Galeno acha em todos os medicamentos, que pela boca se tomaõ. E pela mesma razaõ se começarà pelos mais lavados, porque se o successo mostrar que naõ bastàraõ para domar a rebeliaõ do mal, & que as forças o permittem, pódem-se repetir outros mais fortes de menos lavagens, & assim mais efficazes, & respondentes à resistencia do affecto. E he doutrina de Galeno, quando diz: *Non enim statim à principio efficacissima remedia adhibere convenit, sed à debilioribus auspicari. Naõ convem que a principio se appliquem logo os remedios efficacissimos, mas que se comece pelos brandos.*

De lign. sanct. c. 2. Lib. 5. de morb. gal. cap. 15. Lib. de sang. mis. cap. 12. 2. local. c. 1. in fin.

Quinta. Dando-se os pòs precipitados com toda sua força, ou com poucas lavagens, segundo a ordem dos Authores sobreditos, he necessario que o enfermo tenha comido alguma cousa, como aconselha Joannes de Vigo. Primeyramente para que a violencia delles só, & sincera naõ offenda a boca do estomago que he muy nervosa, & sensitiva, conforme Galeno, & se colhe de Hippocrates que manda tomar logo immediatamente huma tisana sobre o medicamento violento, para que lhe obtunda a acrimonia. Segundariamente, porque como este medicamento provoque com violencia vomito, he mais facil tendo comido. Assim que serà acertado ter bebido *huma tigela de caldo gordo, ou de caldo de frangão cozido com azedas, & beldroegas*, como ordena Palmario, & Mercado jà referidos.

In comp. chirurg. lib. 5. cit. 2. acut. 11. ibid. text. 12.

Sexta. Compondo-se medicamentos do precipitado, devem-selhe misturar duas

duas especies de correctivos, a saber, *os alexipharmacos do azougue, & os da agua forte. Os do azougue saõ ouro, semente de orminio, de salsa, aypo, ouregãos, myrrha, cósto, & outros*, que jà referimos por authoridade de Dioscorides, & do Conciliador, & de Avicena. Agua forte, nem das cousas, de que ella se faz, naõ tem os Authores escritos proprios antidotos, porèm devem-selhe applicar os communs, com que se acode aos venenos erodentes, que tem faculdade purgativa, de que faz mençaõ Rodio, *como triaga de esmeraldas, confeyçaõ de jacintos, margaritas preparadas, coral preparado, diamargaritaõ frio, bolo Armenico preparado, & semelhantes.* E assim me parece que a mais accommodada de todas he a nossa receyta seguinte. Receyta: *Pòs de Joanes de Vigo, lavados em sete aguas; & depois dellas ultimamente em agua rosada sessenta grãos escamonea preparada quinze grãos, pòs de mirabolanos chebulos, azevre, myrrha, coral preparado, margaritas preparadas, semente de aypo, de cada cousa dous escropulos, ouro feyto em pò sutil, ambar gris, de cada hum dez grãos, com xarope de nove infusoens de rosas Persicas, se faça massa de pirolas, & della se façaõ trinta, que o enfermo deve tomar em trinta dias, cada dia huma, bebendo nelles, & em outros trinta, agua de salsa, ou pào, & ficarà sanissimo.*

Lib. 5. c. prop. & c. De lithar. Lib. de ven. cap. prop. Lib. 5. de mor. ven. cap. 11.

Septima. Costuma este precipitado commum mover mais graves symptomas, que qualquer outra administraçaõ do azougue, aos quaes se deve acodir, conforme està dito acima em seu lugar.

Cap. 27.

Oytava. Haja grão cuydado de que os pós precipitados sejaõ legitimos, porque se costumaõ falsificar os de Joannes de Vigo com azarcaõ, que he muy venenoso, & póde fazer muyto dano. Conhecer-seha o adulterio delles; porque tendo esta mistura se pegaõ ao papel em que se embrulhaõ. E accrescenta Oviedo que de duas maneyras se conhecem; huma he lançando-os no fogo, porque os pòs de Joannes se desfazem em fumo, & o que ha estranho fica inteyro. Outra lançando-os em agua forte, na qual se desfazem os pòs de Joannes, & fica inteyro o que ha de mistura.

Lib 4. de ung. rob.

Nona. Póde-se duvidar se os pòs do azougue precipitado, & sublimado, saõ calcinados. E para isto se entender, se note, que precipitar significa lançar de cabeça abayxo, & calcinar, fazer a cousa em cal. E porque o azougue, que de antes era vivo, depois de feyto em pò perde aquella viveza, & movimento, parece que por esta razaõ lhe chamàraõ os Authores precipitado, que vem a significar lançado de sua viveza. E como isto se faz com força de fogo assim actual, como potencial, (pois a agua forte he calida no quarto grão, & potencialmente fogo) & depois disto fica feyto em cinza a modo de cal, bem se póde dizer que he calcinado. E no que se sublima tambem cabe a mesma razaõ, porque com a força do fogo perde a viveza, & se converte em pedra como cal, & nella se reservaõ aquellas reliquias igneas, que na cal, ou cinza experimentamos. Porèm isto he questaõ de nome, & só para que a cousa se entenda bem, & a proponha, advertindo que se use do vocabulo dos Chimicos, que nunca chamaõ ao azougue feyto em pò calcinado, senaõ precipitado, ou sublimado, segundo sua operaçaõ.

Decima. Dando-se os pòs precipitados, conforme ordenaõ seus Authores, sómente com huma, ou duas lavagens, naõ he necessario que preceda purga, porque he tanto o que movem, & evacuaõ por vomito, & camara, que escusa preceder outra evacuaçaõ, senaõ for a da sangria em sugeyto a que convenha.

Undecima. Para se fazer a cura perfeyta, he necessario, que o mercurio se dè em quantidade que naõ mova muytas camaras, para se poder dar tantas vezes,

6. de lue ven. part. 4. c. 21. in fin.

que baste para extinguir a qualidade gallica, como nota Daniel Senerto; mas se o corpo naõ estiver de antes bastantemente evacuado, póde-se dar da primeyra vez grande quantidade, que baste para a evacuaçaõ universal, & depois ir dando menos, & menos, atè que naõ mova camaras, ou vomitos de consideraçaõ, para que podendo-se repetir muytas vezes, eradique o mal com sua qualidade alexipharmaca.

Numero 6.

Nova, & seguríssima preparaçaõ do azougue, que chamaõ precipitado branco, com que se cura o morbo gallico.

ALèm dos sobreditos modos, com que os Authores preparaõ, & precipitaõ, ou fazem o azougue em pó, tenho por experiencia ser muyto melhor, & mais seguro outro diverso, que naõ anda escrito, & se faz nesta fórma. Receyta: *Agua forte, & azougue, de cada hum huma onça, ou huma libra, ou o que quizerem, como venha a ser tanto de hum como de outro, lancem-se em hum vaso de vidro, & tanto que se misturarem, se verà que muyta parte do azougue se converte em huma substancia branca, que faz a agua a modo de leyte, & em menos de vinte & quatro horas se faz todo o azougue em pò, & se assenta no fundo do vaso, deyxando a agua clara. E como estiver neste ponto, escoe-se mansamente a agua, & no azougue, que ficar no vaso, lancem huma maõchea de sal, & logo sobre elle tanta agua da fonte, que responda a cada onça do azougue, que se tinha lançado, hũ quartilho de agua. E passadas vinte & quatro horas se escoe, & lancem outra tanta agua sobre o mesmo azougue, que cada doze horas se irà mudando por sete dias continuos, com tanto que as duas ultimas aguas sejaõ rosada, ou de azedas, ou de tanchagem*; & ultimamẽte se escoe muyto a tento naõ se lance o azougue a perder, *& depois se enxugue ao Sol, ou ao fogo*, & ficaràõ huns pòs que às vezes saõ de cor de cinza, outras tiraõ para cor de enxofre, *& tocados na lingua, que he o sinal por onde se conhece estarem bem lavados*, & mereceràõ o nome de mercurio doce, que por outro modo se prepara.

Saõ estes pòs admiraveis em curar toda a especie de morbo gallico, sem darem molestia alguma ao enfermo, mais que moverem muyta copia de cuspo, & fazerem arrebentar a boca. Naõ causaõ nauseas, nem vomitos, nem ancias de coraçaõ. Nos primeyros dias provocaõ quatro, ou cinco camaras, mas depois nem estas movem, & por tanto naõ he necessario que o enfermo, que os tomar, se recolha, mas de pè se pòde ir curando, se os tomar a tento que se lhe naõ ulcere demasiadamente a boca. Daõ-se cada manhã de quatro atè oyto grãos, que se pódem tomar secos, misturados com assucar, ou vinho, ou em agua, ou no que cada hum quizer. Se o mal naõ for muyto rebelde, tanto que a boca começar de arrebentar, cessem cõ elles: & se a evacuaçaõ naõ for por diãte, tornem-se a tomar, & assim os iràõ tomando a poucos atè se extinguirem todos os symptomas. Porèm se o mal for rebelde, deve-os o enfermo continuar atè cuspir em grande quantidade, & a boca se ulcerar manifestamente. Basta de ordinario tomalos oyto, ou nove dias, mas algumas vezes he necessario continuar quinze, vinte, ou trinta, porque naõ póde haver numero certo, & se quizerem usar destes pós para matar as lombrigas aos meninos, pódem-selhes dar com mais segurança que o azougue vivo, (de que usaõ algumas pessoas) dando-lhes delle hum, ou dous grãos.

Tres causas ha para que estes pòs sejaõ benignos, & mais seguros que os do precipitado ordinario. A primeyra, porque como pela ordinaria preparaçaõ se ponha o azougue com agua forte ao fogo, & se deyxe estar atè que se lhe des-

tille,

tille, ou consuma, tomaõ os pòs muyto da sua acrimonia, corrosaõ, & fortaleza, por isso ficaõ corrosivos, adurentes, provocativos de vomitos, purgativos, violentos, & venenosos, que saõ effeytos das cousas, de que se faz a agua forte, a saber, *capparrosa*, *pedra hume*, *& nitro*, segundo Nicolao Massa, & Joannes de Vigo, como se vê nos Capitulos de cada hum dos ditos simplices em Dioscorides; & como pela nossa preparaçaõ falta o cozer-se o azougue com agua forte, toma muyto menos della, acabando de se apurar pelas lavagens, & pela primeyra mistura do sal, & assim fica muyto mais brando. A segunda he a adustaõ, que o azougue recebe na precipitaçaõ ordinaria, porque conforme Galeno, por ella se fazem os medicamentos, que aliàs naõ eraõ agudos, mais calidos, & adurentes. E no que se prepara pelo nosso modo, naõ se lhe imprime aquella parte ignea, que em todas as cousas adustas imprime o fogo, conforme Galeno. A terceyra he a infusaõ, ou lavagem, que nas muytas aguas se lhe dá, com que totalmente se lhe separaõ as partes igneas agudas, acres, mordazes, & venenosas, que da agua forte lhe podiaõ ficar, ou de sua natureza tivessem, conforme a doutrina de Galeno. Pelas quaes razoens, & pelo que a experiencia me tem mostrado, se devem usar sem temor algum para curar os affectos gallicos.

Lib. de morb. gal. Tract. 6. cap. 6. Lib. 8. c. 1. Lib. 5. 9. simp. cap. 1.

Loc. cit.

Pódem-se tambem misturar estes pòs com outros medicamentos, que tenhaõ respeyto aos affectos gallicos particulares, v. g. *se padecer a cabeça*, *com pirolas cochias*, *se as juntas*, *com as de hermodactilos*, *se a madre*, *com as elephongmas*, *se o estomago*, *com as de hyera*, *ou mastichinas*, *misturando para cada dia os grãos*, *que parecerem*, confórme a celeridade, ou vagar, que o affecto pedir, & as forças permittirem. Exemplo. Receyta: *Massa de pirolas cochias*, *& de hermodactilos*, *de cada huma duas oytavas*, *dos nossos pòs precipitados brancos hum escrópulo*, *formem-se vinte & quatro pirolas com xarope rosado*, *& dourem-se*, *de que o doente tomarà tres cada noyte quando se recolher a dormir*, & sendo necessario, *agucem-se estas pirolas cõ quatro grãos de diagridio*, & sarará o enfermo, se lhe acodir muyto humor à boca por razaõ da evacuaçaõ, que as pirolas movem. E naõ bastando aquelles oyto dias dellas, irà continuando mais atè vinte, ou trinta, ou atè que os symptomas gallicos se extingaõ. Pódem-se tambem misturar *com pòs de sene*, *ou de outro medicamento purgativo*, para impedir a molestia da evacuaçaõ do cuspo, & misturarem-se *com pòs de salsa*; para fazer melhor cura, ou ordenar estes pòs que saõ excellentes. Receyta: *Pòs de nosso azougue precipitado branco cincoenta grãos*, *pòs de sene quatro oytavas*, *pòs de hermodactilos duas oytavas*, *pòs de cascas de mirabolanos chebulos*, *& citrinos*, *de cada hum duas oytavas*, *pòs de salsa parrilha dez oytavas*, *tudo se misture*, *& destes pòs tome o enfermo huma oytava pela manhã*, *& meya à tarde antes de cea*, *em agua de salsa*, *& continue atè que sare*, porque saõ muyto bom remedio de todos os affectos gallicos, & principalmente da cabeça, & juntas. Mas antes de os começar, terá feytas as evacuações universaes de sangria, & purga, como outras vezes està advertido.

Tambem por certa sublimaçaõ se prepara, & precipita de tal sorte o azougue, que nenhuma acrimonia, venenosidade, ou violencia lhe fica. E com ficar deste modo cura morbo gallico radicalmente sem molestia alguma, segundo o tenho por experiencia de muytos doentes, que com elle tenho curado. Naõ move nauseas, nem vomitos, nem faz anxiedades, nem parece a quem o toma que no estomago tenha cousa de medicina. Nos primeyros dias move quatro, ou cinco camaras, passados elles, nem essas move, porque a sua obra principal he com sua qualidade elexipharmaca extinguir a gallica, que ha no corpo, & mover alguma evacuaçaõ por saliva. Chamaõ-se estes pòs *mercurio doce*, & pe-

las grandes virtudes que tem, lhe chamàraõ tambem alguns *Panacéa*, vocabulo Grego, que significa *Sàra tudo*, à imitaçaõ de huma erva deste nome de que faz mençaõ Virgilio naquelle verso:

Ambrosios succos, & odoriferam Panacèam.

Esta preparaçaõ porèm naõ se pòde communicar ao vulgo por certos particulares della, & porque se se naõ faz muyto bem feyta, he perigosa,

Numero 7.

Outra preparaçaõ do azougue precipitado.

PAra inteyra noticia de tudo o que atè agora se tem inventado na cura do azougue, tratey certa preparaçaõ, que manda fazer Antonio Gàllo, que he desta maneyra. Receyta: *Seis onças de azougue sublimado, (que he o solimão) & moa-se em gral de pedra, que fique em pò sutil, & logo se lhe misture boa quantidade de farinha de trigo, & se amasse tudo com agua, & faràõ esta massa em bolinhos, misturandolhe manteyga crua. Depois disto se ponha a dita massa em alambique, & se tire por destillaçaõ toda a agua que puder sahir, & desta agua tomaràõ seis partes, de ouro feyto em pò huma parte, mesturem-se, & encorporem-se ambos, à qual mistura chama o dito Author Amalgama, & lance-se em hum vidro de boca larga, & depois se ponha o vidro em huma tigella de cinza, enterrado nella atè o meyo, & ponha-se a tigella sobre brazas de fogo brando, advertindo que naõ seja nunca muyto forte, & logo se veràõ humas codeas, ou correas, que pouco a pouco iràõ com huma colher apartando para outro semelhante vaso de vidro, o qual poràõ tambem com estas codeas na cinza sobre o fogo, & o deyxaràõ estar atè que ellas se façaõ vermelhas, ou citrinas, & mexendo-as se faràõ em pòs, a que chamaõ aureos precipitados.* Estes se tornaràõ a preparar nesta fórma: *Lançaloshaõ em hum vaso de barro, & sobre elles tanta agua ardente que passe hum dedo por cima, & com ella se chegaràõ ao fogo atè que a agua se consuma, & isto lhe faràõ tres vezes, & depois lhe tornaràõ a fazer a mesma prepareçaõ com agua de almeyraõ, ou de lingua de vaca.* Delles se daràõ ao enfermo de cinco atè nove grãos, com que se evacua por camaras, & vomitos grão copia de humores gallicos, com que em nove dias, conforme diz, fica o doente saõ. Misturaõ-se tambem estes pòs *com azougue, myrrha, almecega*, & com outras cousas, com que se fazem mais correctos, v. g. Receyta: *Azevre meyo escropulo, almecega quatro grãos, destes pòs precipitados cinco grãos, façaõ-se duas, ou tres pirolas com mel rosado, & dourem-se.*

Lib. de ling. sáct. non permis. c. 2.

Desta preparaçaõ de azougue naõ tenho feyto experiencia, mas por causa do solimaõ me parece perigosa, como tambem pareceo a Fallopio, sem embargo que a qualidade alexipharmaca do ouro lhe deve remittir a venenosa. Comtudo se alguem quizer usar della na fé de seu Author, o poderá fazer, com tanto que depois dos ditos pòs jà preparados pela ordem sobredita, se tornem a preparar lavando-os em quinze aguas.

Cap 79.

Numero 8.

Outros modos de curar com azougue.

TAmbem alguns Authores mandaõ curar morbo gallico fazendo fomentaçóes nas pernas, & braços com agua de solimaõ, atè que rebente a boca: porèm he cura perigosa, & de que se naõ deve usar.

Outros mandaõ fazer cintos, & manilhas cheas do mesmo azougue, & cingidos

dos ao longo da carne, de que se communica a virtude por todo o corpo, & faz babar, & outras evacuações. E para isso mataõ o azougue com cuspo, & clara de ovo, & o misturaõ com algodaõ, & o cozem dentro do couro, ou pano a modo de cintos, & manilhas, que atão nas pernas, & braços segundo ensina Daniel Senerto.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

DEtestaõ grandemente o uso do azougue. *Severamente merecem ser reprehendidos alguns Medicos, & Cirurgiões, que reprovaõ a cura do azougue, ou tomado pela boca, ou applicado por fóra; sendo a mais aggravante circunstancia de seu delito, o naõ terem experiencia propria do mesmo remedio que reprovaõ. Isto estamos encontrando cada dia. Vemos reprovar muytas vezes o azougue, em casos que pudera ser util, & bem apurado o Professor que o reprova, confessa, que nunca usou delle em semelhante caso. Naõ ha delirio mais digno de helleboro. Que no caso de huma consulta naõ proponha a cura do azougue quem naõ tem experiencia della naquelle caso: muyto embora; porq̃ he huma cura, que se faz formidavel a quem a naõ tem usado. Mas que a reprove nervosamente quem naõ chegou a usala, contra o conselho de quem a inculca com experiencias proprias no mesmo caso: he indocilidade, he imprudencia, he estro, he furor de contradizir, principalmente quando se naõ acha outro remedio, que naquelle caso possa utilizar. Isto nos moveo a penna para escrever o Tratado do uso do azougue nos casos em que he prohibido pela pratica vulgar. Achavamos doentes que necessitavaõ de azougue; & achavamos tambem contradições ao seu uso em Medicos, que naquelles casos o naõ tinhaõ experimentado; & foy preciso propalar algumas observações proprias, para tirar o horror ao azougue nos ditos casos; cousa que se naõ receberaõ bem todos, naõ ha duvida que tem aproveytado a muytos. A cura do azougue pela boca, he segura, & efficaz para todo o gallico, ainda que ou por activo, ou por inveterado se faça rebelde. Mas em duas cousas consiste a segurança, & efficacia desta cura; huma em que o corpo se prepare exactamente; outra, em que o azougue seja bem dulcificado. Se o corpo se prepara com exactas evacuações, faz-se depois a cura com toda a suavidade; o que naõ succede tomando-se o mercurio sem ellas; porque como este move os humores, se achar muytos, ha de mover muytos, & póde acontecer que vão para a garganta, ou para o peyto, ou para outra parte em que façaõ gravissimo perigo. Se o mercurio naõ he bem dulcificado, logo nas primeyras exhibições sobrevem effeytos de braveza, arrebentando a boca, & inflammando-se a garganta, desorte, que he preciso suspendelo; & o caso he, que como vão babando os doentes, pela malicia do azougue mal cicurado, entendem que ficaõ bem curados, & enganaõ-se, porque tem tomado pouco azougue, que he o que cura o gallico; & passado algum tempo se reconhece assim, ou pela duração dos achaques, ou pela repetição delles. Por isto quem quizer curar bem os gallicados com mercurio tomado pela boca, prepare-os exactamente, & delhes mercurio bem domado, misturandolhe huns grãos de diagridio sulphurado, para que se vão evacuando pelo ventre os humores que o azougue for movendo; que desta sorte, dentro de dez, doze, ou quinze dias terà concluida a cura com feliz successo,*

Só a estes se deve applicar. *Sómente nos achaques de gallico os mais envelhecidos, & rebeldes, quer o Author, que se use do mercurio tomado pela boca, depois de não terem aproveytado os mais alexipharmacos deste contagio; no que lhe não achamos razão: porque para que he estar experimentando muytos remedios menos efficazes, quando ha hum que cura certamente? Se o gallico he leve, se se entende que não serà rebelde, menos*

nos terà o mercurio que vencer, & bastaràõ poucos dias para concluir a cura; & se na duraçaõ dos symptomas se for mostrando repugnante este contagio; continue-se com o mercurio atè que comece a salivaçaõ, que deste modo naõ haverà gallico, que se naõ extinga, nem producto seu, que se naõ vença.

Numero 2.

O Enfermo preparado. *He muy preciso, como muytas vezes temos dito, que os que houverem de curar-se com mercurio, se preparem exactamente; porque o mercurio achando os corpos cheos, pòde causar lethaes incommodos, movendo os humores para o peyto, para a garganta, ou para outras varias partes, de cuja lesaõ se siga a morte. Naõ falta quem destemidamente use de panacéas mercuriaes, sem preparaçaõ alguma; mas tambem naõ tem faltado infortunios nascidos desta temeridade, que ainda que fosse bem succedida, nunca devia ser imitada.*

Varias pirolas. *Com mercurio, & outros medicamentos se faziaõ varias preparações de pirolas para curar o gallico; as quaes estaõ postas em esquecimento, porque o uso, & experiencia tem achado, que basta dar mercurio com diagridio de Paracelso, deyxando todo o mais fausto de ingredientes, de cuja mistura se naõ colhia mayor utilidade. Oyto, ou dez grãos de mercurio branco precepitado, com quatro, ou cinco grãos de diagridio, he o que basta para fazer esta cura dentro de dez atè quinze dias, reduzindo os ditos medicamentos em pirolas com alquitira, porque se tomaõ assim mais facilmente. O que se consegue tambem com algumas panacéas bem preparadas; que sem a mistura do diagridio, na quantidade de doze, & quinze grãos, purgaõ suavemente pelo ventre atè chegarem a promover a salivaçaõ.*

Numero 3.

PReserva da peste. *Do azougue, ou do solimaõ, que he azougue sublimado, escreveraõ muytos Authores, que trazido debayxo do braço esquerdo, junto do coraçaõ, preservava da peste; o que huns entenderaõ, q̃ procedia de afugentar todos os venenos; outros de os attrahir às partes externas, pela intima familiaridade, que com elles tinha; & outros finalmente de se offender menos com as qualidades venenosas o coraçaõ costumado ao veneno do solimaõ. E como quer que seja, attribuiraõ alguns tanto a este preservativo da pestilencia, que lhe contàraõ grandes encomios, dizendo, que fora remedio feyto por Deos para auxilio de mortaes. E para preservar de febres malignas diz Laguna, que tem tanta virtude o solimaõ, trazendo-o no dito lugar, que se perservou dellas no Hospital de Roma 24. annos hum Medico Portuguez Zacuto Lusitano, pondo em questaõ este negocio, & referindo as opiniões de muytos Authores, q̃ allega, veyo a resolver, que naõ podia o solimão nem outros venenos trazidos sobre o coraçaõ preservar de febres malignas, & pestilenciaes; em confirmaçaõ do que diz, que na peste que no anno de* 1600. *houve em Portugal, vira muytas pessoas mortas brevemente com ella, as quaes tinhaõ livida aquella parte sobre que traziaõ o solimaõ. Veja-se por curiosidade Zacuto no* livro 2. das historias, questaõ 48. fol. 339.

Quartans. *Com mercurio tomado pela boca curàmos humas quartans de causa taõ rebelde, que obedecendo varias vezes à virtude dos remedios anti-febris, logo dentro de pouco tempo repetiaõ. Veyo a ser o caso, que Lourenço Gomes de Araujo, Secretario da Junta do tabaco, homem de temperamento melancholico, teve humas quartans de que se curou com algumas evacuções, & finalmente com quinaquina; mas ainda não era passado hum mez, quando, sem haver erro no regimento, lhe retornàraõ. Curou-se segunda vez com o mesmo febrifugo, & ficou sem cesoens; porém dentro de trinta dias lhe repetiraõ. Nisto andàraõ muytos mezes, atè que considerando nós, que obstrucções,*

&

& intemperanç as feriaõ causa de tantas recidivas; lhe fizemos tomar foros deleyte de cabra, com remedios deobstruentes; mas no meyo da cura lhe repetiraõ as cesoens. Ellas logo cediaõ aos anti-febris; mas a causa estava taõ fixa, que brevemente retornavaõ; atè que resolvendonos a darlhe huma panacéa mercurial, dentro de dez dias faltàraõ as cesoens atè o dia de hoje. O nosso discurso foy, entender que este doente, que algum dia tivèra suas gonorrheas, poderia ainda conservar algum fermento gallico, de que procedesse a repetiçaõ das cesoens; & que quando o naõ tivesse, sempre haveria algum fermento febril guardado em algum humor crasso viscido, & tenaz, que só a generosa virtude do mercurio poderia penetrar, volatilizar, & dissolver. E ou fosse esta, ou aquella causa: com o mercurio se venceo, tomando pirolas de oyto grãos delle, com cinco de diagridio de Paracelso, com que fazia alguns cursos, atè que se promoveo a salivaçaõ, & se suspendeo o mercurio. Bem disse logo Crolio, 1. *quando disse, que as raizes fixas dos males rebeldes, pediaõ medicamentos mercuriaes com que se evellissem:* Morborum fixæ radices (*diz elle*) purgationes mercuriales requirunt. *E jà Thomàs Uvillis usou da cura salivatoria em humas quartans rebeldes.* 2.

1. Crol. Basil. Chimic. fol mihi 37.

2. Uvillis de febr. cap. 7. §. quæ propter, &c.

Numero 4.

COm o vomito. *Os vomitos nos gallicados, & nos que padecem alguns achaques cronicos, & rebeldes, fazem muytas vezes tanta utilidade, que só com vomitorios antimoniaes repetidos, vimos melhorar algumas pessoas de maneyra, que pareciaõ sans; & por isto para preparar os gallicados, que houverem de usar de mercurio, sempre preferimos os vomitorios de antimonio; porque por huma, & outra via alimpaõ muyto bem o corpo dos humores, fazendo sahir alguns tão viscidos, & tenazes, que com nenhum outro medicamento se poderiaõ evacuar; & assim vem a ficar depois a cura do mercurio mais facil, mais suave, & mais segura. Os vomitorios de que ordinariamente usamos, saõ os nossos emeticos na quantidade de hum escropulo; o tartaro emetico de seis atè oyto grãos; o vinho emetico, na quantidade de duas onças; a agua benedicta de Rulando, bem turva, na quantidade de tres onças; os pòs de Quintilio na quantidade de vinte grãos; ou a infusaõ de hum escropulo delles, feyta em duas onças de vinho branco puro. Algumas pessoas temos curado de gallico, dandolhes nos primeyros dias o mercurio com os vomitorios, & curàraõ-se felicissimamente. A receyta era esta:*

Tomem de pòs de quintilio doze grãos, de mercurio branco precipitado cinco grãos; misturem-se tomem-se em vinho.

Depois de tomarem estes remedios, tres ou quatro dias, continuava o mercurio na quantidade de oyto grãos com cinco de diagridio, atè se mover a salivaçaõ.

Numero 5.

COrrectivos. *Manda o Author ajuntar com o mercurio os seus correctivos, quando elle não està bem dulcificado. Porèm esta diligencia he inutil; porque se o mercurio naõ està bem domado de antes, no dia em que se toma não póde domar-se logo na companhia dos seus correctivos; & nenhum delles lhe poderà impedir os perniciosos effeytos de sua indomita braveza. O que importa he dulcificalo, & domalo bem, antes de chegar a uso, senaõ quizerem experimentar alguma infelicidade.*

Numero 6.

MElhor, & mais seguro. *Depois de tantas preparações de mercurio, propoem o Author esta, feyta por melhor, & mais seguro modo, preferindo-a com razão a todas as outras; porque o azougue precipitado, & preparado por este modo, he efficacissimo*

cassimo remedio deste contagio he benignissimo, & segurissimo, porque sem fazer ancias, nem mais incommodo que o de huma salivação, sem grande molestia remedea as queyxas para que se applica; sendo tal a suavidade com que obra, que muytos doentes desconfião da sua brandura, parecendolhes, que não poderà vencer a gravidade, & rebeldia dos seus achaques, hum remedio que se usa sem reconhecerem nelle alguma violencia. Esta he a preparação do azougue precipitado branco, de que nòs usamos, com a qual teremos curado mais de mil enfermos, chegando a dallo nos casos em que a pratica vulgar o prohibe; sem nunca acharmos nelle successo que culpasse a cura; porque sendo bem preparado, & usando-se com prudencia, obra sem molestia, remedea sem dano, & ordinariamente cura sem duvida; & por isto escolhemos esta composição do mercurio entre as muytas preparações, & panacéas que este, & outros Authores inculcaõ, nem queremos outra, mais que esta; porque nella achamos a efficacia que se deseja em extinguir este contagio, a promptidaõ em acudir aos seus productos, & a segurança de aproveytar sem offença. Nem se cansem os Professores da Arte com mais azougue, que este, cuja preparação he facillissima, cousa que não conduz pouco para se achar sempre bem feyto, & bem domado. Quando ouvimos inculcar, & encarecer varias panacéas mercuriaes, que se buscaõ por novidade, naõ as reprovamos, porque poderaõ ser muyto boas; mas cà nos ficamos sempre com o nosso precipitado branco, em cujo uso temos achado taõ admiraveis effeytos, que fizeramos escrupulo de repudiar este remedio, para entrar de novo nas experiencias de outro, de que naõ podemos esperar melhores successos. Usem muyto embora os que quizerem, as panacéas de Cirurgioens, Chimicos, & Boticarios estrangeyros, que nòs naõ queremos mais, que esta do precipitado branco; do qual costumamos dar oyto, ou dez grãos com quatro, ou cinco de diagridio de Paracelso, fazendo pirolas com alquitira. Algumas vezes chegàmos a dar doze, & quinze grãos, sem diagridio, & continuando atè oyto, dez, & doze dias, começa a salivação, & suspende-se o mercurio; & se a salivação he pouca, torna a repetir-se mais alguns dias. Da-se seguramente este mercurio nos meninos de mama, nas mulheres prenhadas, em todas as idades, & em qualquer estação, & tempo do anno; a cada qual na quantidade, que lhe for devida.

De pé se póde ir curando. *Muytos gallicados naõ pódem estar commodamente em casa em todo o tempo da cura; porque huns pelos negocios de que trataõ, outros pela impaciencia da clausura, sahem pela porta fóra; mas nem por isto deyxaõ de curar-se perfeytamente com este mercurio branco, com o qual curavamos em Tràlos-Montes aquelles rusticos, que rebuçados nas suas capas, andavaõ babando pelas ruas. Nesta Corte temos curado muytas pessoas, sahindo fóra em todo o tempo da cura. Tal he a efficacia deste remedio, & tanta a suavidade com que obra, que nem por sahir fóra se frustra a sua virtude, nem he necessario estar recolhido, por causa da sua violencia. Mas naõ ha duvida, que serà muyto melhor naõ sahir de casa em quanto se usar do azougue; porque naõ succeda, que com o frio do ar se constipe o corpo, que algumas vezes transpira mais sensivelmente com esta cura; ou que se suspenda a salivação, que ella move.*

Com outros medicamentos. *Mandaõ os Authores misturar o mercurio com varios medicamentos, que respeytem as partes offendidas; nòs confessamos que nunca tal fizemos. Damos o mercurio com diagridio, & sem mais fausto de remedios se vencem todos os achaques gallicos porque o mercurio he taõ penetrativo, que naõ lhe fica no corpo parte a que naõ chegue, sem que seja necessaria a mistura, & companhia de outros medicamentos.*

Mercurio doce. *Deste temos usado innumeraveis vezes, assim nos gallicados, como nos meninos para matar as lombrigas. Nos meninos da-se cada dia duas vezes; quatro,*

quatro ou cinco grãos de cada vez. Nos adultos da-se de doze atè quinze, & vinte grãos; & continue-se às vezes vinte, & mais dias, sem mover salivação; o que succede por ser muy dulcificado; & sem fazer evacução sensivel, cura muyto bem este contagio. Em meninos de mama gallicados, & em mulheres prenhadas, que necessitão curarse de gallico, he excellente remedio este mercurio pela brandura, & suavidade com que obra. Em França, em Alemanha, & em outros Reynos usão do mercurio doce no primeyro dia em quantidade de hum escropulo no segundo dão meya oytava; no terceyro huma oytava, & assim fazem salivar os doentes em quatro, ou cinco dias; mas muyto melhor nos parece dar menos quantidade de mercurio, ainda que se continue mais dias que por este modo não serà menos util a cura, & vay-se nella com mais segurança.

Numero 7.

PAnacéa. *Chamão Panecéa ao azougue, pelos muytos danos que remedea; deduzindo o vocabulo de hũa erva chamada* Panecéa, *de que fallou Virgilio no lugar allegado pelo Author, & Lucano, 3. quando disse:*

Et panacéa potens, & Thessala Centaurea.

Luc. n. 3 lib. 9.

Porque della escrevèrão, que tinha virtude para curar todas as enfermidades: Panacéa *(diz Joseph Laurencio na sua Amalthea Onomastica)* herba umbilifera, omnes sanans morbos. *E como o azougue he efficacissimo remedio de muytos males, por isto vierão a chamarlhe Panacéa; o que podião tambem chamar ao antimonio, ao aço, & ao opio; por serem medicamentos polycrestos, a cuja generosa virtude cedem muyto, & muy cerviçosos danos; a outros remedios insuperaveis, como notou Ettmullero 4. Mas pela mayor frequencia, & generalidade com que se usa do azougue, & pelo efficacia com que aproveyta, vierão a darlhe o nome de Panecéa; o que prevaleceo de modo, que em se dizendo Panacéa, jà se entende da Panacéa mercurial, de que muytos usão, como de remedio universal, que he o que merece o nome de Panacéa; de cuja existencia se duvida; sobre o que Ettmullero no tom. 2. pag.* 1290. §. Quæritur: an verum sit quod dari possit Panacéa?

Ettmll. 4 tom. 1. fol. mihi 180.

Entre as Panacéas que se usão nesta Cidade he geralmente bem recebida a que se prepara na Botica de São Vicente de Fóra, pela suavidade com que obra, & pela efficacia com que remedea, & esta he só a do nosso uso, de que são innumeraveis as boas experiencias que dellas temos.

Numero 8.

FAzendo fomentaçoens. *Com cozimentos, & aguas preparadas com solimão se cura tambem este contagio, segundo o que dissérão os Escritores delle. Nòs nunca usamos destes generos de remedios. Algumas vezes nos succedeo curar sarnas em pessoas, em que se presumia alguma infecção gallica, com o seguinte remedio.*

Tomem huma onça de solimão, duas libras de agua rosada, tres onças de vinho branco; fervão levemente, & guardem-se.

Lavando-se com esta agua, vimos que se curou a sarna; & que alguns enfermos cuspião como se tomàrão azougue.

CAPITULO XXXI.

De outros medicamentos, com que alguns Authores curão o morbo gallico.

Numero 1.

OS medicamentos celebres, com que em toda a parte se cura morbo gallico, *são azougue, guayacão páo santo, salsa parrilha, & raiz da China*, de que

atè agora diffuſamente tratamos. Màs porque alèm delles ha outros que os Authores apontaõ, com que ſe diz curar morbo gallico, he neceſſario tratarmos delles. Saõ eſtes *ſaſſifraz*, *legacaõ*, *ſàponaria*, *buxo*, *pinho*, *cidra*, *jumpiro*, que em Portugal ſe diz *zimbro*, *tamargueyra*, *alecrim*, *loſna*, *faya*, *acipreſte*, *acer*, *ceda*, *macella*, *carqueja*, *pào de gieſta*, *& outros*. Alèm dos quaes ha certas opiatas, & aguas, & humas compoſiçōes de viboras, com que alguns Authores pertendem curar morbo gallico, dando-os por legitimos alexipharmacos delle.

Numero 2.

Legacaõ.

Poſto que o *legacaõ*, chamado dos Latinos *ſmilace aſpera*, ſeja ſemelhante à ſalſa parrilha, com tudo he planta de eſpecie differente, como jà acima notàmos por authoridade de Pena, & ſe vê claramente, porque as raizes da ſalſa ſaõ lizas ſem nòs, ou joelhos, que ha nas do *legacaõ*. Porèm ou ſeja, ou naõ ſeja eſpecie de ſalſa, diz Laguna, que tem virtude de curar morbo gallico, da qual opiniaõ he Mathiolo, & Fallipio, que dizem terem com elle curado a muytos enfermos de boubas, os quaes naõ curou com outra couſa Pallopio, por eſpaço de dous annos com feliz ſucceſſo, ſenaõ com *legacaõ*, que colhia no monte de S. Juliaõ de Piſa. As raizes ſaõ as que tem eſta virtude, mas aviſa o meſmo Fallopio, que naõ ſe uſe dellas ſenaõ depois de ſecas, porque ſendo verdes tem certa humidade crua, & aquea, com que offendem o eſtamago. Ajunte-ſe a iſto, que as ervas atenuantes ſendo ſecas, ſaõ mais efficazes, conforme Galeno. A quantidade, & ordem de ſe cozer, & de ſe dar aos enfermos, he como a da ſalſa parrilha. Alèm das virtudes, que o *legacão* tem contra o morbo gallico, dizem Dioſcorides, & Plinio ſerem as ſuas folhas, & fruto excellente alexipharmaco contra qualquer veneno, dadas a beber antes, & depois delle, & que dando-ſe a hum menino quando nace, ficarà preſervado para que nenhum veneno o poſſa offender em ſuà vida.

Cap. prop. ſupra Dioſcor. cap. prop Supra Dioſcor. cap. prop Lib. de morb. gal. cap. 53. Lib. de atten. diet. cap. 1. Lib. 4. c. prop. Lib. 14. cap. 10.

Numero 3.

Saponaria.

Da *ſaponaria* trata Laguna, & a Hiſtoria plantarum de Rovilio; dizem chamar-ſe aſſim, porque esfregada entre as mãos com agua, levanta eſcuma, como ſabaõ, & com ella ſe lavaõ os panos. He de natureza quente, & ſeca; & diz Euſtachio Rudio, que para curar morbo gallico eſpecialmente rebelde, & q̃ a outros remedios naõ obedeceo, tem grande efficacia. E que a que vem de Apulia he quente, & ſeca no terceyro, mas a que nace nas noſſas partes naõ excede o ſegundo. E que pela grande efficacia, que elle, & outros muytos nella tem experimentado em curar eſte morbo, julga ter contra elle qualidade alexipharmaca. Della ſe fazem cozimentos, com que ſe provoca ſuor, lançando tres pugillos de infuſaõ em oyto quartilhos de agoa eſpaço de huma noyte, & cozendo-a na meſma atè ſe gaſtar ametade, do qual cozimento ſe darà ao enfermo meyo quartilho de cada vez que houver de ſuar. E farſe-ha ſegundo cozimento da meſma jà cozida em quatro canadas, que ſe gaſte huma para beber de ordinario. E ſendo peſſoa calida do figado, miſture-ſe ao cozer cevada, ou ſe faça cozimento em agua de almeyraõ, ou ſemelhante. Pode-ſe tambem dar em pò, ou ſó por ſi em quantidade de hum eſcropulo, ou miſturada com outros medicamentos, cujo exemplo ſaõ os pòs ſeguintes. Receyta: *Iva artetica duas onças*,

Lib. 2. ſup. Dioſc. cap. 152. Lib. 7. cap. 15. Lib de morb. ven. c. 16. & 18.

ças, dictamo branco onça & meya, zedoaria ſeis oytavas, raizes de ſaponaria tres oytavas, margaritas preparadas meya oytava, de tudo ſe faça pò muyto ſutil, & ſe miſture, & reparta em dez partes para dez vezes.

Numero 4.
Saſſifras.

EM males de boubas, diz Monardes, poſto que do contrario parecer he Rudio, faz eſte pào os meſmos effeytos, *que guayacaõ, raiz da China, & ſalſa parrilha*, dando-ſe em ſuores, & cozendo pára iſſo meya onçà delle em tres canadas, que ſe gaſtem duas, & para beber de regimento ſe torne a cozer nas meſma tres, que ſe gaſte meya. He a melhor parte do páo a raiz, & logo as ramas, & ultimamente o tronco; ſua compleyçaõ he quente, & ſeca no ſegundo grão, porèm a da caſca chega ao terceyro, & por tanto he mais efficaz. Cura tambem opilações, febres cronicas, parleſias, gotta, & finalmente todas as enfermidades de humores frios. Conforta o eſtomago, & todos os membros interiores; he cordeal por ſer aromatico, & ſe tem por accommodado contra a peſte.

2. p. cap. 1. Lib 5. de morb. ven. cap. 6.

Numero 5.
Buxo, junipero, & outros páos, & ervas.

DE qualquer deſtes ſe aproveytaõ tambem alguns Authores, como Scaligero, Lobero, Amato Luſitano, para provocar ſuor aos gallicados, & devem-ſe fazer os cozimentos, aſſim como ſe diſſe do *gayacão*, como ſe colhe de Trajano; advertindo que do *junipero* (que he o que chamamos zimbro) naõ beba o doente por deſaſtre alguma cavaquinha; porque as raſpaduras delle ſaõ venenoſas, conforme Dioſcorides; os outros ſimplices ſudoriferos, *como carqueja, alecrim, loſna, macella, milho, & huma eſpecie de violas de varia cor chamada flos Trinitatis*, de que faz mençaõ Camerario, & ſemelhantes, ſe devem cozer atè ſe gaſtar a terça parte da agua, & quantidade ſerá que reſponda huma maõ chea a cada quartilho de cozimento, que houver de ficar.

Exerc. 181. n. 19. In obſerv. ſtirp. pag. 61. Cent. 3. curat. 4. Lib. 9. de morb. gal. cap. 114 Lib. 1 c. prop. 83.

Numero 6.
Parecer ſobre os ditos medicamentos.

COmo a virtude alexipharmaca ſe conheça ſómente pela experiencia, conforme Galeno, & Euſtachio Rudio a tenha conhecido na ſaponaria, Fallopio, & outros no *legacão* para curar morbo gallico, naõ tenho por duvida que com eſtes dous medicamentos ſe poſſa curar como por legitimos alexipharmacos. Porèm do *ſaſſifras* naõ acho experiencias taõ claras, porque Monardes, poſto que o eſcreve, naõ diz que o experimentou, nem das outras medecinas ſe acha tal experiencia. E aſſim conforme Fallopio, naõ ſaõ verdadeyros alexipharmacos deſte morbo. Bem he verdade que os ditos medicamentos, & quaeſquer outros ſudoriferos pódem aproveytar ao morbo gallico em quanto evacuaõ os humores vicioſos por ſuor, porque por elle ſe deſcarrega todo o ambito do corpo, conforme ſe colhe de Galeno. Porém dahi naõ ſe colhe que tem virtude alexipharmaca. Primeyro, porque naõ ficaõ os enfermos ſaõs perfeytamente, & logo lhes torna o mal peor que d'antes. Segundo, porque naõ fazem proveyto algum, dados ſem provocar ſuor, como fazem a ſalſa, & guayacaõ, que

Lib. 14. met. c. 6 & 6. ſim. de abrot.

Lib. de morb. gal cap. cap. 37.

4 de ſani cap. 4.

dados de qualquer modo aproveytaõ, & de algumas vezes perfeytamente sáraõ ainda que com elles se naõ provoquem suores. Por onde sou de parecer, que sómente o legacaõ, & saponaria se pódem numerar entre os verdadeyros alexipharmacos do morbo gallico.

Numero 7.

Outros remedios que alguns Authores experimentàraõ contra o morbo gallico.

Fra. 904. col. 1. DIz Alisio, citado por Schenchio, sararem os enfermos de morbo gallico bebendo vinho, em que estivessem de infusaõ os juncos chamados marascos, que saõ os ordinarios, cujo miolo serve para trocidas de candeas, conforme Laguna.

Lib. 4. sup. Diosc. cap. 53. Clusio affirma, que o cozimento Hippoglosso Aulentino, chamado vulgarmente dos Narbonenses, erva terrivel, sára os enfermos da sarna gallica com excellente successo.

Lib. 21. cap. 4. Lib. sing. cap. 50. Louva Teveto huma arvore chamada *Hivo urabi*, a qual feyta em pedacinhos, & cozida em agua atè tomar cor de vinho vermelho, & bebida espaço de quinze, ou vinte dias, guardando bom regimento cura morbo gallico com tanta efficacia como o *guayacaõ*: naõ conhecemos porèm cá esta planta.

Nicolao Massa diz que o *enxofre* tem virtude de curar o morbo gallico, & Tract. 4. de morb. gal. c. 6. que hum seu amigo o tomára por muytos mezes duas vezes no dia, tres, ou quatro oytavas de cada vez, feyto em pò, & que sarára perfeytamente de chagas, & gomas gallicas antigas. Diz mais, que saràraõ outros bebendo cozimento de *azevre*, feyto por este modo. Receyta: *Azevre meya onça, mel seis onças, fervaõ em cinco quartilhos de agua a fogo brando, escumando-o sempre atè se gastar a quarta parte. E tomem-se cada manhã seis oytavas quentes tres vezes cada semana.* Diz mais, que conheceo outros que saràraõ bebendo muytos mezes agua de losna. Lib. de morb. gal. in med. Outros que tivèraõ saude bebendo oleo de trementina. E do que toca à agua de azevre, he tambem experiencia de Rondelecio, que diz curara com ella perfeytamente hum pobre, que padecia este mal.

Lib. de morb. gal. Pedro Hascardo Insulano usou do páo de *gesta*, em lugar do santo, com que provocou suores aos gallicados, com bom successo.

cap. 41. Lib. de abd. mot. caus. Antonio Benivenio Florentino diz, que alguns saràraõ, bebendo hum medicamento de *lacre lavado* (entende do verdadeyro naõ do composto, com que se fechaõ as cartas) *azevre*, *cozimento de murta*.

Lib. 3. cap. 4. sup. Diosc. Diz Laguna, que a *Aristoloquia*, principalmente redonda, tem mais virtude que a *salsa parrilha*, *& raiz da China*, & que misturada com o *páo santo*, o faz muyto mais efficaz, de sorte que naõ ha morbo gallico, por rebelde que seja, que naõ arranque. E eu falley com certo mancebo, que me disse que melhorára notavelmente de dores de boubas, com tomar o cozimento da *Aristoloquia redonda*, alguns dias.

Numero 8.

Opiatas, & agua de Fernelio.

ENtendeo Fernelio, que naõ era possivel curar-se morbo gallico com *azougue*, nem que a *salsa*, *guaycaõ*, *& China* o podiaõ extirpar perfeytamente, & por tanto intentou certas composiçoens de ervas, & aguas feytas de varias cousas contra veneno; & sudoriferas, com que se persuadio curar radicalmente esta enfermidade, como se vè no seu livro, *De lue venerea*. Enganou-se porèm

Fer-

Fernelio, como nota Daniel Scnerto, porque a experiencia naõ ſómente de Medicos graviſſimos, mas ainda de quaesquer empiricos tem larguiſſimamente moſtrado, que com *azougue, ſalſa & pào* ſe cura eſte morbo com toda a perfeyçaõ. E aſſim meſmo pela experiencia conſta, que as ſuas conſervas, & aguas naõ tem efficacia alguma, porque ainda que ſejaõ compoſtas de varios medicamentos alexipharmacos de outros venenos, com tudo naõ tem virtude contra a venenoſidade deſte morbo. E ſe Fernelio curava ſeus doentes com ellas, & elles ſaravaõ, era porque juntamente lhe dava a beber os cozimentos fortes do guayacaõ, como elle meſmo enſina, naõ porque a ſua *opiata* tiveſſe tal virtude. E aſſim nem Juliano Palmario ſeu diſcipulo teve razaõ em o ſeguir neſte particular, nem Mercado de o imitar, ordenando opiatas, & aguas de grande cuſto, ſendo que ſe nellas naõ miſturàra o guayacaõ, (que he o proprio alexipharmaco deſte mal) naõ puderaõ aproveytar couſa alguma. Porèm jà Mercado ſe temia de naõ aproveytarem, & por iſſo lho miſturava. E o meſmo parecer ſe ha de guardar na *agua philoſophica, nas viboras, & compoſições dellas, & em outros ſemelhantès medicamentos*, que outros Authores quizeraõ inventar, para com os ditos alexipharmacos curarem eſta enfermidade, porque a experiencia moſtrou naõ aproveytarem.

Ad fin. Lib. 6. med. pract. p. 4. cap. Cap. 13. & ſeq.

Lib. 2. de luc ven. cap. 7. Lib. de morb. gal cap. ult.

Numero 9.

Advertencias ſobre os medicamentos do morbo gallico.

DUas couſas ſe haõ de notar à cerca dos medicamentos, que os Authores trazem para curar eſte mal. A primeyra, que ſempre uſemos daquelles, em que a mayor, & melhor parte dos Authores concordaõ, & andaõ mais em uſo, & a experiencia tem moſtrado, & dos outros naõ uſemos ſenaõ em falta deſtes, v. g. *ſe faltaſſe a ſalſa, guayacaõ, & azougue*, ou ſe o enfermo foſſe taõ pobre, & miſeravel que os naõ pudeſſe alcançar, conforme aquelle conſelho de Arnaldo de Villa-Nova, que ſempre lancemos mão das couſas certas, & determinadas, porque he de animo inconſtante variar por muytas. A ſegunda he, que dos medicamentos menos uſados elejamos ſempre aquelles, em que mais pareça haver propriedade occulta contra a qualidade gallica, porque como a melhor cura ſe faz com o legitimo contrario, conforme Hippocrates, & eſta qualidade, ou propriedade o ſeja, ſempre ſe ha de preferir o medicamento, em que mais evidente pelo effeyto ſe moſtrar.

2. aph. 22.

E para ſe conhecer que medicamentos a tenhaõ, ſerá regra geral o que dá Galeno, a ſaber, ſe aproveytar a todos os gallicados, & a todos os affectos gallicos, ou pelo menos à maxima parte delles, & a todo o tempo. Jà ſe o medicamento for calido, & aproveytar aos affectos calidos, & iſto ſem fazer evacuações manifeſtas, naõ pòde haver duvida que haja propriedade occulta, com que obre. E do meſmo modo aproveytando em affectos frios, a que outros medicamentos calidos de igual, ou mais intenſo gráo naõ puderaõ aproveytar, he conſequencia infallivel obrar pela dita propriedade. Fóra deſte principio tomado da experiencia naõ ha outro por onde a qualidade occulta ſe poſſa conhecer, como diz o meſmo Galeno.

2. med. loc c. 8. P. G. & 2. med. oc. c. 2. fol. 128. D.

13 met. c 6 & lib 6 ſimpl. 40. E.

ANNO-

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

VIboras. *Nas viboras, & cobras consideràraõ alguns Authores virtude alexipharmaca para curar o gallico; questaõ que trata Madeyra na segunda parte; & isto mesmo teve para si a gente do vulgo, vendo que muytas pessoas que estavaõ tolhidas, & entrevadas por causa deste contagio, melhorarão com os caldos de cobras, remedio que algum dia andou muy introduzido, & com elle curamos alguns doentes. Não cuydamos que as viboras, & cobras tem virtude alexipharmaca para extinguir o gallico, assim como a tem o azougue; mas sabemos, que sem extinguir o contagio, remedeaõ muytas vezes os seus productos; porque estes tem por causa material os humores, que as viboras, & cobras, ou os seus cozimentos adelgaçaõ, volatilizão, & dissolvem, expulsando-os juntamente pela contextura cutanea. E assim temos visto curarem-se com os caldos de cobras alguns gallicados, que padeciaõ dores de juntas, & achaques de nervos, ciaticas, & inchaçoens cacheticas. Em Tralos-Montes curàmos com estes caldos hum homem de cincoenta annos, que depois de padecer grandes dores de pernas, & braços, ficou impedido das juntas, em quanto, ao movimento dellas, com os joelhos inchados, & entre o cotovelo, & maõ direyta huma dureza, que promettia huma goma. Tinha este homem sido dissoluto em quanto moço, & nestas queyxas havia tomado muytas sangrias; com que pela tirania dos males, & pela fereza de quem lhe ordenou a cura, estava esgotado de sangue, falto de espiritos, & destruido de forças para tolerar os remedios, com que se houvessem de vencer os seus danos. Nòs lhe demos quinze dias caldos de cobras, preparados com alguns alexipharmacos, com os quaes suava bastantemente, sem mais diligencia que a de estar cuberto na cama; & com este remedio se desimpediraõ as juntas, desinchàraõ as partes intumescidas; & o doente se nutrio, & convaleceo de maneyra, que parecia saõ; mas passados seis mezes, lhe fizemos tomar mercurio pela boca, com o qual se desfez a dureza, que atè entaõ se conservava no braço direyto, & ficou de todo livre deste contagio. Os caldos preparaõ-se deste modo:*

Tomem huma cobra grande, cortemlhe a cabeça com parte do pescoço, & o rabo pela via; tirem-lhe a pelle, & tripas; façaõ-na em postas delgadas; lavem-nas muyto bem com vinagre forte, & com sal, & depois duas, ou tres vezes com agua commua; entaõ cozaõ-se com hum capaõ (póde ser frangão, ou gallinha) em doze quartilhos de agua, com huma onça de salsa parrilha, duas onças de páo santo; ferva duas horas estando a panella barrada; coe-se o caldo, & guarde-se em vaso de vidro, ou vidrado. Toma-se hum quartilho quente pelas manhãs.

Servem estes caldos naõ só para os gallicados, mas para os leprosos, nos quaes primeyro se usàraõ sem os alexipharmacos deste contagio, & para os males cutaneos, como saõ a sarna, prurigens, & comichões, pustulas, & bertoejas, que costumaõ às vezes durar longo tempo; males em que as cobras, & viboras fazem grande utilidade, pelo muyto sal volatil de que saõ dotadas; por cuja causa aproveytaõ tambem nos estupores, parlesias, na gotta arthetica, & nas alporcas; sobre o que se veja o que por liçaõ de muytos Authores dissémos na nossa Medecina Lusitana, part. 2. cap. 2. *Zacuto Lusitano* 1. *teve para si, que nestes animaes havia virtude especifica para curar os males cutaneos, pela grande efficacia com que os remedeaõ. Veja-se o que com erudita penna, & liçaõ vasta escreve este Author na* historia 84. do livro 1.

1. Zacut. 1. hist. 84. fol. 149.

Numero 3.

SAponaria. *Desta planta usou Septalio* 2. *felizmente nos gallicados; ou fosse porque tenha especial virtude para este contagio; ou porque movendo suores, lhe aproveytasse. Nós nunca usamos della; porque temos os mais alexipharmacos, de cuja efficacia em vencer os males, que o gallico excita, já naõ ha duvida. Borello diz, que he remedio da epilepsia, por razaõ da sinatura; porque fervendo em agua faz escuma como a dos epilepticos quando estaõ em accidente. Veja-se o que escreve este Author na* Observaçaõ 18. da centuria 1.

2. Septal. in Cau. & animadvers. fol. 287.

Numero 4.

E*Ste páo numera igualmente Ettmullero* 3. *entre os mais alexipharmacos vegetantes do contagio gallico:* In cura luis gallicæ (*diz elle*) ingreditur similiter ac lignum guajacum, & alia decocta sudorifera, sicut etiam viribus conspirat cum ligno guajaco diaphoreticis, & sudoriferis, lui venereæ curandæ dicatis. *Nós, ainda que muytas vezes fazemos beber agua cozida com elle aos gallicados, nunca os curamos com este páo; porque sabemos, que se curaõ bem com os outros antidotos, de que ha mais experiencias. Para os catarros, & vicios da lympha acida, & acre tem elle boa virtude; & por isto Brunero lhe chamou* Panacéa, & Alexipharmaco dos catarros. *Adriano a Mynsicht* 4. *exalta a tintura do saxifrás para todas as fluxões catarraes, & lhe chama* Nectar dos catarros. *Para o estomago em que ha cruezas acidas, & viscidas, tem excellente virtude, pela muita oleosidade de que he dotado, com que corrige a acrimonia dos acidos.*

3. Ettmull. Colleg. pharm. in Schrod. fol. mihi 655.

4. Adrian. à Mynf. in Armamentar. Chym.

Numero 5.

N*Aõ só na salsa, páo santo, & raiz da China consideraraõ alguns Authores virtude alexipharmaca para o gallico, mas tambem nos mais vegetantes, que provocaõ suor; & assim diz Carlos Musitano*, 5. *que o buxo, o cedro, o acipreste, o visco quercino, & raiz da cana, tem melhor virtude em curar este contagio, que os antidotos referidos; o que naõ cremos; porque daquelles só Musitano o affirma; & destes nenhum Author o nega. Michael Ettmullero* 6. *diz, que ha no buxo virtude alexipharmaca, & que delle se póde usar, faltando o páo santo; como tambem da raiz da bardana, em lugar de salsa parrilha, & raiz da China; & do zimbro em lugar do saxifràs. No que o buxo excede ao páo santo, he em huma virtude anodina, & paregorica que tem, por razaõ da qual o oleo que delle se tira he grande remedio nas dores de dentes; & na sua flor, considerando alguns Authores tal virtude em purificar o sangue, que dizem, que tomando huma oytava della feyta em pó, com agua de papoulas, tirando-se o sangue das veas passada huma hora, se achará florido, & purificado, como escreve Riverio* no Capitulo do pleuriz. *Silvio Deleboe tambem achou no páo de carvalho, & de zimbro insigne virtude anti-venerea; a deste experimentou Platero em huns pobres, que curou felizmente.*

5. Musit. de lue ven. 1.

6. Ettmull. in Coll. pharm. in Schrod. fol. mihi 519.

COMEÇA-SE A TRATAR DOS PARTICULARES affectos do morbo gallico confirmado, & das enfermidades, que com elle se complicaõ.

CAPITULO XXXII.

Ordem geral, que se ha de ter na cura do morbo gallico complicado com outras enfermidades, & com certas cousas naturaes.

Numero 1.

DEclarado fica no principio desta obra, que a essencia do morbo gallico consistia em hũa qualidade venenosa, que offende principalmente o figado. Fica tambem dito que alèm da lesaõ que ésta por si faz, pòde ser (& muytas vezes he) causa de todos os generos de enfermidades, assim cronicas, como agudas. Advirta-se alèm disto que algumas vezes succede haver no corpo varias enfermidades, complicadas com a qualidade gallica, de que elle naõ he a primeyra causa, mas, ou as havia jà no corpo antes della, (v.g. se hum homem tivesse hum tumor scirrhoso, asthma, ou parlesia, & depois lhe succedesse contrahir o contagio) ou sobrevieraõ ao depois por alguma causa externa, v.g. calma, frio, golpe, cahida, muyto comer; ou interna, que do gallico naõ dependia, como destemperança calida, ou fria de estomago, cerebro, & outras partes, ou humores viciosos. Succede tambem que estas enfermidades, que da qualidade gallica naõ tivèraõ sua primeyra origem, venhaõ depois a ter dependencia della pelas fomentar, & conservar, mas póde acontecer que algumas vezes naõ haja tal dependencia, nem ella as fomente, ou conserve. O que tudo he necessario advertir-se para se saber como se ha de curar o morbo gallico complicado com outras enfermidades.

Lib. de luc ven. cap. 13.

Torne-se depois disto a advertir com Fernelio que a cura, que se deve à enfermidade complicada, humas vezes se compadece com a cura do gallico, outras lhe repugna, & cada huma dellas, ou em todo, ou em parte.

Numero 2.

Das enfermidades complicadas, cuja cura se compadece com a do morbo gallico.

SAõ estas quasi todas as enfermidades frias, & humidas, que de humores frios, fleumaticos, & melancholicos dependem, como destemperança fria do estomago, figado, ou qualquer outra parte, cachexia, parlesia, hydropesia, convulsaõ, obstrucções, tumores aquosos, ventosos, scirrhosos, & semelhantes: porque como a cura do morbo gallico se faz com medicamentos calidos, & secos, & que tenhão virtude de attenuar, & resolver, ou sensivelmente evacuar os ditos humores, não repugna, antes cõforme em tudo com a cura das ditas enfermidades. E quando isto acontecer, pòde-se curar o morbo gallico juntamente com ellas, advertindo sómente que se devem tambem applicar os remedios particulares, que a cada huma se devem, ou por razaõ da parte, ou do humor, ou de qualquer outra causa, de que seràõ bons exemplos as curas, que abayxo dirèmos das gomas, ascessos, tumores scirrhosos, talparias, carnosidades, obstrucções, & outros affectos, que de morbo gallico procedem, ou com elle se complicão.

Note-se porèm que posto que a cura do gallico conforme com a das outras enfer-

enfermidades por conformarem nas cauſas, com tudo ſuccede algumas vezes por razaõ da parte, naõ ſe permittir a adminiſtraçaõ de alguns remedios: *exempli gratia*, os eſtilicidios que ao peyto, & garganta decem, os quaes poſto que lhes convem evacuar os humores pituitoſos, com tudo naõ permittem fazer-ſe eſta evacuaçaõ com azougue, por razaõ da parte, porque póde mover tanta copia de humores a ella, que ſuffoquem o enfermo, como em ſeu Capitulo dirèmos, & jà acima advertimos.

Numero 3.
Das enfermidades complicadas, cuja cura repugna à do morbo gallico.

TOdas as deſtemperanças calidas, & ſeccas, & enfermidades, que de humores calidos dependem, repugnaõ à cura da qualidade gallica, porque como os alexipharmacos ſaõ da meſma natureza, de neceſſidade os haõ de accrecentar. Onde ſe ha de advertir que em alguns he tanta a repugnancia, que naõ admittem ſe faça remedio algum contra a dita qualidade, ou humor, que della depende: *Eſtas ſaõ as enfermidades agudas, como pleuriz, freneſis, eſquinancia, febres ardentes*, & quaeſquer outras, que aindaque depois ſe convertaõ em cronicas, com tudo guardaõ notavel agudeza nos principios, & totalmente impedem a cura do gallico. E por tanto encomenda Fernelio, que totalmente ſe deyxem em quanto durar a agudeza. Porque poſto que algumas vezes ſuceeda ſer a qualidade gallica a primeyra origem, de que aquellas enfermidades procedem, & actualmente as fomente, *he com tudo taõ vehemente a indicaçaõ da agudeza, que arrebata a ſi toda a cura, & deſorte, que poderà matar o enfermo ſe ſe houver de ter algum reſpeyto à dita qualidade*, cujo fomento, poſto que o haja, naõ he taõ efficaz, que conſerve a agudeza, que dentro de quatorze dias acaba, ſegundo Hippocrates, ſegund. aph. vinte & tres: *Acuti morbi quatuor decim diebus terminantur. As enfermidades agudas terminaõ-ſe em quatorze dias.*

Exceptuar-ſeha porèm a compleyçaõ do morbo gallico incipiente a reſpeyto das ſangrias, porque ſe devem dar na vea que menos poſſa retrahir o contagio ao figado, ſe a agudeza da enfermidade complicada o permittir, v.g. no pé, eſtando o contagio nas partes bayxas, conforme temos determinado na noſſa apologia, & diſputarêmos na ſegunda parte. Mas depois da agudeza paſſada ſe poderà ter reſpeyto à mà qualidade conforme o permittir (em caſo que o permitta) a reliquia da doença, que ficar, governando-ſe o Medico pelas regras geraes da urgencia da cauſa principal, & da cauſa *ſino qua non*, executando a indicaçaõ mais digna, ou mais vehemente, tendo, ou naõ tendo reſpeyto às outras, conforme a dignidade, ou a vehemencia de cada huma, ſegundo enſina Galeno.

Quæſt 19

7 met.c. 12 & 10 met.c.1.

Outras enfermidades ha, que aindaque em ſua cura tem repugnancia com o morbo gallico, com tudo permittem que ſe lhes faça algum remedio. Eſtas ſaõ v.g. ſarna, impigens, fleuma, ſalſa, febres cronicas, deſtemperança calida do figado, & rins, & outras ſemelhantes, nas quaes ſe deve tambem advertir *a urgencia, & cauſa principal, & a cauſa ſine qua non.* Porque ſe o morbo gallico for cauſa dellas, ou os ſymptomas delles urgentes, a principal cura ſe ha de dirigir ao gallico, tendo ſómente a ellas hum pequeno reſpeyto; & pelo contrario ſe ellas forem mais urgentes, & do gallico naõ dependerem, ou tambem ſe houver alguma, que totalmente ſeja impedimento da cura do gallico, porque em taes caſos ſe devem curar primeyro, tendo ſempre o reſpeyto, que ellas permit-

tirem, à mà qualidade. Tudo iſto ficarà mais claro pela doutrina das enfermidades de que adiante tratarêmos em ſeus Capitulos.

E quando ſobrevier o gallico depois de haver as ditas enfermidades, conhecer-ſeha que as fomenta, & que jà tem dependencia delle, porque depois do contagio crecèraõ, ou ſe exacerbaraõ, & foraõ guardando alguns ſimptomas do gallico coſtumados, como crecerem mais de noyte, & outros improporcionaes a cada huma dellas. E ſe com a applicaçaõ dos remedios gallicos ſe naõ exacerbarem, antes ſe diminuirem, he certiſſimo indicio terem jà dependencia do morbo gallico, ſegundo tambem o notou Mercado, conforme a doutrina de Galeno, & de Hippocrates.

Lib. 1. de morb. gal cap. 1. Lib. 5. de l. c. affect. 14. 2. aph. 17

Numero 4.
Da complicaçaõ do morbo gallico com certas couſas naturaes.

A Conſideraçaõ das couſas naturaes faz grande variedade na cura de qualquer doença, conforme Galeno; porque como ellas indicaõ q̃ ſe haõ de conſervar, muytas vezes naõ permittem que ſe applique o remedio que a enfermidade pede, por lhe ſer contrario, & aſſim ſuccede variarſe a cura do morbo gallico pelo temperamento, pela idade, pela emprenhidaõ das mulheres, porque eſtas tres couſas naõ permittem algumas vezes que ſe appliquem os remedios com toda aquella efficacia, & modo que ao mal ſe deve.

7. met 12 & 13. & 2. ad Glau cap. 2 & paſſim.

Pelo que ſe o enfermo de morbo gallico for de natureza calida, & ſeca, como eſta facilmẽte póde cahir nas enfermidades proporcionaes, ſe uſar de couſa do meſmo temperamento, claro he q̃ lhe ſaõ perigoſos os remedios que aos gallicados ſe applicaõ. Por onde convem que os cozimentos de *pào*, *& ſalſa*, ſe façaõ com menos quantidade, & fervão menos, & ſe temperem com alguns refrigerantes: & tambem os mantimentos ſejaõ ſecos, & menos ſe uſe de aſſado, & de biſcouto, como muy bem advertio Fernelio. Naõ ſofrem tambem os meninos, nem mulheres prenhes todo o rigor da cura, que ſe faz a outros ſujeytos, como ſe colhe de Nicolao Maſſa, Julio Palmario, & Mercado, & nòs traremos em ſeus Capitulos particulares. E poſto que ſe ha de ter grande conſideraçaõ de todas as couſas naturaes, deſtas tres eſpecialmente convem ter grande advertencia. Comecemos logo de tratar de cada particular affecto, que ou do gallico depende, ou com elle ſe complica.

Lib. de lue ven. cap. 15. Lib. de morb. gal tract. 4. c. 1. & 2. Lib. de lue ven. c. p. 19. Lib. 1. de morb gal cap. 5.

ANNOTAÇOENS.

Numero 2.

OS eſtillicidios. *Veja-ſe o que diſſémos nas Annotações ao* Capitulo XXVI. num. 4. §. Todos os eſtillicidos, &c.

Numero 3.

A Reſpeyto das ſangrias. *Quando o gallico incipiente ſe complicar com doenças agudas, que ſe hajaõ de curar com ſangrias, far-ſehaõ eſtas na parte que mais conveniente for para vencer a doença, ou ſeja no pé, ou no braço; porque a ſangria, de qualquer parte que ſe faça, naõ avoca para as partes altas o contagio gallico, que occupa as pudendas, o qual com facilidade ſe lhe communica, mediante a circulaçaõ do ſangue; ſobre o que ſe veja, por evitar repetições, o que diſſémos nas Annotações ao* num. 1. do Capitulo VII. *ao* num. 5. do Capitulo VIII. *ao* num. 2. do Capitulo XI. *& ao* num. 2. do Capitulo. XIII.

Numero 4.

DE natureza calida. *Nos gallicados, que forem de natureza quente, & secca, he mais conveniente a cura do azougue; porque sendo sempre mais efficaz para extinguir o contagio, naõ esquenta, nem excita os danos, que se temem do calor dos alexipharmacos vegetantes, como jà temos dito nestas Annotações muytas vezes.*

CAPITULO XXXIII.

Das febres gallicas podres.

COmo temos resoluto que todas as enfermidades se pódem gerar de qualidade gallica, consequentemente se ha de entender que ella possa ser a causa de todas as differenças de febres, hecticas, diarias, & podres, sanguineas, biliosas, & melancholicas. Das hecticas dirêmos abayxo; das diarias pela brevidade, com que passaõ, ou se convertem em outras, & pela tardança, que a dita qualidade em se curar requere, naõ ha para que tratarmos.

Das podres, em quanto saõ geradas de qualidade gallica, se ha de considerar se saõ agudas, ou cronicas: as agudas tratar-sehaõ como as outras enfermidades, que tem agudeza, sem que ao gallico se tenha *pro illo interim*, respeyto, como jà està dito. As cronicas humas vezes começaõ taes, outras ficaõ das agudas *per decidentiam* ou *per conversionem*, como diz Galeno, & a dita qualidade as fica conservando. E assim tenho visto muytas vezes adoecer hum gallicado de febre aguda, & curando-se como convem, remittir-se dentro dos termos da agudeza, & depois continuar a febre com dependencia da mà qualidade, & curarse com os alexipharmacos della. 1. prog. com. 24

Pódem estas ser biliosas, pituitosas, & melancholicas, mas estas ultimas poucas vezes se vem que repitaõ em circuitos quaternarios, nem tambem ha de ordinario legitimas quotidianas, que do morbo gallico dependaõ. As mais frequentes de todas saõ terçãs dobles muyto espurias, porque como esta qualidade deprava a sanguificação, he mais ordinario predominar o humor cholerico, crasso por adustaõ, & muyto vergente jà a atrabilioso, o qual misturado com muyta porçaõ de fleuma (que tambem he copiosa nos gallicados) causa as ditas febriculas lentas, & importunas, que pertencem à quarta especie de morbo gallico, & raramente chegaõ a total intermittencia, & começão a exacerbar pelas tres horas da tarde, & duraõ até depois da meya noyte, como excellentemente observou Rui Dias de la Isla, & cada dia nos mostra a experiencia. Lib. de morb. ser.

Conhecer-seha procederem desta mà qualidade primeyramente pelos sinais do contagio, que precedèraõ, a saber, conversaçaõ suspeytosa, gonorrheas purulentas, encordios, chagas de partes bayxas, & semelhantes, especialmente se com medicamentos se reprecutissem, ou com sangrias do braço se retrahissem às partes superiores. Demais disto de ordinario ha outros symptomas gallicos, como dores, & tumores de cabeça, & mais lugares costumados, & a febre vay continuando de ordinario remissamente, mas pelas tardes, & de noyte se exacerba, & naõ obedece aos remedios costumados, sendo que algumas vezes ha perfeyto cozimento nas aguas à imitaçaõ de outras febres malignas, conforme aquelle texto de Hippocrates, segundo porr. text. vinte & quatro *& urinæ coctæ mala*, das quaes havendo estes cozimẽtos, & naõ sendo aos remedios *secundùm rationem* applicado, he sinal evidente depẽderem de mà qualidade, conforme Galeno. Pelo que tambem he certo haver dependencia da gallica, quando 3. epid. sect. 3. com. 9.

havendo cozimento de humor naõ melhorem estas febretas conhecidamente podres com os remedios ordinarios bem applicados, segundo muytas vezes tenho visto.

Pronostica-se sararem todas estas com *applicaçaõ do páo salsa, & azougue*, em quanto naõ chegaõ a ser tabidas, mas depois que a tal chegaõ; posto que as vezes sáraõ, tem muyta difficuldade.

A cura destas febres he xaropár, & purgar o enfermo, posto que nas aguas naõ appareça cozimento, porque aindaque algumas vezes cheguem a cozer-se, muytas naõ chegaõ a isso em quanto a mà qualidade se naõ remitte. E naõ he contra nòs o aphorismo de Hippocrates, que diz: *Concocta medicari, atque movere, non cruda, neque in principijs.* Haõ-se de purgar, & mover os humores cozidos, naõ os crus, nem os principios das enfermidades. Porque este aphorismo se entende das enfermidades ordinarias, em que os humores pódem receber cozimento, & ha lugar de se esperar por elle, naõ de aquellas que dependem de qualidade venenosa, especialmente gallica; que Hippocrates naõ conheceo, como largamente mostrarêmos em seu lugar.

1. aph. 1. partiq. 9.

Ha-se porèm de advertir que os medicamentos sejaõ menos calidos, que nos outros affectos, em que naõ ha febre, porque aindaque a principal indicaçaõ he a da causa pela regra geral, com tudo neste caso se ha tambem de respeytar o effeyto, conforme outra doutrina de Galeno; que para curar as febres manda escolher os deobstruentes, & purgantes menos calidos, & pódem-se ordenar estes xaropes. Receyta: *Xarope de fumaria, & de almeyraõ, de cada hum sua onça, agua de borragem tres onças, misturem-se.* Ou este. Receyta: *Xarope de avenca, & de violas, de cada hum sua onça, agua de lingua de vaca tres.* E a purga serà esta. Receyta: *Polpa de canafistula, diacatholicaõ, confeyçaõ hamech simplez, de cada hum tres oytavas; xarope de nove infusoens de rosas Alexandrinas, & de violas, de cada hum onça & meya, cozimento de cevada, flores, & sementes frias, & sene quanto baste, faça-se bebida breve.* E se os humores forem mais crassos, faça-se esta. Receyta: *Agarico trociscado, & ruybarbo, de cada hum dous escropulos, infundaõ-se no cozimento dito, & ajunte-se à infusaõ tres onças de xarope regio para huma bebida.*

Lib. art. med. c. 89 & 10. met. c. 1. 1. met. c. 10.

Naõ ficando o doente bem evacuado se lhe daràõ estas apozemas. Receyta: *Salsa parrilha huma onça, cevada pilada outra onça, raiz de borragem, de almeyraõ, de lingua de vaca, de cada huma onça & meya, folhas das mesmas ervas, de cada hũa sua mão chea, sementes frias mayores, de cada huma tres oytavas, flores cordeaes, de cada huma duas oytavas, folhas de sene seys oytavas*; ou se o enfermo for difficultoso em purgar, *huma onça; faça-se cozimento secundùm artem, que fique em quartilho & meyo, adoce-se com assucar, se faça apozema, a qual lhe daràõ em tres manhãs*; & se for necessario, repita-se mais vezes fazendo-a de novo.

Depois do enfermo assim preparado, naõ haja duvida pelo medo das febres, segundo nota Fernelio, de lhe dar suores, principalmente de salsa, ou unturas de azougue, como ordena Ruí Dias de la Isla, & outros Authores graves, & a quotidiana experiencia nos tem mostrado; porque metemos estes doentes em suores, & unturas, & sáraõ perfeytamente sem que succeda desastre. Advirta-se porèm, que havendo-se os suores de dar, antes se use de salsa, porque, ou he fria, conforme tem Rudio, ou naõ excede o primeyro grào de calor, como tem Mercado, & a experiencia mostra. E pòdem-se dar duas vezes no dia, sem que para isso seja impedimento a cesaõ da tarde, sómente se houver frio conhecido lho deyxaràõ passar, & todo o augmento, & estado, & se esperarà que decline,

Lib. de lue ven. curat. cap. 14. Lib. de morb. ser. Lib. 5. de morb. ven cap. 16. col. 20 4 in fin. Lib. 1. de morb. gat cap. 10.

que

que he a hora em que Hippocrates, & Galeno mandão dar de beber, & fazer beneficio. Advirta-se porêm que se a cesaõ for taõ comprida que naõ comece a declinar senaõ pela meya noyte, nem por isso deyxe de se dar o suor no estado da febre, porque a experiencia me tem muytas vezes mostrado, que logo depois delle declina, & a cesaõ se abrevia, & sàrão os enfermos melhor, & com mais brevidade, que dando-se hum só suor no dia pelo medo da cesaõ. E he a causa, porque com o suor se move o humor do centro para a circunferencia, segundo a natureza entaõ o move; mas este ponto disputarêmos na segunda parte desta obra.

Depois da cura feyta, tenha o doente regimento quatro meses, porque como o mal està taõ entrado, he facil a recahida, como notou Ruì Dias, que alcançou por experiencia, que se dentro dos quatro meses se desmandavaõ, principalmente no uso venereo, tornavaõ logo a recahir, senaõ era com a mesma febre, com os outros symptomas gallicos. Quæst. 27. art. 5.

ANNOTAÇOENS.

Continuar a febre. *Muytas vezes temos visto adoecerem com febres agudas alguns gallicados, nos quaes depois de vencido o perigo da agudeza, se ficou continuando a febre com algumas exacerbaçôes, outras vezes sem ellas; para cujo remedio foy precioso usar dos alexipharmacos anti-venereos. E naõ só por razaõ do contagio se experimenta rebeldia na febre, senaõ que se reconhecem outros muytos danos, depois de se curar inteyramente aquella; como he apostemar huma sangria, & abrir-se na cisura huma chaga, que só com os antidotos do gallico chega a cicatrizar. Hum doente curàmos de huma febre maligna, que se sarjou nas espadoas; & bem convalecido jà da doença, nunca se lhe fechàraõ as sarjaduras em mais de tres meses; com desprezo de muytos remedios que se lhe applicàraõ, atè que lhe fizemos tomar sete dias humas pirolas de oyto grãos de mercurio branco precipitado, dez grãos de assucar de chumbo, & quatro de diagridio sulphurado; com as quaes sem haver salivaçaõ alguma, se curàraõ os golpes, & sarjaduras das ventosas. Outro vimos, que suppurandolhe huma parotida, em mais de seis meses depois de livrar de huma febre maligna a trouxe aberta, até que lhe demos as mesmas pirolas, que continuou onze dias, depois de purgado duas vezes com huma oytava de pos de Cornachino; para o que tomamos fundamento da rebeldia do dano, em pessoa que tinha padecido algumas gonorrheas, das quaes tratou pela praxe ordinaria, que as manda conservar muyto tempo, purgando boas materias; de que resulta communicarse ao sangue no seu circulo o contagio que as excita, como jà dissémos nas Annotaçôes ao* Capitulo XI.

Circuitos quaternarios. *Pouco tempo ha vimos hum moço, que depois de ter dous encordios muy rebeldes, adoeceo com humas cesôens terçãs. Chamou Medico, que o mandou sangrar dez vezes, de que resultou inchar por todo o corpo brevemente, com huma hidropesia anasarca, sendo grande a intumescencia do ventre, & incompescivel a sede; danos que sem duvida procedèraõ de se debilitar a massa sanguinaria, acabando de perder o seu balsamo, & os espiritos nas evacuaçôes de sangue jà conspurcado com o veneno gallico. Nós curàmos este homem com o seguinte methodo. Primeyramente negamoslhe a agua, concedendolhe sómente meyo quartilho cada dia, cozida com páo santo. E logo lhe fizemos tomar em tres dias continuos esta agua solutiva, com que purgou bastantemente.*

Tomem de folhas de sene dez oytavas, de sal de tartaro oytava, & meya, de sal polycresto huma onça, de erva-doce meyo escropulo; ferva tudo em tres libras de agua, & coe-se.

coe-se Tomaõ-se seis onças de manhã, & outras seis de trade, se se quer alimpar o corpo mais brevemente.

Purga esta agua com suavidade; & repetindo-se muytos dias, vence às vezes queyxas muy rebeldes, que dependem da regiaõ primeyra. Quem quizer fazella mais solutiva, ajunte em cada exhibiçaõ onça & meya de xaropé aureo, ao de Rey, ou Persico, ou de manà bom.

Quando o doente tomava esta agua, lhe sobrevieraõ as cesoens terçãs; mas naõ fizeraõ suspender o curso da cura, que continuamos com o seguinte remedio:

Tomem de salsa parrilha machucada seis onças, de páo santo limado, & cascas delle, feytas em pò, de cada cousa cinco onças & meya, de raiz da China tres onças, de páo de saxifrás quatro onças, de folha de sene seis onças, de erva-doce huma onça, de coentro preparado cinco onças, de ruybarbo escolhido meya onça. Tudo se lança em doze canadas de vinho branco generoso, ponha se em cinzas quentes vinte & quatro horas, & depois dellas se comece a beber, sem se coar.

Este vinho cura o gallico mais radicado, que com os alexipharmacos vegetantes se póde vencer; mais deve applicar-se em achaques frios, & em naturezas fleumaticas; cura cachexias, hydropesias, achaques de nervos, & de juntas, cuja causa tenha dependencia deste contagio. Tomaõ-se de manhã em jejum seis onças de tarde outras tantas, cinco horas depois de jantar. Aos comeres tambem se bebe delle & finalmente em quanto dura, naõ se bebe outra cousa sómẽte nas pessoas, que por razaõ de seu temperamento, & costume naõ puderem passar sem agua, se lhe dispensa ao jantar, & cea hum pucaro de agua cozida com saxifrás, ou páo santo.

Com este vinho continuava o doente quando no quarto dia delle lhe faltou a cesaõ; & proseguindo a cura, desinchou perfeytamente. Mas para extinguir todo o fermento gallico, que houvesse no corpo, passados oyto dias depois de acabar o vinho lhe fizemos tomar em outros tantos as seguintes pirolas depois das quaes ficou o doente com perfeyta saude.

Tomem de mercurio branco precipitado dez grãos, de diagridio sulphurado quatro grãos, de assucar de chumbo seis grãos; façaõ se pirolas com alquitira, & dourem-se para tomar de huma vez.

Pelas tardes, & de noyte se exacerba. *Ordinariamente nas horas de vespora se exacerbaõ as febres; com que só por este sinal naõ se póde entender que saõ gallicas; he necessario investigar mais algum fundamento para se tratarem por taes estas febres. Nós vimos hum moço de dezoyto annos, que depois de ter huma gonorrhea tres mezes, padeceo huma febre continua, com crecimentos de tarde, que duravaõ toda a noyte. Curou-se com sangrias, & purgas, & outros varios remedios, que o Medico que châmou lhe applicàra. Entendeo que estava saõ, mas todas as noytes se achava mais quente que de dia; & huma sarna com que adoecèra, ainda a tinha, porque com nenhuns remedios a pode curar. Chegava se a isto, que havendo mais de hum mes que estava, a seu parecer, livre de febre, & comendo com vontade, naõ se nutria, nem medrava; com que vendo-se obrigado a buscar Medico, dentro de quinze dias teve saude; porque purgando-o duas vezes, lhe demos treze dias continuos mercurio branco com diagridio; & quando começava a salivar, o suspendeo, ficando saõ da sarna, sem applicaçaõ de remedios externos; porque do vicio gallico do sangue se fomentava a sarna, & porisso a nenhuns remedios cedia. Entendemos que os males deste moço tinhaõ dependencia do contagio do sangue, por haver tido tres meses huma gonorrhea, cujo contagio em taõ longo tempo naõ podia deyxar de se ter communicado ao sangue, quando menos tempo, bastava para este se viciar por meyo do seu circulo.*

Suores. *Esta doutrina do Author no presente Capitulo he solida, & verdadeyra; &*

& no que toca a dar suores nestas febres, temos nòs observado muytas vezes a sua utilidade; haverà dous meses a vimos em huma mulher, que padecia huma febre continua com crecimento cada dia, que entrava com frio. A doente era gallicada; a febre a ninhuns remedios cedia; & cansada jà da doença, & das curas, fez huma consulta de Medicos, que julgàrão que a febre era gallica, & que devia curarse com suores. Assim foy; porque tomando-os de salsa, & pâo santo, logo aos quatro reconheceo melhoria, & com 25. teve saude. E quando jà andava de pè, lhe aconselhamos, que tomasse sete, ou oyto dias mercurio branco precipitado; porque temos dado no dictame de que só o azougue extingue bem os seminarios do gallico; dos mais alexipharmacos, entendemos que se não aproveytão por sudorificos, como cuydou Musitano, aindaque tenhão grande virtude para o gallico, raras vezes o extinguem de todo, & por isto sempre queremos curar com azougue, ou ao menos folgamos de coroar com elle quaesquer outras curas feytas com os mais alexipharmacos deste contagio, por não deyxar no corpo seminarios para novas reproducções.

Regimento quatro meses. *He necessaria grande paciencia nos enfermos para observancia de quatro meses de regimento. Se o gallico fica bem curado, trinta, ou quarenta dias bastão de regimẽto. Senão fica bem curado, não basta toda a vida; porque este contagio não se cura senão com os seus alexipharmacos; & importa pouco que os doentes comão hum anno os alimentos de que usão os gallicados, se ainda conservão alguns seminarios do contagio; nem a agua de salsa póde tanto que os extinga. O que faz isto bem, he o azougue, cuja cura necessita de menos tempo de regimento, que as que se fazem com os mais alexipharmacos; porque o azougue cura tão efficazmente, que deyxa poucas reliquias, que com o regimento se hajão de acabar.*

CAPITULO XXXIV.

Da hectica gallica.

SUccede tambem aos gallicados emmagrecerem de modo que parecem hecticos da terceyra especie, as mais vezes com febre, mas algumas sem ella. A causa he a mesma qualidade gallica, que não sómente està no figado, mas em todas as partes solidas, & produzindo nellas calor, & secura, he causa daquella magreyra. Accrecenta-se a isto ser vicioso o mantimento, que do figado vay, & debilitar-se a faculdade nutritiva das partes. Por onde se mostra concorrerem neste caso duas das tres causas da magreyra, que Galeno affirma, a saber, debilidade da virtude, & vicio do mantimento, porque a falta delle não hà neste caso. E se perguntarem se algumas vezes poderà esta febre ser verdadeyra hectica; respondo que sim, porque não ha inconveniente, que impida introduzirse o calor *in facto esse* nas partes solidas; porèm o mais ordinario he não ser hectica legitima, como ensina Thomàs Rodrigues da Veyga.

Lib. 3. de simp. caus cap. 1. Lib. 1. de dif. febr. sect. 4. sup text gen. igit in fin

Os sinaes são os ordinarios, a saber, contagio que houve, tumores, dores, & outros symptomas semelhantes, que ou acompanhão a febre, ou precedèrão, & de ordinario procede outra febre podre gallica, das que temos dito, que repetem como terçã doble, & sobre tudo não enfraquecem estes enfermos tanto como os que padecẽ verdadeyra hectica, que por ser causada de calor habitual, radicado na substancia solida, enfraquece muyto, conforme Galeno; & o calor das hecticas gallicas ordinarias não està em habito nas ditas partes, posto que esteja nos excrementos dellas, & nos humores das veas. Disse (ordinarias) porque algumas vezes (mas raras) tambem succede haver hecticas gallicas legitimas,

Lib. 3. de præsag. ex puls. c. 2. & 3.

& neſtas eſtà o calor inhabito na ſubſtancia ſolida do vivente.

Supra Loc.cit. Lib.de lue ven. cap.15.

Julga ſe deſtas febres ſerem difficilimas de curar, *porèm algumas vezes ſuccede bem*, como nota Thomàs Rodrigues da Veyga, & experimentàraõ Fernelio, & outros Authores.

A cura de neceſſidade ſe ha de fazer com os meſmos alexipharmacos com que ſe curaõ os mais affectos boubaticos, de diverſo modo, porèm adminiſtrados, & com grão cautela, porque as forças naõ permittem violencia alguma. Duas indicações ſaõ as que neſte particular havemos de obſervar. A primeyra, he a extirpaçaõ da mà qualidade, & humores que a conſervaõ. A ſegunda, refazer a ſubſtancia das partes jà conſumidas. E porque eſtas indicações ambas ſaõ vehementiſſimas, a primeyra em razaõ da cauſa principal, & da cauſa *ſine qua non*, a ſegunda em razaõ da urgencia, porque totalmente ſe vay acabando a vida ſenaõ ſe acode à reſtauraçaõ da ſubſtancia, naõ póde eſperar huma que ſe cumpra com a cura da outra, & aſſim he neceſſario acodir a huma, & outra juntamente.

Lib.2 de morb.gal cap.2. Lib.de alim. Lib.de lue ven. cap.15. Lib. de lue ven. cap.15. Lib.2 de lue ven. cap. 1. Lib.7. in madum. 214. Lib.4. cap.1. Lib.de morb.gal Lib.de mor.ſerp

Prudentemente lhe acode Mercado miſturando os alexipharmacos no mantimento, & o mantimento nelles, conforme ao dito Hippocrates: *In alimento medicina optimum. Excellente he a medicina no mantimento, porque deſte modo ſe extingue a mà qualidade, & os humores noxios juntamente ſe reſolvem, & a ſubſtancia perdida ſe reſtaura, à imitaçaõ de Fernelio, & de Juliano Palmario, que por ſemelhante modo curàraõ certos enfermos com feliz ſucceſſo.* E por tanto ſe ordene ao enfermo, *que beba agua de guayacaõ*, como ordena Fernelio, *ou de ſalſa parrilha, que he mais accommodada a eſte caſo pela razaõ, que acima diſſémos*, como tambem notou Ludov. Sept. *O paõ que houver de comer ſe amaſſe com agua de ſalſa, a carne ſe coza nella, ou lhe miſture ſalſa ao cozer, & em tudo o que houver de comer, ou beber entre ſalſa.* Sobremeza, *coma biſcouto feyto de pó ſubtil de ſalſa, ou guayacaõ, com farinha, gemas de ovos, & aſſucar, & na entrada paſſas de uvas lançadas primeyro de molho, ou cozidas na agua da dita ſalſa, ou páo.*

Da-ſe a eſtes enfermos algum pequeno de vinho a beber, como dizem Maſſa, Pedro Lopes de Leão, & primeyro que elle Ruî Dias de la Isla, por razaõ da muyta fraqueza, & para vehiculo do mantimento, por quanto ha alguma difficuldade na diſtribuiçaõ, por eſtarem os póros coartados da magreyra, & obſtruidos dos excrementos gallicos da terceyra digeſtão. *Porèm he neceſſario que ſeja medicado eſte vinho com a meſma ſalſa, ou páo. Eu lanço de infuſaõ duas onças della em huma canada de vinho ſem que ſe chegue ao fogo, & aſſim como ſe vay goſtando, ſe vay renovando com vinho de novo, lançado ſobre a meſma ſalſa, ou páo.* E ſe lhe teme calor, ague-ſe com agua cozida dos meſmos alexipharmacos.

Ordenada eſta regra de comer, & beber, ſe o enfermo naõ tiver camaras, darſeha eſte xarope purgativo, & reſumptivo. Receyta: *Hum frangão limpo da pena, & inteſtinos, huma oytava de pòs de páo ſanto, ou guayacaõ, outra de ſalſa parrilha, cevada pilada hum pugilho, que he quanto tomem com as pontas dos dedos, aſſucar roſado de Alexandria huma onça, aſſucar roſado commum huma colher, folhas de ſene huma oytava, polypodio duas oytavas, ſemente de carthamo meya oytava, ſemente de erva-doce, ou para melhor de funcho, ſeis grãos, & humas folhas de borragens. E de tudo ſe faça cozimento na meſma manhã, em que o houver de tomar, em tres quartilhos de agua que naõ fique mais de meyo quartilho, que o enfermo beberà tres horas antes de jantar, & ſe purgar pouco, repitaõ-lhe no dia ſeguinte outro, feyto na meſma fórma; ſe purgar mediocremente, naõ ſe lhe repita ſenaõ cada ſeis, ou cada oyto dias, conforme as forças; & a neceſſidade. E nos dias entre-meyos tome eſte xarope*

feyto

feyto sem a mistura dos medicamentos purgativos, que saõ assucar de Alexandria, polypodio, carthamo, & sene.

Ou se lhe dem huns xaropes alterantes, & resumptivos nesta fórma: *Tomem duas oytavas de salsa parrilha, meya de páo da China, huma de páo santo, & tudo junto se infunda em huma canada de agua huma noyte, & ao outro dia metaõ na mesma panela meya gallinha gorda, & dous pugillos de cevada pilada, & meya onça de pevides de melao, ou cabaça, & humas folhas de borragem, outras de almeyraõ, & meya onça de cada huma das conservas cordeaes, & huma colher de assucar rosado. E tudo se coza, que naõ fique mais que huma tigela de caldo, que o enfermo beberà tres, ou quatro horas antes de jantar.* E à tarde depois de feyta a digestaõ tres horas antes de cea se lhe dè outro caldo feyto da mesma maneyra, & continue com isto trinta dias, ou os que parecerem necessarios, tomando o xarope purgativo entresachadamente, conforme temos dito. Os mesmos caldos se pódem fazer na agua de salsa pela ordem que acima dessémos, fallando dos cozimentos, que com carne se fazem. Póde-se fazer tambem *com meyo arratel de carne de vitela, ou para ser mais fresco, misturem hum frangão com hum quarto de gallinha, se naõ houver camaras*, porque havendo-as he o frangão menos conveniente pela virtude, que tem laxativa, conforme Galeno; & assim tambem naõ se misture outra cousa purgativa havendo as ditas camaras, que nestas febres saõ ordinarias, mas acuda-se como abayxo dirèmos no Capitulo do fluxo do ventre gal.

Aos pobres se póde fazer esta cura com carneyro, ou com outra carne; que lhes custe pouco, & sem conservas, & com páo santo, ou guayacaõ, que custão menos, nesta fórma: *Tomem guayacão feyto em pò huma onça, cevada pilada duas colheres, meyo arratel de carneyro picado, humas folhas de borragens, outras de chicoria, ou de almeyraõ, & hũas pevides de melaõ, ou abobora, ou pepino, ou cogombro. E tudo junto se coza em hũa canada de agua que fique sómente hũa tigela de caldo, q̃ beberà, & póde comer a carne, & se o quizer doce, lancelhe assucar*, & se nem assucar pela muyta pobreza tiver, *tempere-o com sal bastante para lhe dar gosto*, & tome isto manhã, & tarde. E beba agua ordinaria de páo, *cozendo huma onça em quatro canadas, que se gaste huma & meya. E beba o vinho em que o mesmo páo jà cozido se infunda.* E deste modo sararà a pouco custo.

Os mesmos xaropes se pódem fazer com carne de perdiz, laparos, pombos, rolas, passarinhos do monte, & semelhantes. E para outras pessoas mais mimosas se pódem ordenar aguas destilladas nesta fórma. Receyta: *Carne de quatro frangãos, & dous arrateis de carne de vitela, & duas perdizes, tudo picado, & tres onças de cevada pilada, & huma mãochea de folhas de barragem, outra de almeyraõ, outra de chicorias, & huma quarta de passas de uvas limpas dos pès, & graulhos, & huma onça de alcaçùz, & de raizes de escorcioneyra duas onças, assucar rosado de comer huma quarta, infundaõ-se a salsa, & páos em vinte quartilhos de agua espaço de vinte & quatro horas, & depois fervaõ na mesma com as mais cousas secundùm artem, que fiquem seis quartilhos, & depois se pizem, & se amassem todas as carnes, ervas, conservas, salsa, & páo, & mais cousas, & se misturem com o cozimento, & se metão em alambique, se puder ser, de vidro, & se destillem, & se naõ couber tudo em hum alambique, parta-se em dous. E ao destillar se advirta naõ cheguem a esturrarse, nem a secarse demasiadamente. E desta agua dem ao enfermo quatro onças pela manhã, outras quatro à tarde. Misturaõ alguns Authores nestes cozimentos, cardo santo, pimpinella, avenca, betonica, pentaphilo, erva-doce, canela, & outros medicamentos calidos, porèm como nelles naõ ha qualidade alexipharmaca contra a gallica, os*

tenho por suspeytosos por razaõ da febre. E se disserem que servem para resolver os excrementos dos gallicos, respondo que isso fazem bastantemente o guayacaõ, páo da China, & salsa, & assim naõ he necessario accrecentar mais calor. Tambem se tem por experiencia curarem-se estes enfermos com vinho medicado com os alexipharmacos, qual he o santo de que acima fica a receyta, & de que eu tenho grande experiencia em curar hecticos de morbo gallico, & todos os mais affectos rebeldes que delle procedem. E Solenandro curou hum hectico gallico por este modo. Receyta: *Agua de luparos, de betonica, de cevada, de cada huma quatro libras, vinho excellente cinco libras, páo santo, cascas do mesmo, de cada hum oyto onças, xarope de dormideyras meya libra. Esteja isto de infusaõ doze horas, & depois se coza atè se gastarem duas partes, & se coe, & guarde em lugar frio onde se naõ corrompa*; & dem-se ao enfermo cada manhã cinco onças, & outro tanto à noyte, sete horas depois de ter jantado; & duas antes de cea.

Depois que o enfermo tiver mais alguma força; ordenaõ Fernelio, & seu discipulo Juliano Palmario, que comece de se meter em suores, dandolhe hum só no dia; ou hum dia entre outro alternativamente. E pódemse-lhe provocar com os mesmos caldos da carne, & salsa, ou páo, como temos dito, ou tambem fazendo cozimentos ordinarios; mas sempre he melhor misturarlhe carne, & cousas alimentosas; pela grande necessidade que ha de nutrir.

Em lugar dos suores manda Nicolao Massa dar a estes marasmados unturas de mercurio; & na verdade se devem dar, quando houver symptomas complicados, que apertem, a que seja necessario acodir mais em breve, & com remedio mais efficaz; sem que precedaõ os ditos xaropes nutrientes, como fazia Massa; porque a detença neste caso he grande dano. Naõ se lhe devem porèm applicar com toda a força, que aos outros gallicados; mas temperar-sehaõ de modo que a quantidade de azougue, que se havia de applicar de huma vez; se reparta em tres, ou em quatro, alèm de que meteràõ dias em meyo; em que a natureza se refaça, & os unguentos seràõ feytos de cousas menos calidas, como aquelles, que temos ordenado em seu Capitulo para as naturezas colericas, & se os naõ houver feytos, usar-seha dos ordinarios, misturandolhes *unguento rosado, ou manteyga crua*; & finalmente se trataràõ como a meninos, porque naõ permittem as forças mayores violencias. Nicolao Massa diz, que dava unturas (entende das temperadas) quatro dias a reyo, & logo os deyxava descansar huma semana, & depois os tornava a untar quatro, ou cinco dias, conforme as forças que lhes achava, & depois descançava outra semana; & assim hia procedendo atè que de todo saravaõ. E póde-se imitar este Author, fazendo daquelle modo, ou untando o doente em dias alternados, como fazia Ambrosio Pareu, senaõ houver evacuaçaõ notavel de suor; ou de camaras que o enfraqueçaõ. E seja regra geral, & infallivel; que tanto que a boca começar a arrebentar, ou houver suor, ou qualquer outra evacuaçaõ copiosa, se pare totalmente atè que a boca sáre, & as forças se refaçaõ, & estando saõ, & naõ continuando as ditas evacuaçoes, se torne outra vez a untar sendo necessario.

Lib. de morb. gal tract. 4. cap. 1.

Lib. 18. cap. 28.

E advirta-se que se com a primeyra, segunda, ou qualquer untura se mover evacuaçaõ taõ copiosa que exceda o sofrimento das forças, que saõ poucas nestes enfermos, se acuda logo a tirarlhe a roupa, & a lavallo, para que a evacuaçaõ se modere, & o doente naõ morra: & naõ haja descuydo nisto; porque doenças taõ perigosas naõ sofrem, nem hum pequeno erro, conforme Galeno: *Exitiales enim affectus ne levissimum quidem errorem tolerant.* E depois das forças refeytas, se torne à mesma cura, se for necessario. E em todo este tempo, assim nas das

7 o. met. cap. 13.

das unturas, como fóra dellas, nos dias em que descança, será de muyto proveyto dar ao enfermo os xaropes universaes, *de salsa, páo, & carne*, como està dito. E adverte Massa, que entre o jantar, & a cea, lhe dem sua tigela de caldo, & o naõ deyxem enfraquecer.

O unguento, que de cada vez se deve applicar, póde ser o seguinte. Receyta: *Unguento de Mercurio feyto para os cholericos, tres oytavas, unguento rosado, ou em falta delle, manteyga crua cinco oytavas, misturem-se. E se naõ houver feyta mais que o unguento de Mercurio ordinario, naõ misturem delle mais que oytava & meya, ou duas oytavas*, o que se poderà accrecentar, ou diminuir, conforme a natureza, & forças do enfermo. Outro unguento ordena Mercado para hecticos, & meninos, de que diz ter larga experiencia, mas pelas muytas cousas quentes, que nelle entraõ, me pareceo menos conveniente.

Note-se mais que para untar estes tabidos, ou para lhes dar suores, naõ he necessario, que primeyro se purguem, nem façaõ outra evacuaçaõ, como notàraõ muy bem, & com larga experiencia provàraõ Pedro Lopez de Leaõ, & primeyro que elle, Rui Dias de la Isla. Loc. cit.

E advertem estes dous Authores, que succedem algumas vezes a estes tabidos com qualquer movimento mais forte do costumado, quebrarlhes hum braço pelo osso do hombro, ou canas, ou huma perna pela canela, ou tirar-se de seu lugar, cuja causa he estarem consumidas as humidades segundas, de que se faz a uniaõ no osso, & fica como que se fora torrado. A estes se devem reduzir os ossos, conforme a cura que se costuma, & depois de direytos, & postos em seu lugar, logo torne o enfermo às unturas, ou suores, porque se com elles se naõ emenda o mal boubatico, he impossivel unirem-se.

ANNOTAÇOENS.

Duas indicações. *Para curar os hecticos gallicados tira o Author duas indicações, urgentes ambas; huma, extinguir o contagio; outra, nutrir o corpo, & restaurar a jà perdida substancia, sem a qual se naõ pòde conservar a vida. E porque estas duas indicações saõ igualmente vehementes, & os hecticos estaõ vizinhos da morte, intenta satisfazelas ambas com os mesmos remedios, antes que pela dilaçaõ de qualquer dellas se acabe a vida. Para satisfaçaõ de indicações taõ urgentes, aconselha os xaropes alterantes, & resumptivos, feytos de gallinha, frangãos, & vitela, com salsa, páo santo, & raiz da China; porque assim extinguindo o contagio, ao mesmo tempo se và nutrindo o corpo. Porèm estes remedios ordinariamente ficaõ frustrados; porque os hecticos naõ pódem esperar dous, ou tres meses para receber alguma utilidade delles, & necessitaõ de remedio mais prompto, qual he o azougue; quando naõ seja para nutrir, serà para infringir a actividade do contagio, & para curar a febre; que depois disto, logo se nutriràõ os doentes com os alimentos, sem que necessitem de remedios resumptivos, & se lhos derem, entaõ lhe aproveytaràõ mais certamente. Nós assim temos curado muytos hecticos gallicados, quando jà naõ tinhaõ esperança de melhoria, do que se pódem ver algumas observações no Tratado que escrevemos do uso do azougue nos casos prohibidos. Nem se cuyde que os xaropes de frangãos recheados com salsa, & páo santo pòdem tanto que curem estes hecticos: porque estes alexipharmacos naõ tem virtude taõ generosa, que possaõ acodir brevemente a tanto dano, que o azougue remedea muytas vezes em poucos dias.*

Unturas de mercurio. *O modo de dar azougue a estes gallicados, ou ha de ser pela boca, ou em unturas. Se se der pela boca, serà, como deve ser sempre, o mercurio bem*

dulcificado, & dar-seha em dias alternados menos quantidade, do que se havia de dar havendo mais força. Se se usar de unturas, que saõ nestes casos mais convenientes, façaõ-se brandas; aindaque se repitaõ vinte dias, como temos feyto algumas vezes, curando perfeytamente hecticos deplorados, sem que experimentassem grande trabalho na cura. Dizemos que saõ mais convenientes as unturas nestes casos: porque naõ fazem taõ certamente evacuaçaõ alguma pelo ventre, como o mercurio tomado pela boca, que ordinariamente move alguns cursos, com que os hecticos se offendem muyto. E para dar unturas a estes gallicados, se prepare o unguento desta maneyra.

Tomem oyto onças de manteyga de porco lavada em oyto, ou nove aguas; quatro onças de unguento rosado, & cinco oytavas de azougue extinto com leyte; de tudo se faça unguento.

CAPITULO XXXV.

Dos tumores gallicos.

Numero 1.

TOdo o genero de tumores póde ter dependencia de morbo gallico, conforme a regra geral, q̃ constituimos, a saber que elle póde ser causa de todas as enfermidades. Assim que conforme este fundamento, todos os quatro generos de apostemas, fleumaõ, erysipela, edema, & scirrho, assim legitimos, como espurios, pódem proceder desta causa.

Os apostemas quentes naõ tem cura diversa da que se applica aos que naõ saõ gallicos, mais que em tres cousas. A primeyra, que se lhes devem applicar repercussivos pela regra dos apostemas de materia venenosa, conforme Guido, & a doutrina de Galeno, salvo for tanta a copia de humor, que correo, ou a materia taõ calida, que se tema mortificaçaõ; porq̃ neste caso como he mayor o perigo della, que o do retrocesso deste veneno, (o qual he mais brando, & vagaroso, que muytos outros) devem-se applicar repercussivos brandos, como já advertimos, fallando da hernia humoral gallica. A segunda, que havendo sangria se faça na vea, que menos possa levar o contagio ao figado, v. g. no pé, se estiver nas partes ao mesmo figado inferiores, como advertimos, fallando da dita hernia, & temos largamente disputado na nossa apologia àcerca deste negocio. A terceyra, que passada a agudeza do mal se trate de eradicar a qualidade gallica que póde ser conservativa das reliquias, que ficaõ do tumor, & gerar outros novos, ou novos symptomas gallicos: ha de passar porèm a agudeza, como digo, porque ella he mais vehemente impedimento dos remedios deste mal, a saber, *páo, salsa & azougue*, os quaes aquentando o corpo, pódem accrecentar a agudeza do mal, de modo que mate o doente, como em seu lugar dirêmos.

(Tract. 2. de apost. cap. 11. 14. mer. 10. & 3. local c. 2. & lib. de rem. par. facil. c. 8.)

Os tumores frios saõ, *scirrhos, & edemas*, ou os que a elles se reduzem, como *nós, glandulas, alporcas, apostemas, aquosos, & ventosos*. Os scirrhosos porèm saõ os que mais de ordinario aos gallicados succedem, segundo Mercado, & nacem pela mayor parte nas canelas das pernas, & braços, na testa, & por toda a cabeça: mas tambem se achaõ nas coxas, no osso entre o hombro, & o cotovelo, na furculla, ou claviculas, nas costelas, & dedos, segundo vemos por experiencia, & nota Juliano Palmario; & naõ sómente nas partes de fóra, mas tambem nas internas nacem estes tumores, a saber, da banda de dentro do craneo entre elle & a dura mater, dentro das costas verdadeyras, & mendosas, respõdendo ao vaõ do peyto, & ventre, & entre huma, & outra canela, partes em que nem pela vista, nem pelo tacto, se póde conhecer, como notàraõ o mesmo Juliano, & Mercado.

(Lib. 2. cap. 6.) (Lib. 2. de lue ven. cap. 7.) (Loc. cit. Lib. 2. de morb. gal cap. 6.)

E dos que nacem dentro do craneo he certo argumento a materia, que depois de cruelissimas dores sahe pelos narizes, boca, & ouvidos, as quaes posto que algum tanto se mitiguem, ainda ficaõ depois, atè que com as unturas, ou suores de salsa, ou páo se extinguem, ou finalmente concluem a vida; o que naõ tem as outras dores, que naõ saõ gallicas, que saraõ sahindo a tal materia, conforme ao aphorismo de Hippocrates: *Caput dolenti, aut circũdolenti, si pus, vel sanguis, vel aqua per os, aut nares, aut aures exierint, solvitur morbus.* Que traduzido diz: *Aquelle que tem dores de cabeça, sahindo materia, ou sangue, ou agua pela boca, narizes ou orelhas, sára*, o que naõ ha sendo de tumor gallico, que dentro se rompesse. Confirma-se pela experiencia, que muytas vezes tem mostrado abrindo-se a cabeça no lugar das dores, sem que precedesse tumor, nem tacto de materia; & legrando o craneo atè a parte interior, achar-se corrupto com muyta copia de materia sobre as tunicas do cerebro. E para se conhecer, que da parte de dentro da cabeça, ou peyto, & entre as canelas, ha tumor gallico scirrhoso, diz Palmario, se advirta se ha aquellas crueis dores, que de noyte se exacerbaõ, sem pela parte de fóra parecer tumor, nem lesaõ alguma, nem quererem ceder aos remedios ordinarios mitigativos de dor: & sendo isto, se julgarà haver dentro os ditos tumores, principalmente se precedeo gonorrhea purulenta, bubaõ, chaga bayxa, ou qualquer outro affecto gallico, que com remedios fucados se reprimisse, ou se o enfermo se tivesse jà curado com mercurio. E naõ haverà com os ditos sinaes febre, & se a houver, naõ serà aguda.

5.aph.10

Lib 2. cap. 7.

Os tumores edematosos gallicos se fazem principalmente nas pernas dos gallicados, que se vaõ fazendo cacheticos, por se lhes enfraquecer o figado, & algumas vezes tambem nos joelhos, & cotovelos, como tenho visto por experiencia: outras vezes lhes toma todo o ventre, & o corpo todo, & se fazem hydropicos anazarcos. Os aquosos, & ventosos succedem aos gallicados na bolsa dos testiculos, & algumas vezes tambem nas juntas, & o ventre incha todo, fazendo-se asciticos, & tympaniticos, que saõ as outras duas especies de hydropesia.

Os abscessos gallicos saõ varios, mas principalmente saõ aquellas tres especies de que Galeno, & Paulo fazem mençaõ: a saber *Atheroma*, que he hum tumor da mesma cor do couro, & largo com alguma dureza, & contèm dentro de si hum humor semelhante a papas: *Meliceris*, que he outro apostema algum tanto brando, que contèm dentro certo humor como mel: *Stheatoma*, que he outro tumor mais duro, & mais arreygado que os dous, que està cheyo de humor como sevo. E todos elles tem huma tunica, como bexiga, em que estaõ envoltos, & a estes se reduzem os que os Medicos chamaõ *talparias*, de que abayxo fallarèmos.

14.met. 11. lib 6. cap. 38.

Numero 2.
Gomas gallicas.

OS mais ordinarios tumores gallicos *saõ os scirrhosos*, que nacem sobre os ossos das pernas, & braços, & cabeça, & por serem de ordinario gerados de humores viscosos, como nota Palmario, a modo de rezina, lhes chamàraõ os Medicos *gomas*, segundo diz Fallopio. Sinal de serem gallicos, alèm de preceder o contagio, he fazerem dores intoleraveis, cousa improporcional aos daquelle genero, porèm mais de noyte, ou pela tarde, & nacerem principalmente no meyo dos ossos entre junta, & junta, das pernas, braços, & furculas, costelas, testa, & mais partes da cabeça, & succedem mais frequentemẽte nas recahidas

Lib. 2. cap 7. Lib. de morb. gal. cap. 95.

hidas do morbo gallico, & ao que he antigo, & de quarta eſpecie.

As cauſas ſaõ principalmente os excrementos da terceyra digeſtaõ das partes ſolidas, em eſpecial dos oſſos, que por ſerem mais craſſos, & a concoctiva das partes (por terem menos de calor natural) mais debil, naõ ſe pòdem baſtantemente reſolver, nem expeller pelos póros, & ſe ajuntaõ entre o oſſo, & o perioſtio, & eſtendendo-o com violencia, cauſaõ aquellas dores intenſiſſimas, & ſe ſe naõ remedeaõ a tempo, acquirem acrimonia *per malam qualitatem, & putredinem*, & corrompem os oſſos, & partes vizinhas, fiſtulas incuraveis. Outras vezes ſaõ cauſa deſtes tumores, humores fleumaticos, & melancholicos, que pela officina do ſangue eſtar viciada ſe gèraõ, & vaõ juntamente com o mantimento àquellas partes, & ſe ajuntaõ ſobre os paniculos dos oſſos, ou entre elles.

A cura differe da dos outros *ſcirrhoſos*, em que he neceſſario primeyro que tudo, extinguir a qualidade gallica com as unturas de mercurio, ou ſuores do páo, ou ſalſa, a qual, conforme Palmario, desfaz eſtes tumores melhor que o páo, & niſto he a Rainha, conforme diz Fallopio. E de ordinario ſuccede desfazerem-ſe eſtes tumores com os ſuores della, ſem que ſeja neceſſario applicarſelhe remedio local.

Lib. de morb. gal cap 95.

Porèm ſaõ algumas vezes taõ rebeldes, que he forçado buſcarlhe muytos, & varios remedios locaes, que os desfaçaõ. E em ordem a iſto lhe ordenaõ os Authores todos os emollientes dos ſcirrhoſos, huns mais fortes outros mais brandos, ſegundo a natureza do tumor, os quaes Mercado reduz a tres generos. Os primeyros ſaõ huns emollientes efficazes, com q̃ os tumores menos reſiſtentes ſe desfazem: os ſegundos ſaõ os meſmos emollientes, ajuntandolhes porèm azougue, que com ſua tenuidade os traſpaſſe, & desfaça, ſendo juntamente vehiculo dos outros medicamentos. Aos terceyros ſe ajunta ſolimaõ, & outros medicamentos calidos no quarto grào, que potentemente poſſaõ diſcutir o humor, ou por inſenſivel evaporaçaõ, ou levantando empolas na parte, pelas quaes rompendo-ſe ſe evacue todo o humor.

Exemplo dos primeyros pòde ſer eſte emplaſto de Andrè de Alcaçar, que elle intitula de gomas. Receyta: *Amoniaco, galbano, opoponaco, ſerapino, de cada hum huma onça, deſatem-ſe em oximel, & vinagre eſquilitico, & faça-ſe emplaſto ſecundùm artem.*

Lib. 5. de. morb gal cap. 27.

Ou eſte do meſmo Author. Receyta: *Cal viva apagada em oleo de gergelim, & qualquer goma das ſobreditas, de cada hum huma onça, deſate-ſe a goma em vinagre deſtillado, & faça-ſe emplaſto.* E porque tenhaõ melhor effeyto, antes de ſe applicar qualquer deſtes emplaſtos, receba o enfermo na parte affecta *fumos de vinagre deſtillado, ou de agua ardente deſtillada das borras do vinagre, lançando-a na pedra perites aceſa*, ou em lugar delle *em ladrilho velho, ou ſeyxo de moinho.* E pòdem-ſe applicar os emplaſtos, & unguentos emollientes, que andaõ em uſo, a ſaber, *de diaquilão mayor, & menor, & de gomas, emplaſto Filij Zachariæ, unguento dialter, de agripa, marciatão, aragão, & os oleos de baga de louro, de gergelim, de linhaça, de amendoas doces, & amargas, de cebola ceſſém, de macella, & as enxundias, untos, & tutanos ordinarios*, & a eſtes ſe pòdem ajuntar para inſcindir com mais efficacia, *Euphorbio, caſtoreo, raiz de lirio, ariſtoloquia, pimenta, cariofilos, & ſemelhantes.* Exemplo. Receyta: *Diaquilaõ gomado, emplaſto Filij Zachariæ, de cada hum onça & meya, Euphorbio, tres oytavas, malaxe-ſe tudo*, & he efficaciſſimo.

Advertindo ſempre o que manda Galeno na cura dos ſcirrhoſos, que ſe vaõ entreſachando medicamentos mollificantes entre os digerentes, para que o ſcirrho ſe naõ endureça mais, reſolvendo-ſe as partes tenues, & ficando as outras mais

14. mec. 4.

mais crassas. E para este effeyto, *fomentar seha a parte com cozimento de raizes de malvaisco, figos secos, & pès, & cabeça de carneyro.* Ou se lancem de molho *raizes de malvaisco em agua ardente, & fomente-se com ella*, & ponhaõ-se as mesmas machucadas a modo de emplasto, cousa que muyto louva Fallopio, Rudio. E naõ sendo o tumor muyto duro, agua ardente por si basta, ou se applique só por si *o diachilaõ*, ou emplasto *de Zacharias*, ou algumas das *enxundias, tutanos, & untos sobreditos.* E procedendo assim algũs dias, torne-se aos resolutivos mais efficazes, entre os quaes he tambem de grande effeyto, *applicar decoada de cal feyta em vinagre forte, ou fazer cinza de louro, de figueyra, de alecrim, de sobro, ou carvalho, & de vides, & fazer decoada de todas estas cinzas*, & com ella fomentar a parte, & logo enxugala, & applicar qualquer emplasto, ou unguento dos sobreditos.

Cap. 95. Lib. de mor. ven. cap. 20.

Diz Fallopio, que usava deste emplasto com feliz successo. Receyta: *Oleo de louro, de almecega, de macella, de cada hum huma onça, amoniaco, galbano, bdelio, de cada hum oytava & meya, myrrha huma oytava, trementina duas oytavas, cera quanto baste para emplasto.* E tambem louva untar *com oleo de alacraes misturado com o de amendoas amargosas.* E o emplasto de queijo velho de Galeno, de que faz grão caso Rudio, que se faz misturando *queijo muyto velho com caldo gordo de carne de porco rançosa, & salgada*, & se ponha isto a modo de emplasto, que Fallopio experimentou nestes casos, & Galeno na gotta nodosa, & tofacea. Outros recorrem ao *oleo de viboras, & ao do enxofre*, mas appliquem-se a tento, porque fazem chaga na parte.

10. simp. cap. 100. fol. 7.8.

Destillaõ tambem alguns páo santo, & delle extrahem oleo, que tem efficacia neste caso (segundo Mercado nota, & primeyro que elle Alcaçar) só por si applicado, ou misturado com os outros emollientes, & póde-se fazer deste modo, conforme diz Mercado. Receyta: *Limaduras de coraçaõ do guayacaõ meya libra, raiz da China feyta em pò duas onças, norça enula campana, pepinos de Saõ Gregorio, erva molarinha, macella, de cada hum dous pugillos, oleo de endros quatro libras, vinho branco tres libras, esteja tudo misturado sete dias, depois ferva atè se gastar o vinho, & coe-se & se ponha ao Sol do Estio em vaso de vidro trinta dias.*

Loc. cit.

Exemplo do segundo genero de remedios para tumores mais rebeldes, saõ todos os que estaõ apontados, misturandolhes *azougue*; & sendo emplastos, se misturem seis oytavas atè hũa onça por cada libra, & sendo unguento, basta menos, segundo Mercado, posto que a mim me parece pouco o que aos emplastos se lança, & que se deve lançar a cada onça de emplasto, oytava & meya, ou duas de *azougue*, & a cada onça de unguento huma oytava, ou oytava & meya, conforme a dureza do tumor, & a natureza do enfermo: v.g. Recip. *Diachilaõ mayor duas onças, euphorbio huma oytava, azougue morto com agua ardente tres oytavas, misture-se ao tomar.* Ambrosio Pareu mistura a cada onça de emplasto meya de azougue, como se vè de huma composiçaõ, que ordena, & deste modo he muyto efficaz, & se pòde ordenar assim para tumores em estremos rebeldes, & naturezas robustas. Receyta: *Diachilão gomado duas onças, azougue huma onça, misturem-se, & faça-se emplasto, que se estenda em pano.* O emplasto de rans de Joannes de Vigo, he recebido de todos, mas convem algumas vezes misturarlhe mais *azougue*, & ajuntarlhe *euphorbio*, que conforme Mercado, preserva estes tumores de materia, & corrupçaõ tambem convenientes todos os emplastos, & unguentos, que deyxaõ ordenados para evacuar cuspo, & baba, os quaes utilmente se costumaõ applicar ao tumor no tempo, que se daõ os suores de salsa, ou páo, na entrada do suor, posto que a mim me parece melhor depois de sahirem,

Lib. 18. cap. 27.

Loc. cit.

rem, porque ficando os pòros abertos penetra a virtude do unguento, ou emplasto com mais facilidade.

Exemplo do terceyro genero de remedios para curar os tumores tofaceos empedernidos, & que naõ pòdem ceder a outros, *he misturar solimão a qualquer emplasto, ou unguento dos sobreditos, misturando a cada tres grãos*, para se applicar a partes brandas, & pessoas delicadas, conforme Mercado; mas para partes duras, como a cabeça onde nace cabello, & para pessoas de corpos duros, *he necessario que ajuntem cinco, ou seis grãos.* E sendo unguento o que se applica, como penetra, & se actua com mais facilidade, menos basta, v. g. Receyta: *Diachilão qualquer, huma onça, solimão tres grãos, ou para a cabeça cinco grãos, misturem-se.* Ou assim. Receyta: *Unguento dialter, & agripa, de cada hum huma onça, solimão dous grãos, & para a cabeça tres, misturem-se.* E tambem se póde ajuntar azougue, & juntamente o solimão, & serà de mais efficacia, v. g. Receyta *Emplasto Filij Zachariæ huma onça, azougue morto com saliva huma oytava, solimão quatro grãos, misturem-se.* Ou assim. Receyta: *Emplasto de rans huma onça, solimão tres grãos, misturem-se.* E qualquer destes que se applique, se acharem que naõ levanta bexigas, accrecentemlhe mais *solimão, & euphorbio*, atè que as levante.

Em lugar destes usa Mercado deste emplasto. Receyta: *Formento do pão huma onça, estenda-se em hum pano do tamanho do tumor, & borrife-se com vinagre forte, & logo se polvorize com pòs de cantaridas muyto moidas, & applique-se ao tumor. E depois que levantar empolas abraõ-se para que se vase aquella aguadilha, & applique-se folha de couve untada com manteyga crua, ou de diachilão, & continue-se atè o tumor se desfazer.* E se as chagas sararem, & o tumor se naõ desfizer, torne-se applicar o mesmo vesicatorio, & torne-se a pôr a couve, ou emplasto, & isto tantas vezes atè que de todo se desfaça. A qual cura ensinou primeyro Leonardo Botallo.

Lib. de morb. gal cap. 15. mer. prin.

E se depois de continuar esta cura hum mez, o tumor se naõ desfizer, & as dores se tirarem, entenderemos estar o tumor na mesma substancia do osso, & ser de natureza de pedra, como a que nace nos dentes, & por tanto naõ terà outro remedio senaõ abrilo, legralo, & cauterizalo, como diz Mercado, ou deyxar o doente à natureza, porque naõ tendo dores poderà viver com esse achaque, como diz Palmario.

Loc. cit.

Lib. 2. cap. 7.

E porque algumas vezes succede converterem-se as gomas em abscessos de materia crassa, acre, & mordaz, que chega a corromper os ossos; em tal caso se devem abrir, & descobrir, legrar, & cauterizar, conforme as regras de Cirurgia. Porèm antes da obra manual se daraõ os suores *de pào, ou salsa, ou as unturas de mercurio*; & porque às vezes succede resolverem-se naõ sómente as materias, (cousa que parece impossivel) mas tambem os ossos corruptos, como a experiencia tem mostrado, & notou Pedro Lopes de Leaõ, & tambem abayxo dirèmos na cura das talparias.

Lib. de morb. gal tit. de la 3. espec.

Numero 3.
Abscessos gallicos.

NAõ fallarèmos aqui dos que propriamente se chamão *abscessos*, segundo Paulo, que saõ os apostemas calidos convertidos em materia; mas daquellas tres especies delles, de que acima fallâmos, & Galeno faz menção, *Atheroma, Steatoma, & Meliceris*, & dos que a elles se reduzem: succedem estes aos gallicados; conforme Juliano Palmario, & Fallopio, nacendolhe na cabeça, & outras

Lib. 6. cap. 33. 14. met. cap. 12.

outras partes, posto que estes dous Authores os confundem com as gomas gallicas, mas com pouca razaõ, porque os tumores gomosos, que nas canelas das pernas, & braços principalmente nacem, & algumas vezes tambem na cabeça, saõ differentes de outros que mais de ordinario nella se achaõ metidos em folhelhos, como em bolsa, & por isso se chamaõ àbscessos, & saõ daquellas tres especies acima ditas, aos quaes convem acodir com presteza, antes que corrompão os ossos.

Lib. 2. de lue ven. cap. 7. Lib. de morb gal cap. 95.

A causa conjunta de todos elles, conforme Galeno, saõ varias substancias, algumas vezes solidas, como unhas, cabellos, ossos, cascas, pedras, que dentro delles se achaõ; mas às vezes saõ humores crassos, como lodo, & borras de vinho, ou de azeyte, & às vezes outras cousas muy fetidas. Porèm o mais ordinario he de tres generos, de que se constituem as tres differenças de tumores sobreditos, a saber, hum humor como papas, ou como sevo, ou como mel, & por tanto o primeyro se chama *Atheroma*, o segundo *Steatoma*, & o terceyro *Meliceris*. E posto que sem morbo gallico se achaõ com tudo nestes nossos tempos se vem mais vezes nos gallicados.

14. meth. 12.

A cura, depois de avacuado o corpo do humor, & extincta a mà qualidade com suores, ou unturas, se deve fazer por huma de tres maneyras, que Galeno ensina, & tresladaõ os Authores chirurgicos, a saber, ou resolvendo-os, ou cortando-os, ou apodrentando-os.

Loc. cit.

Os *Meliceris* por qualquer desses modos se pódem curar, por serem de humor mais tenue, a saber, de fleuma naõ muyto seca com alguma mistura de cholera, como nota Fallopio, por tanto se pòdem resolver, & madurar. Os *Atheromas*, diz Galeno, que por serem de humor muyto crasso, & seco, naõ pòdem receber resoluçaõ, mas que se pòdem curar madurando-os, ou arrancando-os. Os *Steatomas*, nem de resoluçaõ, nem de maturaçaõ saõ capazes, por ser a materia delles mais dura, & como de sevo, & assim diz o mesmo Galeno, que sómente por obra de mão se poderàõ curar. Naõ obstante porèm a opiniaõ de Galeno, havemonos de accommodar à experiencia, que nos mostra que os tumores gallicos, naõ sómente estes *Steatomas*, & *atheromas*, senaõ tambem outros tofaceos durissimos, com os suores, principalmente da salsa, & com as unturas do mercurio, se desfazem. E no tempo de Galeno se se naõ resolvião, era porque se naõ costumavaõ, nem se tinhaõ descubertos estes medicamentos, que provocando suores tem efficaz virtude de resolver, & evacuar quaesquer durezas, como cada dia vemos nos gallicados. Confirma-se ser isto assim, porque logo no mesmo Capitulo diz Galeno, que sendo estes apostemas internos, se pòdem resolver tomando os medicamentos que potentemente tem virtude resolutiva, como saõ triaga velha, athanasia, Ambrosia composiçaõ de calaminta, & outros aromaticos, de que elle usava, ainda para humores crassos, & lapidosos do bofe. Logo se Galeno conhecèra estes nossos medicamentos, naõ duvidàra de com elles poder curar os ditos apostemas por via de resoluçaõ.

Cap. 95. cit.

Vindo pois aos tres modos de cura, que Galeno manda fazer aos tães abscessos; no que toca a resoluçaõ deve-se tratar della, applicando os mesmos medicamentos, que para as gomas temos ordenado, advertindo, que aos *Steatomas*, & *atheromas* se tenha mais cuydado de applicar os mollificantes, naõ insistindo sempre nos resolventes, porque como saõ de materia mais crassa, pòdem-se com mayor facilidade endurecer, & de tal sorte, que totalmente venhaõ a ficar incuraveis.

A extracçaõ por obra de mãos, veja-se se se pòde escusar, por ser trabalhosa;

 espe-

especialmente se estiverem em partes nervosas, ou entre arterias, & veas, porèm naõ estando nellas, como succede aos de cabeça, nem se podendo resolver com os suores, & unturas, *se devem abrir em cruz subtilmente, que se naõ corte a tunica, ou folhelho, em que o humor està metido, & logo atravessar o tumor com hũa agulha, & enfiarlhe huma agulha forte, & tendo-o constante com a linha o descarnaràõ de redor, de tal modo que se arranque inteyro sem ficar pedaço de tunica*, porque se fica, della se torna a gerar outro de novo, E se acaso naõ puder sahir toda, gastar-seha a que ficar com os pòs de Joannes, ou semelhante medicamento corrosivo. Esta obra de arrancar se pòde tambem fazer sem ferro, gastando todo o tumor *com fogo potencial, ou applicado o caustico sobre elle, ou fazendo hum buraquinho com a lanceta, ou cauterio delgado de fogo, & meterlhe dentro hum grão de solimão, ou semelhante medicamento, & porlhe em cima folha de couve com manteyga crua*, porque aos tres dias sahe a modo de huma tubara, que rebenta da terra.

3. Simp. 9. A maturaçaõ se póde fazer com os maturativos ordinarios de que falla Galeno, mas he necessario que se appliquem outros efficacissimos de partes tenues inscindentes, & calefacientes, com alguma humidade, & vem estes a ser quasi da natureza dos emollientes porque como o humor he taõ crasso, & frio de natureza, he necessario cousa que o atenue, & aquente para se poder cozer. *Deste generosaõ as gomas ordinarias, bdelio, serapino, opoponaco, amoniaco, raizes de norça, de pepinos de Saõ Gregorio, figos secos pingues, & com isto misturarlhe tambem as raizes de malvaisco, de malvas, manteyga crua, unto de porco, enxundia, caracois, formento, & açafraõ*: & Fallopio diz, ter por experiencia o diachilaõ mayor de Mesue, misturandolhe algumas das ditas gomas, ou enxundia velha de gallinha, & pòde-se ordenar assim. Receyta: *Diachilão mayor huma onça, enxundia de gallinha, & amoniaco desfeyto em vinagre, de cada hum meya onça, misturem-se, & faça-se emplasto.*

O mais que nestes casos importa madurar he o folliculo, ou folhelho, em que o humor està envolto, como diz Fallopio, porque de outro modo abrindose sem estar macerado, ou atenuado, naõ ha podello depois gastar. E conhecer-seha que està jà brando, porque conforme diz o mesmo Author, em quanto o naõ està, puxando pelo couro o podemos mover para huma, & outra parte, ficando o tumor em sua consistencia, & forma; mas estando jà o folhelho atenuado, & corrupto vay-se tambem o tumor com o couro para onde o puxaõ, & naõ ficarà constante, nem tambem o couro he taõ crasso. E como chegar a este estado (o que se faz com ditos maturativos em tres, ou quatro dias) se abrirà (naõ sendo no rosto por razaõ da cicatriz) com o caustico. o qual naõ sómente abre, mas acaba de apodrentar o folliculo, & se delle ficar alguma reliquia, acabe de se gastar *com os pòs de Joannes, ou trociscos de minio*, no semelhante.

Outro modo de madurar estes abscessos ha excellente, muy provado pela experiencia, a saber: *Tomaràõ hum pedaço de raizes de norça, & nelle faràõ huma cavidade da medida, & tamanho do tumor, & por-seha a assar no borralho como quem assa tubaras; ou cebollas; & como estiver meya assada, a poràõ no tumor de modo que fique elle recolhido dentro da dita cavidade*, advertindo, que naõ và taõ quente que queyme, & dahi a duas horas poraõ outro pedaço *de norça* novo do mesmo modo assada, & com sua cavidade assim a iràõ renovando de duas em duas horas, ou o espaço, q̃ parecer que se esfria a que està posta, porq̃ se o tumor naõ he muyto duro, em duas, ou tres horas o madura, & se he mais duro, em mais horas, & logo nesse mesmo tempo por si se abre, & sahe aquella materia, como

mo papas, ou mel, ou sevo, segundo ella he. E na cavidade, que fica, se meterà *escabiosa pisada* para mundificar, ou qualquer outro mundificativo. E he este remedio provadissimo, naõ só para curar estes tumores pequenos, mas tambem para os grandes, que como hum melaõ nacem nas costas, & nadegas, mas nestes põem-se a porça feyta em talhadas, para se poder cobrir todo o tumor, assando as, & mudando-as sempre quentes cada duas, ou tres horas, porque em tres, ou quatro dias os madura, & faz arrebentar, & depois se acabe de gastar aquella carniça *com hum grão de solimão misturado em meya onça de emplasto capucho*, & se mundifique com a escabiosa, ou com qualquer outro mundificativo. E serve tambem esta cura para alporcas, & para outros tumores deste genero.

Numero 4.
Declara-se huma duvida.

NOte-se neste modo de cura, quando Galeno disse, que estes se haviaõ de madurar, fallou pela palavra, *Putrescere*, ou *Putre reddere*, que significa em boa linguagem, apodrecer. E parecendo a Fragoso, que isto se havia de fazer com medicamentos *putre facientes*, & que era grãde inconveniente procurar podridaõ na parte, disse q̃ pela palavra *Putrescere* se havia de entender queymar cõ medicamẽtos causticos. Enganou-se porèm Fragoso, porq̃ se tal fora, naõ disséra Galeno, que os *Steatomas* naõ podiaõ receber cura por podridaõ, pois naõ ha tumor taõ duro, que naõ possa romper o caustico, pois he fogo potencial, & assim de força ha de poder queymar o *Steatoma*, que naõ he taõ duro como os legitimos scirrhos, pois se faz de materia como sevo. Dirà alguem: ha logo quarto genero de cura, que ficou a Galeno por dizer, o gastar estes tumores com causticos, porque nem he resolver, nem cortar, nem madurar, que nòs entendemos pela palavra *Putre reddere*. Nega-se a sequela, porque este se reduz ao arrancar, ou cortar, pois Galeno fallou pela palavra *excidere*, que he cortar, extrahindo, & lançando fora, que significa o *ex* E isto se póde fazer, segundo o mesmo Galeno declara, ou com ferro, ou com fogo actual, ou com fogo potencial, qual he o caustico, pois hum, & outro corta, & divide o continuo naõ menos que o ferro, posto que o fogo potencial o faz com menos presteza.

Lib. 2. cap. 15.

Lib. 5. de medicam perg. c. 14. fol. 255. lit. D.

Ha-se logo de entender pela palavra de Galeno *apodrecer*, madurar, & converter em materia, como temos declarado, pois assim o entendeo Hippocrates quando disse: *Omne ulcus contusum necesse est putrefieri, & in saniem converti. Toda a ferida contusa de necessidade apodrece, & se converte em materia* como interpreta Galeno, porque ainda a maturaçaõ he huma cocçaõ, & obra da natureza, conforme Galeno, naõ he taõ perfeyto, que acabe de vencer toda a materia, como elle mesmo diz, porque alèm de ser o sugeyto, em que o calor natural obra, rebelde, & mal accommodado para ser de todo vencido, obra tambem nella o calor preternatural, conforme nota o mesmo Galeno. E por tanto ha na maturaçaõ parte da putrefaçaõ, & nestes apostemas, raro he ser taõ perfeyta, que haja materia louvada, antes se faz outra como borra de pipa, & com certa virulencia, a que mais propriamente convem o nome de putrefacçaõ, que de maturaçaõ, & assim usou Galeno do vocabulo mais conveniente, como tambem o fez em outra parte, onde claramente ensina os gràos, que ha de podridaõ, & cozimento nas materias dos abscessos.

Lib. de ulcer. & lib. 1. de morb. Lib. 4. met. c. 5. 5 simp. 9 Lib. cit. cap. 6. 2. aph. cap. 7. Lib. 1. de differ. feb. c. 6.

Os nòs, glandulas, & alporcas gallicas, se reduzem aos ditos tres generos de abscessos, como elles se devem curar.

Os apoſtemas edematoſos, *aquoſos*, *& ventoſos*,que procedem de morbo gallico, naõ tem couſa particular digna de annotaçaõ diverſa daquelles que naõ ſaõ gallicos, excepto o reſpeyto, que ſe deve ter à mà qualidade, applicando ao enfermo os alexipharmacos, azougue, páo, & ſalſa, por tanto naõ farey delles particular mençaõ.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

SAngria. *Quando for preciſo ſangrar nos tumores gallicos, naõ ſe deve ſeguir o que o Author aconſelha ſobre o lugar da ſangria; ſenaõ que ſe hade fazar na parte que mais conveniente ſe julgar para remedio do dano que com ella ſe intenta vencer; ſem o temor de que a ſangria haja de levar o contagio à maſſa ſanguinaria; porque como jà temos dito muytas vezes, de ſangrar no pè, ou no braço, naõ ſe ſegue eſte incommodo; ſobre o que ſe veja o que diſſémos nas Annotações ao* num. 1. do Capitulo VII. *ao* num. 5. do Capitulo VIII. *ao* num. 2. do Capitulo XI. *& ao* num. 2. do Capitulo XIII.

Enfraquecer o figado. *Diz o Author que os gallicados ſe fazem cacheticos, por ſe enfraquecer o figado, eſtando no erro de que eſta parte era officina da ſanguificaçaõ, de cuja debilidade ſe ſeguia o gerar ſangue aquoſo, mal elaborado, de que procedem as cachexias, & hydropeſias univerſaes do corpo. Mas eſtes danos quando ſuccedem nos gallicados, he porque o contagio vicîa o ſangue, deſtruindolhe o ſeu acido benigno, & ſuave, introduzindolhe hum acido vicioſo, de que provem as muytas coagulações, que em varias partes experimentaõ os enfermos nos tumores, & abſceſſos que padecem; perdendo-ſe as partes balſamicas, & eſpirituoſas do ſangue, de que reſultaõ os danos cacheticos, que o Author com os Antigos erradamente impõem ao figado, como muytas vezes temos notado neſta obra ſobre o que ſe veja o que diſſémos nas Annotações ao* Capitulo II.

Numero 2.

CAuſas. *As gomas, & os mais tumores ſcirrhoſos, que ſe achaõ nos gallicados, tem por cauſa os acidos vicioſos venereos de tal actividade, que fazem varias coagulações no perioſtio dos oſſos, & em outras mais partes em que apparecem; & por iſto ſó com o mercurio ſe desfazem bem eſtes tumores; que por ſer o melhor alexipharmaco deſte contagio, he generoſiſſimo abſorvente dos acidos, a que immediatamente ſe communica; porque como temos dito muytas vezes, he o mercurio taõ penetrativo, que entrando no corpo, naõ ha parte nelle a que naõ chegue, & que naõ regiſte.*

Extinguir a qualidade gallica. *Eſte deve ſer o principal eſcopo na cura das gomas; porque empenhar em remedios topicos. em quanto ſe naõ extingue o contagio, he trabalhar de balde, & póde ſer nocivo, como neſta terra vimos em hum homem, que tendo huma goma na perna direyta, que com hum pouco de azougue ſe podia curar em oyto dias, teve a infelicidade de dar com Cirurgiaõ, que naõ conhecendo a goma, a tratou muyto tempo com remedios reſolventes, de que ſe ſeguio, que o tumor ſuppuraſſe, & que o perigo, & oſſo da perna ſe corrompeſſe, fazendo crueliſſimas dores, com febre continua; & abrindo o Cirurgiaõ a goma, a cura ſe concluhio de maneyra, que ſe gangrenou toda a perna, & cortandolha por cima do joelho, foy jà em termos, que poucos dias depois acabou a vida. A cura das gomas naõ ſe deve fazer com remedios locais; & eſtes ſómente ſe haõ de applicar quando ellas ſe conſervaõ depois de extinto o contagio com os ſeus alexipharmacos, entre os quaes he o azougue o mais generoſo; no que*

ha

ha tantas experiencias, que he escusado referir algumas; & ordinariamente naõ he necessario outro genero de remedios, depois de usar do azougue; porque só com elle se desfazem as gomas; & quando assim naõ succeda, entaõ tem lugar os remedios externos, de que logo fallaremos.

Remedios locaes. *Estes haõ de applicar-se nas gomas, quando depois de feyta a cura alexipharmaca, ainda conservaõ alguma dureza; & seraõ os remedios preparado com mercurio, & com cousas que tambem tenhaõ virtude discoagulante desta maneyra:*

Tomem de emplasto de rans huma onça, de azougue vivo extinto com agua ardente meya onça, de pòs de euforbio meya oytava; misturem-se, & faça-se emplasto.

Este he efficacissimo:

Tomem de emplasto de esperma ceti meya onça, de azougue morto com agua ardente tres oytavas; misturem-se.

Naõ tem menos virtude o emplasto magistral de Tenque, de que fizemos mençaõ nas Annotações ao num. 3. do Capitulo XII.

Se com os remedios topicos se naõ acabarem de desfazer as gomas, tenhão entendido, que naõ està extinto o contagio gallico, que as conserva; & que he necessario repetir a cura, sendo sempre mercurial; que muytas vezes he taõ activo o gallico, que resiste às primeyras curas, & vem a extinguir-se repetindo-as.

Numero 3.

ATheroma, &c. *A cura destes abscessos, he a que convem aos tumores gomosos, & duros; & quando lhe naõ aproveyte, naõ ha mais que abrilos com ferro, & tiralos fóra com os seus folhelhos, operaçaõ, que os Cirurgiões fazem com muyta facilidade.*

CAPITULO XXXVI.

Das pustulas gallicas, & sinaes, que dellas ficaõ.

Numero 1.

HUM dos symptomas ordinarios do morbo gallico, saõ as pustulas, que em todo o corpo nacem, porèm as mais frequentes, & de mayor molestia saõ as do rosto, em razaõ da fealdade, & as do ceo da boca pelo impedimento, que fazem ao comer, & outras, que nacem no canal de entre nadegas, porque impedem o assentar, & andar a cavallo. Saõ as pustulas gallicas de dous generos, conforme Fallopio, que melhor que todos observou, & curou os symptomas gallicos: humas tem bostela, costra, ou escama, outras naõ tem cousa alguma destas, & se levantaõ hum pouco mais que bertoeja grossa, & saõ algumas vezes redondas, outras compridas, & no meyo de cor branca, mas de redor vermelha, como carne de prezunto magra, & desta cor saõ as do ceo da boca, rosto, & partes bayxas. As quaes costras saõ pela mayor parte redondas, & debayxo da costra ha algumas vezes materia, outras naõ tem humidade alguma, & a materia he viscosa, humas vezes branca, outras como mel, outras declinante a negra, & às vezes he a costra inteyra, outras chea de gretas, & todas ellas de ordinario doem pouco, posto que as cocem, & debolem.

Lib. de morb. gal cap. 95.

E diz o dito Fallopio, que as pustulas saõ mais certo sinal de morbo gallico, porque aindaque possaõ proceder de calor de figado naõ gallicado, com tudo se conhecem facilmente, naõ sendo gallicas, porque esfregando as, & debolando-as, dahi a tres dias (sem neste meyo tempo lhes tocarem) ou de todo saraõ,

raõ, ou crecem notavelmente; mas se ficarem constantes no mesmo estado que eraõ, he certissimo que de contagio procedem. E haverà os outros sinaes que do morbo gallico dissémos.

De ordinario naõ tem necessidade de cura particular, porque feytas as evacuações universaes, & tomados os alexipharmacos gallicos, logo desapparecem. Mas porque algumas vezes succede serem taõ rebeldes, que naõ cedem aos ditos remedios, se lhes devem alguns particulares applicar, advertindo com Rudio que naõ se lhes appliquem repellentes, porque naõ retroceda o contagio para dentro do corpo, salvo às da boca pela grande molestia que daõ nella, & temor de se corromper o osso do pádar. Lavarsehaõ logo as desta parte *com agua de tanchagem*, *em que se tenha cozido o guayacaõ*, & se a inflammaçaõ for muyta, misturem-lhe *leyte*, ou se faça cozimento *de cevada*, *folhas de sylvas*, *& rosas secas*. As das partes bayxas se lavem com cozimento do guayacaõ, ou semelhante, que deseque, & resolva, *como de fumaria*, *labaça*, *macella*, *parietaria*, *& farelos de trigo feyto em vinho branco*. E se estes medicamentos brandos naõ bastarem, toquem-se *com agua aluminosa magistral* de Fallopio, ou com outra agua *de solimaõ*, ou se misturem *pòs de Joannes de Vigo com manteyga*, *ou unguento rosado*, tendo costra, *ou com unguento de tutia*, *ou de chumbo*, *ou branco*, *de Rhasis*, (depois della cahida, ou naõ a tendo) misturando *a cada onça de unguento duas oytavas de pòs*, ou tanto delles, como de unguento nas pustulas muyto rebeldes. E se causar dor, ou inflammaçaõ, se appliquem os mesmos unguentos lavados em agua rosada sem os pós, ou se ponha a mesma agua por si só, ou a de tanchagem, se a inflammaçaõ for muyta.

Lib. de luc. ven. cap. 21.

Advirta-se que se a malicia das pustulas naõ for excessiva, se destempere a dita agua de Fallopio, & se comece sempre com a mais destemperada, & depois se irà pondo de cada vez mais forte conforme a necessidade o pedir; ou se tente primeyro se basta *agua de pedra lipis*, *ou a de Lanfranco*, ou se unte *com sabaõ molle*, que he remedio, que de ordinario basta. Tambem me parece muy accommodada esta agua. Receyta: *Elleboro branco*, *& negro*, *de cada hum duas mãos-cheas*, *labaça verde duas libras*, *pepinos de Saõ Gregorio quatro oytavas*, *carne de meloens com suas pevides tres libras*, *carne*, *& çumo de limaõ quatro libras*, *tudo se misture*, *& passados tres dias se destille em alambique de vidro*. Tira todas as pustulas, manchas, & asperezas, & he de Dominico Leono Lunense. E se naõ bastaõ estas cousas, faça-se hum linimento *de enxundia velha de gallinha*, *& sevo de bode*, *& oleo de alacraes*, *tanto de huma cousa*, *como de outra*, *tudo misturado*. E sobre todos os remedios he o mais efficaz *oleo de viboras*, segundo Fallopio, que se ordena *fazendo duas viboras em pedaços*, *& lançando-as em hum quartilho de azeyte cõmum*, *& pondo tudo em hum vidro ao Sol dos Caniculares*, & fica feyto hum oleo de cheyro acerrimo, & de grandes virtudes para estas pustulas, defluvio de cabellos, & outros muytos symptomas; & se ainda as pustulas naõ obedecerem, torne-se a applicar a agua *de Fallopio pura*, *& o dito oleo alternadamente*. Ou se misture *solimaõ*, *& manteyga crua*, *tanto de hum*, *como de outro*, & se applique, porque he mais efficaz que tudo, & dentro de meya hora traspassa toda a pustula; & sendo corpo tenro, & delicado, menos tempo basta, & assim se advirta naõ se deyxe estar muyto, porque farà grande chaga.

In meth. curand. feb. & tum. præt.

Fragoso tem grande experiencia deste unguento que tambem me parece muyto efficaz. Receyta: *Azougue morto com azeyte rosado*, *alvayade*, *fezes de ouro*, *de cada hum sua onça*, *pòs de Joannes de Vigo hũa quarta*, *misture-se tudo*, & pòdem-se applicar os mais remedios, que dissémos para as pustulas do gallico incipiente.

In ant. 2. part.

Num. 2.

Numero 2.
Sinaes que ficão das pustulas gallicas.

ORdinariamente ficaõ destas pustulas, huns sinaes vermelhos, ou negros pela cara, de grande aborrecimento. Estes se tiraõ *com as raizes da celidonia verdes pizadas com enxofre*, & applicadas, *ou com cascas de ovos torradas feytas em pò, & misturadas com agraço; ou çumo de limão.* Ou se applique hum linimento de Fragoso, que se faz assim. Receyta: *Raizes de helenio, & de lirio, de cada hum sua onça, & se misture com clara de ovo; & com hum pouco de vermelhão, & untem-se à noyte, & pela manhã se lavem com agua de fumaria.* He muyto efficaz esta agua de Dominico Leono Lunense. Receyta: *Cebola albarrãa, amegos de limões; de cada hum partes iguaes, pizem-se, & misturem-se, & destillem-se em alambique, ou se extraya delles oleo.* Ou se applique este, que tambem he muyto bom, conforme o mesmo Author. Receyta: *Sal nitro huma oytava, oleo de amendoas amargosas huma onça, misturem-se.*

Loc. cit. Cap. de tum præt. nat. ad fin.

E se os sinaes forem vermelhos, applique-se o leyte virginal de Guido, que se póde fazer deste modo, conforme Trajano. Receyta: *Vinagre branco forte huma libra, fezes de prata meya libra, ferva hum pouco; & fóra do fogo se deyxe assentar, se coe por panno basto de lã, & se ajunte agua rosada quatro onças, salgema huma onça, borás (que he o que chamaõ atincar) meya onça, canfora quatro escropulos, torne a ferver, & torne-se a coar, & ficará hum licor como leyte*, que tira muyto bem os sinaes, & principalmente serve para os que tem destemperança calida.

Tract. 7. cap. 2. & nat. 6. c. 2. Lib. 7. cap. ult.

E para todos elles sendo muyto rebeldes, *se frijão dous lagartos vivos em azeyte atè se gastar a terça parte, & lançando fóra os lagartos se faça unguento com cera.* Ou se applique *o rabaõ galizo pizado a modo de emplastro.* Ou se faça este unguento. Receyta: *Farinha de tremoços, pedra-hume, fel de cabra, çumo de limaõ, de cada cousa partes iguaes, misturem-se.* E quando não obedeçaõ a medicamento algum, se faça a agua seguinte que he efficacissima.

Receyta: *Agua rosada, çumo de almeyrão, de cada hum oyto onças; solimão duas oytavas; & quatro claras de ovos batidas, & tudo se misture, & se troga ao Sol oyto dias*, porque tira estes sinaes, & os das bexigas, & quaesquer outros admiravelmente.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

O*S seguintes remedios saõ de grande utilidade nestas, & em quaesquer outras pustulas, que procedaõ de sangue salsuginoso, acre, mordaz, & corrosivo.*

Tomem meya onça de fezes de ouro, meya oytava de assucar de chumbo, quinze grãos de solimaõ; misturem-se.

Tomem duas oytavas de alvayade, huma oytava de myrrha, oytava & meya de fezes de ouro, hum escropulo de mercurio doce, huma onça de unguento de chumbo; misturem-se.

Tomem huma onça de sevo de cabrito, derretido quatro vezes, & lançado outras tantas em agua rosada; duas oytavas de manteyga de Saturno; hum escropulo de pedra-hume; meya oytava de mercurio doce; misturem-se.

Tomem duas oytavas de pòs de pedra medicamentosa de Crolio, huma oytava de mercurio doce; misturem-se, & encorporem-se com quanto baste de unguento de chumbo, ou de fezes de ouro.

A pedra medicamentosa de Crolio prepara-se na fórma que dissemos nas Annotaçoens

çoens ao Capitulo VII. *aonde se acharão muytos mais remedios convenientes para estas pustulas.*

Numero 2.

A estes remedios se pòdem ajuntar os seguintes.

Tomem meya onça de alvayade, outra meya de fezes de ouro, duas libras de vinagre branco; ponhão-se quatro horas em fogo lento, depois fervão, & tirando-se do lume, ajuntem-lhe duas oytavas de assucar de chumbo. He excellente para todos os sinaes, ou de pustulas, ou de qualquer outra causa; & para as nodoas dos que padecem melancholia.

Tomem meya onça de pòs de mostarda, lancem-nos em quatro onças de vinagre branco, & com elle se lavem os sinaes das pustulas, & quaesquer outros, que os tirarà de repente, se he certo o que diz Ettmullero 1.

Tomem meya onça de fezes de ouro, quatro onças de vinagre; ferva atè gastar a terça parte. Em outro vaso ferva meya libra de agua rosada com meya oytava de sal, & outra meya de pedra-hume, & hum escropulo de incenso. Misturem-se todas estas cousas, depois de coadas; & com o licor, ou leyte que ficar, se lavem os sinaes. Este remedio louva Cratão, 2. *& Senerto.*

O leyte virginal de Lotichio he remedio que não merece o ultimo lugar; prepara-se deste modo.

Tomem meya onça de fezes de ouro, meya oytava de pedra-hume, oytava & meya de boràs, duas oytavas de alvayade, hũa onça de vinagre, onça & meya de agua rosada, outro tanto de agua de tanchagem; fervão a fogo lento, atè gastar a terça parte; coe-se, & junte-se duas oytavas de çumo de limão azedo. Acha-se em Lotichio. 3. *Quem quizer mais remedios para tirar sinaes, veja a Pharmacopea Lusitana* 4. *aonde acharà muytos leytes virginaes de boa efficacia.*

1. Ettmull. tom. 2. fol mihi 570. in fine col. 1.
2. Crato lib. 4. consl. 8. Sen. tom. 3. fol mihi 293.
Leyte virginal de Lotichio.
3. Lotich. obs. 1. lib. 6.
4. Pharm. Lusitan. fol. 52.

CAPITULO XXXVII.

Da sarna, impigens, & fleuma salsa do morbo gallico.

Numero 1.

QUando a sarna gallicã se naõ tira com os suores; & unturas de mercurio, he necessario applicarlhe alguns remedios locaes. E pòdeselhe fazer este unguento. Receyta: *Enxofre quatro onças, alvayade, fezes de ouro, de cada hum huma onça, çumo de limão huma onça, pedra-hume queymada tres oytavas, solimão huma oytava, manteyga crua huma onça, oleo rosado quanto baste, faça-se linimento em almofariz de chumbo, & unte-se o enfermo manhãa, & noyte atè que sare* Advertindo que se for menino, ou pessoa delicada, que naõ se lhe misture *o solimão*, ou lhe misturem hum escropulo sòmente. E algumas vezes basta untar *com enxofre, & azeyte misturados.*

He tambem muyto efficaz o unguento de Alderete, que se faz deste modo, conforme Oviedo. Receyta: *Trementina duas onças, manteyga crua quatro onças, alvayade tres onças, pedra-hume queimada duas oitavas, solimão cinco escropulos, duas gemas de ovos, çumo de limoens tres onças; lave-se a trementina, & embeba-se o çumo de limão no unguento; e sendo Inverno ajuntelhe unguento rosado, para que o unguento esteja brando.* E sendo pessoa delicada naõ se lhe lance mais que ametade do solimão; & sendo menino escropulo & meyo basta.

cap. prop.

O unguento seguinte he de grande efficacia. Receyta: *Enxofre quatro onças,*

ças, unto de porco tres onças, oleo de louro duas onças; vinagre, & agua rosada, de cada hum duas onças, solimaõ meya oytava, cera nova huma onça. Ferva o solimaõ com o vinagre, & agua rosada, & dando duas fervuras se tire do fogo, & se deyxe assentar no fundo do vaso, & depois coe-se por panno de lã muyto basto, & se misturem os licores com as mais cousas, & se farà unguento; ou cozendo as cousas untuosas, & oleo atè se gastarem o vinagre, & agua, (que serà melhor) trazendo-os em almofariz de chumbo.

Para meninos se farà esta. Receyta: *Azeyte commum, & trementina lavada, de cada hum tres onças; sal commum moído tres oytavas, misture-se tudo.* E se não bastar, *ajuntelhe meya oytava de verdete, duas de pedra hume queymada*; ou se faça para meninos mais novos. Receyta: *Çumo de labaças, & de herva molarinha, manteyga crua, & unto de porco, de cada hum partes iguaes, fervaõ atè se gastarem os çumos*; ou se ordene este de Benivenio. Receyta: *Nitro doze partes, enxofre quatorze partes, misturem-se com muyta rezina*, & faça-se unguento.

De abd. cap. 2.

A homens do campo, & corpos robustos, se mande untar *com çumo de raizes de troviſco, ou de canafrecha.* Ou se faça este unguento, que faz purgar pela ourina toda a materia da sarna, pondo-o sòmente nas palmas das mãos, & solas dos pès. Receyta: *Enxundia de gallinha cinco onças, oleo de louro, azougue, cera, incenso, almecega, de cada hum duas onças, sal commum huma onça, çumo de tanchagem, & de fumaria, de cada hum tres onças, fervaõ os çumos, enxundia, & oleo atè se os çumos gastarem, & depois se ajuntem as outras cousas preparadas como convem. Applique-se a cada palma da maõ, & sola do pè tanto como huma avelã, & esfregue-se fortemente atè que se suma.* He de Eustachio Rudio. E todos estes unguentos se pòdem applicar a qualquer especie de sarna, posto que não seja gallica.

Part. 2. de ext. affect. l. 1. c. 9.

Numero 2.

Impigens, & fleuma salsa do morbo gallico.

A Estes affectos, alèm da applicação *da salsa, pao, & azougue*, que sempre he necessaria a tudo o que de gallico procede, se lhe applicaràõ os mesmos remedios da sarna, porèm haõ de ser os mais fortes, em que entre *solimaõ*, & *azougue*, & ainda se devem vigorar mais. E Monardes diz, que se lavem *com agua de solimaõ destemperada com agua rosada, & logo se lhe applique emplastro de Guilhem Servem*, ou *diapalma, estendido em panno de linho delgado, ou tafetà*, fazendo isto huma, ou duas vezes cada dia; porque em quinze dias os mundifica, encarna, e encoura. Fragoso usa deste, que segundo diz he muyto provado, & a mim me parece muy bem. Receyta: *Unto de porco, & oleo de louro, de cada hum meya onça; unguento rosado tres oytavas, ouro pimenta duas oytavas, solimaõ meya oytava, fezes de ouro, alvayade, azougue morto com saliva, de cada hum cinco oytavas, verdete oytava & meya, faça-se unguento em gral de pedra.*

1. part. de la sal.

In ambid.

Advirta-se porèm se o enfermo antes de cahir no gallico tinha jà este mal, porque sendo isto, he necessario ir mais attento com os remedios, por quanto procede esta enfermidade de calor de figado, & de humor quente. Por onde os taes devem tomar *o pao, & salsa destemperados*, a saber, *menor quantidade, menos tempo de infusaõ, & menor cozimento, & ajuntarlhe cevada, raizes de almeyraõ, & outras cousas refrigerantes.* E o melhor de tudo he curar estes com os unguentos de Mercurio, como aconselha Rudio, posto que não parece bem a Mercado, porque cuyda que o mercurio repercute estes humores às entranhas, razaõ frivola, como em outra parte mostraremos.

Lib. 5. de mor. ven. cap. 15. fol. 199.
Lib. 2. de morb. gallic. cap. 1.
2. part. q. quæst. 37

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

SE naõ tira com suores, & unturas. *Muytas vezes temos encontrado com farnas gallicas, que desprezàraõ suores de salsa, & paosanto; mas nunca achàmos alguma tão rebelde, que não cedesse ao azougue, principalmente sendo applicado em unturas. Com mercurio tomado pela boca temos curado muytas pessoas, que padeciaõ estas sarnas, & em algumas não forão necessarios remedios locaes; porque só com o mercurio se curàraõ; em outras foy preciso usar de unguentos para acabar com o fermento escabioso, que havia na pelle; porèm os que tomàraõ unturas de azougue, livràraõ da sarna com ellas facilmente, & jà antes de haver gallico, usavaõ os Medicos de unguentos de azougue para curar as sarnas rebeldes; & foy o modo com que se reconheceo, que o azougue tinha virtude para este contagio, vendo que os escabiosos naõ só ficavão curados da sarna com unguento de azougue, mas tambem ficavão livres de todos os symptomas gallicos. Por isto aconselhamos, que os que tiverem sarnas gallicas, se curem com mercurio, & se untem com unguentos mercuriaes.*

1. Lem. in pharm. univers. cap. 11. de aquis Agua mercurial de Lemeri.

Nicolao Lemeri 1. *inculca para sarnas rebeldes, & comichoens do corpo huma agua mercuriada, que serve tambem para os tinhosos, & para as chagas que ficão depois de curados os encordios.*

A sua preparação he esta.

Tomem duas onças de alvayade, onça & meya de pedra hume, hũa onça de solimão, outra de fezes de ouro; duas oytavas de salitre, outras duas de ammoniaco, oytava & meya de gingibre, hũa libra de vinagre; de agua de centinodia, de herva moura, de tanchagem, & de rosas; de cada cousa destas tres onças; misturem-se, & fervão levemente.

A seguinte agua sabemos nòs que he excellente para curar qualquer sarna, ou seja, ou não seja gallica.

Agua de solimaõ de Fragoso para curar sarna.

Tomem oyto onças de agua de tanchagem, duas onças de agua rosada, outras duas de agua de flor de laranja; ponhão-se em vaso vidrado com meya onça de solimão; fervão a fogo lento hum quarto de hora. He de Fragoso, no seu Antidotario, fol. 487. *Com esta agua fria se lavaràõ as partes em que houver sarna, que em tres, ou quatro vezes a costuma secar.*

Para meninos. *Os meninos que tiverem sarna, haõ de curar-se com remedios brandos, porque com os fortes se offendem às vezes tanto, que lhe daõ febres, & erisipelas. Para elles, & para quaesquer pessoas, que tiverem sarnas ordinarias, he excellente remedio este.*

Tomem meya onça de estoraque liquido, huma onça de azeyte commum; misturem-se ao fogo, mexendo-os muyto bem; & untem-se às noytes, que em tres, ou quatro unturas estaràõ curados. He remedio, que sobre ser efficaz, não tem cheyro tão ingrato como o do enxofre, & de outras cousas com que commummente se cura a sarna.

CAPITULO XXXVIII.

Do defluvio de cabellos, que succede aos gallicados.

Numero 1.

AOs da primeyra especie do morbo gallico, não acõpanhaõ outros symptomas mais que pelaremselhes os cabellos, como jà em seu lugar dissemos. Porèm algumas vezes succede complicar-se este accidente com as outras especies,

cies, & não se remediar com a cura ordinaria sem particular providencia.

Ha pois duas indicaçoens na cura deste affecto, huma he preservar que não cayaõ os cabellos, que ainda estaõ arreygados; outra que se regenerem os que tem cahido. E como a causa de cahirem saõ humores, & vapores acres, & mordazes gallicos, que lhes roem as raizes; porque neste caso não ha as outras causas que Galeno aponta, a primeyra intenção que occorre, he consumir, & gastar os taes vapores, que estão na parte affecta, com medicamento, que efficazmente os resolva, & consuma: E logo a segunda adstringir, & apertar os pòros, para que se conservem os cabellos que ainda não cahirão. E a terceyra avocar o alimento à parte, para que se regenerem os que faltaõ. As quaes se haõ de executar depois de feytas as evacuaçoens universaes, & do uso dos medicamentos contra o gallico, pao, salsa, azougue, como està dito em seus lugares.

Em comprimento destas intençoens se mandarà ao enfermo que pelas manhãs em jejum; & à tarde hora & meya, ou duas antes de cea, faça masticatorios que evacuem da cabeça: E pòdemlhe mandar que mastiguem *almecega*, *ou pimenta*, *cravos de especie*, *ou estafisagria*; & sobre tudo he melhor *piretro*, trazendo isto na boca bom espaço, com que cuspirà muytas fleumas; ou traga na boca *folha de tabaco*, que as evacua grandemente, ou para melhor tome o fumo delle.

l. d. 2. comp. sec. lund. loc. cap. 1.

A cabeça mandaràõ rapar à navalha, & quando o enfermo o não admitta, assim com o cabello lha lavaràõ, & a barba (se tambem se pelar) com o cozimento seguinte: *Tomem losna, betonica, alecrim, rosmaninho, mentrastos, poejos, de cada hum huma mãocheá, maçãs de acipreste meya duzia, rosas secas, murta, de cada hum meya mãocheá, trovisco duas mãoscheas, tudo se coza em quatro canadas de decoada de cinza de vides, ou de carvalho, ou para melhor, de figueyra, que se gaste ametade, & coe-se, & com isto quente se lave, & esfregue muyto bem a cabeça, & se ensaboe com sabaõ molle, ou Francez, duas vezes no dia, manhã, & tarde depois de ser feyto os masticatorios.* Acabada a lavagem se unte com unguento, que se farà *de cortiça queymada, & almecega, tanto de huma cousa, como de outra, tudo misturado com borras de azeyte velho, ou com mel.*

He tambem provado por experiencia de Fallopio, *cozer raizes de rabãos em vinagre, & lavar com elle o lugar dos cabellos, & acabada a lavagem se enxugue a cabeça; & se applique, para deter que não cayaõ, laudano misturado com oleo rosado onfancino*, ou se applique *o unguento da Condessa bayxo de ponto, com oleo de minhocas.* E melhor de tudo he o medicamento seguinte, que tem virtude de resolver os humores acres da parte, & juntamente de reter os cabellos. Receyta: *Gingibre, pimenta longa, ou commua, cominhos, de cada hum huma oytava, goma Arabia, incenso, de cada hum duas oytavas, acacia, laudano, de cada hum meya oytava; moaõ se as cousas que se pòdem moer, & borrifem-se com agua ardente, & deyxem-se secar*, & isto tres, ou quatro vezes, & depois com as mais cousas, & com o que bastar *de oleo de baga de louro, & cera amarella nova, se faça unguento.* E se com tudo os cabellos forem cahindo de todo, (cousa que he de grande fealdade, & ha homem que antes padecerà tormentos de dores, que chegar a ser pelado) neste caso aconselha Fallopio, que se dem *fumos de cinabrio, não ao corpo: senaõ à cabeça, ou barba somente.* Os pòs para os fumos se faraõ assim. Receyta, *Pòs de todos os sandalos, incenso, pao de Aguila, de cada hum meya onça, myrrha, cinabrio ouro, pimẽta, de cada hum hũa onça, misturem-se, & lancem-se pouco a pouco sobre as brazas, & receba o enfermo o fumo por toda a cabeça, & barba.* E se parecerem que não bastão, façaõ-se estoutros mais fortes. Receyta: *Azevre, incenso, beijoim, canfora, de cada hum tres oytavas, cinabrio, ouro, pimenta, marchasita aurea,*

de cada hum huma onça, *misturem se*. Tambem se póde usar dos pós, que acima receytamos para os tumos universaes, & alèm dos que se daõ à parte, se com tudo o mal não obedecer, dem-se em todo o corpo, & se dem as unturas de azougue, & se torne aos suores do pao, ou salsa, porque muytas vezes succede não se querer este mal emendar sem repetir a cura duas, ou tres vezes.

E para regenerar os cabellos, que estiverem cahidos, se a natureza o não fizer, & houver consideravel falta, se lavarà a cabeça *com cozimento de poejos, mentrastos, abrotano, avenca, & centaurea menor, que o vulgo chama fel da terra*. Ou se lave *com mel destillado em alambique, ou com ourina destillada*. Ou se faça esta agua, que he mais efficaz. Receyta: *Vinho de malvazia, ou outro, que seja excellente, ourina de meninos, leyte de vacas, de cada hum huma libra, mel commum crù meya libra, misture-se, & destille-se em alambique, & lave-se a cabeça*, que em breve faz nascer os cabellos, & depois de lavada unte-se com oleo feyto deste modo.

Receyta: *Euphorbio duas oytavas, tapsia* (em lugar della póde servir *a raiz de canafrecha*) *meya onça, turbith huma oytava, cariofilos tres oytavas, oleo de amendoas doces libra & meya, pize-se, & moa-se tudo, & se misture com oleo; & se meta em hum ourinol grosso, ou semelhante vidro, o qual se ponha dentro de hum caldeyraõ de agua a ferver espaço de oyto horas, & depois se tire do fogo, & ferva outras tantas horas em cada hum dos tres dias seguintes, depois se deyxe estar quieto quatro, ou cinco atè que as fezes se assentem, & se tire o oleo limpo, & se guarde*. Dizem delle Fallopio, & Rudio, que às vezes faz nascer os cabellos dentro de vinte & quatro horas. Advertem porèm que he muyto calido, & adurente, & assim he necessario que delle se applique pouco, & com cautela, porque se a não houver, farà herpe miliar, ou erysipela; & se succeder delle ardor, mandaõ se unte *com oleo rosado, ou violado*, ou para melhor, appliquem-se *pannos de leyte, ou de malvas, ou de agua rosada*, se for o ardor muyto, porque os oleos saõ suspeytosos nas inflammaçoẽs; & para mayor segurança não se applique o sobredito oleo cada dia, senão em dias alternados, como avisa o mesmo Author.

Lib. 5. de morb. ven. c. 21.

Diz Angerio Ferrerio, que se lave a cabeça *com agua destillada de triaga magna, vinagre, & agua ardente, tudo metido em alambique, & destillado*. E para gente pobre, ordena Alexandre Trajano, que se lave a cabeça *com ourina de meninos, & se enxugue, & se unte com unguento, que se farà de cal virgem duas partes, oleo rosado onfancino huma*, como agora, *cal huma libra, oleo rosado huma libra, & cada quatro, ou cinco horas se mude*, porque em quatro, ou cinco dias os faz nascer, mas applique-se attento, porque he a cal adustiva. Ou se faça este remedio, que he facil, & excellente. Receyta: *Sanguisugas, vespas, abelhas, moscas, caracoes limpos das cascas, tudo se pize, & se misture, & se meta em hum vaso de vidro, que tenha hum buraco no fundo, & ponha-se sobre outro vaso, & com o que delle correr se untem as partes onde faltaõ os cabellos*. Tambem os mesmos animaes fritos em azeyte, & mel fazem o mesmo effeyto. E quem quizer mais remedios, recorra aos Authores, que trataõ do defluvio de cabellos, & acharà muytos.

Lib. 2. de pud c. 6. Lib. 7. cap. 7. pag. 176.

ANNOTAÇOENS.

Nos defluvios de cabellos, que procedem de vicio contagioso gallico, toda a cura depende de extinguir inteyramente o contagio com os seus alexipharmacos; que feyto isto, cessarà o defluvio; & nas partes em que faltar cabello, quando não và nascendo, se usaràõ os remedios seguintes.

Primeyramente se raparà à navalha a parte depilada, & se esfregarà varias vezes com

com hum panno molhado em agua ardente morna, da mais fina que houver; & depois se untarà com unto de homem que acabasse a vida em morte violenta; que este he hum dos melhores remedios que podem usar-se para renacer o cabello.

Tambem este não he pouco efficaz:

Tomem huma pouca de carne de vaca limpa da gordura, coza-se em agua, & quando ferver, tire-selhe a escuma, guarde-se, & depois de convertida em agua, se và lavando com ella a parte em que houver de renacer o cabello.

Ou se use deste unguento:

Tomem pòs de ratos domesticos torrados no forno, pòs de avenca, de cinza de raiz de cana, de cinza de pelos de cabra, de cada cousa destas partes iguaes; misture-se tudo com unto de Urso, ou de homem morto com violencia, quanto baste para fazer linimento. Quem quizer mais remedios para que naça o cabello, veja a nossa Medicina Lusitana, no Capitulo IV. do livro 2. da 2. parte.

CAPITULO XXXIX.

Das talparias.

Numero 1.

ENtre os Antigos naõ acho que outro fizesse mençaõ das *talparias* senaõ Hippocrates, & delle atè Lanfranco naõ acho que outrem nellas fallasse. Depois deste huma vez as vio Guido de Cauliaco, & Pedro de Largelata, os quaes allegaõ tambem Rogerio, posto que naõ acho lugar aonde o diga, salvo quando falla do apostema, que nasce da banda de dentro do craneo; donde se vè claramente que antes de haver morbo gallico eraõ taõ raros, como depois delle frequentes.

Tract. 1. doct. 2. c. 3.

Tract. 2. doct. 2. c. 1.

Lib. 2. tract. 1. c. 2.

He pois *talparia* hum abscesso pituitoso da especie dos *atheromas*, como diz Amato Lusitano, que sobre o pericraneo nasce, ou entre elle, & o craneo, & às vezes o corrompe em parte, ou em todo como vio Fallopio. Chama-se *Talparia*, ou *Tapinaria*, conforme Lanfranco, pela concavidade que dentro faz, assim como a *toupeyra* na terra; & pela semelhança, que tem com o *cágado*, que està entre duas conchas, se chama tambem *testudo*, segundo o mesmo Author.

Tract. 1. cap. 1.

Cent. 1. curac. 77.

Lib. de morb. gallic. c. 96.

Loc. cit.

As causas saõ humores grossos, pituitosos, corrosivos, como consta da corrosaõ, que fazem no paniculo, & osso vizinho. Estes de ordinario procedem de morbo gallico da quarta especie, principalmente havendo recahidas, & humas vezes nascem logo a modo de abscessos, com brandura, & tacto como de materia, outras succedem aos tumores scirrhosos gallicos da cabeça, em que pelo tempo se vay ajuntando, & apartando o humor, & convertendo-se em materia de mà qualidade. E por ser frequente esta geraçaõ das *talparias*, nasceo o abuso de chamarem assim a todos os tumores gallicos da cabeça, sendo que muytos o não saõ, nem lhe convem tal nome, senaõ depois que se convertem em abscessos.

E não sómente sobre o craneo, mas da banda de dentro delle, nascem algumas vezes estes tumores, conforme no capitulo delles notamos, com Juliano Palmario.

Lib. de morb. gallic. c. 7.

Lib. 2. tract. 2. cap. 4.

Conhece-se a *talparia*, conforme Pedro de Largelata, porque he hum tumor grande não accumulado, mas largo, hum pouco molle, & com dores. Jà se o enfermo tem sinaes de morbo gallico, ou delle foy curado, ou precedeo tumor scirrhoso na cabeça com gravissimas dores, que se foraõ remittindo mais, &

veyo

veyo acquirir brandura com algum tacto, posto que escuro, de materia, não ha duvida que haja abscesso gallico sobre o craneo, que he a *talparia*, & se estiver da banda de dẽtro delle, não se pòde conhecer pela vista, nem pelo tacto, mas alcançar-seha, porque saõ as dores gravissimas com alguma parte determinada da cabeça, & não aplacão com as evacuações, nem com os remedios topicos methodicamente applicados, conforme diz Palmario, & exacerbaõ-se de noyte, ou pela tarde, & estão presentes, ou precedèraõ os sinaes do contagio gallico. Mas porque todos estes pòdem succeder sem haver abscesso interior, conhecer-seha havelio, se com elles houver o que diz Rogerio dos apostemas, que nascem dentro do craneo sobre a duramater, a saber, dor pulsatoria, aguda, & permanẽte, como huma cousa, que està saltando, ou como que estivessem batendo com hum martello na cabeça; o que acontece por se comprimirem as arterias dos paniculos, & fazerem mayor pulsaçaõ. E communicar-sehá a dor às raizes dos olhos pela communicaçaõ das tunicas, & nervos opticos, conforme Galeno. E por tanto certo enfermo, que este mal padecia, via diante dos olhos mosquitos, & teas de aranhas, & depois veyo a cegar, como conta Leonardo Botallo; & algumas vezes lhe vem accidentes epilepticos, como observou Vido Vido Junior; & jà tambẽ aconteceo haver os ditos sinaes, & naõ estar o craneo corrupto, mas legrando-se achar-se hum bicho como gorgulho de trigo, sobre a duramater, segundo notou Foresto.

Prognostica Guido, com Lanfranco, & Rogerio ser este mal incuravel, & aconselha que não faṣão remedio algum ao enfermo, & o deyxem sem lhe tocar, como fez a hum q̃ sómente vio em sua vida. Hippocrates porèm diz, que não he doença de morte; o que se ha de entender, que não he mortal de necessidade, principalmente a que està da banda de fóra do craneo, porque da interior he muyto mayor o perigo. A sentença de Hippocrates confirma a larga experiencia dos modernos, que ordinariamente curão este mal com feliz successo; como se vê de Joannes de Vigo, Amato Lusitano, Botallo, Alcaçar, Fallopio, Massa, & outros, & nòs cada dia experimentamos.

Note-se que na cabeça dos meninos nascem huns abscessos da especie destes, que Largelata chama *Topinarias*: que nem chegão ao osso, nem saõ gallico, & facilmente se curão, de que não tratamos neste livro.

Loc. cit. — Tract. 1. cap. 1. — Lib. 3. locis c. 9. & 10. de ul. part. — Lib. de morb gallic. c 16. — Lib. 2. cur. morbo c. 28. — Lib. 9. obs. 2. in schol. — Lib. 2. de morb. cit. — Lib. 2. tr. 3. cap. 1. — Cent. 1. cit. — Lib. 2. de morb. gallic c. 16. — Bot. lib de morb. cap. 16. — Lib. 3. cap. 11. — C. 99. — Lib. de morb gallic.

Numero 2.

Cura das talparias.

EM se conhecendo as *talparias*, ordenão os Authores que escreveraõ atè o presente, que logo sem tardança, depois de feytas as evacuações universaes, se abraõ descobrindo o osso corrupto, & fazendo as mais obras manuaes, que lhes parece; porque imaginão que não he possivel que as materias se resolvão, nem a corrupçaõ dos ossos se retifique. Mostra porèm o contrario a experiencia, porque insignes Cirurgioens desta Cidade tem observado curarem-se estas *talparias* cerradas, posto que haja ossos corruptos, & materia sobre as tunicas, dando suores, & unturas de mercurio aos enfermos. O que tambem observou Pedro Lopes de Leaõ: *Que la tercer especie, &c.* que vio abscessos de materias, & corrupçaõ de ossos, com as ditas unturas, & suores resolverem-se, & sararem. O que tambem algumas vezes tem succedido a pessoas, que não podendo sarar com os suores, & unturas, tomàraõ o vinho santo acima dito, & tiveraõ perfeyta saude de *talparias* abertas com ossos corruptos.

7 de mor. cit.

Posta

Posta a dita experiencia (que se não pòde negar) naõ se devem logo abrir as *talparias*, mas ordenar-sehaõ as evacuaçoens universaes, & depois dellas suores de salsa, ou pao, ou para melhor as unturas de mercurio, ou fumos de cinabrio, & tentaremos se com este modo de cura se resolvem, segundo muytas vezes acontece. E quando não succeda, então fica jà o corpo evacuado, & preparado para seguramente se fazer obra manual, & della se esperar melhor successo.

Nas *talparias* porèm que jà estiverem abertas, não ha tanto lugar de se poder esperar que se resolvaõ, nem consequentemente se ordenaràõ as unturas, & suores logo, mas farse-haõ as evacuaçoens universaes, darse-haõ algumas apozemas de salsa, ou pao; & depois de bem evacuado o corpo, se abra logo o lugar da *talparia*, conforme diz Lanfranco; & Largelata por authoridade de Bruno, em figura de Cruz, ou de triangulo; & logo se aparte do osso o pericraneo, que se acharà meyo, ou de todo corrupto; & se puder ser, se descubra todo o que ha corrupto do osso, como ensina Joannes de Vigo, & logo se forme a ferida com lechinos de clara de ovo, assim como se faz nas fracturas deste lugar, como diz Francisco Arzedel Frexenal, & logo na segunda cura se legre o casco, & o que delle ficar danado, se toque levemente com agua forte, como ensina Alcaçar, ou com oleo de vitriolo, como diz Fallopio, mas muyto attento, não corra alguma gota para dentro do cerebro; & por tanto he melhor applicarse molhando na dita agua, ou oleo, hum papelinho, pondo-o sobre o casco. E para mais segurança se cobriràõ primeyro as tunicas, se estiverem descubertas, com huns fios secos, como adverte Fallopio, & nos labios da ferida se applique digestivo de trementina lavada, & gema de ovo com pouco oleo rosado, guardando-se dos outros mais humidos; porque accrescentaõ a corrupção da chaga, & depois se applicaràõ os mundificativos, & se farà a mais cura, que se costuma nos ossos corruptos. Em lugar da agua forte, se pòde usar da de solimaõ, & da de Lanfranco; as quaes posto que saõ brandas, depois do osso legrado bastaõ para emendar as reliquias, que ficaõ, em especial sendo este osso, como he, menos duro, que os das outras partes. Applica Fallopio em lugar dellas a sua luminosa magistral, de que trouxemos a receyta no Capitulo das chagas das partes bayxas; & tem por experiencia ser de grande proveyto, assim como tambem o dito oleo de caparrosa, & não serà de menor efficacia o de enxofre. Mas estes oleos, diz elle, causaõ dor, o que a dita agua não causa. Ou se use dos pòs de Joannes de Vigo, misturados com qualquer unguento, applicados sobre o osso, os quaes elle não teme applicar puros à carne roim, que nestas chagas nasce. E para acabarem de despedir se appliquem os pòs de aristoloquia, & myrrha, como Fallopio manda.

Lib. 2. tra. 3 c. 12
Lib. 2. cap. 8.
Loc. cit.
Lib. de morb. gal. c. 96.
Loc. cit.

Alguns Authores, como Amato Lusitano, & Fragoso, & Joaõ Calvo, tem para si, que basta descobrir o osso, legralo, & formar logo a chaga com fios secos sobre elle, & digestivo nos labios. Desta opiniaõ parece tambem Hippocrates, que neste caso manda sòmente legrar; sem que falle em fogo actual; nem potencial; & assim o sente Botallo, que manda legrar, & applicar medicamento desecante ao osso sem fogo, nem caustico. A qual cura pòde algumas vezes bastar, dando depois as unturas de mercurio, ou suores; porèm mais seguro he applicarlhe agua forte, ou semelhantes causticos, como està dito.

Cent. 1.
tit. 2. p. glodelos absc.
Lib. 3. de morb. gal. c. 24.
Lib. 2. de morb. gal. caries sive tere

Outros depois do casco legrado mandaõ cauterizar com fogo actual, como Antonio Massa, & Joannes de Vigo; & o experimentou com feliz successo Vido Vido, posto que este Author não diz, que primeyro de queymar o casco, o legrasse. He porèm cura arriscada, conforme Fallopio, porque como diz Alcaçar,

de Lib 5. de morb. gal. Tract. de morb. gal.

Lib.2.tr. 3.cap.1. Lib.2. de morb. gal.c.96. Lib.1. de morb. gal.c.12. Fern.4.1. c.2. in fin Lib 5 de loc. affect ad fin.

caçar, pòde-se coalhar o cerebro com a força do fogo, que tambem pòde danar muyto as tunicas, conforme Leonardo Botallo, & antes delle Avicena, & sobrevirem frenesis, como diz Galeno. E por isso disse Celso, ser cousa inutil queymar o osso da cabeça, do peyto, & costelas, porèm se alguma vez se fizer, advirta-se com o mesmo Alcaçar, que havendo de ser forte a cauterizaçaõ, detendo o cauterio sobre o osso, se naõ legre o casco, mas legrando-se, dece o fogo muy levemente, & de qualquer sorte que se faça, se guarneçaõ primeyro as partes circunvizinhas, assim exteriores, como interiores, com pannos molhados em agua rosada, applicada quente, em especial sobre as teas, porque alèm de o frio ser nocivo às chagas, conforme Hippocrates: *Ulceribus frigidum mordax, &c.* he inimigo do cerebro, segundo Hippocrates.

E àquelles enfermos, a que se naõ tentou a cura de suores, nem unturas por terem a *talparia* aberta, depois da obra manual passados quatorze dias, que he o termo da inflammaçaõ, se trate logo de os meter nelles, & o melhor de tudo he daremlhes as unturas de mercurio, como fez Amato, com bom successo, àquelle enfermo, que da *talparia* curou, porque deste modo se acabarà de expellir tudo o que do osso restar corrupto, & se preservarà o enfermo da recahida.

E porque estas chagas se cicatrizaõ com difficuldade, ordena Fallopio, que depois de encarnadas *se lavem com agua luminosa, feyta de agua rosada, & de betonica, & pedra hume*, ou com vinho cozido com cousas estipticas, & se use do *unguento de chumbo*, de que neste particular tem grande experiencia.

Estando a *talparia* dentro no craneo, que se conhece pelos sinaes sobreditos, posto que he caso quasi desesperado, se dados os suores, & unturas naõ melhorar o enfermo, naõ deyxe de se tentar a cura abrindo o lugar da dor, descobrindo o osso, & legrando-o atè dentro, cousa que algumas vezes se tem feyto com bom successo. E se a corrupçaõ chega à superficie de fóra, logo na cor do osso se vè; & se chega à lamina do meyo, acha-se quando vaõ legrando, em lugar de sangue, materia, ou virulencia. E se não passa da lamina interior, tambem na cor se nota logo, quãdo com a lepra lhe chegaõ. Depois de feyta a obra deyxaràõ expurgar a materia pelo orificio, & applicar-sehaõ os mundificativos com a brandura, que a parte permitte. E sendo necessario para segurança da cura, tornemse a repetir as unturas, ou suores.

Cent. 1. curat. 4. Lib 2 de morb. gal.c 7. pag.124.

Note-se neste lugar, que algumas vezes succede corromperse o osso sem que proceda tumor de dentro, nem de fóra do craneo, como naquelle caso que conta Amato Lusitano. E quando tal succeder, se as unturas, & suores naõ bastarem, convem tambem abrir, & legrar atè onde chegar a corrupçaõ, conforme està dito, segundo o fez o mesmo Amato, & Palmario. E conheceremos haver a dita lesaõ, porque faltando o tumor pela parte de fóra, & naõ se conhecendo dano algum na cabeça pela vista, ou tacto, & faltando tambem a dor pulsatoria, que chega às raizes dos olhos, symptoma do tumor interno, & sendo as dores gravissimas, & que a nenhum genero de remedio feyto conforme a razaõ, nem ainda aos suores, & unturas cedaõ, naõ ha outra cousa, de que possaõ nascer, senaõ da lesaõ do mesmo craneo, que ao paniculo se communica. O qual affecto, posto que naõ seja legitima *talparia*, a ella se pòde reduzir.

5. part. gol. de los absc.

Qual seja a razaõ, porque estas materias cahindo sobre o cerebro, o naõ offendem tanto, como as das feridas penetrantes; & porque havendo ossos corruptos sárem os enfermos sem que elles despidaõ? Responde Fragoso ser a causa, porque nas *talparias* se faz a materia pouco a pouco, & pelo costume se offende menos a natureza, o que naõ acontece nas feridas penetrantes. Accrescenta outra

outra razaõ, & he, que nas feridas cahe o ſangue, & materia ſobre as tunicas do cerebro, & nas *talparias* fica embebida no oſſo por ſer muy ſemelhante à ſua compleyçaõ. Porèm eſta ſegunda naõ val couſa alguma, porque tambem a materia das *talparias* cahe ſobre as tunicas, como ſe vè por experiencia, & com tudo naõ faz aquella offenſa taõ grande como a das feridas; por onde a primeyra razaõ parece mais certa.

ANNOTAÇOENS.

Numero 2.

UNturas de mercurio. *Naõ ſó em talparias, mas em gomos com corrupçaõ de oſſo, temos viſto aproveytarem de tal modo as unturas do azougue, que naõ foy neceſſario outro algum remedio. E naõ ha dous meſes, que padecendo huma mulher grandes, & continuas dores no hombro dìreyto, em que tinha huma goma, ſuppurando eſta ſe achou o oſſo corrupto, & com mercurio tomado pela boca ſe curou inteyramente de todos eſtes danos, adminiſtrando-ſe os remedios locaes por Cirurgiaõ perito.*

CAPITULO XXXX.

Do oſſo do pádar, & outros oſſos corruptos.

Numero 1.

DAs chagas que nacem no ceo da boca, ſe corrompe algumas vezes o oſſo deſte lugar. Eſte ſe curarà como outros, evacuando o corpo, extinguindo a mà qualidade com Mercurio, ſalſa, ou páo, cauterizando o oſſo com fogo actual, ou potencial, & applicando à chaga ſeus medicamentos convenientes, conforme ſe diſſe nas da boca. He porèm algumas vezes grande a quantidade, que delle ſe perde, que naõ póde o enfermo depois nem beber, & torna a agua, ou vinho pelos narizes. Eſte mal remedea Fallopio, enchendo a cavidade com algodaõ, ou cera, ou com huma forma de ouro, ou de prata, que encayxe bem naquelle lugar, a qual ſe deve tirar, & alimpar cada dia, accommodando-a outra vez, & para q̃ melhor aperte, a mãda guarnecer ao redor com algodaõ. E ſendo a cavidade taõ devaſſa, que ſe naõ poſſa ter a forma, ſe deve fazer, o que elle fez a certo doente, a que todo o oſſo ſe corrompera, a ſaber, atar eſta marca com humas cadeas de ouro aos narizes, metendo-as pelos buracos delles, & para que os naõ cortaſſem, poz debayxo das cadeas humas laminaſinhas de ouro; ou ſe guarneça a dita fórma com huma eſponja, ſegundo enſina Ambroſio Pareu, porque fazendo-ſe tumida com a humidade aperta, & ſegura melhor. Lib. 22. cap. 3.

E adverte o meſmo Fallopio, para que eſta chaga naõ deyxe caverna taõ devaſſa, que a naõ deyxem cicatrizar depreſſa, detendo a cicatriz atè ſe encher bem de carne. Eſta detença ſe faz tanto que a cicatriz parece, molhando ſutilmente os labios da chaga *com oleo de caparroſa, ou de enxofre*; & baſta applicarlho cada quatro dias, & no entretanto uſar de medicamento efficaz encarnativo, quaes ſaõ os dous ſeguintes de que tinha grande experiencia. O primeyro he, *cozimento de guayacaõ com myrrha, & incenſo nelle desfeyto*, com que manda lavar a chaga a miudo. O ſegundo he eſte unguento. Receyta: *Gumielemi, alambre, de cada hum meya onça, rezina de pinho coada huma onça, cera branca huma onça, almecega, incenſo, de cada hum oytava & meya, azeyte commum quanto baſte, faça-*

se unguento duro, do qual se formarà hum cravo do tamanho do buraco da chaga, que se lhe applique, mas cada quatro dias vendo que a chaga se cicatriza, impida-se com os oleos ditos, atè que se encha bem de carne. Outras vezes, diz o mesmo Author, que mandava lavar a chaga *com agua das caldas*, & lhe lançava *pòs de raiz de lirio*, & que assim lhe succedia felizmente. Advirta-se, que he necessario ter grande cuydado nas chagas do ceo da boca, porque jà acconteceo chegar a corrupçaõ a tanto, que naõ sòmente apodreceo o osso, mas tambem o cerebro, demodo que o enfermo o lançava com materia juntamente por escarros, como observou George Gaynerio.

Ibi obser. prop.

A corrupçaõ dos ossos das mais partes do corpo se deve curar, conforme ensina a Cirurgia. Advertindo sòmente que naõ estando abscesso aberto se tente primeyro a cura dos suores, & unturas, a ver se ossos corruptos, & materias se resolvem, conforme temos dito das *talparias*, segundo experimentou Pedro Lopes de Leaõ.

Lib. de morb. gal

Numero 2.

Chagas gallicas.

ALèm das chagas das partes bayxas do morbo gallico incipiente, nacem outras pelo corpo do confirmado, as quaes podem ser de qualquer genero de chagas, & se devem curar, conforme sua natureza, advertindo sòmente duas cousas; a primeyra, que se devem dar ao enfermo os alexipharmacos gallicos, salsa, páo, & azougue, fazendo primeyro as evacuaçoẽs universaes; a segunda (que he proprio nellas para se haverem de mundificar, & extinguir a malicia) o azougue, & medicamentos, que delle se fazem, como solimaõ, pòs de Joannes de Vigo, cinabrio, & semelhantes, como nota Fallopio, & Palmario. E diz Fallopio ter boa experiencia da sua agua *aluminosa magistral*, cuja receyta deyxamos escrita na cura do terceyro genero de chagas das partes bayxas, destemperando-a (se for necessario) com muyta agua rosada, & applicando sobre a chaga o medicamento seguinte. Receyta: *Unto de porco, trementina lavada, de cada hum duas onças, manteyga crua, oleo de cebolla cessem, de cada huma, huma onça, azougue morto com saliva meya onça, cera o que baste para unguento.* Ou *o unguento rosado de Mesue, com mistura dos pòs de Joannes, lavados primeyro tres, ou quatro vezes em agua rosada, ou de tanchagem.* E finalmente appliquem-se todos os medicamentos que deyxamos ordenados para as chagas do morbo gallico incipiente, segundo a malicia de cada huma.

Lib. 2. de morb. gal cap. 9. Lib. 2. de luè ven. cap. prop.

ANNOTAÇOENS.

Numero 2.

CHagas. *As chagas gallicas ordinariamente se curaõ com azougue, ou tomado pela boca, ou applicado em unturas; & poucas vezes he necessario usar dos remedios topicos; mas quando se hajaõ de valer delles, se lavem as chagas com agua cozida com páo santo, na qual lancem alguns pòs de pedra medicamentosa de Crollio, cuja composiçaõ se acharà nas Annotaçoẽs ao* num. 2. do Capitulo VII.

Tomem huma libra de agua cozida com páo santo, oytava & meya de pós de pedra medicamentosa, huma oytava de solimaõ; misturem se, & com esta agua se lavem as chagas, que brevemente cicatrizaràõ.

Nas Annotaçoẽs que fizemos aò dito Capitulo VII. *se acharàõ muytos mais remedios, que tem boa efficacia para estas chagas.*

GA-

CAPITULO XXXXI.

Dos estillicidios gallicos.

HE cousa muy frequente, como nota Rudio, na quarta especie de morbo gallico haver estillicidios; que humas vezes decem às partes da garganta, & boca, & nellas causaõ chagas; outras ao estomago, & causaõ cruezas, vomitos, & fluxos; outras ao peyto, onde fazem tosse asthma, escarros purulentos, empiema, & tisica. A causa de todos elles he a mà qualidade gallica, que offende o figado, o qual he a parte mandante primaria, que communica ao cerebro muyta copia de humores, & vapores varios, mas *à prædominio* pituitosos, & com elles se enfraquecem as partes da cabeça, acquirindo destemperança humida, com que se relaxaõ, & naõ os podendo resolver, nem evacuar pelas vias ordinarias, decem symptomaticamente às ditas partes, & fazem aquellas lesoens que temos dito.

5. de morb. ven.

A cura, como em todos os mais symptomas gallicos, he tirarlhe a causa, a saber, a mà qualidade, & humor, que della se gera, & para esse intento convem primeyro que tudo dar ao enfermo, *xarope de fumaria, & rosado, de cada hum sua onça, com tres onças de agua de betonica, ou salva,* se o humor naõ tiver consideravel acrimonia, mas se a tiver, seja em lugar *das aguas, cozimento de cevada, & ameyxas, rosas secas,* para juntamente corroborar as partes. E purgue-se o enfermo *com pirolas cochias, fumarias, & de hyera, de cada huma meya oytava,* aguçando-as, se for difficultoso em purgar, com tres grãos *de diagridio,* & se o humor for mais quente, *purgue-se com tres oytavas de confeyçaõ hamec simplez, huma de electuario rosado de Mesue, tres onças de xarope Regio, com seu cozimento commum.* E naõ ficando bem evacuado, dem-selhe suas apozemas accommodadas. E no meyo dos xaropes se lhe dem hum par de sangrias, ou as que parecerem necessarias, porque nos corpos cacochimicos em que a cacochimia està misturada com o sangue, & nestes estillicidios as manda Galeno dar por intervallos, & attento: *Quicumque parum sanguinis, &c.*

1. meth. cap. 14. Lib. cit. cap. 16.

Evacuado o corpo se meta o enfermo em suores de páo da China, & guayacaõ, porque estes tem algumas partes adstringentes, & convem mais que a salsa onde ha fluxões (como nota Rudio) que naõ tem parte corroborante, com tudo se a fluxaõ tiver desconhecida acrimonia, misture-se a mayor parte da salsa, porque he menos calida, & alguma cevada, & sempre no cozimento se missturem hũas rosas secas para corroboraçaõ das partes por onde o estillicidio dece; & se cahir no peyto, ajuntemlhe cousas peytoraes, *como passas, maçãs da nafega, alcaçuz, ameyxas, violas.* E se no estomago, *losna, almecega, & semelhantes.*

Azougue naõ convem nestes casos, principalmente se o estillicidio dece ao peyto, como advertiraõ Rudio, Mercado, porque pòde correr tanto junto, que suffoque o doente, ou accrecentar as chagas do bofe, se as houver, porque aindaque lhe pòde tirar a causa, com tudo em quanto de todo a naõ tira, accrecenta tanto o effeyto, que depois fica enfermidade por si, & esta incuravel. O que naõ tem, sendo o effeyto do estillicidio sómente chagas da boca, porque aindaque no *interim* algum tanto creçaõ, naõ he isto perigo, porque depois sàra tudo junto. Nem tambem corre tanto risco no estillicidio que dece ao estomago, porque posto que alguma causa se accrecentaõ as cruezas, & vomitos, com tudo naõ he mal que fique incuravel, pois cessando a mà qualidade, & a fluxaõ da cabeça, pòde sarar logo o mais. Porèm a chaga do bofe, como de si he mal incu-

Cit. c. 15. Lib. 2. de morb. gal. cap. 1.

ravel, qualquer cousa que creça, o ficarà muyto mais, & assim tambem a obstrucçaõ, de que se gèra a tosse, & asthma, porque de crecerem se pòde suffocar o enfermo em espaço de meya hora, & por tanto nestes casos he cousa de grande risco a cura do azougue, assim como pelo contrario a dos suores, em que tenho achado notavel proveyto.

Lib. 2. de morb. gal cap. 1.

Demais disto aos tisicos, & asthmaticos por qualidade gallica se acuda logo a fazerlhes fontes, como aconselha Mercado, nos braços, & pernas, em especial na perna direyta para revellir o humor, que do figado sobe, & no braço esquerdo, para derivar o que ao peyto dece. E naõ tendo o enfermo forças para duas, se lhe faça antes a do braço, pela mayor necessidade, que ha de dirivar o que da cabeça dece, de que se toma indicaçaõ mais vehemente.

E sendo os escarros purulentos, ou estillicidio mais calido, *dem se ao enfermo talhadas de diapapaver, ou de diatragacanto, feytas com igual quãtidade de pòs de salsa parrilha.* E a melhor hora de se lhe darẽ he de noyte duas, ou tres talhadas de cada vez. E façaõlhe *xarope de frangão, cozẽdo com elle hũa oytava de salsa, & meya de pào da China, & huma colher de cevada, outra de assucar rosado, que ferva tudo, atè que a cevada rebente, & fique sómente huma tigella de caldo*, para se lhe dar pela manhã, fazendo-o na mesma, porque naõ he bom ficar feyto da noyte; & requentar-se. E continue com estas talhadas, & caldo trinta, ou quarenta dias, bebendo sempre agua de salsa.

E para os tisicos gallicados convem particularmente estes pós. Receyta: *Semente de dormideyras brancas cinco oytavas, goma Arabia, tragacanto, amido, de cada hum aytava & meya, semente de beldroegas, de malvaisco, de malvas, de cada hũa duas oytavas, as quatro sementes frias mayores, de cada huma oytava & meya, pevides de marmelos limpas duas oytavas, espodio, çumo de alcaçuz, de cada hum oytava & meya, bofe de raposa, pòs de caranguejos queymados, de cada hum duas oytavas, salsa parrilha, páo da China, de cada hum onça & meya, páo santo meya onça, de tudo se façaõ pòs sutis, & ajuntemlhe de alfenim tanto como tudo o mais.* Da-se cada manhã oytava & meya, à tarde huma oytava, & beba-se agua cozida com salsa parrilha, & páo da China, misturandolhe cevada, porque às vezes isto basta para sararem; como experimentou Horta, que diz curar hum tisico gallicado com lhe dar a beber agua de cevada, & páo da China, tanto de hum, como de outro, mas com pouco cozimento, porque o naõ esquentasse, & que assim o fizeraõ muytos à sua imitaçaõ com bom successo.

Colop 47

Estes pós seguintes dey a huma mulher que estava tisica de morbo gallico, & jà taõ extenuada, que me naõ atrevi a purgala, & com elles sarou miraculosamente: *Tomem farinha de páo, que se costuma comer no Brasil, quatro onças, goma de trigo, dormideyras brancas, de cada hum sua onça, salsa parrilha seis onças, assucar cande quatro onças, tudo se faça em pó sutil, & se mistur e. Tomarà huma colher destes pòs à noyte quando se recolher a dormir, outra pela manhã em jejum, comendo-os assim secos, & naõ bebendo agua sobre elles*; porque deste modo embebem em si as humidades, & naõ lhe daõ lugar a destillarem; & nisto tem a farinha de páo grande efficacia; & tendo bom regimento, & bebendo agua de salsa, foy sarando, & engordando, seja Deos sempre louvado.

Asthma gallica curey jà a hum mancebo nobre, deste modo. Xaropey, & purguey o enfermo com medicamentos apropriados, & lhe dey tambem as sangrias, que me pareceràõ, porque teve ao principio febre com enchimento, & depois lhe ordeney esta apozema. Receyta: *salsa parrilha duas onças, páo da China huma onça, cevada com a casca*, (porque tinha destemperança calida do figado)

figado) *duas onças, ameyxas vinte & quatro, maçãs da nafega doze, alcaçùz meya onça, conserva de violas huma onça, avenca, betonica, de cada huma meya mãochea, sene seis oytavas, carthamo pizado duas oytavas, semente de herva doce hum escropulo. Lançando a salsa; & pao de molho huma noyte em nove quartilhos de agua, se faça cozimento secundùm artem com as mais cousas na mesma, atè se gastarem seis, & ficarem tres, & com assucar se faça apozema.* Esta tomava o doente duas vezes cada dia pela manhã em jejum, & à tarde depois da digestaõ do jantar, meyo quartilho de cada vez, & continuou mais de quinze dias, com que aliviou de huma *Ortopnea*, que pelas onze horas da noyte lhe repetia com grande pigarro na garganta, & dentro do peyto, o apertava de tal sorte que naõ podia estar senaõ dircyto, faltandolhe pouco para se suffocar; & com tudo aliviou notavelmente. Mas porque lhe ficàraõ reliquias do mal, o meti em suores de salsa, & raiz da China, com que ficou saníssimo, seja Deos louvado. Tambem lhe ordeney tomasse tabaco de pò, & de fumo, que he muy accommodado para mal de peyto.

Convem neste caso usar de herrhinhos, & mastigatorios, que purguem pelos narizes, & boca, & lavar a cabeça com desecantes, & corroborantes, que se pòdem fazer deste modo. Receyta: *Guayacaõ limado quatro onças, cascas de romans, maçãs de acipreste, murtinhos, de cada hum duas onças, rosas secas duas mãos-cheas, lance se tudo de molho em cinco canadas de decoada de cinza de vides; ou de carvalho, & depois ferva na mesma com as cousas seguintes; salva, betonica, macella, coroa de Rey, rosmaninho, alecrim, neveda, serpaõ, segurelha, poejos, mentrastos, ouregãos, de cada hum sua maõchea, faça-se cozimento secundùm artem*, que se gastem duas partes, & com elle temperadamente quente faraõ emborcaçaõ à cabeça pela manhã em jejum, & logo a enxuguem, & lhe appliquem à moleyra o oleo *de Copaîva, ou emplastro de betonica, & de centaurea, de cada hum meya onça, emplastro de Guilhem Servem duas oytavas, unguento da Condessa huma oytava, tudo se misture, & se estenda hum pedaço delle em panno do tamanho de quatro dedos para que à moleyra se applique.* Ou o emplasto que traz Fragoso no antidotario para a commissura coronal; ou se mande fazer este de Montagnana, que he muyto efficaz. Receyta: *Laudano, gumielemi, graxa, incenso, estoraque calamita, estoraque liquido, de cada hum duas oytavas, rezina quanto baste, faça-se emplasto.* Atalhaõ estes grandemente os estillicidios, que naõ cayaõ da cabeça no peyto, desecando as fleumas, corroborando o cerebro, porèm naõ aproveytaràõ aos gallicados sem administraçaõ do pao, ou salsa.

In antid.

Advirta-se que havendo destemperança calida na cabeça, ou sendo o estillicidio quente, se não use destes lavatorios, & emplastros; porque em tal caso seraõ danosos, conforme nota Galeno, Trajano; & outros Authores graves. Mais se note, que tambem se naõ appliquem naõ estando o corpo bem evacuado com as purgas, apozemas, & suores; porque aliàs serà mais o humor que attrahiràõ à parte, do que aquelle que pòdem resolver, conforme a doutrina de Galeno.

7. de sanit. tuend c. 9. & 13. met. c. ult. & 2. loco c. 2. & 3. Lib 7. c. 1. post med. Lib. 2. ret. med. c. 95. & 2. epid. sect. 3. c. 76.

ANNOTAÇOENS.

QUe offende o figado. *Continùa o Author no erro de cuydar, que o contagio gallico se sigilla no figado; & diz que da offensa desta parte procedem os estillicidios; sendo assim que a parte em que o gallico se sigilla, & se implanta, he a massa sanguinaria, de cujo vicio provèm os estillicidios do sangue, ou do seu soro, & da lympha, que do sangue traz a sua origem; & estando a massa sanguinaria viciada*

com

com o contagio gallico, naõ se curaõ estillicidios, sem que primeyro se extingua o contagio com os seus alexipharmacos.

Azougue naõ convem. *Nos estillicidios ao peyto prohibe o Author nervosamente o uso do azougue, temendo que os humores se movaõ para o peyto em tal copia, que o doente se suffoque; sobre o que se veja o que dissemos nas Annotaçoens ao* num. 4. do Capitulo XXVI. *Agora dizemos brevemẽte, que se estes estillicidios se pudessem curar com os alexipharmacos vegetantes do gallico, seria bom escusar o azougue; mas porque ordinariamente ficaõ frustrados aquelles alexipharmacos, parecenos, que logo se recorra ao mercurio, ou tomando-o pela boca, ou administrando-o em unturas; porque sem dano do peyto o temos usado muytas vezes na presença dos seus males; & para curar tosses, & estillicidios importunos o applicamos atrevidamente, pelos bons successos, que nelles temos achado; como jà dissemos no Tratado do uso do azougue nos casos prohibidos, que anda appenso à nossa Medicina Lusitana.*

A chaga do bofe. *Nas chagas do bofe, por serem incuraveis, reprova o Author a cura do azougue, alèm das razoens com que a prohibe nos males do peyto. E na verdade que entendemos nòs, que se as chagas do bofe pòdem ter remedio, he sò com o azougue, ainda que naõ haja gallico; porque sò o mercurio pòde chegar immediatamente ao lugar da chaga, & sò elle pòde desecala, & cicatrizala; & observamos nòs jà algumas vezes curarem-se com azougue tisicos, que se julgavaõ irremediaveis, cujos casos se acharàõ no dito Tratado que escrevemos do uso do azougue que nos casos prohibidos,* Capitulo X. *Nem os tisicos jà feytos, & confirmados, tem outro remedio, ou sejaõ, ou naõ sejaõ gallicados, mais que o do azougue, de que se deve usar com toda a resoluçaõ, ou tomando-o pela boca, ou usando-o em unturas; que de qualquer modo que se introduza no corpo, chegarà immediatamente à chaga do bofe, a que não chega outro algum remedio, que naõ seja o ar, & o fumo. Veja-se o que dissemos nas Annotaçoens ao* numero 4. do Capitulo XXVI.

CAPITULO XXXXII.

Das obstrucçoens complicadas com morbo gallico.

CAda dia nos acontece querermos curar enfermos de morbo gallico, & acharmos que tem notaveis obstrucções do figado, baço, veas miseraicas, & as mulheres da madre, & havendo-as nunca succede bem a cura, como tenho alcançado por larga experiencia, se com particulares remedios das obstrucçoens lhes não acodimos. He final dellas, ter o enfermo grande difficuldade de respiraçaõ ao andar, principalmente ao subir, & fazendo algum exercicio violento. E com isto tem de ordinario o estomago, & hypocondrios tumidos, & sendo mulher, que tambem tenha obstructas as veas da madre, faltaõ-lhe, ou saõ diminutos os mezes. E quando he mayor a do figado, sente-se dureza, ou tumor na banda direyta, & do baço na esquerda, & se das veas miseraicas, à regiaõ do estomago, atè o embigo. E de ordinario todas estas partes juntamente se opilaõ, & com isto ha symptomas gallicos, chagas, dores de cabeça, de pernas, & braços & outras semelhantes.

Nesta complicaçaõ avisa Fernelio, & Rudio, que primeyro que tudo se curaõ as opilaçoens, porque não se curando impedem o transito, & obtundem a virtude dos remedios, & assim tenho visto alguns, que depois de tomarem suores, & unturas ficàraõ taõ enfermos como de antes. Cuja causa me parece, alèm do que Fernelio dà, conservar-se a mà qualidade nos mesmos humores, que nos lugares opilados ficàraõ impactos.

Lib. de cur. luc ven. c. 8. 5 de mor occult. c. 32. post med.

Pelo

Pelo que a cura ha de começar tirando as obstrucções como causa *sine qua non*, que he o que Galeno ensina naquellas palavras: *Quæ curari ante alia possunt, & quæ non possunt.* E assim deve o enfermo ser primeyro xaropado, & purgado, & se for necessario, sangrado, & tomar algumas apozemas, misturando sempre em tudo agua de salsa, ou páo, & bebendo a agua delles, & logo darlhe o aço, ou as pirolas que delle se fazem, porque estes remedios saõ os de mais efficacia, que para a cura das opilações se tem descuberto. Do aço se pòde dar huma oytava pela manhã, meya à tarde em vinho branco, ou em agua do páo da China, ou da salsa, ou de avenca, ou de agrimonia, ou de grama, fazendo o enfermo huma hora, ou meya, exercicio. E das pirolas se daràõ pela manhã cinco, à tarde quatro. E sendo pessoa fraca, ou menino, he melhor darlhe a mesma quantidade de escoria do ferro preparada, ou se lhe dem as pirolas, ou aço, huma vez só no dia, & em menor quantidede; & lembro que sendo a pessoa de figado, ou de compleyçaõ calida, ou tempo de Estio, naõ faça mais exercicio, que hum quarto de hora, ou naõ faça exercicio algum, porque tambem sem elle sàraõ maravilhosamente, como a experiencia muytas vezes tem mostrado; & he engano cuydar que se naõ fazem exercicio, que naõ aproveyta o aço, nem os outros remedios de obstruentes, por dizerẽ que se assentaõ no estomago, & que naõ passaõ, porque o contrario tem a experiencia mostrado. 7 met.38

Mas porque algumas vezes os symptomas gallicos apertaõ de modo, que naõ daõ lugar a que as opilações se curem, he necessario pela regra da urgencia acodirlhe primeyro a moderalos com algumas apozemas, pòs, ou conservas de salsa, ou páo, & como se forem moderando, tornar à cura das opilições, & depois acabar de curar o gallico, & o mais certo he, fazer tudo junto com medicamentos, que respeytem hum, & outro affecto.

Alguns misturaõ nos cozimentos com que daõ os suores, raizes de salsa, & de aypo, & as outras diureticas, & as ervas aperientes. Porèm de ordinario naõ aproveytaõ senaõ he em alguma opilaçaõ muyto leve. E assim convem que se misturem outras mais efficazes, como aço, ferro, ou escoria delles, todos preparados, fazendo delles xaropes, apozemas, & conservas, como eu costumo com feliz successo, & pòdemse receytar as seguintes. Receyta: *Aço preparado, escoria de ferro preparada, de cada hum duas onças, salsa parrilha, páo da China, de cada hum onça & meya, guayacaõ tres onças, polypodio onça & meya, raizes de borragem, de almeyraõ, de escorcioneyra, de funcho, de salsa, de grama, de cada hum onça & meya, agrimonia, avenca, escolopendria, de cada hum huma maõ-chea*, (& se ha calor do figado, *misture cevada, folhas de almeyraõ, & de chicoria*; & se he mulher a que faltem os mezes, *neveda, ou monta, ou betonica*) *conservas cordeaes, de cada huma huma onça, sementes frias mayores, de cada huma duas oytavas, carthamo pisado duas oytavas, hermodactilos seis oytavas, folhas de sene seis oytavas. Infundaõ-se os páos, & salsa, escoria, & aço, em quatro canadas de agua quente por vinte & quatro horas, & depois nella mesma com as mais cousas se faça cozimento secundùm artem*, que fique em cinco quartilhos, os quaes se ponhaõ em ponto com tres arrateis de bom assucar, & dem-se ao enfermo pela manhã tres onças, à tarde, depois de feyta digestaõ, duas, bayxadas de ponto, com o cozimento do páo da China, ou salsa parrilha, & grama. E continue com isto dezoyto, ou vinte dias, fazendo para isso segundo xarope pela mesma receyta, depois de se acabar o primeyro, & beba sempre agua de salsa, ou páo, & grama. E se ainda ficarem opilações, ou achaques do gallico, tome estes xaropes mais dias. E se o tempo for frio, escusarà de se pôr em ponto de xaropes, mas pòde ficar em

Nn apoze-

apozema com menos aſſucar, & he remedio provado.

Mais efficaz cura, ſegundo tenho por experiencia, he a dos pós, ou conſervas ſeguintes. Receyta: *Salſa parrilha, páo da China feyto cada hum delles em pós, eſcoria de ferro preparada, de cada hum dez oytavas, hermodactilos, carthamo, jalapa, folhas de ſene, de cada hum cinco oytavas, eſpica, cinamomo, de cada hum huma oytava, tudo feyto em pò ſe miſture*; & naõ querendo fazer tanta quantidade, façaõ ametade, ou o que parecer. Deſtes pòs tomarà o enfermo cada manhã duas oytavas, à tarde depois de feyta a digeſtaõ huma em agua de páo, ou ſalſa, & continue quinze, ou vinte dias bebendo ſempre agua de ſalſa, ou páo, porque ſararà da opilaçaõ, & juntamente do morbo gallico admiravelmente.

Dos meſmos pòs ſe faz tambem conſerva, *fazendo hum cozimento de meya onça de páo, & huma de ſalſa, que ſe infunda em canada & meya de agua, vinte & quatro horas, & depois ſe faça cozimento na meſma ſecundùm artem, com mais huma maõchea de grama, & agrimonia; avenca, douradinha, de cada huma meya maõchea, conſervas cordeaes, de cada huma ſua onça, faça-ſe cozimento, que fique em meya canada, & ponha-ſe em ponto groſſo com aſſucar.* E no que baſtar deſte xarope com os pòs acima ditos ſe faça conſerva, naõ muyto alta de ponto, porque o aço, & eſcoria a ſecaõ, & fazem mais dura do que convèm. Tome o enfermo cada manhã huma onça, & à tarde meya; & beba ſobre ella agua de ſalſa, ou páo, & acharà os meſmos effeytos, que dos pòs ſobreditos.

Outra cura faço muyto efficaz, que he dar ao enfermo às cinco horas da manhã quatro, ou cinco onças do cozimento do páo, ou ſalſa, feyto pela ordem, que ſe coſtuma para ſuar; porèm ſem o meter em ſuores, & logo pelas ſete lhe dou cinco pirolas das que ſe fazem de aço, ou eſcoria, & com ellas mando fazer algum exercicio, & pelas dez lhe mando que lhe dem de jantar, & às cinco da tarde lhe ordeno, que tome quatro onças do meſmo cozimento, & depois das ſeis, quatro das meſmas pirolas, & depois das nove horas ordeno, que lhe dem de cear, & que de ordinario beba a agua de ſalſa, ou páo, & continuaõ doze, ou quinze dias, & ſaraõ deſte modo maravilhoſamente. E ſendo peſſoa fraca, baſta que huma ſó vez no dia tome iſto, mas he neceſſario continuar mais tempo. E quē o tomar duas, ſenaõ puder eſtar tãtas horas ſem comer, pòde entre dia tomar hum doce, ou qualquer couſa, & beber huma pequena de agua de ſalſa, ou páo. Tambem ſe pòde fazer eſta cura *tomando aço, ou eſcoria do ferro, ou o medicamento, que delles ſe faz, & bebendo ſobre elles o cozimento forte do pào, ou ſalſa*, que aſſim o ordena Euſtachio Rudio. E quando for tomando eſtes medicamentos, ſe parecer que he neceſſario alguma evacuaçaõ, pódeſelhe dar hum pequeno *de xarope de Rey, ou cozimento de folhas de ſene.*

Depois de continuar com eſta cura, ſe parecer que as opilações ſe acabàraõ, & que fica ainda morbo gallico, deyxar-ſeha a cura delle, & meteraõ o enfermo em ſuores, ou unturas, ou acabaraõ de curar o gallico com apozemas, ou com outros medicamentos leves, ſe for pouco; & pelo contrario ſe o gallico ſe extinguir, & algumas opilações ficarem, ceſſando com a cura delle, ſe curem ellas.

ANNOTAÇOENS.

TIrando as obſtruções. *Quando o gallico ſe complica com obſtrucções, ſe eſtas ſe intentaõ curar primeyro, naõ vem a conſeguir-ſe, porque o gallico fruſtra a virtude dos remedios mais efficazes. Se ſe quer extinguir o contagio antes de contender com as obſtrucções, tambem ſe naõ conſegue facilmente, porque nellas ficaõ latentes alguns*

guns seminarios contagiosos; principalmente se a cura se faz com apozemas, ou com suores, ou quaesquer remedios preparados de salsa, páo santo, & raiz da China; porque estas cousas naõ tem virtude taõ penetrativa, que entre pelas partes obstruidas, a extinguir as particulas contagiosas, que nellas se occultaõ. E por isto nos parece melhor fazer cura alexipharmaca, & deobstruente, com que ao mesmo tempo se vá extinguindo o contagio, & se vaõ reserando as obstrucções. Tudo isto se vem a conseguir bellamente com o mercurio; porque sobre ser o melhor antidoto deste contagio, he taõ generoso deobstruente, que penetra pelas obstrucções mais duras, & chega a communicar-se aos lugares mais intimos, extinguindo nelles as particulas contagiosas, que aos outros alexipharmacos se occultaõ. Tratarèmos pois de pôr em effeyto a cura pelo seguinte methodo. Primeyramente evacuando as primeyras vias com hum vomitorio, ou com medicamento alviduco, preferindo aquelle. Depois sangrando segundo se julgar necessario; entaõ purgando repetidas vezes com as seguintes pirolas.

Tomem de azevre lavado com agua rosada, de goma ammoniaco, de cada cousa destas duas oytavas; de mercurio calomelanos oytava & meya, de sal de losna meya oytava, de diagridio de Paracelso huma oytava. Misture-se tudo, & façaõ-se pirolas com xarope de avenca, & dourem-se. Toma-se de cada vez oytava & meya, atè duas oytavas.

Depois de purgar as vezes que parecerem necessarias; ou se use logo do mercurio branco precipitado, tomando oyto grãos delle com quatro, ou cinco de diagridio sulphurado, continuando-o atè salivar; ou se parecer que he necessario deobstruir mais; tomem primeyro alguns dias aço com mercurio, desta maneyra:

Mercurio deobstruente.

Tomem de limadura de aço hum escropulo, de mercurio doce meyo escropulo, de sal de losna seis grãos, de diagridio sulphurado oyto grãos; misturem-se, & façaõ-se pirolas para huma vez, & repitaõ-se os dias que parecerem necessarios.

Naõ só nos que estaõ gallicados, mas nos que padecem obstrucções, a fim de reseralas, se pódem usar as ditas pirolas; porque saõ de admiravel efficacia. A agua que beberem os que usarem desta cura, serà cosida com páo de saxifràs, & com raiz de grama. Este genero de cura escusa as apozemas, & deobstruentes ordinarios, que sobre se tomarem com grande enjoo, saõ menos efficazes.

As pirolas mercuriaes deobstruentes, que Joaõ Constant de Rebecque traz no seu Medecin Charitable *escrito na lingua Franceza, saõ excellentes para as obstrucções dos gallicados; a sua descripçaõ he esta:*

Pirolas mercuriaes deobstruentes de Rebecque.

Tomem de azevre, de goma ammoniaco, desfeyta em vinagre, passada por sedaço, & depois seca, de cada cousa destas meya onça; de mercurio doce duas oytavas; de diagridio hũa oytava; com oximel cillitico faça-se massa de pirolas, da qual se tome de cada vez de meya oytava atè huma oytava, duas horas antes de comer.

As pirolas mesentericas de Moysés Charràz, misturadas com mercurio, saõ excellentes para os gallicados obstruidos, porque ellas deobstruem muyto bem, & o mercurio extingue o contagio. Póde tomar-se hum escropulo das pirolas com oyto grãos de mercurio branco, ou de qualquer panacéa benigna, & segura, & continuar-se muytos dias. Quem naõ tiver as obras de Charràz, póde ver a receyta destas pirolas na Pharmacopéa Lusitana, escrita por D. Caetano de Santo Antonio, Conego Regular de Santo Agostinho, & Boticario no Real Convento de Saõ Vicente de fóra em Lisboa.

CAPITULO XXXXIII.

Do fluxo do ventre gallico.

SUccede algumas vezes fluxo de ventre aos gallicados por causa de humores gallicos, varios excrementicios, que no figado se gèraõ, principalmente *à prædominio* biliosos, & adustos, & por tanto saõ estes fluxos mais frequentemente de diarrheas biliosas, posto que algumas vezes se complicaõ outros do mantimento mal digesto, porque a acrimonia do humor naõ dà lugar a que se coza, & excita a expulsiva, a que ante tempo a lance; ou tambem porque o estomago enfraquece do muyto curso de humores gallicos, de que o figado nelle se descarrega; & assim dece tudo junto. Tambem aos gallicados succedem dysenterias, porque com a continua fluxaõ dos ditos humores acrés, & mordazes se ulcèraõ as tripas, mas acontece isto menos vezes, & o mais frequente he a *diarrhea biliosa*, que sobrevem pela mayor parte aos de quarta especie, & aos que se vaõ fazendo tabidos.

Conhece-se ser gallico o fluxo do ventre pela complicaçaõ que ha de outros affectos da mà qualidade, pelo contagio que precedeo, & porque elle em si molesta mais da vespora por diante, & com beber páo, ou salsa, se vay moderando.

A cura he tirarlhe a causa, a saber, a qualidade gallica, de que aquelle fluxo he symptoma. E se as camaras forem muytas, que naõ dem lugar a se fazer a cura do gallico com o vagar que requere, deve-selhe primeyro acodir pela regra da urgencia, porque naõ ponhaõ o enfermo em perigo, & se lhe devem dar *duas oytavas, ou oytava & meya de pós de mirabolanos citrinos queymados atè serem negros, & lavados em agua de tanchagem, & ajuntarlhehaõ huma onça de xarope de rosas secas, & tres de agua de pòs de rosas, ou de tanchagem, fazendo de tudo isto bebida para huma vez.* E comece logo o doente de beber agua ferrada, & cozida com páo da China, ou com salsa parrilha, *feyto o cozimento de duas oytavas de salsa, ou huma de páo em tres canadas de agua ferrada que se gaste meya*, & dem-lhe manhã, & tarde caldos de amido, feytos na dita agua de salsa, & juntamente ferrada.

E tanto que se tiver acodido à urgencia das camaras, & as forças o permittirem, logo metaõ o enfermo em suores, que alèm de curarem a raiz do mal, revellem o humor dos intestinos para o ambito do corpo. E se estiver fraco, & naõ puder tomar dous no dia, tome hum sòmente, com tanto, que na hora em que o houver de tomar, beba o xarope de salsa, que houvera de beber se suàra, & faça-se tambem este cozimento dos *suores em agua ferrada, ou de tanchagem, & beldroegas, ou azedas.* E se com tudo as camaras apertarem, demlhe no xarope que tomar para suar, *huma oytava de trocisços de carabe, ou de terra sigillada.* E defume-se a panela em que lançarem estes cozimentos com almecega.

E se o fluxo for muyto importuno, convem applicar por fóra corroborantes, *como unguento da Condessa, oleo de marmelos, de murtinhos, de losna, pòs de coral, de rosas secas, de almecega, & semelhantes*; & lançar ajudas lavativas de cozimento *de cevada, & assucar rosado, ou commum com ovo, clara, & gema* E havendo venenosidades, misture-selhe caldo de gallinha sem sal. E havédo camaras de sangue, lancem-se as mesmas ajudas, ajuntemlhe *çumo de tanchagem, ou de erva moura, & agua rosada, & hum pequeno de sevo de cabrito ou de bode lavado primeyro em agua rosada, ou de tanchagem.* E em todas ellas misturem huma pequena *de agua de salsa, ou páo.*

Naõ

Naõ convem purgar estes enfermos para os meter na cura dos suores pelos perigos, que ha de purga em camaras; nem a necessidade neste caso he muyta, porque as camaras, posto que sejaõ symptomaticas, tem deposto muyta parte da carga. Com tudo se precedendo os suores, as camaras cessarem de todo & houver finaes de muyta carga de humor, que se conhecerà pelas dores, & outros symptomas, em tal caso convem parar com os suores, purgar o enfermo, mas attento com medicamentos leves, & roborantes, porque naõ torne o symptoma das camaras.

E se o enfermo por sua fraqueza naõ admittir suores, póde-selhe fazer a conserva seguinte. Receyta: *Pòs de mirabolanos citrinos queymados atè serem negros, & lavados em agua de tanchagem, huma onça, salsa parrilha polvorizada onça & meya, páo da China feyto em pò meya onça, coral preparado, bolo armenio preparado, de cada hum duas oytavas, marfim preparado huma oytava, almecega fina meya oytava, faça-se primeyro hum cozimento de salsa, & páo da China, como o que se faz para suar, & ajuntemlhe ao cozer huma onça de rosas secas, & meya de murtinhos, & ponha-se em põto de xarope grosso cõ assucar, & com o q̃ bastar delle se encorporẽ os pòs das sobreditas cousas, & se faça conserva secundùm artem.* Demlhe huma onça pela manhã, meya à tarde antes de cea, & se a naõ puder comer, nem engulir feyta em bocados com assucar, pòdemlha dar desfeyta em agua de salsa, ou de páo.

Ou se faça esta conserva mais facil. Receyta: *Pòs dos ditos mirabolanos queymados & lavados como està dito, & trociscos de carabe, pòs de salsa, ou páo da China, de cada hum huma onça, faça-se conserva com xarope de rosas secas.* E tome pela manhã meya onça, à tarde duas oytàvas, & beba sobre ella hum copo do cozimento de salsa, & páo, que se dá para suar. E porque dos trociscos de carabe huns se fazem com opio, outros sem elle, com os do opio se farà a conserva quando as camaras forem taõ desenfreadas, que sejà necessario vedalas mais em breve, & com os outros quando forem mais moderadas.

E naõ podendo o doente tomar conservas, se lhe faça hum xarope pela maneyra seguinte. Receyta: *Páo santo duas onças, páo da China huma onça, salsa parrilha tres onças, infundaõ-se espaço de vinte & quatro horas em quinze quartilhos de agua ferrada, & depois fervaõ na mesma lançando as cousas seguintes secundùm artem; que fiquem sómente cinco quartilhos: Rosas secas, tanchagem, de cada hum huma mãochea, cevada torrada duas onças, murtinhos duas onças, sandalos citrinos, & vermelhos, de cada hum tres oytavas, coral preparado, bolo armenio preparado, de cada hum oytava & meya, cascas de mirabolanos citrinos meya onça, de mirrabolanos chebulos, & Indos, de cada hũ duas oytavas, infundaõ-se os mirabolanos espaço de hũa noyte em agua, & se lance a agua fóra, & depois se cozaõ cõ as mais cousas, como està dito.* E coe-se o cozimento, depois de coado se ponha em ponto com tres arrateis de assucar. E dem-se ao enfermo tres onças deste xarepe pela manhã, & duas à tarde desfeytas em *agua de tanchagem*, *ou beldroegas*, & sararà das camaras, & do morbo gallico, em poucos dias.

Advirto, que a salsa he hum pouco laxativa, & ainda que faz bem à cura da qualidade gallica, he danosa às camaras, & ao estomago; por tanto naõ se dè neste caso por si só, senaõ misturada com páo da China, ou guayacaõ, ou santo. Nem tambem he taõ conveniente a cura do azougue, porque às vezes succede mover camaras, posto que se se naõ movem os humores por este caminho, em mais breve tempo as cura. Com tudo se o mal naõ obedecer aos ditos remedios, ou houver tal contraindicaçaõ, que se naõ possa fazer, admitta-se a cura do azougue, porque posto que mova mais algumas camaras, com tudo como lhes

tira a cauſa em poucos dias, tambem as curas, aſſim eſſas, que de novo move, como as que havia.

O comer ſerà gallinha aſſada, perdiz, coelho, biſcouto; o beber como eſtà dito, ſerà agua ferrada, & juntamente cozida com pão ou ſalſa. E ſe por razaõ do faſtio naõ puder comer aſſado, nem biſcouto, coma cozido, & pão ordinario.

ANNOTAÇOENS.

NO figado ſe gèraõ. *Engana-ſe o Author quando cuyda que os fluxos de ventre nos gallicados procedem de vicio do figado; porque como jà muytas vezes diſſémos, o figado naõ ſanguifica, nem gèra humores, para haver de excitar eſte dano. A cauſa deſtas camaras, ou eſtà nas primeyras vias, reſultando varios excrementos da fermentaçaõ do alimento que nellas ſe celebra, ou vem das veas, precipitando-ſe ao ventre os ſoros biliosos do ſangue viciado com a infecçaõ gallica; & como quer que ſeja, he neceſſario extinguir o contagio para ſuſpender os curſos.*

Agua ferrada, & cozida. *Manda o Author cozer agua com ſalſa para beberem eſtes camarentos, naõ lhe eſquecendo que a ſalſa relaxa o eſtomago, & que pòde fazer mayor dano, que utilidade; por cuja cauſa diz que ſe coza tambem com raiz da China, o que approvamos; mas com ſalſa, de nenhum modo ſe coza, pela relaxaçaõ que póde cauſar no eſtomago.*

Naõ convem purgar. *Para fazer cura alexipharmaca a eſtes fluxos teme o Author o uſo de medicamentos purgantes, parecendolhe que com elles ſe precipitaràõ mais os curſos. No que dizemos, que ſe os curſos forem antigos, & houver debilidade nas forças, & ſe ſe entender, que a cauſa material he pouca, neſtes termos ſe naõ cuyde em medicamentos purgantes, & ſe applique toda a intençaõ curativa em extinguir o contagio com os ſeus alexipharmacos. Porèm ſe a materia for muyta, & ſe eſtiverem conſtantes as forças: he preciſo para melhor ſe curarem, naõ ſó eſtes curſos, mas qualquer outro fluxo de ventre, o purgar, antes de paſſar ao uſo de outros remedios; & ſe iſto ſe fizer com vomitorios, ſerà muyto melhor, pela revulſaõ com que obraõ, contraria aò movimento do humor, que pelo ventre ſe deturba; que ſó com repetidos vomitorios temos nòs curado muytas diarrheas, que naõ eraõ gallicas, depois de haverem deſprezado muytos remedios doutamente applicados; & aindaque neſtas naõ poſſaõ concluir a cura, por depender da oppugnaçaõ do contagio, com tudo, havendo de entrar ao uſo dos ſeus alexipharmacos, parece-nos muyto bem que primeyro ſe purgue com vomitorios, que pódem ſer de ſeis grãos de tartaro emetico, ou de tres onças de agua benedicta de Rulando vigorada; ou de meya oytava de ſal de vitriolo, ou da infuſaõ de vinte grãos de pós de Quintilio, feyta em duas onças de vinho branco; ou de huma oytava de pòs de raiz de cipó, que alèm de ſer vomitiva, tem virtude adſtringente com que corrobora o eſtomago, & por iſto he de muyta utilidade nas diarrheas, & de muyta mais nas dyſenterias: & naõ querendo uſar de vomitorios, ſe purgue com a infuſaõ de duas oytavas de ruybarbo feyta em cozimento, ou tintura de ſene, & caſcas de mirabolanos citrinos, juntandolhe huma onça de xarope Perſico; que eſtes medicamentos obraõ corroborando, & naõ ha o perigo de ſe deſpenhàrem os humores pelo ventre com mayor precipicio, como o Author teme; ſobre o que ſe veja o que diſſémos na noſſa Medicina Luſitana, na cura da diarrhea, & dyſenteria.*

A cura do azougue. *Com nenhum remedio ſe curaõ mais prompta, & ſeguramente as camaras dos gallicados, que com azougue, ou ſeja tomado pela boca, ou applicado em uncturas, do que temos innumeraveis experiencias, & o meſmo Madeyra vio curarem-ſe com azougue muytos camarentos gallicados, ſegundo diz* no Capitulo 26. num.

num. 5. §. Havendo camaras, &c. *& pouco tempo ha curàmos huma doente, que havia mezes padecia febre continua com curso; & porque estava gallicada, lhe demos mercurio branco precipitado, com que brevemente se vio livre da febre, & dos cursos, sendo assim que nos primeyros dias tomou o mercurio com dous grãos de diagridio, porque naõ começasse a salivar logo; o que seria bom para remediar os cursos, mas naõ era taõ conveniente para extinguir a contagio, que era causa delles: porque movendo-se logo a salivaçaõ, cessava o uso do mercurio, & sendo pouco naõ extinguia o contagio. Depois de tomar seis dias o mercurio com diagridio, tomou-o outros tantos dias sem elle, & sempre com seis grãos de assucar de Saturno, que tambem he generoso dulcificante; & pelas partes mercuriaes que tem, naõ he màο companheyro do azougue para vencer o gallico.*

CAPITULO XXXXIV.

Das carnosidades, & callos, que nacem dentro do cano da ourina.

Numero 1.

ANtigo he haver callos, & carnosidades no cano da ourina, porque jà Galeno as conta entre as causas, que a supprimem. Foy porèm taõ raro naquelles tempos, (pois dellas naõ ficou escrito cousa consideravel) como frequentemente nestes nossos, depois que houve morbo gallico, causa ordinaria dellas, segundo nos testificaõ as quotidianas queyxas dos que as padecem, & os varios modernos, que dellas escrevèraõ, como Alfonso Ferreo, Juliano Palmario, Laguna, Amato Lusitano, Alexandre Trajano, Foresto, Mercado, Fragoso, Pedro Lopes de Leaõ, Francisco Dias.

Lib. 1. de luc ven. cap. 10. Tract. pro. Cent 4. curat. 19. Lib. 7. cap. 13. Lib. 16. observ. 3. Lib. 2. de morb. gal cap. 10. part. 2. Lib. 6. cap. ult. affect. ur.

Tres differenças ha de carnosidades, porque humas vezes estaõ como huma carne molle esponjosa, como aquella, que nas chagas fistulosas costuma nacer: outras saõ humas verrugas, que nacem dentro no cano, como as que de fóra nacem: outras saõ huma dureza, ou callosidade, ou para melhor dizer tumor calloso, que nace dentro no cano.

Humas, & outras differenças impedem o curso da ourina, & o da geraçaõ, ou de todo, se de todo obstrue o cano, ou em parte, se parte delle. Do lugar em que a carnosidade està, se tomaõ tambem outras differenças, porque ou està na ponta, ou no meyo do cano, ou no collo da bexiga, onde se chama a reygada, ou occupa todo o canal do principio atè o fim, alèm de que, ou he huma só carnosidade, ou saõ muytas, que occupaõ varias partes.

Numero 2.
Causas.

SAõ causa das carnosidades, como nota Leaõ, humores fleumaticos, crassos, & viscosos, que destemperando as chagas do cano da ourina impedem a natureza que naõ possa produzir carne boa, nem cicatriz sobre ella, & assim fica produzindo aquella roim callosa, & esponjosa. E quando os humores saõ mais crassos, & melancholicos, em lugar de carne se géra hum callo, ou cicatriz tumida, & callosa, qual de ordinario acontece às chagas gallicas, velhas, em que se naõ tem extincta a mà qualidade. Saõ tambem algumas vezes causa deste mal humores delgados, biliosos, acres, & mordazes, que com a ourina clara, & pellucida se evacuaõ, segundo nota Palmario, em quanto ulcèraõ a via, & daõ occasiaõ à chaga, carne superflua, & callo. Sem ulceraçaõ na via nacem às vezes verrugas,

Lib. 6. cap. ult. Loc. cit.

rugas, & outros tumores deste genero, por ajuntamento dos sobreditos humores viscosos, & crassos.

E posto que algumas vezes possa este mal succeder sem morbo gallico, porque jà no tempo de Galeno, posto que raras vezes, havia caruncuias, & callos no cano da ourina, com tudo a causa frequentissima he a gonorrhea purulenta, principalmente quando he antiga, em tãto, que diz Juliano Palmario, que posto q̃ sáre, dahi a vinte annos nacẽ às vezes carnosidades nos lugares do cano, onde a materia fazendo mayor impressaõ abrio chaga. Começa este mal às vezes por hum leve principio, & como se naõ faça caso delle, se vem a fazer crueiissimo.

Lib 1. de loc. cap. 3. Lib. 2. de lue ven. cap. 10 §. crudele ad modũ.

As causas externas saõ mantimentos viciosos, & tudo aquillo, que póde gerar humores crassos, fleumaticos, & melancholicos, ao que naõ ajuda pouco a destemperança calida dos rins, que he a causa de os attrahir, & mandar às partes inferiores, & à debilidade das partes bayxas, que com facilidade os recebem. E por tanto vemos muytas vezes que aquelles que padecem este mal, lançaõ pelas ourinas muyta copia de viscosidades fleumaticas, & purulentas, que se pegaõ aos ourinoes. O tempo frio, & humido, & o Inverno rigoroso acrescentaõ muyto esta doença, como nota Palmario, assim porq̃ o frio he inimigo das partes nervosas, & membranosas, segũdo Hippocrates: *Frigidum inimicum est nervis, &c.* como tambem porque aquellas carnes esponjosas se enchem mais de humidade, & fazendo-se mais tumidas causaõ mayor dano. Acrescenta-se a isto crecerem neste tempo os humores pituitosos.

Loc. cit. 5. aph 18

Saõ tambem causa primitiva deste mal, ferida, pancada, ou contusaõ, que algumas vezes se recebe naquellas partes. Ao que naõ ajuda pouco o demasiado uso venereo, com que os rins, & todas as partes inferiores se aquentaõ, & attrahem muyta copia de humores acres, mordazes, salgados, & viciosos, como nota Ferreo, que fazem excoriaçaõ, & chaga no cano, & consequentemente carnosidade, ou callo.

Lib. prop. cap. 3.

Tambem he causa deste mal, a evacuaçaõ critica de febres ardentes, quando a natureza lança os humores pelos meatos urinarios, & por sua mordacidade, & acrimonia ulceraõ a passagem. Outras vezes he a causa abscesso da bexiga, ou collo della, ou dos rins, ou de outra parte superior, que pela ourina se expurga. Ou do mesmo cano da ourina que suppurando-se, & rompendo-se faz chaga, conforme ao que disse Hippocrates: *Quibus in urinario fistula nascuntur, ijs suppuratione facta, & eruptione, solutio.* Aquelles a que nacem empolas no cano da ourina, suppurando-se, & abrindo se sáraõ. Succede tambem do muyto curso de areas, lodo, pedras, & fleumas, que da bexiga, & rins se lançaõ, & fazem excoriaçaõ na via, ou se inviscaõ, & pegaõ nas paredes della, especialmente no collo, aonde he tortuosa. E por *juxta positionem* se vay augmentando huma callosidade, assim como succede dos limos aos canos da agua. O que tudo notou Alfonso Ferreo.

3. aph. 82 & 7. aph. 57.

Nomero 3.

Sinaes.

ANtes de tudo se pergũtarà primeyro ao enfermo as occasiões que teve para poder ter chagas no cano, a que pudessem sobrevir carnosidades, como se teve gonorrhea purulenta, pedra, ou semelhantes. E depois de boa informaçaõ se trate logo de especular os sinaes seguintes.

Padece o doente grande difficuldade de ourina, & a lança delgada como em fio torto para huma banda; para a direyta, se a carnosidade està encostada à par-

te

te do cano eſquerda, & para a eſquerda, ſe à direyta, ou partida em duas, ou de borrifo, ſe de ambas as bandas ha carnoſidade. E com iſto ourina o enfermo gota, & gota com grande trabalho, dores, & ardores, eſpremendo-ſe muyto, & as vezes tanto, que lhe vem puxos de camaras. E naõ póde lançar a ourina, ſem apertar fortemente a reygada, & algumas vezes ſe lhe ſupprime de todo, & depois de acabar de ourinar lhe fica mayor trabalho cauſado das gotas da ourina, que entre as carnoſidades ficàraõ, & naõ podendo paſſar, o obrigaõ a eſpremer-ſe com terriveis dores, & ardores. E tambem ſente impedimento ao expeller da ſemente, que he cauſa de naõ terem filhos.

Mas porque aquelles, que padecem pedra de bexiga, tambem tem eſtes ſinaes, diſtinguir-ſeha pelos ſeguintes. Porqae a pedra ſe conhece primeyramente pelo tacto metendo a candea, ou algalia, que empeça em huma couſa dura, & ſe a pedra naõ eſtà jà atraveſſada no cano, entra livremente atè dentro da bexiga, & deſviando a pedra ſahe a ourina em chorro. Mas havendo carnoſidades primeyro empeça nellas, & nunca o doente acaba de ourinar, ficando ſempre com vontade. Segundariamente ſe conhece porque levantando o doĉte pernas arriba, & ſacudindo-o, ſe a cauſa q̃ impede a ourina he pedra, ſe deſvia logo do collo da bexiga, como nota Galeno, & ſahe a ourina livre com ſeu curſo cheyo, o que naõ ſuccede ſendo carnoſidade, ou callo. Terceyro ſinal he acharſe metendo o dedo do meyo pelo ſeſſo, ſegundo notaõ todos os Authores. Quarto, porque havendo pedra ſenteſe grande ruido na reygada. Quinto, porque nunca ſuccede ſem fazer grandes puxos, & vontades de camara. Sexto, porque ſente o enfermo, havendo pedra, huma couſa que no ſeſſo lhe faz hum ſentimento a modo de pejo. Septimo, porque apalpando o cano por fóra muytas vezes, ſe conhece pelo tacto a calloſidade que eſtà dentro. E ultimamente quando ha carnoſidade, ou callos, nunca a ourina ſahe de todo livre, ſenaõ, ou delgada, torta, ou de borrifo, ou a gotas ou de todos eſtes modos. E quando ha pedra, como naõ ha outro impedimento mais que ella, impede ſómente a ourina quando chega ao collo da bexiga, & porque nem ſempre lhe chega, ſegue-ſe que muytas vezes ſahe totalmente livre; o que nunca acontece havendo carnoſidades. Ajunta Amato, que havendo pedra debilita mais as forças, tira a viveza das cores, & faz aborrecimento mayor da vida, o que naõ acontece tanto ao mal de carnoſidade.

Lib 1. de loc affect. cap. 1.

Cent. 4. curat. 19. ad fin. ſchol.

E porque he algumas vezes a cauſa de ſuppreſſaõ total, ou parcial da ourina grande copia de humores groſſos, & viſcoſos, ou grumos de ſangue, & materia, que obſtruem o collo, & cano, & tambem quando ha iſto, faltaõ os ditos ſinaes da pedra: he neceſſario que digamos alguns com que eſtas cauſas ſe diſtingaõ das carnoſidades. Amato Luſitano, & Laguna, & os mais Authores, naõ daõ outro, ſenaõ que quando ſuccede a dita ſuppreſſaõ por copia de humores obſtruentes, he muyto mayor, & totalmente, ou nada ſahe da bexiga. He porèm eſte ſinal incerto, aſſim porque nem ſempre fazem obſtrucçaõ total, como porque tambem as carnoſidades, & callos algumas vezes de todo obſtruem, & totalmente impedem o curſo da ourina, como os meſmos Authores confeſſaõ. Diſtinguir-ſeha logo hum affecto de outro, porque metendo a candea, ou algalia, ſendo viſcoſos os que obſtruem, fazem menos reſiſtencia, & uniformemēte vay entrãdo atè dẽtro da bexiga, mas ſendo callo, ou carnoſidade, he a reſiſtẽcia mayor, & paſſa a candea de ſalto, & ſendo muytas as carnoſidades dà muytos ſaltos, & poucos ſendo poucas, ou hũ ſómẽte ſe a carnoſidade he ſó hũa. E quãdo as viſcoſidades ſaõ cauſa da ſuppreſſaõ, algũas vezes ſahem pegadas na candea, co-

Cent. 4. curat. 19.
Ti prop. fol. 18. uſ. §. jam. veu. 10.

mo diz Francisco Dias, que tirou huma fleuma revolta nella de comprimento de mais de duas varas; & o mesmo diz ter acontecido a outros, mas adverte o mesmo Author, que seja o artifice desta obra experimentado, porque succede algũas vezes ser a carnosidade taõ branda, que faz muy pouca resistencia, & cuyda o artifice que ou naõ he nada, ou he sómente viscosidade, que he occasiaõ de ficar o enfermo sem remedio.

Ajuntàr seha mais huma conjectura, porque se precedeo gonorrhea purulenta, he probabilissimo proceder a obstrucçaõ de carne esponjosa, ou callosidade, & se precedeo fluxo de sangue, ou de materia, ou rotura de algum abscesso superior, que pela ourina se pudesse expurgar, he cousa muy racional serem o impedimento grumos da tal materia, ou sangue. E sobre tudo metendo a candea de tal sorte, que passe as carnosidades, ou callos, depois que se tira, se veràõ nella impressos os sinaes onde as carnosidades estaõ, porque como a cera dà de si ficaõ nella tantas covas, quantos eraõ os corpusculos, que dentro do cano a apertavaõ. O que naõ haverà se a causa obstruente forem humores, ou grumos de sangue, ou materia.

E por quanto succede algumas vezes complicar se a carnosidade com chaga, outras vezes succede sem ella, conhece-se haver chaga, pelas dores; & sahe pelo cano materia que se pega à camisa muyta, ou pouca, conforme a grandeza della, & naõ havendo chaga, naõ sahe materia, & algumas vezes ha sómente o impedimento da ourina sem dores.

E quando succeder complicarem-se todos os ditos affectos, a saber, carnosidades, pedra, copia de humores viscosos, gonorrhea purulenta, & chaga no cano, que he cousa que algumas vezes acontece, (caso terrivel, & desesperado) conhecer-seha, porque haverà todos os sinaes sobreditos.

E como algumas vezes succede haver suppressaõ de ourina por causa de alguma hernia intestinal, ou zirbal, que he o que chamaõ quebradura, outras por ventosidade. Conhece-se o primeyro pela presença da hernia, & que recolhendo as tripas, ourina o enfermo logo livremente. Conhece se o segundo, porque metendo a candea sahem as ventosidades com o som misturado, como vio Francisco Dias.

Lib. 3. cap. 1.

Outras vezes he causa da suppressaõ o grande ardor, com que sahe a ourina, & naõ ousa o enfermo a lançala, mas neste caso quando lança, sahe em chorro, & livremente, se tambem naõ està junto o impedimento da carnosidade.

Numero 4.
Prognosticos.

Lib. 2. de luc ven. cap. 10.

CRuel, & miseravel he este genero de mal, como diz Palmario, porque se naõ se remedea, taes dores, & tormentos causa, que antes hum homem quer morrer, que sofrelo. Cura-se difficultosamente, por estar em partes muyto dolorosa, a que de ordinario succedem terriveis dores, ardores, mayores puxos do ourinar, estrangurias, total suppressaõ de ourina, & fluxo de sangue. Ao que se ajunta a difficuldade de se applicarem os remedios convenientes ao dito lugar, como nota Ferreo. Sobrevem tambem algumas vezes àquellas partes, inflammações notaveis, com febre aguda, que algumas vezes se mortificaõ, & mataõ, outras se rompem, & furaõ o cano da ourina, deyxando fistulas perpetuas naquelle lugar, & chagas cavernosas no collo da bexiga, de que pelo tempo vay manando pelo cano materia em grande quantidade. Algumas vezes

Lib. prop cap. 9.

tambem

tambem se communica a fluxaõ dos humores aos testiculos, & faz nelles varios tumores, de que ficaõ fistulasinhas em partes varias.

E sendo a carnosidade branda, pouca, nova, & naõ estando muyto no fim do cano, cura-se com menos difficuldade; & pelo contrario sendo dura, callosa, velha, muyta, em muytas partes, & muyto interior, & quando a deyxaõ envelhecer, se vem a fazer taõ dura como sola de çapato. E com razaõ reprova Palmario a opiniaõ de Ferreo, em quanto diz, que se cura melhor a dura, & callosa, por quanto com a violencia dos instrumentos se póde romper, & da rotura sahir muyto sangue, com que a parte se descarregue; porque posto que o sangrar-se seja util a qualquer chaga, conforme Hippocrates, & Galeno, com tudo neste caso he periculosissimo fazer violencia, escandalizar, & incitar dor, como notàraõ Laguna, Trajano, Palmario, Mercado, & os mais Authores citados, & a quotidiana experiencia à custa dos miseraveis enfermos tem mostrado.

Lib. de ulcer.
Lib. 4. met. c. 6.

He tal esta enfermidade, que a naõ póde curar a natureza, nem ainda os suóres, & unturas, com que costumaõ sarar chagas difficilimas, & tumores scirrhosos de outras partes, como nota Juliano Palmario, cuja causa naõ he a acrimonia da ourina, segundo este Author cuyda, mas a debilidade da parte, que he membranosa, & de pouco sangue, & pela qualidade gallica, & divisaõ do continuo, fica muyto mais debil. E como a natureza he a principal medica, conforme Hipprocrates, naõ he muyto, que por mais que o corpo se alimpe dos humores, naõ possa gastar o vicio da parte sem particular beneficio do Medico.

Loc. cit.
6. Epid. sect. 5. t. 1.

Pronostica-se mais que se depois das carnosidades gastadas, a chaga naõ fica bem cicatrizada, ou fica raiz do morbo gallico, que tornaõ como de antes.

Numero 5.
Cura das carnosidades, & callos do cano da ourina.

PAra que este mal se cure perfeytamente, seis intenções se devem executar; como se colhe dos Authores allegados. A primeyra he tirar a causa antecedente, indicaçaõ commua em todas as enfermidades que a tem, segundo Galeno: *Prius unamquamque causam abscindere oportet*: Primeyro se ha de tirar toda a causa. A segunda sendo a carnosidade dura, ou callosa, mollificalla, & preparal-la para que o caustico a gaste com mais facilidade. A terceyra roer, & consumir toda a carnosidade, ou callo. A quarta mundificar a chaga se ficar çuja. A quinta cicatrizalla. A sexta emendar os accidentes, se sobrevierem. Porêm antes de se tratar de cada huma dellas se advirta, que esta cura se deve fazer na mais temperada parte do anno, que he a Primavera, Março, Abril, & Mayo, ou no Outono, Septembro, Outubro, Novembro; porque os meses muyto calidos, ou os muyto frios, saõ arriscados, como tem Juliano Palmario, Laguna, & outros. Mas entende-se isto naõ apertando a necessidade; porque se a houver tal, que se naõ possa esperar, em qualquer tempo se deve fazer.

Lib. art. med. c. 8. & sap. alibi.
2. de mor. gal. c. 16. lib. prop.

Numero 6.
Primeyra intençaõ.

QUanto à primeyra intençaõ, deve o doente xaropar-se nesta fórma. Receyta: *Xarope de borragem huma onça, de fumaria, de violas, de cada huma meya onça; agua de lingua de vaca tres onças, misture-se.* E se as fleumas forem muytas,

tas, & a terra fria, & naõ houver muyto calor de rins, nem muyta acrimonia de ourina, dar-scha *huma onça de mel rosado coado, outra de xarope de borragem, & tres de agua da mesma*: Na materia da purga se guardarâ o que diz Palmario, que naõ se dem medicamentos muyto fortes, porque movem muyto, aquentaõ os rins, & fazem muyta fluxaõ de humores aos caminhos da ourina, & póde-se dar esta. Receyta: *Confeyçaõ hamec simplez tres oytavas, xarope de Rey tres onças, diaphenicaõ huma oytava, cozimento de cousas frescas quanto baste, faça-se bebida breve.* Ou se purgue o doente *com huma oytava de agarico trociscado, & duas onças de xarope regio desfeyto tudo no mesmo cozimento.* E se naõ ficar bem purgado, faça-selhe apozema nesta fórma.

Tomem polypodio huma onça, ameyxas vinte & quatro, maçãs da nafega doze, folhas de borragem, de almeyraõ, de chicoria, & de malvas, de cada huma sua mãochea, alcaçuz duas oytavas, conservas cordeaes, de cada huma sua onça, sementes frias mayores de cada hum oytava & meya, folhas de sene seis oytavas, faça-se cozimento secundùm artem, que fique em quartilho & meyo, & adoce-se com assucar, & de-se ao enfermo meyo quartilho cada manhã.

A' cerca dos medicamentos purgativos se note, que em males, em que ha acrimonia de ourina, saõ menos seguros, & de ordinario accrescentaõ os ardores, & puxos, & causaõ mayor molestia pela vizinhança dos lugares, & porque tambem movem humor pelo caminho da ourina, cousa menos conveniente nestes casos; como diz Galeno, & por tanto se devem dar os menos que for possivel, & serà mais conveniente fazer evacuaçaõ por vomito com os pòs de Quintilio, ou semelhante.

13 met. cap. 6.

Antes da purga se sangre o doente duas, quatro, ou seis vezes, conforme o enchimento, & forças, porque alêm da sangria ser utilissima aos achaques da ourina, conforme Hippocrates ibid: *Difficultatem urinæ vena secta juvat, &c.* dispõem muyto o corpo para a cura subsequente, porque sendo o sangue menos ha perigo de se acender, apodrecer, & correr à parte affecta, & fica o enfermo mais preservado de lhe sobrevir inflammaçaõ, & o corpo mais evacuado, que he o que muyto importa para que haja bom successo.

E porque naõ basta sómente evacuar os humores, mas he necessario impedir que naõ se gèrem outros, antes de ir com a cura por diante, se deve tirar toda a causa, que os póde gerar, & mandar àquellas partes, & por tanto aconselha Alfonso Ferreo, que primeyro se dem suores de páo santo; mas se o calor for muyto, & a acrimonia da ourina demasiada, antes se devem dar de salsa, que he mais temperada, ajuntandolhe ao cozer cevada, ou fazendo-se o cozimento em agua de almeyraõ. Ou totalmente se naõ meta o doente em suores; porque sempre aquentaõ, & por tanto saõ menos convenientes quando o calor do figado, & rins he muyto, & muyta a acrimonia da ourina; mas em lugar delles tenho por mais seguro, & mais efficaz remedio o das unturas de azougue, com que naõ sómente se extingue a qualidade gallica, mas ainda o corpo se acaba de evacuar de todos os excrementos pituitosos, & melancholicos, que saõ immediata causa material da carnosidade, & callo, & assim naõ sómente convem quando o mal procede de morbo gallico, mas a todo o que de outra qualquer causa procede.

Cap. 6.

E note-se que por isso muytos naõ saraõ das carnosidades, ou tem mão successo na cura, ou finalmente recahem, porque naõ acabaõ perfeytamente de extinguir a qualidade gallica, & de evacuar os humores viciosos que ficaõ no corpo, & saõ causa de nova fluxaõ, & de novo mal. E por tanto convem naõ tentar a cura dos causticos atè naõ precederem as ditas unturas, ou suores, ou pelo me-

nos

nos depois da carnofidade gaftada, ao tempo do cicatrizar fe devem dar os ditos fuores, ou unturas, como alguns hoje praticaõ com feliz fucceffo.

E naõ fómente havemos de fazer as ditas evacuações, mas ainda depois dellas convem temperar o demafiado calor do figado, & rins, para que naõ caufem nova fluxaõ à parte affecta. E para que a acrimonia da ourina fe modere, porque fendo muyta, he coufa trabalhofiffima, & rigorofa fofrella, & juntamente a dos medicamentos, & inftrumentos que à parte fe applicaõ. E affim convem que o enfermo tome pela manhã *quartilho, ou quartilho & meyo de foro ferenado com duas, ou tres onças de lambedor de violas, ou de almeyraõ*: ou tome *quatro, ou feis onças de agua de malvas, ou de beldroegas, ou de almeyraõ, ou de chicoria, ou de cevada feyta fecundùm artem*, mifturando a qualquer delles os mefmos xaropes, ou affucar fino, ou fe faça cozimento de folhas, & raizes de malvas, & fe tome na mefma quantidade com os mefmos xaropes, ou affucar.

Por fóra fe applique *unguento rofado, ou refrigerante de Galeno ao figado, & rins, ou lamina de chumbo furada; ou epithimas de çumo de almeyraõ, & ferralhas, ou chicorias, ou de leyte, ou de agua rofada, ou qualquer outra que refrigere*. E de meijoada fe lancem ajudas refrigerantes feytas de cozimento de cevada, ameyxas paffadas, malvas, & violas, temperadas com duas onças de azeyte rofado, ou violado, ou de golfãos, & affucar, & com meya onça de polpa de canafiftula, ou fem ella; & fe a deftemperança for tanta, que com eftes remedios fe naõ poffa emendar, dar-fehaõ banhos de agua doce.

Compete à primeyra intençaõ o regimento das feis coufas naõ naturaes. E portanto deve o enfermo guardar-fe de roins mantimentos, & comer pouco, principalmente no tempo em que fe lhe applicar o cauftico, no qual, fe for poffivel, naõ coma carne, ufando fómente de coufas leves, como borragem, chicoria, maçãs affadas, caldos de miolo de pão, ameyxas cozidas, & fendo peffoa fraca, demlhe frangão, ou franga, ou ovos brandos. E em todo o difcurfo da cura, & hum mez depois, guarde bom regimento, & fuja do ufo venereo como do Diabo, porque naõ ha coufa que mais dano faça, fegundo notaõ os Authores citados.

Numero 7.
Segunda intençaõ.

DEpois do corpo evacuado, & temperado na fórma que eftà dito na primeyra intençaõ, fegue-fe a fegunda, que he mollificar, & difpor a carnofidade, ou callo para fe lhe poder applicar o cauftico. Porèm ifto naõ he neceffario em todas, fenaõ naquellas, que forem rebeldes, o que fe ha de conhecer, conforme Laguna, metendo pelo cano hum talo de malva, ou de perrexil, ou de aypo, ou femelhante, untando com oleo de amendoas doces, ou com manteyga crua, & fe paffar com facilidade atè a bexiga, he final que he a carnofidade branda, & naõ ha mifter mollificantes; mas fe houver confideravel refiftencia, he neceffario que fe abrande; & porque eftes talos pòdem quebrar dentro do cano, mais feguro he tentar com candea de cera, accommodada como abayxo diremos.

A mollificaçaõ fe farà com fomentos, unguentos, & emplaftos emollientes. O fomento de que ufava Felippe, que com grande fama curava eftas carnofidades, conforme Laguna, & Amato, fe farà affim: *Tomem folhas de malvas huma mãochea, raizes de malvaifco, de aypo, de funcho, de cada hum tres onças, raizes de gilbarbeyra, de efparragos, de cada huma fua onça, branca urfina*, que por outro no- (Lib. prop. Cent. 4. cur. 19.)

 me

me chamaõ *erva gigante*, *huma maõchea*, (mas advirta-ſe que naõ he eſta a erva gigante nova, que as vezes plantaõ nos jardins, & lança humas haſtes muyto compridas) *linhaça galega*, *alforvas*, *ſemente de malvas*, *& de marmelos*, *de cada huma ſua onça*, *flor de macella*, *de roſmaninho*, *de coroa de Rey*, *de poejos*, *de ouregãos*, *de cada huma dois pugillos*, *figos ſecos onça & meya*. *Coza-ſe tudo em agua baſtante atè que as alforvas*, *& linhaça ſe desfaçaõ*, *& lance-ſe tudo em huma bacia em que o doente ſe aſſente eſpaço de meya hora*. Em lugar deſte cozimento ſe pòde tambem fazer outro *de cabeça*, *& tripas*, *& pès de carneyro gordo*, ajũtandolhe tambem alguns materiaes dos ſobreditos, & ſe aſſentarà o enfermo nelle meya hora, como eſtà dito, & depois ſe enxugue, & ſe applique o unguento.

Tomem unguento dialter, *de agripa*, *hyſſopo humido*, *manteyga crua*, *de cada hum ſua onça*, *oleo de amendoas doces*, *de cebola ceſſém*, *de macella*, *de cada hum duas onças*, *ammoniaco onça & meya*, *çumo de aypo*, *& de engos*, *de cada hum tres onças*, *mucilagens de malvaiſco*, *& de alforvas*, *de cada hum duas onças*, ferva tudo atè ſe gaſtarem os çumos, & coado iſto ſe ajunte hũa pequena de cera, & ſe faça unguento, com que ſe untarà o interfemineo, & ſobre tudo o cano, & ſe applicaràõ gadelhas de lã ludroſa, que he a que ainda naõ foy lavada. Ou ſe farà eſte unguento pela emenda, que anda acoſtada ao dito Laguna: *Tomem enxundia de gallinha*, *de àdem*, *de pato*, *manteyga crua*, *de cada couſa tres onças*, *mucilagens*, *de raizes de malvaiſco*, *de linhaça*, *de ſemẽte de malvas*, *de lirio branco*, *ou cebolla ceſſém*, *& de malvaiſco*, *de cada couſa ſeis onças*, *ferva tudo atè ſe gaſtarem as viſcoſidades*, *& ajunte-ſe o que baſtar de cera branca para ſe fazer unguento.*

E ſe com iſto naõ abrandarem, faça-ſe hum emplaſto mollificativo de Joannes de Vigo, que approva Pedro Lopes de Leaõ, que ſe faz deſta maneyra: Receyta: *Oleo de endros*, *de cebolla ceſſém*, *de linhaça*, *de cada hum onça & meya*, *enxundia de gallinha*, *de àdem*, *& de pato*, *de cada hum duas onças*, *oleo de rapoſo ſeis oytavas*, *unto de texugo*, *tutanos de vaca*, *unto de Urſo*, *unguento de agripa*, *dialter*, *de cada hum huma onça*, *diachilaõ branco*, *goma*, *do ſevo de bode capado*, *de cada hum tres onças & meya*, *tudo junto ferva eſpaço de hũa hora mexendo-o ſempre com eſpatula*, *& lhe ajuntaràõ trementina*, *fina*; *hyſſopo humido*, *ceroto de Galeno*, *de cada hum duas onças*, & lhe miſturaràõ mais o ſeguinte. Receyta: *Raizes de malvaiſco huma libra*, *ſigillo de Salamaõ*, *raiz de cebolla ceſſém*, *de cada hum tres onças*, *raiz de lirio huma onça*, *tudo ſe coza em agua*, & depois ſe pize, & paſſe por peneyra, & ſe miſture com o ſobredito para ſe acabar de fazer o emplaſto, o qual he o mais efficaz, que pòde haver para abrandar eſtas durezas.

Lib. 8. cap. 8. Lib. 6. cit.

Porèm he algumas vezes eſte callo taõ duro, que a nenhum dos ditos remedios cede, no qual caſo convem darlhe huns fumos de vinagre, que Galeno enſina, & traz Pedro Lopes de Leaõ, accommodando-os a eſte caſo neſta fórma: *Tomem hum ladrilho velho aceſo no fogo*, *ou hum pedaço da mò com que ſe moe o trigo*, (que ſe uſe em lugar *de pedra pirite dos antigos*, como diz Pareu) *& meta-ſe em hum ſervidor limpo*, *& ſobre elle lancem hum pouco de vinagre muyto forte*, *& aſſente-ſe o enfermo*, *& receba aquelle baſo*, ou o tome por hum funil, que de meyo a meyo chegue à parte affecta. E naõ lancem logo tanto vinagre junto que ſe apague o ladrilho, mas pouco, & pouco ſe irà lançando, renovando outros, ladrilhos aceſos ſe for neceſſario de modo que ſe gaſte meya hora, ou mais. E depois que ſe tirar, ſe alimpe, & unte com algum dos unguentos. ſobreditos. Miſtura Ambroſio Pareu para eſtes fumos, *agua ardente com vinagre*, tanto de huma couſa, como de outra.

2. ad Glauc. 5. Loco tib. Lib. 8. c. 22.

Lib. 8. c. 22.

E naõ ſómente com os medicamentos exteriores ſe deve mollificar a carnoſidade

dade, mas tambem se devem applicar lançandolhos dentro por siringa, v. g. *Oleo de amendoas doces, cozimento de semente de malvas, malvaisco, figos secos, alforvas, passas pingues, sem graulhos, malvas, violas, & semelhantes.* E com qualquer destes mollificativos continuarà o doente oyto, ou dez dias, em que bastantemente se deve preparar a dita carnosidade, ou callo para receber o caustico, como logo dirèmos.

Numero 8.

Terceyra intençaõ.

DEpois das carnosidades, ou callos estarem dispostos com os ditos mollificantes, segue-se a terceyra intençaõ, que na dignidade he a primeyra, & he a principal, porque primeyro occorre ao entendimento, a saber, gastar a carnosidade, ou callo. Isto se póde fazer de dous modos, o primeyro de que faz mençaõ Galeno, he rompela com a ponta da algalia: mas assim como este modo he facilissimo, he igualmente perigoso pelos terriveis symptomas, que delles se seguem, como nota Palmario, dores intoleraveis, fluxo de sangue, suppressaõ de ourina, puxos de ourinar, inflammaçaõ da parte, & semelhantes. Pelas quaes razões inventàraõ os modernos outro segundo modo mais seguro, que he gastar a carnosidade, ou callo com medicamento corrosivo, & caustico. E porque este tambem tem seus perigos, porque sendo mais forte do que he razaõ, faz notaveis dores, & outros symptomas, que agora dissémos, encomenda Juliano Palmario, se use dos mais brandos, & temperados, aindaque a cura se faça mais devagar, porque val mais que ser breve, & com perigo, conforme Galeno, & posto que saõ varias as receytas, que ha delles, trarey neste lugar as mais provadas pela experiencia, & Authores. Advertindo com Ferreo, que seja o caustico de substancia solida, porque sendo fluida, ha perigo de correr, & ulcerar as partes sãs fóra da carnosidade, posto que este inconveniente naõ poderà succeder quando o caustico for muyto brando, como nota Palmario.

1. ad loc. cap. 1. Lib. de morb. gal cap. 10. Loc. cit. 11. met. cap. 1. Cap. 9. Cap. 10. fin.

Mais se advirta que naõ serve o mesmo caustico para curar todos, porque as naturezas molles, & delicadas, & as carnosidades brandas, bastalhes o caustico brando, & às mediocres, mediocre. E assim he necessario que haja tres generos de causticos, a saber, forte, mediocre, & brando, para applicar a cada natureza, & mal o seu conveniente. E torne-se a advertir que do mesmo caustico forte se fazem os mediocres, & brandos misturandolhes outros medicamentos leves, como adverte Galeno quando diz: *Quin etiam & ipsa pharmaca mitigatoriorum admixtione lenita moderata fiunt.* Mas ainda os mesmos medicamentos fortes se tornaõ moderados com a mistura dos brandos. O que facilmente se torna a notar, que para se fazer esta obra de gastar as carnosidades, com nenhumas, ou poucas dores, se misture opio no caustico forte, como ensina, & provou com sua grande experiencia Francisco Dias. E pòdem-se misturar oyto grãos a cada onça, mais, ou menos, conforme a fortaleza delle, & delicadeza do enfermo.

1 secunda loc. cap. 2. fol. 159. G. Lib. 3. cap. prop.

O primeyro, & mais celebre de todos, he o de Felippe Cirurgiaõ Portuguez, que em Roma, & por toda Italia delle usou com tanta fama, que os insignes Medicos daquelle tempo, como Laguna, fizeraõ tratados particulares do dito caustico, & mais ordem, que o tal Felippe tinha nesta cura, attribuindo-o a invençaõ sua. Queyxa-se porèm Amato Lusitano, de Felippe naõ confessar, que o mesmo Amato lho ensinàra em certa occasiaõ, em que nesta Cidade de Lisboa com elle curàra certo enfermo em companhia do mesmo Felippe, & de outros graves Medicos com feliz successo. E diz mais o mesmo Amato, que lhe ensinàra

Cent. 4. cur. 19.

nàra seu mestre Alderete, insigne, & celebre Medico, Cirurgiaõ, & Cathedratico da Universidade de Salamanca. Porèm nem Alderete o inventou, porque primeyro que elle, o escreveo Alfonso Ferreo, no seu livro de carnosidades, & primeyro Escritor da cura dellas, que Amato naõ devia ler, & diz telo tirado de Alexandre Grego. Assim que este Alexandre foy o primeyro Inventor deste famoso caustico, & delle o recebeo Ferreo, & de Ferreo, Alderete, & delle Amato, & de Amato Fellippe, & deste Laguna, & Fragoso, & o mundo todo.

Cap 9. in fin. Li. 1. cap. 151.

Numero 9.
Caustico forte de Felippe.

HE pois o caustico seguinte. Receyta: *Caparrosa, que chamaõ vitriolo Romano, ouro pimenta, pedra hume que chamaõ de rocha, verdete, de cada huma duas onças, faça-se tudo em pó, & se borrife cõ vinagre forte, & se moa na pedra porfiria, de que usaõ os Pintores, espaço de huma hora, & se deyxe secar ao Sol em tempo de Estio, principalmente nos meses de Mayo, & Junho, & isto se farà dez vezes. E estando assim bem preparado, o deyxem enxugar, & se guarde em lugar seco*, & depois faràõ o seguinte. Receyta: *Oleo rosado oyto onças, lithargirio quatro onças, ponha-se a ferver ao fogo, atè que tome ponto duro de emplasto, & logo se tiraràõ do fogo, & quando jà for esfriando ajuntemlhe quatro onças dos ditos pòs preparados, & se mexaõ com a espatula atè esfriar de todo, & se faça em magdaleoens*, & se guarde para se applicar quando for necessario. E para que seja mais suave, lhe ajuntem ao fazer tres oytavas de opio, segundo a ordem de Francisco Dias.

E porque naõ convem applicar universalmente a todos medicamento igualmente forte como jà advertimos, porque às carnosidades mais brandas, & naturezas mais delicadas convem medicamento menos forte; dos mesmos pòs ordena Laguna tres generos de emplastos, hum mais forte, outro mais brando, outro mediocre. O mais forte se faz na proporçaõ que està dito; lançando igual quantidade de lithargirio; & dos pòs causticos o mais brando lançando huma parte destes, & do lithargirio duas; ou mediocres, lançando quatro partes deste, & tres do caustico. Porèm quando a quantidade dos pòs for menor, serà necessario que torne a ferver ao fogo, para tomar taõ duro o ponto como convem.

Numero 10.
Outros causticos experimentados.

Causticos fortes.

REceyta: *Pedra hume, caparrosa, de cada hum meya onça, ouro pimenta tres onças, verdete huma onça. De tudo se façaõ pòs sutilissimos, & ao moer na pedra se esteja borrifando com vinagre. E logo se lhe ajũte solimão, & azougue preparados em agua rosada, ou claras de ovos, huma onça de solimão, & meya de azougue, tutia preparada huma onça, torne-se tudo a misturar com claras de ovos, & se seque, & se façaõ, pòs & logo ajuntem azeyte rasado quatro onças, trementina duas onças, cera a que baste, faça-se unguento.* Tambem se pódem applicar os pòs sem se fazer unguento pegando-os à candea. E para ser este caustico mais seguro se lhe misturarà meya onça de opio, a ultima vez, quando se lhe mistura o azeyte rosado. He este caustico de Francisco Dias, de que diz ter muytas vezes usado, & que sempre sahira com seu intento. Se o quizerem fazer brando, misturem-lhe de

de *tutia preparada duas partes*, mais do que saõ os outros pòs. E se o quizerem mediocre seja igual à quãtidade, & sempre lhe misturem o opio que os abranda muyto. A preparaçao do solimaõ, & azougue deste caustico se faz assim. Receyta: *Solimaõ huma onça, azougue meya onça, moa-se tudo em almofariz, & lancemlhe claras de ovos, & traga-se nove dias mudandolhe cada dia as claras, assim como quando as mulheres o preparaõ para o rosto*, & isto se ha de fazer atè que todo se faça branco, & como o estiver se ha de misturar com as outras cousas.

Neste caustico seguinte tem Francisco Dias grande fé. Receyta: *Resalgar huma onça, azougue meya onça, misture-se muyto bem, & depois se lave oyto dias de reyo com agua de cevada, lançando cada dia agua nova, & depois se enxugue à sombra, & se moa sutilmente, & se torne a lavar outros oyto dias com cozimento de dormideyras, mandragora, & malvas, & naõ havendo mandragora, seja opio, & torne-se a secar, & moer, & ajuntem tutia preparada, & pòs de dormideyras, de cada hum meya onça, cera branca quatro onças.* E disto se faràõ candeas, as quaes gastaõ as carnosidades, sem fazer dor, nem roer a parte sã. E haõ-se de applicar huma vez cada dia, & em hum faz este caustico mais obra, que outros em dous.

Numero 11.
Causticos mediocres.

Receyta: *Sabina seca à sombra, & moida sutilmente oytava & meya, diachilaõ meya onça, misturem-se.* He este em lasto de Alfonso Ferreo, & o louva Palmario, os quaes dizem, que pouco, & pouco, & sem dor gasta toda a carnosidade. E advirta-se que em pessoas robustas, & callosidade mais dura, se pòde accrescentar a quãtidade de sabina, assim como tambẽ diminuir-se nas contrarias.

Outro caustico mediocre de grande experiencia de Francisco Dias. Receyta: *Alvayade huma onça, canfora huma oytava, tutia preparada duas oytavas, lithargirio meya oytava, colirio de Rhasis, com opio meya oytava, antimonio oytava & meya, almecega, incenso, azevre de cada hum meyo escropulo, verdete huma oytava, pedra hume meya onça, oleo rosado, & cera, de cada hum quatro baste, faça-se unguento brando.* Unte-se com elle huma tira de olanda envolta na candea, & ponha-se espaço de oyto horas. Faz sua obra sem dor, & se fizer ardor, remedeese com este unguento. Receyta: *Alvayade canfora, tutia preparada, chumbo moido, unguento refrigerante de Galeno, de cada hum partes iguaes, cera quanto baste, faça-se unguento.*

Numero 12.
Causticos brandos.

He este de Fernelio, & Palmario. Receyta: *Azougue bom duas oytavas, murrha aristoloquia, de cada huma oytava & meya, tutia preparada meya oytava, faça-se de tudo pò sutil, & com estoraque liquido se faça massa, que tenha a dureza do emplasto.* He bom para carnosidades muyto brandas, & naturezas delicadas, porèm naõ sendo estas convem fortificar-se com pòs de pedra hume, ou de Joannes de Vigo, misturando à dita quantidade hum escropulo, ou menos, conforme a necessidade, lavando primeyro os pòs duas, ou tres vezes em agua rosada, ou de tanchagem, ou da fonte.

Outros de Palmario. Receyta: *Alvayade veneziano quatro onças, tutia escolhida, preparada, & lavada em agua rosada meya onça, fezes de ouro preparadas seis oytavas, antimonio escolhido feyto em pò muyto sutil, & passado por peneyra muy-*

tosina onça & meya, canfora meya onça, almecega, olibano, azevre. hepatico, de cada hum dous escropulos. As cousas que se haõ de moer se moaõ, & tragaõ na pedra porfiria diligentemente, & se sequem ao Sol, & depois se tragaõ em almofariz de chumbo muyto tempo, cam o que bastar de oleo rosado, & se faça unguento, com o qual se formarà a candea, que se ha de applicar às carnosidades, & as gastarà sem dor, nem molestia alguma.

Outros de Pedro Lopes de Leaõ. Receyta: *Incenso seis oytavas, antimonio tres oytavas; trociscos de Phasis com canfora huma oytava, cascas de romans, pedra hume queymada, de cada huma oytava & meya, esponja queymada dous escropulos, faça-se pòs sutis, & logo ajuntem unguento de tutia, & branco de Rhasis, de cada hum duas onças tudo se misture, & traga em almofariz de chumbo, & unte-se com isto huma tira de olanda, & com a candea, ou fio de prata se meta pelo cano,* & tirando a candea se deyxe ficar sobre a carnosidade tres horas pela manhã, & tres à tarde, que em nove dias a gasta como o mesmo Author nota, & naõ pòde fazer dor de consideraçaõ.

Outro que o mesmo escreve por grão secreto. Receyta: *O sangue de hum pombo seco, & moído, unguento de Apostolorum huma onça, lithargirio doze oytavas, caparrosa queymada quatro oytavas, semente santonico pedra lipis, de cada hum tres oytavas, myrrha, coral vermelho preparado, cristal, tutia preparada, chumbo moído, bolo armenio preparado, de cada hum quatro oytavas, lance-se em hum tacho meya onça de oleo de amendoas doces, que ferva, & nelle iraõ lançando cada cousa destas de per si, mexendo muyto, & acabado de lançar tudo se tire do fogo, & se lance o unguento em vaso de vidro, havendo primeyro moído na pedra porfiria dos Pintores.* E quando quizerem usar delles lançaràõ hum pouco em huma gota de oleo de amendoas doces que se misturem, & com isto quente untaràõ huma corda grossa de viola, & fria, & untada outra vez com oleo das amendoas doces a meteràõ pelo cano tres horas pela manhã, & tres à tarde, & he segundo diz, secreto maravilhoso, & admiravel, que naõ causa dor.

Louva tambem Francisco Dias, *unguento Egypciaco misturado com alvayade, & posto em tira de olanda.* E finalmente todas aquellas cousas, que tem virtude de gastar a carne com pouca dor, serve para causticos brandos.

Numero 13.

Instrumentos, de que se deve usar para applicar o caustico.

DE tres cousas servem os instrumentos na cura das carnosidades, a primeyra para conhecer; porque pelo toque alcança o artifice destro, se he carnosidade, ou outra substancia, a que no cano impede a ourina; a segunda alargar a via para que a ourina passe, & o caustico se applique; a terceyra para applicar o caustico, & os mais medicamentos necessarios.

Saõ pois varios os instrumentos que os Authores apontaõ, & a necessidade inventou; os primeyros foraõ talos de ervas, como de malvas, de perrexil, de couve, ou hum junco. Porèm estes tem dous inconvenientes, a saber, naõ poderem passar, se a carnosidade tiver qualquer resistencia, & naõ se conhecer bem por elles o toque, & assim naõ se deve usar delles, como nota Francisco Dias. Os segundos saõ humas candeas de cera, de que logo dirêmos. Os terceyros saõ humas tentas de chumbo, ou de prata, ou de outro, que servem para tocar, & conhecer o que dentro està. & para alargar a via, & fazer caminho aos medicamentos. Os quartos saõ algalias a modo de tentas canusadas, que servem quando os outros instrumentos naõ bastaõ.

Delles

Delles todos he a melhor invençaõ a das candeas, porque naõ quebraõ tanto, nem saõ taõ molles como os tallos das ervas, nem taõ duras, como as tentas de chumbo, & metaes, & naõ sómente servem para conhecer, & alegrar a via da ourina, mas tambem para applicar nellas o caustico, que he a principal obra que se faz, & de todos o mais perigoso instrumento he a algalia, por ser mais duro, & violento, em tanto que diz Francisco Dias, que em vinte & oyto annos, que exercitou o officio de tirar carnosidades, naõ usaria della seis vezes.

E porque a candea naõ quebre, se farà de fio muyto forte delgado, & serà melhor preto, & misturaràõ com a cera trementina, & alquitira nesta forma. Receyta: *Cera branca huma libra, trementina onça & meya, alquitira huma onça, misturem-se, & disto se faça candea.* Outros fazem o pavio da candea de esparto, enrolando nelle huma linha muyto forte, & sobre isto põem a cera. Porém he deste modo mais dura, & molesta; & por tanto naõ se usarà senaõ para passar a carnosidade, quando for dura, & quando o for tanto como a sola do çapato, que a naõ possaõ passar as candeas, nem tentas, usa Francisco Dias, hum instrumento canulado, como algalia, aberto pela ponta, & por dentro delle entra outro que tem hum bico agudo, & sahe fóra tanto como grossura de huma pataça, com que a poucos se rompe o callo. Porèm este tem seu perigo, & naõ se usarà delle senaõ quando não houver outro remedio, porque se puder ser, he melhor ir gastando o callo a poucos com o caustico applicado na ponta da candea, como abayxo dirêmos.

A medida das candeas, & mais instrumentos para chegarem dentro à bexiga, ha de ser, segundo Laguna, & Amato Lusitano, hum palmo, & tres polegadas, medidas pela mão do enfermo. E assim dizem estes Autores, que o mayor instrumeno para os machos, saõ quinze polegadas, & o menor nove, & para as femeas, que tambem saõ sugeytas a este mal, he o mayor nove, & o menor seis. Adverte porèm Francisco Dias, que sejaõ mayores do que entra dentro no cano quatro polegadas, para se lhe poder pegar pela ponta, ou dobrar a candea, & atala, como he necessario com sua atadura. A grossura dos ditos instrumentos, tambem naõ he a mesma em todos, porque deve ser confórme a capacidade do cano.

Numero 14.
Ordem, & modo de applicar o caustico.

PRimeyro que tudo se deve abrir o caminho, para que o caustico passa chegar à carnosidade, ou callos. E posto que os instrumentos com que isto se faz, saõ varios, com tudo o da candea he o melhor de todos, como temos advertido. Della se usarà, untando-a com oleo de amendoas doces, ou com enxundia de gallinha, começando com a mais delgada, & metendo-a pouco, & pouco, muyto attento, que naõ escandalize, ganhando cada dia mais terra muyto pouco, & pouco, porque querendo fazer isto depressa, succedem mil desastres, fluxos de sangue de veas grandes, que ha neste lugar, dores terriveis, ardores de ourina, suppressaõ della, & outros de que nos havemos de guardar, como do diabo. E para isso he seguro ir attento, & não apressar, pela pressa que o enfermo, ou os assistentes daõ com grande dano da cura. E quando parecer se irà usando de candea mais grossa: atè que entre de todo na bexiga, & a via se alargue bastantemente para se applicar o caustico. Costuma entrar atè dentro em espaço de nove, ou dez dias, conforme a relaçaõ da cura que Felippe fez ao Almirante de Napoles. E huma vez que a candea passa as carnosidades todas, diz Laguna,

que ſe pòde entender, que he feyta meya cura, confórme ao Poeta

Dimidium facti, qui bene cæpit, habet.

Mea obra feyta tem quem bem começa.

E ſe o cano eſtiver taõ apertado com as carnoſidades, ou callos, que a candea dobre, & naõ poſſa entrar, aconſelha o meſmo Laguna, que ſe uſe de verga de chumbo muyto burnida, & ſe nem eſta baſtar, ſe faça outra de prata, ou de ouro com que pouco, & pouco ſe và a carnoſidade paſſando. E quando nenhuma baſte, entaõ he couſa urgente uſar do inſtrumento inciſorio, ou algalia, que eſtà dita.

Conhecer-ſeha ter a candea paſſado pelos ſaltos que faz na paſſagem, que ſaõ tantos, como as carnoſidades, & quando chega dentro da bexiga ſe conhece, porque entra quantidade de hum palmo, & tres pollegadas mais do enfermo, que he a medida que temos dito: porque os palmos, & pollegadas ſaõ diverſos, a ſaber, os de humas peſſoas mayores, que de outras, por tanto deve ter o Cirurgiaõ muytas, & varias candeas, algalias, & vergas de chumbo, & prata preparadas, para applicar a cada peſſoa a que mais lhe convier. E ſempre quando uſar dellas, as deve untar com oleo de amendoas doces, ou manteyga crua, ou enxundia de gallinha, ou unguento roſado, ou ſemelhante couſa.

E melhor, & com mais ſegurança ſe pòde tambem abrir o cano com huma corda de viola, untada como eſtà dito, porque eſta naõ quebra, & depois de eſtar dentro incha, & alarga muyto bem a via, & pòde-ſe começar por huma delgada, & depois de a deyxarem eſtar bom eſpaço, atè que eſteja bem tumida, a devem tirar, & meter outra mais groſſa, porque deyxa o buraco mais largo, & capaz, & aſſim ſe iràõ pondo outras mais groſſas de cada vez atè eſtar baſtantemente dilatado, & capaz da candea.

Depois da candea, corda, ou verga de chumbo metida, deyxarlhehaõ de fóra hum fio atado na ponta por onde a tirem, ſe acaſo entrar toda, & a porçaõ que crecer dobraràõ ſobre a verga, & ſeguraràõ com a atadura, para q̃ ſe não tire, & ſe algũa vez ſe for ſahindo, o meſmo enfermo cõ ſua mão a torne a recolher. E conforme a relaçaõ da cura do Almirante de Napoles, eſtarà todo o dia aſſentado com ella, & nem para ourinar a tire, mas aſſim com ella poſta ourine, & ſerà grande licença conſentir que lha tirem ſinco, ou ſeis horas, para dormir com deſcanço, atè a cura da manhã. Alguns porèm mandaõ, que ſe tire para o doente poder ourinar, porque às vezes não pòde de outra maneyra, mas ponha-ſe logo outra vez, porque ſe naõ torne à tapar o buraco.

Depois da candea ter paſſado atè a bexiga, nella meſma ſe verà quantas ſaõ as carnoſidades, & o lugar em que eſtaõ, porque trarà humas covinhas, que no tempo que com ellas eſteve apertada, ſe lhe imprimiraõ. E neſtas meſmas covas, ou amolgaduras, fazendo-as mayores, & capazes, meteráõ o emplaſto do cauſtico, de modo que fique raſo com as mais partes da candea, para que naõ empeſſe na paſſagem, & deſte modo o applicaràõ tornando a meter a candea de ſorte que cada parte do cauſtico ſe applique perfeytamente à ſua carnoſidade, para que a poſſa gaſtar ſem offender a parte ſã. E para que melhor ſe applique à candea o mollificaràõ ao fogo.

E em caſo que pela reſiſtencia dos callos, a candea naõ pudeſſe paſſar aconſelha Leaõ, & outros Authores, que ſe applique o cauſtico na ponta della, & ſe meta atè que empece no callo, & ahi ſe deyxe eſtar atè que faça ſua obra, porque pouco, & pouco o irà gaſtando ganhando terra, atè que de todo paſſe dentro à bexiga.

O

O tempo que se ha de deyxar applicado o caustico, dizem Laguna, & Amato citados, que sempre o doente o tenha, & que só tire a candea, quando houver de ourinar, & accrecenta a dita relaçaõ da cura do Almirante, a qual tambem traslada Fragoso, que nem para ourinar se tire; porque ourinando com ella se alimpa a materia, & se fica fazendo melhor obra. E quando isto possa ser, assim o aconselho, & posta deste modo costuma gastar as carnosidades, sendo o caustico de Felippe, dentro de sinco, ou seis dias como diz Laguna, posto que a do Almirante tardou, em se gastar treze, como consta da historia, & deve-se applicar caustico novo duas vezes no dia. Fol. 28. Fol. 33.

Contenta-se porèm Leaõ, com o ter applicado tres horas pela manhã, & tres à tarde, & no mais tempo deyxa o enfermo sem a oppressaõ do caustico, nem candea.

E por escusar a mesma molestia ensina este Author curar as carnosidades com pòs; os quaes manda meter em hum canudinho como algalia muyto sutil de lataõ, ou de prata, aberto na ponta com dous buraquinhos nas ilhargas, & levando os pòs dentro o metaõ pelo cano, & chegando à carnosidade mandaràõ a huma pessoa que lhe sopre, & logo se tirarà o canudo, deyxando os pòs na parte affecta. Os que para isto ordenaõ saõ os seguintes. Receyta: *Sabina seca à sombra duas oytavas, antimonio, tutia preparada, de cada hum meya oytava, façaõ-se pòs sutilissimos, & serà acertado trazelos na pedra porfiria com agua rosada, deyxando-os secar ao Sol oyto, ou dez dias.* E diz que se appliquem dous dias a reyo, & depois para mitigar a inflammaçaõ se siringue com o seguinte. Receyta: *Sumo de beldroegas, de erva moura, de tanchagem, de sempre viva, de cada hum meya onça, huma clara de ovo, traga-se tudo em almofariz de chumbo*, & nas partes visinhas se ponhaõ panos molhados em algum repellente para defensivo. A' imitaçaõ daquelles pós, poderà cada hum ordenar outros mais brandos, ou mais fortes, conforme a necessidade o pedir.

Se neste tempo em que os causticos se applicaõ sobrevierem graves dores, suppressaõ de ourina, ou semelhante symptoma, se pararà logo com elles, & se lhe acudirà ao accidente, como abayxo diremos. E do mesmo modo se o cano se tornar a tapar, & impedir a applicaçaõ dos causticos, tambem com elle se pare, & se torne a abrir do modo que està dito.

Conhecer-seha que as carnosidades, & callos se gastaõ pela meteria, que se vay criando, de que a candea vem molhada, & que estaõ totalmente gastadas, porque entra a candea sem empeçar em cousa alguma, atè a bexiga, & a ourina sahe direyta, livremente em chorro grosso, como no tempo da saude, & o caustico, porque chega jà ao vivo faz mayor dor. E havendo estes sinaes se pare logo com elle, & se trate de mundificar, & cicatrizar, que saõ a quarta, & quinta intençoes que se seguem.

Numero 15.
Quarta intençaõ.

DEpois das carnosidades gastadas de ordinario ficaõ as chagas limpas, ou se alimpaõ logo por si, porque o mesmo caustico consume toda a sordicia o que se conhece, porque sahe a materia branca, lisa, igual, & sem mào cheyro, que saõ os sinaes, que Hippocrates requere: porèm se algumas vezes ficar sordicia, entra a quarta intençaõ, que he mundificala com medicamentos abstersivos. Estes lançava Felippe por siringa, cousa que Amato lhe reprova, porque diz ficarem reliquias das caruncolas, & pedaços de costras do caustico, & que a Progn. ult.

 siringa

firinga as lança dentro da bexiga. E posto que com a ourina se pòdem tornar a expurgar, com tudo naõ he seguro lançarlhas dentro. E assim me parece mais conveniente que os medicamentos, que se applicarem depois do caustico, ou sejaõ abstergentes, ou cicatrizantes, se appliquem antes na candea, & tira de olanda, & depois das chagas jà bem limpas das reliquias, que o caustico deyxou queymado, & de qualquer sordicia que haja, que sempre duraõ oyto dias, se poderà usar da firinga. E por tanto mundificaremos com mel rosado, ou se houver destemperança calida, com xarope rosado, molhando nelles huma tira de olanda velha, ou de tafetà, & metendo-a com a candea, ou corda de viola, ou fio de prata, ou de chumbo, de modo que tirando a candea, ou fio fique a tira dentro, ou se faça medicamento mais solido que se applique na candea, assim como se disse do caustico, & pòde-se applicar unguento Apostolorum por si só, se a sordicia for muyta, ou se for pouca, misturado com igual quantidade de *diapalma*, ou de emplasto *Geminis*, & se parecer que ficaõ algumas porciunculas das carnosidades por gastar, ou que a sordicia he demasiada, usar-seha do mesmo caustico, mas temperando-o, & diminuindolhe a fortaleza com mistura de qualquer outro emplasto, ou unguento, como diapalma, emplasto *Geminis*, unguento branco de tutia, ou de chumbo, tres partes de qualquer destes, ou se faça hum muyto brando v. g. Receyta: *Lithargirio sete onças, oleo rosado oyto onças, fervaõ atè tomar ponto de emplasto*, ao qual ajuntem dos pòs preparados do emplasto de Fellipe huma onça, & se o quizerem mais efficaz, lancemlhe mais pós, & se mais brando, menos, v.g. meya onça, ou duas oytavas.

Passados oyto dias, se ainda houver necessidade de mundificar, jà entaõ he seguro lançar o absterfivo por firinga, & se pòde fazer o de que usava Felippe. Receyta: *Centaurea menor, aypo, cauda, equina, de cada huma meya mãochea, cevada machucada com sua casca, huma onça, coza-se tudo em duas libras de agua que se gaste ametade, & coe-se, & ajunte-se de mel rosado, ou de mel de centaurea duas onças.* O use firingue com agua destillada de caracoes, ou de favas verdes, que neste caso louva Laguna citado. E se for muyta a sordicia, manda Amato, firingar com *agua de Lanfranco*, a qual se pòde temperar *com mistura de agua de cevada, tres partes desta, huma da outra*, ou ainda mais da agua de cevada, se houver muyto calor, ou acrimonia da ourina. Ou se desfaça, *em agua de cevada, mel rosado, & unguento Apostolorum, ou egypciaco, se a necessidade o pedir.* Advertindo sempre que o menos que for possivel; se use dos medicamentos agudos, acres, & mordazes, como encomendão Ferreo, & Palmario.

Cap. 9. Cap. 10. cit.

E porque algumas vezes ficaõ ardores notaveis por razaõ da destemperança calida, que deyxou o caustico, misturar-sehaõ com os mundificativos medicamentos àtemperantes, & pòde-se usar de leyte de peyto, ou de cabras, ou qualquer outro, misturandolhe assucar rosado, ou commum. E sendo unguento o mundificante que se applica, misture-selhe o rosado, ou manteyga crua. E sendo o cozimento muyto, misture-se populeaõ, ou algum grão de opio, & nos licores com que se firinga se pòde misturar cozimento de malvas, & de violas, & de meymendro, & dormideyras. E pode-se fazer hum mundificativo atemperante deste modo. Receyta. *Cozimento de cevada huma libra, çumo de meymendro huma onça, xarope de dormideyras huma onça, rosado duas onças, misture-se.* Ou este. Receyta: *Semente de dormideyras brancas huma onça, pevides de melaõ, & abobora, de cada hum huma onça, pizem-se, & desfaçaõ-se em agua de cevada, & coem-se, & ajunte-se assucar branco tres onças*, & firingue-se com isto.

Num. 16.

Numero, 16.
Quinta intenção.

TAnto que estas chagas chegão à mundificar-se, logo tambem ficaõ encarnadas, & assim nao he necessaria particular providencia desta intençaõ: por tanto se segue logo a quinta que diziamos, que he cicatrizalas, por falta da qual tornaõ as carnosidades à nacer, & succedem de ordinario recahidas. Em comprimento della ordena Felippe, certo collirio de seyxos moìdos, & outros pòs lapidosos, que tem virtude de secar potentemente, como neste caso se requere, & o lança por siringa: diz porèm Amato Lusitano, ter visto delle màos successos, & dà por rezaõ entrarem aquelles pòs na bexiga, & fazerem grave dano. Pelo que me parece mais acertado siringar com outros medicamentos que naõ tenhaõ pòs, ou applicados tambem nas candeas. E pòde-se fazer esta de Amato, com que curou certo enfermo. Receyta: *Alvayade; pedra hume, fezes de ouro, de cada hum duas oytavas, faça-se cozimento em duas libras de agua de cauda equina, ou de pós de rosa, ou de tanchagem, que se gaste ametade, & coe-se por feltro, ou pano muyto basto, que naõ passe pò algum, & lance-se por siringa.* Ou se faça o mesmo de Felippe, mas muyto bem coado que he este. Receyta: *Agua de tanchagem, & rosada, de cada huma, huma libra, soro de leyte de cabras meya libra, alvayade seis oytavas, pedra hume, seyxo branco, espodio cristal, tudo feyto em pó, de cada hum oytava & meya, canfora hum escropulo, tudo se misture, & ferva que fique sómente em dez onças*, que vem a ser as que Felippe ordena sem ferver, & coe-se por pano muyto basto, & com isto se siringue.

E note-se que se juntamente houver ardor, ou destemperança callida se misturem com os cicatrizantes alguns medicamentos que a temperem, & mitiguem, *como leyte agua de cevada, & outros desta sorte*, & sendo necessario se chegue aos estupefacientes leves, como dormideyras brancas, o lembedor dellas, cozimentos de meymendro, &c.

Em comprimento da mesma intençaõ, diz Pedro Lopes, *que tomem azougue, & o matem muyto bem com o cuspo, & depois untem com elle huma tira de olanda velha, & a metaõ pelo cano*, porq dessecarà as chagas, & dilatarà a via sem causar dor alguma. E que tambem continuem com huma verga de chumbo muyto bornida, & azougada, segundo manda Ambrosio Pareu, & jà tem acontecido algumas vezes, bastar a verga de chumbo para comprir com todas as intenções, porque applicada depois do corpo evacuado, & depois do uso do páo, ou salsa, applicando-se de módo que passe as carnosidades, & deyxando-a ficar, & dormindo com ella, succede muytas vezes que as resolve, & gasta admiravelmente sem ser necessario caustico, nem outro remedio. Nem isto he espantar, pois o chumbo tem estas virtudes, & azougado ainda mayores, como a experiencia tem mostrado, & nota Guido. Ou se façaõ estes pòs. Receyta: *Pedra calaminar lavada, cascas de ovos queymadas, coral vermelho preparado, cascas de romãs, de tudo se façaõ pòs muyto sutis, & misturem com unguento de minio, & se appliquem na candea, ou tira.* Ou façaõ *pòs de alvayade, & fezes de ouro preparados com agua rosada na pedra profiria.* Ou *pós de minio, & de chumbo queymado partes iguaes.* E qualquer delles se peguem à candea, & se appliquem.

Lib. 18. cap. 23. in fin.

Ou se feringue com a agua seguinte. Receyta. *Agua em que os ferreyros apagaõ os ferros duas libras, maçãs de cypreste, agalhas, cascas de romãs, de cada hum oytava & meya, pedra hume meya oytava, ferva tudo que fique sómente meya libra*, & coe-se porque dessecarà as chagas excellentemente. He tambem de grande efficacia

esta.

esta. Receyta: *Murtinhos, capelos de bolotas, cascas de romãs, sumagre, de cada hum duas onças, & doze maçãs de cypreste, tudo se coza em tres quartilhos de agua da pia dos ferreyros, que se gastem ácus, & ajuntemlhe pedra hume crua meya onça.* E mais que todos he efficaz este emplasto. Receyta: *Escoria de ferro preparada, & tornada apreparar na pedra porfiria com agua rosada, & seca ao Sol, quatro oytavas, sumagre peneyrado duas oytavas, misture-se tudo com unguento de chumbo,* ou de tutia de modo que fique duro, & applique-se na candea.

Conhecer-seha que está a chaga cicatrizada, porque naõ haverà materia, nem vestigio de dor, & entaõ se entenderà que está o enfermo perfeytamente saõ. Mas torno a advertir, que qualquer escozimento, que na ourina se sinta, he sinal certo naõ estar a chaga bem encourada, & he necessario que se tenha ainda grande conta com ella, aliàs haverà recahida. E para preservar que as carnosidades naõ tornem, aconselha Felippe, que se meta a candea huma vez, ou duas cada mez.

E sobre tudo he conselho meu, que se naõ estiver muyto bem curado do morbo gallico, que se torne a curar delle, tomando suores, ou unturas com que se acabe de extinguir a mà qualidade, que he a com que póde fazer q̃ as carnosidades tornem. Assim que duas saõ as cousas muy ordinarias de recahida, a primeyra naõ ficar o corpo limpo, nem a mà qualidade extincta, a segunda, naõ ficar a chaga bem encourada, porque tanto que as carnosidades se gastaõ, & vem que o enfermo ourina livre, logo o deyxaõ, naõ advertindo, que falta ò couro, por cuja falta se çuja outra vez a chaga, & as carnosidades tornaõ, ou logo, ou dahi a hum anno, ou depois, como nota Francisco Dias, pelo que nestas duas cousas de recahida, se deve ter grandissima providencia. E por tanto se depois de julgar o enfermo por saõ, dahi a tempos tornar a ter alguma purgaçaõ de materia, he sinal que tornou a abrir a chaga, & se deve outra vez usar dos cicatrizantes, & antes delles abstergentes, se forem necessarios, advertindo primeyro, naõ seja alguma gonorrhea purulenta de algum novo contagio, que o enfermo alcança-se.

Numero 17.

Sexta intençaõ.

POsto que a intençaõ de emendar os accidentes se ponha em ultimo lugar; com tudo ha-se de executar a qualquer tempo que sobrevenha; porque como he indicaçaõ da urgencia, a qualquer tempo que aconteça sempre se lhe ha de satisfazer primeyro, conforme Galeno. Os accidentes que costumaõ sobrevir saõ fluxo de sangue, dor gravissima, inflammaçaõ, suppressaõ de ourina; aos quaes se deve acodir logo, parando com toda a mais cura, & depois delles passados se torne a continuar, sendo necessario.

7. met. c. 12 & sepè alibi.

Ao fluxo de sangue acode Laguna, siringando com agua rosada, & de tanchagem, & clara de ovo, tudo batido, & applicando por fóra cataplasma feyta de *aguas, ou çumos de tanchagem, & de rosas, de cada hum quatro onças, vinagre rosado duas onças, duas claras de ovos, bolo armenio, sangue de Drago, coral, rosas, murta, cascas de romãs, tudo feyto em pò, de cada hum duas oytavas, faça-se cataplasma.* Ou se appliquem panos molhados em vinagre destemperado com agua, ou o defensivo de bolo armenio, ou mais causas, que convem ao fluxo de sangue.

As dores, ardores, inflammaçaõ, tudo costuma vir junto, por razaõ de humores que correm às partes. Succedendo algum, ou todos estes accidentes, sangrar-seha

grar-ſeha logo o enfermo no braço, vea d'arca, & tiraraõ o ſangue, que a neceſſidade pedir, & as forças permittirem, confórme as regras geraes da ſangria, & ſiringaraõ com *leyte de peyto*, *ou qualquer outro*, *ou com oleo violado*, *ou roſado*, *ou de golfãos*, *ou com mucillagens de zaragatoa*, *& de pevides de marmellos*, *ou cozimento de malvas*, *& de violas*, *desfazendo nelles pevides de melão*, *& abobora*.

Lib. de ſang. ſup. totum & 4. met. c. 6. & ſæp. alibi.

Por fóra applicaraõ unguentos refrigerantes, & repellentes, como o roſado, refrigerante de Galeno, populeaõ, & panos molhados em leyte, ou em agua roſada, de tanchagem, de beldroegas. E ſe as dores ſe naõ mitigarem, miſture-ſe hum, ou dous grãos de opio a duas onças dos licores, com que ſe ſiringue, & ſe miſturem tambem dous, ou tres grãos a duas onças dos unguentos, que por fóra ſe applicão, porque confórme Palmario, mitiga as dores a modo de milagre; & por tanto perſuade, que ſe naõ uſe de outro remedio, quando a urgencia for grande. E ſe for tanta que naõ baſtem os remedios topicos, he neceſſario, que pela boca ſe dem alguns eſtupefacientes, ſegundo aconſelha Franciſco Dias & póde-ſe dar *meya oytava de Filonio Romano*, para as dores, ou *Perſico*, para o fluxo de ſangue, ou dous *grãos de opio*, qualquer deſtes em hum pequeno de vinho, qualquer que ſeja. E indo a inflammaçaõ por diante acodir-ſeha com os remedios, com que as inflammações ſe curaõ.

Lib. de ſang. c. 18 & 10. local. c. 2.

Sobrevindo ſuppreſſaõ de ourina com febre, ou com inflammaçaõ, acuda-ſe logo com ſangria, primeyro no braço, & depois no pè, como ſe colhe de Galeno. Naõ havendo febre, nem inflammaçaõ, uſe-ſe de *ajudas communas*, *ou de cabeça de carneyro*, *ou de cozimento de malvas*, *violas*, *alfavaca de cobra*, *linhaça*, *macella*, *farellos de trigo com ſeu azeyte*, *aſſucar*, *ou mel*, *& ſal*, *& façaõ-ſe fomentações do meſmo cozimento*, ou ſe applique *alfavaca de cobra frita com unto de porco*, *ou com manteyga crua*, *& azeyte*, *& hum ovo*, *tudo feyto a modo de filhò*. E unte-ſe ſobre a bexiga, & reygada, *com oleo de amendoas doces*. E ſe iſto naõ baſtar *com oleo de alacrãos*. E ſe com tudo o enfermo naõ ourinar, meta-ſe em hum banho atè a cintura, ou (o que melhor he) todo o corpo, & o banho ſerà *de agua morna*, *ou de azeyte*. E ſe com tudo naõ ourinar, uſe da candea, & finalmente da algalia.

Numero 18.

Cura palcativa das carnoſidades, & callos.

PEla difficuldade que ha na cura propria das carnoſidades, & callos a naõ querem algumas vezes os enfermos admittir, nem os Cirurgiões accommetter, ou tambem porque o rigor do tempo do Eſtio, ou Inverno o naõ permitte. Nos quaes caſos, convem uſar da cura palcativa, com que o enfermo và paſſando com a menor moleſtia que for proſſivel.

Primeyramente farlhehaõ as evacuaçoens univerſaes, ſangrando-o no braço, vea d'arca, ou no pè da banda de dentro, conforme ao aphoriſmo de Hippocrates: *Difficultatem urinæ vene ſecta juvat, ſecare vero interiores*. Quer dizer: *A difficuldade da ourina faz hem à ſangria que ſe deve dar nas veas de dentro.* E havendo muyta carga, ſangre-ſe em ambas as partes, primeyro no braço, depois nos pès, conforme Galeno.

Lib. de rer. affec. c. 4. & lib de ſang. miſ. c 18 & 10. local c. 2.

Na materia da purga ſe advirta, que neſte caſo move de ordinario mayores dores, & ardores, porque como faz ſua evacuaçaõ por partes taõ vizinhas, & move tambem alguns humores pelos caminhos da ourina, ſempre eſcandaliza eſtas partes. E como os medicamentos purgativos tambem participem de calor, deſtemperaõ mais os rins, & ſaõ cauſa de mayores ardores, ſegundo jà temos

advertido na cura da gonorrhea purulenta. Devem-se logo escusar o mais que for possivel, & fazer antes evacuaçaõ por vomito duas, ou tres vezes na somana, & se for pessoa facil, bastalhe *agua, vinagre, & assucar, tudo fervido, ou agua vinagre, & mel*, sendo tempo frio, & pessoa pituitosa, *tomando hum quartilho de huma destas misturas, ou quatro onças de xarope acetoso, & cozimento de rabaõ, ou huma oytava de agarico trociscado, com o mesmo xarope, ou com oximel no caldo de hum frangaõ sem sal.*

Sendo pessoa que naõ possa bem vomitar, he cousa absurda obrigado a vomito, conforme Galeno: *Cogere eum, qui vomere non potest, absurdum est.* E assim naõ ha para que insistir em evacuar os humores por vomito contra a natureza, conforme o mesmo Galeno. Haõ-se logo de eleger alguns medicamentos purgantes, que menos aquentem, como *xarope de nove infusoens, de violas, & das nossas rosas*, & porque estes saõ fracos em purgar, misturem-lhe tambem de *Alexandria, & poucas vezes algumas folhas de sene.* A polpa de canafistula provoca algum tanto a ourina, mas póde-se sofrer por ter pouco calor, & ser lenitiva, & mitigativa de dores, & ardores, com tanto, que naõ lhe misturem alcaçùz, nem outra cousa, que mais provoque a ourina, como de ordinario fazem os Praticos, pois he regra certa indicarem os males pela revulsaõ, & derivaçaõ, & naõ evacuaçaõ pela mesma parte, com que mais se irritaõ, segundo se colhe da doutrina de Galeno. Em lugar destes medicamentos póde-se usar *de diaprunis simplez, & comer o doente ameyxas cozidas, & o caldo dellas huma hora antes de jantar*, & sendo tempo de Inverno, & pessoa de compleyçaõ menos calida, póde-selhe dar *meya onça de trementina fina, lavada em agua de malvas.* E totalmente se evitem os medicamentos mais validos, senaõ forem precisa necessidade de preparar o corpo para remedios mayores, como para suadouros, unturas, banhos, fontes, ou finalmente para fazer a cura propria sobredita, em que se naõ escusa preceder grande evacuaçaõ.

11. met.

Loc. cit. in princ.

Usarà tambem o enfermo de ajudas, naõ das validas, porque nessas ha os inconvenientes da purga, mas outras de cousas emollientes, linitivas, & refrigerantes como *cozimento de malvas, violas, ameyxas, cevada, malvaisco, erva gigante, & frangaõ*, & se for enfermo sugeyto a ventosidades, misturandolhe hum pedaço de *gallinha, ou carneyro gordo, ou tripas, pès, & cabeça do mesmo*, fazendo cozimento de algumas destas cousas, misturando a meyo quartilho delle *manteyga crua, oleo rosado, violado, de golfãos, & semelhantes*, & pòdeselhe ajuntar *de quatro atè oyto oytavas de polpa de canafistula fresca, ou xarope de nove infusoens de rosas persicas, ou diaprunis simplez, & alguas vezes meya onça de diacatholicaõ.* Ou se lancem ajudas de azeyte sem sal, ou lavado, & quando os ardores forem muytos, lance-se por ajuda meyo quartilho de oleo rosado, ou violado, & com esta brandura se irà procedendo: & se nem com isto se moderar a violencia das dores, he remedio provado misturar na ajuda meya oytava, ou huma oytava de Filonio Romano, ou dous grãos opio.

Mitigão-se grandemente os symptomas deste mal com banhos de agua doce, que o enfermo deve tomar, principalmente no Estio, ou a todo o tempo se a urgencia for muyta. E appliquem-se por fóra aos rins os unguentos, & oleos refrigerantes, ou pasta de chumbo furada, & o mais que temos dito neste Capitulo, & na cura da gonorrhea purulenta para mitigar os ardores, & haja sempre bom regimento, nunca use de pescado, nem de cousas acres como especies, nem salgado, nem de azedo, porque tudo isto faz acrimonia na ourina, que he o que sempre accrescenta os symptomas neste caso. E sobre tudo faça fontes nas

pernas,

pernas, em eſpecial na direyta da banda de dentro, que neſte caſo vi aproveytarem maravilhoſamente.

E quando algumas vezes as dores, & acrimonia apertarem tanto, que ponhaõ o enfermo em perigo, *dem-ſelhe os trociſcos de alchechengi em agua de malvas, ou ſe lhe dem dous grãos de opio em vinho, ou huma pirola de cynagloſa.*

E de ordinario tome pelas manhãs a agua de malvas com aſſucar candil, ou commum, ou agua de beldroegas, ou duas onças de xarope de mucillagens de Matheos de Grade, miſturado com outra tãta das meſmas aguas, ou hũas gemas de ovos paſſadas por agua fervendo com aſſucar, & finalmente faça-ſe tudo o que os Authores ordenaõ para os que padecem ardor de ourina, & deſte modo ſe irà paleando para poder paſſar a vida com menos tormento.

ANNOTAÇOENS.

Numero 2.

CAuſa frequentiſſima he a gonorrhea. *Conhecendo o Author que a cauſa mais frequente das carnoſidades he a purgação das gonorrheas purulentas, naõ ſabemos como ſe eſqueceo diſto eſcrevendo a ſua cura no* Capitulo XI. *aonde aconſelha, que as gonorrheas ſe deyxem purgar muytos dias, & meſes; ſendo que quanto mais tempo duraõ, mais certamente ſe fabricaõ as carnoſidades na via por onde as materias virulentas ſe expurgaõ; & por iſto ſe deve logo fazer diligencia por curalas, na fórma que diſſémos nas Annotações ao dito* Capitulo XI.

Numero 6.

POr vomito: *Teme o Author os medicamentos purgantes nas peſſoas que padecem achaques de ourina; & por iſſo aconſelha, que ſe uſem pouco na cura das carnoſidades. Porèm ſe eſtas ſe achaõ em ſugeytos gallicados, preciſamente ſe haõ de repetir os purgantes, para haver de chegar ao uſo dos alexipharmacos do gallico; depois dos quaes ſe applicaõ os remedios para gaſtar as carnoſidades. E entre os purgantes, tem melhor uſo os vomitorios, pela revulſaõ com que obraõ.*

Unturas de azougue. *Para curar bem as carnoſidades, antes de applicar os remedios com que ſe gaſtaõ, deve fazer-ſe cura regular a extinguir o contagio gallico, para o que preferimos a cura do azougue a todas as mais, que ſe podem celebrar com os alexipharmacos antivenereos; porque ſó o mercurio extingue bem todos os ſeminarios deſte contagio, de que naõ depende pouco a cura das carnoſidades.*

Temperar o demaſiado calor. *Quando houver neceſſidade de attemperar o calor das entranhas, ou da maſſa ſanguinaria, & dos rins, entre os remedios internos, que a eſte fim ſe uſarem, tem o primeyro lugar o leyte de burra: porque alèm de refrigerar, & de temperar o ſangue, he de grande utilidade para as dores, & ardores de ourina, que ordinariamente padecem as peſſoas que tem carnoſidades.*

Banhos de agua doce. *Temem muyto alguns Praticos, que os gallicados ſe cheguem a meter na agua, cuydando que logo nella ſe tolhem; & aindaque iſto tenha ſuccedido em alguns, naõ he para que todos hajaõ de fugir da agua, principalmente ſe forem de temperamento quente, & ſe as entranhas, ou a maſſa ſanguinaria ſe acharem excandeſcidas, ou com o calor dos remedios, como acõtece em algũas peſſoas depois de tomarem ſuores, ou com intemperanças que padeçaõ; nos quaes he conveniente tomar banhos, ainda no meſmo tempo em que uſarem de cura alexipharmaca, como muytas vezes temos feyto, metendo o doente em hum banho entre os dias em que ſe prepara com outros remedios para tomar o mercurio, ou quaeſquer outros alexipharmacos, & de-*

pois desfeyta a cura, se fica com calor estuante, que obrigue a temperar-se com banhos.

Numero, 16.

BAstar a verga de chumbo. *Sabemos de algumas pessoas, que tendo carnosidades, se curàraõ dellas só com trazer huma verga de chumbo, humas vezes azougada, outras vezes sem azougue, metida na via da ourina, de noyte, & de dia, andando com ella sempre; porque o chumbo, & o azougue pódem resolver, & gastar as carnosidades, refrescando juntamente, & temperando a via da ourina, que com os causticos se inflamma naõ poucas vezes.*

Numero 18.

POr vomito. *Os vomitorios repetidos saõ de grande utilidade nos males da ourina, pela revulsaõ que fazem dos humores, que podiaõ encaminhar-se com ella às partes offendidas; & já Aecio entendeo que para preservar de queyxas nephriticas, naõ havia meyo, como o de tomar varias vezes alguns vomitorios. Mas os que naõ puderem usar delles, purguem-se com medicamentos brandos, que pódem receytar-se deste modo.*

Tomem oytava & meya de folha de sene, meya oytava de sal de tartaro, seis grãos de erva doce; fervaõ em tres onças & meya de agua de chicoria, atè tirar a tintura do sene; entaõ coe-se, & ajunte-se onça & meya de xarope aureo.

Ou se use do medicamento seguinte, naõ havendo ardores nas vías da ourina:

Tomem seis oytavas de sal cathartico amaro, desfaçaõ-se em quatro onças de tintura de oytava & meya de folhas de sene, em que se desfaçe huma onça, ou onça & meya de manà, coe-se.

Ou tomem duas onças da opiata laxativa de Riverio (cuja receyta se acharà no Capitulo da adstricçaõ do ventre) *desfeyta em quanto baste de cozimento de folhas de sene; que com qualquer destes medicamentos, repetindo-os, iràõ purgando brandamente, sem se offenderem com elles. Ou se purguem com os Calomelanos de Turqueto, tomando hum escropulo, com meyo de dîagridio de Paracelso; que sempre os purgantes mercuriaes devem preferir nos gallicados aos mais remedios salutivos.*

CAPITULO XXXXV.

Das chagas gallicas de dentro do cano da ourina, & outros symptomas della, que procedem da qualidade gallica.

Numero 1.

POsto que estas chagas precedaõ como causa às carnosidades, dilatey comtudo a doutrina dellas para este lugar, porque pelo que das carnosidades està dito, fica muyto mais clara, & facil.

Ha destas chagas varias differenças, assim como das que nacem nas partes de fóra: porèm as mais ordinarias saõ virulentas, & corrosivas, principalmente as que nacem no collo da bexiga, & hũas tem muyta malicia outras menos, conforme acima dissémos, fallando do morbo gallico incipiente, das q̃ por fóra nacem, de cuja cura a destas naõ differe em mais que no modo de applicar os remedios, porque por estarem dentro do cano, he necessario applicarem-se com siringa, ou candea, & por tanto todos os remedios, que para a cura das sobreditas dissémos, se pódem applicar a estas, guardando as advertencias, que neste Capitulo faremos.

As causas das chagas do cano da ourina pòdem ser todas aquellas, assim internas,

nas, como externas, que dissémos das carnosidades, das quaes assim como a mais ordinaria he o contagio gallico, & a gonorrhea purulenta, assim tambem o he destas chagas.

Dous saõ os sinaes, que juntos ambos saõ patognomonicos dellas, a saber, dor, & materia. O que importa muyto advertir, como diz Palmario, porque succede muytas vezes sahir materia pelo cano sem haver dor, & outras haver dor sem materia, & quando isso assim acontecer, he certo naõ haver no cano chaga, assim como tambem he certo havela, havendo-os tambem juntos. Quando pois ha materia sem dor, emana de algũa chaga, ou abscesso, que haja nas partes superiores, ou sem haver abscesso, nem chaga (como de ordinario acõtece) da fluxaõ da gonorrhea puruléta, que dos testiculos, & parastatas destilla, & às vezes dura muytos annos sem fazer dano, antes proveyto à saude, descarregando-se o corpo, como por fonte dos humores noxios por aquelle lugar. E posto que nos principios rarissimamente, ou nunca ha gonorrhea puruléta, sem haver chaga no cano, com tudo muytas vezes succede sarar de todo a chaga, & ficar a gonorrhea destillando, o que se conhece, porque totalmente cessa a dor, & assim naõ havemos de cuydar que todas as vezes que sahe do cano materia haja necessariamente chaga, se com a materia, porèm houver dor, infallivel, sinal he havella. Nem tambem a dor sem materia póde ser bastante sinal, porque a expurgaçaõ de humores acres, & mordazes, & pedras que por aquelle caminho se fazem, & a pedra da bexiga causaõ dores crudelissimas, sem que haja chaga na via. He logo certo, que cada hum destes symptomas por si só, naõ he sinal certo de chaga no cano, mas havendo-os ambos juntos, fazem hum sinal infallivel.

E porque poderà alguem dar por objecçaõ a materia, que pela ourina se evacua das partes superiores, as fleumas purulentas, que por este caminho se lançaõ, as quaes todas fazem dor no cano, sem nelle haver chaga, & que assim naõ fica sendo a compleyçaõ dos ditos dous symptomas sinal patognomonico? Respondo que essa materia sahe juntamente misturada com a ourina, ou depois della, obrando a bexiga; ou musculos o acto de ourinar, porèm a da chaga, & gonorrhea, naõ vem só misturadas com a ourina, mas sem acto de ourinar estaõ perpetuamente manando, & pegando-se à camisa, assim como o fluxo involuntario de semente. Pelo que a materia, que deste modo vier, havendo juntamente dor no cano no acto de ourinar, ou fóra delle, em especial distendendo-se, ou apertando a parte, saõ infalliveis os sinaes de chaga. Nem obsta que às vezes acontece na gonorrhea purulenta haver antes da chaga este modo de evacuaçaõ da materia com dores gravissimas, porque neste tempo jà ha excoriaçaõ, & principio della.

Daqui se vè claro quam errada seja a opiniaõ de alguns, que confundem a gonorrhea purulenta com a chaga do cano, sendo cousas taõ distinctas, porque posto que nos principios haja huma cousa, & outra, com tudo depois se vem muytas vezes separadas, porque algumas vezes sára a gonorrhea, & fica a chaga, outras sára a chaga, & permanece a gonorrhea, ou tudo junto.

As causas das chagas do cano pòdem ser todas aquellas que dissémos das carnosidades, porèm a mais ordinaria he a gonorrhea purulenta que com sua acrimonia o ulcèra, ou o contagio gallico, que immediatamente se imprime naquella parte, & causa nella corroçaõ.

Os prognosticos saõ, que com difficuldade se curaõ, assim por ser lugar a que difficultosamente se applicaõ os remedios, como pelo curso da ourina, & da gonorrhea, & outras materias, que passaõ, & as irritaõ, & naõ daõ lugar que sárem.

rem. E durando muyto às vezes corroem atè fóra, fazendo fistulas no cano, & collo da bexiga, por onde sahe a ourina, confórme nota Palmario citado. Outras vezes causaõ carnosidades, & callos, do modo que no Capitulo antecedente dissémos.

Numero 2.

Cura das chagas de dentro do cano da ourina.

PAra que methodicamente se curem, he necessario distinguir se saõ estas chagas gallicas, ou naõ. Sendo gallicas, he necessario outra vez considerar se ha gallico incipiente, ou confirmado. E se for incipiente, v. g. pegadas de fresco, ou nacidas da gonorrhea, naõ se deve o enfermo sangrar, nem purgar, nem fazer cousa com que o contagio se retraha para as partes internas, salvo a urgencia das dores, ou de outro symptoma obrigar a isso, & neste caso dar-seha a sangria no pè, & escuze-se a purga se for possivel, & guardem-se os mais preceytos que dissémos da gonorrhea purulenta, & do morbo gallico incipiente. E estando complicadas com a gonorrhea, trate-se della (pois he causa conservante) como se disse em seu Capitulo. E sendo muyto dolorificas, se mitigue a dor, siringando com leyte, ou com huma emulsaõ de pevides de melaõ, & de abobora. E naõ sendo a malicia muyta, tempere-se a virulencia da chaga, siringando com agua de cevada, & assucar rosado, ou commum, misturandolhe xarope rosado.

Mas sendo notavelmente corrosiva, & naõ se emendando com os remedios brandos, he necessario usar daquelles que tem virtude de consumir o contagio, & todo o humor acre, & mordaz, que como causa conjunta corroe a parte, & siringar-seha *com agua aluminosa quatro onças, agua de Lanfranco, & lipis, de cada huma sua onça, misturadas todas.* Tambem se póde fazer esta. Receyta: *Pedra hume crua, duas onças, claras de ovos quinze em numero, çumo de beldroegas, de tanchagem, de erva moura, de sempre viva, de erva santa de que se faz o tabaco, agua rosada, de cada huma quatro onças, tutia preparada, chumbo preparado, de cada hum meya onça, azevre seis oytavas, seja tudo muyto batido, & destille-se em alambique,* & se naõ houver ordem para se destillar, *ferva tudo junto em huma fervura, & coe-se por pano basto, & com isto siringuem as chagas.* E se a malicia for demasiada, usem da agua de Lanfranco, ou lipis, puras.

Se a chaga for sordida, siringue-se *com unguento apostolorum, ou egypciaco desfeytos em agua de cevada* (quando naõ tenhaõ bastado o xarope, ou mel rosado) ou com agua destillada de favas verdes. Ou se faça este remedio. Receyta: *Tremoços, cevada, lentilhas, hervilhaca, de cada hum duas onças, rosas secas meya onça, tanchagem huma mãochea, losna meya mãochea, tabaco seco huma onça, ou huma boa mãochea do verde, faça-se cozimento secundùm artem, que fique em dous quartilhos, & ajuntem xarope rosado tres onças, mel rosado huma onça, & meta-se tudo sem ser coado em alambique, & se destille, & se naõ houver lugar de se destillar, coe-se, & lance-se por siringa.*

Tambem se pòde applicar em candea unguento que mundifique, & gaste o humor corrodente, & pòde-se fazer assim. Receyta: *Pòs de Joannes de Vigo huma oytava, diapalma meya onça, misturem-se, & applique-se na candea* Ou se applique algum dos causticos ditos nas carnosidades, fazendo-os mais brandos, se for necessario, do que para ellas se applicaõ. Ou se farà este unguento, que louva muyto Palmario. Receyta: *Tutia preparada, pedra calminar preparada, alvayade Veneziano, de cada hum huma oytava, pò de chumbo crù muyto sutil* (segundo

gundo o ensina Fernelio, & Oviedo) *canfora, de cada hum meya oytava, çumo de tabaco cozido atè tomar ponto, de mel duas oytavas, oleo extrahido de myrrha o que baste; faça-se unguento, trazendo tudo primeyro na pedra porfiria, & depois em almofariz de chumbo*, porque conforme diz, alimpa, & seca estas chagas sem acrimonia alguma.

Lib. 15. met. c. 6. Lib 4. tit. ung. de plomo

Depois de mundificadas, & gastado o humor erodente segue-se cicatrizalas; porque logo por si ficaõ encarnadas. E podem-se applicar os lavatorios, & unguentos, que dissémos para cicatrizar as que ficaõ depois de gastar as carnosidades. Ou se farà este da Palmario. Receyta: *Cascas de romans, agalhas, chumbo, tudo isto queymado, tutia preparada, da cada hum meya oytava, molhem-se com agua rosada, & passadas doze horas se sequem ao Sol, & tragaõ-se na pedra com oleo de murtinhos que fica como unguento, ajuntando de canfora meya oytava.*

Porèm se o gallico for jà confirmado, & as chagas antigas, he necessario que o enfermo se purgue, & sue, ou tome unturas, & naõ podendo fazer estes remedios cure-se com os mais que o suprem, como apozemas de salsa, ou páo, conservas, pòs, ou quaesquer outros medicamentos, que delle se fazem, de que acima fica largamente tratado. E se a causa destas chagas naõ for morbo gallico, cure-se conforme sua natureza, lembrando que sempre as evacuações universaes, & os suores seràõ de proveyto, & necessarios.

E porque he muyta molestia a applicaçaõ dos remedios locaes pelo cano, se as chagas forem de qualidade, que sem elles possaõ sarar tendo o enfermo o regimento necessario, & fazendo as evacuações universaes, & extinguindo a mà qualidade do figado, serà muyto melhor escusarem-se.

Numero 3.
Advertencias àcerca de outros symptomas da ourina gallicos.

TEm a experiencia mostrado ser a qualidade gallica muytas vezes causa de todos quantos symptomas succedem na ourina, como diabetes, ischuria, disuria, estranguria, & outros. A estes se deve acudir em primeyro lugar com os remedios do morbo gallico, & juntamente com os mais particulares, que cada hum daquelles symptomas pede. Entre os do gallico, o que mais efficacia tem para emendar estes affectos, he o azougue, com o qual se vio nesta Cidade duas vezes sarar diabete, sendo affecto aliàs incuravel, conforme Galeno. Porque alèm de ser o azougue alexipharmaco, & evacuar os humores, faz notavel revulsaõ a respeyto destas partes, levando-os à boca. E tambem como a causa material dos symptomas da ourina he frequentemente fleuma salgada, & o azougue evacua grande quantidade della, fica sendo mais accommodado para este intento.

Estranguria gallica he symptoma muy ordinario, o qual principalmente se complica com gonorrhea purulenta, & nesta complicaçaõ naõ differe da cura da gonorrhea. Porèm se sem ella se achar, emendar-seha a mà qualidade com os remedios proprios della, dando ao enfermo suores, ou unturas, & no demais applicar-sehàõ os remedios, que dissémos para os principios da gonorrhea purulenta, & para curar paleativamente as carnosidades, porque todos estes servem para o ardor de ourina, & Estranguria.

ANNOTAÇOENS.

Numero. 2.

A Cura deſtas chagas he a meſma que a das gonorrheas virulentas, de que largamente fallamos no ſeu Capitulo. Se as chagas ſaõ de gallico de pouco tempo contrahido, baſtarà tratalas como as gonorrheas nos ſeus principios. Se ſaõ antigas, tratar-ſehaõ como gonorrheas antigas, fazendo cura alexipharmaca com azougue, que he com que melhor ſe extingue eſte contagio; ou com os mais antidotos delle, naõ ſe podendo uſar de azougue. E aindaque as chagas naõ ſejaõ antigas, ſempre nos parece bem uſar de mercurio para extinguir o contagio, como diffuſamente diſſémos nas Annotaçöes ao Capitulo VII. *& ao* Capitulo XI. *cuja doutrina tem lugar neſte caſo. Advertindo, que ſempre que houver gallico, ainda contraido de freſco, logo, logo he neceſſario uſar de alexipharmaco, que o extinga, antes que ſe communique às partes mais intimas, de cuja offenſa ſe ſeguirà mayor dano, & haverà na expugnaçaõ do gallico mayor difficuldade.*

Numero 3.

NOs achaques da ourina em peſſoas gallicadas, naõ ha remedio taõ excellente, como o azougue, no que nos tem confirmado muytas experiencias; porque ſobre ſer o azougue o alexipharmaco, que em menos tempo extingue todos os ſeminarios deſte contagio, tomado pela boca, dulcifica generoſamente os acidos, que pungem as partes da ourina, cauſando os ardores que nas diſurias, & eſtrangurias ſe experimentaõ.

CAPITULO XXXXVI.

Das dores gallicas.

O Mais cruel ſymptoma, que aos gallicados atormenta, ſaõ as dores, principalmente da cabeça, pernas, & braços entre junta, & junta, humas vezes com tumores; outras ſem elles. Exacerbaõ-ſe mais de noyte, cuja cauſa principal, dizem os Authores, he procederem de humores melancholicos, fleumaticos, que pela auſencia do Sol dominaõ mais neſte tẽpo. Porèm ha por objecçaõ, que as dores que procedem de humor cholerico gallico, tambem ſe exacerbaõ às meſmas horas, como a experiencia moſtra em dores de dentes cauſaõ taõ calida, que com nenhuma outra couſa aliviaõ ſenaõ com agua fria, & com outros remedios refrigerantes, ſendo tambem o tempo calido, & a idade juvenil, & todas as mais circunſtancias atteſtantes de cholera, & com tudo de noyte ſempre ſaõ mayores, & jà as vi deſte humor, que deſappareciaõ em todo o dia, & pelas onze horas da noyte intolleravelmente repetiaõ. Inflammações de olhos gallicas de humor taõ cholerico, que as lagrimas excoriavaõ a face, vi jà exacerbarem-ſe cruelmente de noyte, & de dia ſerem menores. Aſſim tambem gotta gallica, poſto que ſeja *à prædominio* calidas faz de noyte mayores dores. As chagas corroſivas deſte mal tambem de noyte ſe ſentem mais. E finalmente qualquer outro gallico affecto, poſto que ſeja de humores quentes, ſempre de noyte ſe exacerba, & o que he de humores frios tem aquella infallibilidade, de ſe exacerbar ſempre de noyte, com muyto mais conſtancia, & aſpereza, do que ha nos outros affectos ſe ſua eſpecie, que naõ ſaõ gallicos. Por onde parece ſer iſto proprio da qualidade occulta, & naõ da manifeſta, nem dos humores.

Conhecer-ſehaõ ſerem eſtas dores de cauſa gallica, primeyramente, porque precedeo o contagio, & porque naõ ha com ellas complicaçaõ de enfermidade

de manifesta, a que se possaõ attribuir, & porque se exacerbaõ muyto mais à tarde, & de noyte, & com a mudança do tempo, & sendo de ordinario de causa fria, saõ taõ fortes, & agudas, que parecem de causa calida, & que a parte se està queymando, & roendo, como nota Zacuto, & porque se fazem nos lugares on-de as costuma haver de morbo gallico, principalmente as dos braços, & pernas, que se fazem entre junta, & junta, & raras vezes succede havellas nas juntas, sendo gallicas: & se ha complicaçaõ de tumores, estes saõ scirrhosos, & por quanto naõ causaõ aquella vehemencia de dores os que naõ saõ gallicos, lhe ficaõ improporcionaes. E finalmente se conhecem porque com a cura do gallico se remedeaõ. Distinguem-se das dores de gotta, porque se fazem fóra das juntas. Porêm porque algumas vezes tambem nellas succedem, distinguir-sehaõ da gotta ordinaria pelos sinaes, que dirêmos no Capitulo seguinte da gotta gallica.

Lib. 9. proxis hist. c. 1.

Com nenhum genero de remedio costumaõ aplacar estas dores, mais que com a exhibiçaõ dos alexipharmacos, azougue, páo, & salsa. Porêm algũas vezes saõ taes, que naõ daõ lugar a que com elles se acabe a cura, porque começando os enfermos de suar, às vezes se exacerbaõ mais atê os doze, ou quinze dias de suores, como notaõ Fallopio, Rudio, & os mais Authores, & posto que depois aplacaõ, & se tiraõ de todo, saõ algumas vezes os enfermos impacientes, ou ellas taes, que naõ daõ lugar a que a cura regularmente se aperfeyçoe, para que ellas cessem, outras vezes tambem depois de feyta, ficaõ reliquias dellas, como notou Trajano, & he necessario ao Medico, que particularmente trate deste symptoma.

Importa primeyramente consolár o enfermo, porque naõ cuyde que lhe erraõ a cura, affirmandolhe que aos doze, ou quinze dias de suores cessaraõ as dores. E se a fortaleza dellas naõ der lugar a que se espere, fomente-se a parte onde estaõ *com oleo de amendoas doces, de minhocas, de macella, de cebolla cessèm, de ruda, de enxundia de gallinha, unto de porco, ou semelhantes, com qualquer delles, ou misturados. E o oleo de viboras que acima receytámos*, he efficacissimo, confórme Fallopio: *Ou pizem humas ortigas, & se afoguem em azeyte, & se appliquem quentes ao lugar da dor.* O mesmo se faz *com alfavaca de cobra, ruda, saquinhos de farellos, ou de milho, ou de sal, bem quentes.* Ou se faça este fomento: *Tomem macella, poejos mentrastos, salva, alecrim, rosmaninho, coza-se tudo com vinagre, & metão-se estas ervas em hum saco, & ponhão-se quentes, ou se molhe hum saquinho de farellos neste cozimento bem quente, & se lhe applique.*

E se algumas vezes as dores tiverem por causa humor mais calido, do que he de ordinario, appliquem-se, como diz Rudio, os proprios anodinos, que saõ quentes, & humidos temperadamente, *como emplasto de malvaisco, & malvas, violas, linhaça, & alforvas, com gema de ovo, manteyga crua, oleo de amendoas doces;* ou se faça emplasto *de miolo de pão em leyte, feveras de açafraõ, & semelhantes cousas.* Ou se applique à parte *hum redendo de carneyro.*

Lib. 5. de mot. ven. cap. 25.

E se com tudo naõ cederem, com os suores, dem-se estes pós, que trazem Fallopio, & Rudio por cousa de grande experiencia. Receyta: *Hermodactilos, turbit de cada hum tres oytavas, diagridio duas oytavas, gingivre huma oytava, almecega meya oytava, assucar candil, ou branco seis oytavas, de tudo se faça pó, & se misture.* Da-se huma oytava delles aos robustos, meya aos fracos em caldo, ou em vinho. He medicamento forte, mas tira as dores, & póde-se repetir cada semana, ou quando parecer. E aos que jà tem tomado suores, ou unturas pódem-selhe ordenar os mesmos pós, misturando *com huma oytava de salsa a quantidade*

tidade que delles houver de tomar, continualos oyto, dez, ou quinze dias atè que as dores ſe tirem. Mas como eſtes os devem tomar cada dia baſtarà que lhe dem hum ſó eſcropulo miſturandolho com a dita oytava, ou oytava & meya de ſalſa.

E ſe as dores não obedecerem aos remedios ditos, & chegarem o enfermo a deſeſperaçaõ, & perigo, diz Rudio, que ſe lhe dè alguma das medicinas opiatas, v. g. *Huma oytava de triaga nova, ou de methridates, ou meya oytava de Filonio Romano, ou ſemelhante.* Porèm à parte affecta ſe não applique *narcotico* porque como eſtas dores nacem de materia craſſa, & rebelde, fazemlhe muyto dano eſtes medicamentos, conforme Galeno, quando diz: *Ubi verò craſſi, glutinoſique humores exuperant, averſiſſima ſunt quæ torporem indicunt cavenduſque magnopere in hujuſmodi affectus eorum uſus eſt.* Que traduzido he: *Mas onde houver humores craſſos, & glutinoſos, ſaõ muy contrarios os medicamentos, que tiraõ o ſentimento à parte, & nos taes affectos nos havemos de guardar muyto do uſo delles.*

2. met. 8.

Loc. cit.

Aconſelha tambem o meſmo Rudio, que para mitigar as dores mais de preſſa, ſe acreſcente nos cozimentos, que o enfermo bebe, mayor quantidade de páo, ou ſalſa, & que lhe ajuntem humas *raizes de malvaiſco, ou de malvas*, ou ſemelhante medicamento, que tenha virtude de aplacar a acrimônia do humor; & por tanto ſe lhe pòde miſturar *xarope violado, ou de mucillagens.* E ſobre tudo ſe note que para mitigar eſtas dores, he excellente remedio *o vinho ſanto*, de que acima temos tratado, eſpecialmente ſe o enfermo jà tem paſſado pela cura dos ſuores, ou unturas. E ultimamente acabaõ de gaſtar as reliquias dellas os banhos das caldas, como cada dia experimentamos.

ANNOTAÇOENS.

SEnaõ com agua fria. *He muytas vezes tal a vehemencia das dores nos gallicados, principalmente de noyte, que ſobre os moleſtar extremoſamente, com nenhum remedio ſe remitte; mas tambem ſuccede em algumas dores, que deſprezando muytas applicações da Arte; ſó com agua bem fria ſe moderem. Aſſim o obſervàmos em hum moço de habito gracil, de natureza quente, muyto entregue ao ſerviço de Venus, de que tinha tirado hum refinadiſſimo gallico. Deytava-ſe eſte homem à noyte na cama, & em todo hum Inverno acordava do primeyro ſono com dores crueliſſimas em huma perna, que duravaõ atè amanhecer, ſem que lhe aproveytaſſem os remedios que fazia; & ſó metendo a perna em agua frigidiſſima, temperava as dores de maneyra, que tornava a pegar no ſono, & dormia o reſtante da noyte. A agua muyto fria faz a parte eſtupida, & como ſe fora hum medicamento narcotico, aſſim lhe tira o ſentimento para naõ ſentir a dor.*

Se as dores naõ obedecerem. *Neſtas dores he preciſo recorrer logo aos alexipharmacos deſte contagio, ou ao melhor alexipharmaco delle, que he o azougue, applicando-o em unturas, que naõ aproveyta aſſim menos, ou tomando-o pela boca; & quando com eſta cura bem dirigida naõ melhorar o doente; ſe os humores forem craſſos, convem ir logo aos banhos de caldas ſulphureas, quaes ſaõ entre nòs as da Rainha, as de Saõ Pedro do Sul, & as de Chaves, & em Caſtella as de Ledeſma. E ſendo os humores quentes, ou ſalinos, acres, & mordazes, he conveniente tomar leyte de burra, conſiderando que àlem do contagio gallico, que havia de extinguir o mercurio, ſe conſervaõ as dores, ou por ſerem craſſos, & viſcidos os humores, ou por terem hum vicio ſalino, & acrimonial que neceſſita das mulcebres qualidades do leyte, para ſe corregir, & dulcificar.*

Narcotico. *Aindaque o Author adverte que ſe naõ uſem narcoticos neſtas dores, quando procedem de cauſa fria, authorizando com Galeno a ſua doutrina: dizemos,* que

que se as dores forem agudissimas, ou naçaõ de causa fria, ou de causa quente: sempre se deve usar de medicamentos narcoticos, & opiados, naõ só externos, mas internos, para moderar afereza da dor, do que senaõ póde seguir incommodo algum na parte que padece as dores; porque o que teme Madeyra, & Galeno, segundo se colhe das suas palavras, he que applicando-se os narcoticos nas dores procedidas de materias crassas, se façaõ estas mais tenazes, & mais rebeldes, entendendo que os narcoticos, & opiados, por serem frios, encrassaràõ mais as ditas materias, & seràõ de mayor duraçaõ as dores; rezaõ a que se naõ deve attender; porque os opiados naõ saõ frios, como cuydàraõ os Antigos; mas antes he o opio taõ quente, que tem muytas partes sulphureas, oleosas, & inflammaveis, & muyto sal volatil, acre, & oleoso, como jà notàmos na nossa Pleuricologia, *como Cornelio Bontekoe, do que se póde ver Uvedelio na sua* Opiologia, *& Ettmullero no* Collegio pharmaceutico de Eschrodero, fol. 709.

Para mitigar as dores. *Em quanto se vaõ fazendo as curas alexipharmacas, com q̃ estas dores se extinguem, he necessario moderarlhe a agudeza com que molestaõ, desorte que as possaõ tolerar os doentes; para o que tem pouca efficacia os remedios que o Author inculca; porque primeyro o azougue, ou a salsa venceràõ o gallico, & extinguiràõ as dores, do que as raizes de malvaisco, ou de malvas, ou semelhantes medicamentos, como elle diz, temperem a acrimonia do humor pungente. Os remedios com que se ha de acodir nestes casos, saõ os opiados; porque promtamente modificaõ as dores mais lancinantes, & vaõ passando os enfermos com menos molestia, atè que com os alexipharmacos se acaba de vencer o contagio, & finalmente se chegaõ a extinguir cabalmente as dores. Dar-sehaõ logo dous grãos de laudano opiado com meya onça de lambedor de papoulas brancas, quando quizermos moderar as dores, ou suspendelas por algum tempo; ou se tomem humas pirolas de dous grãos de laudano opiado, & seis grãos de assucar de chumbo, feytas com alquitira; ou se tome amendoada de pevides de melaõ, & belancia, com meya onça de lambedor de papoulas brancas, & oyto pingas de laudano liquido.*

CAPITULO XXXXVII.

Da gotta artetica gallica.

ALèm dos tumores, & dores, que no espaço de entre junta, & junta affligem as pernas, & braços dos gallicados, como no Capitulo antecedente dissémos, ha tambem outras (posto que menos vezes) nas mesmas juntas, de que se faz gotta em fórma taõ semelhante à ordinaria, que difficultosamente se distingue della. A causa he a fluxaõ de qualquer, ou de todos os quatro humores infectos da mà qualidade que occupão o lugar da junta, assim como acontece na outra gotta, que naõ he gallica.

E para se conhecer se a gotta he desta mà qualidade, diz Mercado, que sendo esta raras vezes, ou nunca succede com tumor, & se o faz he em huma só junta, ou naõ em todas, nem como a ordinaria, em muytas. Alèm disto naõ succede de repente como a ordinaria, mas a poucos se vay fazendo. Alèm de que a gallica, causa dor no intimo da junta no perioſtio, & a ordinaria mais na superficie. A gallica vem com dores de cabeça, & a outra, ou com poucas, ou sem ellas. Saõ estes sinaes muyto bastantes quando os houver. Mas porque jà vi gotta gallica com tumor em muytas juntas, & vir de repente, & he difficil conhecerse se faz no perioſtio, ou fóra delle: alèm de que tambem a naõ gallica afflige nas partes intimas das juntas, & começa às vezes com pouco, ou nenhũ tumor, & tambem succede haver esta gotta gallica com poucas, ou sem dores de cabe-

Lib. 3. de inst. morb. cur. c. 18.

ça: he necessario investigar outros sinaes, por onde mais perfeytamente se conheça quando he gallica.

Distinguir-seha logo esta da gotta ordinaria pelos proprios sinaes do morbo gallico, porque està presente, ou precedeo o contagio; & as dores, posto que *à prædominio* sejaõ de humor quente, & tragaõ consigo agudeza (que he cousa que às vezes succede) pela tarde, & de noyte se exacerbaõ: mas porque de ordinario procedem de humores frios, a que destes procede faz dores mais intoleraveis, que a gotta dos mesmos que naõ he gallica. E posto que a dor principal esteja na junta, costuma estender-se atè o meyo das canas, onde as gallicas saõ ordinarias. E sobre tudo (que he o que acaba de certificar que o saõ) com os remedios do morbo gallico se mitigaõ, & se juntamente houver outros symptomas gallicos, naõ fica duvida alguma.

Prognostica-se desta enfermidade ser mais facil de curar que a gotta ordinaria, porque como lhe tiraõ a causa com os remedios gallicos, sàra facilmente, & naõ repete; senaõ he em pessoas que jà antes do gallico eraõ gottosas.

A cura se farà, vindo com muyto calor, & agudeza, como o da gotta ordinaria, naõ applicando nos principios os remedios gallicos, atè que a agudeza do mal (que se póde accrescentar com elle) se naõ remita, o que succede em sete, ou quatorze dias, conforme ao aphorismo 2. *aph.* 23. *Acuti morbi quatuordecim diebus terminatur. As doenças agudas dentro de vinte & quatro dias se terminaõ*, & nelles se tratarà sómente dos mitigativos ordinarios da outra gotta, *como panos de ovo batido com oleo rosado, leyte de peyto, ou qualquer outro, papas de miolo de pão alvo feytas nelle*, & se por urgencia do impeto do fluxo, ou do calor parecer necessario, misture-se nos ditos remedios *agua rosada, & de tanchagem, ou se applique algum repercussivo brando, como çumo, ou agua de beldroegas, ou de serralhas, clara de ovo, & semelhantes.* E sendo necessario sangre-se o doente algumas vezes.

Passada a agudeza do mal, ou sendo gotta gallica sem agudeza, & que procede de humores *à prædominio* frios, preparar-seha o enfermo com os xaropes seguintes. Receyta: *Xarope de fumaria, & rosado, de cada hum sua onça, agua de borragem tres onças, misturem-se.* E sendo o tempo, a regiaõ, & a natureza do doente frios, ou o humor muy pituitoso, *em lugar de xarope rosado se lançarà mel rosado, & em lugar de agua de borragem se lançarà a agua, ou cozimento de iva artetica, ou de betonica, ou de rosmaninho, ou de salva.*

Depois de cinco, ou seis xaropes, & alguma sangria, se parecer conveniente, se deve purgar o enfermo, *com pirolas de fumaria, & de hermodactilos, huma oytava, de cada huma, aguçadas com dous, ou tres grãos de diagridio.* E se naõ quizer pirolas, tome esta purga: *Em tres onças de cozimento commum se infundaõ, & dem huma fervura, hermodactilos, mirabolanos chebulos, & Indos, de cada hum sua oytava, & coe-se o cozimento, & nelle se desfaça huma oytava de agarico trociscado, & duas oytavas de confeyçaõ hamec composta* (ou tres de simplez se o enfermo for delicado) *& duas onças de xarope Regio, & faça-se bebida.* E se for pobre deselhe este. Receyta: *Confeyçaõ hamec simplez, & composta, de cada huma duas oytavas, diaphenicaõ huma oytava, xarope Persico duas onças, cozimento commum com duas oytavas de mirabolanos chebulos, quanto baste, faça-se bebida.*

Evacuado o corpo, póde haver duvida se convem darlhe suores, ou unturas, & cada cousa destas tem seu inconveniente, porque as medicinas sudorificas lançaõ para as partes externas, abrem as vias, & accrescentaõ a fluxaõ, que se faz às juntas, & as unturas do azougue as enfraquecem, & a fregaçaõ que se costuma fazer

fazer póde attraerlhe mais humores, & ser de mayor dano.

Por razaõ destes dous inconvenientes usey algumas vezes de apozemas neste caso com felicissimo successo. Devem-se estas fazer com os alexipharmacos gallicos, & juntamente com medicamentos purgativos, que tenhaõ virtude de attraher os humores das juntas, quaes saõ os mirabolanos, & hermodactilos conforme dizem Avicena, & Messue, ajuntando tambem algumas ervas, que às juntas, & partes nervosas tenhaõ respeyto, como betonica, iva artetica, salva, & rosmaninho. Seja exemplo esta seguinte. Receyta: *salsa parrilha duas onças, páo da China hũa onça, páo santo tres onças, infũdaõ-se em dezoyto quartilhos de agua, & depois se faça cozimento na mesma com as cousas seguintes. Rosas secas meya onça, betonica, salva, rosmaninho, iva artetica, de cada cousa huma mãochea, flores cordeaes, de cada hũa tres oytavas, cascas de mirabolanos citrinos, chebulos, & Indos, de cada hũ meya onça, hermodactilos meya onça, folhas de sene seis oytavas, carthamo duas oytavas, gingivre, canela fina, de cada hum hũa oytava.* E se for pessoa calida, ou tempo calido, *ajuntemlhe cevada duas onças, folhas de borragem, & de almeyraõ, de cada hũ huma maõchea, faça-se cozimento secundùm artem, que fique em cinco quartilhos, & ajunte-se assucar o que baste para ser doce, & bastaõ delle vinte onças, faça-se apozema,* a qual tomarà em cinco dias manhã, & tarde, meyo quartilho de cada vez. E se naõ ficar saõ, faça-se outra pela mesma receyta para outros cinco. E se a gotta gallica for puramente de causa fria helhe convenientissimo o vinho santo, o qual tambem lhe aproveyta aindaque participe de humores quentes.

Lib. 2. tom. 1. c. 4 fol. 96. lit. C. c. prop.

E beberà agua cozida com os mesmos páos, & salsa, com que se faz a apozema, enxugando-os primeyro hum pouco para que se lhe tire o sabor das ervas, com que se cozeraõ, & partiloshaõ em tres partes, & com cada parte se farà *hum cozimento em cinco canadas de agua que se gaste huma para beber de ordinario. E se for pessoa mimosa, naõ se lhe faça agua ordinaria com os que serviraõ na apozema, porque sempre lhefica o mào sabor dos outros materiaes, mas cozaõse duas oytavas de salsa, ou hũa de páo da China, em tres canadas, que se gaste meya.* E serà bẽ que a agua, em que se fizer o cozimẽto, seja ferrada; & coma biscouto, & assado, & depois da cura continue mez & meyo o bom regimẽto com sua agua cozida, como està dito.

Mas porque algũas vezes naõ basta a cura das apozemas se o enfermo ainda ficar com dores, cõ mais segurãça se pòde meter em suores depois dellas, como eu jà vi com bom successo. Ou se lhe dem as unturas, esfregando levemente nas mesmas juntas, & com mais força fóra dellas; de que tambem jà vi bom successo neste caso. Porèm em quanto o corpo naõ estiver muyto evacuado, nem a fluxaõ da gotta parada, naõ se dem suores, nem unturas, porque se precipitarà a fluxaõ, & farà mais dano a quantidade que correr, do que he o bem de se lhe tirar a mà qualidade, porque succede ser necessario parar com a cura, & dilatala para outro tempo.

E se depois de feytas as evacuações tendo a fluxaõ do humor parado, ficar nas juntas alguma porçaõ mais rebelde, convem applicarlhe locaes, que o resolvaõ com algũa mollificaçaõ, porque se naõ endureçaõ. E póde-se applicar *o emplasto de Alexandre, apud Mercatum, feyto de couves cozidas, & pisadas com fezes de vinagre, & duas gemas de ovos, & humas gotas de azeyte rosado.* Ou se façaõ *as papas das farinhas em oximel com enxundias de gallinha, & oleo de minhocas, ou papas de miolo de pão de rala, ou centeyo, feytas em xarope acetoso com hum pequeno de sevo de carneyro.* Ou se unte a parte *com oleo de amendoas doces, de minhocas, & de macella misturados.* E he tambem de proveyto *o oleo de Copaìva* principalmente dominando muyto os humores frios, & tambem he convenientissimo *o unguento*

Lib. 4. de int. affect. cap. 12.

Cap. prop. in aut. *guento dos engos* que traz Laguna sobre Dioscorides, & repete Fragoso, & se faz assim. Receyta: *Çumo de raizes dos engos, & das folhas, de cada hum duas onças, oleo de macella seis onças, ferva tudo atè se gastarem os çumos, & depois coe-se, & se coalhe com meya onça de cera, & se lave com vinagre rosado.* E se a gotta for nodosa, & tofacea, appliquem-se os remedios que acima dissémos para resolver gomas gallicas. E ultimamente se os remedios naõ aproveytaõ convem os banhos das caldas, que na gotta gallica saõ mais proprios, que em qualquer outra.

ANNOTAÇOENS.

SUores, ou unturas. *Duvida o Author em usar destes remedios na gotta artheticagallica, pelos inconvenientes que considèra; sendo que nenhum delles he taõ poderoso, que haja de impedilos. Porque o que diz de que as medicinas sudorificas lançaõ os humores às partes externas, abrindo as vias, & accrescentando a fluxaõ; he de nenhum vigor. Porque primeyramente para chegar aos suores, ha de preparar-se exactamente o corpo com evacuações que diminuaõ os humores, desorte que naõ fiquem tantos; que haja defluxos. E no que toca a dizer que os medicamentos sudorificos abrem as vias, & lançaõ os humores às partes externas: por estas mesmas razões faraõ grande utilidade, franqueando a contextura cutanea, & extraindo por ella os humores que se haviaõ de precipitar às juntas. E o que diz de que as unturas enfraquecem as juntas, & que com as fregações do unguento póde haver mayor attracçaõ de humores, & crecer o dano: tambem naõ he fundamento para naõ usar das unturas. Porque precedendo exactas evacuações à cura do azougue, naõ ha o perigo de que com a fregaçaõ dos unguentos se attrahaõ tantos humores, que offendaõ mais as juntas; principalmente quando se sabe por repetidas experiencias, que com unturas mercuriaes se resolvem muyto bem os humores que occupaõ as juntas, & os tumores duros a que se applicaõ; & assim com mayor probabilidade se pòde esperar das unturas que resolvaõ os humores impactos nas juntas, do que se deve temer que as intumeçaõ mais. E no que toca a enfraquecer as juntas: cuydamos nòs que nada as enfraquece tanto, como as dores agudas, que com as unturas se remedeaõ, sem o perigo da debilidade que o Author considera; sendo que quem quizer acodir a estas dores sem as unturas, póde usar do mercurio tomado pela boca, em cujo uso naõ tem lugar o temor de que se enfraqueçaõ as juntas como com as unturas que a ellas se applicaõ. No anno de 1706. curàmos hum homem de quarenta & tres annos, que padecendo varios insultos de gotta nos pés, & nas mãos, passava alguns meses na cama, com sevissimas dores, & aindaque usava de leytes, & vivia com regimento medicinal, pouca utilidade colhia disto, porq̃ a gotta se obstinava a tudo, & de noyte era mayor a fereza das dores, circunstãcia que nos fez cõsiderar, que a gotta seria gallica. Chegando com o doente a exame, achàmos que tinha sido dissoluto sem reparo, & que se juntàra muytas vezes com mulheres conhecidamente infectas com este contagio, mas que nunca sentira dano algum, nem tivèra gonorrheas, nem outro achaque de gallico incipiente, por onde commummente a propagaçaõ delle, se manifesta. Mas entendendo que sem haver gallico incipiente nas partes obscenas, o podia ter na massa sanguinaria, puzemos em consulta o negocio de se curar com os alexipharmacos deste contagio. Queriamos nòs curalo com unturas de azougue, a que se contrariaraõ alguns votos, pelos incommodos de debilitar as juntas, & viemos finalmente a concluir, que tomasse mercurio pela boca, com que se curou da gotta perfeytamente. Chegou a tomar onze dias mercurio branco com diagridio de Paracelso, com que salivou bastantemente. Passados tres meses, foy às caldas da Rainha, para corroborar*

rar

var as juntas; & havendo sete annos que se fez esta cura, naõ teve atè agora repetiçaõ de gotta. Nas dores, & gottas gallicas costumamos nòs dar oyto, ou dez suores de salsa, & depois humas unturas de azougue, & assim se vencem muyto bem estes danos.

CAPITULO XXXXVIII.

Das rhagadias, & callos, que nascem nos pès, & mãos, dos gallicados.

DEstes dous affectos trata juntamente Fallopio por serem ambos muyto rebeldes, & se curarem com os mesmos medicamentos. Saõ as *rhagadias*, humas gretas que nascem nas palmas das mãos, & solas dos pès dos gallicados, & conhecem-se procederem do contagio, alèm dos sinaes ordinarios, porque se o enfermo comer alhos, & cebollas quatro dias, logo se duplicaõ, conforme o mesmo Author. Porèm para mais certeza considerem-se os outros sinaes do morbo gallico, que em seu Capitulo dissémos, & muytas vezes temos repetido. A causa he fleuma salsa, & humor melancholico adusto.

Curaõ-se depois de feytas as evacuações universaes, & uso das medicinas gallicas, primeyramente com mollificantes como este. Receyta: *Raizes de malvaisco, folhas de malvas, & de violas, raiz de labaça, de cada hum duas mãoscheas, & huma cabeça de capado, & tudo junto se coza em bastante agua atè se cozer bem a cabeça.* E deste cozimento se dem banhos aos pès, & mãos, manhã, & tarde, & enxugando-os se lhe applique este unguento. Receyta: *Oleo de amendoas doces, oleo rosado, unto de porco, de cada hum huma onça; alvayade, azougue morto, de cada hum meya onça, cera branca huma onça, faça-se unguento.* Ou se applique este. Receyta: *Diachilaõ, emplasto Filij Zachariæ, unguento de mercurio, de cada hum huma onça, misture-se.* E com isto saraõ as gretas, & callos. Se porèm estes não sararem, mollifiquem-se detendo-os bem espaço no dito cozimento, & cortem-se, & depois se esfreguem com pano aspero atè sahir sangue, & se molhem *com agua magistral aluminosa de Falopio, ou com agua de solimaõ.* E se isto naõ bastar, tornem-se a mollificar, & esfregar con o e tà dito, & tornem-se a molhar com a mesma agua, & como se secar, appliquem-se *os trocisços Andronis desatados em xarope de romans, ou acetoso, que fiquem unguento mais basto, que mel.* E appliquem-se duas ou tres vezes no dia.

Saõ com tudo às vezes taõ rebeldes, que nada disto basta, em tal caso torne-se a alimpar o corpo, ao uso dos medicamentos do morbo gallico, & appliquem este unguento mais forte. Receyta: *Oleo rosado, manteyga crua, de cada hum huma onça, alvayade duas oytavas, trementina lavada huma onça, solimão moîdo na pedra dos Pintores, & lavado em çumo de limaõ dous escropulos, misturem-se em almofariz, que serà melhor de chumbo.* E se o doente tiver necessidade de sahir, se póde applicar este emplasto. Receyta: *Ammoniaco preparado, galbano de cada hum huma oytava; incenso, almecega, azevre, alvayade, de cada hum meya oytava, unto de porco. de Urso, de texugo, de cada hum huma onça, oleo rosado duas onças, ouro pimenta, caparrosa, pedra hume, de cada hum duas oytavas & meya, azougue morto huma onça, cera quanto baste, faça-se emplasto, que se estenda em pano, que tome toda a sola do pè, se toda tiver gretas, ou callos,* porque a huns, & outros he esta cura commua.

E porque às vezes saõ hum, & outro achaque taõ rebeldes, que a nada disto obedecem, ordena Fallopio os suffumigios, ou fumos seguintes, naõ para o corpo todo, mas sómente para aquella parte onde estaõ as gretas, ou callos. Receyta:

ta: *Cynabrio, ouro pimenta, ſandaraca dos Gregos, de cada hum huma onça, pòs de Joannes meya onça, páo de Aguila, goma de zimbro; eſtoraque ſeco, beijoim, myrrha, incenſo, de cada hum duas oytavas, pize-ſe tudo craſſo modo, & miſture-ſe.* Ajuntaõlhe alguns hum tamanino *de ſolimão*, mas de ordinario baſtaõ ſem elle. E lancem-ſe eſtes pòs ſobre as brazas, em que ſe defumem os pès, ou mãos do achacado. E ſe nem aſſim melhorarem, dem-ſe os fumos univerſaes ao corpo todo, ou as unturas do mercurio: advertindo porèm ſe os ſumos ſe derem, que naõ entre na compoſição *ouro pimenta, nem ſolimão, nem outro medicamento venenoſo*, como em ſeu Capitulo advertimos.

ANNOTAÇOENS.

NAõ ſó nas mãos, & nos pès dos gallicados ſe fazem eſtas rimas, & callos, mas tambem no inteſtino recto, & no utero. A ſua cura conſiſte em extinguir o contagio com os ſeus alexipharmacos; que depois diſto, com remedios locaes ſe vencem; & quando aſſim não ſucceda, untem-ſe alguns dias com unguento de azougue, que póde receytar-ſe neſta fórma:

Tomem huma onça de unguento de chumbo, outra de unguento de alvayade, meya onça de azougue morto, outra meya de unto de porco ſem ſal, de cera quanto baſte, faça-ſe unguento.

CAPITULO XXXXIX.

Como ſe ha de curar a mulher prenhe gallicada.

QUando a mulher prenhe padece morbo gallico, ſe os ſymptomas delle forem ſofriveis, naõ ſe lhe deve applicar a cura atè que payra, & paſſe o tempo de purgaçaõ do parto pelos inconvenientes que ſe ſeguem à applicaçaõ dos remedios nos ditos tempos. Aperta porèm algumas vezes a vehemencia dos ſymptomas, de tal ſorte, que nos obriga a que de algum modo os remediemos, v. g. quando ha dores terriveis, chagas muyto corroſivas de garganta, & partes bayxas, camaras continuas, que em mulher prenhada ameaçaõ aborto, conforme Hippocrates, febre gallica, que a conſume, de que tambem perigaõ, ſegundo a ſentença do meſmo velho. [Aph. 45. Cit. 55.]

Succedendo algum deſtes, ou ſemelhante caſo, tratarèmos de curar o morbo gallico neſta fórma. Primeyramente naõ ſe lhe darà purga pelos perigos, que della ſe ſeguem, conforme Hippocrates, & Galeno, *ibidem*, os quaes naõ querem que a mulher prenhe ſe purgue, ſalvo do quarto atè o ſetimo mez, ſendo a materia turgente, & poſto que alguns Authores, fóra da turgencia admittem medicamentos purgativos dos benignos de noſſos tempos, que os antigos naõ conhecèrão, com tudo ainda eſſes tem muyto perigo, como elles meſmos confeſſaõ, Mercado, Caſtro, & outros. E por tanto todas as vezes que a mulher prenhe ſe puder remedear ſem elles, ſe devem eſcuſar. E pela experiencia, que tenho, pòde-ſe moderar a vehemencia do morbo gallico nas mulheres prenhes, para que ſem purga poſſaõ paſſar atè parirem. [4. aph. & 5. aph. 29] [3. de mor. mul. c. 22] [2. part. de mor. mul lib. 5. ſect. 1. c. 18. 13. met. cap. 15.]

Segundariamente ſe houver enchimento, ou for a mulher robuſta, deveſe-lhe dar alguma ſangria moderada, para que a natureza poſſa melhor vencer a ſarcina dos humores, como ſe colhe de Galeno, & muytas vezes ſuccede, que pela deſcarga do ſangue ſe emenda a cacochymia das veas, como ſe colhe do meſmo Galeno, o qual evacua o ſangue podre craſſo vicioſo como limos, negro, melan-

melancholico, pituitoso, & totalmente cacochimico, posto que naõ haja enchimento delle, para que a cacochimia se acabe de emendar. E assim fica a sangria sendo vicaria da purga. E por tanto havendo forças, serà de muyto proveyto, conforme Averroes, quando diz: *Phebetonia cum adest repletio, qua embrio non indiget, non est mala, sed pharmacum non credo ad bonũ prevenire finem.* Que traduzido significa: *Quando ha enchimento de que o fecto não tem necessidade, não faz a sangria mal, mas a purga entẽdo, q̃ não póde ter bom successo.* Porèm naõ havẽdo muy bastãtes forças, naõ se tire sangue algũ pelo perigo q̃ da sangria se segue em mulher pejada, segundo Hippocrates, mas sem ella, & sem purga se farà o seguinte.

5. met. c. 14. Lib. de sang. miss. cap. 12. 6. cp. sect. 5. ad ext. 29. 1. rad Glauc. c. de cur. quart. 8 n et. c. 4. & lib. 5. met. c. 14. 7. col. c. 4. aph. 115.

Ordenar-selheha que tenha bom regimento, conforme està dito na cura dos gallicados, & que naõ beba outra agua senão *a de salsa cousa de duas oytavas, em tres çanadas, que se gaste meya. E far-seha cozimento da salsa, assim como se costuma para suar, lançãdo de molho duas onças em tres canadas, & que fervão na mesma atè se gastarem duas que fique huma.* E deste cozimento tomarà, andando de pè, meyo quartilho pela manhã em jejum, outro meyo à tarde depois de feyta a digestaõ do estomago, & cearà dahi a duas horas, & farà segundo cozimento em sinco canadas, que se gaste huma para beber de ordinario. E tendo febre, ou sendo esquentada do figado, ou tempo muyto quente, faça-se o cozimento sómente com onça & meya de salsa, & ajuntelhe cevada. E continue vinte & sinco, ou trinta dias, porque deste modo tenho curado muytas, que ou sararão de todo, & parirão as crianças sãs, ou se lhe moderàrão os symptomas de modo que pudèraõ bastantemente passar atè chegar tempo conveniente de se lhe fazer cura em fórma. A que ordeno de salsa se póde tambem fazer *com o pào santo, ou guayacão na fórma que està dito em seus Capitulos.* Ou se faça assim: *Tomem salsa parrilha quatro onças, infunda-se por huma noyte em quatro canadas de agua, & depois se coza na mesma que mingue ametade. E desta agua beba sem tocar outra atè que a gaste.* E logo faça outra de novo do mesmo modo, que continue doze, ou quinze dias. Ou tome *cada manhã duas oytavas de salsa feytas em pò, & à tarde huma oytava, tomando-a na mesma agua acima dita, que ha de beber de regimento.*

Unturas de azougue não convem tanto neste caso, salvo for mulher taõ calida do figado (como algumas) que por nenhum modo sofra beber agua de salsa, ou o mal tanto, que naõ possa ceder a ella. E sendo isto se pòde untar com o unguento de Mercurio tão brando, que lhe naõ possa fazer molestia sensivel, *o que se farà repartindo em quatro vezes o que se houvera de applicar em huma*, v. g. *Se para se curar em fórma se havia de applicar de cada vez huma onça de unguento, applicar-sehaõ duas oytavas, misturandolhe seis de unguento rosado, ou de manteyga crua, & applicando-o às partes costumadas, que são as doze juntas.* E se por ser esta quantidade pouca naõ fizer obra, duplique-se. E advirta-se que tanto que a boca começar a arrebentar, se pare logo com o unguento, & se naõ torne a applicar atè melhorar della, & assim se farà pouco a pouco esta cura, untando a enferma vinte, ou trinta vezes, com estes unguentos leves, de sorte que venhaõ a suprir as tres, ou quatro unturas que se lhes haviaõ de dar fortes, se naõ obstàra o impedimento da emprenhidaõ. E ande todo este tempo de pè, bem enroupada, porèm, & com resguardo do ar.

E quando o mal for taõ rebelde que naõ ceda a este modo de cura, faça-se outro mais efficaz, dando à enferma xaropes accommodados, advertindo, que naõ se lhe dè o defumaria, nem outra cousa muyto amargosa. E de-selhe purga que evacue roborando, v. g. *Confeyção hamec simplez meya onça, ruybarbo feyto em pó dous escropulos; mirabolanos chebulos feytos em pò, hum escropulo; açucar o*

que baste para bocados, & se os naõ puder engulir, tomeos desfeytos em caldo de gallinha. E depois de evacuado o corpo, lhe dèm as unturas hum pouco mais fortes que as que agora dissémos (attento porèm) de modo que cuspa moderadamente, porque não se haõ de temer tanto, como os medicamentos purgantes, visto naõ moverem taõ repentinamente os humores, nem por regiaõ taõ proxima à madre, & assim experimentou Massa serem proveytosas às mulheres prenhes, ou se lhe dèm suores de salsa, ou páo.

ANNOTAÇOENS.

NAõ se lhe darà purga. *As mulheres prenhadas, que puderem passar toda a gestação para se curarem, depois do parto farão a sua cura sem o susto de perderem o ventre, & ficarão mais bem curadas, porque se usarão os remedios convenientes, sem o obstaculo da prenhez. Porèm as que estiverem com queyxa que naõ permitta dilação, he preciso tratarem logo de seu remedio. E se se entender que o gallico està em graduação que possaõ modificar-se os seus danos com medicamentos leves, bastarà que usem de cozimentos de salsa pào santo, & raiz da China, repetindo-os muytos dias; ou que tomem a agua de Paulo Milio, cuja descripção fica no* Capitulo XIV. *desta obra; ou que se valhaõ de outro medicamento semelhante, dos muytos que se acharão no dito Capitulo. Mas se as doentes estiverem tão altamente gallicadas, & se padecerem taes queyxas, que não hajão de ceder a remedios desta classe, bem podemos entrar a curalas com unturas de azougue, que nòs o temos feyto algumas vezes com felicissimos successos, preparando-as primeyro com medicamentos purgantes, sem embargo de dizer o Author, que se não purguem as mulheres pejadas, pelo perigo de perderem os ventres, razão porque Hippocrates, & Galeno prohibirão as purgas nas gestantes, concedendo-as sòmente do quarto atè o setimo mez em caso de turgencia; porque cada dia se estaõ purgando sem precipicio da prole; & se Galleno, & Hippocrates negàrão as purgas às prenhadas, foy por não haver no seu tempo medicamentos benignos com que se purgassem, como hoje ha. Pódem logo purgarse com xarope aureo, com mercurio Calomelanos, com manà com os pòs de Cornachino, com os trociscos de Fioravanto, ou com quaesquer outros medicamentos benignos dos muytos que a Pharmaceutica ministra.*

Sangria. *Tambem as prenhadas se pòdem preparar com sangrias para a cura do azougue; porque ellas ordinariamente as sofrem sem dano do ventre, & entendemos nòs que rarissimas vezes succederà que as mulheres prenhadas percaõ os ventres por falta de sangue, dictame em que nos tem confirmado as muytas experiencias que temos visto de mulheres pejadas, que tomando em varios meses da gestaçaõ repetidas sangrias nos pès, & nos braços, conservàraõ os fetos, atè os excluirem felizmente no tempo do parto natural.*

Unturas de azougue naõ convem. *Engana-se o Author em cuydar que naõ convem unturas de azougue nas prenhadas, porque nòs as temos usado nellas com faustissimos successos. Haõ de fazer-se brandas as unturas, ainda que se repitaõ mais vezes. E não só as unturas, mas o mercurio tomado pela boca temos dado a mulheres prenhes, que estavaõ a perigo de perder os ventres com os symptomas gallicos que padecião, com que se curarão sem lesão da prole. Veja-se a* Observaçaõ XV. *&* XVI. do Tratado *que escrevemos do uso do azougue nos casos prohibidos. Naõ ha remedio que se naõ possa usar nas prenhadas; administrando-se com prudencia. Nas prenhadas se prohibem as purgas, & ellas as estão tomando cada dia sem lesaõ da prole. Nas prenhadas se prohibem as sangrias de pès, que nellas se estão fazendo sem injuria do ventre. Prohibem-se*

hibem-se os vomitorios nas prenhadas, & nòs lhos temos dado muytas vezes sem dano dos fetos. Assim tambem na cura do azougue, que nas gestantes he prohibida, fazendo-se com cautela, & com prudencia, curão-se os achaques para que se applica, sem se reconhecer incommodo grave do seu uso, do que puderamos referir muytas experiencias.

CAPITULO L.

Como se curarà o menino que padece morbo gallico.

Numero 1.

CONtra-hese o morbo gallico dos meninos, ou dos principios da geraçaõ no ventre de suas mãys, ou das amas, que os criaõ, ou de tratarem com pessoas infectas. E huns saõ de mama, outros naõ usaõ jà della, &. a cada hum delles convem diverso modo de cura.

Numero 2.
Cura dos meninos de mama.

AOs meninos de mama se ha de ordenar a cura, principalmente no leyte, porque como naõ saõ capazes de tomar pela boca medicamento sufficiente, he necessario que no leyte, que mamarem, và a virtude delle, como jà fazia Hippocrates 6. epid. sect. 5. text. 35. quando para os purgar dava hum medicamento purgante à ama, & deste modo succedia purgar tambem a criança. E por tanto deve a ama beber agua de salsa parrilha, & se estiver gallicada busque-se outra que o naõ esteja, como o encomenda Mercado, & quando naõ possa ser (porque muytas vezes as crianças naõ querem tomar o peyto de outra) he necessario que se sangre, & tome xaropes accommodados, & se purgue, & depois disso tome suores da mesma salsa, ou páo, & quando os naõ possa tomar, dem-lhe apozemas de salsa, conservas, ou talhadas della, de cujas receytas temos dado muytos exemplos em seus Capitulos particulares. E se a ama ainda não tiver gallico confirmado, & for mulher sã (como se deve eleger) tratar-se-ha grandemente de a preservar, para que da criança se lhe naõ pegue. E para isso antes de lhe dar de mamar quinze dias, ou vinte, ou pelo menos dez, *beberà agua de salsa, ou páo, & tomarà xarope dos mesmos*, segundo ordena Alfonso Ferreo, cozendo-os pela ordem em que se fazem para suar, tomando-os de pè sem se meter em suores, como agora, *salsa parrilha duas onças, ou onça & meya, lance-se de molho hũa noyte em tres canadas, & depois ferva na mesma, atè que se gastem as duas, & và tomando manhã, & tarde mais de meyo quartilho de cada vez, & faça-se segundo cozimento da mesma, em sinco canadas, que se gaste huma, que beba de ordinario.* Os mesmos cozimentos se pódem tambem fazer *de guayacão, páo santo, ou da China*, conforme se diz em seus Capitulos. E passados dez, ou vinte dias ficarà bastantemente prevenida para poder criar o menino sem se lhe pegar o contagio, pois he certo que os alexipharmacos tomados na saude preservaõ da offensa, que póde fazer qualquer veneno, cujo exemplo he o celebre de Mithridates das historias, que a si mesmo se naõ póde matar com veneno, por se ter preservado com os alexipharmacos.

Depois que começar a criar, para que o contagio se naõ pegue ao peyto, antes de o dar à criança, o lave com medicamento adstringente que o corrobore, & aperte os póros, segundo manda Mercado, & o traslada de Palmario, *como*

agua de tanchagem, roſada, de pès de roſas, de murta, ou cozimento das meſmas couſas, ou vinho de ſua natureza ſtyptico, ou feyto por arte, cozendo-o com roſas, murta, maçãs de cypreſte balauſtias, caſcas de romãs, ſumagre, & ſemelhantes, & acabado de dar de mamar o lave com algum licor abſterſivo, que tenha virtude de alimpar o contagio, *como agua mel, agua açucarada, decoada de cinza*, que he mais efficaz que tudo, & ſe houver alguma deſtemperança quente lave com cozimento *de cevada, ou de favas, & açucar commum, ou roſado desfeyto nelle, & qualquer deſtes ſe applicarà morno.* A qual preſervaçaõ he neceſſaria principalmente ſe a criança tiver chagas na boca, de q̃ he mais facil contrahirſe o contagio, & por tanto ſe tenha tambem cura dellas, lavandolhas com algum abſtergente: & deſſecante, em que naõ haja perigo, como encomenda Juliano. E em todos os cozimentos, com que ſe ha de lavar o peyto da ama, & a boca da criança, ſe miſture *pào, ou ſalſa, ou ambos.*

E continue a ama com os ſobreditos xaropes, & agua de ſalſa, ou páo, & tome por intervallos huma vez, ou duas na ſemana, conforme a neceſſidade, & forças do menino, algum medicamento purgativo leve, *como quatro onças de xarope de Rey desfeytas em huma pouca de agua de ſalſa para beber de huma vez, ou lance duas oytavas de ſene em dous quartilhos da dita agua da ſalſa, que beba de ordinario, que fique nella huma noyte, & ao outro dia a và bebendo quando houver ſede*, por todo o dia ao comer, & fóra delle, porque aſſim lhe provocarà alguns curſos, & à criança.

Alèm do que o menino mama no leyte, tambem pela boca ſe lhe daràõ os alexipharmacos, que puder levar, como agora fazendolhe papas na agua da ſalſa, ſegũdo ordena Mercado, ora na ordinaria de que a ama bebe, ora no xarope forte, & depois que o menino beber não lhe dem outra agua mais que a dita da ama. E ſendo neceſſario fazerlhe algũa evacuaçaõ, demlhe hũas colherſinhas de xarope Rey, principalmente ſe o menino jà paſſar de anno, ou de xarope de nove infuſoens de violas, & roſas Alexandrinas miſturadas, que jà dey a meninos naſcidos de quinze dias com feliz ſucceſſo, dandolhe a poucos colherſinhas delles, de modo que viria a ſer cada dia a terça, ou quarta parte de huma onça, com que os livrey de gotta coral, & de outros males perigoſos: *Ou lancem açucar roſado de Alexandria, & conſerva de violas, ou os xaropes dos meſmos em agua da fonte, & della lhe vão dando a beber*, como em ſemelhante caſo fez Amato Luſitano. Porèm na exhibiçaõ dos medicamentos purgativos ſe và muyto attento com os meninos, & ſe eſcuſem o mais que for poſſivel os catharticos, & ſe fuja dos violentos. E ſe naõ baſtar o que eſtà dito, recorrer-ſeha ao azougue, como abayxo dirèmos.

Numero 3.

Cura dos meninos que jà não mamão.

TRabalhoſamente ſe pódem curar eſtes meninos, porque não querem admittir medicamentos pela boca, & com difficuldade ſe enganaõ, pelo que convem ordenarlhos muyto ſuaves, & aſſim ſe devem purgar, lançandolhe na agua que beberem ſem que o ſaybão *açucar roſado de Alexandria, ou xarope do meſmo, & de nove infuſoens de violas.* E ſendo menino de quatro, ou ſinco annos para cima, lancem-lhe na agua *folhas de ſene, ou xarope de Rey.* E iſto ſe lhe dè por intervallos huma, ou duas vezes na ſemana, ou o que parecer neceſſario, conforme a neceſſidade, & forças. E primeyro que o purguem lhe dem alguma ſangria, ſe as forças o permittirem; & naõ tratem de o enfaſtiar com

xaropes

xaropes preparantes, mas sem elles se lhe dem os ditos medicamentos purgativos, *ou se lhe dem em lugar de xaropes limas, ou laranjas doces, ou colheres de calda de açucar rosado, ou de conserva de ginjas, ou de semelhante cousa, que com facilidade tome.* E depois de feita alguma evacuaçaõ, ou ainda que a não haja, lhe dem *agua cozida com salsa, huma oytava della, ou meya de páo da China* (porque o santo, & guayacão he muy ascoso para os meninos) *em duas canadas que se gaste meya, & se for amigo de doces, misturem ao cozer alcaçùz*, & lha adócem com açucar, ou mel, se for pituitoso, & tempo frio. E se admittir algum cozimento mais forte, cozaõ huma onça em seis quartilhos, que se gastem quatro, & adocemlho com assucar, ou mel, como està dito. E para que estes cozimentos sejaõ menos ascosos, se façaõ em vaso dobrado, a que chamaõ *Balneo Mariæ*, de que jà tratàmos em seu lugar, segundo adverte Alfonso Ferreo, & Mercado, & ao cozer da gallinha, ou qualquer outra carne, que haja de comer, *misturem salsa, ou páo da China*, de modo que em tudo o que comer, & bebèr, entre a virtude destes alexipharmacos.

Lib. 2. de morb. gal. cap. 6
Lib. 1. de morb. gal. cap. 10. & 13.

Ordenemlhe tambem humas aguas destilladas nesta fórma. *Tomem onça; & meya de salsa parrilha, meya onça de páo da China, huma onça de cevada, duas onças de passas de uvas, meya onça de alcaçùz, huma duzia de maçãs da nafega, tres onças de açucar rosado de comer, quatro onças de açucar rosado de Alexandria, duas onças de conserva de violas, duas de conserva de flór de borragens, & duas de conserva de flor de lingua de vaca, meya onça de cascas de mirabolanos citrinos, meya onça de chebulos; tres oytavas de hermodactilos, duas oytavas de carthamo, huma oytava de canella, meya de espica, hum frangão depenado, & limpo de tudo se faça cozimento secundùm artem em tres canadas, que fique huma, & depois se meta com todos os materiaes sem se coarem em alambique de vidro, & se distille em outro. E desta agua se và dando ao menino manhã, & tarde, sendo de dous annos huma onça de cada vez, & sendo de mais idade, duas, ou tres, conforme ella o permittir.* E querendo-a mais doce, se lhe lance assucar naquella quantidade, que lhe houverem de dar.

Tambem o sobredito cozimento se poderà coar, & fazer delle xarope, pondo-o em ponto com tres arrates de açucar, & dar ao menino mea, ou huma onça, ou duas delle, ou às colheres, ou delido com a mesma agua de salsa, ou lançando-lhe na agua que houver de beber, se o naõ quizer tomar de outro modo, para que a poucos o tome. A' imitação desta agua destillada, & xarope poderà cada hum ordenar outros, conforme lhe parecer, advertindo sempre que seja suave de tomar, & que os medicamentos purgativos sejaõ benignos. E se for menino jà de idade de oyto annos acima, póde-selhe ordenar alguns suoresinhos leves, segundo Juliano Palmario.

Loc. cit.

E porque muytas vezes naõ ha traça, nem engano para que o menino tome medicamento algum pela boca, he necessario que recorramos à cura do azougue, que por fóra se applica, o qual posto que de si he medicamento violento, com tudo em taõ pouca quantidade se pòde applicar, que sem violencia alguma, posto que em tempo mais comprido, faça a cura perfeyta, porque os medicamentos applicados em menos quantidade naõ produzem todos os graos, que sua faculdade póde, pois nem o mesmo fogo, se a quantidade he muy pequena (como a centessima parte de huma faisca) queyma, como diz Galeno.

Lib. 3. simpc. 21.

E por tanto Nicolao Massa, Leonardo Botallo, Eustachio Rudio, Mercado, Ambrosio Pareu, Fabio Pacio, & outros graves Authores naõ temem untar os meninos gallicados com ounguento de Mercurio. A qual cura acaso se descobrio, porque curando-se certa mulher de morbo gallico com o dito unguento,

Lib. de morb. gal. trat. 4. c. 1. in fin.

Lib. de morb. gal. c. 20. 5. de morb. ven. c. 5. 1. de mor. gal. c. 1. n. 11. n. ſed inter omnes L. 18. c. 20. L. prop. Loc. cit.

& compadecendo-ſe do menino que criava o untou tambem com elle, ſem licença do Medico, & vendo depois ao menino ſaõ, ficando eſpantados, deſcobrio ella o attrevimento, que commettera, & ſervio de exemplo, que dahi por diante ſe applicaſ-ſe a outros, poſto que foſſem de mama, com feliz ſucceſſo, porque deſſa idade curou Rudio a hum filho do Principe de Ovia, untando-o duas vezes. E ſe Juliano Palmario, & outros entenderaõ eſte modo de cura, não deyxàraõ morrer muytos que naõ quizeraõ admittir do páo, & da ſalſa.

A quantidade, que ſe lhe ha de dar, diz Euſtachio Rúdio, que ſeja em cada junta tamanho como huma lentilha. Porèm naõ pòde haver quantidade certa, porque ſe deve variar conforme a idade, & compleyção do menino, a quantidade de azougue, que entra no unguento. Porque ſendo de mama, menos que a quantidade de huma lentilha baſta, para cada junta do unguento que ſe ordena aos cholericos, paſſando de dous annos ſerà mayor a quantidade, & ſendo de ſeis, ou ſete, jà ſerà mayor hum pouco, v. g. huma oytava que ſe repartirà em doze partes para as doze juntas. E aſſim ſe irà ordenando, conforme aos annos, peccando antes por pouco, que por muyto, advertindo ſempre que qualquer veſtigio, que ſe conheça de chagar a boca, ſe pare logo com a untura, como encomenda Botallo, & Pareu, & ſe naõ torne a applicar atè que naõ ſare, porque offendendo-ſe a boca, naõ querem os meninos mamar, nem comer, & poderàõ morrer de fraqueza. E por tanto he neceſſario que eſta cura ſe faça com grão cautella. Alèm de que eſta idade por ſer muy calida, & humida ſe reſolve grandemente conforme Galeno, & facilmente recebe a operaçaõ dos medicamentos, & aſſim fica mais ſugeyta à noxia do azougue. Porèm fazendo eſta cura com a devida cautella, he o ſucceſſo, como de milagre.

Lib. de morb. gal. c. 20. loc. cit. 9. me. ult. Lib. 18. c. 30.

Em lugar dos unguentos de azougue ſe pòdem applicar os fumos dò Cynabrio, de que acima tratamos em ſeu Capitulo, não defumando o menino nelles, porque ſaõ deſte modo muy violentos, mas defumando com Cynabrio os panos, em que o menino ſe envolve, ſegundo enſina Pareu, & com muyta ſuavidade ſe lhe pòdem dar os pòs de azougue precipitado branco, dando aos de dous annos pezo de hum grão cada dia, aos de tres, ou quatro de dous, ou de tres, & dahi para cima accrecentado a quantidade dos pòs, conforme a idade, & forças, & he eſta cura muy boa, como jà moſtrou a experiencia em hum menino de tres annos, ao qual naõ querendo tomar couſa alguma purgativa, ſe deo a oytava parte de huma oytava de jalapa miſturada com pòs de aſſucar, com que purgou muyto bem, & dandolhe depois dous grãos dos ditos pòs, & repetindolhos ſinco, ou ſeis dias, ſarou perfeytamente.

E adverte Mercado que naõ nos contentemos com qualquer melhoria que nos meninos haja, mas que ſe và com a cura por diante atè ſegurar da recahida, & aſſim ordena Palmario que ſe continue tres, ou quatro mezes, entende fazendo-ſe com o páo, ou ſalſa, porque com azougue breve tempo baſta.

Note-ſe finalmente que alguns meninos naſcem ao parecer ſaõs de pays gallicados, & depois em certa idade vem a morrer muytas vezes de affectos conhecidamente gallicos, em outros naõ he taõ patente, mas com tudo procedem de mà qualidade. He pois neceſſario, que eſtes ſe preſervem, quando virmos que os irmãos morrèraõ deſte mal, curando-os com os meſmos medicamentos, que neſte Capitulo eſtão ditos, purgando-os, & dandolhe a ſalſa, páo, ou azougue, que ſaõ os alexipharmacos deſta enfermidade.

ANNOTAÇOENS.

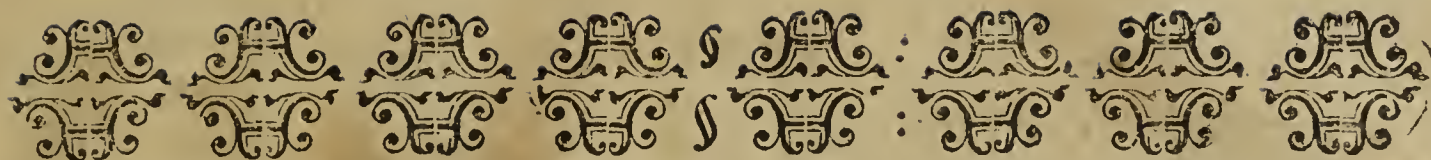
Numero 3.

AZougue que por fóra se applica. *Parecerà cura muy violenta a das unturas nos meninos, a quem não tiver uso della; mas nòs lhe seguramos, que fazendo-se com prudencia, como o Author insinua, que a acharão, sobre efficacissima, suave. Nòs temos curado alguns meninos lactantes com unturas, cujos casos puderamos referir, se entendessemos, que a narração delles persuadiria mais do que as nossas asseverações. Jà no Tratado que escrevemos do uso do azougue propalamos o caso de hum menino de nove mezes curado com unturas; agora accrescentàmos, que depois de sahir a luz aquelle Tratado, curàmos hum menino de sinco mezes, outro de onze, & outro de anno & meyo, todos com unturas; & se se nos offerecessem de menos idade, não teriamos duvida em lhe administrar a mesma cura: porque nem os meninos são capazes de outra, que haja de curalos, pela difficuldade com que tomão os remedios: nem esta deyxa de se fazer felizmente, sabendo applicala com arte, & com brandura.*

Azougue precipitado branco. *Do mesmo modo usamos nos meninos de mercurio tomado pela boca, dandolho em humas colheres do leyte que mamaõ, assim como se lhe dà para matar as lombrigas; & jà no Tratado que acima allegamos se acharà o caso de huma menina de tres mezes curada de gallico em dez dias com mercurio doce, que tomou na quantidade de tres grãos cada dia. E de qualquer destes modos se curaõ muyto bem os meninos gallicados, nos quaes nunca usamos dos fumos de cinabrio, que o Author aconselha, porque achamos no azougue mais suave, & efficaz remedio.*

Que estes se preservem. *Os meninos que forem filhos de pays gallicados, necessitaõ de remedios logo que nascem, para se preservarem dos danos que lhe póde causar o contagio; para o que se lhe daraõ em trinta dias continuos duas colheres do xarope seguinte:*

Tomem meya onça de raiz de salsa parrilha, tres oytavas de raiz da China; cozaõ-se em tres quartilhos de agua, atè gastar hum; entaõ coe-se, & ajuntemlhe sinco onças de çumo de rosas, & de mel quanto baste, para que dando mais hũa fervura, fique na consistencia como de mel rosado.

F I M.

DISSERTAÇAÕ UNICA

DOS HUMORES NATURAES DO CORPO HUMANO.

Escrita pelo Doutor

FRANCISCO DA FONSECA HENRIQUES
Natural de Mirandella,
MEDICO DO SERENISSIMO REY DE PORTUGAL
DOM JOAÕ V.

ANTELOQUIO.

INcomprehensiveis saõ as obras de Deos; poderá indagalas o entendimento humano, mas nunca cabalmente comprehende-las. Sabemos que no breve termo de huma semana creou a Omnipotencia Divina a grande maquina do Universo; mas naõ chegamos a alcançar a essencia das cousas de que se compoem fabrica taõ suprema. Sabemos que ha Ceos, & duvidamos do seu numero, & natureza. Sabemos, que ha terra, & naõ chegamos a investigar as qualidades das suas producçoens. Vemos que ha agua, & ignoramos a causa dos seus movimentos. E até em nós mesmos, nem sabemos bem as partes de que nos compomos, nem os humores de que nos nutrimos. Ninguem duvida, que ha humores no corpo humano; mas quantos, quaes sejaõ, & para que usos sirvaõ, ainda ninguem o soube sem controversia. Este he todo o objecto da presente Dissertaçaõ: mostrar quantos humores ha no corpo humano; dizer qual seja a sua natureza; & insinuar ultimamente os usos para que servem. Vamos ao intento.

CAPITUO UNICO.

Do numero dos Humores que ha no corpo humano, quaes sejaõ, & para que usos sirvaõ.

ARTICULO I.

Que cousa seja Humor?

1. HUmor em seu generico significado, toma-se por toda a cousa humida, & fluida, em cujo sentido chamou Virgilio 1. humor ao vinho, quando disse:

1. Georg.

Aut dulcis musti, Vulcano decoquit humorem.

Chama-se humor tudo o que he liquido, deduzindo o nome da palavra *humus*, que quer dizer terra, pelas aguas, & humores que nella se achaõ: *Humor ab humus fit, quia aquæ terris inclusæ sunt*, diz Calepino. Porém o uso tem feito,

 que

que só por humores se entendaõ os humores do corpo, & que as mais cousas fluidas, & humidas se chamem licores. Nós na presente Dissertaçaõ tratarêmos sómente dos humores naturaes, que se achaõ no corpo humano, dos quaes depende a sua boa nutriçaõ, & symmetria.

2. 1.1.doct. 4.1.

2. Avicena, 2. & com elle toda a Antiguidade, definio o humor, dizendo, que era hum corpo humido, fluido, em que o chylo se convertia: *Humor est corpus humidum, fluidum, in quod in primis nutriens convertitur.* Esta definiçaõ teve varias contradiçoens; porque a cholera, & melancholia saõ humores à prædominios secos, & parece, que se naõ devem chamar corpos humidos; razaõ porque Bravo Ramires 3. disse, que o humor era hum corpo liquido, em que o chylo se transmutava. Mas estas objecções tem facil reposta, dizendo com Ponce, 4. que bem póde hum corpo ser fluido, & humido como a agua, & ser potencialmente seco, como he o vinho, & a agua do mar, & de caldas sulphureas, que tendo actual humidade, ainda tem mayor virtude exsicante; & para a razaõ de humor, basta, que haja actual humidade, & que seja huma substancia madefactiva, ainda que nella predomine outra virtude contraria. Francisco Henriques de Villacorta 5. diz em favor de Avicena, que o mesmo he humido, que fluido; o que quer persuadir com Aristoteles 6. nas seguintes palavras: *Humidum est quod continetur benè termino alieno, malè verò proprio, & è contrario siccum.* E que o dizer Avicena, que o humor era corpo humido, foy o mesmo, que dizer, que era fluido. Porém se este fora o sentido de Avicena, naõ diria, que o humor era hum corpo humido, & fluido; ou fallaria só na humidade, ou o definiria, só pela fluxibilidade. E como quer que seja, por outra razaõ nos naõ parece bem esta definiçaõ de Avicena; porque diz, que o humor he hum corpo humido em que se converte o chylo; & isto foy o mesmo, que dizer, que o humor era sangue: porque o chylo em sangue he que se converte. E se Avicena entendeo, que o chylo se convertia, naõ só em sangue, mas em fleuma, cholera, & melancholia, como erradamente cuidou toda a Antiguidade: definio o humor pelos humores, sem lhe exprimir a fórma, & natureza; como se dissera Avicena, que o humor era sangue, fleuma, cholera, & melancholia, em que a seu entender o chylo se converte. Além de que esta definiçaõ parece, que tambem compete ao chylo, porque he hum corpo humido, & fluido como os mais humores, & sem razaõ o excluio Avicena na sua definiçaõ. Muito melhor se definem logo os humores naturaes, dizendo, que saõ huns corpos fluidos, com actual humidade, de alguns dos quaes depende a nutriçaõ, & de todos a recta economia, & symmetria do corpo, como adiante mostraremos.

3. Part. 1. resol. disp. 5.

4. Opusc. de hum. c. 1.

5. Tract. de hum. c. 1.

6. 4. met. 1.

ARTICULO II.
Do numero, & geraçaõ dos humores.

§. I.
Refere-se, & refuta-se a opiniaõ dos Antigos.

1. HUma quaterniaõ de humores naturaes disseraõ os Antigos que havia no corpo humano: Sangue, Fleuma, Cholera, & Melancholia, os quaes gerava o figado, que suppozeraõ author da sanguificaçaõ; & tinhaõ nas qualidades sua correspondencia com os quatro elementos: o Sangue com o Ar, a Fleuma com a agua; a Cholera com o Fogo; & com a Terra a Melancholia. Cada hum destes humores crecia, & predominava em diversos tempos

pos do anno: o Sangue na Primavera; a Cholera no Estio; a Melancholia no Outono; & a Fleuma no Inverno. De maneyra, que entendeo Galeno, a quem seguio toda a Antiguidade, que do chylo, que he o alimento já cozido, ou commutado no estomago, gerava o figado a hum mesmo tempo estes humores, taõ differentes na cor, na textura, & nas qualidades, que o sangue, he vermelho, quente, & humido, & de mediana consistencia; a cholera he flava, quente, & seca, & tenue; a fleuma, he branca, fria, & humida, & crassa; a melancholia, he negra, fria, & seca, & terrestre. Accrescentando mais, que estes humores debaixo da fórma de sangue se distribuiaõ pelas veas, & arterias ao corpo todo para nutriçaõ sua; entendendo, que a massa sanguinaria era hum aggregado de taes humores, na qual estavaõ de tal maneyra juntos, que se podiaõ separar huns dos outros, ou por obra da natureza, ou por virtude selectiva dos medicamentos catharticos.

2. Mas a quem naõ parecerá quimerica, & fabulosa esta sonhada geraçaõ dos humores? Quem haverá que crea, que havendo quatro humores no corpo humano, taõ differentes em tudo, como temos dito, se gerem todos juntos com huma mesma acçaõ de sanguificar, resultando de huma só materia, ainda que com partes heterogeneas, & diversas, geraçoens taõ dissemelhantes? Esta opiniaõ, que em toda a Antiguidade foy bem recebida, convence-se de falsa, além de outras razões, com a certeza de que o figado naõ gèra humores, nem he author da sanguificaçaõ, cousa já taõ establecida entre os Modernos, que Thomás Bartholino fez publicas exequias ao figado, depondo-o em teatros publicos da dignidade de sanguificar, deyxando-lhe o uso de depurar o sangue quando por elle circula, separando a cholera pelo ducto biliario para a bexiga do fel; por mais que a favor do figado nervosamente se empenhou seu acerrimo protector Ludovico Bilsio, cuja opiniaõ reprovou Ruysch no *Tratado das valvulas dos vasos lymphaticos*, & Jacob Henriques Pauli, na *Anatomia Bilsiana*; porque he cousa já sem controversia establecida, que o alimento depois de cozido, ou commutado no estomago, passa pelas veas lacteas ao ducto thoracico de Pecqueto, & deste às veas, aonde se confunde com o sangue, & circulando, & fermentando-se com elle, vem a tomar a sua fórma, & natureza, sem que o figado intervenha neste negocio; ficando claro, que naõ ha nas veas mais humores que o sangue, o qual pelas qualidades do alimento, & pela intensaõ, ou remissaõ do calor, humas vezes será mais, ou menos cholerico, mais, ou menos fleumatico, mais, ou menos melancholico, mas sempre hum só humor, sem a companhia de tantos humores, de que quizeraõ se compuzesse a massa sanguinaria, como expressamente disse Thomás Uvillis 1. nas seguintes palavras: *Est etenim sanguis revera humor unicus, nec alius circa viscera, & alius in habitu corporis; nec alio tempore movetur pituita, & alio bilis, aut melancholia, uti vulgo asseritur, sed liquor in vasis effervescens solummodò sanguis est; & ubicumque loti per singulas corporis partes defertur; usque idem est, & sui similis; quoniam verò in aliquibus, ob caloris insiti abundantiam, & propter ejusdem penuriam, alimenti coctio, & in visceribus, & in vasis modò intensiùs modò remissùs peragitur: ideò sanguinis, licèt unici, & ejusdem sẽper liquoris. tẽperies diversa existit: & juxta variã hujus crassin dici potest, quòd homines sint biliosi, melancholici, aut alius temperamẽti.* O mesmo proferio Ettmullero, 2. quando escreveo estas palavras: *Falsum ergo est ex quatuor humoribus omnino inter se differentibus sanguine propriè sic dicto, pituita, bile, & melancholia, quibus alii serum, tamquam cõmune vehiculum addiderunt, quatuor elementis, & quatuor qualitatibus primis, & quatuor temperamentis analogis constare sanguinem, ut Galenici*

1. Lib. de febr. 1.

2. Tom. 1. fol. mihi 106.

 dicunt,

dicunt, dum liquorem flavescentem pro bile, obscurum verò pro melancholia habent. Veja-se o que sobre este particular escreveo Carlos Musitano no Capitulo III. da sua Pyretologia.

§. II.

Propoem-se a opiniaõ dos Modernos.

3. ESta he huma das cousas em que vemos verificada aquella sentença de Seneca, 3. quando disse, que haveria seculo em que os vendouros se admirassem de ignorarem os Antigos muytas cousas, que à luz do tempo se vissem claras, & manifestas: *Veniet tempus quo posteri nostri tam aperta nos nescisse mirentur. Venit tempus, quo ista, quæ nunc latent, in lucem dies extrahit.* Tivèraõ para si Hippocrates, Galeno, Avicena, & depois delles os Professores dos passados seculos, que no corpo humano havia os quatro humores de que se compunha a massa sanguinaria; & duvidavão então, se estavaõ nella formal, se virtualmente; disputavaõ se os taes humores se faziaõ necessariamente da materia chylosa; se se geravaõ todos no figado, & como se faziaõ estas gerações; se se podia o sangue gerar tambem nas veas, se a fleuma se transmutava em sangue; se o corpo se nutria de todos os humores, se sómente do sangue; & controvertiaõ escuramẽte outras muitas duvidas, as quaes todas se desvaneceraõ com o pequeno phenomeno de Pecqueto, porque constou, que o alimento depois de cozido, ou commutado no estomago, passava pelos vasos lacteos a confundir-se com o sangue nas veas, aonde toma a sua fórma, & natureza sem que o figado intervenha nesta sanguificaçaõ, de tal sorte, que fóra das contendas dos Antigos, vieraõ a alcançar, & a conhecer os Modernos, que naõ havia mais humores naturaes que o sangue, de que o corpo se nutrisse; disseraõ, que o chylo se convertia em sangue nas veas, & que este hũas vezes seria cholerico, pelo excesso das partes oleosas, & sulphureas, outras vezes fleumatico pelas muitas partes aqueas, & serosas; outras vezes melancholico pelas partes acidas, & salinas; porém sempre hum só humor, sempre sangue com este, ou aquelle predominio, sem o aggregado de outros humores. Isto que se ignorou em tantos seculos, está hoje pela indigaçaõ dos Modernos taõ claro, manifesto, que he de todos sem duvida recebido. De maneira, que naõ ha mais que chylo, & sangne; o chylo he o alimento já cozido, ou commutado no estomago; o sangue, he o chylo já cozido, ou commutado nas veas; do chylo se faz o sangue, & do sangue se nutre o corpo, communicando-se a todas as suas partes pelo movimento da circulaçaõ.

3. Quæst. nat. 7.25.

§. III.

Propala-se a nossa opiniaõ.

4. POrèm ainda que reprovamos aquella quimerica quaterniaõ de humores, que os Antigos considéraraõ no corpo humano: entendemos, que na nelle mais humores naturaes, do que chylo, & sangue; & assim dizemos, que ha seis humores no corpo necessarios para boa nutriçaõ, & recta economia delle. Estes saõ: o Chylo, o Sangue, a Lympha, a Cholera, o Succo Pancreatico, & o Succo nervoso. Todos estes saõ humores: porque saõ huns corpos humidos, & fluidos; & todos humores naturaes: porque naturalmente conduzem para conservaçaõ do individuo. Destes huns servem para nutrir o corpo, outros para se fazerem bem as operaçoens de que depende a sua symmetria. Os que nutrem he o sangue, & o succo nervoso. Os mais tem differentes usos,

usos, de que daremos noticia, fallando particularmente de cada hum delles, Comecemos pelo Chylo.

ARTICULO III.
Do Chylo.

Que cousa seja Chylo, como se faça, & para que usos sirva?

1. CHylo he hum licor branco, mais crasso, que o leite, no qual se transmuta o alimento depoys de cozido, ou fermentado no estomago. He a materia primeyra de todos os mais humores do corpo, porque immediatamente se gèra dos alimentos, que comemos; naõ porque o estomago com o seu calor os coza, como cuidaraõ os Antigos, mas porque os commuta com o seu acido fermentativo, ou com o seu fermento azedo, que he hum licor acido, que de si lançaõ as glandulas da tunica interior do estomago; o qual licor he o acido esurino, que excita a fome; he o menstruo, que dissolve os alimentos, & he o fermento, que os commuta em huma substancia branca, pultacea, a que chamaõ Chylo. Este acido he aquelle espirito dos Hermeticos, a que chamaraõ espirito esurino, famelico, voraz, & dissolvente; porque em poucas horas dissolve os alimentos mais duros, assim como a agua regia, & outros licores feitos de varios saes dissolvem com facilidade pedras durissimas, & os metaes, que o alcaest, & fogo mais forte naõ pódem dissolver em muito tempo. Este he o que no Avestrus digere o ferro, nos caens os ossos, & nas aves as pedras. E este he finalmente o menstruo que no estomago dissolve os alimentos, o que os fermenta, & o que por meyo da fermentaçaõ os commuta na materia chylosa, ou chylo, de que fallamos, o que se faz da maneira seguinte: Depois que os alimentos decem ao estomago, entra a incindilos, a penetralos, & a dissolvelos ao seu acido, até os deyxar attenuados, & liquidos; & porque nos alimentos ha saes volateys, & alcalicos: excitados estes com as partes acidas do fermento, nasce entre elles hum movimento, ou fermentaçaõ intestina com que o chylo se volatiliza, & se vay aperfeiçoando, o que se acaba de fazer quando passa do estomago ao intestino duodeno, aonde com o occurso do succo pancreatico, azedo, & do humor biliosо, alcalino, se excita hũa nova fermentaçaõ, em que o chylo se depura, precipitando-se às partes crassas aos intestinos, para se evacuarem pelo ventre, ficando o chylo taõ liquido, & tenue, que possa penetrar pela angustia das veas lacteas a confundir-se com o sangue nas veas, até tomar a sua fórma, & natureza, levando comsigo do instentino duodeno alguma porçaõ de cholera, que conduz muyto para mais facilmente receber a tintura do sangue. Donde se vé, que o acido estomachal he o que dissolve os alimentos, o que os fermenta, & o que os commuta em chylo. Dissolveos, attenuando-os, & liquefazendo-os com as suas partes acidas; fermenta-os com as mesmas partes, que nelles ficaõ depoys de dissolutos: porque como saõ azedas, ajuntando-se com as partes alcalinas, & lixiviaes dos alimentos, excitaõ huma fermentaçaõ, na qual se precipitaõ as suas partes pinguedinosas, & sulphureas, de que resulta a cor branca do chylo, como disse Ettmullero: 1. *Chylus est candidus, quia oritur ex subjectis oleosis fermentando ab acido exclusis*; porque as partes oleosas, & sulphureas saõ as que tingem os humores, & precipitando-se na fermentaçaõ do alimento, vem a ficar o chylo branco por defeyto das ditas partes. Veja-se Mangeto no tomo 1. da Biblioteca Anatomica, fol. 197 §. Hæc, &c. No que toca ao sabor do chylo, differaõ

1. Collég. consult. p. 1341.

alguns, que era azedo em quanto estava no estomago, & salgado passando aos intestinos, porque na cholera, que nelles se lhe communica recebe algumas partes alcalinas, & salgadas. Outros observáraõ, que o chylo naõ era azedo; outros que era doce. E o certo he, que em huns será hum pouco azedo, em outros hum pouco salgado, por serem mais, ou menos activas as partes acidas do fermẽto do estomago, ou as partes salinas do humor bilioso, que na depuraçaõ do chylo no intestino duodeno se lhe communica. Veja-se Moebio *nos Fundamentos Physiologicos*, *fol.* 193.

2. No uso do chylo se duvida, se o estomago se nutre delle? Huns negaõ; outros affirmaõ, todos com Galeno, do que se póde ver Plempio, 2. que segue huma, & outra parte. Os que dizem que o estomago se nutre do chylo, fundaõ-se em que a fome cessa com os alimentos que comemos, o que naõ succederia se o estomago se naõ nutrisse delle. Os que negaõ esta nutriçaõ, fundaõ-se em que no estomago ha muytas veas, pelas quaes se nutra do sangue, que por ellas circula, assim como se nutrem as mais partes do corpo do sangue, que no seu circulo se move por ellas. Esta nos parece a melhor opiniaõ. Nem obsta o fundamento de cessar a fome depois de comer, para nos persuadirmos a que o estomago se nutre do chylo; por duas razões; huma he: porque a fome cessa com os alimentos, porque com elles cessaõ tambem as vellicaçoens das tunicas do estomago inanido, com que o acido esurino do estomago excita a fome, como mais largamente dissemos na nossa *Medicina Lusitana*, *no Capitulo do fastio*. A outra razaõ he; porque a fome cessa logo que os alimentos se comem, tempo em que ainda naõ pódem estar commutados em chylo para nutrir, quando he certo, que a chylificaçaõ leva muitas horas; humas vezes quatro, outras vezes seis, ou sete, segundo a quantidade, & qualidades do alimento, & vigor, ou debilidade do acido fermentativo, que os dissolve, fermenta, & commuta. E se aqui se lembrar alguem de que as pessoas examinadas com fome, logo, que comem se alentaõ: tambem disto se naõ segue, que o estomago se nutra dos alimentos, que a nutriçaõ leva mais tempo; o que se segue he, que os estomagos debilitados por falta de alimento, se alentaõ, & corrobora com as qualidades alimenticias, quando comemos. Michael Ettmullero 3. teve para si, que o chylo communicado já à massa sanguinaria, servia de nutrir as partes espermaticas, & nervosas albicantes, antes de estar commutado em perfeito sangue; o que Thomás Uvillis entendeo, que fazia o succo nervoso, de que adiante fallarèmos. Nòs dizemos, que o chylo serve de resarcir, & reparar o dispendio do sangue, que continuamente se gasta na nutriçaõ do corpo, communicando-se à massa sanguinaria, & fermentando-se muyto bem com ella no seu circulo, atè tomar a fórma, & natureza de perfeyto sangue, com que haja de nutrir commodamente o corpo. E por isto logo que se acaba a chylificaçaõ, se poem o chylo em movimento peristaltico, ou lumbrical para as veas, entrando pelos ductos chylosos, ou veas lacteas, até o ducto thoracico de Pecqueto, aonde se mistura com alguma porçaõ de lympha serosa, com que mais facilmente passa a confundir-se com o sangue pelas veas jugulares, & axillares, como sem discordia escrevem os Modernos, menos Musitano, que negou a existencia do chylo entre os quaes se póde ver Deleboe Sylvio, 5. & Ettmullero, 6.

2. Fund. medic. l. 2. cap. 8.

3. Inst. medic. fol. mihi 109

4. In Trat. med t. 1. l. 3. c. 1.

5. De meth. med. lib. 1. cap 11.

6. Inst. medic. cap. 8.

ARTI-

ARTICULO IV.
Do sangue.

Que seja o sangue; como, & em que parta se faça, de que maneyra circule, & para que usos sirva?

1. HE o sangue aquelle rubicundo, vivifico nectar com que se alimenta toda a familia de Microcosmo; he aquelle licor suave, que derivando-se da fonte do coraçaõ, fertiliza todas as partes do corpo; he aquella ardente flamula, com cuja radiante luz se illustra o cerebro, se animaõ os sentidos, & se vigoraõ as faculdades, he aquelle humor nutricio em que consiste a vida do corpo, & o thesouro vida; aquelle, que em commodo dos viventes incessantemente gira por todas as partes do corpo com serpentino, & circular movimento; o que em seu nome exprimio Oveno, 1. quando disse:

1. Epigr. lib. 3.

Sum crudus, vocor inde cruor, per corpora curro,
Volvor, & in venis sanguis, ut anguis eo.

Este pois humor alimenticio, he na cor vermelho, no sabor doce, nas qualidades quente, & na textura de mediana consistencia; cousas que muytas vezes variaõ pelas differentes qualidades do chylo, & pela diversidade dos alimentos de que este se gèra, de que resulta ser o sangue humas vezes mais, ou menos quente, outras vezes mays, ou menos crasso.

2. Na parte em que se gèra o sangue houve grande duvida entre os Authores. Toda a Antiguidade entendeo q̃ elle se gerava no figado, a quem tivèraõ por author da sanguificaçaõ; erro taõ crasso, como manifesto na certeza de que o chylo de que o sangue se gèra, passa do estomago às veas, sem chegar ao figado, jà dissemos no Articulo I. Outros cuydàraõ que o baço tinha tambem virtude de sanguificar, gerando das partes mais crassas do chylo, sangue para nutriçaõ sua, & das partes a elle circunjacentes; opiniaõ que firmou Sennerto, & que convenceo o phenomeno de Pecqueto, porque consta que o chylo passa do intestino duodeno pelas veas lacteas a confundir-se com o sangue nas veas, sem que alguma porçaõ delle se communique a outra alguma parte em que se haja de converter em sangue. Muytos dos Modernos depoys que negàraõ ao figado a dignidade de sanguificar; tivéraõ para si que o sangue se gerava no coraçaõ, cõmunicando-selhe com elle o chylo no seu circulo; o que huns disseraõ que se fazia por elixaçaõ, cozendo-se o chylo com o calor innato do coraçaõ, attenuando-se, acẽdendo-se, & alterãdo-se o sangue com a flamula vital, do seu ventriculo esquerdo, em q̃ entra muytas vezes a massa sanguinaria pelas leys da circulaçaõ. Esta opiniaõ, que algũ tempo nos agradou tanto, que a chegàmos a aprovar em algumas das nossas obras, a reprovamos agora: porque alèm de que ella se funda no calor innato do coraçao, & na sua flamula vital, que muytos Authores negaõ: parece que se naõ deve admittir: porque a acçaõ univoca do calor, naõ póde fazer transmutações; poderà aquentar, podera cozer, mas transmutar ao chylo em sangue, isto naõ o póde fazer o calor; assim como o pòde fazer a fermẽtaçaõ intestina do mesmo sangue; o que advirtiraõ outros Escritores, dizendo, q̃ a transmutaçaõ do chylo em sangue, era effeito de certo principio fermentativo que havia no ventriculo esquerdo do coraçaõ; dictame que tambem se naõ deve admittir: porque com nenhuma razaõ se mostra que haja este peculiar fermento. Outros cuydaraõ que as veas tinhaõ virtudes de sanguificar.

3. Nòs porèm dizemos, que nem o figado, nem o coraçaõ, nem as veas, nem

nem outra alguma parte organica gèra sangue: porque a acçaõ de sanguificar, he acçaõ verdadeiramente similar; & he acçaõ propria do sangue, que nos vasos circula; porque só o sangue he o que gera outro sangue, transmutando o chylo em humor da sua mesma fórma, & natureza; o que faz por meyo da sua fermentaçaõ intestina, excitada dos saes acidos, & lixiviaes, & alcalinos, com que abunda a massa sanguinaria; a qual fermentaçaõ trazendo principio do estomago na transmutaçaõ do alimento em chylo, se continua nas veas na fermentaçaõ do sangue, & nas mais, que depois desta se seguem; donde veyo a dizer Symsom, 2. & Verulamio, 3. que todas as fermentaçoens, que havia no corpo humano, eraõ huma continuaçaõ da primeira fermentaçaõ, que no estomago se celebra: *Omnes succorum in corpore fermentationes, sunt saltem continuationes fermentationis in stomacho inchoatæ*, diz Verulamio. O sangue pois, com o seu espirito vital insito nelle desde os primordios da geraçaõ, transmuta o chylo em sangue, fermentando-se intestinamente com elle nas veas, até o assimelhar a si na cor, & na natureza, de tal maneira, que o coraçaõ, as veas, & as arterias por onde o sangue circula, & se fermenta, naõ tem neste negocio mais que serem officinas em que a sanguificaçaõ se celebra; que quanto a virtude de sanguificar, he propria do mesmo sangue, a qual traz desde os principios seminaes com que depois de fecundados os ovos no utero materno, se gerou o primeyro sangue dos fetos, antes de estar formado o coraçaõ, o figado, & finalmente todas as mais partes do corpo, como logo diremos. Este espirito vital, que consideramos no sangue, he o primeiro agente na transmutaçaõ do chylo; a fermentaçaõ he o meyo por onde se faz esta transmutaçaõ, o ar externo, que se inspira he hum quasi fermento, que ajuda o movimento fermentativo do sangue, em quanto o attenua, & volatiliza, & lhe dissolve as suas partes pinguedinosas; & os saes volateis acidos, & ourinosos, saõ os que movem, & conservaõ esta fermentaçaõ. Veja-se Ettmullero 4. fallando da conversaõ do chylo em sangue.

2. Apud Bonet. tom. 1. thes. fol. mihi 134.

3. Hist. 5. vit. & mort. fol. mihi 136

4. Inst. med. fol. mihi 103.

4. Para que se entenda melhor esta doutrina, nos devemos lembrar da causa que gerou o primeyro sangue no corpo humano, & do tempo desta sanguificaçaõ. Em quanto ao tempo, consta, que antes de estar formada alguma parte nos fetos, se acha sangue nos ovos fecundados de que se haõ de formar aquelles, donde se conclue, que nenhuma parte do corpo humano tem virtude de sanguificar. E porque no tempo em que apparece nos ovos o sangue naõ ha outra causa a que attribuir-se a geraçaõ delle, mais que ao espirito vital, elevado dos principios seminaes, & insito nos ovos, a este he que temos pela primeira causa do sangue, & pelo author delle. Apparece, como temos dito, o sangue nos ovos, antes de haver figado, coraçaõ, veas, & nenhuma outra parte; donde fica claro, que se elle precedeo a todas, que de nenhuma depende a sua geraçaõ. Antes porém, que appareça o sangue nos ovos, se acha hum licor vital, ou hum colliquamento branco, que depois se faz rubicundo, & sanguineo. Este licor vital antes, que tome a cor, & fórma de sangue, se vay separando das mais partes do ovo, & se vay dividindo em varios rivulos, & ramificaçóes, de que depois se fórmaõ as veas; os quaes surculos, & rivulos convem todos em hum *ponto*, a que chamaõ *saliente*; aonde se fórma o coraçaõ. Por estas ramificaçoens, que depois haõ de ser veas, se move, & circula este licor branco, aonde vem a fazer-se vermelho, cozendo-se por obra do seu calor, & do movimento com que circula, porque do calor, & do movimento resulta a cor vermelha nas cousas brancas, & pallidas; assim observamos, que os marmellos muy cozidos se fazem vermelhos; o paõ muyto cozido toma huma cor rubra; as maçãs, & mais frutas

assadas,

assadas, com o calor se fazem exteriormente rubicundas; & atè as carnes assadas estaõ mais rubicundas nas partes externas, que nas internas. E aindaque isto naõ aconteça em todas as cousas, principalmente liquidas, pois sabemos que as aguas por mais que fervaõ, se naõ fazem rubras: com tudo aquellas cousas que abundaõ com muyto succo alimenticio, & nutriente, tomaõ cor vermelha quando se cozem. Veja-se Glissonio, de quem tiramos esta doutrina no livro *de Annatomia hepatis* por todo o Capitulo XXXV.

5. O sangue pois animado com este espirito vital he o que gèra novo sangue, transmutando o chylo, & assimilhando-o a si em tudo. De maneyra que entra o chylo nas veas, mistura-se, & confunde-se com o sangue, circula, & fermenta-se com elle, atè tomar a sua fórma, & natureza; de tal modo, que se o sangue he muyto espirituoso, & balsamico, transmuta muyto bem o chylo, & gera-se hum sangue bem elaborado, capaz de nutrir bem o corpo. E se o sangue he vapido, frio, pouco balsamico, naõ transmuta bem o chylo, & gera-se delle hum sangue crù, mal elaborado, destituido de espirito, & inepto para boa nutriçaõ do corpo, como acontece nos hydropicos; & cacheticos, cujo sangue aquoso naõ dà boa alimonia ao individuo; o que naõ succede por debilidade do figado, nem do coraçaõ, como cuydàraõ os que entendiaõ que estas partes eraõ authoras da sanguificaçaõ; mas succede por debilidade da massa sanguinaria, que estando pouco animada de espiritos, naõ transmuta bem o chylo, & fica o sangue aquoso, vapido; & pouco nutriente. Daqui agora se colhe a razaõ porque muytas vezes pelas sangrias tem sahido o sangue branco; como temos observado, & observàraõ varios Praticos, como Bartholino, Uvillis; Rhodio, Eschneydero, Borello Graaf, Mollembroch, Oldemburgio, cujos lugares se acharàõ allegados em Ettmullero; 5. o que succede por naõ estar transmutado o chylo; ou seja por debilidade do sangue, que por pouco vigoroso lhe naõ possa dar a tintura rubicunda: ou seja por se fazer a sangria antes de haver tempo bastante para estar o chylo bem convertido em sangue; porque para se fazer bem esta conversaõ, he necessario muyto tempo de circulaçaõ; & fermentaçaõ do chylo com o sangue; que naõ sendo assim, serà o sangue chyloso, & albicante. Por isto observou Bartholino, 6. que sahira por huma sangria de braço com o sangue o leyte que hum dia antes se tinha bebido; & por isto observamos tambem haver fibras no sangue quando pelas sangrias de pés se recebe em agua, as quaes fibras, sendo na apparencia rubras, saõ na realidade albicantes, porque saõ partes do chylo mal commutadas, & mal assimilhadas ao sangue, & separadas na agua quente, ou pela agitaçaõ, & movimento, ou por beneficio do calor externo, como disse Ettmullero; 7. negando as fibras do sangue, das quaes cuydàraõ os Antigos, que dependia a sua consistencia, & coagulaçaõ, o que tambem affirmàraõ alguns Modernos: *Sanguinis fibræ*, diz Ettmullero, *rubicundæ apparentes, revera albicant, & chyli videntur proles: sanguini enim fibras inexistere, à quibus consistencia ejus, & vis coagulationis dependeat, ita ut his deficientibus, aut demptis, hic difficulter, aut planè non coaguletur, præter Veteres, plurimi Neoteriorum crediderunt...... Sed fictæ sunt hæ sanguinis fibræ, ut potè quæ in massa sanguinea formaliter nunquam deprehenduntur, & nihil aliud sunt, quàm portiones sanguini reliquo nondum assimilatæ, & beneficio caloris externi, v. g. ab agitatione, aut ab aqua calida separatæ.*

5. Tom. 1. fol. mihi 105.

6. Cent. 1. hist. anat. 17.

7. Ubi sup.

6. Daqui se vè como erraõ os que fazem mào juizo de naõ ser fibroso o sangue que se tira das veas; pois sendo as fibras porções do chylo mal commutado, muyto melhor he, que o sangue as naõ tenha: porque he argumento de estar

bem elaborado, & cozido. Nem do sangue tirado das veas póde fazer juizo certo; porque a cor que o sangue mostra na superficie, & as diversas partes em que se separa depois de coalhado, & cadaverizado fóra das veas, naõ saõ partes do mesmo sangue; que humas lhe resultaõ da alteraçaõ do ar, outras da corrupçaõ, & cadaverizaçaõ do sangue. O ar atè aonde penetra, dà ao sangue huma cor florida, que he a que vemos na sua superficie; a corrupçaõ faz que nas mais partes seja negro, & escuro, sgundo as experiencias de Louver, 8. Espigelio, Sennerto, Helmonte, Fracassato, & outros, os quaes observàraõ que o mesmo sangue tomado em vaso plano, & largo era todo florido depois de frio; & tomado em vaso alto, & estreyto, era sómente florido na superficie; donde veyo a dizer Ettmullero; 9. que eraõ vãos os juizos que se faziaõ do sangue depois de sahir das veas; & que só serviaõ de utilidade aos Barbeyros intrepidos, & aos Medicos imperitos: *Vanæ ergo*, diz elle, *sunt omnes speciales ex sanguine emisso prædictiones, vanaquæ in hunc finem instituta judicia; multum tamen utilitatis tonsoribus, & medicastris afferunt hæc talia.*

8. Tract. de cord. fol. 175. 178. Disquisic. corp. hum. Inst. lib. 1. 9. Tract. Latex hum. neglect. §. 45. Epist. de cerebro fol. 377.

9. Tom. 1. fol. 106.

7. Dissémos acima que era o sangue vermelho, porque aquelle licor branco; que se achava nos ovos fecundados; se vinha a fazer rubicundo, cozendo-se por obra do espirito vital insito nos principios da geraçaõ, & communicado ao tal licor. Mas porque formados jà os fetos, podia desmayar no sangue aquella cor vermelha com a afluencia, & mistura do chylo branco: he necessario investigar a causa donde provenha o ser o sangue vermelho, & de conservar esta cor, dando a mesma tintura ao chylo, quando circula, & se fermenta com elle. No que dizemos, que o ser o sangue vermelho depende de haver nelle muytas partes sulphureas, & oleosas volateis, as quaes em quanto estaõ unidas, & inteyras, naõ tinguem; mas em se dissolvendo, logo daõ tintura ao chylo, & ao sangue, fazendo-o mais, ou menos purpureo, segundo a copia das particulas sulphureas, que nelle se dissolveraõ. E para que isto se perceba melhor, se ha se saber, que nos alimentos que comemos; no chylo em que elles se transmutaõ, & no sangue em que o chylo se converte, ha partes salinas volateys, & partes sulphureas, & oleosas tambem volateys. Estas partes oleosas, & sulphureas, saõ as que fazem rubicundo o sangue, & o chylo, que para receber esta tintura, vem jà predisposto com a porçaõ de cholera, que tras do intestino duodeno; mas para lhe darem esta cor, he necessario que se penetrem, & se dissolvão na massa sanguinaria; o que succede quando se misturaõ com saes volateys; porque estes saõ os que intimamente penetraõ, & dissolvem as particulas oleosas, & sulphureas do sangue, & do chylo. Desorte que a purpura do sangue provem de se misturarem intimamente os saes volateis com as particulas oleosas, & sulphureas, & de as attenuarem, & dissolverem; para o que ajuda muyto o ar que se inspira, rarefazendo, & attenuando o sangue com as suas partes nitrosas, ou com os seus espiritos nitro-aereos, de que o ar abunda; porque se tem observado que o nitro soluto misturando-se com o sangue, lhe exalta a cor em huma tintura coccinea, & intensamente rubra. Isto que dizemos do sangue, se vê nos licores externos; porque se misturarmos os saes volateis com os espiritos volateis dos animaes, parecendo ao principio brancos como a neve, là vem com o tempo a fazer-se rubicundos; porque como nos ditos espiritos ficaõ sempre algumas particulas oleosas, tanto que se dissolvem com os saes volateys, logo se fazem rubras. Assim succede com o espirito de vinho, que pondo-se em digestaõ com os alcalicos, logo se faz vermelho. Se destillarmos sal ammoniaco, cal viva, & enxofre, diz Ettmullero, 10. que sahirá hum licor rutilante, por se dissolver o enxofre, penetrado

10. Colleg. consultat. fol. mihi 1342. Videatur idem Author. tom. 1. fol. mihi 104.

netrado dos alcalicos com que se destilla; & se neste licor espirituoso se lançar agua, se farà branco como leyte, por se precipitarem com ella aquellas partes sulphureas, que tingiaõ o licor. *Sanguinis ergo rubedo*, conclue este Author, *exoritur à sale volatili dissolvente intimè ejus oleum, seu sulphur.* Deste modo se fazem muytas vezes nas febres ardentes rubras as ourinas, sem mistura de sangue, por haver nellas muytas partes alcalinas volateis, misturadas com partes oleosas, & sulphureas.

8. Resta dizer a quantidade de sangue que ha nos corpos no tempo da saude, & para que usos sirva. Na quantidade dizem commummente os Escritores, que terà cada corpo vinte libras, o que em alguns póde variar mais, ou menos alguma libra. Isto naõ devem saber aquelles Medicos, que inhumanamente sangraõ os doentes doze, quinze vinte, & trinta vezes, estando elles enfastiados, padecendo febres, vigilias, dores, & outros danos, que ajudaõ a dissipar os espiritos, sem que se possa reparar o seu dispendio, nem a perda do sangue com os alimentos; de que resulta sahir muytas vezes o sangue branco, por haver jà taõ pouco nas veas, que naõ póde transmutar bem o chylo, nem darlhe a sua tintura, & por isto he chyloso o sangue que se tira das veas jà esgotadas, & inanidas.

9. No que toca aos usos do sangue, jà se sabe que elle serve de nutrir todas as partes do corpo, chegando a todas ellas por meyo da sua circulaçaõ; porque aindaque as partes espermaticas, & nervosas se nutraõ do chylo, como cuydou Ettmullero, ou do succo nervoso, como entendeo Uvillis; no que naõ ha indubitavel certeza: sempre o sangue faz estas nutriçóes, ou com as suas partes chylosas, ou com o succo nervoso, que delle se deriva; porque no corpo naõ ha mais que chylo, & sangue; do chylo se faz o sangue, & do sangue se derivaõ todos os mais humores, a lympha, & saliva, a cholera, o succo pancreatico, o licor gastrico, & o succo nervoso, que todos dependem da massa sanguinaria. Alèm disto serve o sangue para animar, & vigorar o corpo com os seus espiritos, que saõ as partes mais tenues, volateis, & elasticas da massa sanguinaria, sem as quaes naõ póde durar a vida, aindaque nos vasos haja sangue para nutrir o corpo; & por isto acabaõ a vida os que morrem por falta de alimento, em cujas veas não falta sangue com que pudessem nutrir-se, mas exhalaõ a alma, porque faltaõ no sangue os espiritos necessarios para viver. Exhalaõ-se os espiritos facilmente, & como falte alimẽto para se gerar novo sangue, & com elle novos espiritos, por isto não dura a vida, aindaque se occupem de sangue as veas. Do que temos dito se deyxa ver que os espiritos saõ parte do sangue, & que a geração delles não depende do coraçaõ, nem do cerebro, senaõ da massa sanguinaria, da qual, & dos seus espiritos depende o coraçaõ, & todas as mais partes do corpo, porque assim o coraçaõ, como todas as mais partes, devem ao sangue, & aos espiritos que por ellas circulaõ, a vitalidade, o calor, o movimento, & actividade que tem; de tal maneyra, que faltando os espiritos, & o sangue, faltaràõ tambem no coraçaõ os alentos, & haverà huma syncope; o que dizemos, para que se veja que naõ he a syncope achaque do coraçaõ, como cuydàraõ os Antigos, senaõ dos espiritos, & da massa do sangue, sobre o que se veja o que escreveo Charleton, 11. & Glissonio. E aindaque digaõ commummente os Escritores, que no cerebro se gèraõ do sangue, & dos seus espiritos vitaes os espiritos animaes, necessarios para sentimento, & movimento das partes do corpo: não he porque isto se faça por acçaõ propria do cerebro, nem por nova elaboraçaõ, fermentaçaõ, ou transmutação que haja dos ditos espiritos: senaõ por huma

11. In œcon. anim. exerc. 3. p. 25.
De anat. hep. fol. 13.

ma simplez, & nua separação, com que, segundo diz Cartesio, se apartaõ os espiritos do sangue na parte cortical do cerebro, filtrando-se lutilissimamente pelos poros das suas glandulas, pelas quaes naõ póde penetrar outra substancia, que naõ sejaõ os espiritos; os quaes assim puros, & lucidos, se communicaõ à medulla do cerebro, & alli merecem o nome de espiritos animaes, porque dalli se destribuem pelos nervos a fim de animar todas as partes, para fazerem rectamente os seus usos. Veja-se Uvillis na Anotomia do cerebro cap. 9 Sylvio Deleboe na Dissertaçaõ 4. do cerebro §. 29. & Ettmullero nas Instituições Medicas, cap. 12.

10. Para complemento deste Articulo resta dizer, que o sangue para nutrir todas as partes do corpo, circula continuamente por elle; passando com a vibraçaõ, & movimento contractivo das fibras do coraçaõ às arterias, destas às partes solidas, & carnosas, entaõ às veas, & das veas ao coraçaõ, de tal modo, que neste circulo do sangue; he o coraçaõ o centro: a peripheria, ou circunferencia saõ as partes externas: as linhas do centro para a circunferēcia saõ as arterias, & veas. Tem principio este giro no coraçaõ; porq̃ entrando na sua auricula, ou vētriculo direyto o sangue com o chylo, que pela vea axillar esquerda se lhe tem communicado, passa pela arteria pulmonar, ou vea arteriosa para os bofes, aonde com o ar que se inspira, ou com o seu sal, & espirito nitro-aereo se dissolvem melhor as partes salimas oleosas, & sulphureas do chylo, & do sangue, rarefazendo-se, & laxando-se melhor a sua textura, & recebendo mais intensa fermentaçaõ toda esta massa. Dos bofes entra o sangue no ventriculo esquerdo do coraçaõ, com cujo occurso se distendem as suas fibras, & distendendo-se, se contrahem, resultando desta contracçaõ o lançarem impetuosamente o sangue do coraçaõ na arteria magna, & destribuir-se este pelos seus ramos ascendentes, & descendētes a todo corpo, atè chegar às arterias mais delgadas, & capillares, que estaõ dispersas pelas partes carnosas, que do sangue se nutrem, o que tudo se faz com a vibraçaõ do coraçaõ como temos dito, da qual procede o movimento, & pulso das arterias, por se ferirem, & se distenderem ao impulso do sangue que nelles entra. Das arterias capillares, pelas anostomoses, & communicações que tem com as veas tambem capillares, recebem estas o sangue que resultou da nutriçaõ das partes carnosas, por cujos póros passa tambem o sangue às ditas veas capillares, & destas às veas mayores, atè chegar à vea cava, pela qual se refunde no coraçaõ. Do que temos dito consta que o coraçaõ he huma parte musculosa, que como os mais musculos se move pelas suas fibras ao influxo dos espiritos animaes, que pelos nervos se lhe communicaõ; & que o uso desta parte he sómente fazer passar às arterias o sangue que recebe das veas, impellindo-o com o seu movimento vibrante, & transfundindo-o assim de huns vasos a outros, o que com demonstrações anotomicas expressou Louver, no *Tratado* que escreveo do coraçaõ, & firmou Eschneydero *no livro de catarros*; & Nicolao Estenaõ *nas Observações anatomicas dos musculos, & glandulas*. Veja-se Higmoro *na Disquisiçaõ anatomica do corpo*. Deste movimento circular do sangue, de que foraõ os primeyros inventores no seculo passado Guilherme Harveo, Medico Inglez, & Paulo Sarpa, Religioso Venesiano, tivèraõ conhecimento os Medicos da China ha mais de quatro mil annos, segundo diz Cleyero, Medico Batavo, escrevendo a Simão Pauli, cuja carta se acha nos *Actos Medicos Haffnienses* de Bartholino; 12. & jà Hippocrates parece que suspeytou que havia circulação do sangue, quando no *livro das veas*, 13. disse, que o alimento passava das veas internas para as externas, & destas tornava para aquellas: *Crassæ venæ sibi mutuò alimen-*

12. Volum. 4. Obs. 1. fol. 4.
13. Tit. 17. de nat. human.

alimentum subministrant, internæ externis, vicissimque externæ internis. O que repetio em outro lugar, 14. dizendo: *Alimentum in pilos, & in ungues, & in extimam superficiem ab internis partibus pervenit; ab externis partibus alimentum, ab externa superficie ad intima pervenit; confluxio una, conspiratio una, consentientia omnia.* Veja-se Uvaleo na *epistola que escreveo a Barthelino*, 15. & Ettmullero no *Capitulo X. das instituições medicas.*

14. Lib de alim. 4. 20.

15. De chylo, & sang. motu.

11. Aqui porventura que deseje saber algum curioso porque razaõ não pulsem as veas como as arterias, se he certo que o mesmo sangue circula igualmente por humas, que por outras. Ao que respondemos, que isto tem muytas causas. Primeyramente não pulsaõ as veas como as arterias, porque o sangue não entra com tanto impeto naquellas, como nestas, & por isto não fere, nem distende os lados das tunicas das veas desorte que as faça pulsar como as arterias. Mostra-se que não entra o sangue nas veas com tanto impeto, como nas arterias: porque o sangue que entra nas veas, vem das arterias capillares, & dos póros das partes carnosas, que saõ vasos muy angustos; & entrando nas veas, como tem mais ampla capacidade, não fere, nem destende as suas tunicas para se sentir o movimento com que nellas entra. Nas arterias move-se o sangue dos vasos mais largos para os angustos, dos mayores para os menores; porque do ventriculo esquerdo do coraçaõ passa para a arteria magna, & desta a todos os seus ramos; & como se move sempre de vasos grandes para pequenos, por isto pulsaõ as arterias todas as vezes que entra o sangue nellas. Por outra razão mais não pulsaõ as veas como as arterias, & vem a ser, porque as tunicas das veas saõ mais molles, & mais flaccidas que as das arterias, & por isto cedem ao impeto do sangue quando entra nellas; desorte que se naõ sente pulsaçaõ alguma. E naõ só por estas razões, mas tambem porque o sangue das veas naõ he taõ tenue, taõ espirituoso, taõ sutil, nem taõ turgido, & quente como o das arterias, por cujas causas se move mais brandamente por ellas; & só na vea cava, junto do coraçaõ se sente alguma pulsaçaõ, como observou Uvaleu, 16. o que succede por haver nesta vea humas fibras nerveas, as quaes naõ cedem facilmente ao impeto com que entra o sangue nella, & por isto pulsa como as arterias.

16. Epist de mot. sang.

12. Mas daqui nace outra mayor duvida; porque se o sangue que circula pelas veas he o mesmo que circula pelas arterias, parece que em huns, & outros vasos ha de ter o sangue a mesma natureza, & que tão espirituoso, & estuante ha de ser nas arterias, como nas veas. Respondemos. O ser o sangue mais, ou menos espirituoso, tenue, & sutil, consiste em ser mais, ou menos volatilizado porque os espiritos saõ as partes volateis da massa sanguinaria. E quando o sangue entra nas arterias, tomando o movimento da circulaçaõ, entra mais volatilizado, mais rarefeito, & mais attenuado, que quando circula pelas veas; porque antes de entrar nas arterias passa pelos bofes, aonde com o ar que se inspira se intende mais a sua fermentaçaõ intestina, & se dissolve, & rarefaz a sua textura, & por isto fica o sangne mais espiritoso nas arterias, das quaes passa ás arterias capillares, que saõ delgadas como cabelos, & nellas circula com menos velocidade, & nutre as partes carnosas, no que dispende o sangue muytas partes volateis, sem as quaes entra nas veas, & por isto he nellas menos espirituoso, menos volatil, menos tenue, mais espesso, & menos veloz, atè que passando ao coraçaõ, torne a recobrar os espiritos com que circula nas arterias; & por isto Helmonte chamou sangue ao sangue arterial, & ao das veas chamou cruor; como se differa, que o sangue venoso era mais crù, & menos espirituoso, que o das arterias, o qual he mais florido, & rubicundo; porque com o ar que se inspira

 se

se attenua, & rarefaz nos bofes, como temos dito; sobre o que se veja o que escreveo Louver no *Tratado do coraçaõ.*

ARTICULO V.
Da Chorela.

Que seja a Cholera; de que materia, como, em que parte, & para que fins se gère?

1. Este he hum dos humores derivados do sangue; he aquelle humor oleoso, & salino, na cor amarello, no sabor amargoso, nas qualidades quente, & no uso balsamico; aquelle de cujo vigor depende a depuração do chylo, & a fermentaçaõ da massa sanguinaria; aquelle que como balsamo vital preserva o sangue da corrupçaõ; aquelle, que com as suas partes salinas, & oleosas tempera, & dissolve a massa chylacea, & sanguinea; aquelle licor saponario com cuja virtude abstergente se tiraõ as nodoas, & se limpão os intestinos das suas fezes; aquelle de cuja cor flava depende a purpura do sangue; & aquelle finalmente, que sendo reputado dos Antigos por humor excrementicio, he hoje conhecido por hum licor balsamico, sem o qual disse Helmonte, que não podia o corpo humano ter saude.

2. He pois a cholera hum humor amarello, quente, seco, & amargoso. Gèra-se nas veas, da parte sulphurea, & oleosa da massa sanguinaria, da qual se transcola no figado pelos poros biliarios, & passa à bexiga do fel, & aos intestinos, para usos que adiante dirèmos. Que a cholera se gèra nas veas, admittem sem duvida todos os Authores q̃ confessaõ a sua transcolação, mas algũs tambem dizem que se gèra na bexiga do fel; & fazem duas differenças de cholera, huma hepaticas, & outra cistica; daquella dizem que he pouco amargosa, pouco amarella, & de consistencia mais fluida, que a cistica, da qual affirmão que he mais flava, mais amargosa; mais acre, & mais penetrante; & de huma, & outra escrevem, que passaõ aos intestinos, a hepatica pelos poros, & ductos biliarios, ou cholodocos, a cistica pelo ducto cistico. Porèm assim como he certo que a cholera se gèra nas veas, & que se transcola pelas glandulas do figado, assim parece tambem certo que se naõ gère no folliculo, ou bexiga do fel; porque naõ ha necessidade de multiplicar as partes com os mesmos usos; basta que a cholera se gère em huma só parte, & parecem superfluas duas officinas; principalmente quando de ambas se communica a cholera aos intestinos para os mesmos fins. Alguns Authores foraõ de opiniaõ, que a cholera só na bexiga do fel se gerava do sangue que recebia pela arteria cistica, como affirma Francisco Deleboe Sylvio; 1. Pechlino, & Svvammerdamio. Mas contra esta doutrina estaõ as experiencias de Marcello Dalpighio, 2. que ligando a arteria hepatica, & cistica, observou hum continuo provento de cholera do sangue da vea porta; donde se vé que a cholera se naõ gèra no folliculo, que lhe serve sòmente de receptaculo, para o qual se transcola das veas hepaticas. E confirma-se com a certeza de que muytos animaes naõ tendo bexiga do fel, naõ falta nelles a cholera; tal he o gamo, o veado, o golfinho, o cavallo, & huma especie de ratos, a que os Latinos chamão *glis.*

1. Dissert. med. 6. Lib. de med. purg. Lib. de resp. sect. 3. cap. 1.
2. Tom. 2 tr. de hepat. fleuct. c. 7.
3. Lib. de anat. hep. cap. 39.

3. Gera-se logo a cholera nas veas, & transcola-se pelo figado para o seu folliculo. Mas como se gèra, & se separa do sangue? Gèra-se, diz Francisco Glissonio, 3. a cholera nas veas das partes oleosas, & salinas do sangue, por se quey-

queymarem estas, & se fundirem na perenne fermentaçaõ intestina da massa sanguinaria com o seu calor vital, ficando pela adustaõ amargosas, como vemos em muytas cousas externas, que fazendo-se adustas por causa do calor do fogo; ficaõ por causa da adustaõ amargosas. O leyte queymado amarga; o oleo de amendoas doces, & a manteyga crua, postos ao fogo, fazem-se rancidos, & amaros. O mesmo se observa no alcaçuz, & nas carnes, que queymadas amargaõ, porque com o fogo perderaõ os espiritos doces, & ficàraõ amargosas. Por esta razaõ he amargosa a cholera, porque na adustaõ das partes oleosas, & salinas do sangue, dissipaõ-se os seus espiritos doces, & reluz melhor o amargor que o fogo nellas produz. *Adustio sulphuris causa est amaritudinis, quæ dulcorem commutatur*, diz Glissonio. Destas partes sulphureas, & salinas misturadas com o soro, ou luypha, se compõem a cholera. O que consta, porque a cholera destillada, lança de si, primeyro huma pouca de agua, ou de fleuma, ficando no fundo do vaso huma resina dura, tenaz, & taõ inflammavel, que com facilidade se acende, & arde; & destillando-se com mayor fogo, lança demais da fleuma, hum licor da consistencia de ourina destillada, o qual licor he volatil, & acre; & lança tambem muyto oleo, ficando as partes salinas fixas no fundo do vaso. Compõem-se logo a cholera de sal volatil, de copioso oleo, & de alguma porçaõ de lympha, a qual se naõ poderia unir com as partes oleosas, sem as salinas. Veja-se Ettmullero no Capitulo XIII. das Instituições Medicas, fol. 119.

4. Este humor bilioso circula com o sangue nas veas, atè que chegando ao figado, se criva, ou se transcola pelo poro biliario, que he o vaso excretorio do figado: por ser este hum corpo glanduloso, & como tal destinado para separaçaõ da cholera, como succede com as mais separações dos licores que se apartaõ do sangue, & da lympha. Assim se transcola, & se criva a ourina pelas glandulas dos rins, o suor pelas glandulas miliares, & subcutaneas, a saliva pelas glandulas salivaes, & as lagrimas pelas glandulas dos olhos. Deste mesmo modo entrando o sangue no figado pelas leys da circulaçaõ, se criva, & transcola a cholera pelas suas glãdulas, sahindo pelos póros biliarios para os intestinos, & para o foliculo do fel, do que se póde ver Marcello Malpighio, 4. que observou ser o figado hum corpo composto de glandulas conglomeradas, das quaes he o poro biliario o seu vaso excretorio, por onde a cholera se sequestra, & separa do sangue. Donde se vè como erraraõ os Antigos quando entenderaõ que o figado era officina da sanguificaçaõ, pois segundo a indagaçaõ dos Anatomicos modernos, naõ tem o figado taõ nobre officio, & só serve de se sequestrar a cholera pelos póros das suas glandulas, como temos dito.

4. Destruct. hep. cap. 5. & sequent.

5. Naõ erràraõ menos tambem os Antigos em reputarem a cholera por hum humor excrementicio, & em cuydarem que naõ tinha mais prestimo, que para facilitar a evacuaçaõ da ourina, & dos excrementos do ventre, irritando a bexiga urinaria, & os intestinos com as suas particulas acres, & mordazes; sendo assim que a cholera naõ he humor excrementicio, como primeyro que todos disse Backio, mas antes he o balsamo vital, que preserva o chylo, & o sangue da corrupçaõ, fazendo nos viventes aquillo mesmo que nos mortos faz o azevre; & a myrrha, & outras cousas amargosas com que os corpos se embalsamaõ, & sem corrupçaõ se conservaõ. Alèm disto, saõ muytos os usos da cholera, todos necessarios para boa symmetria do corpo, donde veyo a dizer Helmonte, que a cholera era o balsamo da vida.

6. O primeyro uso da cholera, he o de depurar o chylo no fim do intestino duodeno, depois que dece do estomago jà dissoluto, & fermentado nelle;

porque

porque naquelle intestino lhe sahe ao caminho a cholera do seu folli cullo, ou receptaculo, pelos ductos cholodocos, & o succo pancreatico azedo, os quaes licores se misturaõ intimamente no chylo, & nelle excitaõ huma nova fermentaçaõ; por meyo da qual se precipitaõ as partes crassas, & excrementosas do chylo; ficando este mais puro, mais attenuado, mais mobil, mais fluido, & mais capaz de permear pela angustia, & estreyteza das veas lacteas, a confundir-se, & fermentar-se com o sangue nas veas.

7. O segundo uso do humor bilioso, he o de tẽperar, & corregir com as suas partes alcalinas o azedume do chylo, que sendo insignemente azedo, communicando-se ao sangue, & chegando no seu circulo a varias partes do corpo, pudèra excitar em algumas com o seu acido vicioso dores agudas, & outros danos, que com a mistura da cholera se evitaõ, porque o azedume do chylo se tempera egregiamente com as partes salinas, oleosas, & lixiviaes da cholera, ficando acido-salso, mais volatilizado, & mais liquido, no que disse Helmonte, §. que consistia a segunda digestão do alimento.

§. Tr Sextuplex. digestio.

8. O terceyro uso da cholera, he dispor o chylo para que nas veas receba mais facilmente a tintura do sangue, cuja purpura depende das partes oleósas, & sulphureas da cholera, como dissémos no Articulo IV. num. 7. Desorte que a cholera communicando-se ao chylo no intestino duodeno, & penetrando-o intimamente, dalhe a primeyra disposição para melhor tomar a cor, & forma de sangue, o que faz com as suas partes salino-volateys, oleosas, & sulphureas, das quaes resulta a cor rubra, que no chylo fica occulta, com as partes acidas que traz do estomago. & com as que recebe do succo pancreatico nos intestinos, atê que communicando-se ao sangue, & fermentando-se com elle, se dissolvem as partes oleosas, & sulphureas, de que resulta a cor vermelha do sangue. No que havemos de saber, que a cholera pelas partes oleosas, & sulphureas tem a cor amarella; mas estas mesmas partes que inteyras, & unidas lhe dão esta cor, penetradas intimamente, abertas, & dissolutas com as partes salinas volateys, dão huma cor vermelha, qual he a do sangue. Assim succede que as cousas sulphureas se façaõ vermelhas misturando-se com as alcalicas; o enxofre cõmum com a mistura do sal de tartaro, de amarello se fez vermelho. A mesma cholera destillada lança de si hum oleo rubicundo. Com que pelas partes de cholera que o chylo recebe no intestino duodeno, fica disposto para receber mais facilmente a tintura do sangue, aindaque o chylo seja branco, & não mude logo de cor com a cholera que se lhe communica; o que acontece, porque as partes acidas do chylo lho impidem, sendo certo que os licores vermelhos com a mistura dos acidos se fazem taõ brancos como leyte, por se precipitarem com os acidos as partes, oleosas, & sulphureas. Veja-se Ettmullero *no tomo* 1. *fol.* 96

9. O quarto uso da cholera he preservar o chylo, & o sangue de corrupçaõ com a sua virtude balsamica, a qual consiste nas particulas sulphureas, oleosas, & salinas; & assim como a losna, a myrrha, o azevre, & outras cousas amargosas preservão de corrupção os corpos mortos, assim a cholera preserva o chylo, & o sangue de que se corrompão, & apodreçaõ.

10. O quinto uso da cholera he ajudar a fermentação intestina da massa sanguinaria com as suas partes salinas, alcalicas, lixiviaes, & ourinosas, com as quaes, & com os acidos de que o sangue abunda, se perena a sua fermentação, de que depende a boa natureza do sangue, & a recta economia do corpo, que em sendo mal fermentado, & depurado o sangue, logo se originaõ em varias partes incommodos differentes.

11. O

11. O sexto uso da cholera, he vigorar, volatilizar, & espiritualizar a massa sanguinaria, no que póde tanto, que por falta de cholera, ou pela inercia della, se faz o sangue vapido, frio, & mal elaborado, de que resultaõ as cachexias, as hydropesias, & outros males que os Antigos imputavaõ à debilidade do figado, tendo-o por author da sanguificaçaõ. Veja-se Malpighio *na exercitaçaõ da structura do figado*, *Cap.* 9.

12. Além destes usos, tambem serve a cholera de excitar a natureza para evacuaçaõ dos excrementos do ventre, & da ourina, picando, & irritando as fibras nervosas da bexiga, & dos intestinos, de cujas contracturas se seguem as ditas excreções; & este foy só o uso que os Antigos lhe assinàraõ, reputando-a por humor excrementicio, sendo assim que della recebe muytas utilidades o corpo, como temos dito.

ARTICULO VI.
Da Lympha.

Que cousa seja Lympha, quaes os seus vasos, em que parte, & de que materia se faça, & para que usos sirva?

1. LYmpha em seu rigoroso significado quer dizer agua; assim o entendeo Virgilio, 1. quando disse:

Montibus altis
Levis crepante lympha desilit pede.

1. 9. Æn.

E Horacio: 2.

Hausit de gurgite lymphas:
Restringere pocula lympha.

2. Serm. 1. sect. 5.

E por isto os Modernos deraõ este nome ao humor aquoso de que tratamos, que he aquelle a que chamàraõ fleuma os Antigos, tendo-o por hum dos quatro humores naturaes, que consideravaõ no corpo humano; errando naõ sómente nesta quimerica quaterniaõ de humores; mas ignorando totalmente os seus usos, os seus vasos, & os seus movimentos. He pois a lympha hum humor aqueo, espirituoso, na cor branco, na textura tenue, no sabor azedo, & nas qualidades frio. Aquelle com cuja fluxibilidade se facilita a circulaçaõ do sangue, & do chylo; aquelle que assim circula pelos vasos lymphaticos, como o sangue pelos vasos sanguiferos; & aquelle finalmente, que derivando-se da massa sanguinaria, serve em varias partes para usos bem differentes, do que se póde ver Sylvio Deleboe 3. Charleton, & Glissonio.

3. Disp. 7. Exerc. 9. de lymph. ductib. De anat. hepat.

2. Prepara-se a lympha nas muytas glandulas que estaõ disseminadas pelo corpo todo; das quaes humas saõ conglobadas, & comglomeradas outras. Aquellas saõ glandulas simplez, porque constaõ de hum só globo, & por isto se chamaõ conglobadas. Estas saõ compostas de muytas glandulas conglobadas, & por isto se chamaõ comglomeradas. Humas, & outras preparaõ a lympha, do humor aqueo, & seroso que recebem do sangue das arterias, que pelas ditas glandulas estaõ dispersas, à qual lympha se juntaõ os espiritos animaes, que pelos nervos se lhe cõmunicaõ; porque a estructura das glandulas he composta de nervos, de veas, & de arterias, vasos todos muy delgados; das arterias se separa a materia da lympha, que preparaõ as glandulas, & dos nervos os espiritos com que se anima; de tal sorte que em todas as glandulas vem a ser a lympha hum licor aqueo, espirituoso, & algum tanto azedo; mas pela differença das

 glan-

glandulas, & da fua textura, he tambem differente a lympha, que nellas fe prepara, & faõ differentes os ufos para que ferve. Das glãdulas conglomeradas humas faõ de textura efpongiofa,& laxa, outras de textura mais firme, & mais dura. As que faõ de eftructura mais efpongiofa,& mais laxa, attrahem, ou emulgẽ do fangue arterial o foro,ou lympha mais craffa,chea de muytas partes chylofas, a qual pelos ductos das glandulas paffa a certas cavidades para ufos differentes. Affim fuccede nas glandulas mammarias, que por ferem muy efpongiofas, feparaõ da maffa fanguinaria a lympha lactea; ou chylofa, que pelos feus ductos excretorios lançaõ nas papilas, donde a tiraõ as fucções dos meninos que mamão. Affim fuccede tambem nos tefticulos do fexo viril, que tambem faõ glandulofos, & de textura tão efpõgiofa, que feparaõ do fangue arterial o licor femilacteo para materia da genitura, que no congreffo, dos mefmos efpiritos que fe anima, fe ejacula. Affim tambem as glandulas que eftaõ fituadas na parte fuperior da garganta, a que os Latinos chamoã *tonfillæ*, feparaõ da maffa fanguinaria a lympha femilactea, ou foro do fangue com muytas partes chylofas, para que com ellas, & com a faliva fe humedeça, & lubrique o efophago para o ufo da deglutiçaõ dos alimentos.

3. As glandulas conglomeradas, que tem mais firme textura, & mais anguftos os poros, feparaõ do fangue a limpha mais tenue, ou o foro mais futil, cheyo de fal volatil,ou falfuginofo,ou azedo, que pelos feus vafos excretorios fe deftribue para diverfos fins. Affim fuccede nas glandulas da mais folida textura, cuja limpha tem ufos differentes, & diverfos nomes, chamando-fe faliva, fucco pancreatico, & lagrimas, pelas partes em que fe elabora, & fe conferva. Do mefmo modo fuccede nas muytas glãdulas que eftaõ no mufculo laringe, & na fua circunferencia, com as quaes fe humedece a afpera arteria, para formar a voz; donde acontece muytas vezes que fendo muyta a lympha deftas glandulas, & extravafando-fe com grande afluencia na afpera arteria, haja rouquidoens prolixas; affim como fuccede, que fendo efta lympha muy falfuginofa, & azeda, caufe toffes fecas; & convulfivas, pungindo, & vellicando as fibras da afpera arteria.

4. Naõ affim as glandulas conglobadas, porque todas abforvem as ferofidades do fangue arterial, & preparaõ a lympha de huma mefma natureza, fimplez, & homogenea, a qual naõ paffa a differentes cavidades, como a lympha das glandulas conglomeradas, fenaõ que pelos vafos lymphaticos circula pelo corpo todo, fendo tal o feu movimento, que fe faz da circunferencia para o centro, & vem a fer de todas as glandulas conglobadas para o tronco dos vafos lymphaticos, que he o ducto thoracico, chylifero, no qual fe terminaõ todos os vafos lymphaticos, vafando a lympha nelle, para que com o chylo paffe pela vea axillar efquerda a confundir-fe com o fangue nas veas, com o qual circula a lympha do centro para a circunferencia.

5. De maneyra que (repitamos ifto para melhor percepçaõ) as glandulas conglomeradas abforvem o humor aqueo do fangue, de que preparaõ differentes lymphas para differentes ufos, & por ifto huma he falival, outra gaftrica, outra pancreatica, outra lacrimal, & affim das mais; porèm as glandulas conglobadas, da mefma materia aquea, que emulgem do fangue das fuas arterias, preparaõ hũa fó lympha, clara, fub-acida,por fer a dita materia aquea futil,azeda,& volatil; a qual fe anima com os efpiritos, que pelos nervos das mefmas glandulas fe lhe communicaõ;& efta lympha fe move pelos vafos lymphaticos atè o ducto thoracico, ou cifterna do chylo, em cuja companhia paffa a confundir-fe na maffa fanguinaria, para os fins que logo dirèmos.

6. He

6. He logo a lympha hum licor aqueo, claro, espirituoso, algum tanto azedo, derivado do sangue, elaborado nas glandulas, & communicado à massa sanguinaria pelos peculiares vasos em que se move, & circula pelo corpo todo, porque não ha parte nelle em que os vasos lymphaticos se não achem, & todas as vezes, que estiverem muy cheas as glandullas, ou se impedir o movimento da limpha nos seus vasos, haverà estagnações, de que resultem hydropesias particulares, extravasando-se a lympha dos ditos vasos; & haverà catarros, & estillicidios, que desta maneyra succedem os defluxos catarraes, que os Antigos entenderaõ que procedião de se encrassarem na cabeça ou vapores que do estomago se elevão, doutrina que prolixamente reprovou Eschneydero no livro que escreveo de *catarros*. Veja-se Esteno *nas observações das glandullas, & musculos*.

7. Os vasos lymphaticos, que felizmente descubrio Bartholino Medico Dano, & Oláo Ruydbecio, Medico Sueco, no anno de 1651. & 1652. saõ os ductos por onde a lympha se move de humas a outras glandullas, de humas a outras partes. Nacem estes vasos das glandulas, & terminaõ-se todos em hum tronco, que he, como temos dito, o ducto thoracico, ou receptaculo do chylo, para o qual se move a lympha das glandulas conglobadas, & pela vea subclavea, ou axillar passa com o chylo à massa sanguinaria. A lympha das glandulas conglomeradas tem ductos peculiares por onde se move para cavidades particulares, como acima dissemos. Donde se collige que da lympha, assim como do sangue, procedem muytos danos; porque se a lympha não circular, & se naõ mover pelos seus vasos, ou por estarem obstruidos, ou por ser a lympha crassa, & viscida, succederaõ estagnações, & intumecencias; & extravasando-se a lympha, causa serà de hydropesias, ou no ventre ou no peyto, ou na cabeça; & de outros varios danos, segundo a parte em que se detiver, ou se exrravasar. O que succede tambem sendo a lympha tanta que naõ cayba nas suas glandulas, & vasos, & se solte em defluxos, fazendo catarros, estillicidios, tosses, reumatismos, cursos, & outras queyxas, que com sangrias se remedeaõ prontamente: porque como a lympha tenha sua origem do sangue, quando este se deminue com as sangrias, he menos a lympha glandulas, & vasos lymphaticos, & assim cessaõ os danos que causa; o que dizemos porque de caminho se leve alguma utilidade pratica; advertindo finalmente que os males da lympha muytas vezes procedem do estomago, como causa remota delles, & que se naõ curão sem que esta causa se emende; o que succede quando o estomago havendo de fazer boa chylificaçaõ, converte os alimentos em huma substancia aquosa, humas vezes acida, outras vezes salsuginosa, com a qual se vicía o sangue, & por consequencia a lympha, como doutamente notou Ettmullero. 4.

4. Inst. med. cap. 15. fol. mihi 127.

8. No que toca aos usos da lympha, jà do que temos dito se vê, que a lympha das glandulas conglomeradas tem varios usos, pelas varias, & differentes cavidades a que se destribue; assim a dos vasos salivaes serve de evitar a sede, & de humedecer a boca, & o esophago, cousa muy necessaria para mastigar, & deglutir os alimentos, & para proferir as vozes. Alèm disto serve para boa fermentaçaõ do alimento; porque naõ ha duvida em que a saliva tem virtude fermentativa, & que ajuda a chylificação, attenuando, incindindo, & penetrando os alimentos com as suas partes acidas, & volateis; & por isto he conveniente para melhor fermentação dos alimentos, que estes se mastiguem exactamente, para que entre bem por elles a saliva; sobre o que se veja o que em varios lugares escreveo Silvio Deleboe, Curvo, Ettmullero, Glissonio, & outros, A lympha

pha lachrimal serve de humedecer os olhos, porque se naõ sequem as suas pal pebras com o seu continuo movimento. A lympha gastrica, & estomachal serve para dissolver & transmutar os alimentos. A pancreatica para melhor fermentaçaõ, & depuração delles, como dirèmos no Articulo seguinte; & assim as mais lymphas desta natureza tem usos differentes, & particulares.

9. A lympha das glandulas conglobadas, que se move pelos vasos lymphaticos, atè chegar ao ducto, & cisterna do chylo, com o qual entra na vea axillar esquerda, & se communica à massa sanguinaria, serve para muytos usos; o primeyro he fazer mais diluto o chylo, para que entre com mais facilidade a confundir-se com o sangue nas veas. O segundo: facilitar a circulaçaõ do sangue, fazendo-o mais fluxivel. O terceyro: ajudar a fermentação da massa sanguinaria com as suas partes acidas, & volateis. O quarto: promover a renovaçaõ, & restauraçaõ do sangue no coraçaõ, & vasos mayores, pelos muytos espiritos de que consta. Veja-se Sylvio *na Exercitaçaõ* 8. Charleton *na Exercitaçaõ* 9. *dos ductos lymphaticos.*

Do que temos dito se vè como erraraõ os Antigos em cuydar que as glandulas serviaõ de embeber as humidades excrementicias, & inuteis; pois he certo que ellas preparaõ a lympha, que serve para usos muy necessarios, o que naõ succederia se fosse excrementicia. Veja-se curiosamente Regnero de Graaf no *Tratado que escreveo do succo pancreatico*, *Cap.* 4.

ARTICULO VII.
Do Succo Pancreatico.

Que cousa seja, de que materia conste, & para que usos sirva?

1. JA do que dissémos no articulo antecedente, consta que o succo pancreatico he huma especie da lympha que preparaõ as glandulas conglomeradas; mas a grandeza da parte em que estas glandulas se achaõ, & a nobreza do uso para que o seu succo serve, pedem que fallemos particularmente nelle. He pois o succo pancreatico hum licor, ou lympha, que preparaõ; & de si lançaõ as glandulas do pancreas. E para que se entenda melhor o que dissermos, havemos de saber, que pancreas he huma parte situada abayxo do fundo do estomago, pela parte posterior delle, junto da primeyra vertebra dos lombos, annexa ao peritoneo; que chega desde a regiaõ do figado, atè a regiaõ do baço. Chama-se *pancreas*, palavra Grega, composta de *pan*, que quer dizer grande, & de *creas*, que significa carne; & aindaque lhe naõ fica muy proprio este nome, delle usaõ os mesmos que reconhecem a impropriedade. He esta parte de figura longe, de cor sub-rubra. A sua substancia se compõem de innumeraveis glandulas, que lhe occupaõ as extremidades, & de arterias, veas, & nervos. As arterias trazem origem da arteria celiaca; as veas dos ramos esplenicos; & os nervos do sexto par. No meyo tem o pancreas hum insigne ducto, para o qual lançaõ as ditas glandulas a sua lympha, & por elle passa ao intestino duodeno.

2. No uso desta parte erraraõ os Escritores Antigos, & a mayor parte dos Modernos; huns entendendo q̃ o pancreas servia para destribuiçaõ das veas, arterias, & nervos; & para defender que o estomago estàdo cheyo, se não offendesse com as vertebras do espinhaço; outros cuydando, que tambem servia de receber em si as humidades superfluas, & excrementicias do sangue, & do chylo, para

para as depor nos inteſtinos pelos ſeus ductos; outros dizendo, que ſervia para expurgar do baço o humor cholerico; outros affirmando, que ſervia de dar paſſagem ao chylo, que cuydaraõ ſe encaminhava pelo ſeu ducto dos inteſtinos para o figado, & baço; outros julgando, que tinha o uſo de receber os recrementos dos nervos, expurgando-os pelos inteſtinos; ſendo aſſim que o verdadeyro uſo deſta parte, he abſorver nas ſuas glandulas as partes aquoſas do ſangue arterial, & preparar nellas a lympha, ou ſucco de que fallamos, com a miſtura dos eſpiritos animaes que pelos nervos ſe communicão às meſmas glandulas, cuja extructura ſe compõem de nervos, de arterias, & de veas, ſobre o que ſe veja o que diſſémos na noſſa Medicina Luſitana, *no livro 2. cap. 93. da obſtrucção do pancreas.*

3. Tem pois o pancreas muytas glandulas, as quaes todas ſaõ da claſſe das conglomeradas; eſtas eſtaõ ſituadas pelas extremidades deſta parte, & cada huma dellas tem hum pequeno ducto, que ſe communica com o ducto grande, que eſtà no meyo do pancreas, pelo qual paſſa aos inteſtinos o ſucco, ou licor que de ſi lanção as ditas glandulas, que he o ſucco pancreatico, o qual conſta das partes aquoſas do ſangue, que das arterias emulgem as glandulas do pancreas, & dos eſpiritos, que pelos nervos ſe lhe communicaõ; com os quaes ſe temperão, & dulcificaõ as partes ſalino-volateis que conſigo trazem as ſeroſidades do ſangue, ficando aſſim a lympha ou ſucco pancreatico temperadamente azedo; do que ſe veja o que eſcreveo Regnero de Graaf,no celebre tratado do *ſucco pancreatico*, *Cap.* 4.

4. Donde ſe vè que o ſucco pancreatico he hum licor acido, eſpirituoſo; compoſto das partes aqueas do ſangue, & dos eſpiritos, que dos nervos ſe lhe communicão, & preparado nas glandulas do pancreas, aonde ſe guarda para os ſeus uſos, dos quaes não póde dar noticia Joaõ Jorge Uvirſungio, Medico Bavaro, inventor deſte ſucco, & ducto pancreatico, porque achando o no anno de 1642. brevemente lhe faltou a vida com huma morte violenta, que em ſua propria caſa lhe buſcou a enveja; mas depois ſe applicàraõ nervoſamente na inveſtigação deſta parte, & do ſeu licor azedo, Franciſco Deleboe Sylvio, & Regnero de Graaf inſigne Anatomico Delphenſe, Florentino Schuyl, Godifrido Moebio, & outros diligentiſſimos Anotomicos, por cuja doutrina ſe eſtableceo jà ſem controverſia,que o ſucco pancreatico era hum licor acido, natural, & naõ excrementicio, cujo uſo ſe exercita em depurar o chylo no inteſtino duodeno, excitando nelle hũa nova fermẽtação,por ſe miſturar na meſma parte com o humor bilioſo, de cuja miſtura ſe ſegue a fermentaçaõ, & deſta a depuraçaõ do alimento;ficando ſem as partes craſſas, & excrementoſas, que pelo ventre ſe deturbaõ, & precipitaõ. Deſorte que as glandulas do pancreas preparaõ eſte ſucco, & cada huma dellas o lança pelo ſeu proprio ducto, ao ducto grande que eſtà no meyo deſta parte, pelo qual ſahe para o inteſtino duodeno quatro dedos tranſverſos abayxo do eſtomago, & alli ſe miſtura com os alimentos jà fermentados nelle; & por ſe encontrar com o humor bilioſo, que do ſeu folliculo ſe communica ao meſmo inteſtino para o meſmo fim, reſulta deſta miſtura huma nova fermentaçaõ, na qual ſe acabão de fermentar os alimentos, depurando-ſe das partes excrementicias, que aos inteſtinos ſe precipitão, & ficando o chylo mais puro, & capaz de permear a anguſtia das veas lacteas, atè ſe confundir com o ſangue nas veas, para as quaes paſſa o ſucco pancreatico na companhia do chylo, & depois circula com o ſangue, a fim de que ſe faça melhor a ſua fermentaçaõ inteſtina, para o que conduzem muyto as partes acidas deſte ſucco, que

 aſſim

assim como no intestino duodeno promovem nova fermentaçaõ do alimento, misturando-se com as partes alcalinas da cholera, assim a continuavaõ nas veas, donde veyo a dizer Simsom, que as fermentações que havia no corpo, eraõ huma continuação da fermentaçaõ primeyra que no estomago, & intestinos se celebra, como jà acima notàmos.

5. Dois saõ logo os usos do succo pancreatico: depurar o alimento, & ajudar a fermentaçaõ da massa sanguinaria; para o que ha de ser este succo temperadamente azedo, & de textura fluida; porque se for crasso, lento, & inerte, serà pouco vigorosa a fermentação que excitar, & ficarà o limento mal depurado, de que se seguiràõ obstrucções nas veas lacteas; & serà o sangue mal fermentado de q̃ resultaràõ, cachexias, hydropesias, febres chronicas, & outros males, que de ser mal elaborado, ou fermẽtado o sangue pódem nacer. Assim como sendo o succo pancreatico insignemente azedo, excitarà differentes danos, viciando a fermentação do chylo, & do sangue, & causa serà de dores do estomago, dos intestinos, & de juntas, & de outros mais incommodos, que da sua acrimonia se pódem originar; do que se veja o que em varios lugares escreveo Francisco Deleboe Sylvio.

ARTICULO VIII.
Do Succo nervosso.

Que seja, & para que usos sirva?

1. SUcco nervoso he hum licor branco de que os nervos se nutrem; he aquelle humor aquoso, tenuo, & claro, que chamão sinovia, o qual lançaõ de si as chagas das juntas, & das partes nervosas, a que serve de nutrimento. Porque havemos de saber, que assim como as partes carnosas, & rubras do corpo se nutrem do sangue: assim tambem as partes espermaticas, & nervosas se nutrem de hum licor branco, a que Thomàs Uvillis, Glissonio, 1. & outros chamàraõ succo nervoso, do qual, alèm destes Authores, se póde ver Charleton, 2. & Jorge Encio. Desorte que as partes purpureas do sangue servem de nutrir as partes carnosas do corpo; & as partes espermaticas, nervosas, & albicantes, nutrem-se deste licor branco, do qual disse Glissonio, que as glandulas do mesenterio, & as lumbares de Bartholino o preparavão de alguma porção do chylo, que absorvião das veas lacteas, & que das ditas glandulas se communicava ao genero nervoso por aquelles nervos de que se compõem a sua estructura.

1. De cereb. anat. cap. 20. De anat. hep. c. 45.
2. In excon. anim. ex erc. de sanguinis usu, & succo nervos. In apolog pro circul. sanguinis contra Parisanum.

2. Thomàs Uvillis diz, que este licor se destilla do sangue do cerebro, & cerebello, & se diffunde por todo systema nervoso; levando comsigo grande copia de espiritos animaes, & outra porçaõ de humor, que como em subsidio se lhe junta dos lados, & extremidades do genero medullar, nervoso; cousa na verdade de difficil averiguação.

3. E sendo certo que os nervos (exceptuando os opticos, & os olfatorios) naõ tem ductos, nem cavidades como as veas, & as arterias, por onde hajão de passar os humores: todavia não ha duvida em que as partes nervosas tem seu peculiar humor, que para sua nutrição, & para seus proprios usos por ellas excorre. Isto se vè nas feridas das partes nervosas, em que se acha hum humor roscido, que chamão sinovia, semelhante às claras dos ovos, o qual he certo que se naõ communica às ditas feridas das veas, nem das arterias. Isto se vè nas partes paraliticas, que estando obstruidas, se secaõ, por naõ lhe chegar em sufficiente

copia

copia este succo nervoso de que haviaõ de nutrir-se. Porém este licor branco entendemos com Ettmullero, 3. que he a parte chylosa do sangue; da qual se nutrem as partes espermaticas, nervosas, & albicantes, assim como as partes carnosas se nutrem das partes sanguineas; porque a massa sanguinaria, que circula por todas as veas, & arterias do corpo, a fim de o nutrir, & de o aumentar: tem partes sanguineas, rubicundas, & perfeytas; & tem partes chylosas, albicantes, & incommutadas; com aquellas nutre as partes carnosas, & rubras; com estas dà nutriçaõ a todas as partes nervosas, & espermaticas. Desorte que o que he sangue, naõ tem mais que partes sanguineas; mas o que he massa sanguinaria, tem partes sanguineas, & chylosas, porq̃ se compõem de chylo, & de sangue, que he o que circula nas veas; o chylo communica-se ao sangue para tomar a sua fórma, & natureza; mas antes de chegar a ser sangue; dà materia para o succo nervoso, de q̃ as partes espermaticas se nutrem. Veja-se Bartholino. 4. Boyle, & Schneydero.

3. Inst. med fol. mihi 109.

4. Centur. 2. epist 65. centu. 3. epist. 38. Dissert. 3. de usu alā. ctis. De catarrhis lib. 1. fol. 85.

4. Mas contra esta doutrina està huma grande duvida: porque se os nervos naõ tem cavidades, ductos, nem canaes por onde hajaõ de passar os humores: como póde distribuir se, nem communicar-se por elles o succo nervoso, para haver de nutrilos? A esta duvida responde Glissonio, dizendo: que os nervos aindaque naõ tenhaõ cavidade manifesta, naõ deyxaràõ de ter alguns caniculos taõ delgados, que a vista os naõ divize, pelos quaes se communiquem pelo genero nervoso os espiritos que os anime, & o succo; ou licor que os nutra; o que confirma com a experiencia de que as apoplexias se terminaõ muytas vezes em parlesias particulares; o que naõ succederia, se nos nervos naõ houvesse ductos por onde passassem os humores do cerebro à parte paraliticada. A esta razaõ junta outra da compressaõ dos nervos, por causa da qual resultaõ estupores, denegando-se nas compressoens o transito aos espiritos, & ao humor, que lhe serve de vehiculo. Donde conclue, que os nervos naõ saõ impenetraveis, aindaque naõ tenhaõ cavidade manifesta: *Concludo itaquæ* (saõ as suas palavras) *haud satis evinci, nervos succo nutritio impenetrabiles esse, ob id, quòd cavitate manifesta destituantur.* Veja-se este Author no livro que escreveo da *anatomia do figado, cap.* 45. *fol.* 506.

5. E estando na vulgar opiniaõ de que os nervos naõ tem estes ductos occultos, que nelles considera Glissonio, dizemos que ainda sem elles póde communicar-se ao genero nervoso o succo de que fallamos, com que hajaõ de nútrirse. Saõ os nervos de huma substancia compacta, dura, & firme; & se naõ tem manifesta cavidade interna, tem muytas cavidades exteriores, ou muytos póros, & meatos, de tal maneyra, que diz Uvillis, que saõ porosos, como huma cana da India; & pelos ditos nervos póde excorrer qualquer licor, metendo-se por entre as suas fibras, ou seus filamentos fibrosos, de que se compõem a sua estructura, assim como o espirito de vinho passa por entre as cordas de cithara quando em hum trasto estaõ juntas, sem entrar por cavidade manifesta, como disse Uvillis: 5. *Nervi* (diz elle) *substantia compacta, & planè firma constant, ut humor subtilis, qui spirituum vehiculum est, illorum compages, non secùs ac spiritus vini extensas fidium chordas, tantummodò sensim perreptando trajiciat.* De maneyra que os nervos compõem-se de muytas fibras, ou filamentos fibrosos, & por entre elles excorre o succo nervoso, levando consigo os espiritos animaes, os quaes se vão metendo nos póros, & cavidades dos nervos, servindolhe o succo nervoso naõ só de vehiculo, que com a sua fluxibilidade os conduza, mas tambem de retinaculo, que com a sua viscosidade os detenha, porque sem isto se dissipariaõ facilmente, por serem os espiritos muy sutis, & de velocissimo movimento;

5. De anat cereb cap 19.

mento; tornemos a ouvir Thomàs Uvillis, que tem neſte negocio grande authoridade: *Nervi per totum poris; & meatibus, quaſi totidem alveolis dcnſiſſimè excavatis, & invicem contiguis inſtruuntur; ita eorum ſubſtantia inſtar cannæ Indicæ, ubique poroſa, ac pervia eſt. Intra hæc ſpatiola ſpiritus animales, ſive corpuſcula valdè ſubtilia, & ex ſua natura ſemper in motum prompta, blandè ſcaturiunt, quibus tum pro vehiculo, tum etiam pro retinaculo latex aquoſus adjungitur. Humor iſte fluiditate ſua ſpiritus per totum ſyſtema nervoſum diffundit; ita viſcoſitate ſua eoſdem, ne protinus diſſipentur, velut in ſyſtaſi quadam, ac ferie continuata retinet.*

6. Do que temos dito conſta que o ſucco nervoſo he hum humor branco, derivado da maſſa ſanguinaria, & das partes chyloſas della, communicado ao ſyſtema nervoſo, para nutrir as partes eſpermaticas, & para levar os eſpiritos animaes a todas ellas, que eſtes ſaõ os uſos para que ſerve: nutrir as partes eſpermaticas, & nervoſas, & vehicular os eſpiritos com que ſe vigoraõ, & animão. Veja-ſe Ettmullero no *Cap. 10. das ſuas Inſtituições Medicas.*

INDICE

DAS

COUSAS MAIS NOTAVEIS DESTE LIVRO.

A

B

Bebida

Danos

G

Hecticos

H

I

L

M

N

O

P

Q

R

Sal

S

T

V

X

Z

FINIS, LAUS DEO,

Virginique Matri.